

MACONHA

COLETÂNEA DE TRABALHOS BRASILEIROS



MACONHA

COLETÂNEA DE TRABALHOS BRASILEIROS

2.^a EDIÇÃO

SERVIÇO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SANITÁRIA

MINISTÉRIO DA SAÚDE

RIO DE JANEIRO — BRASIL

— 1958 —

MT

645.244(31)

B823m

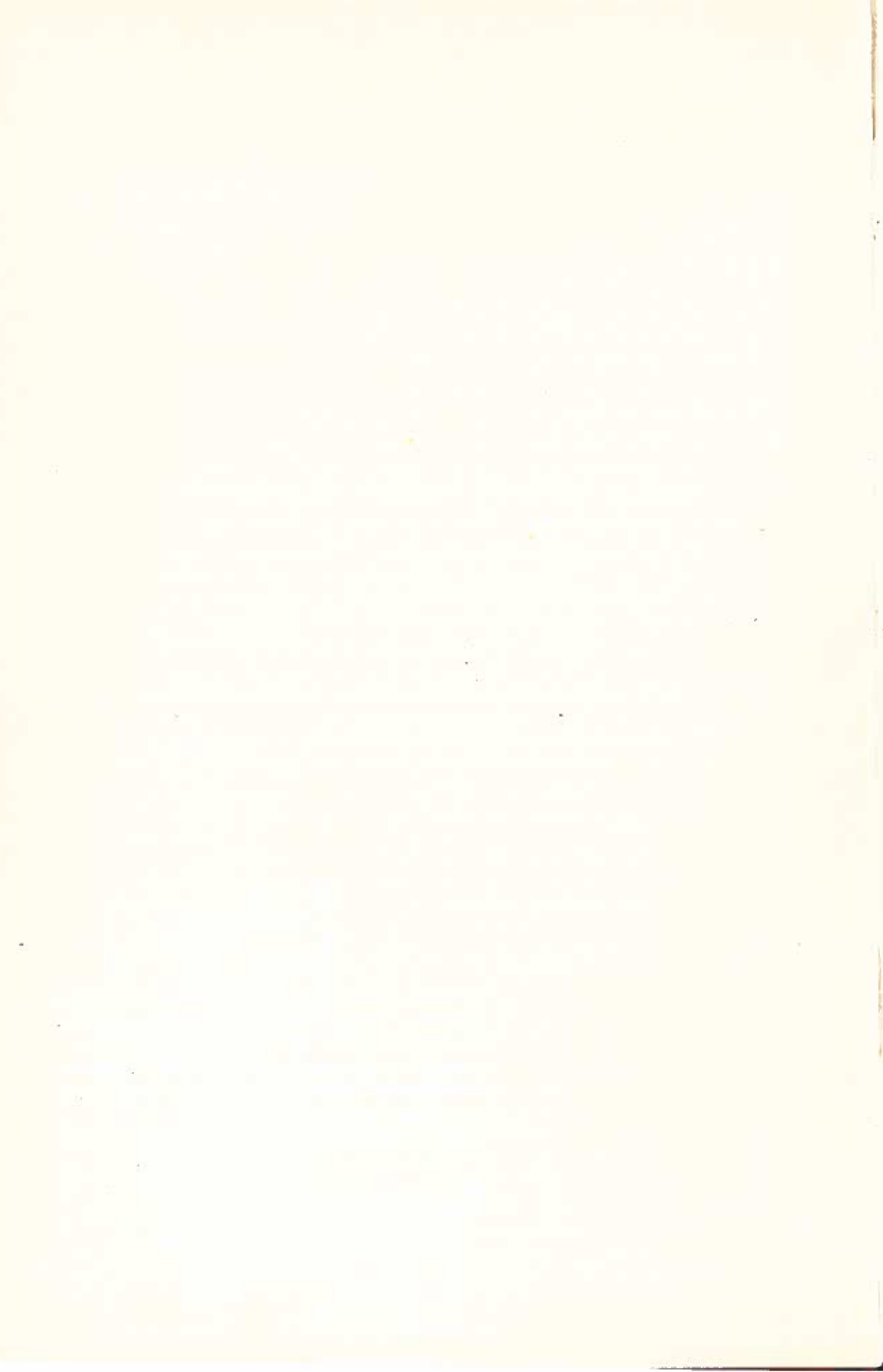
1958

Led

SNFMF - BIBLIOTECA
Reg. n.º 71
Em. 2 / 12 / 69

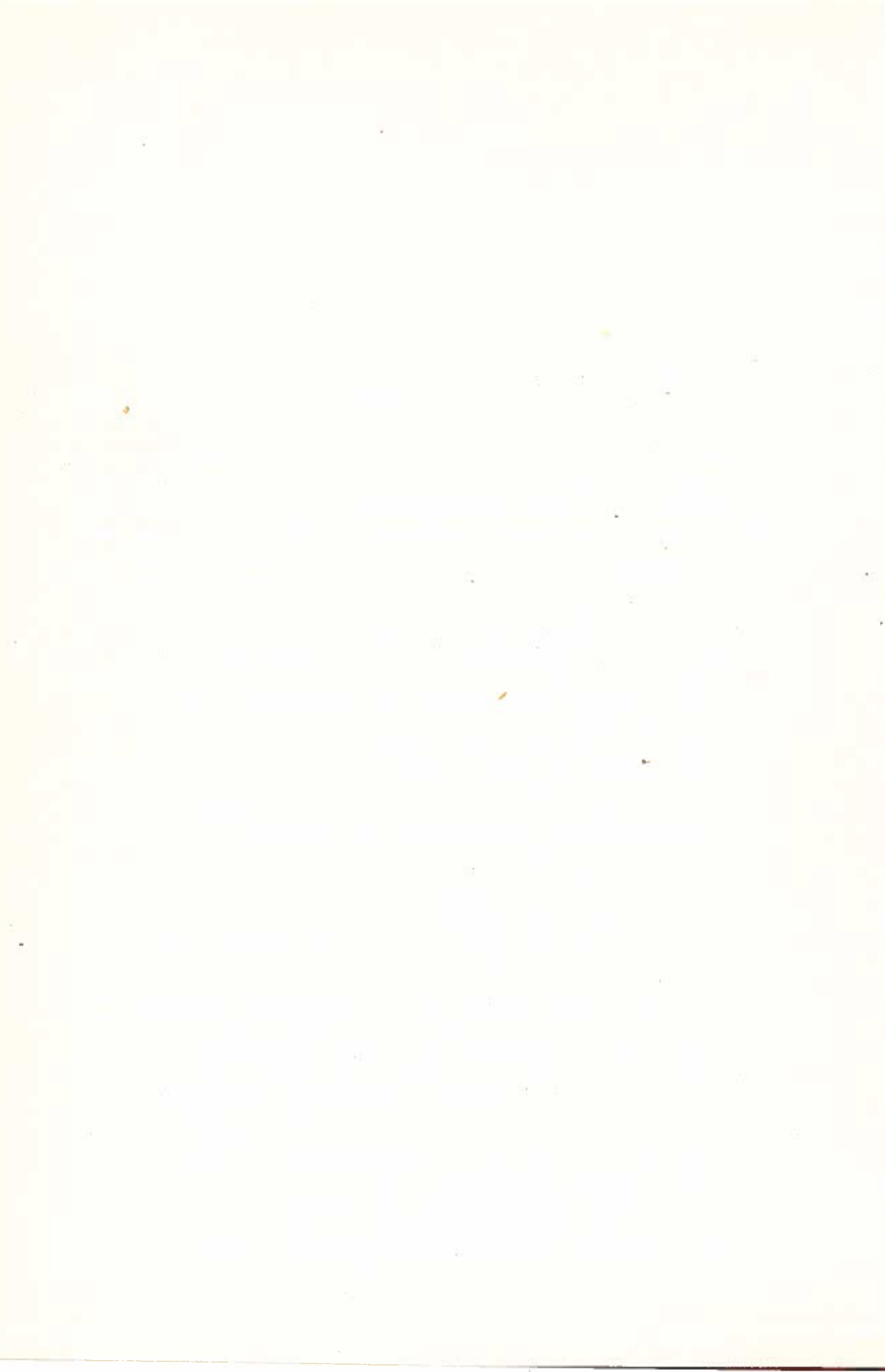
10001033415
Tombo: MT v. e.
Data: 01 / 03 / 08

Coletânea de trabalhos brasileiros sôbre maconha (segunda edição), autorizada pelos membros da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, de que fazem parte: Drs. Décio Parreiras (Presidente); Roberval Cordeiro de Farias; Pedro Pernambuco Filho; Ministro Luiz Aranha Pereira; Erlindo Salzano; General Paulino de Mello; Luiz Salgado Lima; Carlos Liberalli; Péricles Machado de Castro; Amarilio de Noronha; Renato Campos Martins; Adalberto Lira Cavalcanti e e Othon Amaral (Secretário).



ÍNDICE

	Páginas
Os Fumadores de Maconha. Efeitos e Males do Vício. Dr. Rodrigues Dória	1
Sôbre o Vício da Diamba. F. de Assis Iglésias	15
Vício da Diamba. Adauto Botelho e Pedro Pernambuco	25
O Vício da Diamba. — Dr. Oscar Barbosa	29
O Cânhamo ou Diamba e seu Poder Intoxicante. A. de P. Leonardo Pereira	45
Diambismo. Heitor Peres	67
Algumas Notas Sôbre a Maconha. Vasconcelos Sobrinho	75
Alguns Novos Dados Sôbre Fumadores de Maconha. José Lucena	79
O Vício da Diamba no Estado do Pará. Uma Toxicose que ressurge entre nós. Dr. Pedro Rosado	85
Maconhismo e Alucinações. José Lucena	91
Os Perigos Sociais da Maconha. Prof. João Mendonça	99
Relatório Apresentado aos Srs. Membros da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes. Dr. Roberval Cordeiro de Farias	105
Contribuição para o Estudo das Plantas Alucinatórias, Particularmente da Maconha. Jayme Regallo Pereira	115
As Toxicomanias de Após Guerra. Dr. R. Cordeiro de Farias	147
Aspectos do Maconheiro em Sergipe. Dr. Garcia Moreno	155
Comércio Interestadual da Maconha. Dr. Eleyson Cardoso	165
Estudo sôbre as conclusões aprovadas pelo Convênio da Maconha, realizado na Cidade do Salvador, em dezembro de 1946. Dr. Pedro Pernambuco Filho	175
Diambismo ou Maconhismo, Vício Assassino. Dr. Eleyson Cardoso	181
Maconhismo Crônico e Psicoses. José Lucena	187
Os Fumadores de Maconha em Pernambuco. José Lucena	207
A Ação Tóxica da Maconha Cultivada no Brasil. José Hasselmann e Oscar Ribeiro	239
Canabismo ou Maconhismo. Estudos Brasileiros. Décio Parreiras	243
Maconha (Cannabis Sativa) — Estudos Químico e Farmacodinâmico. Maria Mar- garida Tobias e Silva. Prof. Dr. Edgard Pires da Veiga	283
Estudo Farmacodinâmico, realizado pelo Prof. Dr. Edgard Pires da Veiga	287
Uso da Maconha (Cannabis Sativa, L.) no Brasil. Dr. R. Cordeiro de Farias	295
Estudo dos Distúrbios Nervosos Produzidos pelo uso da Maconha. Pedro Nicolau G. Santos Rosado	307
Relatório — Dr. Aluísio da Câmara	371
Revisão Criminal n.º 767 — Desembargador Ademar Tavares	375
Intoxicados pela Maconha em Pôrto Alegre. Luiz Ciulla	377
Maconha e seus efeitos. Maurício de Medeiros	383
O Problema Internacional do Canabismo. Prof. Décio Parreiras	385



PREFÁCIO

(1.^a Edição)

A Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, ao publicar a presente coletânea, tem por objetivo facilitar a divulgação dos estudos sobre a maconha, oriundos de fontes brasileiras.

A proporção que vai aumentando o conhecimento sobre os malefícios produzidos pela maconha ou diamba, novas pesquisas em torno do assunto vão sendo realizadas, visando esclarecer pontos obscuros a respeito de tão palpitante problema.

Felizmente foi focalizado, ainda em tempo, o vício da maconha, de modo a ser evitada entre nós a sua disseminação, não tendo o seu uso conseguido ultrapassar as classes sociais mais desprotegidas e ignorantes dos seus malefícios.

Desde 1943 vêm sendo tomadas, pelo Departamento Nacional de Saúde e pelos Departamentos de Saúde dos Estados, bem como pelas Comissões Nacional e Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes, medidas cada vez mais rigorosas, a fim de evitar o aumento do vício produzido pelo uso da maconha ou diamba.

As autoridades policiais, federais e dos Estados, tomaram também grande interesse pelo assunto, agindo severamente sobre os contraventores, de modo a cercear-lhes as atividades criminosas.

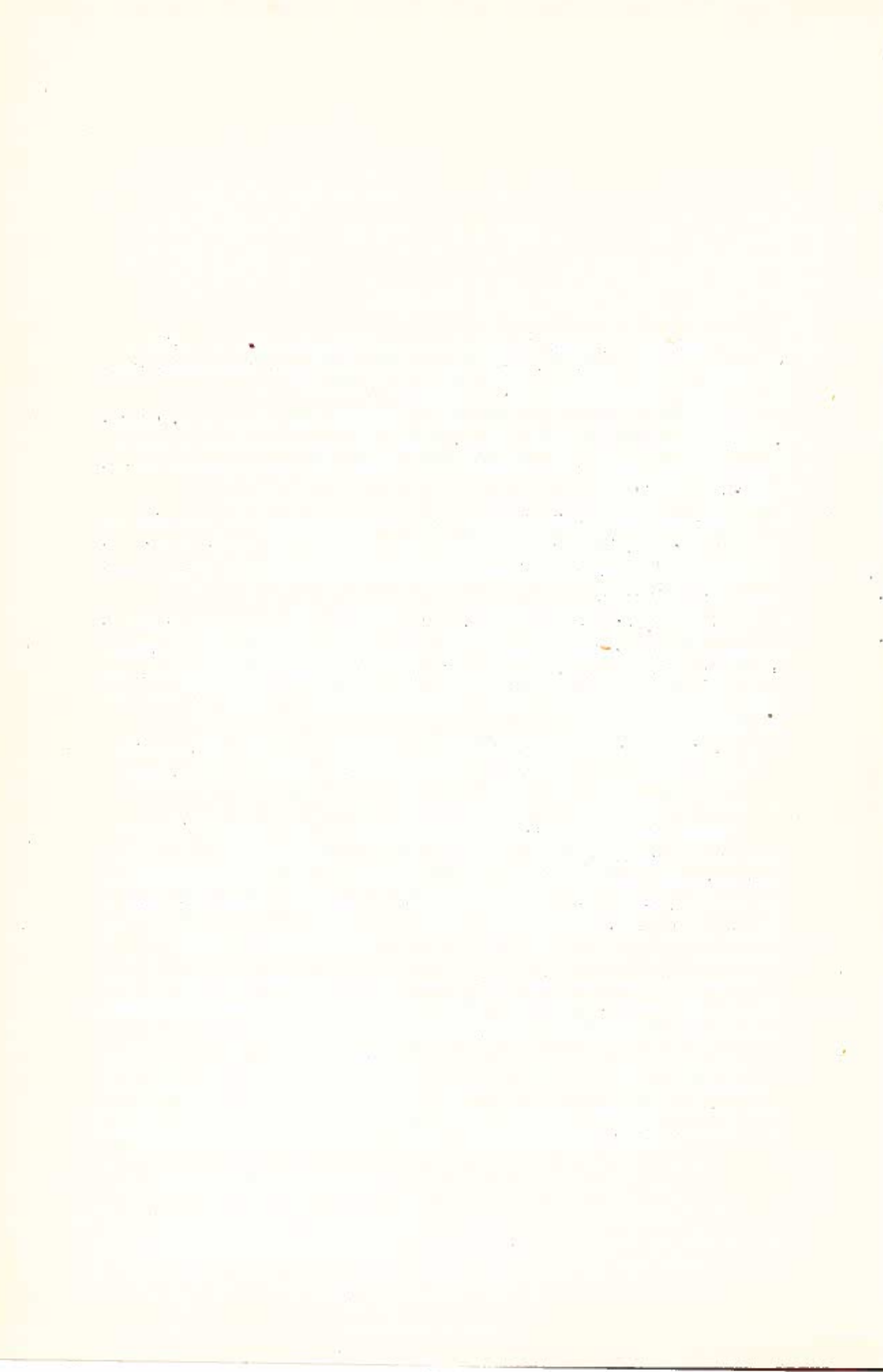
Estamos convencidos de que o feliz resultado das medidas de repressão tomadas, sobre o uso da maconha, decorreu principalmente da campanha educativa empreendida em torno do problema, que, embora assinalado de há muito entre nós, não tivera, porém, a divulgação necessária junto à classe médica e às autoridades sanitárias e policiais, encarregadas de sua repressão.

Conhecido como se acha agora, entre nós, este palpitante problema, cada dia se torna maior o interesse a seu respeito, como o atestam os novos trabalhos de estudiosos dos assuntos referentes à maconha.

Isto nos traz a convicção de que o maconhismo não se tornará um problema social entre nós, se não esmorecermos nas medidas de repressão que vêm sendo exercidas e que será extinto com o mesmo êxito, como o foram as toxicomanias determinadas pela cocaína e pelo ópio e seus derivados.

R. CORDEIRO DE FARIAS

Presidente da Comissão Nacional de
Fiscalização de Entorpecentes



P R E F Á C I O

(2.^a Edição)

Nosso objetivo autorizando a publicação de "MACONHA" pelo Serviço Nacional de Educação Sanitária é chamar a atenção dos estudiosos e dos governos para o problema.

Não é um problema nacional, é um problema mundial.

Não é um problema novo, êle se perde no horizonte do tempo.

Mas aí está êle desafiando a nós todos que cuidamos da eugenia da raça.

Combatê-lo frontalmente destruindo as plantações do cânhamo parecem-nos não resolverá.

Considerá-lo à margem da lei, como é, com uma intensa propaganda educativa, é malhar em ferro frio, seus viciados geralmente pertencem a última e mais baixa escala social, são mesmo analfabetos e sem cultura.

Prender os traficantes, é mister ingente e de resultados precários, tão extensa é a rêde e a trama dos maconheiros.

Como fazê-lo, então? Eis o problema.

A publicação dêste livro levará ao conhecimento público a degradação a que se destina a humanidade.

Cada leitor tenha em mente a seriedade da situação e colabore pela persuasão e pela inteligência em benefício dos prisioneiros do vício. É uma obra de mérito universal. Muitos povos no mundo desejam a escravização de outros e lançam mão de todos os recursos para despersonalizar o cidadão: a maconha ou haxixe é um dêles. Procuremos defender êstes infelizes como defendemos a criança do mal que ameaça sua ignorância.

Procuremos mostrar-lhes que a despersonalização do indivíduo é a perda de todos os sentimentos que o nobilita. É a insensibilidade diante da prostituição da espôsa ou filha; é o assassinio frio, por motivo fútil, da mãe querida ou do irmão, é o latrocínio sem explicação, é a ameaça permanente à segurança da sociedade.

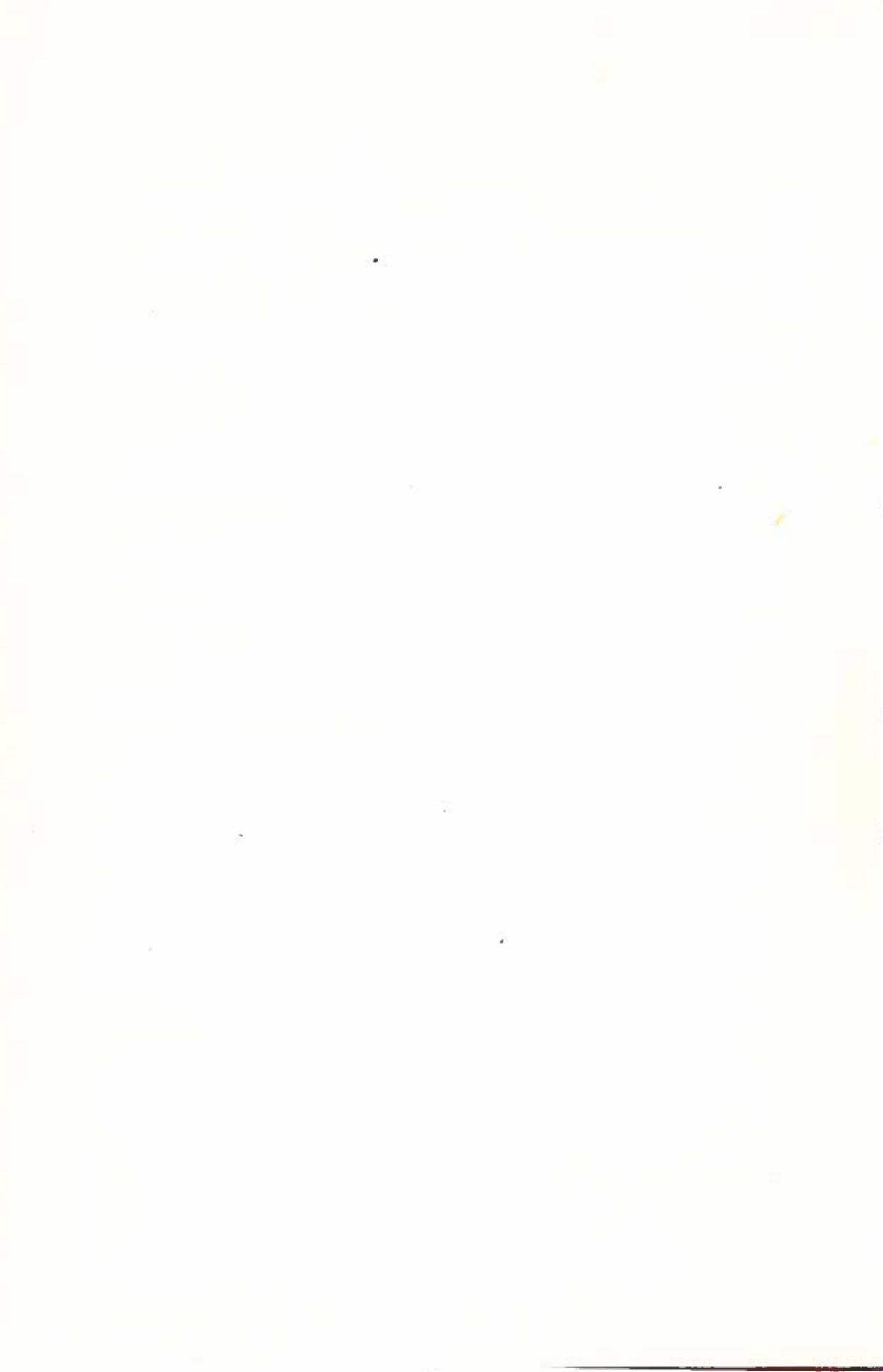
Lutemos!

Foi possível esta publicação graças a boa vontade e auxílio dêstes incansáveis batalhadores na luta contra os entorpecentes: Luiz Salgado Lima, Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina, Roberval Cordeiro de Farias e Décio Parreiras, a todos muito obrigado.

Rio, 1958.

IRABUSSÚ ROCHA

Diretor do Serviço Nacional de
Educação Sanitária



OS FUMADORES DE MACONHA: EFEITOS E MALES DO VÍCIO

Memória apresentada ao Segundo Congresso Científico Pan-Americano, reunido em Washington D. C., a 27 de dezembro de 1915

DR. RODRIGUES DÓRIA

Professor de Medicina Pública da Faculdade de Direito da Bahia, Professor da Faculdade de Medicina, Presidente da Sociedade de Medicina Legal, Representante do Governo do Estado, da Faculdade de Direito, do Instituto Histórico e Geográfico, da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia, da Bahia, no referido Congresso.

“Actuellement dans la plupart des pays du monde, l'homme, à quelque rang de la société qu'il appartienne, fait usage pour sa satisfaction personnelle de certaines substances toxiques, particulièrement excitantes pour son système nerveux. Cet usage remonte aux époques les plus reculées, se perpétue de génération en génération en se transformant parfois suivant les caprices de la mode, et va souvent jusqu' à l'abus occasionnant alors les troubles les plus variés comme formes et comme intensité”.

DR. ROGER DUPOUY — *Le Opiomanes.*

Os chineses, vencidos em 1842 pelos ingleses, tiveram de se submeter à ganância comercial dos brancos civilizados, que os obrigaram a abrir de novo os seus portos e consentir na importação do ópio, que tanto tem estragado e deteriorado a milhões de filhos do Celeste Império. O vício de fumar a droga não ficou, porém, limitado àqueles povos orientais; acompanhou os usurários desse comércio nefasto, e hoje faz as suas devastações em vários países da Europa, especialmente na Inglaterra e na França, onde se encontram em maior profusão as casas de fumar o chandoo ou o dross. “É o vencido que se vinga do seu vencedor”, diz o professor E. Régis, no Prefácio do *Les Opiomanes* do Dr. Roger Dupouy, “inoculando-lhe sua perigosa paixão atávica, o que Brunet soube com propriedade chamar uma avaria do Extremo Oriente”.

Outrotanto podemos também dizer: os nossos antepassados, ávidos de lucro, fizeram o baixo tráfico da carne humana, no começo da nossa formação, até 1851, quando foi decretada a proibição de importar os pretos africanos, arrebatados à fruição selvagem das suas terras, para serem aqui vendidos, como escravos, que as leis assim os reconheciam. Em 13 de maio de 1888, por entre alegrias e festas, foi promulgada a lei que aboliu a escravidão no Brasil e integrada a nacionalidade com os libertados, tornados cidadãos; mas no país já estavam inoculados vários prejuízos e males da execrável instituição, difíceis de exterminar. Dentre esses males que acompanharam a raça subjugada, e como um castigo pela usurpação do que mais precioso tem o homem — a sua liberdade — nos ficou o vício pernicioso e degenerativo de

fumar as sumidades floridas da planta aqui denominada *fumo d'Angola*, *maconha* e *diamba*, e ainda, por corrupção, *liamba*, ou *riamba*.

A palavra *fumo*, que quer dizer pròpriamente os gases mais ou menos densos que se desprendem dos corpos em combustão, substituiu no Brasil, quer no comércio, quer em outras relações, o vocábulo tabaco para designar a *nicotiana tabacum*, seja a planta viva, sejam as fôlhas preparadas para serem fumadas, como quando são enroladas em corda, ou dispostas em manocas, — expressão Brasileira dada aos molhos (manojos) de fôlhas próprias para a confecção dos charutos. A analogia do uso das fôlhas da diamba e da nicotiana certamente determinou a denominação de fumo d'Angola, derivada ainda dessa parte da África ocidental, possessão portuguesa, donde naturalmente nos veio a planta. Por êste nome ouvi muita vez chamar o vegetal em Sergipe e Alagoas, nas margens do rio São Francisco.

Nos Dicionários da língua portuguesa de Adolpho Coelho, Aulete, Silva Bastos e outros, lê-se que a palavra "liamba", o mesmo que *pango*, indica erva do Brasil, da família das myrtaceas (*Cannabis sativa*), "de cujas fôlhas, diz Moraes, os negros usam como tabaco, que fumam em cachimbos, e lhes produz o efeito pernicioso do ópio; por isso foi em tempo a sua venda proibida por posturas municipaes da Câmara da Cidade do Rio de Janeiro; também lhe chamam liamba e riamba."

A planta não é entretanto Brasileira, como pensam os primeiros lexicógrafos citados, e informam alguns fumadores, que dizem fóra primitivamente usada pelos índios. Minha atenção foi chamada para a maconha, e seu uso no Brasil, depois da leitura de um trecho da obra de Bentley — *A manual of botany* — no qual, tratando da família das Cannabinaceas, e referindo-se à *Cannabis sativa*, e a sua variedade *índica*, diz o autor: "Esta planta é igualmente conhecida sob o nome de *liamba*, na Africa ocidental, onde é empregada para fins intoxicantes sob os nomes de *maconia*, ou *makiah*." Consequentemente, o fato de ser o vegetal largamente usado pelos pretos africanos, nas antigas províncias, hoje Estados, onde êles abundavam, a paridade dos nomes que aqui sofreu ligeira modificação, mudança apenas de uma letra — maconha, liamba ou riamba —, e o apelido de fumo d'Angola, indicam bem a sua importação africana. Em 1910, quando estive na presidência do Estado de Sergipe, pude fazer a identificação da maconha com o canhamo, cultivando ali a planta com sementes adquiridas nas margens do rio São Francisco.

É principalmente no norte do Brasil onde sei achar-se o vício de fumar a maconha mais espalhado, produzindo estragos individuais e dando por vêzes lugar a graves conseqüências criminosas. Nessa parte do país, primeiramente se desenvolveu a lavoura da cana de açúcar, e foi grande a importação de escravos, que mais tarde, com o aumento grandemente remunerador do plantio do café, nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, eram vendidos para o sul. Os índios amansados aprenderam a usar da maconha, vício a que se entregam com paixão, como fazem a outros vícios, como o do álcool, tornando-se hábito inveterado. Fumam também os mestiços, e é nas camadas mais baixas que predomina o seu uso, pouco ou quase nada conhecido na parte mais educada e civilizada da sociedade Brasileira. "Na Africa, diz Charles Eloy (Diccionaire encyclopédique des sciences médicales, artigo *Haschich*), das margens do Mediterraneo até o Cabo da Boa Esperança, é vulgar o emprego da "*Cannabis indica*", e nas diversas partes da Asia mais de duzentos milhões de homens são escravos dêste hábito." A êsse numero pode-se acrescentar o de centenas, ou antes, de milhares de brasileiros.

A África já havia recebido a planta da Ásia, onde nasce espontâneamente ao pé das montanhas além do lago Baikal, e em outros sítios, e com a qual preparam o *haschich*. Tais são os seus efeitos perniciosos, que dêle deriva a palavra *assassino*, vinda do árabe *hachich*, ou pó das fôlhas do canhamo,

com que êle é preparado (Adolpho Coelho). O Dicionário da língua Inglesa de Webster consigna esta mesma etimologia. Conta-se que na idade média, entre 1090 e 1260, os príncipes do Líbano, especialmente Hassam-ben-Sabak Homairi, apelidado o *Velho da Montanha*, fazia os seus soldados usarem a planta, para fanatizá-los, e, com furor, assassinares os inimigos, e a legenda chamou-o príncipe dos haschischinos.

O cultivo da maconha, ou do cânhamo, entre nós, não é largamente espalhado, por não ser aqui utilizada a liamba na indústria das fibras têxteis, e somente empregada como *planta da felicidade*, causando as delícias dos que a fumam pelo êxtasis em que entram. Esse cultivo é acompanhado de práticas fetichistas, que bem fazem lembrar a celebrada mandragora da antiguidade. Os mistérios que cercam os cuidados com a planta concorrem para lhe dar mais valor, exaltar as suas virtudes, excitando a imaginação dos ignorantes, suggestionando-os. Os meus colegas e amigos Drs. Aristides Fontes, clínico em Aracaju, e Xavier do Monte, em Propriá, atendendo bondosamente às minhas solicitações, fizeram em Sergipe, nas suas respectivas cidades, inquéritos, que muito me vão auxiliar na confecção dêste ligeiro e despretencioso trabalho.

A planta, da família das *cannabinaceas*, é herbacia, anual, atingindo em Sergipe, como verifiquei, um metro e meio mais ou menos de altura, dióica, com fôlhas inferiores opostas, e alternas as superiores, estipuladas, de limbo profundamente fendido, com 5 e 7 lóbulos, de bordas serrilhadas, como se vê nas figuras juntas. A inflorescência feminina é em espigas compostas; as flôres são regulares, na axila de uma bráctea persistente, que envolve o fruto, o qual é um achênio, amarelo escuro, com venulações claras. As inflorescências ocupam os vértices das hastes.

Dizem os cultivadores que o vegetal macho não atinge o crescimento, nem tem a abundância de ramificação da planta fêmea, e são mais delgados os seus ramos. Isto talvez devido aos cuidados maiores que têm com a fêmea, empregada de preferência em todos os misteres, exceto, na medicina popular, quando dão em infusão contra as cólicas uterinas. Somente neste caso recomendam as inflorescências e fôlhas da *planta masculina*.

É sem a menor dúvida o vegetal cultivado e usado no Brasil sob a denominação de maconha, fumo d'Angola e diamba, nada mais do que o canhamo — *Cannabis sativa*, ou a sua variedade *indica*, que nos países quentes adquire propriedades mais ativas e enérgicas, e com a qual os asiáticos preparam o haschich e outras misturas, e cujas fôlhas, colhidas na época da floração, e dessecadas, são por êles fumadas, sob a denominação de *gunjah*.

Quando a planta atinge certo desenvolvimento, e tende a se ramificar, procedem ao processo da *capação*, que consiste em cortar o ôlho ou o rebento terminal, para provocar o desenvolvimento de olhos laterais, e, portanto, produzir maior ramificação, à semelhança do que fazem os cultivadores da nicociana.

Essa operação, efetuada no segundo mês da vegetação, não deve ser feita em presença de mulheres, que não podem tocar o vegetal, principalmente em ocasião das regras, pois faz *machear* a planta, isto é, esta produzirá inflorescências masculinas, que são as menos apreciadas. Essa lenda a respeito da mulher menstruada é bem velha, e já Plínio, o Antigo, dizia que tão violenta era a toxicidade do sangue menstrual que seu contato, ou mesmo o seu vapor, podia azedar o vinho, tornar estéreis as sementes, queimar as plantas novas, matar os enxertos, secar os frutos, e diversas coisas mais. Durante a operação feita sôbre o fumo d'Angola, o operador deve ter o cuidado de não dizer obscenidades, nem assoviar, o que commumente fazem os lavradores durante o trabalho do campo, porque dar-se-iam os mesmos resultados que a aproximação ou o contato de uma mulher durante o catamênio.

A colheita se faz na maturidade da planta, e são usadas de preferência, ou quase exclusivamente, as inflorescências femininas, com os envólucros florais e brácteas. Essas partes são dessecadas à sombra, expostas a correntes de ar, e depois algumas noites ao relento para receberem o sereno e ficarem *curtidas*, ou sofrerem fermentação, o que as torna, dizem, mais agradáveis ao fumar, modificando esse processo a acidez da planta e abolindo as suas propriedades nauseabundas.

A maconha é ordinariamente fumada pura, ou misturada às vezes ao fumo — nicotiana — em cigarros, cujo envólucro é feito de brácteas de milho (*Zea mais*) das mais centrais, por serem mais delgadas e macias, ou em cachimbos, depois de separados os frutos, o que fazem colocando as inflorescências na palma de u'a mão e com a outra imprimindo um movimento rotatório sobre a massa. O forninho do cachimbo é na maioria dos casos de barro, grosseiramente confeccionado, e enegrecido, depois de cosido com a fumaça de certos vegetais resinosos, que os torna luzídios exteriormente. Nas margens do rio de São Francisco fazem também o cachimbo de pedra. A capacidade do forninho é igual a dos cachimbos comuns de gesso, ou de espuma, ao qual é adaptado um tubo de desprendimento da fumaça, feito de madeira. Escolhem para isto ramos de um vegetal a que denominam *canudeiro*, *pau de cachimbo* ou *canudo de pita*, *Carpotroche brasiliensis* Endl, Bixaceas, em virtude de ter o caule fistuloso e do mesmo diâmetro em grande extensão. Com um furão aquecido ao rubro removem os restos da medula, e às vezes enfeitam toscamente com anéis e riscos, exteriormente, feitos a fogo (pirogravura). Alguns servem-se também dos ramos da coirana, *Cestrum laevigatum*, Schlecth, da família das solanáceas. Para mitigar a ação irritante da fumaça que provoca tosse, e às vezes faz espirrar, adaptam o cachimbo a um dispositivo, em imitação ao cachimbo turco, e pelo qual a fumaça é lavada, deixando na água, segundo dizem os fumantes, o sarro, e ficando mais fresca, agradável, aromática (?) e ativa. Esse dispositivo consiste numa garrafa comum, ou em uma cabaça, que é o fruto de uma cucurbitácea, *Lagenaria vulgaris*, do qual extraem as sementes e a polpa por um furo no ponto da inserção do pedúnculo. Esse fruto tem a perspectiva de 8, sendo o bôjo inferior muito maior do que o superior. Chamam-no também grogoió, nome proveniente de *grogoli*, que quer dizer "vaso cheio d'água em que se emerge o tubo dos cachimbos para resfriar o fumo" (Silva Bastos, *Dic. Português*). Como se vê dos desenhos, introduzem o tubo do cachimbo, que tem uns 30 centímetros, mais ou menos, pela boca da garrafa, até mergulhar na água, que em certa porção está no interior. Este é o dispositivo mais rudimentar, e fumam aplicando os lábios diretamente sobre a boca da garrafa que não fica de todo obturada, e onde chupam, precisando um certo exercício para conseguirem aspirar bem a fumaça. Uma dupla tubuladura, sendo um dos tubos curvos para embocadura, já é um aperfeiçoamento. No dispositivo da cabeça fazem um orifício no bôjo menor, onde colocam um pequeno tubo de taquari, *merostachys clauseni*, gramíneas, onde chupam, *puram* a fumaça, como se exprimem os praticantes. As vezes aspiram diretamente, pondo os lábios sobre a cabaça. Esses cachimbos constituem um arremêdo do *narghilé* ou cachimbo turco, usado nas casas de fumar o ópio, ou nos bazares árabes onde se fuma o haschich. Ao cachimbo com o dispositivo da garrafa ou da cabaça dão, na gíria dos fumantes (Aracaju), o nome de *Maricas*. Os mais refinados no vício, fazem no tubo do cachimbo, na parte que fica fora da garrafa ou da cabaça, um pequeno furo para se desprender um pouco da fumaça que não foi lavada, e provocar espirros, irritando a pituitaria, e constituindo isto um epifenômeno poético do vício. O *Maricas* é companheiro inseparável dos canoeiros e barceiros. É também apre-

ciado entre êles o borborinho que ao atravessar a água produz a fumaça sorvida em profundos e esforçados tragos.

O uso do canhamo é muito antigo. Heródoto fala da embriaguês dos *Scythas* que respiravam e bebiam a decoção dos grão verdes do cânhamo. No livro de Botânica do Dr. J. M. Caminhoá, que foi professor desta matéria na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, lê-se que o famoso *remédio das mulheres* de Dióspolis, bem como o *nepenthes* de que fala Homero, e que Helena recebera de Polimnésio, era a *Cannabis indica*. Os Cruzados viram os efeitos nos Muçulmanos. Marco Polo observou nas côrtes orientais entre os emires e os sultões. É muito usado no vale do Tigre e Eufrates, nas Índias, na Pérsia, no Turkestan, na Ásia Menor, no Egito e em todo o litoral africano. Com o cânhamo se prepara o haschich, como já foi dito, e ainda pouco conhecido na sua manipulação; o povo do Oriente fuma o pó das fôlhas e flôres no *narghilé*.

Entre as diferentes misturas em que entra a planta formando a sua base, e que tem nomes diversos, os mais usados são o *dawamec* (da Arábia), o *mapouchari* (do Cairo), e o *maoou* (de Calcutá). Naquelas partes os *hachahs*, comedores, bebedores e fumadores, consomem o haschich em estabelecimentos especiais ou *maschchels*, semelhantes às casas de fumar o ópio.

Entre nós a planta é usada, como fumo, ou em infusão, e entra na composição de certas beberagens, empregadas pelos *feiticeiros*, em geral pretos africanos ou velhos caboclos. Nos *candomblés* — festas religiosas dos africanos, ou dos pretos crioulos, dêles descendentes, e que lhes herdaram os costumes e a fé, é empregada para produzir alucinações e excitar os movimentos nas dansas selvagens dessas reuniões barulhentas. Em Pernambuco a herva é fumada nos *catimós* — lugares onde se fazem os feitiços, e são freqüentados pelos que vão ali procurar a sorte e a felicidade. Em Alagoas, nos sambas e batuques, que são danças aprendidas dos pretos africanos, usam a planta, e também entre os que *porfiam na colcheia*, o que entre o povo rústico consiste em diálogo rimado e cantado em que cada réplica, quase sempre em quadras, começa pela deixa ou pelas últimas palavras do contendor.

Dizem que a maconha os torna mais espertos, e de inteligência mais pronta e fecunda para encontrar a idéia e achar a consonância. Vi algumas vêzes, quando criança, nas feiras semanais de Propriá, minha terra natal, à noite, ao cessar a vendagem, indivíduos se entregarem à prática de fumar a erva nos dispositivos rústicos já descritos, dos quais muitos se servem promiscuamente, sorvendo em austos profundos a fumarada apetevida, depois do que entrava o desafio ou o duelo poético; alguma vez a contenda tomava feição diferente, e exigia a intervenção da polícia para apaziguar os contendores exaltados. É fumada nos quartéis, nas prisões, onde penetra às escondidas; é fumada em agrupamentos ocasionais ou em reuniões apropriadas e nos bordéis. Muitos fumam isoladamente à semelhança do uso do tabaco.

Os sintomas apresentados pela embriaguês da maconha são variáveis com a dose fumada, com a proveniência da planta, que pode conter maior quantidade dos princípios ativos, com as sugestões, e principalmente com o temperamento individual. Um estado de bem-estar, de satisfação, de felicidade, de alegria ruidosa são os efeitos nervosos predominantes. É esse estado agradável de euforia que leva a maior parte dos habituados a procurar a planta, a cujo uso se entregam com mais ou menos aferro. As idéias se tornam mais claras e passam com rapidez diante do espírito; os embriagados falam demasiadamente, dão estrepitosas gargalhadas; agitam-se, pulam, caminham; mostram-se amáveis, com expansões fraternais; vêem objetos fantásticos, ou de acôrdo com as idéias predominantes no indivíduo,

ou com as sugestões do momento. Dizem que a embriaguês da maconha mostra o instinto do indivíduo, como se atribue ao vinho — *in vino veritas*. Algumas vêzes dão em beberagem para obterem a revelação de segredos. A êsse estado segue-se às vêzes sono calmo, visitado por sonhos deliciosos. Há na embriaguês da maconha o fato interessante de, após a dissipação dos fenômenos, lembrar-se o paciente de tudo o que se passou durante a fase do delírio.

O Dr. Aristides Fontes, que conversou com pescadores habituados a usar a maconha, ouviu que, quando se encontram no mar em canoas ou jangadas, fumam em grupos para se sentirem mais alegres, dispostos ao trabalho, e menos penosamente vencerem o frio e as agruras da vida do mar. Denominam *assembléia* a essa reunião, e começam a sessão, fumando no cachimbo *Maricas*, no qual cada um *puxa a sua tragada*, na frase por êles empregada, para exprimir o esforço que exige o cachimbo tôsko e a quantidade maior da fumaça que procuram absorver. Depois de algumas fumadas, tocados pelo efeito da maconha, tornam-se alegres, conversadores, íntimos e amáveis na palestra; uns contam histórias; tais fazem versos; outros têm alucinações agradáveis, ouvem sons melodiosos, como o canto da sereia, entidade muito em voga entre êles. Um dêsses, caboclo, robusto, de 43 anos de idade, fumando a erva há mais de vinte anos, sem apresentar perturbação da saúde, informou que a usava, quando se sentia triste, com falta de apetite e pouca disposição para o trabalho, principalmente à noite, quando ia para a pescaria, ficando satisfeito, disposto e podendo comer copiosamente. Dizem que faz cessar as câimbras que experimentam ao entrar nágua, à noite. Ao Dr. Xavier do Monte referiu L.S., a quem conheço, homem de 45 anos de idade mais ou menos, robusto, que fumou a maconha, como experiência, sentindo-se alegre, achando graça em tudo, dando estridentes gargalhadas a todo propósito, como um louco e tinha muita fome. Comeu desmesuradamente, e após cessou o delírio, entrando em sono profundo e calmo. Dizem que o açúcar de cana faz cessarem os fenômenos da embriaguês. Alguns misturam-no com as fôlhas no cachimbo.

Já Merat et de Lens aconselhavam o uso do cânhamo na hipocondria, na morosidade e no spleen.

É também notado por tôda a parte êsse aumento de apetite, que faz empregar a planta como aperitivo, exceto nos iniciantes, que às vêzes têm náuseas e vômitos. Kaempfen menciona a fome *canina* como sintoma do *haschichismo*. O apetite, porém, se perde e embota nas intoxicações intensas e na forma crônica.

Villard, citado por Charles Eloy, observou no Cairo, entre os fumadores do haschich essa erupção de alegria retumbante, palrice, com grande volubilidade, gestos rápidos e gargalhadas. Notou que as alucinações se relacionam, nas casas de fumar a erva, com as figuras pintadas nas paredes, e muita vez refletem as idéias dominantes na pessoa e daí o estado de beatitude, de sensações indivisíveis de felicidade, de languidez, com criações imaginativas bizarras dos orientais.

Em uma nota do livro *Les Opiomanes*, já citado, se lê a seguinte descrição de Sachs:

“O *hachich* produz os efeitos seguintes: O ar se adelgaça e parece conter suaves perfumes. Tudo é bello e radioso. Sente-se prazer em viver. Sob sua influência fiz passeios soberbos; meu arrebatamento foi além de toda expressão. Sua influencia depende do temperamento de quem o usa. Faz alegria; produz gargalhadas pelo motivo o mais futil. Exagera o apetite, torna eloquente, gracioso, encantador. Sob sua influencia durante duas horas me exprimi em versos livres; as rimas eram ricas e as idéias perfeitamente sensatas e seguidas. Seus inconvenientes são a sensação

de um estrangulamento mais forte do que no ópio, uma tinta lívida, esverdinhada, uma fome que nada aplaca, algumas vèzes desejos sexuais loucos, com requintes impossíveis de sexualidade..., a produção de ataques epilépticos e perturbações atáxicas...”

Nas experiências de Villard, as idéias se sucedem com rapidez, se contradizem, se entrechocam, as palavras se comprimem para exprimi-las, e tornam-se incoerentes. O intoxicado ouve o murmúrio de uma fonte, julga-se no meio do mar, transportado, embalado em um barco, ao lado de belas mulheres; ora assiste a um fogo de artifício, tendo a cabeça cercada de uma auréola brilhante, a brincar com os anjos. Wood diz que para o haschichado a duração de um minuto representa um século, um estreito aposento alarga-se até a imensidade; transpõe mares, continentes, atravessa os ares, seu espírito perde o sentimento da extensão.

O quadro sintomático pode ser diverso. É conhecido nos lugares, onde abusam da maconha, o delírio, a loucura transitória e mesmo definitiva, causadas pela planta, e com fisionomia perigosa. Os embriagados tornam-se rixosos, agressivos, e vão até a prática de violências e crimes, se não são contidos. Um trabalhador, pardo, de 30 anos, robusto, referiu ao Dr. Xavier do Monte ter fumado a maconha, como remédio para dores de dentes, e logo sobrevieram-lhe suores frios e abundantes, língua pesada, pegajosa, e delírio. Tudo o amendrotava, via-se perseguido pelo povo, sentia fome devoradora, e depois de ter comido uma porção de batatas doces e farinha de mandioca, foi melhorando, até voltar ao estado normal.

Do inquérito feito pelo Dr. Aristides Fontes, que é médico da Escola de Aprendizes Marinheiros de Aracaju, ouviu a um sargento da mesma escola, contando 28 anos de idade, que, quando aprendia na Escola de Maceió, aos 16 anos, vendo freqüentemente um prêto velho africano fumar a maconha no *Maricas*, experimentou a erva em cigarro, sentindo-se logo tonto e vendo tudo girar ao redor de si. Por mais baixo que lhe falassem, ouvia as vozes em alta tonalidade; tinha alucinações auditivas e visuais, ouvia cantos de pássaros, e via vagalumes no ar. Tinha a impressão de que tudo ia cair sôbre êle e estendia os braços para se amparar. Sentia as pernas pesadas, fatigadas, e a impressão de que estava a subir uma ladeira; as idéias eram confusas. Adormeceu, e quatro horas depois despertou, sentindo apenas fome intensa, chegando a comer 6 pães de 200 gramas cada um.

Um prêto carregador, de 39 anos, de disposição alegre e risonha, fumou a maconha, e sentiu forte excitação, deu para pular, correr; depois dormiu, e sonhou coisas maravilhosas, passando mais ou menos neste último estado por dois dois. Diz ter melhorado de caimbras e dores reumáticas de que sofria.

Essa incessante necessidade de locomoção é referida por Henri Cazin, que diz tê-la visto seguida de prostração e síncope.

Um magistrado de Sergipe referiu o fato de um seu estribeiro, rapaz de 16 anos, mais ou menos, de modos humildes, o qual teve delírio furioso, agressivo, tendo sido trancado em um quarto, onde entrou em sono profundo, do qual despertou, sentindo cansaço e languidez.

Referiu-se o farmacêutico militar Cândido Correia que, em Óbidos, no Estado do Pará, onde estacionava o 40.º batalhão de artilharia, um soldado, aliás de boa conduta, foi submetido a conselho de guerra, e sofreu penas, por haver fumado a diamba, pela primeira vez, e entrado em delírio furioso, tentando matar um capitão, em cuja casa entrou, armado de faca, tendo ferido uma outra pessoa. Também referiu-me o farmacêutico Maffei, que funcionou na Comissão militar, a qual, nestes últimos três anos, traçou os limites entre o Brasil e Venezuela, ter visto meter em camisa de fôrça dois soldados, em delírio furioso, por haverem fumado a erva.

Os comandantes dos batalhões, nos Estados do Norte, são forçados a terem uma grande vigilância, para evitar que a maconha entre nos quartéis, pelas conseqüências desastrosas, como brigas, agressões e crimes.

Em Penedo (Alagoas) para evitar perturbações que se davam nas feiras, as autoridades policiais, rigorosamente, proibiram a venda da maconha.

A loucura pode ser a conseqüência do uso da erva. Oficiais do 33.º batalhão de infantaria, que já estacionou em Aracaju, referiram que o soldado João Baptista, de 30 anos, moreno, entregava-se ao vício de fumar a liamba, e tinha exaltações megalomaniacas, dizendo-se general, Deus, etc.; desenhava no passeio do quartel navios, nos quais, em mares tempestuosos, fazia longas viagens. Uma vez tentou agredir um oficial, acabando na loucura que o fêz excluir do exército, sendo metido em custódia.

Utilizam-se às vêzes da droga os soldados que querem dar baixa, para simular a loucura e iludir a inspeção médica.

“A alienação mental, escreve Charles Eloy, é um dos phenomenos terminais do vício.” No Egito, o número de alienados aumentou paralelamente ao uso do haschich, e a loucura tem a forma monomaniaca com alucinações.

No livro *Les Opiomanes*, já citado, lê-se que, ao contrário do que se observa na intoxicação pelo ópio, em certas formas do haschichismo agudo, a embriaguez é muito mais povoada de alucinações, mais barulhenta, e Pouchet descreveu-a do seguinte modo: “Alguns indivíduos são tomados de delírio furioso que obriga a amarrá-los, para pô-los na impossibilidade de ofender; dão gritos estridentes, reviram e quebram tudo o que se acha a seu alcance; têm os olhos fixos, a face injectada, a anestesia completa.” Os malaios e os javaneses chamam a êsse estado de fúria *Amok*, porque assim gritam os intoxicados: *Amok! Amok!* (mata! mata!) “Se se interrogar, diz Roger Dupouy, êsses indivíduos, ao saírem de uma crise de amok, dizem que viam tigres, javalis, veados, cães, diabos, que êles queriam matar. Etiológica e clinicamente o amok deve ser imputado ao haschich, e não ao ópio. Êles misturam o canhamo ao ópio e, segundo Jeanseime, o *bang*, que é uma mistura de folhas e fructos do canhamo, é no Oriente frequentemente associado ao ópio, e provoca uma agitação particularmente violenta. O *Chang* ou *gunjah* dos Indios, o *esrar*, o *kif* dos Arabes (extrato de cânhamo destinado a ser fumado), o *chira* da Tunísia, não são outra coisa senão preparados do haschich, diz o mesmo autor, destinados a serem fumados; são as vêzes misturados ao ópio, e seus efeitos são mais nocivos.”

O uso da maconha, em doses moderadas, estimula a circulação, aumenta o calor periférico, e acalma as gastralgias, despertando o apetite, e excita os órgãos da locomoção. As doses altas, mórmente nos noviços, produzem náuseas, vômitos, languidez, pêso nos membros.

Sobre os órgãos sexuais parece exercer uma ação excitadora, que pode levar a grande lubricidade. A maior parte dos fumadores ouvidos disseram que a erva corrige “os estragos da idade.” Um soldado contou ao Dr. A. Fontes que quando fumava a maconha sentia efeitos afrodisíacos, tinha sonhos eróticos, e poluções noturnas. Êsse efeito se estende às mulheres. O Dr. Alexandre Freire, médico que exerceu a clínica em uma vila do interior de Sergipe, referiu ter visto uma mulher embriagada pela maconha de tal forma excitada que, no meio da rua, não mostrando o menor respeito ao pudor e fazendo exhibições, solicitava os trauseuntes ao commercio intersexual. As prostitutas, que às vêzes se dão ao vício, excitadas pela droga, quando fumam em sociedade, entregam-se ao deboche com furor, e praticam entre elas o tribadismo ou amor lésbico. Villard viu em um basar, no Cairo, uma mulher, que se fazia notar pelas excentricidades,

manifestando uma grande excitação: rosto vermelho, olhos brilhantes, cabelos em desordem, ria-se sem motivo e falava sem cessar, agitava-se fazia meneios, e soltando de vez em quando um *ah* prolongado, que os árabes presentes imitavam, e que entre eles é indício de uma profunda voluptuosidade.”

O abuso da substância tem efeito oposto; tôdas as funções nervosas se deprimem. Os inveterados e os insaciáveis no vício podem entrar em um estado de caquexia, que não permite viver muito tempo. Emagrecem rápida e consideravelmente, adquirem côr térrea amarela, dispepsia gastro-intestinal, fisionomia triste e abatida, depressão de tôdas as funções, bronquites. Nesse estado quase sempre a morte sobrevém em pouco tempo, e diz o povo haver uma tísica da maconha, de forma aguda e rápida, exterminando a vida em dois ou três meses. Nesse estado de *maconismo* crônico, o vício é imperioso, dominante e tirânico. Villard observou, nos bazares árabes, os viciosos irreductíveis “acorados a um canto, extranhos ao que ali se passava; rosto sombrio, olhos fixos, traços repuchados, só despertando para de novo tomar o narghilé, onde aspiravam bruscamente alguns sorvos, para em seguida deixar cair a cabeça pesada sôbre os joelhos”. Saem um instante do torpor, olham embrutecidos ao redor, e apenas respondem aos que os interrogam. Nessa estado perdem tôda a aptidão profissional, tôda habilidade. Os nossos arruinados pelo vício voltam ao cachimbo logo que se vai dissipando o delírio, e despertam do torpor.

A embriaguez causada pela fumaça da maconha pode se estender a outras pessoas que não a fumam, e apenas respiram o ar dela impregnado. Contou-me o farmacêutico C. Correia, já mencionado, ter visto em Óbidos cair em narcose a senhora de um médico militar, que se achava perto de um fumante na mesma sala.

São citados os fenômenos de atordoamento e vertigens causados pelas emanações das culturas do cânhamo, e que são favorecidos por um sol ardente. Provavelmente são efeitos da canabina ou seu princípio volátil que se derrama na atmosfera.

Entre nós este efeito não é mencionado em virtude de serem limitadas as plantações do cânhamo, somente com o fim de ser fumado, não se conhecendo a utilidade industrial das fibras do líber, devendo aliás a atividade da planta, aqui produzida, ser grande. O cânhamo obtido na Inglaterra, diz Bentley, varia tanto em atividade que não são certos os seus efeitos, e por isso não é muito empregado. Na Suécia não tem efeito embriagante, e na Rússia os frutos, de albúmen oleoso, são empregados na alimentação das aves, e mesmo do homem.

Na medicina popular é entre nós empregada a maconha como fumo, e raramente em infusão; é dada na asma, onde aliás a tosse provocada pela fumaça faz receiar um uso mais extenso na moléstia; nas perturbações gastro-intestinais, nas nevralgias, nas cólicas uterinas, e finalmente como afrodisíaco. Pereira chama o cânhamo hilariante, inebriante, fantasmagórico, hipnótico ou soporífico, e estupefaciente ou narcótico, tais são os efeitos múltiplos por êle produzidos.

Como devem ser considerados os atos praticados pelo indivíduo em estado de embriaguez pela maconha, ou pelo cânhamo?

Qual o grau de imputabilidade que se lhe pode atribuir, e, conseqüentemente, a responsabilidade pelos crimes cometidos nesse estado?

Qual a capacidade para exercer os atos da vida civil?

O Código Penal brasileiro, de referência à responsabilidade, diz:

Artigo 27. Não são criminosos:

§ 4.º — Os que se acharem em estado de completa privação de sentidos e de inteligência no ato de cometer o crime.

Conquanto a redação defeituosa dêste parágrafo já tivesse dado ocasião ao redator do Código de declarar que por um êrro tipográfico figura a palavra sentido em vez de senso, compreende-se bem que a lei penal não pode tornar responsável pelos crimes cometidos aquêle que no momento da ação se acha em estado de não conhecer o valor do ato praticado e suas conseqüências, e não esteja em estado de liberdade de praticá-lo, condições essenciaes ao dolo e à culpa. “Qualquer ato”, diz o Prof. Ziino, “que esteja além da esfera racional, volitiva e moral, não pode ser *imputável*, e quem o pratica não é obrigado a responder por êle diante da justiça dos tribunais. *Crimen enim contrahitur si et voluntas nocendi intercedat*. Const. 1.º ad, *L. Corneliam de cicar.*, C. IX, 16”; ou como ensina Pellegrino Rossi: “1.º que o agente tenha podido conhecer a existência do dever e a natureza do ato em si; 2.º que tenha compreendido que o seu ato teve por índole violar o dever; 3.º que seja livre de cometê-lo, ou de se abster.”

Aos crimes praticados durante a embriaguez pela diamba se devem aplicar as disposições penais, relativas à embriaguez alcoólica em um estado de loucura ou insônia, que o privam da consciência e da liberdade necessárias à responsabilidade; mas pode-se a respeito desta embriaguez racionalizar como o Prof. Charles Mercier acêrca da embriaguez alcoólica: “É perigoso admittir em absoluto a excusa da embriaguez na justificação do crime; e quem voluntariamente bebe até o ponto de se tornar um perigo para a sociedade, deveria ser punido em tôda a plenitude por qualquer ofensa praticada no estado a que o reduziu o seu próprio abandono.” O sentimento de justiça, porém, se opõe à punição sem as condições da imputabilidade acima referidas. A lei inglêsa não admite a embriaguez como excusa do crime; coloca-se, portanto, num dos extremos da questão, desde que por si só a embriaguez já é considerada um delicto. A lei penal brasileira, sem deixar de admitir a excusa do que pratica um crime no estado de delírio que traga a abolição da consciência e da liberdade, qualquer que seja a causa, fêz da embriaguez uma circunstância atenuante dos crimes, sômente quando ela é acidental, e não procurada para infundir coragem, ou é habitual e turbulenta.

O § 10 do art. 42, que enumera as circunstâncias atenuantes, assim reza: — “Ter o delinqüente cometido o crime em estado de embriaguez incompleta, e não procurada como meio de o animar a cometer o crime nesse se estado, não sendo acostumado a cometer crimes nesse estado.”

Esta disposição pode ser perfeitamente aplicada ao embriagado pela maconha.

Relativamente aos atos da vida civil a embriaguez aguda, transitória, não justificaria medidas de interdição, aliás perfeitamente applicadas à embriaguez crônica, tal como a descreveu Villard. Todavia, o estado de euforia que o indivíduo, não dominado e perturbado permanentemente pelo vício, sente ao fumar a erva, pode conduzi-lo, nas suas expansões, a praticar atos da vida civil, que lhe tragam sérias obrigações, como contratos, doações, vendas, assinatura de letras, os quais não devem subsistir, provado o estado em que se achava o indivíduo no momento de assumir essas obrigações, sendo até certo ponto comparável êsse estado ao da primeira fase, ou ao período médico-legal da paralisia geral.

O testemunho do indivíduo intoxicado pela maconha não pode ter valor. É empregada pelos africanos para obter declarações, confissões, revelações de segredos, a abrandar resistências em matéria de amor (filtro).

De que meios se pode lançar mão para extinguir, ou dominar o vício? Extraordinária é a fascinação que exercem as drogas estimulantes e narcóticas sobre o organismo humano, muito principalmente se o terreno está preparado para o bom desenvolvimento do hábito, se alguma tara degenerativa existe congênitamente, ou se vícios anteriores predispuzeram a economia a novos vícios; são freqüentes as associações do alcoolismo com outros vícios, e com o hábito de fumar a maconha. Do inquirido a que tenho procedido a respeito do uso de fumar as sumidades floridas da planta que faz o objeto dêste trabalho, é êle muito disseminado entre pessoas de baixa condição, na maioria analfabetos, homens do campo, trabalhadores rurais, plantadores de arroz, nas margens do rio de São Francisco, canoeiros, pescadores, e também nos quartéis pelos soldados, os quais ainda entre nós são tirados da escória da nossa sociedade. Todos os soldados do exército que estacionaram no Amazonas, Pará, Maranhão, e nos outros Estados do norte até Sergipe, mas principalmente nos primeiros mencionados, e com quem conversei sobre o assunto, me declararam ter visto fumar a maconha, e os seus efeitos deletérios. Várias pessoas tem-na usado por muitos anos, moderadamente, sem inconvenientes palpáveis, experimentando apenas a sensação de uma ligeira euforia. São os sóbrios, como os há em relação ao álcool, que parcimoniosamente usado, pode até ser uma necessidade, no pensar do Prof. Charles Mercier, para fazer desprender as energias latentes após o esgotamento das fadigas do dia, assim como faz o açúcar que se ajunta às águas gasosas, provocando novo desprendimento de ácido carbônico.

O sistema nervoso, no seu aperfeiçoamento evolutivo até o homem, paralelamente com as vantagens adquiridas, como uma inteligência penetrante, sensibilidade apurada, tornou-se mais exigente pelos estimulantes, e por isso mais inclinado e sujeito aos hábitos perniciosos como o vício da morfina, da cocaína, do álcool, o tóxico rei, ao qual *Shakspeare* achou mais apropriado o nome de diabo (*devil*), da nicotiana, do cânhamo, e outros. "Em relação á moral", diz W. A. Holis, "na história da vida dos animais inferiores há sem dúvida muitas outras feições, que seria vantajoso copiar." Nos degenerados e tarados, nos descuidados, o hábito se estabelece, e com o hábito o embotamento do sistema nervoso, que reclama novos e cada vez mais fortes estímulos, e conseqüentemente maior dose do veneno.

"O gôsto do homem pelos tóxicos embriagantes, escreve o Prof. E. Régis, querido ou instintivo, é, em todo caso, tão velho quanto o mundo". Sujeito às dores físicas, como todos os outros animais, e ainda às penas morais, diz Botta, o homem se esforça por escapar a sua existência real, e procura em um mundo imaginário a felicidade fictícia de seus insaciáveis desejos.

Na Penitenciária de Aracaju, onde de alguns anos para cá é proibida a entrada da maconha, por causa dos distúrbios por ela motivados entre presos, os sentenciados se entregavam ao hábito de fumá-la "para aliviar o espírito acabrunhado pela prisão, e terem por êsse modo momentos de distração e alegria."

A dor física é muitas vêzes a causa do vício. As nevralgias dentárias, as dores reumáticas, as gastralgias, os cólicas uterinas em estados dismenorréicos, determinam muita vez o emprêgo da planta pelos seus efeitos narcóticos e analgésicos; e obtido o resultado benéfico, não hesitam os pacientes em voltar à erva em um segundo acesso, ou como preventivo, e daí se gera com facilidade o hábito e o vício de fumar a maconha.

Os pezares são outra causa freqüente do vício: para esquecer, embora transitóriamente, incômodos morais, suavisar a dureza de uma vida atribulada, e passar momentos alegres, distraídos, esperançosos, acalentados na fantasia áacre que os embala no espaço, como as espirais voltejantes do

fumo traiçoeiro, os abandonados da sorte se entregam ao domínio da erva; se não é um forte, o naufrágio é irremediável, principalmente se à dor moral está associada à tara orgânica.

A imitação é freqüentemente uma causa do hábito, especialmente nos jovens. Como na nicotiana, de uso universal hoje, muitos se entregam ao vício de fumar a maconha por ver fumar aos outros, que por sua vez influem aos inexperientes, contando-lhes com entusiasmo os gozos inefáveis e os prazeres encantadores que a erva proporciona. Dá-se coisa semelhante ao que se passa com o vício do ópio, somente aqui não são instruídos e letrados os propagandistas, como os de fala o Prof. E. Régis, nos seguintes termos: “Coisa curiosa, todo letrado que aspira os vapores da droga (o opio) se julga na obrigação, sincera ou não, de glorificar publicamente os seus encantos; todo fumante torna-se um tentador; por um requinte de volúpia perversa, esse pecador tem necessidade de arrastar outros em seu peccado.” É um sentimento geral do homem não querer estar só na queda, e esse sentimento egoísta se exprime bem no rifão popular: “Mal de muitos consôlo é”, quando consôlo e satisfação deve ser o bem de todos.

O amor dos prazeres e da sensualidade, uma vida indisciplinada e descuidosa, sempre ávida de novas e extranhas sensações, que é o apanágio dos gozadores e sibaritas, conduz igualmente os desregrados a procurarem no vício a felicidade e os gozos, que artificiais e passageiros lhes causa o êxtase produzido pela absorção da fumaça da planta maravilhosa.

Uma instrução bem dirigida, reforçada por princípios de sã moral, o conhecimento claro do mal, necessariamente revigoram e fortificam o ânimo para a resistência ao vício de qualquer natureza; não obstante espíritos lúcidos, geniais, instruídos, como T. de Quincey, Coleridge, Edgard Poe, Baudelaire, e outros, entregaram-se ao uso do ópio, que tanto exaltaram nas suas produções literárias. Recentemente se tem chamado a atenção, na França, para o vício de fumar o ópio, espantosamente disseminado, sendo as casas de fumar a droga freqüentadas por pessoas de certa instrução, como os oficiais da armada, nos portos de Toulon, Marseille, Brest, etc. Conquanto o uso de fumar a maconha, no Brasil, ainda esteja, como foi dito anteriormente, limitado às classes ignorantes, tenho notícia de alguns fumadores com um grau de instrução regular, e de um funcionário público, bastante inteligente, dominado pelo vício. Como quer que seja, creio na instrução e na educação como bons preservativos do hábito pernicioso, incumbindo aos poderes públicos melhor cuidarem dêste magno problema, tão descuidado entre nós, onde o analfabetismo é a regra.

A proibição do comércio da planta, preparada para ser fumada, poderá restringir a sua disseminação progressiva. Sei que em alguns estados do norte as violências cometidas durante a embriaguez da maconha têm levado as autoridades policiais a proibir a vendagem da erva nas feiras. Em Penedo, segundo informações que me deram, essa proibição tem dado resultado, quase extinguindo as brigas provenientes da embriaguez pela maconha.

A cura individual depende da capacidade revigorante do ânimo do vicioso e da disciplina de sua vontade, sem a qual nada se pode obter. A respeito dêste vício têm perfeita aplicação as palavras de Lydston, com relação à embriaguez alcoólica. Exaltando a educação como elemento poderoso no tratamento da embriaguez, acrescenta: — “o elemento psíquico deve ser sempre tomado em consideração, pois sem a sua cooperação todo tratamento é fútil.

E é assim que nada existe sôbre a terra absolutamente bom ou absolutamente mau: compete ao homem, no seu aperfeiçoamento, utilizar-se da primeira face, dominando e tornando ineficaz a segunda. Os dons da natureza podem se transformar em verdadeiras calamidades quando mal em-

pregados. As mais notáveis e maravilhosas descobertas do gênio e do saber do homem, por maiores vantagens e proveito que possam trazer à espécie, muita vez se tornam em arma destruidora e fatal. No processo da evolução não chegou ao homem a capacidade de voar, que parou em certos réptis, no dragão voador (*Draco volans*), o qual, no dizer de W. A. Hollis, "recebeu a arte de deslizar através do ar". A vida de peixe por sua vez desaparece no momento em que a criatura humana se destaca do seio materno para viver vida própria. "É esse primor da arte que é o homem", na frase inimitável e sublime do autor do Hamleto, "nobre em sua razão, infinito em suas faculdades, expressivo e admirável em sua fôrça e em seus movimentos, semelhantes ao anjo pela ação, pelo pensamento semelhante a Deus", se corta os ares nas asas dos seus inventos surpreendentes, fazendo a viagem das águas, que perderam o domínio das alturas atmosféricas; ou quando corre debaixo das ondas, espantando os peixes no seu viver aquático; nem sempre estão colhendo benefícios ao bem-estar de seus irmãos na superfície da terra: êsses portentosos engenhos de seu incomparável talento, quais são o dirigível ou o aeroplano, e assim também o barco submarino, estão atualmente empregados exclusivamente no funesto mister da destruição, da exterminação do que os povos europeus, empenhados na maior guerra que jamais o mundo viu, têm de mais esperançoso e forte.

No terreno da terapêutica, os resultados esplendentes que fornece, nas mãos prudentes e práticas do médico, essa goma concreta das papoulas, — o ópio — o rei da dor, e sob cuja ação maravilhosa cessam êstes sofrimentos físicos, que tanto perturbam o curso das moléstias, tem o seu reverso no hábito nefasto de comer ou fumar a droga. A cocaína, de recente descoberta, se causa estupenda admiração pelos seus efeitos analgésicos locais, permitindo sem dor a realização de delicadas operações cirúrgicas a que assiste, quase como um extranho, o próprio paciente, tem-se tornado entre os povos civilizados e nevrostênicos um flagelo.

E o quanto se poderia dizer do mais antigo talvez dos vícios, da intoxicação por excelência, da embriaguez alcoólica!

A raça prêta, selvagem e ignorante, resistente, mas intemperante, se em determinadas circunstâncias prestou grandes serviços aos brancos, seus irmãos mais adiantados em civilização, dando-lhes, pelo seu trabalho corporal, fortuna e comodidades, estragando o robusto organismo no vício de fumar a erva maravilhosa, que, nos êxtases fantásticos, lhe faria rever talvez as areias ardentes e os desertos sem fim de sua adorada e saudosa pátria, inoculou também o mal nos que a afastaram da terra querida, lhe roubaram a liberdade preciosa, e lhe sugaram a seiva reconstrutiva; e, na expressão incomparável do grande e genial poeta americano, o mavioso Longfellow, a raça expoliada, como o Sansão da Bíblia:

*"The poor, blind slave, the scoff and jest of all,
Expired, and thousands perished in the fall."*

Bahia, Brasil, novembro de 1915.

NOTA:

Só após a minha volta do Congresso Científico Pan-Americano foi que recebi o resultado do inquérito, a meu pedido feito, pelo meu colega e amigo Dr. Francisco Fonseca, clínico na cidade de Maroim (Estado de Sergipe), na zona de sua prática. Essas informações confirmam pontos tratados nesta Memória, e foram principalmente fornecidos por um fumante inveterado de 60 a 65 anos, robusto, musculoso, sadio, atribuindo o seu vigor ao hábito de fumar maconha, desde rapaz, no Estado de Alagoas, de

onde é filho, residindo há muitos anos em Pirambu, povoação e praia de banhos em Sergipe. Nessa povoação, e outras próximas, onde existem muitos pescadores, o vício é grandemente disseminado. Em lugares de Sergipe e Alagoas, nas margens do rio de São Francisco, cultivam a planta, que vendem, preparada para ser fumada, sob a denominação de *pelotas*, pela forma que tomam as inflorescências, e à razão de 3\$000 o quilo, e 30\$000 e 40\$000 a arrôba.

Os informantes fazem as declarações com dificuldade e timidez, receiosos de uma ação policial. Nesses lugares fumam em reuniões e lugares determinados.

Indagações obsèquiosamente feitas em Penedo, por obsèquio do Coronel José Antônio da Silva Costa, em Vila Nova, do Coronel José Lesse, também me chegaram às mãos tarde, mas me eram conhecidas as referências feitas, e estavam exaradas no meu trabalho.

POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

SECÇÃO PRIMEIRA

SAÚDE PÚBLICA

TÍT. 2.º

SÔBRE VENDA DE GÊNEROS E REMÉDIOS, E SÔBRE BOTICÁRIOS

.....

§ 7.º

É proibida a venda e o uso do Pito do Pango, bem como a conservação dêle em casas públicas: os contraventores serão multados, a saber, o vendedor em 20\$000, e os escravos, e mais pessoas que dêle usarem, em 3 dias de cadeia.

.....

Paço da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em sessão de 4 de outubro de 1830.

O Presidente, *Bento de Oliveira Braga, Joaquim José Silva, Antonio José Ribeiro da Cunha, João José da Cunha, Henrique José de Araújo.*

SÔBRE O VÍCIO DA DIAMBA

F. DE ASSIS IGLÉSIAS

Sob o nome de diamba, liamba, maconha e moconha, a *Cannabis sativa* L., também conhecida pelo nome de cânhamo, é cultivada em certas regiões do norte do Brasil e suas fôlhas são fumadas em cachimbos especiais, em que a fumaça, antes de ser aspirada, é lavada em uma camada de água. O vício, que é de origem africana, tem seus adeptos principalmente nos sertões e já mereceu a atenção de médicos nortistas.

Neste trabalho, a parte experimental representa apenas o primeiro ensaio que efetuamos neste sentido.

CARACTERES E OBSERVAÇÕES SÔBRE A CULTURA DA "CANNABIS SATIVA"

O cânhamo, diz Lanessan, é uma planta anual, dióica, erecta, ordinariamente pouco ramificada, ou tendo somente ramificações carregadas de flores.

As fôlhas são alternas, estipuladas, longamente pecioladas com o limbo profundamente partido em 3, 5 ou 9 lobos denticulados. As flores masculinas são dispostas em grupos axilares laxos, pendentes, ramificados e destituídos de fôlhas em sua base. Cada flor é constituída de cálice, com cinco sépalos, e de androceu, com cinco estames livres e inseridos sôbre os sépalos. As femininas são dispostas em grupos axilares perpendiculares, foliosos em sua base. Cada flor é servida por curto pedúnculo, e desenvolve-se na axila de uma bráctea longa, verde, terminada por afilada ponta. A organogenia nos mostra que esta bráctea nada mais é que uma fôlha atrofiada com estípulas abortadas. Cada flor feminina se compõe de perianto em forma de cálice constituído de dois sépalos concrecidos, recobertos de pequenas glândulas, fuscas e tendo no centro um estilete que suporta o ovário, a princípio bilocular e mais tarde unilocular pelo abortamento de uma das lojas. Ovário supero, arredondado, encimado por dois pistilos recobertos de pêlos grandulíferos. A loja do ovário que se desenvolve contém apenas um óvulo anátropo. O fruto é um akênio envolvido pela bráctea, arredondado, destituído de albumina, contendo um espesso embrião recurvado e oleaginoso.

Sob o nome de *Cannabis sativa* L., estão reunidas duas plantas que Lamark considerou especificamente distintas: — Cânhamo comum — e o Cânhamo da Índia — a que deu o nome de *Cannabis indica*. O cânhamo comum — é originário da Ásia, central e ocidental, de onde se estendeu por tôdas as regiões temperadas e quentes até a Índia. A diferença entre esta, que vegeta na Índia, e a que cresce na França não é bastante considerável para justificar a separação de Lamark, e, se é verdade que aquela da Índia é mais ativa, igualmente está demonstrado que a intensidade de sua ação varia de acôrdo com a altitude da região que habita. Extrai-se, por exemplo, na Índia, daquela que cresce a uma altitude de 1.800 a 2.400 metros, uma resina chamada — Chares —, que se não obtém daquela que vegeta nas planícies.

As sumidades floridas do Cânhamo da Índia são muito empregadas neste país, onde êle forma a base do haschisch. Os princípios constantes do cânhamo, mais importantes, são a resina e um óleo volátil, que são narcóticos e estimulantes do sistema nervoso.

O cânhamo é ainda importante pelo óleo que as suas sementes contém e pelas suas fibras, longas e flexíveis, empregadas desde a mais remota antiguidade na indústria têxtil.

A observação que Lanessan faz a respeito da altitude, como tendo influência na maior ou menor atividade tóxica ou narcótica do cânhamo (*Cannabis sativa* L.) parece destituída de fundamento, considerando o que observamos no Brasil. Nos Estados setentrionais brasileiros, principalmente Maranhão e Piauí, observamos que as culturas são feitas nas baixadas. Em Coroatá, cidade maranhense que fica à margem esquerda do rio Itapicuru, fizemos nossas primeiras observações; lá visitamos uma cultura de *Cannabis sativa*, que ficava a uns cem metros da margem do rio, tão baixa que pode ser inundada pelas enchentes do rio Itapicuru. Igualmente, as culturas feitas em Codó, estão situadas em terrenos baixos e inundáveis pelas águas do rio acima citado. Entretanto, a atividade do cânhamo ali cultivado, com o nome de diamba, é considerável, determinando a loucura daqueles que têm o hábito de o fumar.

Em outras localidades onde verificamos a cultura da *Cannabis sativa*, tais como os vales do Mearim e Balsas, ela é, como aquelas citadas, feita em terrenos baixos e às margens dos referidos rios. E foi ali que encontramos, como mais adiante descrevemos, os clubes de diambistas.

O cânhamo que pertence à família das *Moráceas*, é assim conhecido na Europa onde o cultivam, como sabemos, para obter fibras, as quais são muito mais resistentes e atingem até 2 centímetros de comprimento. Na terapêutica empregam-se as sementes desta planta — *Semen Cannabis* e seu óleo é também usado na indústria.

Em o norte do Brasil, segundo o Dr. Rodrigues Dória, é ela conhecida geralmente por — Maconha — ou — Maconha-fumo de Angola, — Liamba — e Diamba —, designação esta pela qual se conhece a *Cannabis sativa*, nos Estados do Maranhão e Piauí, onde fizemos as nossas observações, conforme acentuei anteriormente.

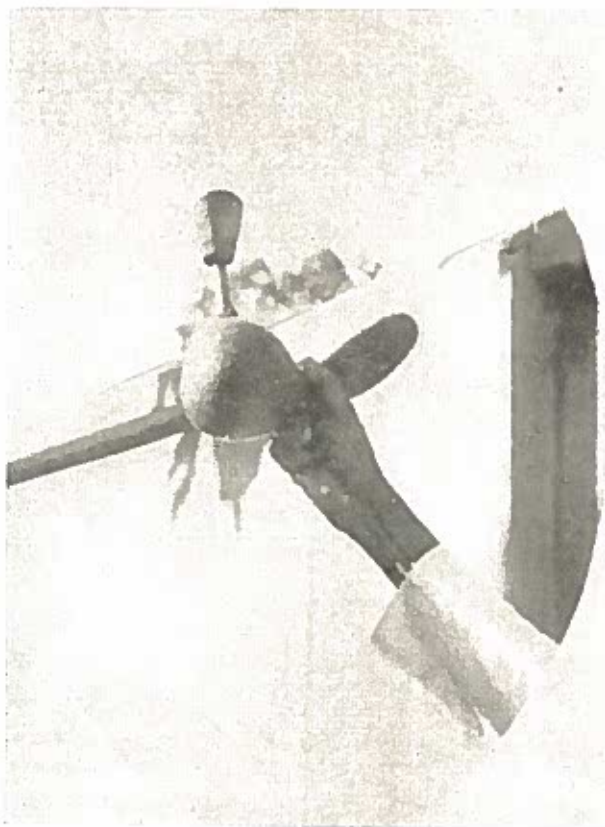
Composição química — O cânhamo indiano (segundo Collin) encerra uma resina chamada *cannabis*, um óleo essencial e muitos alcalóides, tais como a colina, a trigonelina e a muscarina.

A "CANNABIS SATIVA" NO VELHO MUNDO

"Sob o ponto de vista da literatura botânica (Caminhoá) dizem os especialistas, dos quais alguns a denominam planta da felicidade, que o cânhamo faz as delícias dos árabes, persas, indianos, etc., por causa do estado de extase em que ficam; depois disto adormecem, e têm sonhos eróticos e agradáveis.

A palavra haschisch, dizem alguns originar-se do árabe, e significava a erva por excelência, da qual preparam o dawanse na Pérsia, na Arábia e outros países do Oriente; suas folhas, quando não estão secas, servem para fumar-se à semelhança do ópio, e então produzem o narcotismo.

A lenda do velho da montanha, ou do príncipe do Líbano, da Idade Média, que realizava tudo quanto desejava, baseia-se ainda na ação do haschisch, de que êle se servia para chegar aos seus fins, inclusive para fazer hecatombes dos seus desafeiçoados e inimigos, sem o menor risco, nem mesmo a menor suspeita, e tendo por instrumento, muitas vezes, indivíduos altamente colocados.



Nas margens do São Francisco, os fumadores de maconha usam um cachimbo que se compõe de duas partes distintas: o formilho, em que se deita o tóxico, e um dispositivo acessório, garrafa ou cabaça, em cuja água se resfria e lava a fumaça, antes de atingir a boca do fumador. (prof. Rodrigues Dória).



“Para tal conseguir, fêz êle construir palácios e paraísos deliciosos, onde permitia aos iniciados gozarem lascivamente de tudo quanto a mais ardente imaginação podia desejar, contanto que jurassem obedecer-lhes cegamente; depois do juramento, logo que estavam adormecidos profundamente, eram conduzidos aos suntuosos aposentos, onde mulheres de beleza rara aguardavam seu despertar, para inebriá-los no sexualismo, cercados de tudo quanto era capaz de enlevar; ao acordarem ficavam surpresos, porem reconheciam a realidade de sua felicidade, que se prolongava até que chegava a ocasião de cumprirem sua obrigação, isto é, de obedecerem ao velho, ou de matarem alguém para poderem voltar de novo à felicidade material.”

“Dizem ser esta a origem da palavra assassino, modificação de haschichino; êste nome foi dado de então em diante àqueles israelitas, que, meio embriagados, ou exaltados pela ação do haschisch, matavam a outrem.”

“Contam ainda alguns literatos, que a bebida, que em casa de Meneláo fôra por Telêmaco recebida de Helena para esquecer seus males, fôra também o haschisch.

Crê-se que o famoso remédio das mulheres, de Dióspolis, de que faziam elas mistério, bem como o nepentes de que fala Homero, e que Helena recebera de Polimnestim, é ainda a *Cannabis sativa*.

Desta planta curiosa, fazem diversos preparados mais ou menos narcóticos, e alguns tóxicos; por exemplo: o joon, o dawanase, na Arábia, rupon-chari, no Cairo, e a diamba no interior da África Ocidental (entretanto êste nome dizem ser o que dão pròpriamente ao cânhamo no Congo, perto do rio Zairo); os nomes: makonie e makiah são citados com alguns dos supramencionados pelo sábio Prof. Hooker, como pertencendo à mesma planta na África; dando-se a particularidade de se parecerem muito com a palavra grega *mekou* que significa a papoula, planta bem conhecida, e que é também hipnótica.”

Segundo Crié, o cânhamo chamou a atenção de Dioscorides e Herodoto, que a mencionavam como planta têxtil.

MODO DE FUMAR A DIAMBA

O modo clássico de fumar a diamba é no cachimbo; mas isso não impede que um individuo ou outro a fume em forma de cigarro.

O cigarro — Conhecemos, em Coroatá, um pobre homem chamado Raimundo, que fumava diamba em cigarros.

Era já um caso perdido: estava com o organismo depauperado, e com faculdades mentais completamente alteradas. Era uma loucura mansa, que fazia rir, sem molestar ninguém.

Vivia Raimundo de esmolos, prestando, às vêzes, certos serviços, como, por exemplo, partir lenha. Não servia para recados; esquecia-se do que se lhe ordenava, lembrando-se no entanto, de fatos remotos, anteriores ao seu vício e portanto à demência. Saía para dar cumprimento a uma ordem recebida, devendo voltar logo. Raimundo desaparecia; só depois de 2, 3 ou 15 dias é que voltava.

A sua principal mania era ser filho de um chefe político piauiense, e fingir que sabia ler. Tomava um jornal, de qualquer maneira, com as letras invertidas, e começava a leitura; e proferia uma série de disparates.

Queixava-se de grandes dores nas pernas, até a altura dos joelhos. Para curar-se, colocava fôlhas cáusticas na região gastrocnemia onde se abriam enormes.

Muitas vêzes dissemos-lhe que não fizesse isso. Ao que êle nos respondia, que era o único meio por que lhe aplacava a dor.

Vimos muitas vêzes êsse homem fumando cigarros de diamba. Não notamos que se alterasse a sua loucura depois de terminado o cigarro: era uma loucura lentamente progressiva.

O *cachimbo* — O modo predileto é fumar a diamba no cachimbo, como os africanos o faziam. O cachimbo não é igual ao empregado pelos fumantes do tabaco.

Há uma cabaceira que produz uma pequena cabaça, da capacidade de mais ou menos um litro, cuja forma se presta muito para transformá-la num cachimbo. Eis um dos cachimbos usados: tem um corpo quase esférico, havendo um estrangulamento para o lado em que se fixa o pedúnculo que corresponde ao canudo do cachimbo.

No polo da parte esférica abre-se um buraco do diâmetro de alguns centímetros onde se adapta uma panelinha de barro em forma de cone truncado com a base para cima, por onde se introduz a diamba; no fundo há um buraco. Na extremidade, onde há o sinal do pedúnculo, abre-se um pequeno orifício. A cabaça é cheia de água até encontrar o cano e chupa-se pelo orifício. A fumaça atravessa a água e vai à bôca do fumante.

O Dr. Alfredo Brandão, no seu livro “Viçosa de Alagoas” descreve assim o cachimbo usado em Alagoas:

“O instrumento usado para se fumar a maconha é um cachimbo de argila com um longo canudo de bambú ou taquari, que atravessa uma pequena cabaça cheia de água, onde o jato de fumo se resfria, antes de penetrar na bôca do fumador.”

CLUBES DE DIAMBISTAS

Os fumantes reúnem-se, de preferência, na casa do mais velho, ou do que, por qualquer circunstância, exerce influência sôbre êles, formando uma espécie de clube, onde, geralmente, aos sábados, celebram as suas sessões.

Colocam-se em tórno de uma mesa e começam a sugar as primeiras baforadas de fumaça da *Cannabis sativa*.

Depois de alguns minutos, os efeitos começam a fazer-se sentir.

O individuo apresenta os olhos vermelhos. Os músculos da face se contraem, dando ao rosto expressão de alegria ou dor; a embriaguez não tarda e com ela o cortejo dos seus vassallos; o delírio aparece agradável, dando bem-estar, trazendo à mente coisas agradáveis, vai aumentando, até à loucura furiosa que toma diversas modalidades, segundo o temperamento de cada individuo.

Uns ficam em estado de coma, em completa prostração; os outros dão para cantar, correr, gritar; outros ficam furiosos, querem agredir, tornam-se perigosos.

Os fumadores, depois de curtirem a embriaguez, voltam ao estado normal. Isto no comêço do vício. Quando o individuo é um diambista habitual, mesmo depois da embriaguez, tem aspecto e modos de idiota; é um homem à margem.

O alcoolista, geralmente, não quer ser tido como tal; mas não faz muita questão de beber álcool em plena sociedade; mas o diambista, não; esconde o seu vício, vai fumar às escondidas, não quer que saiba, nega-o sempre que é interpelado, a não ser que seja um diambista inveterado, que o idiotismo esteja apontando, implacavelmente para o seu miserável vulto: êste é o fumador de diamba.

Vamos assistir a uma sessão num clube de diambista, no vale do Mea-
rim, próximo a Pedreiras, no Estado do Maranhão: os fumadores estão,
uns em volta de uma mesa, outros deitados em suas rêdes.

As primeiras fumaçadas os olhos se injetam de sangue: os primeiros
sintomas de perturbação mental se manifestam. Alguns ditos chistosos,
umas gargalhadas, indicam que o pessoal começa a embriagar-se, e versos
toscos, com têrmos africanos, saem por entre baforadas de diamba:

“Ó diamba, sarambanba!
Quando eu fumo a diamba,
Fico com a cabeça tonta,
E com as mínhas pernas zamba.

Fica zamba, mano? (pergunta um)
Dizô! Dizô! (respondem todos em côro)

Diamba matô Jacinto,
Por ser um bão fumadó;
Sentença de mão cortada,
P'ra quem Jacinto matô.

— Matô, mano, matô?
Dizô, dizô!

E dizô turututú
Bicho feio é caititú
Fui na mata de Recursos
E saí no Quiçandú.
Muié brigô cum marido
Móde um pôco de bijú.

— Brigô, mano, brigô?
Dizô, dizô!

Dizô, cabra ou cabrito
Na casa da tia Chica.
Tem carne não tem farinha,
Quando não é tia Chica
Então é a tia Rosa.
Quanto mais véia seboza,
Quanto mais nova mais cherosa.

— Cherosa, mano, cherosa?
Dizô, dizô!

Dizô deve ser um têrmo africano que traduz a idéia de aprovação
— sim.

É interessante notar como, apesar de tantos anos que nos separam da
escravatura, ainda acompanham o vício da diamba têrmos vindos com
ela das costas africanas.

O nosso matuto emprega o têrmo sem lhe conhecer a significação.
Perguntamos a um assistente dessa sessão, o que queria dizer “dizô”, e êle
nos respondeu textualmente: “dizô”, é sutaque de gente doida...”

Os versos, recitados sem acompanhamento de instrumento musical, são
ditos pelos mais fortes, mais resistentes à ação embriagadora da diamba;
quanto aos mais fracos, depois de uma cachimbada caem no chão em es-
tado de coma: “êles si disgraçam logo”, segundo a gíria.

EFEITOS DA DIAMBA

O nosso amigo, o ilustre médico maranhense, Dr. Achilles Lisboa, num
substancial discurso pronunciado por ocasião da instalação da Sociedade
Maranhense de Agricultura, em 24-2-1918, faz um pequeno, mas muito in-
teressante esbôço do vício da diamba:

“É interessante que cada embriagado tenha alucinações sensitivas ou sensoriais especiais, que lhe condizem com a mentalidade própria; se é um músico, predominam as alucinações auditivas; se é um pintor são as alucinações visuais; se um poeta, é a visão fantástica de tôdas as quimeras que lhe povoam a alma de artista; há casos de fenômenos delirantes de violência extrema, com impulsões criminosas, e de delírios persecutórios, com idéias melancólicas, conduzindo ao suicídio. Terminada a face do delírio, lembra-se o paciente de tudo quanto durante ela se passou, e a embriaguez é, às vêzes, seguida de um sono calmo, abundante em sonhos deliciosos. Assim se exprime, no seu depoimento, o Dr. Aubert, médico francês, que experimentou em si próprio os efeitos da diamba: “Pendant ce temps, les idées les plus bizarres et les plus diverses me passaient par la tête avec une étonnante rapidité. Je ressentais un bien-être parfait, aucune sensation douloureuse; le passé, le présent, l’avenir n’existaient plus; il n’y avait pour moi que l’instant actuel qui m’échappait encore; c’était le “dolce far niente” le plus complet, et toujours la conscience de moi, pour en comprendre la jouissance. Puis le tout se calme; l’envie de dormir me prit. Tout la nuit ne fut qu’une agréable rêve. A mon réveil, j’avais un souvenir exact de tout ce qui s’était passé la veille; ma tête n’était point lourde, je n’avais pas la bouche pâteuse comme à la suite de l’opium ou du vin.”

Mais adiante, confirmando as nossas informações, diz:

“O abuso da diamba, porém, como se dá entre os nossos homens de trabalho que analiso, deprime consideravelmente as funções nervosas, ao ponto de levar a um verdadeiro estado de estupidez, no qual se dissolve para assim dizer a personalidade moral. O indivíduo perde o brio, a dignidade, o sentimento do dever, e, incapaz para todo o trabalho, não busca senão (é o caso de Raimundo) obedecer à tirania do seu vício execrando.”

Mas, largando as vagas generalidades, a observação mais curiosa, que vos posso referir, para o conhecimento do perigo desta causa degradativa do nosso trabalhador agrícola, é a do caso de um francês que administrou no Codó (cidade que fica à margem esquerda do rio Itapicuru, entre Caxias e Coroatá) a fazenda do Dr. Torquato Mendes Viana, venerando progenitor do nosso ilustre jurisconsulto Dr. Godofredo Viana, a cuja benevolência devi os documentos da interessantíssima informação. Foi êle contratado logo após a guerra de 1870, mediante escritura visada pelo cônsul francês. Por dois ou três anos, desempenhou êsse mister com muito zêlo, competência e absoluta honestidade.

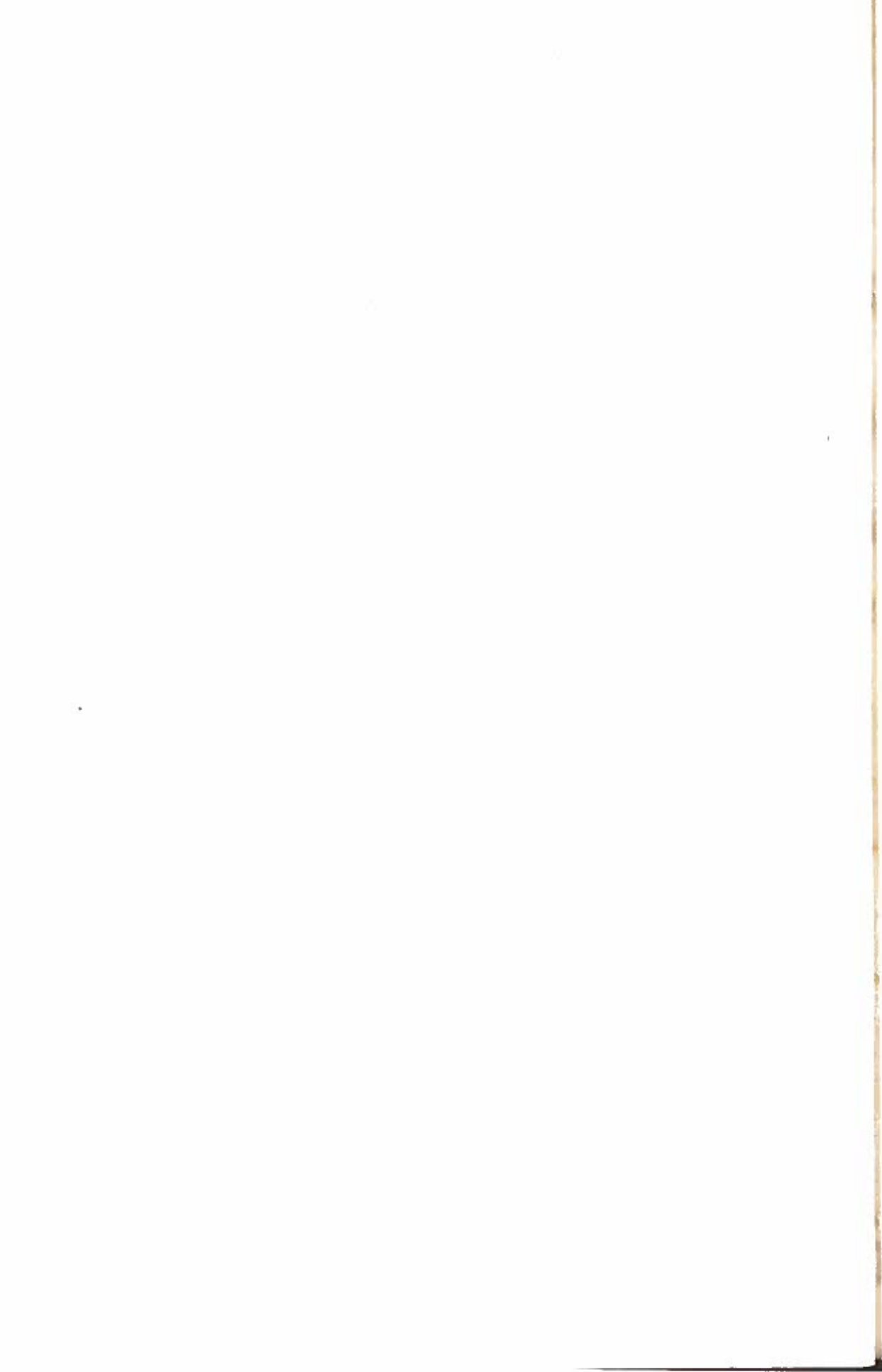
Os escravos tinham-lhe um grande afeto, pelo modo brando porque os tratava, seguindo, é certo, nesse particular, as instruções do proprietário da fazenda. Era um espírito eminentemente organizador, metódico e equilibrado, como se depreende do modo porque agiu ao assumir a direção da-quele estabelecimento. Tendo, entretanto, conhecido a diamba, de que os pretos africanos faziam uso às ocultas, começou a fumá-la, de princípio em cabaça e depois em cigarros. A mudança de sua conduta foi logo sensível. As cartas que dirigia da fazenda ao Dr. Mendes Viana e que eram sempre muito minuciosas, a respeito do movimento da mesma, começaram a causar estranheza, pela desconexidade que lhes notava.”

“Com a leitura de tais disparates, resolveu então o Dr. Mendees Viana visitar a Fazenda. Imagine-se que, ao entrar no vasto pátio que lhe ficava em frente, dá com o francês inteiramente nu, perfilado, mandando avançar colunas imaginárias, em tom de comando.

Numa das cartas, que possuímos, encontra-se uma nota a lápis, em que o administrador faz alusão a um uniforme de sargento que lhe pertence. Essas cartas, foram-nos entregues pelo Dr. Achilles Lisboa; elas de-



*Fumando maconha em "assembleia" ou "confraria". "Os ju-
males reúnem-se, de preferência, na casa do mais velho ou do
que, por qualquer circunstância, exerce influência sobre eles, for-
mando uma espécie de clube, onde, geralmente aos sábados, cele-
bram as suas sessões." (Dr. F. de Assis Iglésias).*



verão fazer parte de uma monografia, a mais completa possível, que, em colaboração com aquêlê illustre homem de ciência, vamos publicar.¹

Terminava assim a história do veterano de 1870:

“Agravando-se-lhe o delírio, decidiu o Dr. Mendes Viana, fazê-lo partir para a capital, na esperança de que êle melhoraria em São Luís. Mas, escoando-se os meses sem que a loucura desaparecesse, entendeu-se o Dr. Mendes Viana com o cônsul da França, fazendo-lhe entrega do enfêrmo. Foi êste embarcado num navio francês que por aqui passou. Tempos depois, recebeu o Dr. Mendes Viana uma carta sua datada já da França. Estava bom, inteiramente bom, e aludia com acentuada mágua, às loucuras que por aqui praticara. Acrescentava que os duros trabalhos a que a bordo o tinham submetido lhe restituíram a razão”.

Alguns anos decorridos, o Sr. Inácio José de Souza, encontrando-se com o Dr. Mendes Viana, participou-lhe que estivera em Caiena com um comerciante francês, muito bem estabelecido e grandemente acreditado, que, com muito elogios se lhe referira a êle, Dr. Mendes Viana, de quem se confessava amicíssimo, tendo estado à testa de uma fazenda sua em Codó.

A continuação do vício traz como resultado final — a morte.

Vimos os diambistas, nos seus delírios poéticos, declamar que “a diamba matô Jacinto por ser bão fumadô.”

Não obstante isso, êsses miseráveis não têm mais força para se libertar de um vício, que, por algumas horas de prazer, como são todos os vícios, lhes rouba anos de vida.

Assim como um crime atrai outro crime, um vício se une a outro vício: afinidade infernal — *Similia similibus facile congregantur*. É muito comum as meretrizes se rodearem de um sem número de vícios que ajudam a dar cabo da sua desgraçada vida.

Como se o éter, a cocaína, a morfina, o ópio não bastassem para flagelá-las, já descobriram a diamba — a planta da loucura.

Extrema miséria: a diamba está passando das tascas e choupanas da gente rude para as câmaras das prostitutas!

Logo, muito logo, os moços elegantes se embriagarão com a diamba: e como, desgraçadamente, êles têm irmãs, o vício terrível passará a fazer parte da moda, como já o é, a mania do éter, da morfina, da cocaína, etc.

A história está-se repetindo: as Helenas modernas, não deixarão de ofertar aos seus Telêmacos espartilhados o inebriante haschisch, a planta da felicidade, que nós chamamos — planta da loucura.

Certos indivíduos empregam a diamba como medicamento, em forma de chá. A diamba que se vende é acondicionada em pequenos molhos de 50 gramas.

O cânhamo é conhecido nos Estados do Piauí e Maranhão pelo nome de Diamba, que acompanhou intato a planta naturalmente introduzida naqueles Estados pelos negros do Congo.

Certos têrmos usados nas estrofes recitados por ocasião da embriaguez, como acima vimos, são africanos.

¹ Infelizmente, as cartas acima referidas, perderam-se na redação dos Anais de Medicina e Cirurgia, de sorte que ficamos sem o concurso dessa valiosa documentação. O signatário das mesmas parece que foi veterano das guerras de 1870, porque, às vêzes, faz alusão a êsse episódio histórico que arrebatou, da França, a Alsácia e a Lorena. Acompanhavam o texto, desenhos de espadas e outras coisas quase indecifráveis como certos quadros surrealistas da atualidade.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

No intuito de estudarmos a ação tóxica da diamba nos animais de laboratório, imaginamos um aparelho em que a administração se aproximasse das condições em que a absorvem os inveterados fumadores.

A fig. 114 representa o aparelho por meio do qual os animais de laboratório sofrem a ação da fumaça da diamba.

A fim de fazer passar o ar que vai ativar a combustão da diamba, levando a fumaça à sua bôca, introduz-se pelo cano. A uma corrente de ar; o cachimbo, o que está no tubo de vidro arrolhado pelos tampões *b* e *b'*, está cheio de diamba com uma brasinha em cima e desprende, imediatamente, a fumaça, que se introduz no recipiente *d* pelo tubo *e*; a fumaça aí atravessa a camada de água contida no recipiente referido, e foge pelo tubo *g*, introduzindo-se na campânula *h*, onde está o animal em experiência.

1.^a experiência — *Pombo n.º 1* — Colocado diante do funil (campânula (*H*), donde se desprendia a fumarada oriunda da combustão, observamos, depois de alguns instantes, fenômenos de excitação, caracterizados pela agitação desordenada da cabeça, movimentos de deglutição, batimento de asas, etc. Estes fenômenos duraram alguns instantes, ao cabo dos quais o animal cai e no fim de 3 minutos, fica anestesiado, com a respiração muito acelerada. Retirado da frente do aparelho inalador, o animal pouco a pouco vai-se restabelecendo, podendo a princípio andar, mas não podendo voar. Depois de 15 minutos aparecem vômitos, que se prolongam: findos estes, o animal se restabelece.

2.^a experiência — *Pombo n.º 2* — animal é colocado em uma campanula afunilada (*h*), onde o ar pode circular de mistura com o fumo. Os mesmos fenômenos foram observados, com mais rapidez.

3.^a experiência — *Cobaia n.º 1* — Com cêrca de 400 gramas. Colocada diante do aparelho inalador, durante 5 minutos apresentou sintomas semelhantes aos observados no pombo: período de excitação e período de sonolência e paralisia, com restabelecimento em 15 minutos, permanecendo num estado de torpor que foi observado durante algumas horas.

4.^a experiência — *Cobaia n.º 2* — Com pêso idêntico ao da primeira; foi colocada debaixo da campânula. Os mesmos sintomas foram observados, notando-se no período do restabelecimento, exagêro muito pronunciado de fenômenos reflexos.

5.^a experiência — *Cachorro* — Um cachorro de 1.700 gramas recebeu o produto de combustão do conteúdo de dois cachimbos, cêrca de 4 gramas de vegetal, durando a inalação uns 10 minutos. Observamos o período de excitação e a mesma sonolência e paralisia que fôra notada nos animais anteriores.

O animal permaneceu sonolento e paralisado em decúbito lateral por 8 minutos. Ao cabo desse tempo, levantou primeiro a cabeça, e depois de alguns minutos conseguiu colocar-se sôbre as patas anteriores, tendo entretanto, os membros posteriores em estado de paralisia; depois de mais alguns minutos em que foi observado o movimento desordenado da cabeça, como se o animal estivesse sob a ação do álcool, conseguiu pôr-se sôbre as quatro patas.

Chamado ou enxotado, movia-se com dificuldade, muito lentamente, descrevendo ziguezagues, como se observa nos bêbedos. Dentro de duas horas o animal estava restabelecido completamente.

6.^a experiência — O líquido de lavagem foi injetado na veia de diversos coelhos em doses variáveis, desde 1cc. até 5 cc., não sendo observado sintoma algum de envenenamento. Em injeção sub-cutânea na cobaia, também não determinou fenômeno algum apreciável.

Esta parte experimental foi feita em colaboração com nosso mestre Dr. Vital Brasil.

O Dr. Jesuino Maciel fêz um seu empregado e um estudante de medicina fumar a diamba. O primeiro sentiu leve tontura, ao passo que o segundo caiu em sono profundo, tendo tido durante o mesmo sonhos eróticos. O estudante era de constituição mais fraca do que o empregado.

Esta observação foi comunicada pelo Dr. Maciel à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1.º-6-1915.

CONCLUSÕES

1.^a) No norte do Brasil cultiva-se a *Cannabis sativa*, conhecida em diversas regiões, por diamba, liamba, maconha e moconha, com o fim de ser fumada por indivíduos viciados, que procuram neste vício um estado de embriaguez especial.

2.^a) Este vício, extremamente nocivo, determina graves perturbações de saúde, que se traduzem ordinariamente por alucinações, podendo terminar por alterações mentais que levam às vezes ao crime ou ao suicídio.

3.^a) Essa espécie vegetal, com seu uso nefasto, foi introduzida no país pelos africanos.

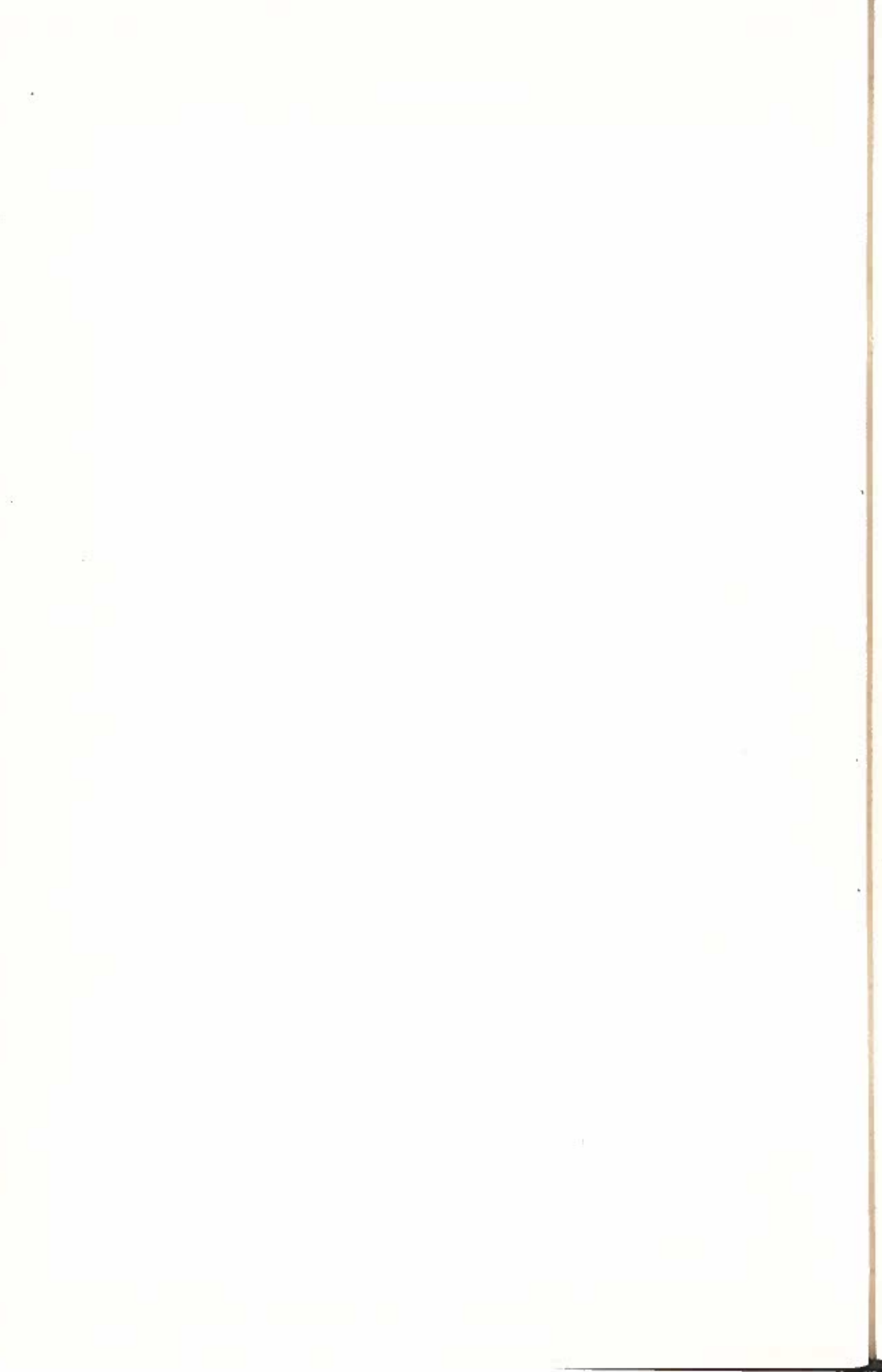
4.^a) A sua ação tóxica verifica-se por experiência em animais de laboratório, quando a êste é administrada de modo idêntico àquele pelo qual o homem viciado o pratica.

5.^a) A água através da qual passa o fumo da diamba, não obstante a côr escura adquirida pela lavagem do fumo, não revelou toxicidade quer quando injetada subcutâneamente, quer por via venosa.

6.^a) Medidas enérgicas de profilaxia devem ser adotadas pelos poderes competentes a fim de evitar as graves conseqüências da extensão dêsse perigoso vício.

BIBLIOGRAFIA

- ✓ BRANDÃO (A.) — *Tabagismo* (Tese de doutoramento), Bahia, 12 de abril de 1902.
- ✓ BRANDÃO (A.) — *Viçosa de Alagoas*, Recife, 1914, pág. 183.
- ✓ COLLIN — *Toxicologie végétale*, pág. 144.
- ✓ CAMINHOÁ — *Elementos de Botânica Geral e Médica*.
- ✓ DÓRIA, (Rodrigues) — *Memórias apresentadas ao Segundo Congresso Científico Pan-Americano*, em Washington.
- ✓ LANESSAN — *Hist. Nat. Médicale* — V. I., pág. 1032.
- ✓ LISBOA, (A.) — *Discurso pronunciado por ocasião da instalação da Sociedade de Agricultura Maranhense*, em 24-2-1918.
- ✓ MACIEL — *Comunicação à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo*, em 1.^o-6-1915.



VÍCIO DA DIAMBA

ADAUTO BOTELHO E
PEDRO PERNAMBUCO

Embora quase desconhecido, existe um vício parecendo originário da África e que atualmente invade de um modo assustador o interior do Brasil e já merece atenção dos dirigentes de alguns Estados do Norte. Chama-se a esta toxicomania o vício da *diamba*, e sobre isto recentemente alguma coisa escreveu o Sr. Assis Iglésias. São palavras suas: "Sob o nome de *diamba*, a *Cannabis sativa* é cultivada em certas regiões do norte do Brasil e suas fôlhas são fumadas em cachimbos especiais, onde a fumaça antes de ser aspirada, se lava em uma camada de água. O vício, que é de origem africana, tem seus adeptos principalmente nos sertões. A *Cannabis sativa* é ainda conhecida pelo nome de *moconha*, *maconha*, *fumo de Angola* e *diamba*."

Raramente o viciado fuma a diamba em forma de cigarro; via de regra fuma em cachimbos especiais como faziam os africanos. Este cachimbo é feito de uma cabaça em que uma das partes leva uma panelinha de barro onde se colocam as fôlhas da diamba com uma brasa; na outra parte se fixa um canudo por onde o fumador aspira a fumaça, que, antes de chegar à bôca do viciado, é lavada e resfriada na água que se põe dentro da cabaça. É tal o número dos que se entregam ao uso dêste tóxico, que já existem verdadeiros clubes de diambistas, os quais se reúnem em sessões de *fumeiros*.

Os efeitos da diamba são os seguintes: tomadas as primeiras baforadas, o indivíduo apresenta os olhos vermelhos, os músculos da face contraídos, dando ao rosto uma expressão estranha. A embriaguez vem logo, com delírio a princípio agradável, dando um bem-estar, mas vai aumentando depois até uma grande agitação que toma formas diversas conforme o temperamento do indivíduo. Uns ficam em completa prostração, outros cantam, gritam, correm, tornam-se agressivos e perigosos.

No comêço do vício, depois de cessada a embriaguez, voltam ao estado normal; quando, porém, o indivíduo está inveterado no hábito, tem sempre, diz Iglésias, aspecto e modo de idiota; é um homem à margem.

Durante a sessão do vício dizem versos especiais que demonstram bem a origem do tóxico.

"Ó diamba, sarabamba!
Quando eu fumo a diamba,
Fico com a cabeça tonta,
E com as minhas pernas zamba.

Fica zamba, mano? (pergunta um)
Dizô! Dizô! (respondem todos em côro).

Alberto Deodato, num dos contos do seu interessante livro *Cannaviais*, prêmio da Academia de Letras, escreve:

"Nós arrumava sôbre a esteira a maricas, o molhe de maconha, cuidando dos preparativos, com aquêlê prazer egoísta, seu, em primar como veterano

no vício... E trazia aos poucos as drogas, cheirando a planta com volúpia, beijando a maricas, abraçando-a, antes de colocá-la sôbre a esteira.

Olhava-a longamente, ébrio de alegria, e ia buscar outro objeto, tremendo, esfregando as mãos, satisfeito.

Inácio olhava tudo, suspenso, indiferente à ânsia e ao prazer antegozado por seus companheiros. Afinal, Néó sentou-se à cabeceira.

A luz macerava as caras rústicas dos degenerados, afundando-lhes os olhos, pondo-lhes em relêvo a ossatura.

Néó, com os beiços arregaçados, exibindo as gengivas roxas, os braços cruzados beaticamente nos peitos, os olhos quebrados, regougou, sonâmbulamente:

— Maricas, minha maricas,
Maricas do Néó cangonha:
Eu morro de bôca torta
De tanto chupar maconha

Os companheiros lhe responderam, com religiosidade, de braços cruzados e o busto rodando miúdo sôbre o assento:

— É de Congo
Saraminhongo...
— É de Congo
Saraminhongo...

Néó chupou longamente o canudo de maricas, cuja água aquecida filtrava o fumo da maconha. Saboreou estrábico o narcótico e, dentro de um novêlo de fumaça, gaguejou:

Maconha é bicho danado,
Bicho danado é maconha;
De tanto bem à maricas
a gente perde a vergonha...

A maricas passou pela roda. Cada fumador tirava o seu trago no mesmo vaso, demorando-se em saboreá-lo, peneirando o busto e contrariando os músculos do rosto que espreniam o estribilho monótono:

— É de Congo
Saraminhongo...

Quando foi da vez de Inácio, o iniciado olhou-a longamente com a tristeza infinita de sua mágoa... Como os seus companheiros, chupou, sôfrego, o gargalo. Careteou estremeccendo, repugnando. Néó, porém, desassisado, babujou cabisbaixo um pedaço da quadra:

— Lá vai s'embora a fumaça
Da minha maconha, Chico...

E os versos rarearam... O estribilho morreu na bôca dos narcotizados.

Inácio, na quinta baforada, levantara-se aos trambulhões para cair por cima de um lombilho, jogado a um canto. Levantando-se da letargia longa, começou, em estremeções, a roncar cavernosamente. Altas horas, ergueu-se com os olhos paralizados, cadavêricamente branco.

Voltou a cabeça para os lados, perscrutando. Apalpou o espaço, o próprio peito, a barriga, o cinturão... Os dedos contraíram-se nervosos, subindo da bainha ao cabo de osso da lambedeira. Parou e atentou. A lâmina

da arma branca riscou à meia luz. Com os beiços arregaçados, numa expressão de ferocidade, Inácio triturou nos molares a última palavra:

— RRRróosa!

E o corpo, desequilibrando-se nos calcanhares, baqueou, contraindo-se numa agonia silenciosa e lenta.”

O Sr. Iglésias, para melhor estudar a ação tóxica da diamba, resolveu fazer com um aparelho, por êle imaginado, algumas experiências em animais de laboratório, experiências estas que pelo seu interêsse abaixo transcrevemos.

1.^a experiência — Pombo n.º 1 — Colocado diante do funil, onde se desprendia a fumarada oriunda da combustão, observamos, depois de alguns instantes, fenômenos de excitação, caracterizados pela agitação de azas, etc. Êstes fenômenos duraram alguns instantes, ao cabo dos quais o animal cai e, no fim de 3 minutos, fica anestesiado, com a respiração muito acelerada. Retirado da frente do aparelho inalador, o animal pouco a pouco vai se restabelecendo, podendo a princípio andar, mas não podendo voar.

Depois de 15 minutos aparecem vômitos, que se prolongam. Findos êstes, o animal se restabelece.

2.^a experiência — Pombo n.º 2 — O animal é colocado em uma campânula afunilada, onde o ar pode circular de mistura com o fumo. Os mesmos fenômenos foram observados, com mais rapidez.

3.^a experiência — Cobaia n.º 1 — Com cêrca de 400 g. Colocada diante do aparelho inalador durante 5 minutos apresentou sintomas semelhantes aos observados no pombo: período de excitação e período de sonolência e paralisia, com restabelecimento em 15 minutos, permanecendo, no entanto, num estado de torpor que foi observado durante algumas horas.

4.^a experiência — Cobaia n.º 2 — Com pêso idêntico ao da primeira; foi colocada debaixo da campânula. Os mesmos sintomas foram observados, notando-se, no período do restabelecimento, exagêro muito pronunciado de fenômenos reflexos.

5.^a experiência — Um cachorro de 1.700 gramas recebeu o produto de combustão do conteúdo de dois cachimbos, cêrca de 4 gramas de vegetal, durante a inalação, uns 10 minutos. Observamos o período de excitação e a mesma sonolência e paralisia que fôra notada nos animais anteriores.

O animal permaneceu sonolento e paralisado em decúbito lateral por 8 minutos. Ao cabo dêsse tempo levantou primeiro a cabeça, e depois de alguns minutos conseguiu colocar-se sôbre as patas anteriores, tendo, entretanto, os membros posteriores em estado de paresia: depois de mais alguns minutos em que foi observado o movimento desordenado da cabeça, como se o animal estivesse sob a ação do álcool, conseguiu pôr-se sôbre as quatro patas.

Chamado ou enxotado, movia-se com dificuldade, muito lentamente, descrevendo zinguezagues, como se observa nos bêbados.

Dentro de duas horas o animal estava restabelecido completamente.

6.^a experiência — O líquido de lavagem foi injetado na veia, desde 1 centímetro até 5 centímetros, não sendo observado sintoma algum de envenenamento. Em injeção subcutânea na cobaia, também não determinou fenômeno algum apreciável.

Esta parte experimental foi feita em colaboração com o mestre Dr. Vital Brasil.

O Dr. Jesuíno Maciel fêz um seu empregado e um estudaste de medicina fumarem a diamba. O primeiro sentiu leve tonteira, ao passo que o segundo caiu em sono profundo, tendo tido, durante o mesmo, sonhos eróticos. O estudante era de constituição mais fraca do que o empregado.

Esta observação foi comunicada pelo doutor Maciel à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1.º-6-1915.”

Vê-se, pois, como entre as classes pobres e quase incultas dos nossos sertões, um novo vício, pior talvez que o álcool, começa a fazer a sua obra destruidora e desgraçadamente parece que, como se não bastassem já os outros tóxicos, a diamba tende a entrar para o rol dos vícios elegantes.

Consta-nos que, na capital de um grande Estado, as decaídas já iniciaram seu culto à diamba, a que Iglésias chama a *planta da loucura*.

Dir-se-ia, dada sua origem, que a raça, outrora cativa, trouxera bem guardado consigo, para ulterior vingança, o algoz que deveria mais tarde escravizar a raça opressora.

O VÍCIO DA DIAMBA

DR. OSCAR BARBOSA

Em alguns Estados do norte do Brasil expande-se, ameaçadoramente, um vício ainda pouco conhecido, — o vício da diamba —, que consiste em fumar as fôlhas ou sumidades floridas da *Cannabis sativa*, planta conhecida ali pelo nome vulgar de diamba.

As observações mais recentes demonstram tratar-se de um entorpecente terrível, de um flagelo nacional, que já reclama a atenção dos médicos nortistas e das autoridades competentes. Parece certo que o vício aportou em nossas plagas por ocasião do tráfico africano, porque seus adeptos se contam em maior número entre os pretos vindos de além-mar e seus descendentes, e ainda por causa das cerimônias fetichistas com que rendem culto ao *fumo de Angola*, outra denominação por que também é conhecida a diamba.

Os sertanejos do Norte mais vêzes fumam a diamba em cachimbos especiais, volumosos, contendo água, em que a fumaça se resfria e se lava antes de ser aspirada. Menos freqüentemente é fumada sob a forma de cigarros.

SINONÍMIA

A diamba do norte do País também é chamada *maconha*, *moconha*, ou como já falamos, *fumo de Angola*. Diamba, porém, é a denominação mais vulgar nos estados do extremo norte. Existem ainda as corruptelas *liamba* ou *riamba*. Em Alagoas e Sergipe, nas margens do São Francisco, é mais conhecida por *fumo de Angola*, talvez pela analogia entre o uso das fôlhas desta planta e o das fôlhas do tabaco.

Os dicionários de Moraes, Aulete e outros registram, sem razão, a palavra "liamba" (*Cannabis sativa indica*) como erva brasileira. Estudando a *Cannabis sativa* e a sua variedade *indica*, escreve Bentley: "Esta planta é igualmente conhecida sob o nome de *liamba*, na África Ocidental, onde é empregada para fins intoxicantes, sob os nomes de *maconia* ou *makiah*." Esta afirmativa de Bentley e as várias corruptelas das palavras *diamba* e *maconha*, por troca apenas de uma letra, assim como a denominação *fumo de Angola*, tudo fala favor da origem africana da erva atualmente cultivada no Brasil.

Em 1910, quando estêve na presidência do Estado de Sergipe, o Prof. Rodrigues Dória pôde fazer a identificação da diamba com o cânhamo, cultivando ali a planta com sementes adquiridas nas margens do rio São Francisco.

HISTÓRICO

Podemos confirmar, sem dúvida, a identidade entre a diamba e o cânhamo comum, — *Cannabis sativa* ou sua variedade *indica* —, com ligeira modificação, devida ao nosso clima tropical, em que adquire propriedades mais ativas e mais enérgicas.

Com o cânhamo os asiáticos preparam o *haschich* e outras misturas. O *haschich*, com o pó das folhas e flores. Ainda costumam fumar tais folhas, que, colhidas na época da floração e dessecadas convenientemente, recebem o nome de *gunjah*.

O cânhamo, como planta diótica, é conhecida em seus dois sexos, desde priscas eras, nas antigas obras chinesas, em particular no Shu-King, escrito 500 anos antes de Cristo (Candolle). Encontra êle vocábulos equivalentes em sânscrito, como *bangá* e *gangika*. A raiz *ang* ou *an* dêstes nomes transmitiu-se a tôdas as línguas indo-européias e semíticas: *bang* é a forma indu e persa, *ganga* é como se escreve em bengali, *hanf* em alemão, *kanas* em céltico e baixo-bretão moderno, *cannab* em árabe e *cannabis* em grego e latim.

Heródoto fala do emprêgo do cânhamo pelos citas que bebiam o decocto dos grãos verdes de cânhamo, porém, ao seu tempo, os gregos apenas o conheciam. Hieron II, rei de Siracusa, comprava a corda de cânhamo para confecção de vasos, e Lucílio foi o primeiro escritor romano que se referiu a planta, um século antes de Cristo. Não encontramos alusão ao cânhamo na literatura hebraica e parece não entrou na preparação de múmias dos antigos egípcios. Mesmo no fim do século XVIII da nossa era, o cânhamo era cultivado no Egipto apenas por causa do *haschich*, substância inebriante. O código das leis judaicas, chamado *M-chna*, organizado sob o domínio romano, fala sôbre a utilidade do cânhamo na indústria têxtil. É muito provável que, um pouco antes da guerra de Tróia, por ocasião de suas migrações, mais ou menos XV séculos antes de Cristo, os citas tenham transportado esta planta da Ásia central e da Rússia para o Oeste. Se houvesse sido introduzida na Trácia e Europa ocidental pelas invasões anteriores dos arianos, a Itália teria tido conhecimentos dela mais cedo.

Já nos referimos à lenda do *Príncipe do Líbano*, Hassamben-Sabak-Homaisi, apelidado o *Velho da Montanha*, que na Idade Média, entre 1090 e 1160, conseguia tudo quanto desejasse, até hecatombe de seus adversários, mediante a ação do *haschich*. Sem a menor e qualquer suspeita, valia-se, por vêzes, de indivíduos da mais alta classe social como instrumento de vinganças. Êste mesmo príncipe fazia os seus soldados tomar o *haschich*, para fanatizá-los e dar-lhes, assim, fúria e intrepidez, quando fôsem assassinar os inimigos. A lenda chamou-lhe, por isto, príncipe dos *haschichinos*, daí a origem árabe da palavra "assassino". Dizem que, de então, aquêlê nome foi dado aos israelistas que, meio, embriagados ou exaltados pela ação do *haschich*, matavam alguém (Caminhoá).

Dizem ainda que o célebre *remédio das mulheres de Dióspolis*, de cuja fórmula guardavam elas sigilo, bem como o *nepenthes* de que fala Homero e que Helena recebera de Polimnesto, não era outra coisa senão a *Cannabis sativa*. Conta-se mais que a bebida que, em casa de Menelau, fôra por Telêmaco recebia de Helena para esquecer seus males, também era o *haschich*.

Os cruzados, na defesa do Santo Sepulcro, viram seus efeitos nos mulçumanos, nas lutas sangrentas em que êstes pelejavam até a morte. Para culminar o fanatismo dos infiéis, o Alcorão rezava que a maior virtude considerada por Allah era morrer na guerra!...

Marco Polo observou o uso do cânhamo nas côrtes orientais, entre os emires e sultões. Dizem alguns botânicos que o cânhamo faz as delícias dos árabes, persas, indianos, etc., por causa do estado de êxtase que lhes

proporciona. Em seguida, adormecem e tem sonhos eróticos e agradáveis. Por isto, também é denominado a *planta da felicidade*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

As verificações sôbre o habitat da *Cannabis sativa* estão acordes com os históricos e lingüísticos.

A planta já foi encontrada em estado selvagem no sul do mar Cáspio, na Sibéria, perto de Irtysch, no deserto de Kirghiz ao pé das montanhas situadas além do lago Baikal e no govêrno de Irkutsch. Os autores afirmam sua existência em tôda a Rússia meridional e média e no sul do Cáucaso. A antigüidade da cultura na China faz crêr que o *habitat* se estende bem para leste, pôsto que os botânicos não o tenham provado ainda. Boissier opina que a *Cannabis sativa* é quase espontânea na Pérsia. "Duvido que ela aí seja indígena, porque, em caso afirmativo, os gregos e os hebreus a teriam conhecido" (Candolle).

O cânhamo é muito usado no vale do Tigre e Eufrates, nas Índias, na Pérsia, no Turquestão, na Ásia Menor, no Egito e em todo o litoral africano. A êste respeito diz Charles Eloy, no seu artigo *Haschichs*: "Na África, das margens do Mediterrâneo até o Cabo da Boa Esperança, é vulgar o emprêgo da *Cannabis indica*, e, nas diversas partes da Ásia, mais de duzentos milhões de homens são escravos dêste hábito." Não resta dúvida que é da África que nos veio a diamba ou maconha.

No norte do Brasil, o vício de fumar a diamba vem-se difundindo espantosamente, causando degenerações individuais e concorrendo para práticas criminosas. Os negros para ali encaminhados para a lavoura da cana de açúcar, os índios catequizados e os mestiços dêle faziam uso. Ainda é pouco conhecida nos meios civilizados da nossa sociedade, mesmo nos Estados onde existe em abundância (Rodrigues Dória).

Como já dissemos, com o cânhamo prepara-se o *haschich*, cuja manipulação ainda é pouco conhecida. Alguns povos do Oriente costumam fumar o pó das folhas e flores da planta no *narghileeh*. A palavra *haschich* é árabe e significa a *erva por excelência*, a qual entra como base de diferentes misturas mais ou menos narcóticas e, algumas, tóxicas, com nomes diversos, sendo os mais usados: o *dawamec* ou *dawanese*, na Pérsia, na Arábia e noutros países do Oriente; o *mapouchari* ou *rupon-chari*, no Cairo; o *maoou* ou *majoon*, em Calcutá; e a diamba no interior da África Ocidental. Dizem, entretanto, que a denominação diamba é dada pròpriamente ao cânhamo no Congo, perto do rio Zairo. Os nomes *makonie* e *majiah*, afirma o professor Haoker, pertencem à mesma planta, na África, e muito se parecem com a palavra grega *mekou*, que significa "papoula", planta também hipnótica, de que se extrai o ópio. Os *hachahs*, ou comedores, bebedores e fumadores de *haschich*, consomem o tóxico em estabelecimentos especiais, semelhantes às casas de fumar ópio, a que todos dão o nome de *maschechels*.

Entre nós, a diamba é usada como fumo e, com menos freqüência, em infusão. Entra na composição de certas beberagens empregadas pelos feiticeiros, em geral pelos pretos africanos ou velhos caboclos. Nos *candomblés*, testas religiosas dos africanos ou crioulos dêles descendentes, que lhes herdaram os costumes e a fé, é empregada para produzir alucinações e excitar os movimentos nas dansas selvagens dessas reuniões barulhentas. Em Pernambuco, a erva é fumada nos *catimbós*, lugares em que se fazem os feitiços e que são freqüentados pelos que vão ali procurar a sorte

e a felicidade. Em Alagoas, nos sambas e batuques, que são dansas introduzidas pelos pretos africanos, fazem uso da planta, e também entre os que *porfiam na colcheia*, o que entre o povo rústico consiste em um diálogo rimado e cantado, em que cada réplica, quase sempre em quadras, começa pela deixa ou pelas últimas palavras do contendor. (Rodrigues Dória).

Dizem que a diamba os torna mais espertos e lhes dá grande inspiração e facilidade de rima. Assim é que, depois de sorverem a fumarada em haustos profundos, provocam o desafio ou duelo poético, e outras vezes entram mesmo em lutas corporais, com fúria e ódio, tornando-se necessária a intervenção da polícia!

É comum fumar a diamba nos quartéis, nas prisões, nos bordéis e em sessões íntimas, nos lugares muito semelhantes às fumerias de ópio. Outros preferem fumá-la isoladamente.

Os Drs. Aristides Fontes, de Aracaju, e Xavier do Monte, de Propriá, fizeram descrição da planta cultivada em Sergipe.

Mais recentemente, durante as suas várias e demoradas visitas ao Maranhão, o Sr. Francisco de Assis Iglésias observou, com vivo interesse, as culturas de diamba feitas em Coroatá e Codó, nas margens do Itapicuru. Naquela cidade fez as suas primeiras pesquisas sobre a planta. Foi também a Piauí, onde havia outras culturas. Elaborou uma monografia muito interessante, "Sobre o vício da diamba", em que estuda, satisfatoriamente, a planta e as conseqüências do seu uso.

Falou-nos o Dr. Pernambuco Filho de um artigo que lera, há algum tempo, no jornal "A Província do Pará", proclamando que o govêrno do Pará começava a tomar providências sobre o grande número de indivíduos que haviam contraído o vício de fumar a diamba. Vindo do Maranhão, este hábito invadira as classes baixas do estado, tendo sido encontradas, já bastas vezes, canoas de pescadores vagando à toa, sem seus homens, que, alucinados, se haviam lançado aos rios ou perdido nas florestas, nos quais depois, foram encontrados os corpos.

Há pouco, em uma conferência realizada na Sociedade Nacional de Agricultura, o Dr. Parreiras Horta, diretor da Inspetoria Geral do Serviço de Indústria Pastoral, chamou atenção para o problema da diamba e suas espantosa disseminação no Brasil, descrevendo o que viu nas margens do rio São Francisco, onde havia verificado, em certos lugares, que a diamba era comprada nas vendas tão corriqueiramente como a cachaça!...

Realmente, o vício da diamba constitui uma séria ameaça aos nossos patrícios, dada a rápida vulgarização que se vem notando, nos estados do norte, do flagelo que nos trouxeram os africanos e que, por sua vez, parece oriundo da Ásia, donde teria passado à Europa e África. E, ao que se sabe, até no Rio já existem fumadores de diamba!...

CARACTERES BOTÂNICOS

A diamba ou *Cannabis sativa* pertence à família botânica das canabíneas ou moráceas, que consta apenas de dois gêneros: *Cannabis* e *humulus*.

Ao gênero *cannabis* pertencem, como as mais importantes, a *Cannabis indica* Lamk., que é o cânhamo da Índia, e a *Cannabis sativa* ., que é o cânhamo comum, o cânhamo cultivado ou diamba. Atualmente, porém, a maioria dos clássicos considera a *Cannabis indica* e a *Cannabis sativa*



Vê-se, pois, como, entre as classes pobres e quase incultas de nossos sertões, um novo vício, pior talvez que o álcool, começa a fazer a sua obra destruidora e desgraçadamente parece que, como se não bastassem já os outros tóxicos, a diamba tende a entrar para o rol dos vícios elegantes. (professôres Pedro Pernambuco Filho e Adauto Botelho).



como uma só espécie, não sendo a primeira senão uma variedade da segunda.

O gênero *humulus*, que não nos interessa, compreende o *humulus lupulus*, que é o lúpulo, ou vinha do Norte de alguns lugares da Europa, a cujo princípio, a *lupulina*, se devem suas virtudes terapêuticas. É tônico, antivenéreo e afrodisíaco. Também entra na preparação da cerveja.

A respeito do cânhamo diz Lanessan, em sua "*Histoire Naturelle Médicale*": "É uma planta anual, dióica, ereta, ordinariamente pouco ramificada, ou tendo somente ramificações carregadas de flores. As folhas são alternas, estipuladas, longamente pecioladas, com o limbo profundamente partido em 3, 5 ou 9 lobos denticulados. As flores masculinas são dispostas em grupos axilares, laxos, pendentes, ramificados e destituídos de folhas em sua base. Cada flor é constituída de um cálice com cinco sépalas e de androceu com cinco estames livres e inseridos sobre as sépalas. As femininas são dispostas em grupos axilares perpendiculares, foliosos em sua base. Cada flor é sustida por curto pedúnculo e se desenvolve na axila de uma bráctea longa, verde, terminada por afilada ponta. A organogenia nos mostra que esta bráctea nada mais é do que uma folha atrofiada, com estípulas abortadas. Cada flor feminina se compõe de perianto em forma de cálice, constituído de duas sépalas concrecidas, recoberta de pequenas grândulas fôscas e tendo no centro um estilete que suporta o ovário, a princípio bilocular e mais tarde unilocular, pelo abortamento de uma das lojas. Ovário super, arredondado, encimado por dois pistilos recobertos de pêlos glandulíferos. A loja do ovário que se desenvolve contém apenas um óvulo anátropo. O fruto é um aquênio envolvido pela bráctea, arredondado, destituído de albumina, contendo um espesso embrião recurvado e oleaginoso.

Sob o nome de *Cannabis sativa* L. estão reunidas duas plantas que Lamark considerou especificamente distintas: "Cânhamo da Índia", a que deu, ao último, o nome de *Cannabis indica*. O "Cânhamo comum" é originário da Ásia central e ocidental, donde se estendeu a tôdas as regiões temperadas e quentes, até a Índia. A diferença entre esta que vegeta na Índia e a que cresce na França não é bastante considerável para justificar a separação de Lamark, e, se é verdade que aquela da Índia é mais ativa, está igualmente demonstrado que a intensidade da sua ação varia de acôrdo com a altitude da região que habita. Extrai-se, por exemplo, na Índia, daquela que cresce a uma altitude de 1.800 até 2.400 metros uma resina chamada *charas*, que se não obtém daquela que vegeta nas planícies.

As sumidades floridas do "Cânhamo da Índia" são muito empregadas neste país, onde elas formam a base do *haschich*. Dos princípios constituintes do cânhamo os mais importantes são a resina e um óleo volátil, que são narcóticos e estimulantes do sistema nervoso. O cânhamo é ainda importante pelo óleo que as suas sementes contêm e pelas suas fibras liberianas, longas e flexíveis, empregadas desde a mais remota antiguidade na indústria têxtil."

Conforme se depreende da descrição de Lanessan, foi Lamark um dos que pretenderam separar duas espécies de cânhamo, o que aquêle não acha justificável.

As observações que o Sr. Assis Iglés'as fez sobre as culturas de *Cannabis sativa* em Coroatá e Codó, às margens do rio Itapicuru, e em Mearim e Balsas, às margens dos rios dos mesmos nomes, (Maranhão) localidades situadas, portanto, em terrenos baixos, alguns até sujeitos a inunda-

ções das enchentes dos referidos rios, contradizem a asserção de Lanessan, no sentido de ser a atividade tóxica ou narcótica da planta variável com a altitude, porquanto o cânhamo ali cultivado, vulgarmente conhecido por diamba, determina uma verdadeira loucura naqueles que têm o hábito de fumá-lo.

Referindo-se à diamba cultivada no Estado de Sergipe, dizem os Drs. Aristides Fontes e Xavier do Monte: "A planta, da família das canabináceas, é herbácea, anual, atingindo, em Sergipe, um metro e meio, mais ou menos, de altura, dióica, com fôlhas inferiores opostas e alternas, as superiores, estipuladas, limbo profundamente fendido, com 5 e 7 lóbulos, bordas serrilhadas. A inflorescência feminina é em espigas compostas; as flores são regulares, na axila de uma bráctea persistente, que envolve o fruto, o qual é um aquênio, amarelo-escuro, com venulações claras. As inflorescências masculinas são em cachos de cimos. As inflorescências ocupam os vértices das hastes. O vegetal macho não atinge o crescimento nem tem a ramificação exuberante da fêmea."

Como se vê, há uma perfeita identidade entre o cânhamo e a diamba. Basta, para verificá-lo, comparar esta descrição com a de Lanessan.

COMPOSIÇÃO QUÍMICA E PROPRIEDADES FARMACODINÂMICAS

Consultando ao Prof. Del Vecchio sôbre a análise química da diamba, respondeu-nos que deixou de proceder a ela, desde que identificara a planta com o cânhamo, de composição química muito conhecida, e depois de ter visto a mesma identificação num trabalho do Prof. Rodrigues Dória, da Bahia, "Os fumadores de maconha".

Entretanto, era o nosso propósito, não fôra a exigüidade do tempo de que dispúnhamos, realizar a referida análise da planta cultivada no Brasil, ao menos para confrontarmos a proporção dos princípios ativos da *Cannabis sativa* adaptada ao nosso clima tropical, em que adquire propriedades mais ativas, com a daquela cultivada no estrangeiro.

Já nos referimos ao pó das fôlhas e flores do cânhamo ou *haschich* dos asiáticos, cuja manipulação ainda não é bem conhecida, e ao *charas* ou *churrus*, a célebre substância narcótica, obtida das glândulas que cobrem quase tôda a periferia da planta, substância esta que produz sonhos agradáveis (Martius). E existem ainda, entre os orientais, outras misturas, cuja base é o cânhamo.

O Prof. Gluber menciona que, em terapêutica, as sementes da planta, "Semen Cannabis", reduzidas à pôlpa, são usadas em cataplasmas emolientes e que o seu óleo é aplicado em clisteres contra a cólica saturnina, por vezes sem resultado, sendo para êste efeito preferível o cânhamo indiano. O óleo das mesmas também é empregado na indústria. Do cânhamo usamos mais o extrato etéreo, com bom êxito nas gastralgias, enjôos de mar e de estrada de ferro. Por ser histórico, provoca vício, e há quem se intoxique com as doses reiteradas do extrato.

Em sua "Botânica aplicada à Medicina" diz o Prof. Pedro Pinto: "Em doses de 0,05 de cada vez, provoca uma série de manifestações psíquicas que podem ser divididas em quatro períodos: de excitação, de incordenação intelectual, de êxtase e de sono. No primeiro período o paciente tem a sensação de bem-estar (euforia), seguida de agitação intelectual (noostenia). Sobrevém apatia profunda e, em seguida, uma fase de excitação intelectual, caracterizada pela dissociação de idéias, delírios e sonhos. A embriaguez pela *Cannabis indica* exagera as impressões recebidas pela cór-

tex cerebral. As noções de tempo e de espaço alteram-se e exalta-se a imaginação. As idéias peculiares de cada um também se exaltam. Se o indivíduo tem gênio expansivo, torna-se mais; se é concentrados, torna-se melancólico. O sono ora é plácido, ora seguido de pesadelos. Nos alcoólicos, nos braditróficos, nos histéricos, etc., o sono é agitadíssimo. O despertar, entretanto, se efetua sem fadiga. O hábito se estabelece com tal ou qual facilidade.”

Cumpre-nos, agora, citar os princípios mais importantes do cânhamo, que são os seguintes:

A canabina ou resina de cânhamo, princípio não definido, amargo e verde, de cheiro agradável, porém um tanto enjoativo, e com propriedade narcótica.

A haschichina ou canabena, outro princípio ativo do cânhamo, oleaginoso e com cheiro tão forte que atordoa. A ingestão desta substância determina um tremor especial e provoca a locomoção, seguida de abatimento e até de síncope e alucinações, nada agradáveis como se apregoa. Em doses fracas, provoca apenas uma superatividade do organismo, em geral, e dos órgãos genitais, em particular. Em doses mais fortes, já produz analgesia, anestesia e resolução muscular, ou então um estado cataleptico. Por vêzes sobrevém um delírio especial, em que o indivíduo, convulsivamente, ri com prazer (Caminhoá). Alguns acreditam que esta substância se porte, até certo ponto, como antídoto da estriquinina. Empregada como anestésico local, não deu os resultados que se esperavam.

O canabiol, um óleo essencial do cânhamo, de côr vermelha e com poder tóxico.

A oxicanabina, outro princípio não definido.

E diversos alcalóides, como a cholina, a tetanocanabina, a trigonelina e a muscarina.

CULTURA DA DIAMBA

Entre nós, não se cultiva a diamba ou cânhamo para fins industriais, como se faz na Ásia e Europa desde a mais remota antigüidade. As suas fibras liberianas, longas, resistentes e brilhantes, atingem na Europa até 2,2 metros de comprimento. Delas se fazem tecidos, cordas, etc., e do lenho se fazem palitos fosfóricos, carvão para pólvora e até papel.

Os nossos sertanejos cultivam-na apenas como *planta da felicidade*, erva de efeitos maravilhosos. Este cultivo é revestido de cerimônias fetichistas, que lhe dão um cunho de mistério, de sobrenatural, o que a torna mais preciosa aos olhos dos rústicos, sugestionáveis e degenerados.

A planta fêmea merece o máximo cuidado dos cultivadores, porquanto é a preferida em tôdas as indicações da medicina popular, salvo nas cólicas uterinas, para as quais recomendam a infusão de fôlhas e sumidades floridas da planta masculina...

À semelhança do cultivo do fumo, deve-se proceder à *capção*, que consiste em quebrar o ôlho ou rebento terminal, a fim de que o desenvolvimento das fôlhas seja maior e uniforme. Acreditam que esta operação, em regra no segundo mês da vegetação, não deve ser feita na presença de mulheres, que não podem tocar o vegetal, principalmente por ocasião das regras, pois fazem *machear* a planta tornando-se, portanto, menos apreciada... Os mesmos resultados terão lugar, se o operador assoviar ou disser obscenidades durante o processo (Rodrigues Dória).

Colhem-se, pois, com mais interêsse, as inflorescências femininas, quando a planta está bem madura. Estas plantas devem ser resguardadas do sol, mas em lugar bem ventilado, onde se dessecam com vagar, e, depois, precisam ser expostas ao relento algumas noites, para ficarem *curtidas* e mais agradáveis ao fumar, porque, dizem, assim se modifica a acidez e desaparecem as propriedades nauseabundas. Assim preparada, própria para ser fumada, é que se vende a diamba, muito impunemente, entre os caboclos do nosso País, acondicionada em pequenos môlhos de 50 gramas.

MODO DE FUMAR A DIAMBA

Clássicamente, a diamba ou maconha é fumada pura, em cachimbos apropriados, menos vêzes misturada ao fumo. Raros são os que a fumam em cigarros.

O *cigarro* — O cigarro é em tudo semelhante ao cigarro de fumo de corda dos sertanejos, cujo envólucro são as palhas de milho, as mais centrais, menos ásperas e mais delgadas. Colocadas as inflorescências da planta na palma de uma das mãos, e com a outra executando-se um movimento rotatório, consegue-se separar os frutos e ficam elas próprias para a confecção dos cigarros. Também as fôlhas se prestam muito bem para os cigarros.

O Sr. Assis Iglésias, em sua monografia a que já fizemos alusão, relata a triste história de um homem chamado Raimundo, que fumava maconha em cigarros. Já um viciado crônico, tal homem padecia sensivelmente das faculdades mentais, e, na sua loucura mansa, era até objeto de troça. Era incapaz de transmitir um recado, de que se esquecia fatalmente, mas nunca lhe esqueciam os fatos dos tempos anteriores à sua desgraça. Dizia-se, por mania, filho de um chefe político do Piauí, e, quando se propunha a fazer qualquer leitura, soltava mil asneiras, pois que era analfabeto. Usava práticas extravagantes, como aplicar fôlhas cáusticas onde sentisse dores. A sua demência se instalara progressivamente, com o uso reiterado da diamba, e não se alterava após fumar um cigarro.

O *cachimbo* — Já dissemos que os caboclos preferem o cachimbo para fumar a diamba, à moda dos pretos africanos. Não é, porém, um cachimbo vulgar, como os que usam os fumadores de tabaco. E há algumas variantes de forma do cachimbo, de um Estado para outro. Em seu conjunto faz lembrar, de um certo modo, o cachimbo turco.

O Prof. Rodrigues Dória afirma que, nas margens do São Francisco, os fumadores de maconha usam um cachimbo que se compõe de duas partes distintas: o forninho, em que se deita o tóxico, e um dispositivo acessório, garrafa ou cabaça, em cuja água se resfria e lava a fumaça, antes de atingir a bôca do fumador.

O forninho é feito de barro ou de pedra. Quando de barro, sofre a ação da fumaça de certas plantas resinosas e torna-se escuro e luzidio. Para despreendimento da fumaça, o forninho recebe no orifício de sua parte inferior um tubo feito dos ramos do *canudeiro*, do *pau de cachimbo*, da *coirana*, do *canudo de pita*, etc., que têm fistula longitudinal com diâmetro uniforme. Alguns removem os restos de medula do tubo e enfeitam-no com anéis e riscos, mercê de um estilete de ferro quente.

O dispositivo acessório tem por fim, resfriando e lavando a fumaça, torná-la mais fresca, aromática e ativa, pois que na água fica o sarro, de ação muito irritante.

Este dispositivo, já foi dito acima, consta de uma simples garrafa ou, mais comumente, de uma cabaça especial em forma de 8, cujas sementes se retiram por um furo superior, no ponto de inserção do pedúnculo, pelo

qual passa o tubo do forninho. Dão a esta cabaça a denominação de *gragoiô*, derivada de *gropoli*, que significa "vaso cheio de água, em que se imerge o tubo dos cachimbos para resfriar o fumo."

Em última análise, os cachimbos mais aperfeiçoados das margens do São Francisco constam de um forninho comunicando-se à água da garrafa ou cabaça por intermédio de um tubo condutor da fumaça, que, depois de resfriada e lavada, é aspirada pelo fumador por um segundo tubo implantado paralelo ao primeiro. A êste conjunto do cachimbo os fumantes de Aracaju dão o nome de *maricas*, a amiga fiel e inseparável dos canoeiros e barcaceiros.

No Maranhão e Piauí o cachimbo afeta uma forma bem diferente. Lá cultivam uma espécie de cabaça, de capacidade mais ou menos de um litro e de uma configuração que muito facilita transformá-la no dispositivo acessório do cachimbo.

A panelinha de barro ou pedra, isto é, o forninho, em forma de cone truncado com base para cima, tem um orifício ao fundo, a que se adapta, o tubo ou canudo. A cabaça tem um bojo quase esférico, terminando por uma parte afilada, em cujo polo se insere o pedúnculo e se implantará o futuro tubo aspirador, por uma pequeno orifício que aí se pratica. No polo mais ou menos oposto, na parte esférica, efetua-se uma abertura de alguns centímetros quadrados, a que se ajusta o forninho.

Na ocasião de fumar, o viciado deita água na cabaça até imergir a extremidade inferior do tubo da panelinha ou forninho e êste, cheio de diamba, recebe uma brasa para entreter a combustão provocada pela aspiração que o fumante executa no tubo da parte afilada.

Estampamos, ao lado, o desenho do cachimbo usado no Maranhão e Piauí e traçado pelo Sr. Assis Iglésias, quem nos fez, pessoalmente, a sua descrição pormenorizada.

A MUSA DOS FUMADORES DE DIAMBA

Os fumadores de diamba por vêzes costumam reunir-se em casa do viciado mais velho ou do que exerce maior ascendência sôbre os outros. As sessões se realizam de preferência aos sábados, véspera do dia de descanso.

Alguns, cerimoniosos, se põem em tórno de uma mesa e, naquela rústica conversação, começam a aspirar a fumaça tóxica. Logo de seguida, os músculos da face contraídos, os olhos injetados, experimentam os primeiros efeitos da embriaguez, a que sucede o delírio, com sensação de euforia, visão de coisas agradáveis e, progressivamente, sobrevém o estado de completa alucinação uns dando para gritar, correr, cantar, ao passo que outros se tornam agressivos e perigosos, conforme o temperamento do indivíduo. Alguns caem em grande prostração.

Na intoxicação aguda, no comêço do vício, a embriaguez se dissipa e o indivíduo volta perfeitamente ao estado normal, isto não acontecendo ao indivíduo inveterado no hábito vicioso, o qual, mesmo fora da embriaguez, tem um ar atoleimado e profunda alteração da personalidade. É um homem à margem, na expressão do Sr. Iglésias.

O diambista (permita-se o neologismo) esforça-se por ocultar o vício, fumando às escondidas e disfarçando-se sempre que se toque no assunto, a não ser quando se trate de um diambista inveterado, a quem já trai, só por si, o idiotismo consequente.

No vale do Mearim, perto de Pedreiras, Estado do Maranhão, o Sr. Assis Iglésias assistiu a uma sessão num clube de diambistas, em que, a princípio, com as primeiras baforadas do tóxico, os fumadores ficaram

com os olhos injetados, para, em seguida, se tornarem loquazes e demasiado alegres. Alguns em tórno da mesa, outros deitados nas rêdes ou estendidos pelo chão, formavam um quadro ao mesmo tempo triste e interessante. Aquêles pobres homens eram felizes na sua desgraça. Agora em delírio, visivelmente embriagados naquele ambiente enfumarado, recitavam versos toscos e urdidos com certa originalidade, como os que passamos a transcrever:

“Ó diamba, sarabamba!
Quando eu fumo a diamba,
Fico com a cabeça tonta,
E com as minhas pernas zamba.

— Fica zamba, mano? (pergunta um)
Dizô! Dizô! (respondem todos em côro)

Diamba matô Jacinto,
Por ser um bôm fumadô;
Sentença de mão cortada,
P'ra quem Jacinto matô.

— Matô, mano, matô?
Dizô! Dizô!

E dizô turuturú
Bicho feio é caititú.
Fui na mata de Recurso
E saí no Quiçandú.
Mu é brigó cum marido
Móde um pôco de bijú.

— Brigô, mano brigô?
Dizô! Dizô!

Dizô, cabra ou cabrito
Na casa da tia Chica.
Tem carne, não tem farinha,
Quando não é a tia Chica
Então é a tia Rosa.
Quanto mais véia mais seboza,
Quanto mais nova mais cherosa.

Ao que parece, *dizô* deve exprimir uma afirmativa, equivalente a “sim”.

Perguntando a um dos que assistiam à sessão o que significa *dizô*, Iglésias obteve a seguinte resposta: “*Dizô* é *sutaque* de gente doida...” Talvez nem eles conheçam a significação do têrmo.

Os versos são recitados pelos mais resistentes à ação do tóxico, sem acompanhamento musical. Os mais fracos, com a primeira cachimbada, caem em estado de coma, ou, segundo dizem: “Eles si disgarçam logo”.

É de ver o conto que, a respeito da maconha, escreveu Alberto Deodato, no livro “Canaviais”, prêmio da Academia de Letras. Interpretando com muita felicidade as cenas que se passam entre os viciados, o escritor narra-as mais ou menos como vamos fazê-lo:

Néo, com prazer, cuidava dos preparativos do vício, trazendo para uma esteira a *maricas* e o mólho de maconha. Cheirava a planta com avidez e beijava a *maricas* ébrio de alegria, pra depois, trêmulo e nervoso, ir buscar outro objeto.

Inácio olhava aquilo impassível, alheio ao contentamento dos companheiros.

A dúbia luz punha em relêvo a palidez e ossatura dos degenerados.

Afinal, Néó sentou-se à cabeceira, e, os beiços arregaçados, deixando ver as gengivas roxas, os braços cruzados, os olhos sem expressão, regougou sonâmbulamente:

— Maricas, minha maricas,
Maricas do Néó cangonha:
Eu morro de bôca torta
De tanto chupar maconha.

Sentados, os braços cruzados, em atitude cerimoniosa, responderam-lhe os companheiros:

— É de Congo
Saraminhongo...
— É de Congo
Saraminhongo...

Néó fêz uma pequena pausa, levou a bôca ao canudo da *maricas* e, envolto na fumaça aspirada em profundos tragos, continuou:

Maconha é bicho danado,
Bicho danado é maconha;
De tanto bem à maricas
A gente perde a vergonha...

A *maricas* correu de bôca em bôca e cada fumador saboreava o seu trago, servido do mesmo vaso, para depois voltarem ao estribilho monôtono:

— É de Congo
Saraminhongo...

Inácio, o iniciado, por fim não se pôde eximir da obrigação que se lhe impunha. Teve um ímpeto de recusa, mas acabou chupando, com ânsia, no gargalo da *maricas*, a fumaça inebriante da maconha. Enquanto êste repugnava, como noviço. Néó, o veterano no hábito, gaguejou metade da quadra:

— Lá vai séembora a fumaça
Da minha maconha, Chico...

E os versos morriam na bôca dos narcotizados... Na quinta baforada, Inácio a custo levantou-se, para em seguida, a marcha titubeante, ir cair sôbre um lombilho, entre convulsões e roncos.

Horas depois volta da letargia. Olha em tórno de si, como que à procura de alguma coisa. Dominado por uma idéia sinistra, leva os dedos ao cinturão, ao cabo da lambedeira. Viu-se a lâmina da arma reluzir no espaço e Inácio rangeu o derradeiro nome:

— RRRróósa!

E o corpo, ferido, tombou de vez, numa agonia trágica e dolorosa.

EFEITOS DA DIAMBA

Já enumeramos os princípios ativos do cânhamo ou diamba e a farmacodinâmica de alguns deles. Mas nenhum produz ação análoga à que se obtém com a planta mesma (Richaud). Vamos, portanto, agora, tratar dos efeitos da diamba ou de seus princípios em conjunto.

A embriaguez por ela causada varia de acôrdo com a proveniência da planta, com a dose fumada, com a sugestão e sobretudo com o temperamento de cada indivíduo. Os principais sintomas da embriaguez se traduzem por uma sensação de bem-estar, de felicidade manifesta e de alegria delirante. Êstes fenômenos nervosos é que seduzem os viciados.

A princípio o espírito, mais lúcido, discerne melhor as idéias. A loquacidade, as gargalhadas sem pretexto e, progressivamente, a agitação e visão dos objetos fantásticos indicam a explosão do delírio, que condiz com a mentalidade e idéias próprias do indivíduo. Anula-se, em parte, a propriedade frenadora do cérebro sôbre a esfera volitiva e exterioriza-se o instinto recalçado nos centros inferiores. Uns ficam em prostração, outros dansam, cantam, predominam nêle as alucinações auditivas; o pintor experimenta alucinações visuais e o poeta alimenta a sua imaginação com os encantos da fantasia.

A esta fase sucede, por vêzes, sono calmo, profunda letargia, quando culmina o deslumbramento, entre sonhos paradisíacos. Dissipado o fenômeno da embriaguez, o indivíduo volta ao estado normal, consciente de muitos fatos passados no período de delírio. O diambista inveterado, êste nunca é consciente de seus atos: é um idiota. A continuação do vício pode trazer, também, a loucura definitiva ou morte, como desfêcho.

A diamba exerce ação deprimente sôbre as funções nervosas, modificando profundamente a personalidade moral. O indivíduo perde o brio, o sentimento do dever e é tomado de pronunciada estupidez.

Para vencerem o frio e arrastarem as agruras da vida do mar, os pescadores puxam o trago na *maricas*, algumas vêzes em *assembléias* nas canoas, e depois contam histórias, recitam versos, e alguns, em suave ebriez, ouvem até melodias, como o canto da sereia...

Pode sobrevir a exacerbação do apetite, razão por que a diamba também se usa como aperitivo, quando não cause náuseas e vômitos. Nas intoxicações crônicas, pelo contrário, o apetite se embota ou se perde. Kaempfen faz alusão à fome canina consequente do uso do *haschich*, e Sachs assim descreve os efeitos dêste tóxico.

“O *haschich* produz os efeitos seguintes: O ar adelgaça e parece conter suaves perfumes. Tudo é belo e radioso. Sente-se prazer em viver. Sob sua influência fiz passeios soberbos; meu arrebatamento fo ialém de tôda expressão. Sua influência depende do temperamento de quem o usa. Faz alegria; produz gargalhadas pelo motivo mais fútil. Exagera o apetite, torna eloquente, gracioso, encantador. Sob sua influência durante duas horas me exprimi em versos livres; as rimas eram ricas e as idéias perfeitamente sensatas e seguidas. Seus inconvenientes são a sensação de um estrangulamento mais forte do que o do ópio, uma tinta lívida, esverdinhada, uma fome que nada aplaca, algumas vêzes desejos sexuais loucos, com requintes impossíveis de sexualidade..., a produção de ataques epiléticos e perturbações atáxicas...”

Villard, segundo suas experiências, diz que o intoxicado, ao ouvir o murmúrio de uma fonte, se julga no meio do mar, embalado em um barco, ao lado de belas mulheres...

Há pouco, referimos que o abuso da maconha pode ocasionar a idiotia, a loucura transitória ou definitiva e levar o viciado à prática de crimes e mesmo ao suicídio, quando a morte não o surpreenda.

Rodrigues Dória conta que, certa vez, em Óbidos, Estado do Pará (onde estacionava o 40.º Batalhão de Artilharia), um soldado, aliás de boa conduta, foi submetido a conselho de guerra, e sofreu penas, por haver

fumado a diamba, pela primeira vez, e haver entrado em delírio furioso, no qual tentou matar um capitão, em cuja casa entrou armado de faca, e acabou ferindo outra pessoa que interveio. Diz mais que os comandantes dos batalhões dos Estados do Norte exercem enérgica vigilância para impedirem a entrada da diamba nos quartéis, por causa das brigas, agressões e crimes que provoca entre os soldados.

Assis Iglésias relata o caso de um francês contratado pelo Dr. Torquato Mendes Viana, mediante escritura visada pelo cônsul da França, para administrador de sua fazenda em Codó, logo após a guerra de 1870.

Nos primeiros anos, muito querido, dos escravos, fazia gôsto ver a administração do homem caprichoso e honesto. Um dia, porém, conheceu a diamba nas mãos dos africanos e satisfez o desejo de experimentar o seu efeito, para, de repente, tornar-se escravo do vício. Através das cartas ao patrão, denunciou-se involuntariamente, causando a êste surprêsa a série de disparates que agora lhe escrevia quem outrora o fazia com tanta minuciosidade e sensatez. Para remover as dúvidas, o Dr. Mendes Viana decidiu-se a fazer uma visita à fazenda, e qual não foi o seu espanto quando, ao atravessar o pátio da frente se lhe depara o francês em completa nudez, perfilado e, em tom de comando, mandando avançar colunas imaginárias! . . .

Numa destas cartas, que Iglésias obteve por intermédio do Dr. Aquiles Lisboa, em uma nota a lápis, o administrador se refere a um uniforme de sargento que lhe pertence.

Imprestável, pois, para aquêle mister, o Dr. Mendes Viana fê-lo transferir para São Luís, mas, como perdurasse a loucura, entregou-o, finalmente, ao cônsul francês, por cuja ordem regressou à pátria. Passado algum tempo, o Dr. Mendes Viana recebeu uma carta do seu ex-administrador, já com data de França, em que dizia ter recuperado perfeita saúde, talvez, pensava êle, por causa dos duros trabalhos a que, a bordo, o haviam sujeitado, e lembrar-se com tristeza dos desvários que por aqui cometera.

A embriaguez do *haschich* é mais rica em alucinações que a do ópio. Os malaios e javaneses, no delírio furioso do *haschich*, costumam gritar: "Amok! Amok!" (mata! mata!), razão por que chamam *Amok* a esta fúria com alucinações terroristas. Na crise do *Amok* vêem tigres, cães, diabos, que procuram matar.

A diamba, em doses terapêuticas, estimula a circulação, acalma as dores, acelera os movimentos e pode fazer despertar grande lubricidade, até dizendo os fumadores de maconha que a erva corrige "os estragos da idade". O efeito afrodisíaco por vêzes se traduz por sonhos eróticos e poluções noturnas, e nas prostitutas pode chegar a tal ponto que se dão ao comércio intersexual ou, entre si, praticam o tribadismo ou amor lésbico (Rodrigues Dória).

As doses altas provocam náuseas, vômitos e determinam languidez e pêso nos membros. Os inveterados no vício têm as funções nervosas deprimidas e, com o emagrecimento rápido, entram em caquexia, sobrevivendo a morte. Acredita-se existir a tísica da maconha, que aniquila o viciado dentro de dois a três meses. E sabe-se, ainda, que as emanções das grandes culturas da *Cannabis sativa* chegam a provocar fenômenos de atordoamento e vertigens.

Assim, depreende-se da descrição dos múltiplos e variados efeitos da diamba, e quase todos danosos, que, positivamente, ela é a *planta da loucura*, um flagelo dos Estados do Norte, e nunca a *planta da felicidade*, como a chamam os viciados orientais. E, infelizmente, o vício já está passando das tascas e choupanas para a câmara das prostitutas!

PARTE EXPERIMENTAL

Vamos tratar, neste parágrafo, de um dos pontos mais importantes do nosso trabalho.

Uma tese experimental completa e bem fundamentada não é obra que se elabore no curto espaço de alguns meses, já tivemos ocasião de justificá-lo. Cabe, portanto, ao estudioso, que por esta parte mais se interessar, prosseguir no seu estudo metuculoso, e aqui apenas registramos os nossos ensaios neste particular. Todavia, pôsto que com elas chegássemos, por enquanto, a conclusões um tanto grosseiras, mas decisivas e, por isto mesmo, dignas de ser registradas, quisemos ilustrar a nossa tese com algumas experiências pessoais sôbre a intoxicação aguda da diamba.

Muito nos valem da bondade cativante do Prof. Juliano Moreira, quem muito se interessa pelos problemas da ciência e a quem devemos a nossa apresentação ao Sr. Assis Iglésias, diretor geral do Serviço Florestal do Brasil; aos Drs. Helion Póvoa, chefe da Seção de Sorologia da Fundação Gaffrée e Guinle; e Mário Fróes, chefe da Seção de Química da mesma Fundação.

O Sr. Assis Iglésias recebeu-nos com aquela lhaneza de trato, que lhe é peculiar. Com incontestável competência, dissertou sôbre o vício da diamba e discutiu os diversos aspectos do problema especialmente de interesse nacional. Aludiu às suas temporadas no Maranhão e Piauí, em uma das quais se demorou cêrca de dois anos.

Quando o procurámos, acabava êle de fazer a colheita da diamba cultivada no Hôrto Florestal, a pedido do Prof. Juliano Moreira, e, com a máxima solicitude, entregou-nos tôda a referida colheita, com que tentamos os nossos ensaios experimentais. Mostrou-nos ainda as sementes da planta e ofereceu-nos as duas primeiras fotografias que estampamos páginas atrás.

O Dr. Hélio Póvoa, muito gentilmente, forneceu os coelhos e fêz o extrato da diamba para as inoculações em animais. Graças à sua boa vontade, conseguimos obter, com extrema dificuldade, o extrato aquoso, titulado de tal forma que 1 cc. do extrato correspondia a um grama de planta. Ao todo preparou 155 cc. de extrato. Para chegar a êste resultado, deixou a diamba em infusão durante alguns dias, e, como tal infusão, dada a sua natureza viscosa, não se pudesse filtrar, levou-a, a quente, à distilação no vácuo. O extrato era xaroposo e de côr negra, muito semelhante à do nosso café.

O Dr. Hélio Póvoa, muito gentilmente, forneceu os coelhos e cobaio, e orientou as nossas experiências nos referidos animais.

Experiências do Sr. Iglésias — Para estudar convenientemente a ação tóxica da diamba sôbre animais, em que o modo de penetração do veneno tivesse por princípio o mesmo que se verifica nos fumantes, — a inalação —, o Sr. Iglésias imaginou um aparelho, consistindo em um tubo de vidro volumoso, com um cachimbo cheio de diamba em seu interior, cuja combustão é entretida por uma brasa, tubo êste em comunicação, por uma das extremidades com o ar e pela outra com um recipiente contendo água, para lavagem da fumaça e com dupla tubulura, por uma delas comunicando-se, por sua vez, com uma campânula afunilada, em que fica o animal de experiência.

Colocado um pombo diante da campânula, exposto à fumarada que se desprendia, experimentou êle, durante alguns minutos, fenômenos de excitação, traduzidos por agitação da cabeça, batimentos de asas, etc., para depois cair em anestesia. Retirado da frente do aparelho inalador, o ani-

mal restabeleceu-se no fim de alguns minutos. Em outro pombo, este dentro da campânula, observaram-se os mesmos fenômenos, porém, agora com mais rapidez.

Depois, o Sr. Iglésias tomou dois cobaios de peso de 400 gramas e submeteu-os a provas idênticas. Apresentaram sintomas semelhantes aos dos pombos: excitação, sonolência, paralisia.

Num cachorro de 1.700 gramas, sujeito à inalação da fumaça de 4 gramas da planta, durante 10 minutos, ainda se notaram os mesmos fenômenos manifestados nos animais anteriores. Ficou prostrado em decúbito lateral durante 8 minutos e em seguida, progressivamente, levantou a cabeça, manteve-se nas patas anteriores e depois também nas posteriores e saiu marchando em ziguezague, até completo restabelecimento dentro de duas horas.

O líquido de lavagem da fumaça injetado na veia de diversos coelhos, desde 1 até 5 c.c., não provocou nenhuma manifestação de envenenamento, como também a injeção subcutânea no cobaio.

Relata Iglésias que o Dr. Jesuíno Maciel observou o efeito da diamba em um seu empregado e num estudante de medicina. Após fumarem-na, o primeiro sentiu certa tontura, mas o segundo caiu em narcose, experimentando sonhos eróticos durante o sono profundo.

EXPERIÊNCIAS PESSOAIS

De tôdas as nossas experiências pessoais sobre o poder tóxico ou narcótico da diamba, podemos registrar cinco, como as mais precisas e demonstrativas. É o que vamos fazer em seguida.

1.^a *Experiência* — O coelho A recebeu, por inoculação intraperitoneal, 5cc. de extrato aquoso de diamba, titulado como acima dissemos, isto é, 1 cc. do extrato equivalendo a 1 grama da planta. Não verificamos nenhum sintoma de envenenamento, nenhum fenômeno apreciável, nem sequer reação pupilar, durante tôda a nossa observação.

2.^a *Experiência* — O coelho B já recebeu, pela mesma via, 10 cc. do extrato. Igualmente, não se revelou nenhuma ação tóxica por inoculação intraperitoneal desta dose.

3.^a *Experiência* — Colocamos um cobaio debaixo de uma campânula com dois orifícios, para penetração do ar, e junto dêle uma placa com fôlhas de diamba em combustão. O animal, a princípio, ficou inquieto, para, no fim de 20 minutos, cair em profunda narcose, estendido em decúbito lateral e com os membros em contração. Durou este estado de narcose e paralisia 19 minutos, no fim dos quais pôde manter-se de pé e marchar cambaleante, porém, perdurando ainda por algum tempo um certo estado de torpor, só recuperou a marcha normal depois de passados mais 20 minutos.

4.^a *Experiência* — Realizou-se esta experiência em nós mesmos. Tomamos um cachimbo comum de fumar tabaco, em que, felizmente, não somos viciados, e enchêmo-lo de fôlhas de diamba. Como não sabemos tragar, aspirávamos a fumaça a torto e a direito, chegando mesmo, por vêzes, a degluti-la involuntariamente... Tomamos segunda cachimbada, terceira, e só com a quarta é que sentimos algum efeito.

A princípio, sensação de náuseas, um certo ardor nos olhos e, ao espêlho, verificamos que se achavam muito injetados, assim continuando quase todo o dia seguinte. Depois, uma certa atonia muscular, peso nos membros e marcha sem firmeza. Os objetos em torno se nos afiguravam com certa obumbração. Não sobreveio o sono, portanto, nem os sonhos... Abandonado o cachimbo, repentinamente se dissiparam estes fenômenos, restando, afinal, leve cefaléia, alguma sede e bastante ardor no naso e bucofaringe.

5.^a *Experiência* — L. A. B. ofereceu-se para fumar a diamba sob nossa observação. Tem por hábito fumar o tabaco em cachimbo, de sorte que nêle os efeitos da diamba não tardaram e foram muito mais apreciáveis.

Ao tragar as primeiras baforadas dêste tóxico, já foi acusando qualquer sensação de euforia. Saboreando o narcótico, disse êle: "Para melhor apreciar o efeito da diamba, vou deitar-me um pouco." E continuou a aspirar a fumaça em repetidos tragos. À se-

gunda cachimbada, manifestou náuscas e desejo de vomitar, no entanto, não o levando a efeito. À terceira, tornou-se inquieto, mudando de posição com freqüência e levando o travesseiro ora para a cabeceira do leito, ora o lado dos pés. Já não articulava bem as palavras, limitando-se a balbuciar nomes indecisos. Insistimos ainda com a quarta cachimbada. Então, sobreveio sono profundo, com respiração estertorosa, pulso célere.

Neste momento afastamos o cachimbo, e, chamando e tocando o paciente, procuramos acordá-lo. De repente, com certa fúria, voltou a cabeça e reclamou contra a imprudência e covardia do nosso amigo L.E., que, querendo estrangulá-lo dormindo, veio despertá-lo justamente quando sonhava com a argentina Martitta... E, esforçando-se por levantar-se, queria perseguir o suposto homem, que via fugir e a quem nos pedia agarrar caso voltasse. Em seguida, acusou sensação de faíscas diante dos olhos.

Quando se acalmava um pouco, eis que volta o amigo traiçoeiro. Rápido, dá-lhe um sóco violento, que pega a parede... Ergue-se da cama e, vendo a um canto o cordão do roupão de banho, diz que é a corda com que o amigo covarde tentava estrangulá-lo. Dobra o cordão em quatro peças (da minha parte me precavia...) e, prometendo-lhe pancada, a êle ou ao primeiro que entrar no quarto e, em marcha titubeante, sai ao encaço do homem que o atormenta. Mas nem se pode manter de pé.

Cautelosamente, convidamo-lo a assentar-se, depois de convencê-lo de que o homem voltaria e, desta vez, havíamos de agarrá-lo. Acedeu. Pouco a pouco, foi-se dissipando a embriaguês e voltou à normalidade. Agora, queixava-se de lassidão, dores nos músculos e principalmente na mão que dera o sóco. Do que se passara na fase de delírio não tinha nem vaga lembrança.

Outros experimentos que ensaiamos *in anima nobile* não são dignos de menção, porque as pessoas que a êles se prestaram, "receosas de algum acidente", apenas experimentaram as primeiras baforadas da diamba, mas, é certo, mesmo assim sentiram qualquer sensação anormal.

O Prof. Juliano Moreira conhece um sergipano, *chauffeur*, que há anos fuma a diamba com moderação e, por isso, não acusa manifesta anormalidade na saúde, a não ser um temperamento irascível e casmurro. Êste homem já andou pelo Oriente, e diz êle: "Quando quero sonhar com mulher bonita, fumo a diamba..."

De tôdas as experiências mencionadas acima, conclui-se que a ação tóxica ou narcótica da diamba só se manifesta em animais de laboratório, quando a êstes é ministrada por inalação da fumaça, processo perfeitamente idêntico ao da aspiração com que se embriagam os fumantes da planta. As provas realizadas pelo Sr. Iglésias, com injeções endovenosas nos coelhos e subcutâneas no cobaio, do líquido de lavagem da fumaça, embora contendo substâncias da diamba, visto a côr escura adquirida, assim como as provas que fizemos com inoculação intraperitoneal do extrato aquoso, foram tôdas negativas e não provocaram nenhum fenômeno apreciável.

O CÂNHAMO OU DIAMBA E SEU PODER INTOXICANTE

A. DE P. LEONARDO PEREIRA
Engenheiro Agrônomo

Planta essencialmente industrial, desde sua origem até onde se lhe transporte, por mais diferente que seja o ambiente e de benéficos resultados terapêuticos, é, entretanto, nos trópicos, de um poder tóxico apavorante.

Antes de entrarmos na apreciação da virulência tóxica das folhas, inflorescência e frutos do cânhamo, motivo, hoje, da nossa palestra, faremos um ligeiro apanhado botânico de modo a que todos nós possamos ter uma idéia da planta que sendo elemento de vida, progresso, fartura, de cura, de alívios, é ao mesmo tempo elemento de loucura, degeneração, degradação e de assassínio.

Pelo nome de cânhamo são conhecidos indivíduos de diversas famílias que, estão fora de nossas cogitações, pois estudaremos o cânhamo da família das moráceas.

Cannabis sativa de Linneu; *Cannabis indica* de Lamouroux; *Cannabis macrosperma* de Stokes; *Cannabis lupulos* de Scopoli; *Plygonum Viridiflorum* de Poiret.

Botânicos há que fazem diferença, entre o *Cannabis sativa* (flores-masculinas) e o *Cannabis indica* (flores-femininas), julgando dois indivíduos distintos; nós, porém, aceitamos ser o *Cannabis indica*, apenas uma variedade.

Sua descrição botânica, é: — planta de 2 a 5 e algumas vezes de 7 metros de altura, de cheiro forte, desagradável, causando vertigens e cefalalgia. Raiz pivotante, lenhosa e branca. Caule ereto, rígido, fino, ligeiramente quadrangular, ôco, áspero, coberto de pêlos, simples ou ramoso, de líber constituído de fibras texteis. Fôlhas pecioladas, opostas às inferiores, alternas no ápice, palmatinervadas, compostas de 5-7 segmentos ovais, lanceoladas, dentadas em serra, pubescentes nas duas páginas, sendo que no ápice os segmentos ficam reduzidos a 3 e mesmo a 1 sômente, verde-escuras na parte superior e verde-pálido na inferior. Estípulas livres. Flores axilares, de um amarelo-pálido ou esverdeado, dióicas, raramente monóicas. As flores masculinas, pendentes, dispostas em panículas no ápice do caule; perigonas de 5 folíolos, lanceoladas, 5 estames direitos, filetes curtos, capilares, antera terminal, longas e biloculares. As femininas, menores, quase sem-brácteas foliáceas dotadas de pêlos secretores, perigonas consistindo em uma sépala fendida de um só lado e semelhante a uma espata, volumosa na base e envolvendo o ovário, 2 estiletos, salientes, aguçados, peludos, 2 estigmas, longos e filiformes. Fruto aquênio, pardo ou escuro, geralmente chamado linhaça, chenevis dos franceses, bivalva, indeiscente, dividido em duas conchas pela pressão, envolvido no cálice, contendo uma semente sem al-búmeme, branca-cinzenta com estrias negras, luzidias e embrião oleagenoso.

O ciclo vegetauvo é de três a quatro meses, fazendo-se-lhe a cultura até a altitude de 3.000 metros.

As fibras do cânhamo masculino são mais grossas e resistentes, as femininas mais flexíveis e finas, sendo o *Cannabis indica* o único a produzir sementes.

Tendo como habitat a Índia e a Pérsia é hoje cultura em todo o universo.

Pelas referências que se encontram nos trabalhos de Dioscorides, Heródoto e Teofraste, as propriedades tóxicas e intoxicantes do cânhamo, eram já conhecidas a três mil anos antes de Cristo.

No século II, na época das Cruzadas, da Pérsia e da Síria, partiram bandos malfeteiros, que comiam o Haschisch, antes de praticarem seus atos sanguinolentos.

A palavra assassín, dos franceses, segundo Littré, é oriunda do termo sanscrito haschischin.

P. A. Pinto em suas "Notas de advocacia gramatical", diz:

"Provém o vocábulo do persa ou do árabe haschisch, que é o nome de uma urticácia fortemente sonifera, chamada em linguagem vulgar cânhamo indiano ou haxixe, do gênero *cannabis*, espécie *indica*. Liga-se a história da palavra à lenda de um Sheikel Jebel, conhecido sob o nome de velho da montanha, monge do tempo das cruzadas. Pretendendo esse velho fundar nova religião, mandava matar todos os que lhe eram adversos e, para lucrar absoluta obediência dos matadores, embriagava-os com o chá de haschisch."

Foram os árabes os primeiros consumidores de tão perigoso entorpecente, assim como foram os introdutores no continente africano, sendo portanto os únicos responsáveis pela divulgação mundial.

Seu valor industrial é extraordinário, como prova a produção no mundo inteiro, notadamente a dos Estados Unidos da América do Norte, que somente no Estado de Kentucky, obtiveram em uma colheita a cifra de quarenta mil toneladas. Hoje, porém, acha-se esta cultura abandonada para dedicarem-se à juta, que vai já sendo substituída pelo Protex e pelo linho de Manilha.

A Itália, a França, a Áustria, a Espanha na Europa; o Chile o Peru, a Bolívia na América do Sul e outros países que exploram a cultura da canabícea, mostram quanto é valorizada sua indústria.

Na Turquia a cultura foi outrora muito florescente; hoje, é ela clandestina devido às leis proibitivas.

O Brasil não tem cultura normal, faz-se do norte ao sul, clandestinamente, pelo prêto ou caboclo que leva o produto da morte ao mercado, de preferência negociado pelos portugueses.

A introdução no Brasil data dos primeiros anos do século XV, sendo muito provável que maior foi sua entrada, ainda clandestinamente depois do alvará de 29 de março de 1549 de D. João III, que autorizava a cada engenho de açúcar a comprar até 1.200 escravos de origem africana.

As sementes eram trazidas para que pudessem manter o vício, nas terras novas para onde os levavam, sem que os míseros escravos tivessem pensamento algum de impor castigo aos que lhes roubavam, muito menos ainda aos que os sucediam na propriedade.

As acusações que vão aparecendo são fantasias literárias, que precisamos evitar, para verdade histórica.

Seu emprêgo na indústria, faz-se: na cordoalha, aniagem, sacaria, rêdes, capachos, barbantes, nos artefatos de borracha, estôpa e outros misteres, além do carvão para os pirotécnicos. O óleo emprega-se na pintura, na fabricação de sabões finos e na iluminação.

No Oriente confeccionam com fibras do *Cannabis sativa*, o cordão dos Kchátrias.

As tortas provenientes das sementes têm grande aceitação na alimentação dos animais domésticos.

As sementes constiuem boa alimentação para as aves, aumentando sua postura de ovos.

Dos frutos obtém-se uma pasta fertilizante, rica em azoto.

Abaixo damos a análise do linho apodrecido para adubo, por Kane:

Oxigênio	48.72
Carbono	39.94
Hidrogênio	5.04
Cal	1.90
Azoto	1.74
Ácido carbônico	1.43
Potassa	0.34
Sil'ca	0.30
Magnésia	0.22
Ácido fosfórico	0.15
Ácido sulfúrico	0.08
Cloro	0.07
Ferro e alumina	0.04
Soda	0.03
	<hr/>
	100.00

O óleo resiste sem coagular-se até 25° abaixo de zero.

Na terapêutica, usam-se as fôlhas frescas em cataplasmas para tumores brancos, facilitando assim sua resolução. A infusão das sementes emprega-se na blenorragia e a emulsão para acalmar a irritação da bexiga no catarro vesical e ainda para combater a galactorréa. O óleo extraído das sementes, o chenevis, tem-se empregado nas fricções dos seios e em lavagens contra as cólicas de chumbo (saturninas). Nas desinterias crônicas, asma, dispepsia nervosa, também se emprega a canabina ou o canabinol, o óleo e o princípio ativo do cânhamo, respectivamente.

Em extrato alcoólico, tintura alcoólica e tintura de haschischina, tem-se obtido resultados na histeria, coréa, na raiva, epilepsia, reumatismo apirético, na gôta, no delírio tremens, enfim onde se precisa acalmar a dor e a superexcitação nervosa, aí temos no *Cannabis sativa* o elemento do bem e do mal.

Com seu grande poder entorpecente — acalma a dor física, adormece a dor moral, funde as penas e dissipa as preocupações.

Sua sedução poderosa — não é nem pode ser outra coisa senão a porta aberta a um mundo no qual conduz os primeiros passos por caminhos cobertos de flores, mas, onde só se encontram a aridez, a degeneração física, a perda de todo sentimento moral e a loucura ou a morte, como corolário de uma vida breve, intensa de gozos a princípio, porém, cheia de sofrimentos no fim de que de modo algum compensam as falsas alegrias e delícias da nirvana inicial.

Nos casos rebeldes de insônia, tem-se como o melhor remédio o emprêgo da canabina na dose de 5 a 15 gotas.

Recomendam ainda o haschisch como antídoto da estriquinina.

As farmácias utilizam-se do cânhamo para as emulsões açucaradas e refrigerantes.

Os preparados com a base de cânhamo que se encontra no comércio tem geralmente sua ação tóxica, entretanto, quando se o eprega em estado fresco nos países de produção, seu poder narcótico é absoluto.

Na Alemanha organizou-se a exploração do cânhamo para utilizações medicinais, em fins de 1917, entretanto, podemos clamar contra esta irrefletida cultura, porque não só ali serão criados novos toxicômanos, como será mais um comércio ilícito, por êste poderoso país.

Os que julgam que a fiscalização ou o contróle de produção é o bastante para reprimir-se os abusos, não conhecem a psicologia humana ou são toxicômanos a rirem-se da ingênua medida.

Em confirmação do que acima disse, leio aqui o telegrama de 19 de fevereiro de 1931, publicado pelo "Correio da Maranhã", do Rio de Janeiro, — Londres 19 — (U.T.B.) A famosa organização policial londrina, a Scotland Yard, terror dos malfeitores da metrópole e corpo modelar de detetives, aumentou a sua corporação, obrigada pelo desenvolvimento surpreendente da venda de tóxicos e drogas. O tráfico ilícito dessa mercadoria criminosa e mortal tem tomado espantoso incremento, alarmando a sociedade que se vê humilhada pela invasão de viciados. O lucro nas vendas dos tóxicos é tentador, daí ser enorme o número de indivíduos que se dedicam a êsse comércio, espalhando a morte em doses lentas. As drogas, segundo declarações, procedem, principalmente, da Alemanha, usando os que com ela negociam de todos os "trucs", a fim de a introduzir no território inglês. Recentemente, a bordo de um avião, que vinha do continente, foi encontrado um grande contrabando, oculto sob as roupas de um passageiro. Centenas de pessoas, afirmam à Scotland Yard, têm obtido drogas, falsificando a assinatura de médicos de grande reputação. A fim de evitar o desenvolvimento dêsse comércio e reprimi-lo, da melhor maneira, a organização policial de Londres está usando de rigorosa fiscalização para com todos os passageiros, desembarcados na Inglaterra, assim como desdobrando a sua atividade nos lugares onde, provávelmente, os vendedores negociam as suas drogas mortíferas".

Telegrama de 6 de fevereiro de 1931, nos diz que a Comissão Consultiva do Ópio da Sociedade das Nações encarregou um comitê de elaborar um anteprojeto destinado a reprimir o comércio ilícito de entorpecentes.

São as grandes nações produtoras de entorpecentes as que mais interesses têm para que sempre sejam maiores os obstáculos a tão criminoso comércio.

Por que não admitir que nos entorpecentes introduzidos no mercado inglês pela Alemanha, não está incluído o haschisch, com o nome sedutor de canabina, canabinol ou outro mais sugestivo e sedutor?

E se os produtores do crime enfrentam as inflexíveis leis inglesas, o que não será da nossa gente, abandonada de leis de defesa, porque se têm o cinismo de não se querer ofender a liberdade comercial?

Aí estão os benefícios, todo o esplendor de progresso desta planta que se registra através dos séculos, história de grandeza e de horrores.

Procurarei ainda fazer um estudo sôbre seus diversos preparados e a variedade de nomes, para depois citar os fatos de perturbações causadas nos que fazem uso de semelhante entorpecente.

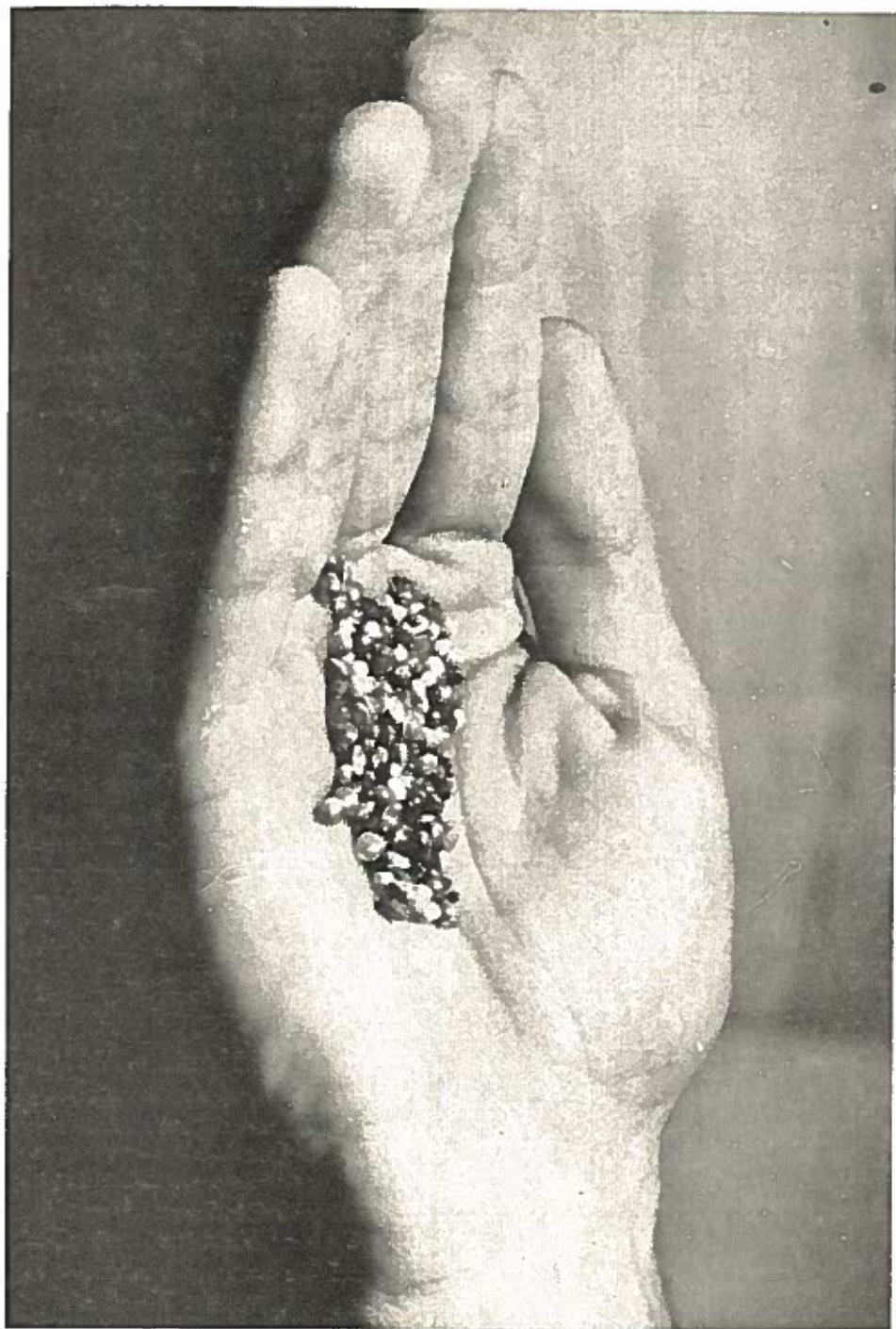
"É enorme a expansão que tem tomado os venenos, as lutas contra os alcalóides, as leis de todos os países, os congressos internacionais e as severas penas, coisa alguma pode ainda contra esta invasão, originária espiritual do grande império asiático a que os civilizados e a raça branca têm polido e estilizado."

Os princípios ativos do *Cannabis sativa* (diamba) são mais fortes, na resina que segregam os caules, as flores e notadamente as flores do ápice.

A diamba é usada comendo-se, mascando-se, fumando-se, em heberagem e ainda em forma de pó, de pílulas e de pastilhas.

"Os naturais da Ásia e da África comem e fumam o "Haschisch", que é a "Mariguana" que se fuma em grande demasia nos meios baixos do México, e que tanta influência têm no coeficiente carcerário e de degeneração."

No Brasil usa-se para fumar, de mistura com o tabaco ou pura, de preferência.



As sementes eram trazidas para que pudessem manter o vício, nas terras novas para onde as levaram, sem que os miseros escravos tivessem pensamento algum de impor castigo aos que lhes roubavam a propriedade. (Leonardo Pereira).



No Pará nunca vi o cachimbo, o uso é geralmente no cigarro.

De mistura com a cachaça é preferida pelos pescadores e barqueiros, dizem — para os preservar contra o frio, dotando-os do valor necessário para enfrentar, com audácia, as surpresas do salso elemento.

Em terra, serve como estímulo contra as intempéries, fortalecendo-os para as grandes caminhadas, finalmente, como excitante nas lutas sob qualquer aspecto.

Na Algéria os índios fabricam uma conserva, de efeitos narcóticos, a que dão o nome de madjoun.

Os turcos usam o haschisch ligeiramente queimado em mistura com o mel, denominado esrar e o dawa-mesk que é um electuário composto de extrato gordo misturado com pistache, moscada, açúcar, etc.

Na Índia, no Estado de Napal, tem o nome de charras ou churris, um acepipe, em forma das nossas almôndegas, preparado com as resinas, segregadas pelas fôlhas pelo ápice do cânhamo, que são colhidas em correias de couro, durante os passeios nos canhameirais.

Ainda na Índia, temos cujah o caule e as inflorescências que se fumam bangh, as fôlhas e flores sêcas na própria planta, que se fumam ou ainda a beberagem feita da infusão da planta verde.

Em Java, dissecam a planta, cortam-na, moem e fumam misturado ou não com o tabaco, aí tem o nome de Gunjah ou Ganja.

Na Pérsia, Goanja ou Ganzar, trituram as fôlhas e espremem-nas tirando assim o suco de que usam em diversos misteres.

O assis, do Egipto, bôlo preparado pela trituração das fôlhas nágua, usam para mascar.

No Cairo, a tintura de haschisch associada a princípios aromáticos e às vêzes com cantáridas, denominam chatsraki.

Hafioun, dos Orientais, é um extrato aquoso, que se obtém fervendo as fôlhas da planta viva em água e ajuntando, depois, ao líquido um pouco de manteiga fresca. Em seguida evapora-se e tamiza-se de modo a se ter uma massa fina e homogênea, ficando esta impregnada do princípio ativo, canabinol. Ao fim de certo tempo a manteiga rança e toma um cheiro desagradável, servindo nessa ocasião para mascar, adicionada de alguns princípios aromáticos.

O verdadeiro haschisch, obtém-se aquecendo-se com manteiga e um pouco d'água.

Diz Personne, que até hoje ainda não foi determinada a composição química do haschich, que tem como princípio ativo um óleo essencial, formado por certo número de corpos, entretanto, o Dr. Héraud, dá como componentes a canabina $C^{36} H^{20}$ e um hidrocarbureto de canabina $C^{12} H^{14}$.

As denominações para o cânhamo são interessantes, convindo conhecer-se sua nomenclatura; ei-la:

Arábia — Tacusi ou cherneb.

Pérsia — bang.

Celtas — kanas.

Ceilão — Matkansha.

China — Tsing-ma.

África Portuguesa — riamba.

Bengala — ganga.

Ainda existem nomes, conforme o período de vegetação, assim:

Na Índia quando a planta está em flor, gunjah.

Em Bengala, quando as sementes e as flores estão desenvolvidas, bangue ou beng ou subjee ou sidhee.

No Brasil, também os nomes são diversos.

Amazonas, dirijo, birra e quando são as sementes sem maceração na aguardente chamam de tiquira.

Pará, liamba, diamba, birra, pango e dirijo.

Maranhão, diamba.

Alagoas e Sergipe, fumo de Angola, maconha e riamba.

Rio de Janeiro, pango e diamba.

Rio Grande do Sul, fumo de maconha.

Outros Estados, pango e umburu.

Temos notado a existência de um pequeno engano de denominação, e, julgo que devemos aqui esclarecer o que sabemos.

A diamba ou haschich, é uma mesma coisa, e tanto é o *Cannabis sativa* como o *Cannabis indica*.

Apesar de ser considerada tôda a planta entorpecente, não sabemos se haja feito qualquer estudo ou uso das raízes.

O diambonizado tem a bôca sêca, uma contração terrível no esôfago, pobreza gástrica, náuseas e vômitos.

A sensação da fome é grande e da sêde é insuportável.

O intoxicado fica insensível chegando às vêzes a ser absoluto êste estado.

Manifestações há em que a dor provoca desejos alucinantes.

Comum é observar-se o intoxicado sentir enorme prazer em bater a cabeça contra as paredes, não raro fraturando-a com satisfação.

Agindo, a diamba, de várias maneiras sôbre o sistema muscular, temos visto intoxicados de andar incerto, outras vêzes de andar agitadíssimo, e ainda outras de falta de locomoção.

O ouvido adquire uma grande suscetibilidade de modo que por mais insignificante que seja o som, o fere desagradavelmente.

O canabalizado tem extraordinariamente desenvolvido o sentido musical.

As sensações cerebrais são aumentadas de modo espantoso.

A vista sofre tôdas as ilusões, a mudança das côres, erros de perspectiva, espaço ilimitado e até imagens duplas, trípticas e infinitas, sendo que Moreau em sua tese intitulada "Hasch", diz ter constatado êstes fenômenos; ainda cria o tóxico a visão de aspectos grotescos e delícias eróticas.

Apesar das doses terapêuticas serem de grandes benefícios, estas mesmas acabam exercendo a ação tóxica.

Richet observa que as doses pequenas tem provocado uma debilidade da vontade, que não é senão um passo para a histeria. Sendo que nesse estado o enfêrmo não perdendo o conhecimento de sua individualidade, percebe que de modo algum controla a vontade.

*
* * *

Quando no rico sertão nortista, se encontra a sertaneja, bela moça, de carnes rígidas desafiando a natureza na sua pujança de reprodução, mas trazendo nos olhos pretos, que ferem como setas, a melancolia, a dor do coração de quem foi renegada, é "na taça daquele haschisch das êbrias do amor", como disse Camilo, que a desgraçada encontra o calor de sua paixão.

Em 1850 Fernando Boissières, adm rador de artistas, literatos e poetas, reuniu em seu Hotel Pimodam, em Paris, os mais afamados pelos talentos e ainda os seus amigos. Aí se fundou o famoso "Club dos Haschischinos", chegando a constituir o ponto de reuniões dos mais célebres literatos e das mais belas mulheres. Diz Teophilo Gautier: "Neste ambiente de nevropatas,

sobressaía a figura de Carlos Baudelaire, o poeta maravilhoso, o cantor de tôdas as podridões, e degenerações, reflexo da sua melancolia, do tédio e do seu espirito paradoxal e belicoso. Produz verdadeira dor conhecer-se que o talento e o gênio dêste escritor, tomasse um caminho todo negativo na vida, não se conformando com a linha normal e procurasse num ou noutro veneno, alguma coisa que o fizesse sobrepujar o ambiente que o rodeava. Sofria de tristeza e para mitigar o "spleen" característico daquela época romântica, procurava no haschisch, na morfina, no álcool e nos amores mórbidos, um excitante para seu estado melancólico e um estimulante para suas psiconeuroses.

Aos trinta anos, sua vida era um martírio e seu cérebro em constante desequilíbrio produzia essas "Flores do Mal"; admirável poema, mas execrável sôbre o ponto de vista moral, por ter deixado aberto o caminho para todo espirito inquieto ou inculato que crê, que seguindo as pegadas de Baudelaire, poderá dar ao mundo poemas impecáveis. Baudelaire, não necessitava dêsses tóxicos para ser um grande poeta. Em sua última obra "Meu coração posto a nú", arrependido da sua intoxicação e de seus êrros que perderam sua vida, aconselha: "obedecerás aos princípios da mais estrita sobriedade, fugirás dos excitantes, quaisquer que sejam".

Sõmente Balzac saiu incólume das reuniões do Hotel Pimodam, diz o Dr. A. de Pagador recusando por desnecessário ao seu gênio criador de admiráveis novelas, a embriagar-se pelo haschisch que lhe oferecia Teophilo Gautier".

Dois casos típicos dos efeitos da diamba, posso relatar, passados no Pará.

Bragança, cidade do norte, estação terminal da Estrada de Ferro de Bragança, de antiga opulência, procurando reconquistar os antigos esplendores, fêz ali a diamba a sede do seu maior comércio.

M. C. que exerceu o lugar de escrivão da polícia a meu pedido e era cabo de turma na estação de Fuma de Tracuateua, era um canabizado; eu ignorava.

Seu estado mórbido, excessivamente calado, de rosto pálido e macilento, olhos papudos como de alcoólatra, obrigou-me a observá-lo de perto.

Seu trabalho era completamente negativo.

O ilustre Juiz de Direito, de então, da Comarca de Bragança, que traz o arminho de sua honrada toga com a brancura dos homens superiores, relatou-me o seguinte: — "estando em seu gabinete certo dia, ouviu uns gritos estranhos e por isso foi à janela verificar o que se passava de anormal, então com espanto viu um homem de pupilas dilatadas, narinas da mesma maneira, rosto congestionado, a gritar como louco — viva minha liberdade, minha mulher morreu; viva minha liberdade, minha mulher morreu.

Depois soube que era M. C., inveterado no vício da diamba.

O Sr. Ananias Reis, quando cadete, servindo no 15.º Batalhão de Infantaria, estacionado na Província do Pará, em 1889, comandado pelo Coronel Magalhães, relatou-me que o corneteiro Apolinário, homem morigerado, meio imbecil, era fumador da diamba e apesar de fazer às escondidas, devido as ordens severas do coronel, denunciava-se, pelo seu estado de valentia, desordeiro, indisciplinado, sendo finalmente expulso das fileiras, devido ao sem números de prisões que tinha.

Outro fato, e bastante comovente, relatado pelo velho amigo Coronel César Pinheiro, em sua vivenda em Miraselvas, onde está a estação da Estrada de Ferro Bragança, Quatipuru.

Devido a desordens políticas foi destacado comissionado como Subprefeito, que corresponde a Subdelegado, entre nós, o tenente do Corpo de Polícia J. D., que restabeleceu a ordem logo à sua chegada, sem ter necessidade de violência e restituindo à população a tranquilidade tão desejada.

S. C., prejudicado nos seus interesses subalternos, na vingança que desejava exercer, pela anormalidade de diambanizado, sem entretanto, ter ainda perdido o contróle sôbre sua vontade, procurou um instrumento para sua vingança, e achou.

F. A., rapazola, imberbe, iniciado no vício da diamba, poucos meses antes, foi o escolhido para o sacrifício.

Em dia turvo, devido a estação de chuvas, tendo aparecido F. A. à casa de S. C., êste ofereceu a êsse rapazola um cigarro de diamba, e assim que principiou a fumar, S. C. mostrou necessidade do assassínio do tenente. O rapazola, respondeu, que isto êle não faria, porque o tenente era seu amigo, tinha trazido a paz a Miraselvas, todos estavam satisfeitos pela tranquilidade que garantia.

S. C. insistia, na necessidade do assassínio do tenente J.D. De momento veio ao rapazola a tosse, característica da intoxicação, o que chamam da bebedeira, S. C. oferece um cálice de cachaça que continha a diamba e vendo o tenente atravessar a grande praça de Miraselvas, levanta-se, pega pelo braço F. A. e ordena, vá, mate o tenente.

Terrível destino, o diambanizado, sai e obedece as ordens recebidas.

Caído o tenente, F. A. em gargalhadas, orgulha-se de ter matado o seu amigo.

Prêso, ao amanhecer do dia seguinte, pergunta onde está, e porque lhe puzeram ali. Ouve a história e como assassinou o tenente, o pobre rapazola de olhos esbugalhados, apalermado, de rosto congestionado, mira todos ao redor de si, e depois de longa pausa, aparvalhado, de novo pergunta, porque está ali, confirmado o motivo, nega.

Nega, sim, em chôro convulsivo, garantindo nada ter feito, garantido com a convicção de um inocente, como é o viciado da diamba.

Como vimos no decorrer desta palestra, o diambanizado, não tem a menor noção do ato que pratica durante a ação do tóxico.

E esta convicção é a salvação da vítima, porém um criminoso de entorpecentes, como foi êste rapazola, instrumento inconsciente do desalmado S. C.

Ainda uma testemunha dêste fato, com a devida vênia, cito o nome do Dr. Raimundo Ferro e Silva, médico do Corpo Policial do Estado do Pará, conhecedor desta triste ocorrência, pois foi em 1921, quando entrou para a Polícia.

O Dr. Rodrigues Dória diz em seu trabalho "Os fumadores da maconha. Efeitos e males do vício" — "Há na embriaguez da maconha o fato interessante de, após a dissipação dos fenômenos, lembrar-se o paciente de tudo o que se passou durante a fase do delírio".

Entretanto, damos nosso testemunho do contrário do citado Dr. Rodrigues Dória, servindo, ainda êste fato para confirmar o que vimos dizendo sôbre efeitos da diamba, variam de lugar a lugar, e do estado em que foi usada a diamba: fôlhas, flores, caule, sementes e maneiras do preparo.

Consideramos, ainda, fumada, mascada, em beberagem, planta fresca ou sêca.

Quantidade das fumaradas, pura ou em mistura com o fumo, qualidade do fumo.

Comenta, ainda o Dr. Dória: — "Os sintomas apresentados pela embriaguez da maconha são variáveis com a dose fumada, com a proveniência da planta, que pode conter maior quantidade dos princípios ativos, com as sugestões, e principalmente com o temperamento individual."

Diz o Abade Arnold de Lubeck:

— “O cânhamo os põem em estado de êxtase causando a loucura, onde se o leve. Os bruxos aparecem mostrando aos dormidores coisas fantásticas, prazeres e divertimentos inconcebíveis; prometendo-lhes que esta felicidade será eterna, desde que se resolvam executar as ordens que forem dadas com o punhal que se lhes entregar.”

Pude observar no Pará, que o cheiro forte, despreendido da planta, produz a intoxicação, ainda que moderada, nos operários encarregados da limpa e da colheita.

Êsse pessoal que trabalha, geralmente em troca de uma fumarada, apesar de sua fisionomia macilenta e triste, seus movimentos são desordenados.

Os indivíduos que usam a diamba têm as pupilas e as narinas dilatadas, os olhos esbugalhados e quase parados, a cabeça pendida para a frente, os músculos faciais denotam insensibilidade.

A intoxicação pela diamba exercese predominantemente sôbre a imaginação e as coordenações das idéias.

Moreau diz: — “as faculdades da imaginação e concepção são exaltadas enquanto as da vontade e da razão são deprimidas.”

Todo o diambanizado é grandemente desmemoriado. São indivíduos incapazes de um recado por mais simples que seja.

O fumador ou bebedor da diamba, depois de achar-se debaixo da ação do tóxico, executa, inconscientemente, as ordens recebidas ou as idéias que procurava firmar na mente.

O intoxicado é um verdadeiro inconsciente.

O estado do diambanizado é do delírio, na desagregação das idéias, que flutuam sem nexos no cérebro do intoxicado, tanto no mais circunspecto, como no mais cretino; da perda da vontade, da incapacidade de refletir, passando dos momentos mais alegres aos de tristeza mais profunda, verdadeiro imbecil.

As idéias alegres são caracterizadas pelo rir convulsivo, multiplicam-se ou cessando sem causa dominante.

As sensações são extraordinariamente exaltadas; perde a idéia do tempo e espaço ou se a tem é sem medida, determinando não raro o impulso para a morte ou suicídio.

Tem chegado ao ponto de ser necessária a camisa de força com o fim de contê-los a não praticarem o assassínio, pois querem ferir, querem matar, diz Clarac.

É um verdadeiro estado de desordem mental.

A diamba exerce uma ação terrível sôbre o cérebro, pior que o álcool, tendo a designação na medicina européia de veneno da inteligência.

Seus efeitos de destruição são mais fortes do que os do ópio, éter e do clorofórmio.

Meurisse, diz: que o mundo de alienados, no Egipto, aumenta na razão direta do consumo da diamba.

Na Índia, dois terços da alienação mental é devida ao consumo da diamba. De 1864 a 1866, sôbre 2.283 alienados, 878 tinham como causa o abuso da diamba, conforme estudos de Chevers.

Na Europa, diz Clarac, tem se constatado casos de envenenamento, pela diamba, muito inquietadores, depois de preconizações médicas.

Os inveterados fumadores, portanto os intoxicados crônicos, diz Hassan Racine, nas conclusões de suas observações, têm “uma prostração geral mais ou menos profunda e enfraquecimento das faculdades intelectuais. Os intoxicados têm o aspecto de pasmados e de intratáveis, às vêzes melancólicos.

Ordinariamente, desviam-se e demonstram não entender ou não compreender o que se lhes pergunta.”

Ainda diz Hassan Racine, que, nos intoxicados, observou, “aqui todos os sintomas da paralisia geral.”

O tipo do fumador da diamba ou haschisch, é do imbecil.

De longe se conhece os fumadores do haschisch, por seu semblante pálido, seus olhos fundos, seu caminhar incerto.

A descendência do fumador inveterado pode ser inferior desde quando a concepção se dá, estando os reprodutores debaixo da ação da diamba. Entre os piratas do Rif designam-se os meninos escrofulosos sob o nome de “Lld l’Kif”, chamando-se assim filhos do Kif.

Confirmando o Dr. Luis Lewin as nossas observações podemos, entretanto, assegurar, que o filho do intoxicado pela diamba é sempre um inferior, pois, êste entorpecente tem poder estigmatizador, maior que o álcool.

“A polícia indígena da ilha de Java tem como principal missão a captura dos indivíduos atacados pelo “amok”, espécie de loucura furiosa que costuma acometer os que fumam o haschisch, ou cânhamo índio, impedindo-os, assim, de matarem a todos os que se colocam à sua frente. Os policiais andam armados de uma espécie de forquilha, com que derrubam e seguram êsses furiosos que são castigados com a pena de morte, pelas leis holandesas.”

Os casos de loucura entre nós, no norte do país, são em grande número e se a classe médica não os tem ainda em seu registro é porque, desconhecendo o poder do entorpecente da diamba, tem ainda o apoio da família para desviar sua observação, atribuindo ao Deus foi quem quiz.

Agora é que a nossa classe médica vem voltando a atenção para os efeitos terríveis da diamba, o maior degenerador das classes pobres e incultas, que a usam para terem momentos de delícias. Com os estudos dos mestres Rodrigues Dória, Juliano Moreira, Henrique Roxo, Pernambuco Filho e Adauto Botelho, começa a ser desenvolvida a campanha saneadora contra êsse tóxico.

Podemos garantir sem receio de exagêro que cinqüenta por cento das mortes de pescadores, em naufrágio, pois são encontradas embarcações ao léu das ondas, é proveniente da diamba, porque são êles fumadores inveterados.

J. B. Cohen, em sua crônica, “Bragantinas” na Província do Pará, de 1925, diz: “não é caso virgem achar-se um cadáver em estado de putrefação na mata e cuja existência ali nos é denunciada pelos urubus, tudo isto tendo como causa única o uso da diamba, cuja vício inveterado vai já tomando proporções assustadoras.”

Aqui está o maior motivo desta apatia nos homens do mar, do nordesta, que apesar de tudo é ainda o representante hercúleo do Brasil.

No Maranhão é grande o consumo da diamba e tôda aquela gente, macilenta, inerte, imbecil, tem dois males que os corrói para a miséria, a verminose e a degradada diamba.

Fumam em vasilha cheia de água, à semelhança de cachimbo turco, a que dão o nome de: cabaça, grogoió e maricas.

Esta é feita com a cabaça amargosa, a *Curcubita Lagenaria de Lineo*, fazem um furo na parte superior da cabaça e põem um canudo por onde aspiram a fumaça; na parte fina do gargalo há um suspiro e em baixo da cabaça, na base, colocam um recipiente de barro, em forma de cachimbo que serve de braseiro onde é depositada a diamba.

O fumo atravessa a água, deixando as impurezas e chegando frio à bôca do viciado.

A intoxicação manifesta-se pela tosse, que geralmente é um acesso convulsivo.

O diambanizado, bebendo aguardente depois da tosse é atacado da raiva.

Quando em 1911 e 1912, atravessei os sertões do Maranhão e percorri pequena parte do interior do Piauí, ouvi por diversas vezes, o grito de alarme, fulano já está pronto, hoje êle está terrível, ou então hoje êle está calmo, é provável que tenha pitado pouco.

Indagando as significações destas frases, tive a informação — pitou a diamba — que era uma planta e coisa alguma mais me diziam.

Acrescentavam, porém, devido ao meu interrogatório, que o fumo tornava o fumador valente e sempre morria louco.

No Maranhão, quando se reúnem para fumaragem, há os versos típicos, que demonstram bem a origem do tóxico:

“Ó diamba, sarabamba!
Quando eu fumo a diamba!
Fico com a cabeça tonta,
Saraminhongo...”

Já tinha gozado muito. Depois era que o diabo não o deixaria mais. Na quarta-feira, chovesse ou fizesse sol, havia de tirar seu trago na maricas, fôsse onde fôsse.

O seu companheiro, o que até ali não dera palavra, tinha aquêles pesadelo eterno no semblante. O diabo esquecera até da fala! Com os cabelos crescidos, amarelão, o bigode desleixado, a barba falha, olhava serenamente com aquêles olhos fechados, chineses, escleróticos, o ambiente sórdido, com um riso murcho na bôca, rústica, de lábios arroxeados.

Néo arrumava sôbre a esteira a maricas, o molhe de maconha, cuidando dos preparativos, com aquêles prazer egoísta, seu, em primar como veterano no vício... E trazia aos poucos as drogas, cheirando a planta com volúpia, beijando a maricas, abraçando-a, antes de colocá-la sôbre a esteira.

Olhava-a longamente, ébrio de alegria, e ia buscar outro objeto, tremendo, esfregando as mãos, satisfeito.

Ignácio olhava tudo, suspenso, indiferente à ânsia e ao prazer antegozado por seus companheiros. Afinal, Néó sentou-se à cabeceira.

A luz macerava as caras rústicas dos degenerados, afundando-lhes os olhos, pondo-lhes em relêvo a ossatura.

Néo, com os beiços arregaçados, exibindo as gengivas roxas, os braços cruzados beaticamente nos peitos, os olhos quebrados, regougou, sonâmbulamente:

Maricas, minha maricas,
Maricas do Néó cangonha:
Eu morro de bôca torta
De tanto chupar maconha.

Os companheiros lhe responderam, com religiosidade, de braços cruzados e o busto rodando miúdo sôbre o assento:

— Ê de Congo
Saraminhongo...

Alberto Deodato, no seu livro de contos, intitulado “Canaviais”, que obteve o primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras, pinta-nos com côres vivas o vício da maconha, no capítulo “Sombras Agrestes”, que, data vênha, transcrevemos: — “Caminha, Ignácio. Venha se esquecer disso, meu irmão... Hum, hum, quem se mata é você... Entre p’ra dentro...”

Na sala, sôbre o chão do atêrro, estava estendida a esteira de peri-peri. A um canto o pote sôbre a forquilha, o lombilho do vaqueiro coberto de guarda-peito e gibões, tirantes e perneiras. Pelas paredes, dos tornos pendiam garrafas de azeite e latas de creolina.

Uma luz de alcoviteiro esmorecia a escuridão. Sentaram-se os três na esteira.

Ignácio ia iniciar-se. Conhecia de nome a maconha, e uma vez mesmo, novinho ainda, um fumador botara-lhe a maricas na bôca.

Todos ali eram velhos bebedores. Chico não tinha lá muitos meses de vício. Fumara-a, pela primeira vez, há três meses apenas, naquela mesma casa, depois de um desgosto que lhe dera a filha, fugindo com um palhaço de circo por êsses mundos de Deus.

A maconha foi-lhe uma salvação. Avivou-lhe a cabeça e, de amuado que andava, tornou-se outro homem: alegre e falador. Que lhe importava o dito do povo de que, mais cedo ou mais tarde, êle havia de ficar como o Néó, esquecido, tremendo, fazendo careta, inchando, falando só...

— É de Congo
Saraminhongo...

Néó chupou longamente o canudo da maricas, cuja água aquecida filtrava o fumo da maconha. Saboreou estrábico o narcótico e, dentro de um novelo de fumaça, gaguejou:

— Maconha é bicho danado,
Bicho danado é maconha;
De tanto bem à maricas
A gente perde a vergonha...

A maricas passou pela roda. Cada fumador tirava o seu trago, no mesmo vaso, demorando-se em saboreá-lo, peneirando o busto e contraindo os músculos do rosto que espremiavam o estribilho monótono:

— É de Congo
Saraminhongo...

Quando foi a vez do Ignácio, o iniciado longamente com a tristeza infinita de sua mágua... Como os seus companheiros, chupou, sôfrego o gargalo. Carateou estremecendo, repugnando. Néó, porém, desassizado, baniu cabisbaixo um pedaço da quadra:

— Lá vai embora a fumaça
Da minha maconha, Chico...

E os versos rarearam... O estribilho morreu na bôca dos narcotizados.

Com o lento subir da noite as fisionomias iam-se transformando. Os olhos dos fumadores escureciam na caverna das olheiras, no fundo das pálpebras inchadas, como se viessem do relento de noitadas. Néó, cadavérico, arregalava os grandes olhos opacos em esgares nervosos, aspirando ansiosamente a maricas vasia. A fumaça, rara, desmanchava-se pelos cantos da sala, velada pela luz morticã do candieiro. O fumador taciturno, esquelético, ergueu-se de olhos morticados, sonâmbulo, com as mãos nos quadris e um sorriso frio, bamboleando numa dança desengonçada, feita de luxúria e peneiramento. Desmanchava-se em beijos amolecidos, sapateando, para agarrar-se à maricas e morder-lhe, nevrótico, o gargalo. Em seguida gesticulava, espiralando o dedo ou negando, terminantemente, num bracejar enérgico.

Chico, depois de falar por meia hora coisas sem nexo, caiu-se para um lado bestialmente entorpecido.

Ignácio, na quinta baforada, levantara-se aos trambolhões para cair por cima de um lombilho, jogado a um canto. Levantando-se da letargia longa, começou, em estremeções, a roncar cavernosamente. Altas horas, ergueu-se com os olhos paralizados, cadavêricamente branco.

Voltou a cabeça para os lados, perscrutando. Apalpou o espaço, o próprio peito, a barriga, o cinturão... Os dedos contraíram-se nervosos, subindo da bainha ao cabo de ôsso da lambedeira. Parou e atentou. A lâmina da arma branca riscou à meia luz. Com os beijos arregaçados, numa expressão de ferocidade, Ignácio triturou nos molares a última palavra:

— RRRóósa!

E o corpo, desequilibrando-se nos calcanhares, baqueou, contraindo-se numa agonia silenciosa e lenta.

Pelos buracos do telhado, a lua ciscava uma poeira de luz fria sôbre o cenário onde uma voz ainda, longínqua, cochichava:

— Bicho danado é maconha...

*
* * *

Do interessante trabalho “Sôbre o vício da diamba” do engenheiro agrônomo Francisco de Assis Iglésias, atual diretor do Serviço Florestal do Brasil, e que foi publicado nos Anais Paulistas de Medicina e Cirurgia — Vol. IV, n.º 12, pág. 274, ano 1918, publicando em tempo esta revista na íntegra, transcrevemos agora alguns trechos não só para fortalecer nosso combate como também para mostrar que, de quando em vez, ergue-se uma voz patriótica, mantendo, sempre, êles o idealismo, de serem ouvidos pelos poderes competentes.

O capítulo “Algumas Experiências”, transcrevemos na íntegra, pois não conhecemos nenhum trabalho feito anterior ou posteriormente ao do agrônomo Francisco de A. Iglésias, tornando assim “Sôbre o vício da diamba”, original e de grande eficiência para aquêles que desejam dar um pouco de sua inteligência em prol da pureza (Eugenia) pela coletividade.

“Club de Diambistas” — Os fumantes reúnem-se, de preferência na casa do mais velho, ou do que, por qualquer circunstância, exerce influência sôbre êles, formando uma espécie de club, onde, geralmente, aos sábados celebram as suas sessões.

Colocam-se em tórno de uma mesa e começam a sugar as primeiras baforadas de fumaça de *Cannabis indica*.

Depois de alguns minutos, os efeitos começam a se fazer sentir.

O indivíduo apresenta os olhos vermelhos. Os músculos da face se contraem, dando ao rosto expressão de alegria ou dor; a embriaguez não tarda e com ela o cortejo dos seus vassallos; o delírio aparece, a princípio, agradável dando um bem-estar, trazendo à mente coisas agradáveis, vai se aumentando, aumentando até a loucura furiosa que toma diversas modalidades segundo o temperamento de cada indivíduo.

Uns ficam em estado de coma, em completa prostração; outros dão para cantar, correr, gritar, outros ficam furiosos, querem agredir, tornam-se perigosos.

Os fumadores depois de *curtirem* a embriaguez, voltam ao estado normal. Isto no comêço do vício. Quando o indivíduo é um diambista habitual, mesmo depois da embriaguez, tem aspecto e modos de idiota; é um homem à margem.

O alcoolista, geralmente, não quer ser tido como tal; mas não faz muita questão em beber álcool em plena sociedade; mas o diambista não; esconde o seu vício, vai fumar às escondidas, não quer que se saiba, nega-o sem-

pre que é interpelado; a não ser que seja um diambista inveterado que o idiotismo esteja apontando, implacavelmente para o seu miserável vulto; êste é fumador de diamba.

Vamos assistir uma sessão num clube de diambistas no vale do Mearim próximo de Pedreiras, no Estado do Maranhão; os fumadores estão, uns em volta de uma mesa, outros deitados em suas rêdes.

As primeiras fumaradas os olhos se injetam de sangue; os primeiros sintomas de perturbação mental se manifestam. Alguns ditos chistosos, umas gargalhadas, indicam que o pessoal começa a embriagar-se e versos toscos e desconcertados saem por entre baforadas de diamba:

“Ó diamba, sarabamba!”

.....

A continuação do vício traz como resultado final — a morte.

Vimos os diambistas, nos seus delírios poéticos, declarar que a diamba matô bacinto por ser bôo fumadô.

Não obstante isso, êsses miseráveis, não têm mais força para se libertar de um vício, que, por algumas horas de prazer, como são todos os vícios, lhes rouba anos de vida.

Assim como um crime atrai outro crime, um vício se une a outro vício: afinidade infernal — *Similia, similibus facile congregantur*. É muito comum as meretrizes se rodearem de um sem número de vícios que ajudam a dar cabo da sua desregrada vida.

Como se o éter, a cocaína, a morfina, o ópio não bastassem para flagelá-las já descobriram a diamba — a planta da loucura.

Extrema miséria: a diamba está passando das tascas e choupanas da gente rude para as câmaras das prostitutas!

Logo, muito logo, os moços elegantes, se embriagarão com a diamba; e, como, desgraçadamente, êles têm irmãs o vício terrível passará a fazer parte da moda como já o é, a mania do éter, da morfina, da cocaína, etc.

A história está-se repetindo: as Helenas modernas, não deixarão de ofertar aos seus Telêmacos espartilhados o inebriante *Haschisc*, a planta da felicidade, que nós chamamos — planta da loucura.

ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

No intuito de estudarmos a ação tóxica da diamba nos animais de laboratório imaginamos um aparelho em que a administração se aproximasse das condições em que observam os inveterados fumadores.

A figura 14 representa o aparelho por meio do qual os animais de laboratório sofrem a ação da fumaça da diamba.

A fim de fazer passar o ar que vai ativar a combustão da diamba, levando a fumaça à bôca introduz-se pelo cano *A* uma corrente de ar; o cachimbo, o que está no tubo de vidro arrolhado pelos tambões *b* e *b*, está cheio de diamba com uma brazinha em cima, desprende, imediatamente a fumaça, que se introduz no recipiente *d* pelo tubo *e*; a fumaça aí atravessa a camada de água contida no recipiente referido, e foge pelo tubo *g*, introduzindo-se na campana *h*, onde está o animal em experiência.

1.^a experiência — Colocado diante do funil (campana *h*) onde se desprendia a fumarada oriunda da combustão, observamos, depois de alguns instantes, fenômenos de excitação, caracterizados pela agitação desordenada da cabeça, movimentos de deglutição, batimento de asas, etc. Estes fenômenos duraram alguns instantes, ao cabo dos quais o animal cai e no fim de 3 minutos, fica anestesiado, com respiração muito acclerada. Retirado da frente do aparelho inalador, o animal pouco a pouco vai se restabelecendo, podendo a princípio andar, mas não podendo voar.

Depois de 15 minutos aparecem vômitos, que se prolongam, findo êstes, o animal se restabelece.

2.^a experiência — Pombo n.º 2 — O animal é colocado em uma campana afunilada (h), onde o ar pode circular de mistura com o fumo. Os mesmos fenômenos foram observados, com mais rapidez.

3.^a experiência — Cobaia n.º 1 — Com cerca de 400 grs. Colocada diante do aparelho inalador durante 5 minutos apresentou sintomas semelhantes aos observados no pombo: período de excitação e período de sonolência e paralisia, com restabelecimento em 15 minutos, permanecendo, no entanto num estado de torpor que foi observado durante algumas horas.

4.^a experiência — Cobaia n.º 2 — Com pêso idêntico ao da primeira; foi colocada debaixo da campana. Os mesmos sintomas foram observados, notando-se no período do restabelecimento, exagêro muito pronunciado de fenômenos reflexos.

5.^a experiência — Um cachorro de 1.700 grs. recebeu o produto de combustão do conteúdo de dois cachimbos, cerca de 4 grs. de vegetal, durando a inalação uns 10 minutos. Observamos o período de excitação e a mesma sonolência e paralisia que fôra notada nos animais anteriores.

O animal permaneceu sonolento e paralisado em decúbito lateral por 8 minutos. Ao cabo dêsse tempo levantou primeiro a cabeça, e depois de alguns minutos conseguiu colocar-se sôbre as patas anteriores, tendo, entretanto, os membros posteriores em estado de paralisia: depois de mais alguns minutos em que foi observado o movimento desordenado da cabeça, como se o animal estivesse sob a ação do álcool, conseguiu pôr-se sôbre as quatro patas.

Chamado ou enxotado, movia-se com dificuldade, muito lentamente, descrevendo singuezagues, como se observa nos bêbedos.

Dentro de duas horas o animal estava restabelecido completamente.

6.^a experiência — O líquido de lavagem foi injetado na veia de diversos coelhos em doses variáveis, desde 1 cc. até 5 cc., não sendo observado sintoma algum de envenenamento. Em injeção subcutânea na cobaia, também não determinou fenômeno algum apreciável.

Esta parte experimental foi feita em colaboração com o nosso mestre Dr. Vital Brasil.

O Dr. Jesuíno Maciel fêz um seu empregado e um estudante de medicina fumarem a diamba. O primeiro sentiu leve tontura, ao passo que o segundo caiu em sono profundo, tendo tido durante o mesmo, sonhos eróticos. O estudante era de constituição mais fraca do que o empregado.

Esta observação foi comunicada pelo Dr. Maciel à Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, em 1.º-6-1915.

CONCLUSÕES

1.º — No Norte do Brasil cultiva-se a *Cannabis sativa*, conhecida por *diamba*, *liamba*, *maconha* ou *moconha*, com o fim de ser fumada por indivíduos viciados, que procuram neste vício um estado de embriaguez especial.

2.º — Êste vício extremamente nocivo determina graves perturbações da saúde, que se traduzem ordinariamente por alucinações, podendo terminar por alterações mentais que levam às vezes ao crime ou ao suicídio.

3.º — Êsta espécie vegetal, assim como o vício, parece ter sido introduzida no país pelos africanos.

4.º — A sua ação tóxica verifica-se por experiência em animais de laboratório, quando a êstes é administrada de modo idêntico àquele pelo qual o homem viciado o pratica.

5.º — A água através da qual passa o fumo da diamba, não obstante a côr escura adquirida pela lavagem do fumo, não revelou toxicidade quer quando injetada subcutâneamente ou por via venosa.

6.º — Medidas enérgicas de profilaxia devem ser adotadas pelos poderes competentes, a fim de evitar as graves consequências da extensão desse perigoso vício.

O Dr. Rodrigues Dória no seu interessante trabalho, já citado, tese apresentada ao 2.º Congresso Científico Panamericano reunido em Washington, em dezembro de 1915, diz: “A maconha ou riamba entra clandestinamente nas prisões e invade os quartéis, exigindo séria fiscalização por parte da respectiva officialidade; é muito apreciada pelo baixo meretrício; os canoeiros e barceiros de Sergipe, assim como os intrépidos jangadeiros do Ceará e os pescadores em geral, estão mais ou menos dominados pelo vício.”

Mas, como podemos refrear o uso da *diamba*? Serão iníquas as providências a serem postas em prática ou haverá facilidade em a sua repressão?

Julgo bastante trabalhosa esta tarefa de tão patriótica medida, mas a firmeza de sua execução e a persistência acabarão triunfantes.

Como conhecedor dos nossos brasis, ao par de sua índole e costumes, posso apresentar sugestões, sem que me caiba a esperança de vê-las postas em prática.

Convém referirmos ao que se já tem feito em séculos memoráveis.

Tem sido preocupação em tôdas as épocas as mais remotas a proibição do uso de fumar e do beber a *diamba* (cânhamo).

Em 1378, nos diz L. Lewin, que o emir Soudoun Scheikhouni, procurava acabar com o consumo abusivo do *cânhamo indico*, entre as classes populares.

Determinou, para isso, que fôsse arrancada em Djoneima, tôdas as plantas e mais a prisão dos comedores do cânhamo.

Como medida extrema o emir, ainda, ordena que se arranquem os dentes dos que forem apanhados como comedores do cânhamo e L. Lewin, nos informa, que diversos sofreram essa pena.

Decorridos quatrocentos anos, o abuso da *diamba* chama de novo a atenção das autoridades.

Ao espírito arguto de estadista de Napoleão Bonaparte, não passou desaperecebido o mal que empolgava as classes do povo no Egito, e assim em data de 8 de outubro de 1800, fêz baixar a seguinte ordenação:

“Art. 1.º — É proibido em todo o Egito o uso da bebida fabricada pelos Moslen com o cânhamo (haschisch), como também fumar as sementes da mesma planta. Os bebedores e fumadores habituais desta planta perdem a razão vítimas de violentos delírios que os levam à prática de excesso de tôda a sorte.

Art. 2.º — A preparação da bebida do haschisch é interdita em todo o Egito. As entradas de todos os cafés ou estalagens em que forem vendidos, serão muradas e seus proprietários presos por três meses.

Art. 3.º — Todos os fardos de haschisch que chegarem à Alfândega, serão confiscados e queimados publicamente”.

Cumpre-nos lembrar ainda, que em 1830 no Rio de Janeiro, foi proibida a venda da *diamba*, sob pena de multa e prisões, infelizmente não obtivemos documentação que nos dissesse se tal medida foi posta em prática e quais seus resultados.

“Portaria da Câmara Municipal do Rio de Janeiro — Secção Primária — Saúde Pública — Tít. 2.º — Sôbre venda de gêneros e remédios e sôbre boticários.

§ 1.º — É proibido a venda e o uso do Pito do Pango, bem como a conservação dêle em casas públicas: os contraventores serão multados, a saber, o vendedor em 20\$000, e os escravos, e mais pessoas que dêle usarem, em 3 dias de cadeia.

Paço da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em sessão de 4 de outubro de 1830.

O Presidente, Bento de Oliveira Braga, Joaquim Silva, Antônio José Ribeiro da Cunha, João José da Cunha, Henrique José de Araújo”.

*

* *

No Maranhão, quando expirava a monarquia, a comissão de voluntariado ou recrutamento, recusava intransigentemente os fumadores da *diamba*.

E ficava nas listas a nota de homem, perigoso, propenso a desordens e assassínios por serem viciados no fumar da *diamba*.

É difícil a proibição do uso da *diamba* por mais severa que sejam as leis e por isso julgamos que as providências a serem oficialmente postas em prática devem chegar aos extremos e com uma firmeza inabalável. Trata-se da eugenia, da pureza da raça.

Ao Governo Federal cabe a ingrata tarefa salvadora da coletividade, de não deixar que caia a moral da nossa gente.

Do primeiro passo devem ser encarregados os funcionários do Ministério da Agricultura, pelas múltiplas repartições espalhadas pelos sertões.

O governo tem nesta classe, brasileiros dignos, cheios de fé patriótica, tudo capazes de fazer pelo engrandecimento do Brasil, caracteres ímpolutos, incorruptíveis, mas, não devemos esquecer que ao lado desta plêiade pura, os há muito dêles, sem resistência moral para abafar os reclamos do interesse pessoal.

O Ministério da Agricultura determinará com prática eficiente a destruição de toda a cultura da canabinácea (*diamba*).

Este é o primeiro passo; assim obteríamos uma grande diminuição na sua clandestina produção e desde que não fôssem relaxadas as providências, no terceiro ano, talvez, difícil seria encontrar uma planta entre nós.

— “A proibição do comércio da planta, preparada para ser fumada, poderá restringir a sua dessiminação progressiva. Sei que em alguns Estados do Norte as violências cometidas durante a embriaguez da maconha têm levado as autoridades policiais a proibir a vendagem da erva nas feiras. Em Penedo, segundo informações que me deram, essa proibição tem dado resultados, quase extinguindo as brigas provenientes da embriaguez pela maconha.” — Dr. R. Dória, Op. cit.

Convém lembrar que a cultura em Ceilão é proibida, entretanto, encontram-se com o nome de *diamba*, com o nome de *gunah*, vindo da Índia, apesar da vigilância e o rigor das leis, pois a Inglaterra ainda não conseguiu reduzir o consumo, não obstante a cultura ser feita sob o controle severo e inflexível do governo inglês.

Em seguida, viria a Alfândega não consentindo no despacho de nenhuma das mil fórmulas da *diamba*, sem que o importador tivesse seu registro especial na Saúde Pública com *responsabilidade clara e positiva*.

Aqui devemos lembrar o descaso da Alfândega de Santos, que deixou passar, com o apoio oficial, a praga do *Stephanoderes hampei*, Ferr. porque era importado, em 1912, pelo diretor do Instituto Agrônomico de Campinas, Estado de São Paulo, este presente de miséria para os nossos cafêzais.

Um grande auxiliar nesta cruzada de benemerência em defesa da eugenia da nossa gente, cujo papel primário lhe cabe, são as classes armadas.

Proibindo em absoluto e punindo severamente, não com a eliminação das fileiras, porque são providências cômodas e platônicas, mas fazendo a reclusão por completo dos delinquentes, como crime de lesa-pátria.

Não podemos deixar sem reparos que como ali, aqui é necessário a seleção, porque êstes mestres da pureza social, assim deviam ser, muitos dêles são cocainômanos, morfínômanos, e esta seleção deve ser feita, prejudique a quem prejudicar.

A mentalidade da vida da caserna deve quanto antes ser reformada radicalmente.

As associações de classe com boa e prática propaganda, que belo esteio para a eugenia social.

A Saúde Pública, pelos médicos civis e militares, terá a fiscalização geral e as providências de momento.

Agora, já, devem ser varejados, todos os ervanários, estabelecendo-se rigorosa fiscalização, tal como se verifica para com os outros tóxicos, infelizmente, ainda, sem os resultados desejados.

“Em Pernambuco a erva é fumada nos *catimbós* — lugares onde se fazem feitiços, e são freqüentados pelos que vão ali procurar a sorte e a felicidade.” — Dr. R. Dória, Op. cit.

Depois de austera revista, serão obrigados os ervanários, a um registro especial na Saúde Pública, de responsabilidade verdadeira, e ao infrator a pena deve ser de dez anos de reclusão, a confiscação de todos os negócios e ainda a inabilitação para qualquer em que possa envenenar o povo.

Aos infratores oficiais a pena será no dôbro dos vendedores, com perda do lugar exercido e inabilitação para cargo público.

Estamos certos de que existem elementos e poderosos para burlarem a ação benéfica da repressão, todavia, não deixa de ser medida salvadora.

A Câmara dos Deputados foi apresentado em 15 de agosto de 1930 o Projeto n.º 209 — tendo como relator o ilustre homem de ciência, deputado pela Bahia, Dr. Afrânio Peixoto.

Nesse projeto o único parágrafo que se refere aos entorpecentes é a letra e do art. 19.

e — concedendo 1% da sobretaxa cobrada por esta lei para a propaganda anti-alcoólica e contra entorpecentes e analgésicos a associações científicas ou beneficentes idôneas, como a Cruz Vermelha Brasileira, a Liga Brasileira de Higiene Mental, a Cruzada Nacional contra a Tuberculose, que dêsses dinheiros prestarão contas à Superintendência do Alcool.

Convencidos, estamos, que o ilustre mestre Dr. Afrânio Peixoto, estará de pleno acôrdo, de que as providências, no projeto contra os entorpecentes não existem, e como já tive ocasião de dizer são de urgência absoluta providências enérgicas.

Entretanto, o maior mal, será a providência platônica, de sempre, da Saúde Pública, para com os moços bonitos.

E enquanto nossa mentalidade fôr esta, que é as dos anormais, *canabizados*, coisa alguma poderemos fazer porque o *jéca* seguirá, apontando as pegadas, do moço bonito, rico e elegante que é o padrão das misérias sociais.

Agora uma observação aos demagogos de gabinetes.

Não merecem a incriminação de atrasados ou de quereremos fazer esnobismo, por ser êste infernal entorpecente grandemente industrial pela riqueza de sua fibra.

Mas, de esnobismo criminoso, são êsses demagogos de tôdas as épocas, destruidores de tudo que tem fins alevantados, porque esquecendo ou ignorando, a riqueza de fibras nacionais, algumas de maior valor industrial que a do cânhamo, a preferem por ser de além-mares, as que possuímos.

Corroborando nas providências que aqui exponho e para provar que minha ação tem sido no campo da prática, permita-me transcreva alguns trechos do meus relatório do ano de 1924, apresentado em fevereiro de 1925, ao Sr. Engenheiro Civil Miguel Calmon du Pin e Almeida, então Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio.

“As suas conseqüências muito mais funestas que as do ópio imbecilizando o indivíduo que se utiliza desta terrível planta, transmite sua imbecilidade à prole.”

“As manifestações tóxicas são exercidas diretamente sôbre o sistema nervoso, a ponto de produzir a analgesia e a dilatação da pupila, quer usada a *diamba* em fumo, quer em infusão no álcool, como bebidas.”

“O caboclo que usa a *diamba*, é imbecil e de uma indolência fantástica.”

Levo ao conhecimento do Sr. Ministro da Agricultura, que os maiores criminosos e responsáveis por esta degenerescência do *caboclo nortista*, é o chefe político, que necessita da *bestialização do povo*, para poder explorar nesta nova fase de escravidão brasileira, o povo ingênuo, *canabizando-o*.

Os negociantes do alto comércio que colocam o produto à venda, fazendo-o atingir um alto preço e animando sua cultura.

Peço e espero que o Sr. Ministro da Agricultura me autorize a dar caça a esta criminosa plantação, mais perigosa que a cocaína, o éter, e tantos outros tóxicos, que as nossas leis, patrióticas, proíbem; deixando a *diamba* no esquecimento por falta de estudos especializados.”

Apesar de não me ter chegado a autorização pedida, mas, confiante no gesto altruístico e patriótico que praticava, além da garantia das Leis Estaduais, sabendo mais das responsabilidades que me seriam assacadas por políticos de nenhum valor, a não ser os que lhes eram dados pelos governos dos Estados e da União, mandei destruir, em Tracuatena, uma lavoura da *diamba* de (200) duzentos pés, pertencentes ao Sr. M. Romão.

Para justificar o que venho dizendo e o que escrevi no relatório acima referido, ousou abusar dos que escutam minha palestra, trazendo para aqui uns tópicos das “Bragantinas” seção da “Província do Pará”, de 4 de março de 1925, dirigida pelo beletista primoroso, pelo espírito de elite que é J. B. Cohen — “Combatendo o vício.”

“Certo é que há proibição da venda dessa dormideira mas que se não executa e sôbre cujo cultivo seria necessário exercer a mais rigorosa fiscalização.

O Dr. Leonardo Pereira, que diàriamente, testemunha as mais deprimidas e lastimáveis cenas, produzidas pelos efeitos narcóticos do dirijo, tomou a si a tarefa, altamente humanitária e benemérita de combater êsse vício pelo menos no povoado de Tracuatena, não sômente impondo castigos de prisão aos que dela fizerem uso, como proibindo cultivá-la nos terrenos que se acham sob sua jurisdição, fazendo retirar a que existia exposta à venda nos estabelecimentos comerciais do povoado.

É pois, êste, mais um ato altruístico e sôbre modo humanitário que bem caracteriza a têmpera moral e o espírito progressista do Dr. Leonardo Pereira, cujas concepções são sempre grandiosas e dignas de todo amparo e imitação.”

Em favor da minha iniciativa, tive homens do valor do Dr. João Alfredo Ausier Bentes, que lhe tendo falado solicitando sua atenção como Chefe da Profilaxia Rural do Estado do Pará, e tão entusiasta ficou, que me pediu depois para ajudá-lo e ao eminente cientista Dr. Afrânio Peixoto a levar a têrmo um trabalho completo sôbre a *diamba*.

Sua morte, entretanto, assás prematura, deixou-o sem realizar tão patriótico e humanitário estudo.

Ao encontro dos pescadores, dos homens do mar, a esta gente abandonada até há pouco, quando em horas benditas apareceu a organização das Colônias de Pesca, iniciativa patriótica, eu vi erguendo-os no Pará com sua vontade firme, valorosa e gigantesca de iniciativas o então (1925) Capitão do Pôrto.

Procurei-o, e depois de ter feito uma ligeira descrição do que era a *diamba*, motivo que me levava ali, para combinarmos meios para represão de seu uso, tive a satisfação de ouvir dêste grande patriota, dêste trabalhador incansável, dêste homem que sabendo ter iniciativas, apoia com uma firmeza de ouro as que lhe são levadas, desde que se trate do bem da coletividade, de que se punha ao meu dispor para juntos inaugurarmos uma época de regeneração.

Tive a satisfação de receber as nomeações de capatazes, por mim indicados, entre êles as dos Srs. Antonio Estevam de Aviz, para do Peri, no Rio Tracautera a Malacacheta, e José Ribeiro, para de Malacacheta à Miraselvas, no Rio Quatipuro, agirem, principalmente contra o uso da diamba, assim como confirmadas suas jurisdições por êste vulto que honra a nossa marinha de guerra que é o Contra-Almirante Frederico Villar.

Pela primeira vez, trago ao ilustre marinheiro meus sinceros agradecimentos pela prova de confiança dada à minha preocupação de prestar um serviço de civismo, além dos que me competiam como, então, Diretor da Estação Experimental de Tracuatena, no Grande Estado do Pará.

Amparando, ainda a minha iniciativa, tive dêste homem político, que com sua vontade de ferro, sã e patriótica, iniciou um gov^o de regeneração, a nomeação do Subprefeito e escrivão da polícia, para Tracuatena, indicados por mim, recebendo assim a aprovação firme e sincera do Dr. Dionísio Ausier Bentes, então Governador do Estado do Pará.

Repito hoje, mais uma vez, de público, meus agradecimentos a êste administrador exemplar com a convicção de que S. Excia. nunca me regateou seu apoio moral e material porque via no meu proceder, no modo de agir, a pureza do ideal que me animava, apesar de procurarem criar os mais repugnantes obstáculos à realização dos meus sonhos de profissional, na obra que tinha iniciado, em Tracuatena, desde a derrubada da primeira árvore.

Não posso deixar em silêncio o desaparecimento revoltante, devido a mão criminosa, do maior toxicólogo do século XX, o Dr. Antônio de Pagador, espanhol de nascimento e cosmopolita pela filantropia do seu talento, que devido a sua energia e saber sua ação valia por uma legião.

Era o ilustre cientista o mentor dos governos do México, Peru, Estados Unidos do Norte, Espanha, Alemanha, Inglaterra e do Chile, onde tinha fixada sua residência; além de há pouco tempo ter aceito o convite e estar agindo em favor das *boas intenções* da Sociedade das Nações.

O Dr. Antônio de Pagador que trabalhava desassombradamente, conseguiu fixar os lucros dos contrabandistas de entorpecentes durante o ano de 1929, em 23 milhões de dólares.

Últimamente tinha sido ainda pelo Govêrno do Peru incumbido da regulamentação do comércio de alcalóides, trabalho exclusivo das suas observações e saber.

Deixou o Dr. Antônio de Pagador de existir a 15 de setembro de 1930 na cidade de Valparaíso do Chile, tendo ali chegado a 14 do mesmo mês, 24 horas antes de falecer.

Passando em 3 de setembro, pelo pôrto de Colon, Panamá, viajando a bordo do vapor "Santa Clara", baixou à terra onde num restaurante tomou um copo de leite, sobrevivendo uma má disposição, que se transformou em doença mortal.

O atestado de óbito foi o seguinte:

"Com as informações do enfêrmo e os sintomas objetivos, principalmente do coração, diagnosticamos uma miocardite tóxica."

Entre os trabalhos deixados pelo cientista toxicólogo cosmopolita Dr. Antônio de Pagador, citamos como sua obra prima — “Pueblos, Razas y Venenos.”

E terminando, eu grito como Alexandre Herculano — “O homem que vê o que eu vi e abafa no peito o grito da indignação ou é um malvado ou um covarde, e eu espero não merecer jamais nenhum desses títulos”.

Este trabalho que era uma conferência pelo Rádio Club, deixou de ser feita pelo desenvolvimento que inesperadamente dei, por este motivo é que se encontra a referência à palestra que faço e etc.

BIBLIOGRAFIA

- ✓1867 — BESCHERELLE AINÉ — Dictionnaire National de la langue française.
- ✓1873 — ALEXANDRE HERCULANO — Opúsculo — Lisboa.
- ✓1875 — CAMILO CASTELO BRANCO — O Filho Natural — Lisboa.
- 1877 — DR. JOAQUIM MONTEIRO CAMINHOÁ — Elementos de Botânica Geral e Médica — Rio de Janeiro.
- ✓1877 — RICHEL — Les Poisons de l'intelligence — Paris.
- ✓1883 — KOCHER — La criminalité chez les Arabes — (These de medecine) — Lyon.
- ✓1886 — A. RONNA — Travaux et experiences du Dr. A. Voelcker — Paris.
- ✓1891 — CH MILLOT — Traité pratique d'Agriculture Algerienne — Paris.
- ✓1891 — MEURISSE — Haschisch (These de medecine) — Paris.
- ✓1893 — GUSTAVE HEUZÉ — Les Plantes Industrielles — Paris.
- ✓1896 — PAULO MORAIS — Manual de Agricultura — Lisboa.
- ✓1900 — PAULO MORAIS — Novo Manual de Agricultura — Lisboa.
- ✓1904 — MORREAL — Haschisch — (These de medecine) & Paris.
- ✓1905 — BARÃO FRED. VON MULLER — Dicionário de Plantas Úteis — Pôrto.
- ✓1909 — DR. A. HÉRAUD — Dictionnaire des Plantes Medicinales — Paris.
- ✓1909 — ULPIANO B. SENCIAL — Tratado de Agricultura y Agronomia Tropical y Manual de Cultivos — México.
- ✓1909 — D. BOIS ET G. GADECEAU — Les Vegetaux, leur Rôle dans la vie Quotidienne — Paris.
- ✓1909 — ULPIANO B. SENCIAL — Tratado de Agricultura y Agronomia Tropical y Manual de Cultivos — México.
- ✓1911 — CH GRALL ET CLARAC — Traité de Pathologie Exotique — Intoxication et Empoisonnements. Bérib ri — Paris.
- ✓1916 — DR. RODRIGUES DÓRIA — Os fumadores da maconha — Efeitos e males do vício — Bahia — Brasil.
- ✓1918 — FRANCISCO DE ASSIS IGLESAS — (Eng. Agrônomo) — “Sôbre o Vício da Diamba” — An. Paul Med. Cir. — IX — (12) 274, S. Paulo.
- ✓1919 — M. PIO CORRÊA — Fibras têxteis e Celulose — Rio de Janeiro.
- ✓1921 — MEIRA PENA — Notas sôbre plantas brasileiras — Rio de Janeiro.
- ✓1922 — ALBERTO DEODATO — Canaviais — Rio de Janeiro.
- ✓1922 — P. A. PINTO — Notas de advocacia gramatical — Rio de Janeiro.
- ✓1924 — DE. PERNAMBUCO FILHO e DR. ADAUTO BOPELHO — Vícios sociais elegantes — Rio de Janeiro.
- ✓1925 — J. B. COHEN — *Bragantinas* — Combatendo o vício — (Província do Pará — 4 de março de 1925) — Pará.
- ✓1925 — A. DE P. LEONARDO-PEREIRA — Relatório da Estação Experimental para a cultura do fumo, Tracuatera — Pará — (Arquivo do Ministério da Agricultura).
- ✓1925 — HENRIQUE LOBRE — O cânhamo — Bol. do Ministério da Agricultura — Ano XIV — Vol. II — n.º 1 — Rio de Janeiro.
- ✓1926 — M. DO PIO CORRÊA — Dicionário das Plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas — Rio de Janeiro.
- ✓1928 — DR. LOUIS LEWIN — Les Paradis Artificiels — Trad. du Dr. F. Gidon — Paris.
- ✓1928 — P. I. PINTO — Notas para uma Flora Camiliana — Rio de Janeiro.
- ✓1929 — HUARCAR PEREIRA — Pequena contribuição para um Dicionário das plantas úteis do Estado de São Paulo — S. Paulo.

- 1929 — REVISTA — Fon-Fon — n.º 43 — 26 de outubro — Rio de Janeiro.
- 1929 — DR. Y. A. DE PAGADOR — Pueblos, Razas y Venenos — Espanha.
- 1930 — PROJETO N.º 309 — Combate ao alcoolismo e proteção ao álcool-motor — Dr. Afrânio Peixoto, relator — Rio de Janeiro.
- 1930 — GASTÃO CRULS — A Amazônia que eu vi — Rio de Janeiro.
- 1930 — “O GLOBO” (reportagem) — 23 de agosto — Rio de Janeiro.
- 1930 — “O GLOBO” (reportagem) — 15 de setembro — Rio de Janeiro.
- 1930 — A GUERRA CONTRA OS ENTORPECENTES — “Jornal do Brasil” — 17 de setembro — Rio de Janeiro.
- 1930 — “O GLOBO” — O vício de fumar “Diamba” — (carta de Martinho Silveira) — 13 de outubro — Rio de Janeiro.
- 1931 — ILMIR FERREIRA — “O fiasco da campanha contra os tóxicos” — “Diário Carioca” — 15 de fevereiro — Rio de Janeiro.
- 1931 — CARTA DO DR. RAFAEL PINHEIRO AO ENG. AGRÔNOMO A. DE P. LEONARDO-FEREIRA — Rio de Janeiro.
- 1931 — CARTA DO DR. RAFAEL PINHEIRO AO AGRÔNOMO A. DE P. LEONARD.
- S/D — DOTT. A. CANEVARI — Plante Industriali — Milano.
- S/D — ENCICLOPÉDIA E DICIONÁRIO INTERNACIONAL — S/A — Rio de Janeiro.

DIAMBISMO

HEITOR PÉRES

Atualmente o uso da diamba tem sido objeto de investigações por parte dos estudiosos, e já não se pode dizer que o vício da mesma seja desconhecido. Ademais êle se difunde, quase restrito que era às regiões setentrionais do país.

Por isso, a literatura nacional atinente à questão, já não se nos depara tão escassa, e traz-nos ensinamentos interessantes, todos indicadores da relevância médico-social que se encontra no estudo dos males psicossomáticos causados pela diamba. O nosso trabalho será apenas sintética visada a tal respeito.

1. Distribuição;
2. Diambistas;
3. Intoxicação e psicoses;
4. Problema do hábito;
5. Reações anti-sociais;
6. Tratamento;
7. Profilaxia.

Inicialmente, atentaremos na extensão, que apresenta o mal, e na disseminação da planta por tôdas as regiões.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Diamba, liamba, maconha, fumo d'Angola, diriço, são todos sinônimos, designações brasileiras, puras ou não, do cânhamo, *Cannabis sativa*, que muitos querem diferenciar em cânhamo indiano e cânhamo comum. Quase todos os investigadores dizem que a diamba é de origem africana, trazida que foi pelos negros do Congo à época da escravatura. É afirmativa difícil de ser amparada ou contestada. Se cultivada e usada em alguns Estados nordestinos, originariamente pelos pretos africanos, em outras regiões, como o Baixo Amazonas em que nula foi a escravatura, a diamba é usada e abusada de há muito, em larga escala. Talvez mais acertado fôsse iniciado e fomentado pelos negros escravos e seus descendentes. De qualquer jeito, os Estados do Norte do Brasil, sobretudo Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Maranhão, Pará e Amazonas, são as regiões em que mais se encontra a maconha.

DIAGNOSE DA PLANTA

Para a diagnose, vejamos os botânicos. A descrição da planta é assim feita por Iglésias: "O cânhamo é uma planta anual, dióica, erecta, ordinariamente pouco ramificada, ou tendo somente ramificações carregadas de flores. As folhas são alternas, estipuladas, longamente pecioladas, com o limbo profundamente partido em três, cinco ou nove lobos denticulados. As flores masculinas são dispostas em grupos axilares laxos, pendentes, ramificados e destituídos de folhas em sua base. Cada flor é constituída de cálice com cinco sépalos e de androceu com cinco estames livres e inseridos sobre os

sépalos. As femininas são dispostas em grupos axilares perpendiculares, foliosas em sua base. Cada flor é sustida por curto pedículo, e se desenvolve na axila de uma bráctea longa, verde, terminada por afilada ponta. A organogenia nos mostra que esta bráctea nada mais é que uma fôlha atrofiada com estípulas abortadas. Cada flor feminina se compõe de perianto em forma de cálice, constituído de dois sépalos concrecidos, recobertos de pequenas grândulas frescas e tendo no centro um estilete que suporta o ovário, a princípio binocular e mais tarde unilocular pelo abortamento de uma das lojas. Ovário superior, arredondado, encimado por dois pistilos recobertos de pêlos glandulíferos. A loja do ovário que se desenvolve contém apenas um óvulo anátropo. O fruto é um aquênio envolvido pela bráctea, arredondado, destituído de albumina, contendo um espesso embrião recurvado e oleaginoso.”

A diamba é em tudo semelhante ao cânhamo indiano, que os asiáticos e europeus usam com o nome de *haschich*, e estamos com Iglésias, quando não aceita a distinção entre um e outro. As diferenças são apenas resultados das altitudes em que habita a planta. Os efeitos, porém, são os mesmos. A descrição sôbre os distúrbios causados pelo *haschich* e os provocados pela diamba podem ser superpostos. Não nos interessa pròpriamente aqui relatar senão os fatos que nos dizem respeito, com as suas côres locais, impostos pelos nossos costumes sociais e fatôres étnicos. Por isso quase que só nos reportaremos à diamba, falando incidentalmente sôbre o cânhamo usado nas outras partes do mundo.

De regra, a parte usada da planta são as sumidades floridas e as fôlhas. A maneira mais encontradiça é de fumar, em cigarros feitos especialmente, ou em cachimbos, que no Nordeste denominam *maricas*. Estes cachimbos podem ser toscos ou aperfeiçoados. Depositada a maconha no forninho próprio e aceso este, o diambista aspira pelo gargalo do cachimbo, através a água, a fumaça inebriante. No Amazonas e Pará, entre os caboclos é mais usado o cigarro, cujo papel é feito da sapupema do tauarí. A *maricas* é rara. Lucena diz que, em Recife, devido a perseguição policial, é mais generalizado o uso do cigarro.

Todos os autores são unânimes em assinalar a tendência que têm os fumadores de maconha para fazerem o uso coletivo da droga. E alguns dão para os fatôres determinantes desta congregação explicações diversas, entre elas a de que a média de intoxicação coletiva é menor que a isolada ou individual, e, além disso, o estado de euforia, fâcilmente contagiante do fumador (Lucena, Livet). Parece-nos que, no particular da diamba, não se fuja à tendência conglomerativa que têm os toxicomaniacos, a começar pelos que usam o ópio. Se na época atual não há maior número de reuniões de intoxicados pelo ópio e derivados, e pela cocaína, é por efeito das medidas repressivas. Ademais, a maconha, queiram ou não os *pais de terreiro*, coisa da ortodoxia de seus ritos, muitas vêzes, como o álcool, entra no ritual dos cangêrês e candomblês; já tendo sido observado tal fato até na supercivilizada Rio de Janeiro. Nos Estados nordestinos, de maior influência africana, têm sido descritos e observados os chamados clubes de diambistas. Adauto Botelho e Pernambuco Filho transcrevem uma cena dêsse quilate, extraída do livro *Canaviais* de Alberto Deodato, em que bem se retrata o ambiente do vício, impregnado de magia e misticismo da bôca mulata de Néco:

— Maricas minha maricas
Maricas do Néco cangonha
Eu morro de bôca torta
De tanto chupar maconha

E o côro dos companheiros com *religiosidade* repetindo:

— É de congo
Saraminhongo...
— É de congo
Saraminhongo...



Para o lado da esfera psíquica, são interessantes os fenômenos produzidos pela maconha. Predomina a excitação, trazendo euforia, hiperestesia cenestésica e sensorial, surgindo estados alucinatórios curiosos, acompanhados de exaltação imaginativa. (prof. Heitor Peres).



Em nada diferente é o clube do vale do Mearim, no Maranhão, que Iglésias descreve. Sempre os cânticos negros, a dizerem bem e mal da droga.

“Ó diamba, saramba
Quando eu fumo a diamba
Fico com a cabeça tonta
E com as minhas pernas zamba

Fica zamba, mano? (pergunta um)
Dizô, dizô (respondem os outros).

E a maricas volteia a roda... à maneira do chimarrão gaúcho.

A maconha predomina nas regiões ribeirinhas, e por alguns viciados é mascada ou chupada, sendo que um número restrito usa-a em chás.

Convém assinalar, a êste propósito, um episódio novelesco atribuído à mãe do nosso primeiro Imperador e que foi publicado à guisa de “fumaça histórica.”

Conta Assis Cintra, que D. Carlota Joaquina de Bourbon, espôsa de D. João VI e rainha de Portugal e Brasil, sentindo próxima a morte, pediu ao seu fiel criado Felisbino:

“Traga-me aquêlé pacotinho de fibras de diamba do Amazonas, com que despedimos para o inferno tantos inimigos.

Feito pelo crioulo o chá, ao qual foi adicionado arsênico, Carlota Joaquina ao sentir os primeiros sintomas do veneno sem dor nenhuma, porque a fibra de diamba anesthesiava o organismo, tomou da guitarra e cantou...”

Narra ainda Assis Cintra, que o criado Felisberto teve o mesmo fim, bebendo o chá de diamba com arsênico.

A ser verdade êste trecho dos “Escândalos”, poder-se-á verificar que a diamba Amazônica subiu os degraus da realeza e serviu de veículo a tóxicos que eram empregados com fins suicidas ou homicidas, propiciando a morte suave, sem despertar suspeitas.

Conhecem-se os efeitos da diamba por observações dos intoxicados habituais e pelas experimentações realizadas em animais e *in anima nobile*. Como tôda intoxicação o seu cortejo é composto de sinais somáticos e psíquicos. Diga-se de passagem que nas regiões em que a diamba tem o seu *habitat* natural, os indivíduos muito cedo começam o seu uso, sendo mais frequente entre os homens que entre as mulheres.

Para o lado da esfera psíquica, são interessantes os fenômenos produzidos pela maconha. Predomina a excitação, trazendo euforia, hiperestesia cenes-tésica e sensorial, surgindo estados alucinatórios curiosos acompanhados de exaltação imaginativa. Com o avançar da intoxicação sobrevém o torpecimento gradativo, seguido de sono mais ou menos profundo. Evidentemente que os quadros clínicos hão de variar conforme o feitio e a individualidade mental do intoxicado. A diamba produz com muita freqüência distúrbios cenes-topáticos e perturbações psicossensoriais, esquisitos, variegados, atingindo sobretudo as esferas auditiva e visual. O diambista vê o seu sono povoado de visões maravilhosas que, de regra, realizam os seus desejos do estado de vigília. É transportado a sensações agradáveis, não de raro com tonalidade crótica. Apresenta e sente fenômenos extravagantes, como a perda da avaliação temporal, parece-lhe que os fatos se desenrolam durante anos; alguns têm o perpassar sintético de sua vida, do passado ao futuro, chegando outros a terem perturbações telepáticas. Durante a fase tóxica podem surgir diferentes reações psicomotoras, de caráter impulsivo, que trataremos adiante. Uns intoxicados rapidamente se refazem do seu sono vicioso; outros, caem em verdadeiro estado depressivo. Habitualmente esta depressão aparece nos

recém-viciados. De maneira geral, para o lado psíquico são êsses os aspectos mais conhecidos da crise tóxica da maconha. Os fumadores não usam a droga continuamente. Quase sempre, e sobretudo nas cidades, há os momentos dedicados ao seu consumo. No interior, o cigarro é fumado várias vezes por dia, sem levar o indivíduo ao grau mais completo de intoxicação. O uso da *maricas* é feito nos momentos de folga, especialmente à noite, quando a família está reunida, ou nas sessões de catimbó ou de baixo-espiritismo.

INTOXICAÇÃO E PSICOSES

Discute-se o estado mental dos diambistas. O uso prolongado da maconha trará estados mentais particulares, de características especiais, ou o maconhista passa impune pelo seu vício?

É conhecida a história do francês, narrada por Iglesias. Homem de certo nível mental, incumbido de dirigir uma fazenda no interior do Maranhão, com as vicissitudes do meio, desregrou-se no fumo da diamba. No fim de certo tempo era outro. Deslembado dos seus deveres, tornou-se um aniquilado, cometendo atos extravagantes, chegando à imoralidade, exteriorizando, ao lado de perturbações éticas, os distúrbios da esfera intelectual, como bem expressa a figura que se exhibe nas desordens delirantes psicocágráficas e sensoriais. Êste quadro permaneceu longo tempo, até que, afastado do vício, se viu de novo refeito em sua rigidez mental. Alterações e modificações do caráter, têm sido assinaladas, particularmente pelos literatos. Faltam observações mais fidedignas e mais numerosas dos especialistas; sabemos que é quase nulo o número de internados por uso da diamba. Mesmo os estados descritos nada têm de específico. Quanto ao *haschich* e à *mariuhana*, na Ásia e nos países centro-americanos, êsses fatos são mais bem conhecidos. Parece-nos, entretanto, que o tóxico, como em outras toxicomanias, seja apenas o revelador da constituição psicopática do viciado. O Prof. Roxo, para o *haschich*, refere a esquisofrenia nas intoxicações crônicas. Drewry assinala um caso desta natureza com o uso da *dona Juanita*. No interior do Amazonas observamos nos fumadores de diriço, quase em todos, estados de enfraquecimento intelectual. Apesar disso, encaramos êste fato como resultante da ação de fatores vários conjugados: constituição psicopática, estado carencial, más condições higiênicas, endemias locais e adições tóxicas, como o álcool.

Agora um relance sôbre os sinais somáticos da intoxicação. José Lucena, na campanha do Serviço de Higiene Mental de Pernambuco, fêz estudos interessantes sôbre os fumadores de maconha de Recife. É dêle esta síntese das alterações somáticas que surgem sucessivamente.

- “Modificações da fisionomia: palidez, ou mais freqüentemente, vasodilatação ao nível da face e das orelhas. Estreitamento das fendas palpebrais.
- Secura da bôca.
- Modificações do pulso e da pressão arterial.
- Modificações da temperatura.
- Influências sôbre a diurese.
- Sintomas neurológicos (para o lado do sistema nervoso cérebro-espinhal).
- Modificações do tônus e da excitabilidade dos dois grandes departamentos do sistema neurovegetativo.
- Modificações do sono e do apetite.
- Modificações da glicemia.

Como se pode verificar não é pequeno o rol dos sinais somáticos da intoxicação. Muitos dêles já tinham sido observados pelos escritores leigos; mas a auto-experiência de Lucena e seus abnegados colaboradores Di Lascio, René Ribeiro e João Vieira de Menezes, e as observações que fizeram em intoxicados crônicos, retratam com perfeito acêrto clínico as perturbações físicas produzidas pela maconha. Aliás, Iglesias já havia feito experiências em animais, confirmando o poder tóxico da combustão da diamba. Vê-se que os sintomas integram uma perfeita crise neurovegetativa, com repercussão sôbre o metabolismo em geral e em particular dos hidrocarbonados. Naturalmente que esta crise variará de indivíduo a indivíduo, conforme a sua predominante neuro-endócrina-vegetativa, conformando esta ou aquela síndrome.

Quando o indivíduo é fumador inveterado e está de todo entregue ao vício, essas crises agudas acabam aniquilando-lhe o físico, minando-lhe o organismo que mais fácilmente será pasto de tôda ordem de infestações e infecções.

PROBLEMA DO HÁBITO

Ao terminar as referências sôbre as desordens somatopsíquicas produzidas pela diamba, encaremos um problema de todo ponto digno de esclarecimento. Será justo falar-se de *diambomania*, como uma toxicomania verdadeira, ao lado do ópio e da cocainomania? Ou mais acertado será falar-se em diambismo? Quaisquer que sejam as manifestações clínicas da intoxicação pela diamba, seja qual fôr o estado mental do diambista, o que se observa, confirmado pela Comissão Estadunidense que bem estudou a *mariuhana*, e pelos pesquisadores que se entregaram ao estudo da maconha ou mesmo do *haschich*, é forçoso concluir, que a intoxicação diâmbica, ou similar, não traz crise de abstinência ou, mais claramente, não provoca falta — aquela necessidade imperiosa de nova ingestão, mal terminados os efeitos da anterior. Dir-se-ia, na linguagem moderna, a diamba não é *habituógena* (J. Lucena). Mesmo para o *haschich*, que tem a tão decantada lenda do príncipe Hassan, do Líbano, que fazia os seus asseclas *assassinos* ou *haschichinos*, não se verifica esta qualidade, pois o sábio príncipe sabia propinar aos mesmos, ao lado da droga, boa dose de sexualismo e lubricidade, bem orientais, cuja repetição era prometida aos que lhe juravam fidelidade de tferes.

Parece, pois, mais certo, que falemos em *diambismo*, e, se se quiser dilatar o conceito, êste não seria mais que uma modalidade brasileira do *canabismo*.

REAÇÕES ANTI-SOCIAIS

Dissemos no início que a crise tóxica da diamba comportava reações psicomotoras, impulsivas por vêzes. De fato. Têm sido observadas mesmo verdadeiras reações delituosas, já que incontestáveis e mais freqüentes são as anti-sociais, em que apenas são punidos os costumes da sociedade ou o interêsse do intoxicado. O Dr. João Inácio de Mendonça, fêz interessante *enquete* entre os sentenciados da Penitenciária de Salvador, revelando o grande número de prêsos, que se entregavam ao uso da maconha. Este inquérito narra curiosas reações anti-sociais e culmina na observação de um detento homicida que, pela conclusão do seu relatório, afirma ter praticado o crime sob a ação da diamba.

Drewry, em uma Penitenciária dos Estados Unidos, examinou 361 prisioneiros diagnosticados de perturbações psicopáticas, mas nenhum cometera o delito sob os efeitos da mariuhana.

Na Penitenciária de Manaus, o Dr. Campinteiro Júnior, nos dois períodos em que dirigiu aquela prisão, sempre teve oportunidade de verificar que os criminosos vindos do interior do Estado, mormente os provenientes do Baixo-Amazonas, na sua maioria usavam maconha, e severa vigilância devia ser mantida no presídio para que as visitas não fôsem portadoras da droga. Entretanto nunca pôde apurar a relação direta entre maconha e delito, mesmo porque a Penitenciária ressentia-se de falta de um anexo-psiquiátrico.

As reações anti-sociais no que se refere ao *haschich* são de todos conhecidos, através dos romancistas estrangeiros, como Loti e Zweig. O *amok* explorado em romance, já tinha sido observado por Swaing, Vogler, Van der Bury, Rasch e Kraepelin, e muitos outros. Síndromes impulsivo-delituosas, consideradas próprias dos países quentes, como a *sudanite*, e o *bah-tschi*, êste dos siameses e aquêle do Sudão, mas tôdas com o fator intoxicação a lhes destruir o caráter sobrenatural e estranho.

Mesmo com a nossa maconha, a *Mãe-d'água*, seria menos responsável pelo desaparecimento misterioso dos caboclos de suas igarités e montarias, quando nas noites escuras vagavam no remanso dos furos e igapós. O fato foi bem assinalado por Pernambuco Filho.

Tratamento — A terapêutica do diambismo e suas conseqüências nenhuma particularidade comporta. A suspensão brusca da droga não causa dano algum ao viciado, já que na maioria os diambistas, pelas necessidades da vida quotidiana, suspendem o uso sem cuidados especiais. Nas intoxicações graves que às vêzes surgem nos primários, o tratamento, atendendo às condições personalíssimas do paciente, é óbvio dizer, será o de tôda intoxicação aguda. Necessário porém se torna lembrar que as investigações de Lucena, revelando as alterações patentes da glicemia no sentido de seu aumento, logicamente impõe-se como medida elementar a sua verificação prévia.

Profilaxia — Mais importante e de maior relevância que a terapêutica, que as providências de ordem curativas, evidencia-se a profilaxia do diambismo. Evitar a difusão do vício, não só pela repressão aos viciados, bem como impedir o comércio da planta, que já se vem fazendo intenso, invadindo os Estados do sul. Os jornais desta capital por mais de uma vez têm noticiado flagrantes policiais de vendedores de maconha, de proveniência sobretudo de Alagoas, e mesmo plantações clandestinas, visando fins ilícitos, nos subúrbios do Rio de Janeiro. A venda da planta já afronta as autoridades repressoras dos tóxicos entorpecentes, e isto é índice de que tem preço tetandor. Entretanto o combate ao diambismo devia começar nos Estados em que a planta tem o seu *habitat*, natural, e nos quais as autoridades olham complascentemente para o seu uso em larga escala. Até nos mercados públicos ela é vendida, em pequenos molhos às claras, com referências especiais de qualidade e efeito.

Bem fêz o Serviço de Higiene Mental de Recife estudando a questão e elucidando as autoridades competentes. Sem o esforço conjugado dos especialistas e dos governos do setentrião brasileiro nada se fará, e, mais cedo ou mais tarde, o *diambismo* surgirá como mais um fator avassalador da raça e servirá como a mariuhana para os países da América Central, o México especialmente, que é cantada em canções populares como *La Cucaracha*... Servirá, repetimos, para aumentar a lista dos nossos males.



Cannabis sativa (L.) — fêmea

Flores femininas aclamideas protegidas por uma bractea que envolve quase completamente o ovário e que se prolonga além dos estigmas. Ovário supero e unilocular. (Dr. Vasconcelos Sobrinho).



BIBLIOGRAFIA

- X ADAUTO BOTELHO E PERNAMBUCO FILHO — *Vícios sociais elegantes*, Livraria Alves, Rio 1924.
- ✓ CUNHA LOPES — *A propósito dos toxicomanias raras ou menos freqüentes entre nós*, Arquivos de Higiene Mental, abril a junho, 1934.
- X D. H. DREWRY — *Some psychiatric aspects of marijuana intoxication*, The Psychiatric Quarterly, vol. 10, n. 2, abril 1936.
- ✓ EDISON CARNEIRO — *Religiões negras*, Bib. Divulgação científica, Rio, 1936.
- ✓ FRANCISCO IGLÉSIAS — *Ação tóxica da diamba*, Anais do VIII Congresso Brasileiro de Medicina, realizado em 1918, Rio, 1925, vol. I, p. 441.
- X JOSÉ LUCENA — *Os fumadores de maconha em Pernambuco*, Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, n. 1, 1934.
- ✓ JOSÉ LUCENA — *Alguns novos dados sobre os fumadores de maconha*, Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, ns. I e II, 1935.
- ✓ JUAN FEON DEL VALLE — *Algunos aspectos de la actual lucha contra la Toxicomania em México*, Bol. de la Of. San. Pan-Americana (Análise dos Arq. da Assistência a Psicopatas de Pernambuco, n. I, 1933).
- ✓ MARIA (A.) — *Psychopathologie Ethnique* — In *Traité de Psychop. Int.*, 1912.
- ✓ MENDONÇA (J. Ignacio) — *Maconha e criminalidade*, sep. de *Cultura Médica*, Bahia, outubro de 1931.
- X PERNAMBUCO FILHO — *Venenos Sociais*, Biblioteca de Cultura Médica, Psicológica, Rio, 1932.
- ✓ ROXO (Henrique) — *Manual de Psiquiatria*, Livraria Alves, 2.^a ed. Rio, 1924.
- ✓ ROXO (Henrique) — *Modernas noções sobre doenças mentais*, Biblioteca de Cultura Científica, Rio, 1932.
- ✓ ASSIS CINTRA — *Escândalos de Carlota Joaquina*, Ed. Civilização Brasileira, 1934, Rio.



ALGUMAS NOTAS SÔBRE A MACONHA

VASCONCELOS SOBRINHO
Sec. de Bot. — Inst. Pesq. Agronômicas

Veiz por outra chegam às nossas mãos, na Seção de Botânica do Instituto de Pesquisas Agronômicas, amostras enviadas pela Secretaria de Segurança, de uma erva sêca, para identificarmos se é a denominada *maconha*.

As polícias de todos os países andam em luta contínua com os vendedores de entorpecentes. Aqui em Pernambuco é a *maconha* que faz as vêzes do ópio, vendida por negociadores ambulantes às camadas mais humildes da população.

Procuramos com o presente trabalho fornecer dados para um reconhecimento rápido de modo que os agentes encarregados de repressão aos entorpecentes, possam fãcilmente identificar a *maconha* em mão dos vendedores.

Também não despresamos a parte puramente científica. Certo é que a sistemática da *maconha* não é ponto definitivamente elucidado; se bem que alguns autores a considerassem como sendo o verdadeiro cânhamo sobravam dúvidas pela ausência de uma determinação científica exata e suficientemente divulgada.

Cultivando no Parque do Instituto de Pesquisas Agronômicas, algumas sementes, obtivemos plantas suficientes para um estudo sistemático seguro. Dêste modo ao lado de dados que podem ser utilizados fãcilmente por qualquer interessado em seu reconhecimento, podemos oferecer a certeza que a planta denominada *maconha* em Pernambuco e Alagoas, é a conhecida cientificamente por *Cannabis sativa* L., e pelo nome de *Cânhamo* em grande número de países.

Caracteres — Plantas unisexuais, dióicas, flores não vistosas, de colorido amarelo-esverdeado, sem perfume; numerosas, situadas em tôda a metade superior da planta, em grupos, nas axilas das fôlhas. Flores masculinas pendunculadas, femininas sêsseis.

Flores masculinas haploclâmideas, 6-meras; estames com filetes curtos, menos que a metade do tamanho da antera. Anteras introrsas, basifixas, 2-tecas, de deiscência longitudinal. Pólen amarelo, pulverulento, abundante, com 3 poros salientes, equidistantes.

Flores femininas aclâmideas, protegidas por 1 bráctea que envolve quase completamente o ovário e que se prolonga além dos estigmas. Estigma sêssil, duplo, plumoso; ovário súpero, unilocular. Fruto sêco, indeiscente, com tipo aproximado de noz.

Órgãos vegetativos — Erva de grande porte, quase arbustivo, atingindo em média 2 metros. Fôlhas simples, partidas, pecioladas, com estípulas. As inferiores com 7 pseudofolíolos e as superiores com 5, até 3 ou reduzidas a lâmina delgada. Pseudofolíolos com bordos grosso-serreados e com pêlos curtos, resistentes, apenas perceptíveis ao tato, por todo o limbo.

Meritalos longos; nós com tendência à produção de raízes adventícias.

Pelos caracteres acima mencionados, chegamos com relativa facilidade a subfamília *Canaboideae*, gênero *Cannabis*, espécie *sativa*, planta conhecida mundialmente pelo nome vulgar de *cânhamo*.

*
* *
*

O cânhamo é muito cultivado na Europa (Itália, França, Espanha) com o fim exclusivo de produção de fibra, a qual é de primeira qualidade, sendo utilizada não só para cordoaria, como é crença geral entre nós, mas principalmente para, em combinação com as fibras do linho, entrar na confecção dos tecidos finos.

Obtivemos pelo processo comum de maceração durante 8 dias, fibras de ótima qualidade e de bellissimo aspecto. A maconha é de origem asiática donde foi introduzida na Europa e na África, daí passou para a América provavelmente por mãos dos escravos. Seu princípio tóxico é uma resina que não se encontra nas plantas européias, sendo portanto característica da variedade americana, ou produzida sob os efeitos do clima tropical.

A possibilidade de seu cultivo entre nós, com o fim da produção de fibras, é de fato por demais esclarecido, visto a existência da planta em estado subespontâneo. Não se deve contudo desprezar as variedades européias já altamente selecionadas, e ainda com a vantagem provável da não produção do tóxico.

*
* *
*

A Secretaria da Segurança, em sua ação repressora aos viciados da maconha, encontrará dêste modo maior facilidade em reconhecer o material apreendido no comércio clandestino...

O material usado no comércio é constituído por fôlhas, pecíolos, ramos floríferos e grande quantidade de frutos, tudo muito bem sêco e às vêzes em mistura com terra por falta de cuidado no trato pelos vendedores.

Êste material pode ser identificado facilmente pelos frutos os quais são muito característicos e sempre se encontram inteiros. Seu tamanho é de 4,5 mm. no maior comprimento e de forma um pouco piramidal, com casca dura, luzidia e caracteristicamente malhada de prêto (melanística), com duas arestas bem pronunciadas. Os frutos maduros são escuros e os verdes castanho-claros, daí a disparidade de côr que se nota à primeira vista.

Na falta de frutos sômente no laboratório pode o material ser identificado. Com êste fim devem ser utilizados os seguintes recursos, facilmente obtidos do material sêco:

a) Cutícula — destaca-se com relativa facilidade e colocada ao microscópio apresenta estomas característicos, entre numerosos pêlos unicelulares. Ostíolos alongados, de fenda muito visível. Pêlos unicelulares, ponteados, com base arredondada.

b) Vasos lenhosos — regulares, de diâmetro muito uniforme, em sua maioria espiralados, não oferecendo, portanto, grande interêsse, a não ser os vasos fechados (traqueas) os quais são de diâmetro relativamente grande, com septos transversais muito oblíquos, às vêzes mal justapostos, paredes longitudinais com belas e numerosas pontuações alongadas.

c) Vasos crivados — excessivamente estreitos.

d) Grãos de pólen — arredondados com 3 saliências equidistantes, muito característicos.

e) Fibras — também as fibras podem servir para auxiliar a identificação. Serão utilizados os fragmentos de haste e de ramos que por ventura forem encontrados no material, obtendo-se por maceração uma fibra clara, brilhante.

Ao microscópio, em vista longitudinal, se apresentam com *lumen* espaçoso, em visão transversal são quase circulares. Têm mais aproximação com as fibras do linho que com de qualquer outra planta das quais se distinguem principalmente pela seção transversal, a qual nas fibras do linho é poligonal e nas do cânhamo, como ficou dito, é circular.

*
* *

Estudos sôbre a natureza do princípio ativo da maconha não fizemos, pois foi nosso objetivo esclarecer apenas sua identidade. Uma vez cientes que se trata do cânhamo, deve cessar tôda curiosidade pois, sôbre tal planta, muito se há escrito desde antes de Martius.

Em sua “Flora Brasiliensis”, volume IV, parte primeira, página 211, Martius, quando trata das qualidades medicinais das plantas da família *Urticinea* (hoje desdobrada em várias outras famílias, entre as quais a das *Moraceas*), cita o cânhamo sôbre o qual diz: “In India Orientali *Canabis sativae* varietas s. d. *indica* usitatur cujus herba florida apud Bengalenses Gunjah, folia adultiora et semen Beng s. Bangué, subjee et Sidhee, resina Crurrus nomen habent. Variis ex hac stirpe praeparationibus animum exilare, grata deliria et audaciae motus sibi conciliare antiquus inter orientales populos, Mauros praesertim, mos est. Assassinorum regem milites bolis cannabinis in bellicosum forem et mortis contemptum excitasse traditur. Inter nos electuarii, quod Arabes Haschisch dicunt, usus ex Algeria Galli occupata, innotuit, medendis variis morbis tam mentis quam corporis commendatus. De qua re jam multa scripta et rescripta sunt”.



ALGUNS NOVOS DADOS SÔBRE OS FUMADORES DE MACONHA

JOSÉ LUCENA

Diretor do Manicômio Judiciário

Em número anterior dos Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco abordamos o estudo do vício da maconha em nosso país. No referido trabalho concedeu-se especial interêsse às manifestações clínicas da intoxicação. Mas — conforme acentuamos naquele momento — a variedade dos quadros sintomáticos que a liamba pode determinar deixa sempre margem a que se possa referir aspectos inéditos ou pouco explorados. Após a publicação daquele ensaio nossa observação se enriqueceu como o exame de mais alguns viciados. Entre êles figura o caso de que nos ocupamos em primeiro lugar.

De um modo geral nota-se entre os autores nacionais que se ocuparam do maconhismo, ao lado da atenção para as formas mais aparentes de alucinações sensoriais, com projeção espacial, certo descaso por outras formas de pseudo percepções. O que faz o interêsse dêste nosso caso é que nêle se verifica a presença de outras formas, — (embora elementares) — de exteriorização do automatismo mental.

Trata-se do Sr. A. R. S., pardo, com 50 anos de idade, casado, natural de Alagoas, residente em Recife, no Campo do Botafogo, onde exerce a profissão de vendedor ambulante.

Fuma a liamba há cêrca de 30 anos, tendo começado a fazê-lo a convite de amigos. Queima ao todo, cêrca de 3 cigarros por dia, mas o faz fracionadamente. Apesar da vigilância policial nunca suspendeu suas atividades e é um ativo intermediário e traficante da "erva". Não tendo sido internado não foi possível efetuar a respectiva observação clínica. Mas por especial deferência da Secretaria da Segurança Pública foi-nos permitido avistarmo-nos com o paciente, certa ocasião em que fôra detido, e assisti-lo queimar liamba.

Fêz uso em nossa presença de três cigarros num total de 1,5 grs. de maconha aproximadamente.

As modificações somáticas sobrevieram prontamente, elevando-se o número de pulsações de 92 (antes de fumar) a 124 e mantendo-se nas vizinhanças dêste algarismo durante todo o tempo que durou a prova — (cêrca de duas horas).

Quanto ao estado mental; depois de fumar, mostrou-se o observado eufórico, a fisionomia animada, riso fácil, loquaz. Desta loquacidade foi-nos possível colhêr, com a valiosa cooperação de A. D. Lascio e Alda Campos, numerosos trechos, alguns dos quais (os mais demonstrativos) abaixo transcrevemos:

"Eu não fumo por deboche, ela (a maconha) me dá a luz, ela me tem salvado muitas vêzes. Às vêzes faço um negócio e ela diz: deixe af. Só diz, eu tenho fumado. Também me orienta para não passar por lugar qualquer quando me dou mal. Tenho me livrado de ir para a cadeia..."

"Quando estou natural não tenho aquela irradiação que me dita no pensamento; quando estou com ela, me toca a palavra logo. Agora ela está

me dizendo sôbre o estudo, agora ela me tocou e disse que não tem inveja do ouro, da prata também, nem do estudo...”

“A maconha, quando se fuma, se está advinhando com tôda clareza e o que diz é certo...”

“Liamba dá grande vida, a pessoa vive mais e trabalha menos e ganha mais ativamente; sabe o que faz, e quando vai fazer o negócio advinha se vai ganhar ou perder...”

“Estou dizendo que ela é uma professôra...”

... “A maconha, é uma erva que protege tanto quanto um santo, tem a mesma irradiação que um espírito. Quando fumei a erva ela me disse que o Sr. é que vai irradiar...”

Referindo-se a uma ocasião em que fêz uso de uma amostra particularmente ativa o paciente se exprime do seguinte modo:

“Dia de São João, era claro e aí fui ao mercado; quando eu fumei, vi um azulão na vista e parece que tudo que havia ali era música. Estava no mercado, comprei um lanche e depois quando cheguei no Engenho Gurjaú fumei o restinho e não sei se andava, o que fazia, sei que andei em meia hora 7 léguas. Quando tocou a Ave Maria eu estava descendo a ladeira em Santa Luzia e o povo todo se admirou”.

... “Fumei um cigarro da erva para ver o que ela me indicava...”

“No pensamento é que vejo tudo. O pensamento que eu penso, o Senhor pensa também... Eu estou fumando e pensando em Fulano, êle pensa a mesma idéia e eu sei disto, porque a primeira vez que eu me encontrar com esta pessoa que eu pensei, ela me diz...”

Referiu-se ainda que, ao fumar, por vêzes “adormecia e tinha sonhos”. Descreve-nos alguns dêsses sonhos, durante os quais viu o céu, Nosso Senhor Cristo, Nossa Senhora de Belém, Nossa Senhora do Pilar. Certa ocasião viu a morte e lutou com ela.

O observador afirma-nos de súbito, em tom categórico, que várias denominações correntes são errôneas, pois “aliamba lhe disse” e apresenta para substituí-las uma série de neologismos extravagantes. Em vez de morte se deveria dizer Retorna, em vez de terra Siberca, em vez de juízo Afra, etc.

Ao fim de duas horas, autorizado a retirar-se, o Sr. A. deixou a sala em que estava, caminhando para a saída, acompanhado unicamente por nós e por A. Di Lascio. Mas depois de alguns passos, deteve-se com sinais de desconfiança recusando adiantar-se e começou a queixar-se, amedrontado. “Veja as coisas como são! Um homem bom não faz outro sofrer; um amigo também pode assassinar outro amigo” e depois... “Pode um amigo matar outro pelas costas”.

Procuramos tranquilizá-lo, e o paciente demorou minutos, relutando em atravessar a porta. De repente porém, súbitamente tranquilizado, adiantou-se dizendo reconhecer o local por onde passara horas antes. Explicou-nos que estivera receioso, a maconha lhe dera pensamentos” que agora reconhecia serem falsos; surgira-lhe súbitamente o temor de que quiséssemos atirá-lo a uma daquelas salas e conservá-lo prêso ou mesmo matá-lo.

Agora reconhecia quão infundada era esta suspeita.

*
* *

Como interpretar êstes aspectos? Parece-nos que se podem incluir sem hesitação na categoria de pseudo-alucinações. O seguinte trecho de Ségla (citado por Mourgue) prova-o suficientemente:

“Ce dont le pseudo-halluciné se planti avant tout, c'est du caractère á la fois étranger á son moi et despotique de ses voix. Voilà la particularité qu'il met en première ligne, traduisant ainsi un sentiment intime d'auto-

matisme, de domination. Mais les voix... restent interieures et ne sont pas exteriorisées dans l'espace".

"Tout différent est l'halluciné vrai. L'hallucination qu'il subit est encore assurément un phénomène subjetif détaché de son moi consciente. Cependant le malade n'accuse pas le moins du monde le sentiment interieur de cet automatisme. Bien au contraire il l'objective dans le monde exterior où il va le reprendre sous la forme apparente d'une perception externe".

Algumas expressões do observado sobremodo típicas, caracterizam aquelas condições de incoercibilidade, precisão, espontaneidade, ausência de projeção espacial das pseudo-alucinações verbais; a maconha lhe "está ditando mas no pensamento" (sic).

É necessário sempre investigar detidamente quando um paciente nos diz ouvir algo, pois a distinção entre as várias formas alucinatórias e pseudo-alucinatórias nem sempre é fácil de realizar e para por em evidência estas últimas, às vezes, é necessário procurá-las.

É curioso ainda aproximar nossas constatações do que verificaram outros autores ao estudar o *Haschisch*. Assim Mourgue, escreve a propósito deste último: "Parece-nos que o *haschich*, droga composta de elementos complexos, de ação principalmente cerebral produz efeitos muito diversos, segundo o estado anterior do sistema organovegetativo no momento de sua ação. O mais das vezes em doses fracas e médias, êle provoca somente pseudo-alucinações..."

É necessário portanto, repetimos, saber levar em conta nos estados de maconhismo, os fenômenos pseudo-alucinatórios, sempre menos aparentes e de fisionomia menos dramática (mas nem por isso menos importantes) que as alucinações verdadeiras.

Aliás, é ainda a autoridade de Mourgue que nos adverte que até certo ponto a variabilidade é a regra, quando se procede ao estudo dos quadros alucinatórios, provocados pelos agentes farmacológicos. Isto porque excitações exteroceptivas são suscetíveis de inibir o processo alucinatório.

Um outro aspecto interessante nesta observações é o sentimento de clarividência, de lucidez supranormal, de intuição divinatória, que o paciente apresenta. Bromberg refere-o a propósito dos consumidores de *marihuana* e *haschich*: "Não é uma mudança de intensidade mas uma mudança da qualidade da realidade. Compreende-se então porque os consumidores literários (sic) do *Cannabis* tenham tais visões místicas proféticas".

Ainda se deve destacar o sentimento de insegurança (já registrado em alguns dos nossos observados) e que neste caso tomou uma feição muito mais séria, pois consistiu numa verdadeira idéia delirante persecutória. Bromberg registra na intoxicação aguda esses distúrbios da esfera afetiva, de intensidade variável, (sentimentos de apreensão, ansiedade, estados pânico, reações de terror, "atitude paranoide" etc.). Estes estados reativos, Bromberg tende a explicá-los, como dependendo de distúrbios da percepção das sensações de nosso corpo, distúrbios que agem como "um verdadeiro golpe sobre o narcisismo do ego" (Schilder). Um dos mais antigos e conscienciosos observadores do canabismo (Charles Richet) nos fornece casos do mesmo gênero: um dos seus colaboradores, o Dr. Danilo, quando voltava para casa à noite tinha por vezes receio de ser assaltado por ladrões, mas prontamente afastava esse receio. Certa ocasião, porém, tendo se submetido à experiência de consumir *haschisch*, o mesmo temor lhe sobreveio, e ao invés de afastá-lo como fazia em condições normais, o paciente imediatamente buscou sua arma, para se defender da suposta agressão.

Perturbações dessa ordem, devem merecer o maior interesse, pois elas podem evidentemente condicionar até reações anti-sociais de importância.

*

* *

A seguinte observação põe em foco a questão de psicoses crônicas pelo uso do cânhamo:

A. E. S., pardo, com 19 anos de idade, solteiro, aprendiz de serralheiro, católico, instrução primária, natural de Pernambuco (Recife), residente à Praça de São Pedro n.º 44.

Antecedentes hereditários: — Não há na família casos de doença mental. Esta informação nos foi prestada por seu progenitor referindo-se à ascendência paterna e materna.

Família legítima: — O pai, nascido no interior da Paraíba, para aqui se transferiu ainda criança; é um homem trabalhador de bons costumes, extrovertido. Fornece-nos as informações com desembaraço e sinceridade.

A progenitora do observado teve 14 filhos dos quais somente cinco são vivos.

Antecedentes mórbidos pessoais: — Nascido a termo. Parto normal. Com um ano começou a andar. Começou a falar aos 2 anos. Os dentes apareceram "em tempo". Era uma criança muito viva, esperta (sic).

Sofreu apenas as infecções comuns da infância: sarampo, papeira.

Aos 17 anos contraiu um cancro venéreo que se complicou de adenite supurada. Tempos depois, segundo informa seu progenitor sobrevieram-lhe numerosas "feridas" pelo corpo. O paciente é tabagista.

Antecedentes sociais: — O pai do observado era até bem pouco tempo proprietário de um pequeno negócio do Mercado de São José. Faliu em 1929 e, não tendo conseguido emprêgo, serve de intermediário em negócios avulsos, tendo a família passado algumas necessidades.

Durante a infância e adolescência do observado, porém, as condições de vida eram relativamente normais. O pai retirou-o por ver que era muito vadio e pô-lo a aprender um ofício. Nunca revelou amor ao trabalho nem persistência. Contudo, obedecia à vontade paterna. Tinha relativamente poucas amizades, mas não dispensava uns 2 ou 3 amigos inseparáveis. Em casa se acomodava bem, com os familiares e parecia estimá-los e respeitá-los. Segundo seu progenitor era relativamente indiferente a mulheres, não tendo aventuras sentimentais e "só raramente fazendo farras", o que não deixava de surpreender nosso informante. Não se preocupava com questões políticas, mas em 1931, envolvido no levante do 21 B.C. (ainda era civil nesta época), foi prêso e enviado a Fernando Noronha. Livre, entrou para o exército, servindo algum tempo na guarnição de Curitiba. Ao terminar o tempo de engajamento, não tornou a alistar-se e, indo para o Rio de Janeiro, empregou-se na casa de um tio. Como porém, o seu procedimento nessa época fôsse péssimo (expressões do seu progenitor) aquêle demitiu-o e expulsou-o, dando ciência disso à família. Alguns meses depois o pai, que sabia estar o paciente sofrendo privações, morando em companhia de malandros e de mulheres de má vida, mandou-o buscar.

Aqui, como as perturbações mentais se agravassem, requereu seu internamento, dando as providências necessárias para isto.

Doença atual: — Desde os 13 anos de idade, provavelmente atendendo a convites de seus companheiros, o paciente começou a fumar maconha. Sabedor disso, seu pai usou todos os meios: ameaças, castigos, etc., para fazê-lo abandonar aquêle hábito, mas não o conseguiu. Certa ocasião o rapaz que sempre se mostrara obediente e respeitador, respondeu atrevidamente às reprimendas, chegando a fazer ameaças. Quando o observado se envolveu no levante do 21 B.C., a situação melhorou. Enviado para Fernando de Noronha, e, depois para Curitiba, lugares onde não conseguia liamba, o seu procedimento se modificou sensivelmente. Mas, no Rio, recomeçou a queimar maconha habitualmente. Em Recife continuou neste hábito. Logo notaram os familiares vários distúrbios. Tornou-se irritável, concentrado. Passava os dias fora de casa, e ao chegar continuava silencioso, só sorrindo à toa, se interrogado. Em ocasiões queixava-se de estarem as ruas desertas, quando em outros momentos dizia não suportar a presença de tanta gente. Seu progenitor matriculou-o no Serviço Aberto da Assistência a Psicopatas, onde compareceu uma ou duas vêzes e efetuou a retirada do L.C.R. para exame. Depois ainda seu progenitor experimentou tratá-lo com remédios caseiros e levou-o a sessões espirítas. Nos últimos tempos o paciente fumava mais e seu pai preferia vê-lo embriagado e dormindo do que desperto e provocando escândalos, exigindo da família que lhe desse maconha. Como a situação se fôsse tornando insustentável, resolveu a família interná-lo, denunciando-o antes à policia, por segurança.

Exame somático — É um individuo de estatura alta, leptossômico, de panículo adiposo e músculos pouco desenvolvidos, de mucosas visíveis e pele pouco coradas. Acusa dores osteocópicas.

Seu olhar tem um brilho úmido.

Para o lado dos órgãos e aparelhos da vida vegetativa nada de anormal se percebe aos meios comuns de semiótica.

Sistema nervoso: — Sem distúrbios que mereçam registro.

Exame mental: — Por mais de uma vez interrogamos demoradamente o paciente. Sempre os interrogatórios pouco conseguiram. Não assumia nunca a iniciativa da conversação. Nossas perguntas faziam-no sair da atitude de alheamento e obtinham respostas. Estas, contudo, são sempre secas, freqüentemente monossilábicas. Invariavelmente pede que se repita a pergunta como se estivesse distraído. Na sala em que está, apenas sabe o nome de um companheiro. Não designa corretamente os médicos aos qua's no entanto já viu por muitas vêzes. E na sala costuma permanecer arredio, sem amizades. Durante o primeiro interrogatório freqüentemente ria, sem nenhuma razão aparente e (segundo diz) sem nenhuma intenção de zombaria. A notar que a conversação neste momento era sôbre assuntos graves. Obedece, contudo, sem dificuldade. Tem para a família expressões convencionais de afeto.

Repete corretamente séries de cinco números dígitos, em ordem direta.

Conta, a nosso pedido, que ao fumar ficava rindo muito, meio tonto, como se tivesse bebido. Nada via ou ouvia de anormal (sic), mas sentia "certa mediunidade, transmissão de pensamento". Por mais que nos esforcemos em apreciar o sentido dessas duas expressões, a pobreza verbal do paciente e sua evidente despreocupação pelo interrogatório, fazem que nada mais tenhamos podido apurar.

Esclarece ainda que nessas ocasiões "vinham muitos pensamentos". "No pensamento via-se no Paraná" onde sua vida perigou quando soldado. Quando examinado anteriormente no Ambulatório da Assistência a Psicopatas o observado a princípio respondeu de modo coerente, referindo "assombrações" (sic) dizendo ter visto uma "mulher junto a sua cama", não acrescentando outros detalhes. Queixou-se ainda de uma "grande agonia na cabeça, vontade de morrer e pensamentos maus" (sic) que o perturbariam sobretudo.

De súbito porém modifica esta atitude, abre os braços e deixa-se cair no chão, aí permanecendo, sem responder mais a uma só das questões que lhe são formuladas.

Depois de internado foi efetuada a determinação da I. M. e Q. I. com seguintes resultados:

I. M. — 8 anos e 10 meses. — Q. I. 55.

A fórmula do perfil psicológico de Rossolimo foi a seguinte:

P. 4,3 — (1,5 — 5,9 — 4,9) durando a investigação duas horas.

O exame do L. C. R. foi efetuado por duas vêzes com resultados concordantes.

O Wassermann, positivo no sangue, foi negativo no 1º quor.

Não existe hiperlinfocitose e nem hiperalbuminose; as reações coloidais deram curvas normais.

Das r. de globulinas apenas a r. de Nonne Apelt (fase I) foi francamente positiva.

O observado permaneceu no Serviço, de 26-2-1935 até 4-8-35, tendo o diagnóstico de esquisofrenia.

*

* *

Essa observação suscita a questão de possibilidade de ser o cânhamo responsável (como fator adjuvante) pelo aparecimento de uma psicose esquisofrênica, problema que alguns autores já se animaram a abordar.

No 37.º Congresso de Médicos Alienistas e Neurologistas de Língua Francesa foi a questão discutida em uma memória de M. Osman (de Stambul). Trata-se de um autor que dispõe de numerosa casuística de hasxixinos (300 observações), entre os quais numerosos casos diagnosticados de demência precoce.

O referido autor é de parecer que o *haschich* teria favorecido a evolução do processo esquisofrênico.

Bromberg (cuja opinião subscrevemos) depois de referir as formas psicóticas observadas no Oriente escreve: "Aquêles casos que terminam numa psicose de tipo crônico devem ser considerados como demência precoce em que houve uso do cânhamo ao se estabelecer a doença" e mais adiante depois de comentar o que se observa no alcoolismo em que as vêzes se verificam "casos de esquisofrênica que tem como ponto de partida psicoses alcoólicas de tipo especial" e de comentar o papel da estrutura da personalidade subjacente no decurso dos sintomas diretamente provocados pela intoxicação, clássifica alguns dos seus casos como "psicoses tóxicas que parecem habitualmente serem devidas ao entrelaçamento dos efeitos

tóxicos da droga com uma reação básica ciclotímica ou esquisofrênica. Estas psicoses são de longa duração e podem terminar numa psicose atípica maníaco-depressiva ou esquisofrênica”.

Nosso paciente permaneceu internado durante seis meses, sendo retirado ao fim dêsse prazo por sua família sem nenhuma melhora. Foi tentada inútilmente a sulfopiretoterapia, durante a fase de início. São de notar nesta observação alguns sintomas (consciência de enfermidade e de mudança interna, estranheza do mundo real, etc.), que dão ao quadro uma característica processual.

*
* * *

Acêrca do estado do sistema nervoso da vida vegetativa, quando se faz uso de pequenas doses de maconha escrevemos em nosso primeiro trabalho:

“Com doses fracas de maconha é muitíssimo provável que a hipotonia tenha lugar especialmente ou unicamente para o para-simpático”. Com doses altas nós verificamos hipo-anfonia.

A prova da atropina de Danielopolu, cuja técnica já detalhamos anteriormente, foi aplicada em dois pacientes depois de terem os mesmos consumido pequenas doses e os resultados estiveram de acôrdo com aquela nossa hipótese.

São os pacientes S. R. S. e J. R. B. S. vulgo “Mordido”. Em ambos efetuou-se anteriormente a prova de Danielopolu que demonstrou no primeiro hipersimpacotonia com tono vagal normal e no segundo leve hipovagotonia com tono normal do ortosimpático.

Depois de queimar a liamba verifica-se em ambos acentuada hipovagotonia. (Toma-se naturalmente em ambos como ponto de partida o número de pulsações que apresentavam depois de consumir liamba). O tonos do ortosimpático conserva as mesmas características do estado normal.

Eis os resultados de ambos no dia em que fizeram uso de maconha:

S. R. S. — pulso, deitado, antes de fumar — 104.

Começa a fumar às 9,15 | 3 cigarros de uma grama ao todo). Acaba de fumar às 9,45.

Às 9,48 — pulso deitado 136.

Às 9,50 — injeção de 1/4 mgr. de Atropina.

Às 9,55 — pulso: deitado, 146; de pé, 152; deitado, 132.

Às 10 horas, 146. — Às 10 e 2 — Injeção de 1/2 mgr. de Atropina.

Às 10,05 — Pulso: deitado, 154; de pé, 164; deitado, 154.

Paciente J. R. B. S. — pulso deitado antes de fumar — 86.

Começa a fumar às 9,50 consumindo 2 gr. de maconha. Acaba às 10,13. Pulso deitado, 104.

Às 10,20 — injeção de 1/4 mgr. de Atropina.

Às 10,25 — pulso: deitado, 114; de pé, 134; deitado, 98.

Às 10,35 — pulso, 114. Às 10,41 — Injeção de 1/4 mgr de Atropina.

Às 10 45 — pulso: deitado, 124; de pé, 135; deitado, 124.

BIBLIOGRAFIA

- * RICHET (Charles) — *L'Homme et l'intelligence* — 1884. — Felix Alcan, editores. Paris.
MOURGUE (Raoul) — *Neurobiologie de l'hallucination* — Bruxelles 1932.
BOMBERG (Walter) — *Marihuana intoxication* — American Journal of Psychiatry — vol. 91 — Set. 1934.
BARENQUE (Onelo) — *La marihuane ante la Psiquiatria e elCodigo Penal* — México, 1931.
EX (Henri) — *Hallucinations et delire* — Lib. Alcan 1934 — Paris.
LUCENA (José) — *Os fumadores de maconha em Pernambuco* — Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. Ano IV — n.º 1 — 1.º semestre de 1934.

O VÍCIO DA LIAMBA NO ESTADO DO PARÁ — UMA TOXICOSE QUE RESSURGE ENTRE NÓS

DR. PEDRO ROSADO
Diretor do Hospital Juliano Moreira

O estudo que temos a honra de apresentar aos ilustres membros do Primeiro Congresso Médico Amazônico, versa sôbre uma questão que muito de perto nos interessa: — é mesmo, à nosso ver, um problema médico-social no nosso Estado — e foi êsse o maior motivo que nos levou a investigar-lo demoradamente e sair da nossa habitual discreção a fim de pedir para êle a atenção dos notáveis membros desta reunião científica.

Referimo-nos ao vício de fumar liamba que últimamente se vem alastrando consideravelmente, tanto no interior do Estado, quanto aqui, em Belém.

Desde há muito tempo, foi nossa atenção despertada pela freqüência com que os doentes internados no Hospital "Juliano Moreira", provenientes do interior do Estado, especialmente de determinadas regiões, referiam constantemente, durante a anamnese, o uso da birra ou liamba, quer inalada sob a forma de cigarros, quer ingerida como chá.

Observando melhor, verificamos que a referida toxicose está bastante difundida em nosso Estado, principalmente na zona chamada do Salgado. É de Quatipurú, Maracanã, Marapanim, Salinas, Curuçá, São Caetano de Odivelas, Vigia, Bragança e Vizeu, que provêm o maior número de viciados; do Guamá tivemos alguns casos.

Em certas zonas do Marajó o liambismo está bastante difundido. Dos municípios do baixo Amazonas e Tocantins não tivemos notícia de nenhum caso. Porém, é bom salientar que, nesta capital, a planta é vendida com os nomes de chico, chá de birra ou bilra, diamba ou liamba e, mais propriamente, fumo de Angola, dirijo, riamba, maconha, atchi e erva, desde os lugares de grande movimento como o Vero-o-Pêso, Dóca, Souza Franco e Mercado de Ferro, até nos bairros afastados da Pedreira, Marco e Cremação, em pontos bem conhecidos dos viciados, chegando cada cigarro alcançar o preço de 500 réis e às vêzes mais.

Os jornais desta capital muito freqüentemente noticiam prisões de vendedores e fumadores de liamba. E o vício que já se instalou nos subúrbios desta cidade, segundo o depoimento insuspeito dos nossos observados, principia a invadir os quartéis, as fábricas, a cadeia e até mesmo entre os infelizes leprosos, no Prata, os desumanos fraudadores da lei pretenderam propagar a referida toxicose. É bom frisar que a liamba consumida em Belém é, na sua maior parte, importada do vizinho Estado do Maranhão, de onde chega em barcos, sendo vendida aos quilos por alto preço. De uma feita, precisando de liamba para experiências que estávamos realizando, conseguimos 200 gramas por 10\$000 ou seja à razão de 50\$000 o quilo.

A exportação para o estrangeiro já foi iniciada pelos contrabandistas, constituindo um comércio rendoso. Em junho do ano passado, a Polícia Marítima em uma busca realizada a bordo do navio inglês "Balfe", da Lamport, que estava de saída para Nova York, encontrou três sacas, con-

tendo aproximadamente 50 quilos de liamba. Saliento êstes fatos para demonstrar quão difundido está entre nós o uso da liamba.

CLASSES MAIS ATINGIDAS

Os nossos observados pertenciam em sua totalidade às classes pobres. Os pescadores do Salgado são os que pagam maior tributo ao vício. Chegam mesmo a trocar o produto de algumas horas de trabalho por um simples cigarro de liamba. Vêm, em seguida, os lavradores dessas zonas e dos municípios que marginam a metade terminal da Estrada de Ferro de Bragança.

Quase todos os delinquentes transferidos da Cadeia de São José para o Hospital "Juliano Moreira", mencionam o uso de liamba naquele presídio.

Figuram também, entre os nossos observados, vários estivadores, alguns operários e uma expraça do 26 B/C.

MODO DE UTILIZAÇÃO

O principal modo de utilização, entre nós, é o cigarro. A liamba é, assim, inalada tornando-se mais tóxica. Os cigarros são envolvidos em palha de milho ou papel amarelo de embrulho. Somente um dos nossos observados, prêto, pernambucano, fazia uso do cachimbo d'água, que possui um dispositivo especial, contendo água, através do qual passa a fumaça, antes de ser inalada.

Explicou-nos que adquirira êsse hábito entre africanos residente em Pernambuco, que, dêsse modo, evitavam a sensação da queimadura produzida pela fumaça sôbre as mucosas, nas primeiras inalações. Porém, dois dos nossos observados tomavam chá de liamba, um para acalmar a dor de estômago e o outro para abrir o apetite.

MANIFESTAÇÕES TÓXICAS

Os sintomas neuropsíquicos da intoxicação pela liamba são bem diferentes quando se trata da intoxicação aguda ou da crônica. Somente dois dos nossos observados, ambos aliás residentes no bairro da Pedreira, foram internados no Hospital "Juliano Moreira", pela Polícia, em estado de intoxicação aguda. A sintomatologia observada nesses casos foi a seguinte: excitação psicomotora com hiperminia, associação rápida de idéias, fuga de idéias e sobretudo de palavras, humor alegre e turbulento, lembrando bem o quadro de uma crise de mania aguda. A movimentação exagerada e desordenada dos doentes chamava atenção. Os pacientes apresentavam entretanto muitas alucinações visuais, ora alegres (início da intoxicação), ora terrificantes com freqüente zoopsia (intoxicação forte), o que permitia distinguir de uma crise de mania. A atenção era instável. A memória fácil no início, exautou-se a seguir, tornando-se porém por fim os doentes francamente obnubilados. No dia seguinte cessaram os efeitos da intoxicação e os pacientes, que eram novatos no vício, relataram que se haviam intoxicado pelo uso excessivo de cigarros de liamba. Isto, o que vimos em doentes internados em período de intoxicação aguda. Porém, a maioria dos nossos observados foi por nós examinada fora dêsse período. Interrogados, os pacientes relataram os seguintes sintomas: bôca sêca, ardor na garganta, e sensação de ter a cabeça leve e aumentada de volume. Humor alegre, riso fácil, loquacidade. Havia deambulação e acusavam sensação de maior fôrça física. Disse-nos um dos doentes que seria capaz de caminhar até Bragança sem cessar, sob a ação da liamba. Outro, que executaria tarefa de três homens, se fumasse seguidamente três cigarros de birra.

A sêde e o apetite exageram-se muito em quase todos os doentes. Referiu-nos um telegrafista do interior que, após a ingestão de um chá de

liamba "jamais comera tanto em sua vida". Apenas um, entre todos, acusa-va alucinações visuais tôda a vez que fazia uso do tóxico. Das nossas observações deduzimos então, que os fumadores habituais raramente chegam ao estado de intoxicação completa.

Um dos nossos observados quando inalava liamba apresentava um quadro clínico oposto aos demais, tornava-se tristonho e deprimido e sentia vontade de chorar, o que fazia freqüentemente. Eis as principais manifestações da intoxicação aguda.

Passemos agora ao estudo do estado mental dos intoxicados crônicos. Estes apresentam um quadro clínico bem diverso do apresentado pelo intoxicado agudo. Tornam-se apáticos, tristonhos, indiferentes ao meio e incapazes de um trabalho ativo e regular. A memória diminui consideravelmente. Há freqüente hipomnésia, por vêzes muito acentuada. Os doentes permanecem horas parados e são morosos no que fazem e no que dizem. Geralmente emagrecem e tomam uma coloração cutânea amarelada.

PARTE EXPERIMENTAL

Além das observações clínicas que vimos de resumir, há algum tempo atrás, com grato auxílio dos doutorandos de medicina, internos do Hospital "Juliano Moreira", hoje Drs. R... e O... ambos clinicando nesta capital, dedicamo-nos a fazer, com tôdas as precauções devidas, algumas experiências "in anima nobili" que vieram confirmar as nossas observações e ampliar os nossos conhecimentos sôbre o assunto.

Experiência n.º 1 — A primeira experiência resumiremos assim:

Doutorando R... brasileiro, solteiro, de 22 de anos de idade.

A experiência foi iniciada às 9 horas e 20, com um cigarro de 1 grama de liamba (fragmentos de caule, fôlhas e inflorescências) feito em um papel amarelo, particular, que é usado de preferência pelos fumadores habituais de liamba.

O paciente estava emocionado, com as extremidades frias, mas, calmo e calado.

Às 9 horas e 25, queixou-se de ardor na garganta, bôca sêca, tonteiras, vista turva e palpitações. As escleróticas mostravam-se injetadas. Dez minutos depois, às 9 horas e 35, terminou o primeiro cigarro, iniciando logo a seguir o segundo, também de 1 grama. Às 9 horas e 40, o paciente, muito pálido, disse sentir-se "tonto" embora se apresentasse alegre, expansivo, rindo sem motivo. Súbitamente ergueu-se da cadeira e jogando o cigarro no cinzeiro disse: "Já chega que estou embriagado". Começou a falar e andar de um lado para outro em visível excitação psicomotora. Sentiu um grande aumento de força física, acompanhado de uma sensação de "leveza do corpo", que lhe dava a impressão de que "tudo não tinha pêso". Agitado e loquaz ergueu uma cadeira no alto facilmente, batendo fortemente com os pés no chão. Às 9 horas e 50, o paciente acalmou-se rapidamente dando a impressão de que os fenômenos tóxicos haviam cedido. Porém, apesar de não ter fumado mais, o paciente, às 9 e 55, entrou numa segunda crise que durou, como a primeira, alguns minutos.

Assim, das 9 horas e 25, quando teve início a primeira crise, até às 11 horas e 25, quando cessou a última, isto é, por um espaço de 2 horas, as crises se sucederam em número de 12, havendo entre elas intervalos de acalmia.

É interessante que estas crises tiveram reduzida progressivamente a sua duração, mas apresentavam tôdas o mesmo grau de intensidade.

Este paciente apresentou manifestações tóxicas bem interessantes: face pálida, bôca sêca, extremidades frias, escleróticas congestas e tonteiras. Houve modificação do pulso que se elevou de 80 a 130 nos primeiros 30 minutos, para depois baixar, no fim de uma hora, a 78 pulsações. Tôdas as crises foram anunciadas por surtos de taquicardia e logo a seguir o paciente passava ao estado de excitação psicomotora, tornando-se alegre, expansivo e de uma loquacidade incessante e desordenada. Dirigia-se precipitadamente aos presentes; havia, porém, nos seus dizeres, incoerência, desconexão de idéias, passava sem relação de um assunto a outro, numa verdadeira fuga de palavras. Qualquer frase lhe provocava um fluxo de palavras e idéias, inicialmente ligadas ao que lhe havia sido dito, mais logo passava a outro e mais outro assunto. Gesticulava com violência, e tornava-se por vêzes turbulento, pronunciando frases dêste teor: "Estou querendo bater em vocês".

Delirava francamente, demonstrando enorme opinião sôbre a sua capacidade intelectual. Exigia que o examinassem bem porque "tinha a preocupação de bem servir

a ciência”, e dizia ao que tomava notas, “não perca nada, escreva tudo, que esta observação vale ouro”. Na impossibilidade de se dominar e calar, aludia freqüentemente a fatos íntimos, embora compreendesse que o não devia fazer, exclamando que “uma das coisas que mais o preocupava antes da experiência era pensar que podia revelar certos segredos”.

Ria a todo momento e apresentava alucinações visuais e cenestésicas. Disse a um colega “eu te fitando nos olhos estou vendo as vísceras por dentro de ti”. Sentia o corpo leve, ligeiro e aumentando de volume como se estivesse cheio de ar. Havia deambulação. Repetia constantemente “a gente quer parar mas as pernas não deixam”.

Durante a predominância dos fenômenos tóxicos, o paciente apresentava um franco estado de sugestibilidade, bastando uma frase ou mesmo uma alusão breve a tal ou qual assunto, para que logo êle se decidisse a agir e pensar de acôrdo com o que havia ouvido. Qualquer frase lhe servia de estímulo quase que reconhecendo o grau de extrema sugestibilidade em que se encontrava, pedia aos presentes que não lhe sugerissem certos atos, como agressões, por exemplo, porque seria muito capaz, de naquele momento, cometê-los.

Cessada a crise, desaparecia êsse estado normal de sugestibilidade. Aludia, também, ao aumento de tamanho do rosto, indo mirar-se freqüentes vêzes ao espêlho.

Pedia que não o deixassem entrar em outra crise. O paciente, apesar de bastante excitado, compreendia tudo quanto se fazia e dizia ao seu redor.

Durante as crises, porém, perdia a noção do tempo, calculando em uma hora, crises que duravam apenas cinco minutos. Depois da última crise ficou bastante deprimido. Bebeu um litro d’água gelada de uma vez. Queixou-se de uma sensação de aniquilamento e cansaço, deitando-se em seguida, imóvel, com os olhos fechados, sem dormir, porém.

Às 12 horas se levantou, tomou banho e almoçou abundantemente. Nessa ocasião aludiu com segurança a precisão aos fenômenos que sentiu nos períodos das crises. Às 14 horas e 30, saiu conosco, bem humorado e inteiramente normal, sem nenhuma aparência do cansaço físico e mental.

Experiência n.º 2 — A segunda experiência decorreu do modo seguinte:

Doutorando O... brasileiro, solteiro, de 25 anos de idade. Ao iniciar a prova estava levemente emocionado.

Eram 9 horas e 15, quando começou a fumar o 1.º cigarro, contendo 1 grama de liamba. Às 9 horas e 20, notamos vasodilatação facial. Logo depois o paciente queixou-se de secura da bôca, ardor na garganta e náuseas. Às 9 horas e 25, iniciou o 2.º cigarro e acusou um surto de taquicardia e tonteiras.

Às 9 horas e 35, iniciou o 3.º cigarro. O pulso, antes a 82, elevou-se a 104, tornando-se incontável durante os surtos de taquicardia. Ria por tudo e declarou-nos “que bebia um litro de vinho às refeições”.

Iniciou o 4.º cigarro às 9 horas e 55 queixando-se em seguida, de embriaguez e acrescentando “eu me sinto ligeiramente alegre como no fim de uma festa, quando a gente bebe alguma coisa. Naturalmente os senhores todos já passaram por isso”.

Fumou ainda um cigarro feito das pontas dos outros. Aludia à sensação de rosto edemaciado, procurando a todo momento o espêlho para mirar-se. Loquaz e risonho mostrava-se satisfeito por não apresentar perturbações psíquicas, dizendo: “se por aí se pudesse avaliar a tendência do individuo para a loucura eu ficaria satisfeito”. Às 10 horas e 15 todos os fenômenos haviam cessado e o paciente queixando-se apenas de ligeira cafelêa, nos acompanhou na visita hospitalar.

A temperatura elevou-se apenas alguns décimos durante a prova, de 36,6 subiu a 37. Os movimentos respiratórios que antes eram 23 por minuto, tornaram-se aritmicos e baixaram a 18. As pulsações de 82 que eram, antes da prova, passaram aos 5’ a 94, aos 15’, a 116, baixando aos 30’, a 108 para voltar a 80 no fim de uma hora. A força muscular revelou um aumento real e transitório, pois estava antes a M. D. — 125 e M. E. — 80, no fim de 5’ M. D. — 160 e M. E. — 120, para cair logo aos 15’ a M. D. — 120 e M. D. — 100 e no fim de uma hora a 100 e 99 respectivamente.

*

* *

Êste paciente, de excepcionais resistências físicas, atingiu a dose de 4 gramas nessa ocasião, sem grandes perturbações, voltando pouco depois ao seu estado normal. Repetida a experiência um mês depois, portou-se da mesma forma.

Isto prova que a resistência orgânica ou talvez uma meiopraxia nervosa têm grande influência no que diz respeito à intensidade dos fenômenos tóxicos, pois êste paciente inalou 4 gramas sem apresentar grandes manifestações tóxicas, ao passo que o primeiro fumou pouco menos de 2



Dizia que, nas ocasiões de furtar, era excelente umas fumacinhas de maconha: diminuía muitíssimo o terror das leis, desapareciam os óbices para o "trabalho", aumentava a coragem e a força para realizá-lo em tôdas as suas conseqüências. (prof. João Mendonça).

gramas resultando durante 2 horas crises de excitação psicomotora. A intensidade dos fenômenos tóxicos depende da resistência orgânica, da dose inalada, e da qualidade do produto que muitas vezes é falsificado, de mistura com a planta denominada vassourinha, o que diminui consideravelmente o seu efeito tóxico.

A sintomologia é análoga à apresentada pelos fumadores de cânhamo. Até as crises sucessivas separadas por intervalos de acalmia lembram a intoxicação pelo "haschisch". Os árabes costumam dizer: subiu a primeira embriaguez, a segunda embriaguez subiu, etc.

A PLANTA

Para alguns botânicos a liamba é o cânhamo comum ou europeu (*Cannabis sativa*), outros, porém, a consideram como o cânhamo indiano (*Cannabis sativa* var. *indica*, Linneu). Na Farmacopéia brasileira são encontradas, como sinônimas, as expressões: cânhamo da Índia, maconha, diamba, liamba. No livro intitulado "Amazônia Brasileira. Árvores e plantas úteis" o Dr. Paul le Cointe, Diretor do Museu Comercial do Pará, e nome conceituado na Amazônia, se refere à liamba ou birra, identificando-a com a *Cannabis sativa* var. *indica*. Vasconcelos Sobrinho da Seção de Botânica do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco, em um estudo denominado "Algumas notas sobre a Maconha" a classifica como a *Cannabis sativa* (Bol. da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, Pernambuco, Dez. de 1936).

A classificação dos cânhamos sempre deu margem a discussões. Porém, a maioria dos autores é de opinião que existe uma espécie única. Kkon Abrest afirma mesmo que a *Cannabis sativa* contém embora em menores proporções todos os princípios da *Cannabis indica*. Outros ainda citam o fato freqüentemente observado, de indivíduos que atravessando as grandes plantações de cânhamo existentes no sul da Europa, queixaram-se de sonolência, cefaléia e tornaram-se alegres, loquazes, de riso fácil, o que vem demonstrar que a *Cannabis sativa* nessas regiões menos frias da Europa, já apresenta, embora em menor escala, as propriedades hilariantes e umorísticas da *Cannabis indica*.

Estas propriedades tóxicas, que atingem ao mais alto grau nos climas quentes, vão se atenuando até desaparecer à medida que nos elevamos em latitude. Eug. Collin fazendo referência ao cânhamo diz: "Sous le nom de Chanvre Indien on designe une variété du *Cannabis sativa* L., qui présent avec celui-ci les plus grandes ressemblances aux points de vue morphologique et anatomique et qui s'en distingue par sa richesse en résine". Assim sendo, a resina que não se encontra nas plantas européias, é a característica das variedades produzidas sob o clima tropical e as suas propriedades farmacodinâmicas dependeriam apenas do clima. Atualmente, os botânicos não admitem senão uma espécie de cânhamo — a *Cannabis sativa* — abandonando portanto a denominação de *Cannabis indica*, que serviu durante longos anos para designar o cânhamo muito rico em resinas e altamente tóxico, produzido sob o clima dos trópicos.

Este fato não é para admirar, atendendo que certas plantas da flora amazônica apresentam esta particularidade, e interessante ainda, é que isto sucede na mesma região somente em determinada época do ano. Talvez baseados nesse conhecimento os nossos caboclos não retiram durante certos meses, a seiva das árvores lactíferas usadas no interior para fins terapêuticos.

Está hoje sobejamente demonstrado que o cânhamo das zonas tropicais, segrega, seja pela ação do sol, seja como meio de defesa contra a temperatura sempre elevada dessas regiões, um princípio tóxico que é a resina, princípio este que a planta não elabora nos climas frios, e dêsse modo, fica

também explicado o motivo porque o cânhamo europeu é desprovido de resina que só começa a ser elaborado em pequena escala nas plantações do sul da Europa, onde a ação do clima já se faz sentir. Apenas sob este ponto de vista poder-se-ia admitir a distinção porque sob o ponto de vista botânico essa distinção (que geralmente é baseada no aspecto macro e microscópico da planta e principalmente dos seus órgãos de reprodução) é impossível de fazer. Não existe portanto a variedade *indica* da espécie *sativa*. A Enciclopédia Britânica diz a respeito: Although different forms have been described under different botanical names there are no essential differences in any of the specific characters and all cultivated and wild hemp is now recognized as belonging to one especie, *Cannabis sativa* L.

Estamos assim em presença de uma das mais antigas e temíveis intoxicações. A nossa Liamba é o Alcanave dos antigos portugueses; o Bangi dos filipinos; o Cañamo dos espanhóis; o Canape dos italianos; o Chanvre dos francêses; o Cherneb dos árabes; o Hanf dos alemães; Indian Hemp dos inglêses; o Kanas dos celtas; o Tsing-ma dos chinêses.

Na Índia é o Bhang. Na África tem diversas denominações: Ganja, Dakka, Lianda, Riamba, etc.

No México é chamado Marihuana, Mariajuana, Grifa, Soñadora, Mota, Donajuanita. Do México passou para a América do Norte onde está sendo usada pelas classes pobres, nos Estados do Sul. Até em Hollywood alguns artistas do cinema, ingeriram o chá de *Marihuana* "para tornarem-se mais fotogênicos".

A planta parece originária da Ásia, porém, as relações entre a África e a Índia Ocidental, feita por intermédio dos Mouros, levaram para o continente negro o pernicioso uso. Da África foi introduzida em nosso país, a partir de 1549, pelos escravos, que, segundo Pio Corrêa, traziam as sementes do cânhamo em bonecas de pano amarradas na ponta das tangas. O cânhamo aclimatou-se perfeitamente em nosso país, do Amazonas à Bahia e talvez mais para o sul.

Assim sendo, o cânhamo ou a liamba é o "Hashish ou Haschich" palavra árabe empregada para denominar não somente a planta, mas também as preparações à base de cânhamo. A palavra "Haschisch" adquiriu tão má reputação que o seu nome se tornou base da designação dada a todos os assassínios traiçoeiros.

"Os leitores da introdução de Edward Fitz Gerald à sua tradução de "*Osmar Khayyan*" conhecem a descrição que êle faz das relações de Omar com os seus dois amigos, um dos quais era Hasan Ben Sabbah, destinado a tornar-se quase tão famoso como o próprio poeta. Hasan, foi feito, no século XI, chefe de uma seita de Israelitas na Pérsia, cuja norma era espalhar os seus dogmas por meio de assassinio dos seus contrários. A fim de dotar os seus setários, com a inspiração necessária para o executarem as suas emprêsas sanguinárias, Hasan ensinou-lhes o uso do "Hashish" como intoxicante. Podemos mencionar aqui os setários de Hasan se tornaram conhecidos como os... "Hashassin" ou "assassinos" mostrando a origem da palavra assassino, o que é descrito em todos os detalhes da Enciclopédia Britânica. Isto seria bastante para demonstrar os perigos decorrentes do uso do cânhamo".

Com isto, damos terminado o estudo sôbre o *Vício de Liamba no Estado do Pará*, que apresentamos ao alto critério e saber dos ilustres membros do *Primeiro Congresso Médico Amazônico*.

Procuramos fazer um estudo modesto mas útil, de observação e análise, verdadeiro e pessoal, que pudesse resultar proveitoso, à vista da gravidade que o tóxico atinge entre nós.

Se conseguirmos realizar êsse objetivo, com o nosso modesto trabalho, damos por bem empregados os esforços que empenhamos na sua realização.

MACONHISMO E ALUCINAÇÕES

JOSÉ LUCENA

Doc. da Clin. Psíqu. da Fac. de Med. do Recife

Os quadros sintomáticos provocados pelo uso do cânhamo podem acusar diferenças muito sensíveis de identidade conforme a amostra utilizada. Em duas memórias publicadas anteriormente salientamos essa circunstância, efetuando o estudo comparativo dos quadros sintomáticos dados pela maconha, pela *marihuana* e pelo *haschisch*. Agora julgamos oportuno efetuar em separado o estudo dos fenômenos alucinatórios no decurso de estados de maconhismo.

A literatura existente a respeito de assunto é muito copiosa e uma rápida revisão da mesma, mostra uma grande variabilidade de opiniões, o que é perfeitamente explicável pelo que já apontamos acima.

Assim, na excelente obra de Walton que passa em revista não só as observações dos autores que acompanharam os efeitos do cânhamo por ingestão ou consumindo em cigarros, como também casos de intoxicação acidental ou proposital por preparações farmacêuticas do cânhamo (tinturas, extratos, etc.) enquanto alguns não verificaram estados alucinatórios, outros dão êstes últimos como um dos aspectos mais importantes do conjunto sintomático.

Os autores citados por Walton, H. C. Wood, Marshall, Robinson, Hamilton, Lescohier e Perkins, Strange, Hamaker, Geiser, Biknell, Foulis, Bendict não referem alucinações embora se demorem em examinar outros sintomas.

Ao contrário, os que observaram quadros alucinatórios são mais numerosos, embora também existam divergência quanto à freqüência e intensidade dêstes últimos. Rech, Donovan, Ducan, Burr, Prentiss, Windscheid, Minter, Sawtelle, Atlee, Baxter-Tyrie, Fraenkel e Joel, Kant e Krapf, Straub, Kant, Stringaris, Skliar e Yvanow, Dontas e Ziz todos apresentam descrições de quadros alucinatórios típicos. Não figuram nessa relação alguns outros cujos termos são menos precisos ou categóricos.

As alucinações observadas dizem respeito a quase todos os territórios sensoriais: são visuais, auditivas, assumem em alguns casos caráter pseudo-alucinatório e em muitos outros interessam as sensibilidades cutâneas, o sentido muscular e a imagem de si (*korper-schema*). Nesses últimos casos apresentam um caráter elementar e são por vêzes fugazes.

Sem referir verdadeiras alucinações outros autores mencionam, contudo, erros sensoriais de caráter ilusional. Assim, Binet-Sanglé refere *dis-morfopsias* acrescentando: "suggestive ideas become so vivid they amount almost to allucinations".

Lewin afirma que freqüentemente ilusões dos sentidos ocorrem nos estados de canabinismo: ilusões da vista, do ouvido, da sensibilidade geral. Enumera algumas delas: "os sentidos parecem mais afinados e sutis", a hipersensibilidade. Por vêzes verifica-se uma impressão de constrição do cérebro "ou como se o cérebro estivesse sendo devorado pelo fogo" (sic).

Sons harmoniosos também podem ser elevados nos ares, o que determina angústia. Alterações do gosto podem igualmente ser observadas, assumindo alguns pratos um sabor diferente.

No marihuanismo agudo Oneto Barenque aponta a existência de alucinações macrópsicas e micrópsicas de tonalidade agradável ou então alucinações “grotescas, fantásticas” da vista, do ouvido, do gosto, do olfato. Os mais insignificantes acordes musicais são percebidos como melodias. Alguns indivíduos sentem-se rodeados de imenso halo brilhante. Nos viciados crônicos o mesmo autor descreve zoopsias bem caracterizadas. As alucinações são porém mais pronunciadas quando o uso da *marihuana* vem associado a outros tóxicos.

Livet que também descreveu aspectos do marihuanismo no México, relata entre os fumadores da planta curiosas alucinações do sentido muscular e da imagem de si: os dedos parecem se afinar, a mão ora parece enorme, monstruosa, ora ridiculamente pequena. Alguns indivíduos chegam a cabeça porque esta se lhes afigura muito aumentada a ponto de receiarem a disjunção dos ossos do crânio. Segundo o mesmo autor são freqüentes alucinações visuais e auditivas em geral relacionadas com as preocupações do momento.

Samuel Ramirez Moreno em um caso que teve ocasião de acompanhar relata a presença de alucinações visuais de grande intensidade.

Um ponto de vista diferente é sustentado por Mourgue apoiando-se na descrição de vários autores principalmente na de Viala. Alucinações verdadeiras, com caráter de objetividade e projeção espacial seriam raras. Ao invés disso seriam freqüentes fenômenos pseudo-alucinatórios.

Em trabalho anterior referimos a descrição apresentada por Dupoky de um caso que acompanhou. “Ele julga ver a Rue de la Paix, a praça da Ópera e reconhece tôdas as lojas que está acostumado a ver com suas vitrinas, seus letreiros, etc., não falta nenhum detalhe, êle entra numa pequena rua do Faubourg-Montmartre, cuja fachada lhe aparece ao longe escrupulosamente reproduzida pela alucinação. Alguns segundos depois o cenário muda: é a rua de Rennes que se mostra a êle com suas lojas de antiquários e a gare de Montparnasse numa extremidade. A alucinação é tão viva, tão impressionante em sua imitação da realidade que o doente se engana e volta sobre seus passos; deixa-se assim dirigir por suas alucinações identificadas completamente com o mundo exterior”.

Ê a fenômenos alucinatórios que se tem atribuído as reações agressivas que se verificam no decurso dos estados ditos de amok.

Contudo, neste último caso, é difícil dissociar a parte de responsabilidade que cabe às alucinações pròpriamente ditas e ao comportamento delirante.

Até hoje tivemos oportunidade de observar detidamente 15 fumadores de maconha, alguns dos quais mantivemos sob observação durante meses. Em várias ocasiões assistimos o desenrolar dos efeitos da intoxicação. A êsses casos podemos juntar as verificações efetuadas em 4 médicos (inclusive o autor) que fizeram uso da planta por uma vez, submetendo-se à observação dos outros, conforme relatamos em trabalho anterior.

Os fenômenos pseudo perceptivos são bastante raros no material de observação de que dispusemos. Na observação seguinte, ainda não publicada, verificamos o aparecimento de alucinações verdadeiras de caráter muito elementar interessando especialmente a sensibilidade muscular e imagem de si. Os referidos fenômenos tiveram uma duração muito fugaz. A observação é a seguinte:

A. D. C., 13 anos, pardo, solteiro, instrução rudimentar, natural de Pernambuco, doméstico.

Sôbre os antecedentes hereditários nada foi apurado que merecesse registro.

Faltam dados precisos sôbre o desenvolvimento somático e psíquico durante os primeiros anos de vida. Em 1934 sofreu de impaludismo durante 3 meses. Não contraiu até hoje doenças venéreas.

É o observado de condição social inferior. Os pais eram legalmente casadas e, segundo suas informações, havia regular harmonia entre os vários componentes da família. Sua genitora faleceu cedo e o paciente por gosto de aventura fugiu de casa, vindo para Recife. Foi recolhido por uma família, com ela permanecendo 7 anos, trabalhando como entregador de leite. Durante êsse período freqüentou também escolas por espaço de um ano, mas logo se desinteressou porque era vadio e deixou de estudar. Já rapazinho resolveu deixar a família que o recolheu, para ganhar mais dinheiro. Empregou-se em várias mercearias com vencimentos variante entre 50 a 100 mil réis mensais. Embora nos reafirme que sempre teve excelente conduta já foi prêso uma vez quando contava 13 anos. Motivo da prisão: estava jogando bola na via pública. Recentemente foi denunciado como fumador de maconha, prêso e enviado ao Manicômio Judiciário onde tivemos oportunidade de observá-lo.

Ao exame: indivíduo de estatura mediana, leptossomático (à inspeção). Conjuntivas oculares congestas. Círculos perconeanos. Gânglios de Ricord palpáveis. Não apresenta esternalgia nem tibalgia. Nada de anormal nos aparelhos respiratórios e digestivo. Ictus cordis no 5.º espaço, linha mamilar, forte, difuso. Bulhas claras. Taquicardia. Pressão arterial: Mx10, Mn. 6,5. Marcha normal. Tôdas as posições são possíveis. Romberg ausente. Não se verificam anormalidades dos reflexos tendinosos e cutâneos. Pupilas de diâmetro igual e normal, reagindo bem à luz e acomodando prontamente. Durante a exposição à luz as pupilas se dilatam e se contraem ritmicamente.

Exame mental: na enfermaria em que se encontra recolhido mostra-se bem adaptado. Convive sem atritos com os doentes, acomodado, respeitando as exigências regulamentares. Em nossa presença atitude um pouco embaraçada e demasiado respeitosa, principalmente nos primeiros interrogatórios. Procura justificar sua vida passada declarando que sempre ganhou a vida por si, sempre arranjou honestamente situações que lhe garantiam o passado. Às vêzes, porém, deixa escapar afirmações mais comprometedoras: "enganava o Govêrno, vendia aguardente sem selo".

Média de conhecimentos gerais algo reduzida. As aquisições escolares são escassas. Reconhece letras mas não lê. Cópia, desenhando e com incorreções, trechos tipografados. Erra ao efetuar cálculos simples de adição. Sob ditado escreve corretamente números de vários algarismos.

Vocabulário pobre, emprêgo freqüente de expressões de gíria. A ilusão de pêso de Demoor é positiva. Não foram verificadas alucinações nem idéias delirantes de qualquer natureza. Tanto quanto se pode aferir não apresenta distúrbios da vida afetiva.

Psicodiagnóstico de Rorschach: número total de respostas 12, sendo duas de precisão. Tempo gasto 25 minutos e 5 segundos. Tipo de percepção: D — G (G = 4). Tipo de caráter: OM 1 C (F = 7; CF = 1) F% = 77,77, A% = 20, H% 40,0% = 30. A determinação da idade mental por meio de testes deu o seguinte resultado: IM = 9 anos e 10 meses. Q. I. = 61.

O paciente teve ocasião de fazer uso em nossa presença de cigarros de maconha num período de 3 horas aproximadamente. As modificações físicas sobrevieram prontamente consistindo em taquicardia, vaso-dilatação cutânea ao nível do rosto, congestão das conjuntivas oculares, discreta midríase, pronunciada secura da bôca e desaparecimento do hípus.

Quanto ao estado mental mostrou-se a maior parte do tempo loquaz, expansivo. Embora se procurasse coibir, ria com freqüência, sem que o riso correspondesse a nenhuma motivação exterior aparente. Bastavam pequenos gracejos para determinar hilaridade. Enquanto no início da prova se apresentava reservado de poucas palavras, aos poucos foi-se tornando mais confidencial, terminando por denunciar espontaneamente companheiros seus sôbre os quais a polícia não lançara as vistas. Esquecia facilmente os assuntos a que se referira momentos antes, queixando-se amiúdo de que lhe faltavam palavras para dizer o que pensava. Empregou nessa ocasião uma expressão curiosa para explicar tal estado: "está tudo silêncio". Disse-nos depois que isso significava "pensar demorado, querer dizer uma coisa e não poder".

Quase ao terminar as três horas de intoxicação, tornou-se silencioso e deprimido começando depois com queixas e recriminações contra as autoridades que prendiam a êle inocente e deixavam livres os verdadeiros culpados. Mostrava-se então algo desajeitado de movimentos, experimentando dificuldades mesmo para enrolar um cigarro. Por vêzes levantava-se passeiando pelo aposento. Olhando-se a um espêlho, declarou que se achava diferente parecendo uma caveira. Dizia sentir "o corpo diferente, mudado, frio. Parece que o corpo está engelhado, é fuchico, verdadeiro cavername. Quero tomar um banho quente, estou doído do juízo". Depois acrescentou que a

bôca e a língua também estavam engelhando, respondendo quando lhe ordenamos que mostre a língua que não podia fazê-lo, porque ela estava “engelhada”. Posteriormente disse “estar suspenso do chão”, reafirmando que não mostrara anteriormente a língua porque ela estava “pegada”. A êsse tempo apresentava relativa demora em responder as perguntas, mas aos poucos foi reconhecendo sua situação e, ao retirar-se da sala apenas apresentava certo retardamento no tempo de elaboração das respostas.

*
* *
*

A sintomatologia desta observação é a usual dos casos de maconhismo agudo. Contudo, ela apresenta de particular o fato de existirem pseudo percepções interessando o domínio da sensibilidade muscular e do esquema corporal ou imagem de si. Essas pseudo percepções assumiram um caráter alucinatório, embora fugaz. Tal caráter alucinatório pode ser bem estabelecido (adotando-se o critério de Claude) pela circunstância de acreditar o observado na realidade das percepções anormais que experimentava, comportando-se de acôrdo com elas (alucinações e conduta delirante típicas).

Já vimos nas descrições de Livet e Lewin citadas acima exemplos típicos de fenômenos pseudo perceptivos dessa ordem. Na obra de Walton encontramos relações de outros casos. Assim, o paciente de De Luca experimentava “sensações de passeiar nos ares”. Para o de Strub “as extremidades pareciam de exagerado comprimento”. Erombarg depois de ter fumado dois cigarros de *marihuana* descreve além de outros fenômenos cujo estudo não nos interessa no momento, distúrbios pseudo perceptivos afetando a esfera quinesésica: “sentimento de leveza no vértice da cabeça, pronunciado sentimento de alongamento das pernas, sentimento de que os braços se elevaram no ar”. Esses distúrbios coexistiram muito nítidos afetando a sensibilidade visual: “imagens de crâneos e esqueletos, imagens de pernas e braços numa sala de dissecação”. Dos pacientes observados por êsse autor vários apresentavam distúrbios da mesma natureza.

Revendo as observações que já publicamos, verificamos em algumas delas, embora com um caráter muito atenuado, distúrbios do sentido muscular que seria talvez exagerado qualificar de alucinatórios, mas que parecem até certo ponto mais pronunciados que simples paraestésias. Assim, o estudante J. V. M. que se dispusera a fumar a planta em nossa presença referiu que por mais de uma vez sentira como se os dedos das mãos estivessem mexendo involuntariamente, reconhecendo, porém ao olhar para êles que isto não sucedia.

*
* *
*

Em trabalho anterior relatamos uma observação assás curiosa de um viciado crônico em que o uso do tóxico provocou o aparecimento de fenômenos pseudo alucinatórios que coexistiam com outros aspectos de automatismo mental: sentimento de clarividência, de lucidez supranormal, de intuição divinatória. Dito paciente no decurso da intoxicação nos dizia estar ouvindo a maconha d tar-lhe coisas, dar-lhe conselhos, protegê-lo, livrando-o da cadcia. Referia com entusiasmo ocasiões anteriores em que a maconha o ajudara: “ela é uma erva que protege tanto como um santo, tem a mesma irradiação de um espírito”. “O pensamento que eu penso o Sr. pensa também, eu estou fumando e pensando em F. êle pensa a mesma idéia e eu sei disto, porque a primeira vez que eu me encontrar com esta pessoa que eu pensei ela me diz...” Êste paciente caracterizava perfeitamente os distúrbios que relatamos, afirmando-nos que não ouvia a maconha fora de si, mas sim que ela estava ditando “dentro do pensamento”. Tal afirmativa permite caracterizar tais distúrbios pseudo perceptivos como pertencendo a

categoria de pseudo alucinações, apresentando aquelas condições de incoeribilidade, espontaneidade, ausência de projeção espacial que as caracterizam.

O mesmo paciente, que no início da intoxicação nos referia, com ar divertido, neologismos e *non-sens* que a maconha lhe estaria dizendo “dentro do pensamento”, numa fase mais tardia mostrou-se de súbito apavorado, receando durante alguns minutos que quiséssemos assassiná-lo ou prendê-lo.

Essa idéia delirante aparecida tão súbitamente após um período em que o paciente se apresentava apenas como um espectador divertido de seu automatismo mental pseudo alucinatório nos conduz ao problema atual da oposição entre as concepções mecanicistas da alucinação, de que a teoria de De Clerambault é o principal representante e as doutrinas opostas sôbre as quais tem insistido a escola de Claude (H. Ey, Rouart, Nodet, etc.). Em nosso observado, mau grado as deficiências de expressão, não parece que a idéia delirante tenha sido “determinada” ou “causada” pelas pseudo alucinações, como diriam partidários de De Clerambault, e isto embora hajam ditos fenômenos pseudo perceptivos precedido a crença delirante. Com efeito, nosso observado não estabelece entre as pseudo alucinações e a idéia delirante umnexo causal e suas palavras parecem antes atribuir esta última a uma intuição ou “iluminação” súbita, surgida com caráter de dado imediato. Transcrevemos da sua observação já publicada um trecho que nos parece expressivo: “Explicou-nos que estivera receoso, a maconha lhe dera pensamentos que agora reconhecia serem falsos; surgira-lhe súbitamente o temor de que quiséssemos atirá-lo a uma daquelas salas e conservá-lo prêso ou mesmo matá-lo”.

Nunca tivemos ocasião de observar alucinações verdadeiras da vista, do ouvido, do gôsto, olfato, etc., fatos êsses que foram, contudo, verificados por numerosos e insuspeitos autores. Isto não quer dizer, porém, que no decurso do maconhismo a atividade dêesses departamentos sensoriais esteja normal. Ao contrário, ocorrem desordens perceptivas — embora sem caráter alucinatório — mas permitindo confirmar aquela “Change in subjective evaluation of perception of vision, tactile, proprioceptive, auditory experiences because of desintegration of sensation to a primitive level of perception”, a que se refere Bromberg.

No domínio da percepção visual podem ocorrer dismorfopsias que contribuem para dar à realidade ambiente um caráter de estranheza sôbre o qual insistiram vários autores. Revendo os dados de nossa observação podemos apontar como exemplo dessas alterações o que verificou em si mesmo o nosso companheiro A. Di L. “pareceu-lhe que objetos, pessoas da sala de observações se tornavam súbitamente longínquas, havendo certa redução das proporções corporais”. Também o nosso colega R. R., referiu-nos que “experimentava um sentimento de estranheza, como se as pessoas e coisas da sala em nada o afetassem. Pareciam distantes e ao mesmo tempo emoldurados. Julgava ter percebido tudo o que ocorrera sob suas vistas mas ao efetuar o confronto com o que registramos, verificava-se que a percepção exterior se encontrava diminuída, pois cometia erros sôbre a identidade de duas pessoas que o haviam acompanhado...”

*
* *

Algumas recentes correntes de idéias vem revolvendo profundamente o conceito dos fenômenos pseudo perceptivos, discutindo a sua importância do ponto de vista patogênico, em relação ao psiquismo mórbido. Uma impressão parece se desprender, contudo, do exame dessas doutrinas freqüentemente contraditórias. O sintoma alucinação vem perdendo seus limites

nítidos e a diferenciação é por vêzes difícil de efetuar em relação a experiências subjetivas que lhe são vizinhas. Basta citar os estados de intuição delirante ou as deformações ilusionais. As dificuldades aumentam, quando, a exemplo de Quercy, se procura pôr em evidência o papel da alucinação na percepção dita normal. De certo essas considerações de ordem semiótica não pretendem absolutamente negar a existência da alucinação, mas apenas sublinhar como as fronteiras da mesma se confundem com a de certos estados vizinhos. Veja-se um extenso desenvolvimento dessa noção no livro de Nodet.

Do ponto de vista patogênico, essas interpretações dinâmicas visam evidenciar até que ponto o distúrbio alucinatorio está em função do psiquismo total e do nível de dissolução desse último. É este o sentido da obra considerável de Ey, Nodet, Rouart, tornando outra vez atuais em psiquiatria as doutrinas de H. Jacson. Ey acentua como a alucinação não pode ser considerada como corpo estranho ou neoplasma psíquico, mas ao contrário, que alucinações e comportamento delirante se apresentam entrelaçados, não sendo possível as primeiras sem o segundo. Sem a regressão ao estágio inferior da atividade psicológica — que a dissolução psíquica torna possível, — os movimentos virtuais, as atitudes motoras (Mourgue) existentes à base das pseudo percepções não são alucinógenas. Diante dessa concepção, as alucinações vêm perdendo o seu caráter primitivo de ponto de partida do distúrbio mental, que lhe atribuíam as concepções mecanicistas para aparecer simplesmente com um sinal, entre muitos outros da regressão ou da queda do nível psicológico de que delírio é a expressão mais significativa.

Essas considerações parecem-nos dever ser lembradas quando se efetua o estudo dos distúrbios pseudo perceptivos ocasionados pela maconha. Será talvez necessário considerar impossível o estudo das alucinações da maconha separando-as das perturbações globais da personalidade a que aludimos acima. O próprio comportamento anormal do intoxicado é antes expressão do delírio do que simplesmente secundário a alucinações, como seria tentado considerar alguém que abordasse ligeiramente esse problema. Não somente planta alucinógena, mas principalmente planta capaz de uma perturbação psíquica global muito mais ampla, cis como deve ser considerada a maconha.

*

* * *

RESUMO

O autor passa em revista algumas publicações que tratam a questão das alucinações no decurso da intoxicação aguda pelo cânhamo salientando a grande variabilidade dos resultados, o que é explicável pelas diferenças de amostras utilizadas. Revê seus casos, em que ditos fenômenos pseudo perceptivos foram pouco freqüentes relatando mais detidamente uma observação em que se verificam discretos distúrbios alucinatorios afetando a sensibilidade muscular e a imagem de si. Refere outra observação, já publicada em que se apresentaram fenômenos pseudo alucinatorios e idéias delirantes persecutórias coexistindo com sentimentos de clarividência e lucidez. Examina outros aspectos menos aparentes da desintegração da percepção no maconhismo agudo e termina salientando como as idéias sobre a patogenia dos estudos alucinatorios, aventados por Ey, Nodet, Rouart ajudam a compreender, (melhor do que as concepções mecanicistas poderiam fazê-lo) os fenômenos pseudo perceptivos no decurso do maconhismo agudo.

SUMMARY

Maconhismo (Cannabism) and Hallucinations

The author reviews some publications that deal with the question of hallucinations during acute intoxication by the hemp, giving emphases to the great variability of the results, which is explainable by differences of samples which were used. He also reviews his own cases in which the above said pseudo perceptive phenomena were not very frequent and reports more closely one observation, in which one verifies mild hallucinatory disturbances, affecting muscular sensibility and Korper-schema. He reports another observation already published in which there appeared pseudo hallucinatory phenomena and delirious persecutory ideas existing together with feelings of clairvoyance. He examines other less apparent aspects of desintegration of perception in acute "maconhismo" and ends his work by showing how the ideas about pathogeny of hallucinatory states suggested by Ey, Nodet, Roaurt help one to understand (better than the mechanistical conceptions could do) the pseudo perceptive phenomena during the course of acute maconhismo.

BIBLIOGRAFIA

- ✓ WILTON (Robert P.) — *Marihuana* — Lippincott — Philadelphia 1938.
- ✓ QUERCY (iPerre) — *Les hallucinations* — L. Felix Alcan — Paris — 1936.
- ✓ QUERCY (Pierre) — *L'hallucination* — tomos I e II — L. Felix Alcan — Paris — 1930.
- ✓ LIVET (L.) — *Les fumeurs de marihuana* — An. Med. Psychol. Vol. XIII — 1920 — pág. 257.
- ✓ BOSCH (Gonzalo) — *Alucinaciones* — Imprenta Amorrortu — B. Ayres — 1935.
- ✓ EY (Henro) — *Hallucinations et delire* — L. Felix Alcan — Paris — 1934.
- ✓ DÓRIA (Rodrigues) — *Os fumadores de maconha, efeitos e males do vício* — *Memória ao 2.º Congr. Cient. Panamericano reunido em Washington* — Dez. 1915 — Jan. 1916.
- ✓ ROSSI (S. Carlos) — *La alucinación* — Rev. Arg. de Ner. y Psiq. 1.3 — Janeiro 1935 — pág. 179.
- ✓ LUCENA (José) — *Os fumadores de maconha em Pernambuco* — Arq. da Ass. a Psicopatas de Pernambuco — Ano IV — n.º 1 — 1934 — pág. 53.
- ✓ WALTER (Brombert) — *Marihuana intoxication* — Am. Jour. of Psychtr. Vol. 91 — Sept. — 1934 — pág. 303.
- ✓ BERENQUE (Oneto) — *La marihuana ante la Psiquiatria y el Codigo Penal* Ed. Migaris — México — 1932.
- ✓ RICHEL (Charles) — *L'homme et l'intelligence* — L. Felix Alcan — Paris — 1884.
- ✓ LEWIN (Louis) — *Les paradis artificiels* — Trad. F. Gidon — Payot — Paris — 1928.
- ✓ DRETLE (J.) — *Des relations entre la croyance de l'halluciné et sa convention de l'universalité des hallucinations* — L'Encephale — XXIX, 6 junho, 1934.
- ✓ FORAC (René) — *Les stupefiants* — Maloine — Paris 1927.
- ✓ NODET (Ch. H.) — *Le groupe des psychoses hallucinatoires chroniques* — G. Doin — Paris — 1938.
- ✓ SILVEIRIA (A.) — *Síndrome de automatismo mental de Clerambault* — Rev Psiq e Neur. de S. Paulo — Vol. II n.º 1 — pág. 1.
- ✓ POUCHET — *Traité de Pharmacodynamie* — Tomo II — G. Doin — Paris — 1903.



OS PERIGOS SOCIAIS DA MACONHA

PROF. JOÃO MENDONÇA

A Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia reinicia, hoje, a marcha vitoriosa dos seus destinos superiores através o dinamismo dos seus esclarecidos dirigentes. Mas... o eterno *mas* que pontilha tôdas as obras, por melhores que elas sejam, mas reinicia os seus trabalhos com a presente comunicação. Sem alarde de falsa modéstia, digo-vos que esta Sociedade poderia recomeçar melhor, na maneira de versar o problema, mas não o poderia tão bem como o será pela importância do tema, tão magno quão descurado pelos que lhe deviam prestar acurada solicitude.

De fato, "a planta assassina" tem merecido muito pouca atenção dos homens da ciência brasileira. Contam-se pelos dedos, mesmo, os trabalhos sôbre o assunto, e são dolorosas as medidas repressivas tomadas, tamanha a sua insuficiência. Êsses trabalhos são da lavra do ilustrado Prof. Rodrigues Dória, de Parreiras Horta e Iglésias, Pernambuco Filho, ao que sabemos. Todos êles somados representam uma contribuição que deveria ser muito mais larga, atendida ao problema que se relaciona com os destinos de uma nacionalidade.

Em contraposição ao que se sabe sôbre o assunto através a literatura nacional, são imensas as reações anti-sociais a que são levados os fumadores de maconha, e de grande relevância os problemas médico-legais daí decorrentes (imputabilidade, responsabilidade, perigosidade, capacidade civil, etc.).

Para dar-vos, de início, uma idéia dos perigos sociais da maconha, digo-vos, tão só, à moda de introito, que ela é, ao lado da cachaça, o enlêvo das populações nortistas pobres que, no tóxico, tantas vêzes, encontram a fórmula doce do sonho para as arestas contundentes da vida. Povo de caracteres étnicos que facilitam a absorção fácil de ideologias abstrusas, assoberbado pelos flagelos da sêca, pelas torturas das endemias, e da ignorância, é de apavorar o quadro dantesco que, nesse terreno, os tóxicos podem desenhá-lo através o indivíduo e a espécie.

Como amostra da atração que pode trazer a êsses míseros, escutai a magia de certas alucinações que Theophile Gauthier nos conta e que nêle produziu a planta assassina ingerida. Refere Gauthier: "ao depois de alguns instantes, um entorpecimento me invadiu. Parecia que meu corpo se tinha dissolvido e se tornado transparente. Eu via nítido, dentro de mim, o veneno que eu tinha comido, sob a forma duma esmeralda, donde saíam milhões de pequenas faixas. Os meus cílios alongavam-se indefinidamente e enrolavam-se como fios de ouro sôbre pequenas máquinas de marfim que giravam com extraordinária rapidez. Em derredor, eram pedrarias e ramagens de tôdas as côres sem cessar renovadas como em caleidoscópio.

Eu via, ainda, meus companheiros, metade homens, metade plantas, com ares pensativos de íbis, batendo as asas, tão estranhamente que eu me torcia de rir e, para associar-se ao jocoso do espetáculo, pus-me a lançar os coxins para cima, com a rapidez de um índio. Um dêsses senhores me dirigiu

um discurso em italiano que o tóxico, todo poderoso, traduzia para o espanhol. Depois a visão mudou. Num ar confusamente luminoso, voavam milhares de borboletas cujas asas faziam o ruído de leques. Gigantescas flores com o cálice de cristal, enormes pássaros, flores de ouro e prata subiam e derramavam-se em redor de mim. Meu ouvido se tinha desenvolvido prodigiosamente: eu ouvia o ruído das côres. Sons verdes, vermelhos, azuis, amarelos, chegavam-me distintamente. Um copo quebrado, uma cadeira a rangir, uma palavra dita em voz baixa, repercutiam em mim como ruídos de trovão; minha voz parecia-me tão forte que eu não ousava falar, com receio de derrubar as paredes ou me fazer explodir como uma bomba. Cada toque num objeto qualquer, dava uma nota de harmônica ou de harpa eólica. Eu nadava num oceano de sonoridade onde flutuavam, como ilhotas luminosas, alguns motivos da Lúcia ou do Barbeiro. Jamais beatitude igual senti; eu era tão fundido no vago, tão ausente de mim, tão desembaraçado do Eu, esta odiosa testemunha que sempre nos acompanha, que eu entendi, pela primeira vez, qual podia ser a existência dos espíritos elementares, dos anjos e das almas separadas do corpo”. Assim continua Gauthier a declarar: seria preciso um grande volume para poder contar inteira as alucinações do tóxico.

Baudelaire, nos seu Paraísos Artificiais, conta-nos um sem número de delírios dêsse jaez, êle também um genial toxicômano.

A Baudelaire, porém, não escapou o avêso negro da medalha. E, numa síndrome paranoide criada às custas do *haschisch*, cujo protagonista fôra levado a hediondas falhas, comenta: o homem quis ser Deus e logo ei-lo, em virtude duma lei moral incontrolável, caído mais baixo que sua natureza real.

Diante dessas notas, tereis nítida a impressão dessas almas, torturadas por tôdas as misérias, procurar, numa evasão do real, ir aninhar-se nos sonhos da maconha.

Reparai, agora, nos aspectos negros do tóxico e êste descrito pela auto observação, tantas vêzes, de alguns setenciados da nossa Penitenciária. O 607, por exemplo, refere que um seu tio, sob a ação da maconha, ficou “pancada” e, depois duma fase de agitação psicomotora — em que riu, cantou, dansou — deu um fortíssimo golpe numa parede produzindo-lhe rombo incrível, após o que dormiu sono pesado e duradouro, fatos êsses muitos, de que se não recordava, ao acordar. O 64 informa que os fenômenos molestos da fase inicial da intoxicação fazem-se sentir nos não acostumados, a ponto de umas duas fumaças bastarem para pôr o noviço numa embriaguez muito pior que a da cachaça. Aos 10 anos, informa, um seu parente costumava, para divertir-se, obrigá-lo a fumar maconha, no que sentia irresistível desejo de cantar, brigar, tudo isso a concluir-se por vômitos e sono pesado. O 528 presenciou muitas cenas de brigas, atos de loucura nos viciados pela maconha. O 522 fumava a liamba, nome por que também é conhecido o veneno, com os mesmos fins euforigênicos dos viciados, mas sobretudo com o fito de excitar o apetite, a ponto, certa vez, ter comido dois litros de farinha duma assentada. Nota, em acréscimo curioso, que o apetite é específico e se dirige, assim, para um só alimento. Diz também ter presenciado atos de loucura e violência nos viciados. O n.º 679 é mais preciso, por que nos dá ciência de que viu um seu irmão apresentar um delírio de perseguição e de interpretação (homens que o perseguiram; a dizer que a carne verde era carne de uma criança conhecida) fatos todos de que não tinha a menor recordação, ao volver do pesado sono em que, afinal, se concluía a embriaguez. O n.º 136, grande admirador da diamba, diz que, sob a ação do cigarro, via inimigos em todos os que o cercavam, particularmente nos que lhe eram mais caros. Refere, desevolvemente, que o fumador de maconha não há mulher que resista; que o fumante sonha coisas

maravilhosas, sente-se mais robusto, mais corajoso e que tudo em derredor se transforma em esquisita felicidade logo aos primeiros efeitos do cigarro. À sua vista, um seu companheiro, soldado do Exército, atirou-se ao Cotingui-ba. O n.º 654, gatuno viajado, conhecedor, como hóspede, das penitenciárias do Rio e de São Paulo, conta-nos que, naquela prisão, conseguiu obter um cigarrinho de maconha, sob cuja ação desrespeitou e agrediu o guarda-chefe, homem boníssimo, digno, e de quem só gratamente se recordava. Curado dessa bebedeira, após o clássico sono, e sendo-lhe narrado o que fizera, do que, absolutamente, não tinha a mínima lembrança, pediu desculpas sinceras ao ofendido. Nota que, nas ocasiões de furtar, era excelente umas fumacinhas da maconha: diminuía muitíssimo o terror das leis, desapareciam os óbices para o “trabalho”, aumentava a coragem e a força para realizá-lo em tôdas as suas conseqüências.

São êsses os depoimentos.

Propositadamente, não aludi às referências iguais em que todos abundam; preferi anotar somente os aspectos novos que cada qual apresentava. Como documentação analítica, porém, dos perigos sociais da maconha, quero trazer-vos um caso muito frisante de homicídio por intoxicação aguda pela maconha, observação já publicada em *Cultura Médica*, em alguns dos seus pormenores.

Foi o caso que o n.º 392, a fumar um cigarro de maconha, penetrou, com outros marinheiros, numa quitanda, à procura de cana. Um indivíduo, que ali estava, cortezmente, informa que aquela, entre suas próprias mãos, era muito boa. O 392 saca duma faca, e sem dizer mais nada, vibra um golpe na pessoa que o obsequiara com a informação. O homicida conhecia, apenas de vista, a vítima; com ela, nunca tivera o menor atrito. Dêsse modo, o delito realizou-se em condições de intantaneidade, sem luta, sem provocação, sem móvel mediato ou imediato e, circunstância de realce, o 392 nada se recorda do ocorrido no espaço de tempo decorrido entre o delito e o seu acordar na prisão. Êsses fatos e mais outros, que recorro com o intuito de ser claro, levaram o Prof. Mário Leal, relator do pedido de livramento condicional do 392, a solicitar informes ao médico da Penitenciária no sentido de esclarecer a hipótese de epilepsia que, em face dos dados, era lícito formular.

Aos elementos já citados, o Prof. Mário Leal acrescentou os seguintes: o 392, ao que informa o prontuário, quando criança, levou ao fogo um prego, com que tocou a face dorsal numa das mãos, fato que absolutamente se não recordara depois, consoante declarações dos padrinhos; o 392, quando criança, só permaneceu na escola cêrca de um ano; o 392 preferiu a profissão de marinheiro, concorde tal escolha com o que se sabe do nomadismo dos epiléticos; o 392 liga o seu crime a ter fumado um cigarro de *cocaína*, que o Dr. Mário Leal pensa tratar-se de sinônimo de maconha.

Tôdas essas condições que antecederam, acolitaram e se seguiram ao delito, eram de molde a levantar a suspeita duma síndrome epilética ou de um seu equivalente psíquico.

Em conformidade com a diligência requerida, procedi ao seguinte exame do 392.

Exame somático — Tipo constitucional longilíneo, micro-splancnico, hiper-evoluído, hipo-vegetativo, astênico ou leptossômico de Kretschmer, com características seguintes: deficiência do valor do tronco em relação aos membros, distribuição da massa corpórea, mais na vertical que na horizontal, tendência à estatura elevada, tórax maior que o abdome, abdome inferior maior que o superior, tórax mais longo que o normal.

Na classificação de Bárbara, o 392 realiza o longitipo deficiente, na fórmula clássica tronco — membros — (microsplancnia absoluta e relativa).

Fácies mongolóide. Sem cicatrizes, nem tatuagens, o que é estranhável num marinheiro. Não tem as cicatrizes clássicas dos epiléticos, na fronte, nem as de Ottolenghi, ditas auto lesões e freqüentíssimas nos comiciais. Cabelos encarapinhados, pêlos raros. Temperamento (face dinâmico-humoral): Hiposuprarenalismo, hipogenitalismo, hipotiroidismo. Vagotonia pelo Teste de Taverna-Torm. Bradicardia (63 batimentos por minuto). Tensão arterial 11-7 ao Vaquez-Laubry, Hipotermia (36,1). Reflexo de Aschner positivo. Miosis, suores fáceis, reflexos responsivos, tendendo para uma diminuição. Tipo responsivo de Grote.

Exame psíquico — (Caráter. Mente). O bradipsiquismo, correspondente mental da vagotonia, é flagrante no 392, a traduzir-se pela lentidão, calma, estabilidade dos processos da inteligência (percepção, memória, atenção, ideação, associação, crítica). Equilíbrio afeto-volitivo (disciplinado, boa capacidade de trabalho físico, casado, com filhos, corresponde-se muito com sua mulher e filho, para os quais envia todo dinheiro disponível).

Personalidade introvertida (Young concentrada (Hoch), esquisotímica (Krestschmer). Instinto de conservação, reprodução, gregário e seus derivados, bem controlados. Não há desvios sexuais nem aberrações sociais. Sabe ler e escrever regularmente e professa a seita rígida protestante. Não possui os estigmas próprios do vero delinqüente, como se vê, nem as sociológicas de inadaptação, tão pouco as somáticas. Depois do seu delito, tomou uma tal aversão ao fumo, que nunca mais (já vão mais de 10 anos), fumou.

Como se vê do presente exame, nada há que se possa averbar de epilético no 392, nos vários aspectos de sua constituição, temperamento, caráter, consoante os mais rigorosos dados da biotipologia a serviço da antropopsicologia criminal. Ao lado disso, porém, rigorosa sindicância procedida entre o pessoal administrativo-funcional, entre os próprios companheiros, a nossa própria observação, demonstraram que o 392, no longo prazo de mais de 10 anos, nunca apresentou na Penitenciária nem um fenômeno, que se possa levar à conta de epilepsia *major* ou *minor*, tão pouco tem o estado mental próprio dos comiciais. Muito ao revés, a sua ponderação habitual, o seu temperamento infenso às bulhas e práticas agressivas, os seus atos de altruísmo, os seus sentimentos éticos apurados, são bem o antípoda da impulsividade, das perversões sexuais, das lutas, dos atos de egoísmo grosseiro, que tanto deprime o psiquismo dos epiléticos. Há, todavia, como bem frisou o Prof. Mário Leal, uma série de pontos a esclarecer, ainda a começar pela queimadura aludida. A tal fato, falece importância, porque incompleto, e inexato, como se verá. Efetivamente, o 392 não se recorda da queimadura apresentada, as condições em que ela foi feita. Ao lado disso, porém, há o pormenor, que infirma o valor dessa amnesia, dos seus padrinhos lhe terem dito, várias vezes, que a queimadura lhe motivara muita dor e copioso pranto conseqüente. Tal aditamento, ao informe do prontuário, tira o valor, que se poderia suspeitar, à queimadura, cujo esquecimento, afinal, se explica por um fenômeno natural, dentro das leis da memória.

As circunstâncias do 392 não ter freqüentado, como devera, a escola e a sua preferência pela vida do mar, sós, nada valem, porque são filigranas de psicologia. Associadas, porém, a fenômenos outros de porte, adquirem valor incontestado, pelo que é preferível pô-las de lado e ir pela ordem de grandeza, aos outros pontos, reservando-me no fim, a explicar êsses agora, postos de lado, se, no correr das investigações, assumirem importância.

Discussão diagnóstica. Periculosidade. Corregibilidade — O fato de 392 ter assassinado um indivíduo, a quem desconhecia quase, sem móvel, sem provocação, nem discussão, num verdadeiro impulso, a sua completa amnésia que durou cerca de 11 horas, realiza uma série de condições que constitui o que se convencionou chamar de estigmas jurídicos da crimina-

lidade epilética, faltando, todavia, uns outros como o encarniçamento, a multiplicidade de golpes.

Quel o valor dêesses estigmas?

Júlio de Matos, em excelentes estudos sôbre a epilepsia e argumentado com dados próprios e alheios, conclui, com muita exatidão e felicidade, que os estigmas jurídicos da criminalidade epilética pouco valem isolados, sem o estudo do criminoso, porque êles não comparecem unicamente na epilepsia, mas, também, vêzes, surgem em outras síndromes entre as quais é mister lembrar as de intoxicação aguda pelos entorpecentes e à mania transitória de Kraft-Elmig. Valor incontestado, importante, insofismável, tem o estudo do criminoso. É a observação do delinqüente, suspeito de epilepsia, que guia e esclarece suficientemente, tanto quanto os estigmas jurídicos isolados não elucidam, nem individualizam. No caso vertente, essa doutrina é perfeitamente comprovada, porque o 392 praticou um crime cujas características jurídicas são as do epilético, sem o ser, conforme é patente do exame procedido, não esquecido o critério anamnóstico-etiológico, único de valor no caso, conforme opinam os psiquiatras. Por outro lado, o que se sabe da maconha também conhecida por diamba, liamba, namba, cocaína, fumo d'Angola, pango, cânhamo indiano, é suficiente para concluir-se que o 392 praticou o crime num estado de embriaguez motivado pela maconha, estado que, do prisma psiquiátrico, se deve colocar nas psicoses heterotóxicas, particularmente na mania transitória de Kraft-Elmig, e de que a suspensão do tóxico, a longa reclusão e a educação o curaram perfeitamente, a ponto de poder repetir-se, mais uma vez, com Ruis Funes, que a Justiça penal sem os médicos é a mais flagrante das injustiças.

Do exposto, ainda se conclui que as suas condições de periculosidade são mínimas, e a sua corrigibilidade se fêz apreciavelmente.

Ainda haveria muito por dizer sôbre as questões médico-legais decorrentes dos malefícios da maconha, como sejam a imputabilidade, a capacidade civil dos viciados, as medidas de prevenção e repressão contra êsse tóxico, relegada, em plano inferior, ainda, a questão interessante do delito de contágio tóxico, o problema da constituição delinqüencial de Di-Tullio, sobretudo aquela de orientação epilética, o tema da vera toxicomania e de toxicomania ocasional. Vinte e uma longas tiras, porém, já devem ter começado, ao menos, a anular a vossa atenção. Vou terminar, pois. Antes, porém, de fazê-lo, quero a encerrá-la, como em remate brilhante, as conclusões filosóficas duma frase dum toxicômano genial cuja potência de mente ainda lhe consentiu livrar-se do tóxico: o homem quis ser Deus e ei-lo, em virtude duma lei incontrollável, caído mais baixo que a sua real posição.

Baudelaire tem razão, porque a maconha, meus senhores, os tóxicos são tudo isso mesmo: por uns minutos illusórios de milagres celestiais para alguns, surgirá para a coletividade, e por muitos anos, o inferno dantesco das catástrofes morais que só não enluta a Humanidade, porque vai além; a aniquila.





Isto nos traz a convicção de que o maconhismo não se tornará um problema social entre nós, se não esmorecermos nas medidas de repressão que vem sendo exercidas, e que será extinto com o mesmo êxito, como o foram as toxicomanias determinadas pela cocaína e pelo ópio e seus derivados. (Dr. Roberval Cordeiro de Farias).



RELATÓRIO APRESENTADO AOS SRS. MEMBROS DA COMISSÃO NACIONAL DE FISCALIZAÇÃO DE ENTORPECENTES

Inspeção realizada de 7 a 19 de novembro de 1943 nos
Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, visando o pro-
blema do Comércio e uso da maconha

DR. ROBERVAL CORDEIRO DE FARIAS
Pres. da Com. Nac. de Fiscalização de
Entorpecentes

Tenho o prazer de fazer chegar ao conhecimento dos ilustres compa-
nheiros de Comissão o resultado das impressões colhidas em viagem de ins-
peção que acabo de realizar, entre 7 e 19 de novembro, nos Estados da Ba-
hia, Sergipe e Alagoas, visando o problema da maconha na região do rio
São Francisco, que passa por ser um dos maiores focos de plantação e uso
da diamba no nosso país.

O PROBLEMA DA MACONHA NA REGIÃO DO RIO SÃO FRANCISCO

Na Bahia, no dia imediato à nossa chegada, entramos em contacto com
os membros da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes, todos
vivamente empenhados na solução dos problemas que lhes são afetos. De
acôrdo com os entendimentos havidos, ficou deliberado convidar-se para
tomar parte na reunião da Comissão, que se realizaria no dia seguinte, o
chefe do Serviço de Saúde da 6.^a Região Militar, Cel. Médico Dr. Braga
Araújo, para que o mesmo ficasse inteirado do problema da maconha e
tomasse as providências necessárias junto aos comandantes das tropas sedia-
das nesta região.

A 9 de novembro, realizou-se na sede da Secretaria de Segurança do
Estado, a reunião da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes
da Bahia, à qual compareceram todos os seus membros e o Major Médico
Dr. Paulino de Mello, como representante do Chefe do Serviço de Saúde
da 6.^a Região.

Aberta a sessão, o seu presidente, Dr. Luiz Lessa, depois de expôr as
finalidades da reunião, passou-nos a presidência, a fim de dirigir os traba-
lhos, que obedeceram à seguinte ordem:

Em primeiro lugar, depois de lida e aprovada a ata da sessão anterior,
falou o Dr. Odilon Machado de Araújo, chefe do Serviço de Fiscalização da
Medicina e Secretário da Comissão, sôbre o decreto-lei criando a Comissão
Estadual de Entorpecentes e abertura do crédito para sua instalação e fi-
nanciamento, expondo o que tem sido feito neste sentido, obedecendo sem-
pre à esclarecida orientação do seu antecessor, o Dr. Átila Amaral, atual-
mente diretor do Departamento de Assistência.

Dadas as íntimas relações dêstes dois órgãos, sobretudo no que diz res-
peito ao contrôle de entorpecentes nos hospitais, sugeri ao Dr. Luiz Lessa

Outros que a usam:
..... Outros nomes da M:
.....
Cite provérbios, versos, anedotas, modinhas sôbre a M:
.....
Usa só ou em companhia, a M?
Bebe? Conhece outros tóxicos?
.....
Que doenças teve?
Que sofre agora?
Estêve prêso? Porquê?
Cumpriu pena? Porquê?
Onde?
Qual a pena?

OBSERVAÇÕES GERAIS:

(Instrução, Religião, Sexualidade, Altura, Pêso, Magro, Gordo)

Assinatura

O Dr. Benício Gomes, Procurador Regional da República, fêz uma exposição minuciosa sôbre a organização das Instruções Regionais de Fiscalização de Entorpecentes da Bahia e das modificações introduzidas na parte do processo de internação e de aplicação das penalidades, tendo em vista os atuais dispositivos do Código Penal, que é posterior ao Decreto-lei n.º 891, de 25 de novembro de 1938, bem como da inclusão nas mesmas de tôdas as informações relativas ao comércio, uso e cultura das plantas de onde se extraem as substâncias entorpecentes.

O Dr. Luiz Lessa expôs o plano de ação que vem imprimindo à Comissão sob a sua presidência e que tem sido o seguinte:

a) medidas administrativas preliminares, relativas à instalação e ao financiamento da Comissão;

b) medidas políticas de ordem executiva, tais como instruções e adaptações regionais às normas federais;

c) medidas jurídicas, referentes a internamento e interdição de toxicômanos;

d) medidas policiais: delegacia específica, articulação com a D.A.; fiscalização de cassinos, casas de tolerância, com estatística dos suspeitos;

e) medidas educativas, consistindo em divulgação dos perigos das toxicomanias, vantagens do tratamento e meios de que se pode valer o Poder Público;

f) medidas sanitárias: fiscalização do exercício profissional, tratamento, assistência e educação profissional;

g) medidas econômicas, representadas por sobretaxa para dificultar o uso dos tóxicos e criar o fundo de assistência;

h) medidas éticas, representadas por sobretaxa para dificultar o uso dos tóxicos e criar o fundo de assistência;

i) medidas éticas, representadas pela criação de serviço social para o intoxicado e sua família;

j) medidas intelectuais, visando tornar conhecido o problema social da maconha.

Falou em seguida o Major Pulcherio, Secretário de Segurança, que expôs as providências, os estudos e dados estatísticos da administração anterior e da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes, a extensão do vício no Estado comparativamente a Sergipe, Alagoas e Pernambuco, até pouco tempo. Descreveu a situação atual, principalmente em Salvador, pela influência da presença neste pôrto de marinheiros americanos, de navios mercantes e de guerra. Encareceu as vantagens de uma ação conjunta da C.E.F.E. e da Secretaria de Segurança, no duplo aspecto preventivo e repressivo.

Como medidas preventivas sugere, muito acertadamente, o Major Rocha Pulchério, as seguintes:

1. Fichamento dos viciados e vendedores, em trânsito e residentes na Capital, no interior, em outros Estados e no estrangeiro.

2. Localização das zonas de plantação na região do S. Francisco e nos Estados vizinhos, mediante um trabalho de cooperação das autoridades dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas.

3. Entendimento sôbre o assunto com as Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes, com as chefaturas das polícias estaduais e com as autoridades estrangeiras.

4. Visitas periódicas de fiscalização à Penitenciária, Casa de Detenção, Presídios do interior, navios mercantes, nacionais e estrangeiros e no interior do Estado, em entendimento com as respectivas autoridades responsáveis.

5. Palestras e conferências educativas sôbre o problema.

Como medidas repressivas propõe o Sr. Secretário da Segurança do Estado da Bahia a prisão e internação dos viciados, a detenção e prisão dos vendedores por ataque e ambulantes, a apreensão da droga nos depósitos, a destruição das plantações da maconha e a instauração de processos contra os infratores da lei.

Conclui o Major Rocha Pulchério que o vício da maconha na Bahia se acha ainda em estado incipiente e acentua o perigo que representa a presença dos americanos entre nós, pelo aumento do número de vendedores da droga, vindos de outros Estados, atraídos pelos lucros fáceis da venda da diamba.

Acha que mesmo agora devam predominar as medidas de prevenção, em maior escala que as de repressão e mais do que nunca a ação coordenada e eficiente da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes da Bahia, sob a esclarecida orientação do Dr. Luiz Lessa.

O Dr. João Mendonça, ilustre psiquiatra e representante da classe médica junto à Comissão da Bahia, que é autor de dois excelentes trabalhos intitulados "Os perigos sociais da maconha" e "Toxicomanias nas prisões e a sua profilax'ia", fez interessantes comentários sôbre o combate ao álcool e ao uso da maconha, acentuando a semelhança dos dois problemas e indicando as medidas de prevenção e repressão aconselhadas contra a disseminação destes dois flagelos sociais.

Comunicou ainda que no momento o interêsse por êste problema é de tal vulto, que no Congresso de Psiquiatria últimamente realizado em Natal

foi aprovada por aclamação a proposta de figurar a maconha como tema no próximo congresso e se reunir em Fortaleza.

O Dr. Paulino de Melo informou não ter conhecimento do uso da maconha na tropa do Exército sediada na Bahia e em Sergipe, mas pelo que ouvira das exposições feitas, iria fazer um inquérito mais rigoroso a respeito, sobretudo pela coincidência do grande número de soldados, que respondem a inquéritos militares, por indisciplina e outras contravenções, serem na sua maioria provenientes do 28.º BC, cuja sede é em Aracaju, capital do Estado, onde há grandes plantações de maconha e uso generalizado dêste entorpecente.

Falou em seguida o Dr. Lima Negrão, atual representante do D.N.S. junto à Comissão, que sugeriu uma série de medidas que interessam à repressão do uso da maconha.

O Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes comentou e esclareceu diversos pontos assinalados pelos ilustres membros da Comissão da Bahia e lhes apresenou cumprimentos, em seu nome pessoal e dos demais membros da Comissão Nacional, pela obra que vêm realizando e pelo entusiasmo votado à solução do problema da maconha no nosso país.

Assinalou o seu ponto de vista sôbre esta campanha, que coincide perfeitamente com as medidas que vêm sendo tomadas pela Comissão da Bahia e cujos benéficos resultados já se estão fazendo sentir.

Em seguida fêz uma exposição sôbre o plano de repressão ao uso do álcool que está sendo estudado pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, entregando ao Dr. Luiz Lessa um exemplar do anteprojeto em estudo, pedindo a valiosa cooperação dos ilustres membros da Comissão Estadual da Bahia para a solução dêste problema.

Na séde do Departamento Estadual de Saúde da Bahia tivemos ocasião de veriticar grande quantidade de maconha apreendida pelas autoridades policiais e que vai ser remetida, para estudo farmacológico, ao Prof. Jayme Pereira, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e para o Dr. José Hasselmann, membro da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, para poder prosseguir nos estudos que vem realizando sôbre esta droga.

*
* * *

Em Sergipe não é menor o entusiasmo pelo problema da maconha.

O Presidente da C.E. e Diretor do Departamento Estadual de Saúde, Dr. Nilson Guimarães, focalizou perfeitamente o problema, despertando a atenção, não só entre os ilustres membros da Comissão, como também entre outras autoridades federais, atualmente em serviço no Estado e que vêm prestando excelente cooperação na campanha contra o uso da maconha. Assim ocorre com os Drs. José Barros Nunes, Inspetor Regional do Trabalho, Moacyr Lessa Souza Leão, Chefe do Serviço dos Correios e Telégrafos e Euler Coelho, Chefe do Serviço Federal de Fomento Agrícola do Ministério da Agricultura, hoje perfeitamente ao par do problema e vivamente empenhados na sua solução, trabalhando com grande entusiasmo junto aos membros componentes da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes de Sergipe.

Aos 12 de novembro realizou-se a reunião desta Comissão, à qual compareceram todos os membros e na qual tomaram parte também as autoridades federais adiante referidas e os Drs. Rodrigues Albuquerque, Diretor do Departamento de Saúde de Alagoas e o seu Chefe da Fiscalização do Exercício da Medicina, Dr. Hebriliano Wanderley e Dr. Laerte de Andrade,

representante do D.N.S. junto à Comissão de Alagoas. Estes três colegas vieram de Alagoas, a convite do Diretor do Departamento de Saúde de Sergipe, Dr. Nilson Guimarães, a fim de em conjunto visitarmos as localidades sergipanas onde há cultivo da maconha e sentirmos de perto a extensão do problema neste Estado.

Na reunião da Comissão de Sergipe, cuja presidência nos foi cedida pelo Dr. Nilson Guimarães, depois de apresentar aos seus membros os cumprimentos da Comissão Nacional pela sua brilhante atuação destes últimos tempos, fizemos uma exposição sobre o modo por que vem sendo encarado o problema da maconha na Bahia e o ponto de vista da Comissão Nacional, encarecendo a necessidade imperiosa de um trabalho conjunto das Comissões da Bahia, Sergipe e Alagoas, em perfeita cooperação e em absoluta comunhão de vistas, para o bom êxito da campanha.

O Dr. Nilson Guimarães expôs a sua atuação, salientando a valiosa cooperação do Chefe de Polícia do Estado Dr. Pedro Matos, que tem sido incansável nas medidas que vem tomando junto aos delegados regionais do interior, bem como a dos Drs. José Barros, Moacyr Souza Leão e Euler Coelho, que, na esfera de suas atribuições, vêm prestando um serviço valiosíssimo na campanha de repressão ao uso da maconha.

O Dr. Garcia Moreno, ilustre psiquiatra e representante da classe médica junto à Comissão, fez interessantes considerações sobre o problema da maconha no Estado de Sergipe, cujo uso, na sua opinião, se limita a classe baixa do povo aos desamparados sociais e aos "maloqueiros", assinalando os malefícios daí decorrentes.

O Dr. Garcia Moreno, está presentemente interessado no estudo dos aspectos folclóricos da maconha, sendo de esperar uma valiosa contribuição neste sentido, dados os méritos intelectuais e culturais deste colega.

Falaram por fim o Dr. Rodrigues Albuquerque, Diretor do Departamento da Saúde de Alagoas, e Laerte de Andrade, expondo a situação da maconha nesse Estado e a campanha que aí vem sendo realizada sob a orientação da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes alagoana e o Dr. Souza Leão, que declarou continuar no firme propósito de prestar sua cooperação, facilitando às autoridades policiais todos os meios para as sindicâncias que se tornarem necessárias nas dependências da repartição federal sob sua chefia.

A 13 de novembro, em companhia dos Drs. Nilson Guimarães, Rodrigues de Albuquerque, Hebreliano Wanderley, Garcia Moreno, Pedro Matos, Souza Leão e Barros Nunes, fomos para Propriá, onde nos aguardava o Delegado Regional, Capitão Amintas Gonçalves, que, já instruído sobre o problema, havia dias antes destruído grande plantação de maconha em Aquidaban. Fizemos ligeiro inquérito na cidade, onde se realizava a feira de sábado, sendo informados que antes da campanha ora encetada nela se vendia livremente a maconha. O Capitão Amintas estava na pista de uma grande plantação de diamba nesta região, de cujas diligências ficou de dar contas à Chefatura de Polícia do Estado.

Numa reunião feita na Cruz Vermelha promovida pelo Dr. Armando Passos, Chefe do Posto de Saúde de Propriá, fiz ligeira exposição aos médicos da localidade sobre o problema da maconha, pedindo-lhes sua valiosa cooperação junto aos elementos representativos da sociedade local, para uma campanha educativa que vai ser iniciada, mostrando-se vários dos nossos colegas ali presentes conhecedores do assunto e empenhados na campanha.

Falou também a respeito do problema o Dr. Garcia Moreno, tecendo interessantes comentários sobre o uso da maconha nesta região.

De Propriá, rumamos, atravessando o rio São Francisco, para Colégio, em Alagoas, onde o prefeito local, inteirado da nossa visita, disse desconhe-

cer a existência de maconha nessa localidade. Sindicando, porém, diretamente junto à população verificamos haver maconha nativa e cultivada nessa localidade por indivíduos da classe baixa, já inteirados da proibição do seu plantio.

De regresso a Propriá obtivemos quantidade apreciável de maconha, já sêca e pronta para a preparação de cigarros.

*
* *
*

A 15 de novembro, em companhia dos Drs. Rodrigues Albuquerque, Hebriliano Wanderley e Laerte de Andrade, seguimos para Alagoas, onde chegamos a Penedo por volta de 10 horas. Acompanhados do Dr. João Rufino, Chefe do Pôsto de Saúde desta cidade procuramos o Delegado Regional, a quem prestamos esclarecimentos sôbre a campanha que vem sendo realizada, informando-lhe das denúncias que possuímos sôbre vendedores de maconha residentes nesta cidade, ficando o mesmo de fazer sindicâncias a respeito e de dar conhecimento do resultado ao Diretor do Departamento de Saúde do Estado.

Fomos em seguida para Igreja Nova, onde, de acôrdo com as informações que possuía o Dr. Rodrigues Albuquerque, devia haver plantações de maconha. O Prefeito e Delegado locais nos informaram não haver plantações de diamba na localidade. Com a indicação, porém, que tínhamos, fomos ter, em companhia do Prefeito, à casa de um septuagenário, que declarou fumar diamba desde menino, encontrando no quintal de sua casa uma pequena plantação e a maconha já preparada e sêca, em pequenos sacos, na sua residência, que foi por nós apreendida.

Prosseguindo a viagem, chegamos ao anoitecer em São Miguel dos Campos, onde nos entendemos com o Dr. Luiz Ramalho, médico-chefe do Pôsto de Saúde, com o delegado e o subdelegado locais. Estas autoridades já tinham recebido do Secretário do Interior instruções a respeito da campanha da maconha, tendo destruído há poucos dias grandes plantações, nos arredores da cidade, que avaliavam numas cinco arrobas e estavam na pista de outras plantações no vale da usina do Sinimbu.

No dia seguinte reuniu-se à tarde, no Departamento de Saúde, a Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes, tendo comparecido todos os seus membros e o Dr. Lauro Montenegro, chefe do Serviço Federal de Fomento Agrícola do Ministério da Agricultura, que vem prestando valiosa cooperação à campanha contra a maconha no Estado de Alagoas.

O Dr. Rodrigues Albuquerque, depois de abrir a sessão e fazer uma exposição sôbre a atuação do Secretário do Interior, Educação e Saúde Dr. Ary Pitombo e a do Departamento Estadual de Saúde, nesta campanha, passou a presidência ao Presidente da Comissão Nacional que expôs a finalidade de sua viagem de inspeção ao norte e a boa impressão que vem tendo da atividade das Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, apresentando aos membros desta última seus cumprimentos pessoais e dos demais membros da Comissão Nacional pelas suas eficientes realizações nestes últimos tempos.

Foi em seguida lida a ata da reunião anterior pelo Secretário da Comissão e Chefe da Fiscalização da Medicina Dr. Hebriliano Wanderley, verificando-se pelos fatos assinalados na mesma a grande atividade do Presidente da Comissão Dr. Rodrigues Albuquerque e do Secretário do Interior Dr. Ary Pitombo, que já conseguiram fazer um grande levantamento do Estado localizando com certa precisão as regiões produtoras de maconha, seus vendedores e consumidores, possibilitando a ação das autoridades sôbre os mesmos.

A 16 de novembro, já tendo realizado as inspeções na região do São Francisco, seguimos com os Drs. Rodrigues Albuquerque, Hebreliano Wanderley e Laerte de Andrade para o interior do Estado, para Palmeiras dos Índios, que fica próximo às regiões de Bom Conselho e Garanhuns, em Pernambuco, zonas estas em que, segundo informações colhidas, se cultiva também a maconha.

De acôrdo com os dados que possuía o Dr. Rodrigues Albuquerque fomos ter, acompanhados do Dr. Júlio Maurício, Chefe do Pôsto de Saúde de Palmeira dos Índios, à casa de um velho, em cujo quintal havia alguns pés de maconha, já tendo sido cortada há pouco a plantaçào maior, encontrando enlatada e pronta para vender certa porção da droga já preparada, que foi por nós apreendida. Confessou o velho fumar maconha há muitos anos e vendê-la também, em pequena escala.

Procuramos o delegado local, que desconhecia a existência da maconha na zona de sua jurisdição e ao qual fizemos cientes das providências de repressão que vêm sendo tomadas pelo Govêrno, ficando o mesmo de fazer uma sindicância nos arredores de Palmeiras dos Índios, onde consta haver grande plantio de maconha para o comércio clandestino.

Em Palmeira dos Índios, fizemos uma sindicância na feira, onde nos informaram não ter vindo à mesma, neste dia, o raizeiro que costuma ter maconha para vender, ficando um dos feirantes encarregado de adquiri-la para nós na próxima vez, dando-nos ainda informações de algumas pessoas da localidade onde havia probabilidade de encontrar diamba.

Em Anadia fomos ter também a uma casa onde havia informações de haver plantaçào de maconha, o que foi confirmado por seus moradores, que disseram já ter sido a mesma cortada e não renovada por terem tido conhecimento de ser agora proibido o seu plantio.

*
* *

Pelo que nos foi dado observar na viagem que realizamos e pelos dados colhidos através dos trabalhos realizados pelas Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes da Bahia, Sergipe e Alagoas, não resta dúvida que nestas regiões se faz largamente uso da maconha, onde a planta é nativa e era cultivada, até pouco tempo, sem a menor repressão.

Entre o nosso povo só fazem uso da maconha indivíduos da classe baixa, os desamparados de assistência social e menores abandonados, os chamados "maloqueiros", sendo muito difundido o seu uso nos criminosos e reclusos nas penitenciárias.

Na Bahia, o seu uso entre estrangeiros, já é feito por indivíduos de categoria social mais elevada, momentaneamente no nosso país, em virtude da situação de guerra, que pagam muito bem aos vendedores de maconha, cujo quilo é adquirido entre Cr\$ 60,00 a Cr\$ 100,00.

No interior, a grande maioria dos plantadores não tem noção da infração que praticam, pois ignoram ser proibida por lei a plantaçào de maconha, cultivada para uso pessoal ou para o comércio, que até pouco tempo era feito livremente nas feiras, pelos raizeiros, que a vendiam sob o nome de "fumo bravo".

Há porém, os intermediários, que sabem o valor da planta pelo lucro que proporciona e que incentivam a sua cultura junto aos nossos incênuos sertanejos, aos quais pagam uma ninharia para revendê-la aos viciados, por bom preço e exportá-la em contrabando para outros pontos do país e para o estrangeiro.

Mesmo na classe culta observa-se, em geral, desconhecimento dos graves malefícios que a maconha pode produzir e de ser o seu uso combatido, mundialmente, por constituir um problema social sério em vários países da Europa, Ásia e África e mesmo do continente americano.

Não constitui, felizmente, por enquanto, problema social grave o uso da maconha no nosso país, que só últimamente se vem incrementando, devido às condições anormais de guerra em que nos encontramos.

Focalizado, porém, como se acha o problema, e com a orientação que vem sendo dada à campanha contra o uso e comércio da maconha pelas Comissões Nacional e Estaduais de Fiscalização, é extinguir o uso que dela se fazia até agora, devido à liberdade com que se cultivava e usava aquela planta, cujos malefícios eram ignorados pela nossa gente, mesmo por parte das autoridades às quais cabia sua fiscalização.

Alertados agora todos — cultivadores, consumidores, traficantes e fiscalizadores — não será difícil em curto prazo extinguir ou pelo menos reduzir a uma parcela insignificante o uso e comércio clandestino da maconha no nosso país, desde que não haja solução de continuidade nas medidas preventivas e repressivas, que devem ser tomadas pelos encarregados da sua fiscalização. É isto se conseguirá se continuar sem esmorecimento a prática das seguintes medidas:

1) — Campanha educativa intensa contra o uso e plantio da maconha, mostrando os malefícios que ela determina e as razões pelas quais é proibida a sua cultura no nosso país, indicando as penalidades às quais estão sujeitos os infratores da lei que regula o comércio e uso de entorpecentes no Brasil.

2) — Adoção, de um modo geral, das normas preventivas e repressivas sugeridas e postas em prática pela Secretaria de Segurança do Estado da Bahia em todos os Estados nos quais se faz uso e plantio da maconha — Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia — regiões estas onde deve ser considerado como um problema social o uso da maconha ou diamba.

3) — Incentivar na classe médica o estudo da maconha sob o ponto de vista social, para que o mesmo se torne perfeitamente conhecido por parte daqueles aos quais cabe fazer a repressão do uso desta planta entorpecente.

4) — Estimular o trabalho de cooperação entre as Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados onde há uso e plantio de maconha, que deverão se articular também com os funcionários dos Ministérios da Viação (Correios e Telégrafos), do Trabalho (Inspetorias Regionais), Agricultura (Fomento Agrícola), com os Serviços de Saúde do Exército e da Marinha e com o Departamento Nacional de Saúde (Serviços Nacionais de Peste, Febre Amarela e Malária) pelo serviço valioso que poderão prestar com a indicação das regiões onde se encontram plantações de maconha.

5) — Recomendar às Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia para não esmorecerem na campanha brilhantemente encetada contra o uso e comércio da maconha, ficando obrigados os seus respectivos Presidentes a enviar, mensalmente, à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes um relatório minucioso sôbre tudo que diga respeito ao combate dessa planta.

São estas as principais medidas que me parecem dever ser tomadas no momento, submetendo-as à apreciação dos ilustrados companheiros da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, para que sejam levadas, com as sugestões que forem apresentadas, ao conhecimento das Comissões dos Estados em que mais necessário se torna uma campanha intensiva e continuada contra o uso da maconha.



CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS PLANTAS ALUCINATÓRIAS, PARTICULARMENTE DA MACONHA

JAYME REGALLO PEREIRA

ESTUDO GERAL

A maconha, conhecida ainda no Brasil pelos nomes de moconha, diamba ou liamba, fumo de Angola, etc. é de tôdas as plantas alucinatórias ou narcóticas a de uso mais difundido não só em nosso país, como possivelmente em todo o nosso continente. Se os comedores de coca são tão numerosos no Perú, ultrapassando af aos viciados de qualquer outra espécie; se os morfônômanos e cocainômanos infestam as grandes e civilizadas metrópoles, os habituados à maconha devem ser em número ainda mais elevado a avaliar-se pela extensão geográfica em que o vício tem sido registrado e combatido. No Brasil é a maconha utilizada como entorpecente ao longo do litoral norte, desde a Bahia até o Maranhão, principalmente, sendo porém conhecido o seu uso em outros Estados, tanto para o norte como para o sul.

Se considerarmos o problema sob um ponto de vista ainda mais geral podemos concluir, baseados nas informações dos autores, que o maconhismo é o vício mais espalhado no mundo inteiro. Aos que possuem uma certa cultura médico-científica ou simplesmente literária, não terá escapado alguma referência ou observação sôbre os viciados pelo haxixe espalhados hoje em tôdas as regiões tropicais e neotropicais do globo terrestre. Peralta afirma que "o haxixe é o narcótico mais importante dos povos islâmicos, podendo ser considerado como o estupefaciente dos países maometanos". Para Lewin, "a paixão por esta substância desafia todos os obstáculos e se estende através dos imensos territórios da Ásia Menor, da Ásia e da África, onde é ela usada por várias centenas de milhões de povos". Para Qeko, "nenhum narcótico do mundo é mais acessível ao homem dos trópicos do que êste". Eloy adianta que "na África, das margens do Mediterrâneo até o Cabo de Boa Esperança, é vulgar o emprêgo da *Cannabis indica* e nas diversas partes da Ásia mais de duzentos milhões de homens são escravos dêste hábito". São de Chopra as seguintes palavras: "Preparações de *Cannabis indica* têm sido usadas como intoxicantes nos países da Ásia e da África desde tempos imemoriais. Bhang, ganja, charas, etc., são habitualmente usados por muitos milhões de pessoas". Finalmente, Papavassiliou & Liberato, da Grécia, trazem seu testemunho sôbre a extensão do vício na própria Europa, dizendo o seguinte: "Se o uso do haxixe é notadamente espalhado no Oriente, a Europa não lhe cede o passo neste particular. *Três ou quatro milhões de quilos dêste produto são absorvidos anualmente em nosso continente em diversas preparações de haxixe*".

Estas poucas citações bastam para atestar a grande disseminação do vício do haxixe ou da maconha e a importância que êle, por isso mesmo, apresenta justificando assim as inúmeras pesquisas botânicas, químicas, far-

macológicas, terapêuticas, psiquiátricas e sociais que enriquecem hoje as literaturas destas diversas especialidades.

Numerosas as publicações sobre este assunto aparecidas na literatura alienígena, poucas são, entretanto, as firmadas por autores nacionais e, dentre estas, nenhuma apresentou ainda dados experimentais suficientes para se aquilatar da atividade da planta cultivada entre nós em comparação com o que se tem observado em outros centros de investigação científica. Com exceção dos trabalhos de Lucena e de Iglésias, o primeiro com observações experimentais no homem e o segundo com observações no homem e em animais de laboratório, nenhum outro apresentou os fundamentos experimentais que se fazem necessários para se avaliar das verdadeiras qualidades entorpecentes, *alucinatórias* ou *tóxicas* que têm sido atribuídas ao *Cannabis sativa* tal qual ele cresce e se apresenta aqui no Brasil. Se a planta é botanicamente a mesma aqui como no México, na Argélia, na Índia ou na China, seu teor em princípios ativos é variável conforme se trata deste ou daquele ponto em que a mesma se acha. Esta, a razão que nos levou ao seu estudo experimental, estudo este que ora apresentamos como um subsídio para o conhecimento deste problema que há séculos preocupa os povos orientais e que, agora, ameaça invadir o nosso continente com a mesma fúria com que tem subjugado e pervertido os nossos semelhantes das regiões africanas e asiáticas.

Sinonímia — No Brasil é esta planta conhecida principalmente pelo nome de “maconha” chamada ainda em algumas regiões de “diamba”, “liamba” ou “riamba”. Menos freqüentes são as denominações de “fumo d’Angola” e de “pango”, a primeira indicando certamente sua importação por intermédio dos negros que, como escravos, eram trazidos da África.

Nos demais países da América latina, a denominação mais encontrada é a de “marihuana” sendo a de “haxixe” a mais conhecida no resto do mundo. Walton, que organizou a mais completa nomenclatura sobre esta planta, cita perto de 200 denominações pelas quais a planta é conhecida nos diferentes países onde ela é cultivada ou usada como droga entorpecente, alucinatória ou fornecedora de fibras têxteis. Neste último caso, recebe ela geralmente o nome de “cânhamo”.

Classificação — Família das moráceas; subfamília das *cannaboideae*; gênero *cannabis*; espécie *sativa*.

Descrição — É a seguinte a descrição feita por Vasconcelos Sobrinho, de um exemplar colhido no Parque do Instituto de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco. “Plantas unisexuais, dióicas. Flores não vistosas, de colorido amarelo-esverdeado, sem perfume; numerosas, situadas em tôda a metade superior da planta, em grupos nas axilas das folhas. Flores masculinas pedunculadas, femininas sésseis. Flores masculinas haploclamídeas, 5-meras; estames com filetes curtos, menos que a metade do tamanho da ântera. Ânteras intorsas, basifixas, 2-tecas, de deiscência longitudinal. Pólen amarelo, pulverulento, abundante, com 3 póros salientes, equidistantes.

Flores femininas aclamídeas por 1 bráctea que envolve quase completamente o ovário e que se prolonga além dos estigmas. Estigma sésstil, duplo, plumoso; ovário súpero, unilocular. Fruto sêco, indeiscente, com tipo aproximado de noz.

Órgãos vegetativos — Erva de grande porte, quase arbustivo, atingindo em média 2 metros. Folhas simples, partidas, pecioladas com estípulas. Os inferiores com 7 pseudofoliolos e os superiores com 5 até 3 ou reduzidos a lâmina delgada. Pseudofoliolos com bordos grosso-serrados e com pêlos curtos, resistentes, apenas perceptíveis ao tato, por todo o limbo. Meritalos longos; noz com tendência à produção de raízes adventícias”.

Identificação

Vasconcelos Sobrinho presta ainda as seguintes informações botânicas. “Este material pode ser identificado facilmente pelos frutos os quais são muito característicos e sempre se encontram inteiros. Seu tamanho é de 4,5 mm no maior comprimento e de forma um pouco piramidal, com casca dura, lúcido e caracteristicamente malhado de prêto (melanística), com duas arestas bem pronunciadas. Os frutos maduros são escuros e os verdes castanho-claros, daí a disparidade de côr que se nota à primeira vista.

Na falta de frutos, somente no laboratório pode o material ser identificado. Com êste fim devem ser utilizados os seguintes recursos, facilmente obtidos do material sêco:

a) *Cutícula* — destaca-se com relativa facilidade e, colocada ao microscópio, apresenta estomas muito característicos, entre numerosos pêlos unicelulares. Ostíolos alongados de fenda muito visível. Pêlos unicelulares ponteados, com base arredondada.

b) *Vasos lenhosos* — regulares, de diâmetro muito uniforme em sua maioria espiralados, não oferecendo, portanto, grande interêsse, a não ser os casos fechados (tráqueas) os quais são de diâmetro relativamente grande, com septos transversais muito oblíquos, às vêzes mal justapostos, paredes longitudinais com belas e numerosas pontuações alongadas.

c) *Vasos crivados* — excessivamente estreitos.

d) *Grãos de pólen* — arredondados com 3 saliências equidistantes, muito características.

e) *Fibras* — também as fibras podem servir para auxiliar a identificação. Serão utilizados os fragmentos de haste e de ramos que por ventura forem encontrados no material, obtendo-se por maceração uma fibra clara, brilhante. Ao microscópio em vista longitudinal, se apresentam com lúmen espaçoso, em visão transversal são quase circulares. Têm mais aproximação com as fibras do linho que com as de qualquer outra planta das quais se distinguem principalmente pela secção transversal a qual nas fibras do linho é poligonal e nas do cânhamo, como ficou dito, é circular”.

Enquanto que na descrição de Vasconcelos Sobrinho se encontra a observação de 3 a 7 pseudofolíolos e, até mesmo, a de um só sob a forma de lâmina delgada, o que concorda com as nossas próprias observações, Lannan admite a existência de um maior número, no que é secundado por Dewey de quem destacamos a seguinte referência: “o cânhamo indiano difere do cânhamo de Kentucky na maior capacidade de ramificação, sua folhagem mais densa, as folhas em sua maior parte alternadas, 7 a 11 (geralmente 9) folíolos muito estreitos”, etc. Esta pequena diferença encontrada no número dos folíolos e outras mais a que fazem referência os autores não justificam todavia uma distinção entre as variedades encontradas na Índia (*Cannabis sativa*) e as demais conhecidas no resto do mundo. Chopra é muito categórico neste particular ao afirmar que “não há características botânicas que separem a planta indiana da *C. sativa*”. O mesmo conceito é esposado por Dewey ao afirmar que “o gênero *Cannabis* é geralmente considerado pelos botânicos como monotípico e a única espécie *Cannabis sativa* é considerada como incluindo hoje a meia dúzia de formas que têm sido descritas sob diferentes nomes e que são cultivadas com diferentes propósitos”.

Certa confusão tem aparecido na literatura sobre a maconha a qual é por alguns autores confundida com outras plantas. Jarbas Pernambucano, em seu interessante trabalho sobre “A maconha em Pernambuco”, cita Garcia de Orta que em 1563 descrevia uma planta usada na Índia e que acreditava tratar-se do cânhamo. Tal descrição, todavia, é patente tratar-se

antes do betel sôbre o qual já fizemos referências na primeira parte dêste trabalho. Comparemos o seguinte trecho de Garcia de Orta com o que nos informa Hartwich sôbre o betel. Diz o primeiro: "Faz-se de pó destas fôlhas pisadas, e às vêzes da semente; e alguns lhe lançam areca verde; porque embebeda e faz estar fora de si; e, para o mesmo, lhe misturam noz-moscada e maçã, que tem o mesmo efeito de embebedar; e outros lhe lançam cravo, e outros cânfora de Bornéu, e outros âmbar e almisque (sic), e alguns anfião", etc., etc. Vejamos o que diz Hartwich referindo-se ao betel: "Como componente de primeira classe há que considerar as fôlhas da pimenteira de betel, a noz de areca e a cal extinta; só quando concorrem êstes três elementos se pode falar de betel na acepção própria da palavra. Como ingredientes de segunda classe, citam-se substâncias ricas em matérias adstringentes" etc. "Como componentes de terceira ordem figuram, por último, diversas substâncias que não influem, ou influem pouco, nos efeitos produzidos pela mascaração do betel, mas que modificam seu sabor como, por exemplo, o cravo da Índia", e mais adiante, "algumas vêzes é perfumada também com cânfora ou essência de hortelã". Por tais semelhanças nas descrições feitas por Garcia de Orta e Hartwich, acreditamos tratar-se mais da *Piper Betle* L. do que do *Cannabis sativa* L.

Ainda no trabalho de Jarbas Pernambucano encontramos a seguinte referência que nos merece mais um comentário. Cita êle o seguinte trecho de Ivet sôbre "Os fumadores de Marihuana": "nos velhos dialetos astecas ela (a maconha) é ainda chamada de *ololiuqui*". Ora, vimos atrás que o *ololiuqui* é descrito por Reko como sendo a *Turbina corymbosa* L. e é ainda Reko quem diz: "a palavra asteca *ololiuqui* que em verdade só quer dizer redondo", foi interpretada como nome para as sementes de *Turbina corymbosa*".

Bouquet publicou uma lista relativamente longa de plantas com a denominação popular de *chanvre* (cânhamo) e que nada têm que ver com *Cannabis sativa*, mas que oferecem motivo para confusões.

Caminhoá, em seu Compêndio de Botânica Geral e Médica, faz igualmente referência a um número relativamente elevado de plantas pertencentes a famílias, gêneros e espécies as mais diversas e às quais dão o nome de cânhamo. Assim, ao lado do cânhamo comum (*Cannabis sativa* L.), encontram-se, por exemplo: o cânhamo dágua (*Lycopus aquaticus*, Moench), o cânhamo da China (*Boehmeria nivea*, Hock) o cânhamo de Creta (*Datisca canabina* L.), o cânhamo vivaz (*Laportea canadensis* Gand.), etc.

Para identificação de material no qual se presume estar presente a maconha ou produtos derivados da planta, dispõe-se hoje de meios os mais diversos baseados nas propriedades físicas, químicas e biológicas da planta em questão. Vimos atrás que se a planta está presente sob as formas de fragmentos de fôlhas, de frutos ou de fibras, o exame microscópico pode até certo ponto elucidar ou auxiliar a identificação. Neste particular deve ser destacado o valor que apresentam os pêlos glandulíferos que constituem incontestavelmente o elemento mais característico das fôlhas da maconha. Reduzida a pó fino, com a destruição mais completa dos diversos órgãos da planta, ou os produtos dela derivados são enviados para identificação, outros meios podem ser aproveitados e dentre os quais destacamos os seguintes:

Meios físicos — Dos meios físicos usados para a identificação da maconha, o mais interessante é o proposto por Khouri e baseado na fluorescência que apresentam os fragmentos secos da planta; bem como os extratos preparados com vários solventes, notadamente o éter de petróleo, quando examinados sob a luz ultravioleta emitida pela lâmpada de Wood. Segundo êsse autor, as sumidades floridas da planta apresentam, à luz da lâmpada de Wood, uma luminescência de côr castanha brilhante que pode passar ao

acaju, sendo que o pó da planta não apresenta nenhuma particularidade nas mesmas condições. Por outro lado o extrato preparado com éter de petróleo dá uma fluorescência verde. Voltaremos ao assunto quando relatarmos nossas observações a respeito.

Meios químicos — Dos métodos químicos até agora propostos para a identificação da maconha, o que mais se vulgarizou foi o de Beam, baseado na coloração que o princípio ativo da maconha dá nos meios alcoólicos fortemente alcalinos ou ácidos. A primeira vez que a reação de Beam foi revelada pelo seu autor, este assim a descrevia: “a substância a examinar é tratada pelo éter de petróleo; filtrada, é o éter evaporado em uma cápsula de vidro ou porcelana em banho-maria. Ao resíduo se ajuntam, enquanto ainda quente, uma ou duas gotas de uma solução alcoólica de potassa cáustica a 5 por cento. Em caso de presença de haxixe, produz-se uma coloração violeta”. Em 1911 e depois, em 1918, o autor introduziu modificações à sua técnica passando a usar o álcool saturado por uma corrente de vapor de ácido clóridrico que, em contato com o resíduo da evaporação do extrato de maconha, dava uma coloração vermelho cereja que desaparecia com a adição de água. Posteriormente aparecem, propostas por outros autores, diferentes modificações da reação de Beam. A literatura registra observações favoráveis e desfavoráveis a respeito deste meio químico de identificação da maconha. Khouri, referindo-se ao mesmo, diz textualmente: “a reação de Beam, considerada até agora como específica do *Cannabis indica* perdeu muito do seu valor depois que o Prof. Rende, de Roma, pôde obtê-la com ervas comuns e certas matérias corantes solúveis no éter de petróleo”. Bouquet, tratando do mesmo assunto, diz que “as reações ácida e alcalina de Beam são reações puramente qualitativas: elas permitem dizer que uma amostra de *Cannabis* contém resina; mas não informam sobre o valor estupefaciente dessa amostra”. Papavassiliou e Liberato praticaram a reação de Beam com extratos obtidos de diversas plantas, inclusive da maconha. Do seu exaustivo e interessante estudo experimental, tiraram, além de outras, as seguintes conclusões: “as 24 amostras de substâncias aromáticas vegetais examinadas e que poderiam estar contidas nas preparações de confeitaria contendo haxixe, nenhuma deu a reação de Beam absolutamente semelhante à dada pelo haxixe”. “A reação de Beam longe de ser considerada como uma reação ideal de identificação do haxixe, pode, se executada com atenção, dar resultados eficazes. Enquanto não se achar uma outra reação mais exclusiva, o médico legista perito é obrigado a recorrer a ela a fim de se pronunciar em um caso qualquer. Certamente, sempre que as circunstâncias o permitirem, ele procederá também ao exame microscópico e à experimentação fisiológica que, só ela, resolve completamente a questão”.

Walton referindo-se também ao método de Beam acha que “esta reação corada é certamente a prova química mais satisfatória disponível no presente”. No entanto acrescenta êle, mais adiante: “freqüentemente nos têm pedido para recomendar um processo de identificação adequada à perícia legal. Apesar da confiança que se pode depositar nas provas coradas de Beam, o exame microscópico, em nossa opinião, apresenta um maior grau de segurança. Em adição a tais exames, recomendamos de qualquer modo as provas em animais de experiência. Provas qualitativas em cães não são particularmente difíceis e podem ser satisfatoriamente realizadas com animais domésticos”.

Além da prova de Beam e suas modificações, outras reações coradas têm sido propostas. Ghamrawy propôs uma reação baseada no emprêgo do per-dimetil-amino-benzoleído que, em meio sulfúrico, dá com a resina do cânhamo uma reação purpúrea que passa ao azul com a adição d'água destilada fria. Outras resinas, como as de mirra, sandaraca, assafétida, bem como algumas essências, tais como as de aniz, timol, rosmaninho, gerânio etc., dão porém colorações vizinhas.

Cuquénois e Mustapha, empregam um reativo em cuja composição entra a vanilina, o aldeido acético e o álcool e que com a resina da maconha dá uma reação verde que passa ao cinzento e depois ao azul índigo, isto em 10 minutos, passando após 30 minutos ao violeta, que se intensifica com o tempo.

Sôbre esta reação, bem como sôbre a de Beam, voltaremos a tratar quando relatarmos nossas observações pessoais.

Princípios ativos — Todd, que se tem dedicado ao estudo químico da maconha, é um dos autores de maior autoridade no assunto. Diz êle que “de tôdas as drogas que comumente provocam vício, o *cannabis* é a menos conhecida do ponto de vista científico, a despeito de apresentar *propriedades farmacológicas notáveis*”. Tal situação decorre do fato de que o princípio ativo ou os princípios ativos da maconha são contidos na secreção resinosa da planta, material êste de difícil manipulação e de cuja natureza pouco se conhece ainda hoje. São acordes os autores quando precisam que o constituinte ativo se acha na fração de elevado ponto de ebulição da resina, *não contendo nitrogênio* em sua molécula e podendo ser distilado em alto vácuo sem decompor-se.

Até o aparecimento do trabalho de Wood, Spivey e Easterfield, que marcou o início de uma fase verdadeiramente científica no estudo químico da maconha, pouco se conhecia sôbre a natureza e a composição química dos constituintes dessa planta. Collin afirmava a existência no cânhamo indiano de uma resina conhecida pelo nome de *cannabina*, um óleo essencial e muitos alcalóides, entre os quais a colina, a trigonelina e a muscarina. A no de uma resina conhecida pelo nome de *cannabina*, um óleo essencial e um ponto dos mais interessantes no estudo químico da planta. Walton, referindo-se ao princípio ativo do *haxixe*, diz que “não é surpreendente que se tenha imaginado que esta potente substância seja um alcalóide”.

De fato, a possível existência de alcalóides na maconha tem sido referida por vários autores. Em 1876, Preobrazshenski pretendia ter isolado um alcalóide volátil, aparentemente idêntico à nicotina. Constatou-se posteriormente, conforme relataram Dragendorff e Marquiss, Arutinyantz, Sieboyd e Bradburg e Kennedy, que o material manipulado por aquêle pesquisador continha tabaco, pois que, como veremos mais adiante, é comum entre os fumadores de maconha, misturar esta ao tabaco. Gastinel em 1848, afirmava igualmente a existência de um alcalóide. Siebold e Brandbury isolaram um outro ao qual deram o nome de *canabinina*. Hay conseguiu também separar um princípio de natureza alcaloidal que, por provocar tétano na rã, recebeu o nome de *tétano-canabinina*. Outros autores ainda pretendem ter demonstrado a existência de alcalóides na planta em questão. Pelas observações que adiante serão relatadas, acreditamos igualmente na presença de alcalóides na maconha, sem todavia podermos atribuir aos mesmos as atividades alucinatórias e narcóticas da planta. Dissemos há pouco que a Wood, Spivey e Easterfield devia-se o início rigorosamente científico do estudo químico da maconha. Êstes autores que trabalham com o *charas** proveniente da planta indiana, isolaram os seguintes constituintes: 1) um terpeno de fórmula $C_{10}H_{16}$ com ponto de ebulição entre 165 a 175° (1,5%); 2) um sesqui-terpeno de fórmula $C_{15}H_{24}$ com ponto de ebulição entre 258 a 259° (1,75%); 3) pequena quantidade de uma parafina hidrocarbonada, $C_{29}H_{60}$, com ponto de fusão a 64°, e 4) um óleo tóxico vermelho ou resina de fórmula $C_{18}H_{24}O_2$ ao qual denominaram *canabinol* com ponto de ebulição a 265°/m.m. e que rendeu 33%. Dêste óleo conseguiram os autores dois derivados, um monoacetilado e outro monobenzoilado demonstrando assim a presença de um grupo hidroxílico, o que justificou o têrmo de *canabinol*.

* Resina extraída da planta

Alguns anos mais tarde, Wood, Spivey e Easterfield constataram que o *canabinol* por eles isolado constituía uma mistura de, pelo menos, dois componentes, conseguindo então separar uma substância em estado de pureza de fórmula $C_{21}H_{26}O_2$ para a qual reservaram a denominação primitiva de *canabinol* **.

O *canabinol* foi então tomado como objeto de indagações químicas por vários autores. Cahn atribuiu-lhe certa fórmula estrutural.

Posteriormente, vários anos mais tarde, Work, Bergel e Todd isolaram o *canabinol* sob a forma cristalina de p-nitrobenzoato e revelaram o importante fato de que o *canabinol* não era o princípio farmacologicamente ativo da resina, conseguindo, por outro lado, preparar uma fração bastante concentrada e ativa livre de *canabinol*. Mostraram ainda êsses autores que a prova de Beam, comumente usada para identificação dos extratos de *Cannabis* não é positiva nem com o *cannabinol*, nem com os constituintes ativos da planta.

Adam e colaboradores isolaram um outro constituinte para o qual propuseram o nome de *canabidiol* e que, apesar de dar uma reação fortemente positiva com a prova de Beam, é farmacologicamente inerte. Um isômero desta substância foi também isolado por Jacob e Todd e que recebeu a denominação de *canabol*. Esta é negativa, frente à prova de Beam e apresenta reduzida ação farmacológica.

Adams, Baker e Wearn de um lado, Ghosh, Todd e Wilkinson de outro, realizaram a síntese do *canabinol*.

Segundo Todd, "nenhum dos compostos naturais, *canabinol*, *canabidiol* e *canabol*, são responsáveis pelas propriedades narcóticas da planta".

Mais recentemente, Haagen-Smit e colaboradores comunicaram o isolamento de uma substância cristalina demonstrando a atividade característica da droga e à qual denominaram *canina*.

São estas as contribuições que julgamos de maior interesse no tocante ao estudo químico da maconha. Muitos outros trabalhos enriquecem a literatura neste particular sem que contribuam, todavia, para um maior esclarecimento do problema que, como vimos, ainda se acha em fase plenamente nebulosa.

Meios biológicos — Quando não fôssem suficientes ou eficientes os meios físicos e químicos para identificação da maconha, restariam ainda os meios biológicos com experimentações em animais de laboratório nos quais a maconha ou seus princípios ativos provocam reações mais ou menos características. Dizemos "mais ou menos" porque, na verdade, em todos os animais submetidos à ação da droga, sob qualquer de suas formas, nenhum efeito pode ser considerado absolutamente característico. A nosso ver, pois, diante da necessidade de se identificar a maconha em um dado material, todos os meios ao alcance do experimentador ou do perito deverão ser usados, sejam os físicos, como os químicos, ou os biológicos.

Dentre as reações farmacodinâmicas provocadas pela maconha, duas apresentam na realidade uma importância digna de consideração. A primeira é a ataxia motora observada no cão e a segunda é a anestesia da córnea no coelho. Baseado na incoordenação motora, estabeleceu-se mesmo um

** Transcreveremos de Walton a seguinte informação: "Wood, Spivey e Easterfield, químicos de Cambridg e não puderam terminar seu programa devido a uma série de acidentes trágicos, Wood escapou milagrosamente com vida quando ingeriu uma dose de *canabinol* ao mesmo tempo que preparava zinco etílico. Tendo perdido a consciência, o zinco etil co inflamou-se e êle foi salvo do quarto incendiado com grande dificuldade. Easterfield foi morto numa violenta explosão quando tentava hidrogenizar o *canabinol*. Epivey pereceu igualmente quando se empenhava no estudo da síntese da *nitrocanabinolactona*".

processo de padronização da droga que em tempos atrás foi oficialmente adotado na farmacopéia norte americana (Pharmacopéia of the United States. Twelfth Revision. Pág. 86), e descrito também em detalhes no livro de Pittenger sobre métodos de padronização biológica.

Walton, Martin e Keller que usaram e recomendam o método de padronização em cães, descreveram seis estágios na intensidade dos efeitos provocados pela droga e que são os seguintes:

1.^o — ligeira depressão; 2.^o — início de ataxia; 3.^o — ataxia; 4.^o — pronunciada ataxia; 5.^o — incapacidade de se manter de pé; 6.^o — impossibilidade de se levantar.

Dessa classificação, arbitrária, como bem confessam os autores, ressalta o fato de que a ataxia constitui o efeito principal no quadro sintomatológico da droga. Distinguir seis estágios no desenvolvimento da ataxia, principalmente estabelecer os limites entre os 2.^o, 3.^o, 4.^o e 5.^o é, sem dúvida, exigir um grau de observação por demais acurado e que, a nosso ver, a realidade experimental não comporta.

Walton refere-se ao caso particular de um cão treinado por White e Cianciarulo e que era capaz de andar de pé, sobre as patas trazeiras, principalmente quando se lhe oferecia um pedaço de carne. Sob a ação da maconha, êsse cão se tornava incapaz de realizar tal ato, considerando-se a sua incapacidade como um sinal evidente de incoordenação.

Pittenger admite a existência de apenas 3 estágios: 1) excitação; 2) incoordenação; e 3) lassidão e sono. "Logo depois de receber uma dose adequada de *Cannabis indica* o animal geralmente vomita e torna-se excitável, diz Pittenger. Dentro de uma ou duas horas estabelece-se a incoordenação: o cão perde o contrôle de suas pernas e dos músculos que suportam a cabeça, de forma que, quando de pé, os pés estão usualmente bem separados para garantir o equilíbrio. Quando nada ocorre que chame a atenção, a cabeça cai e o corpo balança para um lado ou antero-posteriormente. Evidente ataxia se apresenta no andar e, quando profundamente afetado, o animal vacila e cai". "A medida que a ação da droga progride, a incoordenação muscular torna-se maior e o animal passa ao terceiro estágio; a depressão e a lassitude aumentam até que finalmente cai ao chão como se estivesse exausto e dorme um sono imperturbável. Depois de algumas horas os efeitos da droga desaparecem, lentamente, voltando às condições normais".

Voltaremos a tratar dêste método mais adiante quando relatarmos nossas observações experimentais a respeito.

O segundo meio ao qual fizemos alusão há pouco é o relacionado com a anestesia da córnea no coelho. Deve-se a Gayer tão interessante observação e daí a denominação de "prova de Gayer" pela qual a ela se referem os autores. Para essa prova usam-se de preferência extratos acetônicos da droga, seja esta constituída da própria planta (fôlhas e inflorescências), seja a resina, ou sejam as diversas frações isoladas em estado de maior ou menor pureza conforme a técnica adotada. O extrato acetônico é injetado na veia marginal da orelha do coelho e a sensibilidade da córnea é verificada por meio de um pêlo montado em um suporte. O toque da córnea com a extremidade livre do pêlo provoca o piscamento, reflexo do ôlho. No coelho normal para cada 20 toques há cêrca de 16 respostas positivas. Sob a ação de doses diversas da droga, cai proporcionalmente o número das respostas positivas, abolindo-se totalmente o reflexo no caso de anestesia completa da córnea. Relataremos no seguinte capítulo nossas observações obtidas com a "prova de Gayer".

Em 1893, Evans realizou experiências com gatos para avaliar a potência de preparações de cânhamo. Marshall e Joel consideram igualmente o gato como animal suficientemente sensível à ação da maconha, apresen-

tando idênticos efeitos demonstrativos de incoordenação. Gayer diz ter obtido também anestesia da córnea em gatos, tal qual observara em coelhos. Cofman-Nicoresi, entretanto, não logrou o mesmo sucesso em suas experiências com gatos.

Ratos, camundongos, cobaias, rãs, galinhas, cavalos e macacos têm sido ainda experimentados por diferentes investigadores com resultados mais ou menos favoráveis. Goodall refere-se particularmente à ação depressora da maconha nas rãs que, sob a influência de doses adequadas, não tóxicas, podem ser narcotizadas por 48 horas, seguidas de completo restabelecimento. Krüver relata igualmente narcose profunda durante dois dias em macacos aos quais administrára, intravenosamente, uma preparação obtida por destilação no vácuo.

Iglésias submeteu pombos, cobaias e cães à ação da fumaça obtida pela queima da maconha em um aparelho especialmente imaginado para tais experiências, observando, em todos, sinais de excitação inicial seguida de depressão e anestesia completa em alguns animais. Todos os animais se restabeleceram finalmente. O autor não considerou neste caso a possível ação do monóxido de carbono que certamente se formou na combustão do material empregado (planta) e que poderia ser responsável por alguns dos fenômenos observados. É interessante assinalar a observação do estágio inicial de excitação que coincide com o que foi constatado por Pittenger.

Experiências no homem — De todos os animais experimentados, nenhum poderia informar melhor os efeitos psíquicos e nervosos provocados pela maconha do que o próprio homem. Como droga *caracteristicamente alucinatória*, como sói ser a diamba, nenhum material mais adequado do que o humano para uma observação mais profunda da influência exercida por esse tóxico. Por isso mesmo, há na literatura um número considerável de observações cada qual mais instrutiva e interessante.

A larga divulgação do uso da maconha em todo o mundo tem suscitado um número excessivamente grande de publicações especialmente sôbre as *manifestações psíquicas* observadas no homem. Atraídos e impressionados pelas narrativas verdadeiramente fantásticas que circulam entre os fumadores da diamba, literatos, médicos e cientistas têm, em todos os tempos, desviado a sua atenção para esse problema, sempre apresentado aos homens de espírito como um manancial inesgotável de ensinamentos científicos e fonte magnífica de inspiração para os escritores de ficção. São clássicas, hoje, as descrições feitas por Gautier, Dumas e Baudelaire, estas notadamente de fundo literário, revestindo embora a forma de observações científicas. Já dissemos atrás que são os indivíduos de psique anormalmente inclinadas às criações fantasmagóricas as vítimas mais fáceis e habituais dos vícios e das práticas alucinatórias. Não seria de estranhar, pois, que homens como Gautier e Baudelaire, que se tornaram célebres pelo seu talento e suas excentricidades, se sentissem atraídos pelo que de misterioso e fantástico encerravam as lendas espalhadas em tórno à ação do haxixe como fonte incomparável de sonhos e prazeres.

No Hotel Pimondan, situado no célebre *Quartier Latin*, em Paris, reuniam-se estes e outros literatos para se entregarem ao vício do haxixe. Do que se passava então em tais reuniões, contou Gautier em seu interessante livro "*O Club dos Haschichtins*", um misto de observação e ficção, próprias de sua mentalidade a um tempo exótica e criadora.

Não menos interessantes são também as narrativas deixadas por De Quincey, através de suas "*Confissões de um inglês comedor de ópio*" e nas quais alguns autores encontraram motivos para a identificação do material consumido por aquêle escritor como sendo o "bang", sôbre cujos efeitos prometera De Quincey uma detalhada descrição.

Ainda na literatura, encontram-se os relatos feitos por Bayard, Taylor e Ludlow, êstes com mais visos de verdade, demonstrando, embora, fortes tendências literárias e imaginativas. Taylor aliava aos seus grandes dotes de escritor, excelentes qualidades de observador e amante apaixonado de viagens e aventuras. Percorreu a pé uma grande parte da Europa e visitou os centros mais interessantes da Ásia e da África nos quais certamente *tomou contato com os fumadores de maconha*. Walton, referindo-se a Ludlow, faz notar que, embora o menos célebre de todos, do ponto de vista literário, foi êle contudo o que “contribuiu com a descrição mais perfeita dos efeitos do haxixe”. Além da *fidelidade* em sua descrição, fêz Ludlow um detalhado relato sôbre o desenvolvimento do vício e a subsequente luta que se seguiu quando resolveu abandoná-lo. “Como autobiografia de um viciado, diz Walton, é ela, em muitos respeitos, superior às *Confissões* de De Quincey”.

Verdadeiras ou imaginativas, as auto observações dêsses autores apresentam, como muitas outras, ao lado de passagens altamente interessantes pelo lado *pitoresco ou fantástico*, alguns pontos *semelhantes*, concordes umas com as outras e que dão às mesmas um certo cunho de veracidade. São de Gautier os seguintes trechos:

“Depois de alguns minutos uma sensação de lassidão apoderou-se de mim. Parecia que meu corpo se tinha dissolvido e se tornado transparente. Eu vi muito claramente dentro de mim o Haxixe que havia comido sob a forma de uma esmeralda que irradiava milhões de pequeninas faíscas”. “Um dos presentes dirigiu-me um discurso em italiano que o Haxixe, por sua onipotência, traduziu para mim em espanhol”. “Mal tinha passado uma meia hora quando me senti novamente sob a influência do Haxixe. Desta vez as visões eram muito mais complicadas e extraordinárias. Milhares de milhões de borboletas, com as asas a baterem como leques, passeavam ininterruptamente em uma atmosfera francamente iluminada. Flores gigantescas com cálices de cristal, enormes rosas, lírios dourados e prateados elevaram-se e se abriam em volta de mim como o estalar de fogos de artifício. Minha audição estava prodigiosamente apurada; ouvia o som das côres: os sons verde, vermelho, azul e amarelo dirigiam-se em ondas distintas”. “Minha própria voz parecia tão poderosa que quase me obrigava a não falar com receito de quebrar as paredes ou fazer com que eu mesmo explodisse tal qual uma bomba. Mais de 500 relógios soavam as horas com suas aflautadas notas de prata”. “Eu deslizava em um oceano de sons no qual flutuavam, como ilhotas de luz, melodias da “Lucia” e do “Barbeiro de Sevilha”. “Sons, perfumes e luz vinham a mim através de uma multidão de tubos tão finos como cabelos e nos quais eu ouvia o assobio de correntes magnéticas. De acôrdo com meus cálculos, tal estado durou cêrca de 300 anos, porquanto as sensações que se sucediam, umas às outras, eram tão numerosas e intensas que qualquer apreciação real do tempo seria impossível. Passado o delírio, constatei que êle havia durado um quarto de hora”...

As impressões dadas por Baudelaire não são menos coloridas e interessantes e quase se superpõem às de Gautier. Êle se refere particularmente à agudeza dos sentidos, dizendo textualmente: “Os olhos alcançam o infinito. O ouvido percebe o mais imperceptível no meio dos sons mais agudos. As alucinações começam, objetos externos assumem aspectos monstruosos e se revelam sob formas até agora desconhecidas. Tornam outra vez a se deformar e finalmente entram em vossos sêres ou vós entraís nêles mesmos. Os equívocos mais singulares e as transposições de idéias mais inexplicáveis têm lugar. Os sons têm cheiro e as côres são musicais. . . Após uma primeira fase é caracterizada por uma sensação de fraqueza nas extremidades e de pêso na cabeça. As mãos tremem, há uma estupefação geral, os olhos se dilatam, a face empalidece tornando-se lívida e esverdeada”.

O que há de particularmente interessante nas auto observações de Gautier e Baudelaire são as alucinações sensoriais, revestindo tôdas as formas já descritas na intoxicação pela cocaína. Elas recordam igualmente o que foi descrito por Marinesco sob a denominação de “audição colorida”, fenômeno êste observado sob a influência da mescalina e ao qual fizemos alusão no capítulo anterior.

Taylor, cuja descrição parece mais sóbria do que as dos escritores franceses aqui citadas, faz igualmente referências à participação constante de fenômenos luminosos e coloridos além de outras formas de alucinações sensoriais. Diz êle, por exemplo: “Eu estava mergulhado em um mar de luz, através do qual brincavam as puras e harmoniosas côres que nascem da luz... Inalei os mais deliciosos perfumes, e harmonias como Beethoven pode ter ouvido em sonhos mas nunca escreveu, flutuavam em volta de mim. A atmosfera era feita ela mesma de luz, perfumada música”. “A droga cujos efeitos estavam retardados por ter sido tomada logo após uma refeição, começou a se fazer sentida mais poderosamente. As visões eram mais grotescas do que nunca, porém menos agradáveis e havia uma dolorosa tensão através do meu sistema nervoso — efeito da superexcitação. Eu era uma massa de geléia transparente e um confeitiro incorporou-me a uma massa retorcida”. Taylor relata ter caído mais tarde em sono profundo, espécie de estupor, que se prolongou por 30 horas. Durante 2 ou 3 dias continuou a sentir frequentes e involuntários momentos de ausência que tornavam insensíveis a tudo o que se passava em seu derredor. Dos fenômenos relatados por Taylor dois merecem um destaque especial. O primeiro, é o que se refere à aparência de uma geléia transparente que tomou o seu corpo, observação essa que muito se aproxima da de Gautier que sentiu seu corpo dissolver-se e tornar-se transparente. Compare-se esta observação com a que vai adiante relatada por Ludlow. Outro fenômeno curioso é o da “dupla personalidade” ou “dupla consciência”, segundo o qual o indivíduo ao mesmo tempo que apresenta tôda uma enorme gama de alucinações sensoriais e motoras, tem plena consciência de que tudo não passa de efeitos decorrentes da droga. Êste fenômeno tem sido relatado por vários autores.

Ludlow, a quem se deve também uma auto observação das mais instrutivas e curiosas, tendo ingerido, em doses sucessivas, 10, 15, 20 e 25 grãos de extrato sólido de *cannabis*, somente 3 horas depois começou a sentir os efeitos da droga sob as formas de incoordenação e alucinações. “Minhas sensações, descreve Ludlow, começaram a ser terríveis, não devido a qualquer dor que sentisse, mas ao tremendo mistério em volta e dentro de mim. Por uma apavorante introversão, tôdas as manifestações de vitalidade que em nosso estado normal se processam inconscientemente, apareciam vívidas em minha experiência. Através dos mais delgados tecidos corpóreos e minúsculas veias, eu podia acompanhar a circulação do sangue em cada polegada de seu percurso. Eu sabia quando cada válvula se abria ou fechava; todos os sentidos estavam sobrenaturalmente alertados; a sala estava cheia de uma apavorante introversão, tôdas as manifestações de vitalidade que em admirava não ser notado por aquêles que se sentavam ao meu lado”.

O fenômeno da “dupla consciência” foi relatado por Ludlow quando de uma segunda experiência na qual êle ingeriu, de uma só vez, 20 grãos do extrato de cânhamo. Depois de descrever uma suposta viagem por uma imaginária estrada cheia de belezas, diz êle: “eu seguia meu caminho quietamente até que novamente me vi rodeado pelas casas da cidade. Aqui o fenômeno da dupla existência apresentou-se-me uma vez mais. Uma parte de mim acordou, enquanto que a outra continuou em perfeita alucinação”.

Ludlow, acabou prêsas do terrível vício, e descreve então todos os prazeres e tôdas as agonias por que passou sob a sua influência e os martirizan-

tes fenômenos que se seguiram à suspensão do tóxico, tal qual acontece com o ópio e a cocaína.

É interessante notar na descrição de Ludlow a transparência dos tecidos do corpo já referida por Gautier e por Taylor, bizarro fenômeno este cuja significação tem sido feita de modo ainda mais científico por muitos outros pesquisadores alguns dos quais experimentaram, êles mesmos, os efeitos do tóxico, tal qual fizeram os autores agora citados. Moreau de Tours, Donovan, De Luca, Wood Junior, Kuy Kendall, Wiltshire, Ducan, Von Mering, Marshall, Binet-Sanglé, Robinson Burr e outros, descrevem auto observações as mais curiosas levadas a efeito com materiais de várias procedências, inclusive norte-americanas. Entre nós, Lucena, em Recife, fez interessantíssimas experiências com maconha nacional e relatou também suas próprias sensações sob a influência da droga.

Quanto aos autores que se limitaram à análise dos sintomas apresentados por outros indivíduos, não é menos rica a literatura neste sentido. Aos que se interessarem particularmente pelo assunto, recomendamos a leitura do livro de Walton, no qual êsse autor faz uma excelente revisão, resumindo o que de mais instrutivo se tem escrito até hoje em tórno ao problema.

Em seu trabalho sôbre "Maconhismo e Alucinações", Lucena estudou com detalhes os fenômenos alucinatórios observados no decurso de estados de maconhismo, mostrando com suas observações e as de diversos autores que tais alucinações afetam quase todos os setores sensoriais, senão todo, dizemos nós.

Jesuíno Maciel, de São Paulo, relatou, em 1915, observações experimentais em dois indivíduos, um dos quais era seu empregado e, o outro, um estudante de medicina. Conquanto tais observações não tenham acrescentado nada de novo ao que já se conhecia sôbre a ação do tóxico, não deixaram de ser interessantes e instrutivas, pois demonstraram a potência da planta cultivada no Brasil.

Sôbre a repercussão que o tóxico pode ter para o lado da esfera psíquica, há autores que admitem o estabelecimento de estados esquizóides *ou mesmo de esquizofrenia* francamente declarada, como acontece, por exemplo, com Osman Vzman, Diretor do Asilo neuro-psiquiátrico de Estambul, para quem "o uso do haxixe dá lugar ao quadro clínico da esquizofrenia". Contra êsse conceito manifestou-se Salazar Viniega, do México, em seu interessante trabalho "Estado atual dos Estudos sôbre a Marihuana".

Kerim, também na Turquia, descreveu várias formas de perturbações mentais induzidas pelo uso do haxixe, citando, por exemplo, o eretismo cerebral, a melancolia subaguda, a demência precoce, a esquizoidia, o delírio alucinatório e a confusão mental.

Skliar, na Rússia, relatou ainda vários casos de psicoses agudas e crônicas, algumas destas incuráveis, principalmente de esquizofrênicos.

Para Gerty, de Chicago, a marihuana não passa de um *agente provocador de psicopatias latentes*.

O poder de provocar estados alucinatórios tem, de acôrdo com alguns autores, levado ao uso do cânhamo para o fim de induzir aos intoxicados a prática de atos criminosos. Segundo o dicionário de Webster, a palavra assassino deriva justamente de haxixe, adiantando ainda que entre os anos de 1090 e 1260, um dos príncipes do Líbano, Hassm-Ben-Sabak Homairi, conhecido por "Velho da Montanha", fanatizava seus soldados fazendo-os usar o haxixe e então sob o furor provocado pela droga incitava-os ao assassinato de seus inimigos. "Príncipe dos axixinos" ou dos "assassinos", foi também outra denominação atribuída ao Velho da Montanha.

Relacionando a palavra “assassino” com o haxixe, é interessante citar uma outra lenda, não menos curiosa, divulgada por X, através de um jornal diário de São Paulo (*Fôlha da Manhã* de 21-11-1943) e que é a seguinte:

“Religiosamente, os drusos são obrigados a falar sempre a verdade, mas apenas entre drusos não importando que mintam, e sendo até seu dever, por vêzes, mentir a sectários de outros credos. Os drusos são contrários à prece porque acham que a prece é uma forma impertinente de a vontade humana interferir na vontade de Deus — e isto, para êles, constitui sacrilégio irreparável. É rigorosamente proibido o uso do tabaco e do vinho. E a disciplina ascética, embora não exigida de ninguém, nem dos sacerdotes, é contemplada com profundo respeito.

Os sacerdotes da seita, que se formou de uma ocasional mistura de credos sunistas com credos ismailitas, são todos homens de imperturbável serenidade e de incrível capacidade na conservação de segredos.

Dentro desta estranha religião, abriu-se, um dia, um conflito. Em consequência, no ano de 1190 da era cristã, Hassa-ibn-Sabá fundou uma associação secreta, que, embora observando os ditames religiosos e rituais da seita, resolvia seus assuntos externos por meio do assassinio. Ao que se sabe, a referida associação secreta de delinquência política e religiosa tinha, entre outras, esta peculiaridade: exigia o máximo de obediência e de renúncia aos interesses terrenos, dos seus adeptos.

Antes da prática da eliminação da vida de quem quer que fôsse, os adeptos eram intoxicados com “haschich”, substância entorpecente do tipo dos opiados, extraída da fôlha de cânhamo (*Cannabis indica*). No período da intoxicação, os adeptos eram levados a jardins suntuosos, povoados de mulheres magníficas, onde se lhes ofereciam todos os prazeres, como prelibação do paraíso que os esperaria, se êles fôsem sempre obedientes. Depois disto, realizavam-se os crimes políticos ou religiosos determinados pelos superiores. Devido ao “haschich”, os membros da seita eram denominados “haschichins”, de onde, através dos anos, por fenômenos que a semântica explica, resultou a palavra “assassino”. A “ordem dos hachichins”, com efeito, figura, em qualquer livro erudito, com nome de “ordem dos assassinos”. O chefe da seita era tão rigoroso, que, pouco antes de morrer, já em idade muito avançada, mandou matar seus dois filhos, um por ser suspeito de cumplicidade no assassinio de um elemento que não deveria ser eliminado, e outro por haver sido colhido em ato flagrante de beber vinho”.

Dentre os fenômenos subjetivos atribuídos à maconha, merece citação especial o efeito afrodisíaco sôbre o qual não há concordância entre os autores. Em um resumo publicado em “Actas Ciba”, de maio-junho de 1942, lemos o seguinte: “A ação afrodisíaca do haxixe parece admitida ainda hoje no Oriente, pois, pelo menos em certas regiões, se come haxixe no casamento. Na África, o recém-casado, imediatamente depois de seu enlace, costuma fumar alguns cachimbos duma mistura de tabaco e haxixe. Na Pérsia, oferece-se, muitas vêzes aos recém-casados, electuários de haxixe que ostentam nomes característicos como, por exemplo, “Incitador do Riso”, “Despertador do Sexo”, “Aumentador do Prazer”, etc.”.

Rodrigues Dória assim se manifesta sôbre a ação afrodisíaca da maconha: “Sôbre os órgãos sexuais parece exercer uma ação excitadora, que pode levar a grande lubricidade. A maior parte dos fumadores ouvidos disseram que a erva corrige “os estragos da idade”.

Um soldado contou ao Dr. A. Fontes que quando fumava a maconha sentia efeitos afrodisíacos, t’inha sonhos eróticos e poluções noturnas. Êsse efeito se estende às mulheres. O Dr. Alexandre Freire, médico que exerceu a clínica em uma vila do interior de Sergipe, referiu ter vista uma mulher embriagada pela maconha de tal forma excitada que, no meio da rua, não

mostrando o menor respeito ao pudor e fazendo exhibições, solicitava os transeuntes ao comércio intersexual. As protistutas, que às vezes se dão ao vício, excitadas pela droga, quando fumam em sociedade, entregam-se ao deboche com furor, e praticam entre elas o tribadismo ou o amor lésbico”.

Para Walton, “esta característica de estimulação sexual é uma das mais notórias na mente popular”. Cita êsse autor várias referências encontradas na literatura, umas favoráveis e outras desfavoráveis à idéia de que a maconha possa provocar efeitos afrodisíacos.

No quadro dos *sinais objetivos* tal qual tem sido descrito pelos autores, há fatos interessantes a destacar. Dominando êsse quadro, estão os fenômenos decorrentes de alterações nos setores do sistema nervoso autônomo que, como sempre, apresenta reações de natureza anfótropa, com repercussões tanto para o lado do orto-simpático, como do para-simpático. Dos fenômenos mais comumente citados pelos autores, destacam-se a midríase e a sensação de secura da bôca. Esta última é de tal forma constante e intensa que em dois pacientes observados por Lucena e aos quais foi previamente injetado 1 cg. de pilorcarpina, 3 e 4 cigarros de maconha “determinaram a cessação gradual da sialorréia passando os observados a se queixarem de secura da bôca”.

O pulso é também constantemente modificado, acelerando-se desde o início da ação da maconha, podendo, segundo a observação de Lucena, retardar-se em fase mais avançada.

A respiração, a diurese, a temperatura, a glicemia, podem apresentar modificações que variam com o grau da intoxicação e as condições individuais do paciente.

Um fenômeno por demais curioso e que tem sido referido por vários autores é a sensação de fome experimentada pelos que fazem uso da diamba. Kaempfen faz referência à “fome canina” observada sob a influência do haxixe. Procurando interpretar a provável razão dêste fenômeno, Segura Millan dosou a glicemia em intoxicados pela *marihuana*, sem observar a hipoglicemia esperada. Antes, pelo contrário, em alguns casos foi constatada hiperglicemia.

As pesquisas *anátomo-patológicas* praticadas em cadáveres de invertebrados tomadores de haxixe nada revelaram de particular, segundo se depreende das citações feitas por Walton.

Modos de usar a maconha — A maconha é usada fumando-se, bebendo-se, comendo-se, mascando-se ou aspirando-se, como rapé. Experimentalmente tem sido administrada por meio de fricções sobre a pele ou de injeções percutânea, subcutânea e intravenosa. Sob a forma de cigarro ou em cachimbos é, porém, como a maconha é mais geralmente usada, principalmente no Brasil. Peralta, a quem se deve um interessante trabalho de divulgação sobre o haxixe e seus derivados, informa o seguinte: “O Ganja e o Charas, êste último muito mais caro, fumam-se na Índia em cachimbos de água, geralmente misturados com tabaco. Êstes cachimbos, que muitas vezes ostentam as formas mais curiosas, são de latão, porcelana, marfim, bambu e outras substâncias, devendo-se notar que, na realidade, não existem cachimbos especiais para haxixe, pois êste pode ser fumado em qualquer cachimbo comum”. Nos mercados existem estabelecimentos que tem prontos para uso imediato os cachimbos de haxixe (os chamados “Hukas”), dos quais o viciado mediante pagamento, pode tirar algumas cachimbas”.

Entre nós, no Brasil, o cachimbo e o cigarro constituem as formas mais comumente usadas entre os viciados na maconha. Referindo-se ao cachimbo, adianta ainda Iglésias: “Há uma cabaceira que produz uma pequena cabaça, da capacidade mais ou menos de um litro, cuja forma se presta muito para transformá-la num cachimbo. Tem um corpo quase esférico, havendo um es-

trangulamento para o lado em que se fixa o pedúnculo que corresponde ao canudo do cachimbo.

No polo da parte esférica abre-se um buraco do diâmetro de alguns centímetros onde se adapta uma panelinha de barro em forma de cone truncado com a base para cima, por onde se introduz a diamba; no fundo há um buraco. Na extremidade, onde há o sinal do pedúnculo, abre-se um pequeno orifício. A cabaça é cheia de água até encontrar o cano da panelinha em que está a diamba. Põe-se uma braza na panelinha cheia de diamba e chupa-se pelo orifício. A fumaça atravessa a água e vai à boca do fumante”.

Dória descreve outras formas de cachimbo usadas no norte do Brasil, entre os quais um feito com garrafas. “Ao cachimbo com o dispositivo da garrafa, diz esse autor, dão, na gíria dos fumantes (Aracajú), o nome de *Maricas*. Os mais refinados no vício, fazem no tubo do cachimbo, na parte que fica fora da garrafa ou da cabaça, um pequeno furo para se desprender um pouco da fumaça que não foi lavada, e provocar espirros, irritando a pituitária e constituindo isto um epifenômeno poético do vício. O *Maricas* é companheiro inseparável dos canoeiros e barceiros. É também apreciado entre eles o borborinho que, ao atravessar, a água produz a fumaça sorvida em profundos e esforçados tragos”.

As manifestações alucinatórias provocadas pela maconha variam conforme a índole e as tendências de cada indivíduo. Quando tomada ou fumada em conjunto, sujeito cada um às influências dos outros, sob chistes e galhofas dos demais, estimulados e espicaçados, integrados enfim no ambiente já por si só favorável à libertação dos instintos, tornam-se os intoxicados ainda mais eufóricos, mais inquietos, mais loquazes, mais expansivos, por vezes mais violentos. Há assim entre os viciados a convicção de que a diamba precisa ser usada em sociedade. Já fizemos antes referência ao “Clube dos Hachichins” entre cujos associados se encontravam os literatos Teófilo Gautier e Baudelaire, o médico Moreau de Tours, o pintor Boisdenier e outros. Reuniam-se todos no Hotel Pimondan, situado na ilha de São Luís, no Sena, em Paris, dentro pois do célebre *Quartier Latin*. Tais reuniões, segundo a declaração de Gautier, constituíam um meio pelo qual poderiam os associados fugir do ambiente burguês”, em que viviam.

A tendência para o uso da maconha em sociedade é também observada no Brasil. Transcrevemos de Iglésias os seguintes trechos por demais curioso e ilustrativos à respeito do assunto. Aludindo aos Clubes de Diambistas, diz êle:

“Os fumantes reúnem-se, de preferência, na casa do mais velho, ou do que, por qualquer circunstância, exerce influência sobre eles, formando uma espécie de clube, onde, geralmente, aos sábados celebram as suas sessões.

Colocam-se em tórno de uma mesa e começam a sugar as primeiras baforadas de fumaça da *Cannabis indica*.

Depois de alguns minutos, os efeitos começam a se fazer sentir.

O indivíduo apresenta os olhos vermelhos. Os músculos da face se contraem. Dando ao rosto expressão de alegria ou dor; a embriaguez não tarda e com ela o cortejo dos seus vassallos: o delírio aparece, à princípio, agradável dando um bem-estar, trazendo à mente coisas agradáveis, vai se aumentando, aumentando até a loucura furiosa que toma diversas modalidades segundo o temperamento de cada indivíduo.

Uns ficam em estado de coma em completa prostração; outros dão para cantar, correr, gritar, outros ficam furiosos, querem agredir, tornam-se perigosos.

Os fumadores depois de “curtirem” a embriaguez, voltam ao estado normal. Isto no comêço do vício. Quando o indivíduo é um diambista habitual,

mesmo depois da embriaguez, tem aspectos e modos de idiota; é um homem à margem.

Vamos assistir uma sessão num clube de diambista, no vale do Mea-
rim, próximo de Pedreiras, no Estado do Maranhão: os fumadores estão, uns
em volta de uma mesa, outros deitados em suas rêdes.

As primeiras fumaçadas, os olhos se injetam de sangue; os primeiros sin-
tomas de perturbação mental se manifestam. Alguns ditos chistosos, umas
gargalhadas, indicam que o pessoal começa a embriagar-se e versos toscos e
desconcertados saem por entre baforadas de diamba:

“Ó diamba, sarabamba!
Quando eu fumo a diamba
Fico com a cabeça tonta
E com as minhas pernas zamba.

Fica zamba? (pergunta um)
Dizô! dizô! (respondem todos em côro)

Diamba matô Jacinto,
Por ser um bão fumadô;
Sentença de mão cortada,
P'ra quem Jacinto matô.

Matô mano, matô?
Dizô, dizô!

E dizô turututú,
Bicho feio é caititú,
Fui na mata de Recurso
E saí do Quiçandu
Muió brigô cum marido,
Móde um pouco de bijú

Brigô, mano, brigô?
Dizô, dizô!

Dizô, cabra ou cabrito,
Na casa da tia Chica
Tem carne não tem farinha
Quando não é a tia Chica
Então é a tia Rosa.
Quanto mais véia mais sebosa,
Quanto mais nova mais cherosa.

Cherosa, mano cherosa?
Dizô, dizô!

Dizô, deve ser um têrmo africano que traduz a idéia de aprovação —
sim.

É interessante notar, como apesar de tantos anos que nos separam da
escravatura, ainda acompanham o vício da diamba, têrmos vindos com êles
das costas africanas.

Talvez o nosso matuto empregue o têrmo sem lhe conhecer a significa-
ção. Perguntamos a um assistente desta sessão, o que queria dizer “dizô” e
êle nos respondeu textualmente: “Dizô” é *sutaque* de gente doida!!!

Os versos que são recitados sem acompanhamento de instrumento musi-
cal, são ditos pelos mais fortes, mais resistentes, à ação embriagadora da
diamba; quanto aos mais fracos, depois de uma cachimbada caem no chão em
estado de coma: “êles se disgraçam logo”, segundo a gíria”.

Lucena faz também referência ao “hábito de fumar em comum” e cita
o que se passa neste sentido no México onde o vício da marihuana é por de-
mais generalizado. Diz êle o seguinte.

“Em outros locais, é em obediência a ritos religiosos que o cânhamo se consome em comum. Assim no México o seu uso obedece a um cerimonial minucioso. Os fumadores constituem sociedades secretas. Reunidos em círculo, deitados sobre esteiras, preparam grossos charutos. Cada fumador aspira sua baforada e passa o charuto adiante ao mesmo tempo que transmite ao vizinho a fumaça narcótica juntando as bôcas. Assim por diante até completar para cada um a décima terceira baforada. No centro do círculo é colocado um iguano e os presentes enquanto fumam entoam uma curiosa melopéia que celebra as propriedades da marihuana. Quase ao terminar as últimas baforadas o iguano cai intoxicado; os assistentes sabem que chegou o momento de parar de fumar; se prosseguirem podem sobrevir acidentes. A direção para a qual se volta a cauda do animal intoxicado é interpretada como indicando os que deverão falecer próximamente, etc.”.

*
* * *

Uma particularidade das mais curiosas relacionadas com o problema da maconha é a convicção reinante entre o povo de que a planta feminina é mais ativa do que a masculina. Rodrigues Dória refere que “Quando a planta atinge certo desenvolvimento e tende a se ramificar, procedem ao processo de *capação*, que consiste em cortar o ôlho ou o rebento terminal, para provocar o desenvolvimento de olhos laterais e, portanto, produzir maior ramificação, à semelhança do que fazem os cultivadores da nicotina. Essa operação, efetuada no segundo mês da vegetação, não deve ser feita em presença de mulheres, que não podem tocar o vegetal, principalmente em ocasião das regras, pois faz *machear* a planta, isto é, esta produzirá inflorescências masculinas, que são as menos apreciadas. Essa lenda a respeito da mulher menstruada é bem velha e já Plínio, o Antigo, dizia que tão violenta era a toxicidade do sangue menstrual que o seu contato, ou mesmo o seu vapor, podia azedar o vinho, tornar estéreis as sementes, queimar as plantas novas, matar os enxertos, secar os frutos, e diversas coisas mais. Durante a operação feita sobre o fumo d’Angola, o operador deve ter o cuidado de não dizer obscenidades, nem assoviar, o que comumente fazem os lavradores durante o trabalho do campo, porque dar-se-iam os mesmos resultados que a aproximação ou o contato de uma mulher durante o catamênio”.

A questão da maior ou menor atividade conforme a planta é masculina ou feminina, tem dado motivo a discussões entre os autores. Para muitos dos que se têm preocupado com o tema em estudo, a planta feminina seria mais ativa e conteria uma maior quantidade de resina. Bouquet, por exemplo, é dos que mais têm estudado o assunto e conclui pela maior atividade da planta feminina. Cushman, Munch, Dewey e Hamilton, todavia, não observaram o mesmo, concluindo por admitirem uma atividade semelhante nas duas variedades.

A questão do tempo ótimo de colheita tem igualmente merecido particular atenção, admitindo-se que a atividade descreve com a frutificação, aconselhando-se portanto a coleta das inflorescências antes do aparecimento dos frutos. Houghton e Hamilton, entretanto, encontraram a mesma atividade no cânhamo indiano antes ou depois da frutificação.

Conquanto as inflorescências sejam mais procuradas e reputadas do que as fôlhas, chegando Walton, a afirmar que “as sumidades floridas contêm uma maior proporção de óleo ativo volátil do que as fôlhas”, tanto aquelas como estas são correntemente empregadas. Peralta adianta neste particular que “para a preparação das diversas qualidades de haxixe se utilizam antes de tudo as fôlhas de implantação alta, os talos e a resina que é eliminada por algumas partes da inflorescência”.

Durante quanto tempo pode a maconha colhida reter sua atividade? Esta é outra questão sôbre a qual não são acordes os autores. Prain acredita que, após um ano, a droga perde 3/4 de sua atividade, desaparecendo esta totalmente depois de dois anos. Para Dixon, se a droga é mantida em condições apropriadas, ao abrigo do ar e da luz, por exemplo, sua atividade é muito duradoura, chegando mesmo a afirmar que amostras de cânhamo indiano conservado durante 20 anos mostraram-se tão ativas como se fôsem frescas. Hamilton acredita que a perda da atividade não é tão rápida como se pensa, tendo êle constatado que amostras de cânhamo conservadas há 14 anos ainda apresentavam 70% de atividade comparadas com a preparação padrão. Se se consideram certas preparações, como a resina e os extratos, observa-se que a duração da atividade é igualmente longa.

DISSEMINAÇÃO DO VÍCIO PELO MUNDO

Se a maconha entrou a fazer parte do arsenal terapêutico nas imediações de 1840, seu uso como depressor do sistema nervoso central era conhecido dos antigos, mesmo antes da era cristã. Na verdade, já no século VIII, A.C. os assírios se referiam a essa planta, designando-a pelos nomes de "Kunubuée e "Kunabu". No livro "Avesta", aparecido no Irã, provavelmente no século VII, A.C., os persas já citavam os efeitos deprimentes das fôlhas e das sementes do cânhamo. No entanto, foi entre 484 e 425 A.C. que apareceram os primeiros dados sôbre a embriaguez provocada pelo *cannabis*, conforme a descreveu Heródoto quando se reportou aos banhos de vapor usados pelos escitas tomam sômente os grãos, encerram-se em suas tendas de feltro e lançam os grãos sôbre pedras candentes. Quando caem nestas pedras, os grãos queimam-se e esparzem um vapor que não pode comparar-se ao de nenhum banho heleno de vapor. Pois bem, os escitas choram de alegria por êste vapor que lhes serve de banho, pois jamais se banham em água".

Depois desta referência, registra a literatura uma citação ainda mais diretamente relacionada com a medicina, tal qual a encontramos no trabalho médico de Dioscórides de quem vários autores transcrevem trechos descritivos da maconha e seus efeitos e que primeiro publicou uma ilustração representativa da planta em questão. Essa gravura, hoje clássica na literatura médica, é a que se vê também aqui reproduzida. O trabalho de Dioscórides, um manuscrito conservado, atualmente, na Biblioteca Nacional de Viena, apareceu no decorrer do primeiro século, D.C.

Marques Miranda, em sua excelente monografia sôbre "Gases Anestésicos", diz "os chineses conheciam também certos recursos para os mesmos fins. Usavam beladona, belenho, papoula; e o célebre Hoatho utilizava o cânhamo indiano como anestésico. Fazia o paciente inalar o fumo da combustão dessas fôlhas e assim operava".

Muitas outras citações se encontram na bibliografia relacionada com o assunto, tôdas tendentes a demonstrar o conhecimento remotíssimo de que eram os povos possuidores, sôbre as virudes analgésicas, narcóticas, afrodisíacas e alucinatórias da maconha.

A disseminação do uso da maconha pelo mundo inteiro não se deve, todavia, às propriedades terapêuticas da droga, mas ao vício que ela provoca. Tal vício é, como dissemos antes, o mais difundido muito mais do que o de qualquer outra droga conhecida, até mesmo o ópio. Se não, vejamos:

ÍNDIA — Tão generalizado se tornou o uso da maconha na Índia, que o próprio nome científico da planta, conforme encontramos correntemente na literatura, admite uma espécie de cânhamo peculiar àquele país — *Cannabis indica*. Já vimos, contudo, não haver razão nenhuma para isso, visto como

o gênero *cannabis* só comporta uma espécie — *sativa* — representativa de tôdas as variedades cultivadas nas diversas regiões da terra.

Na Índia, a maconha é usada de três modos diversos: fumando-se, ingerindo-se ou mascando-se. Sob o nome de *ganja*, usam os indianos as sumidades floridas da planta ricas da substância resinosa que das mesmas exsuda. Esta é a forma mais usada quando a droga é fumada. A resina separada e preparada sob a forma de pequenos bolos recebe o nome de *charas*. O primitivo modo de se coletar a resina é particularmente interessante: os homens vestidos com capas de couro, atravessam repetidas vêzes os campos de cânhamo, esfregando-se propositadamente nas plantas para que a resina se deposite à superfície de suas vestimentas. Estas são depois raspadas e a substância resinosa recolhida é manipulada sob a forma de pequenas bolas. O nome *bhang* é reservado às fôlhas secas, às quais, algumas vêzes, se ajuntam as sumidades floridas. Chopra em seu livro sobre "Plantas indígenas da Índia", refere-se ao uso particular de cada uma dessas três formas nas diversas províncias da Índia, sendo que "nas Províncias Unidas *ganja*, *charas* e *ebhang* são tôdas largamente usadas".

Irelando diz que na Índia, tanto os indús ricos, como os pobres, gostam de usar êste narcótico sendo comum ver-se nos jardins públicos e nas margens dos rios, grupos de nativos fumando cachimbos com maconha, que êles fazem circular passando de um para outro até não mais poderem fumar pela ação narcótica da droga.

Em alguns atos religiosos o *bhang* se faz necessário, conforme a citação de Watt.

Informações relativamente recentes publicadas por Walton referem-se ao uso da maconha, sob qualquer de suas formas, em vários países, particularmente no Iraque, na Palestina, na Pérsia, na Turquia, na Rússia, etc. Na Grécia vimos atrás, o testemunho de Papavassiliou e Liberato de quem reproduzimos ainda o seguinte trecho:

"O haxixe, na Grécia, é fumado geralmente de mistura com o tabaco, seja em cigarros, seja em cachimbos, seja no *narguilé* *. A Grécia é o grande centro fornecedor de haxixe para o Egito". No norte da África, desde o Egito ao Marrocos, o consumo do haxixe é geral e intenso, apesar da proibição e das severas penas infligidas ao contraventores. Tão rendoso se mostrou o comércio do haxixe no Egito que aí se fundou um "Sindicato do Haxixe" detentor virtual do monopólio dêste comércio e ao qual pertenciam proeminentes banqueiros do Cairo. Semelhantes organizações são também conhecidas na Tunísia. Na Algéria e no Marrocos o vício não é menos disseminado. A literatura é rica de citações demonstrativas da existência do maconhismo tanto na África Central, principalmente nas Possesões Equatoriais Francesas, como na África do Sul. Segundo o testemunho de Peter Kolbe, em 1742, os holandeses mantiham plantações de cânhamo para uso exclusivo dos nativos. Na possessão inglêsa da União Africana, nada menos de 4.000 pessoas foram detidas em 1928 por comerciarem illicitamente com maconha.

Quanto ao continente americano, podemos dizer que aqui como alhures, o uso da maconha é igualmente generalizado. Chile, Panamá, Costa Rica, Cuba, México, Argentina, etc. são países nos quais o vício tem sido registrado e combatido. Relativamente aos Estados Unidos, vejamos o que informa Anslinger, Comissário de Narcóticos do govêrno americano, em seu relatório oficial para 1936.

* O *narguilé* é um frasco com água através do qual passam os vapores que se evolvem da planta queimada e que são aspirados pelos fumantes. É o conhecido cachimbo turco.

“O rápido desenvolvimento, diz êle, particularmente durante 1935 e 1936, refere um tráfico generalizado do *cannabis* ou marihuana, como é mais geralmente conhecido nos Estados Unidos, é considerado com mais cuidado pelo *Bureau* de Narcóticos. Dez anos antes havia um pequeno tráfico desta droga, exceto em algumas partes do Sudoeste. A situação é especialmente alarmante e perigosa devido ao abuso desta droga que está sendo levada como um novo vício a grupos que até agora não estavam contaminados pelo vício. Um total de 31 Estados relatou a apreensão de quantidades variáveis da droga e a destruição de áreas consideráveis de cultura da planta”.

Walton de quem descrevemos êsse trecho, diz ainda:

“A senhora Elizabeth Bass, supervisora do *Bureau* Federal de Narcóticos para o distrito que compreende Indiana, Illinois e Wiscosin, relatou que a ameaça do vício de fumar marihuana em sua área, que era extenso quando ela assumiu seu cargo quatro anos antes, tem crescido rapidamente. Em seu relatório oficial para 1937 diz ela que as multas nesse ano atingiram quatro vêzes o total de 1936. A senhora Bass considera a marihuana como o maior problema agora enfrentado pelas autoridades de narcóticos”.

A disseminação do vício nos Estados Unidos tem se intensificado de tal maneira nestes últimos anos que passou a constituir uma séria ameaça à organização social norte-americana. A lado das medidas de repressão exercidas pelas autoridades federais e estaduais, outras de caráter propagandístico e educativo têm sido postas em prática, principalmente com o intuito de esclarecer a população universitária, na qual a toxicomania está encontrando um elevado número de adeptos. Recentemente a cinematografia americana confeccionou um filme cujo motivo gira justamente em tôrno ao vício da marihuana. Em uma revista leiga norte-americana encontramos detalhada e ilustrada apreciação sôbre êsse filme que recebeu o sugestivo título “Diga a seus filhos” e que, tanto quanto sabemos, não foi ainda exibido no Brasil. Essa mesma revista publica ainda outras fotografias de indivíduos de ambos os sexos que se entregavam ao vício e ao comércio da maconha e que foram detidos pela polícia. Vemos, assim, como o vício se alastra nos Estados Unidos. Já em 1928, Terry e Pellens em relatório apresentado ao *Bureau* de Higiene, em Nova York, sôbre “O Problema do Ópio”, diziam: “Mais recentemente, um outro grupo de drogas tem sido considerado pelas leis anti-narcóticas em vários Estados. Este grupo inclui o gênero *Cannabis sativa* que compreende as duas espécies *Cannabis indica* e *Cannabis americana*. Sem levar em conta o lapso dos autores quando denominam de espécies ao que, em verdade, não passa de variedades, constata-se, todavia, que o vício da maconha nos Estados Unidos já de há muito vem preocupando as autoridades e que, mau grado a campanha e as represálias adotadas pelos governos, a sua disseminação se tem intensificado com o decorrer do tempo. Não é sem razão, pois, que a Comissão Nacional de Entorpecentes no Brasil está presentemente empenhada numa campanha de repressão a êsse vício que, no momento atual, encontra ambiente favorável à sua difusão, principalmente em algumas cidades do litoral onde freqüentemente aparecem e atuam os viciados e mercadores do tóxico.

Estas poucas e concisas citações dizem bem da situação atual do problema do maconhismo nos Estados Unidos.

Vejamos a situação no Brasil. Sôbre o que se passa em nosso país, já dissemos antes que o vício se espalha principalmente nos Estados do norte, entre Bahia e Maranhão. Em um interessante e oportuno trabalho publicado sôbre a “Campanha contra o uso da maconha no norte do Brasil”, aparecido recentemente e da autoria do Dr. Roberval Cordeiro de Farias, Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina, e Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, encontramos alguns dados sôbre o estado atual do vício, entre os quais destacamos os seguintes: O autor repor-

tando-se ao seu relatório apresentado em princípios de 1942, disse ter chegado “à conclusão de se achar muito descurado, por parte das autoridades sanitárias, o serviço de fiscalização do uso da maconha nos Estados do norte, onde esta planta é nativa e largamente usada pela classe baixa de sua população”. “Pelas impressões colhidas na sua inspeção achou o Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina constituírem os Estados do Maranhão e Piauí, ao norte e no vale de São Francisco, Alagoas e Sergipe, os principais focos de onde se irradiam para as regiões circunvizinhas o vício da maconha e o contrabando desta droga para o sul e para o estrangeiro.

Na Bahia e em Pernambuco observa-se um certo número de fumadores, parecendo provir a diamba dos Estados vizinhos, pois nêles não se encontram quase culturas desta planta”.

A denominação de “fumo d’Angola” é, para alguns autores, a prova evidente de que o vício do maconhismo foi trazido pelos negros importados da África com escravos. Na verdade, Bentley adianta que “esta planta é igualmente conhecida sob o nome de *liamba*, na África Ocidental, onde é empregada para fins intoxicantes sob os nomes de *maconia*, ou *makiah*. “Conseqüentemente, diz Rodrigues Dória, o fato de ser o vegetal largamente usado êles abundavam, a paridade dos nomes que aqui sofreu ligeira modificação, mudança apenas de uma letra — maconha, liamba ou riamba, — e o apelido do fumo d’Angola, indicam bem a sua importação africana”.

São ainda de Rodrigues Dória as seguintes informações que coincidem com as prestadas por outros autores.

“É principalmente no norte do Brasil onde se acha o vício de fumar a maconha mais espalhado, produzindo estragos individuais, e dando por vêzes lugar a graves conseqüências criminosas. Nessa parte do país, primeiramente se desenvolveu a lavoura da cana de açúcar, e foi grande a importação de escravos que, mais tarde, com o aumento grandemente remunerador do plantio do café, nas províncias de São Paulo e Rio de Janeiro, eram vendidos para o sul. Os índios amansados aprenderam a usar da maconha, vício a que se entregam com paixão, como fazem a outros vícios, como o do álcool, tornando-se hábito inveterado. Fumam também os mestiços, e é nas camadas mais baixas que predomina o seu uso, pouco ou quase não conhecido na parte mais educada e civilizada da sociedade brasileira”.

Lucena a quem se deve uma boa parte da literatura nacional sôbre o maconhismo no Brasil, dá também o seu testemunho quanto à divulgação do vício entre nós.

“A incidência da narcomania em nosso país se faz quase exclusivamente em alguns Estados do nordeste e do norte. Alagoas e Sergipe são os principais focos. Na vizinhança de Penedo a planta cresce espontaneamente e em Maceió, na *Levada*, existem verdadeiras plantações regulares. É que a venda da maconha constitui gênero de exploração lucrativa”. “Em Pernambuco, se a liamba se mostra facilmente aclimatável, a sua proliferação espontânea no entanto só raramente é registrada. É por essa razão que os nossos fumadores se vão abastecer nos Estados limítrofes. O tráfico se opera, apesar da vigilância policial, graças às comunicações ferroviárias e às barcas que fazem pequena cabotagem entre os portos de Pernambuco e dos Estados vizinhos”.

“Talvez porque a planta seja dificilmente encontrada em Pernambuco, os seus consumidores são mais numerosos na Capital. Pelo menos foi no Recife que foram encontrados todos os casos observados. Mas no interior de Alagoas e Sergipe a distribuição geográfica da toxicomania se superpõe exatamente às zonas de distribuição do vegetal. É verdade que também a zona rural em Pernambuco não está e nem poderia estar indene e já ouvimos referir o seu emprêgo em engenhos vizinhos do Recife”.

A existência do vício no Rio de Janeiro se patenteia através de um laudo da autoria do Dr. Aluísio da Câmara sobre a alegação de toxicomania (maconha) por indivíduo processado como vendedor dessa substância entorpecente. Dêsse laudo extraímos os seguintes trechos bastante elucidativos da tese em questão:

“O paciente deu entrada calmo e assim se manteve durante sua permanência no Manicômio Judiciário. Revelou-se bem orientado sob o ponto de vista autopsíquico e regularmente em relação ao tempo, meio e lugar. Responde sem relutância ao que se lhe pergunta, submetendo-se ao exame com docilidade e boa vontade. Não deixou transparecer idéias delirantes, nem tampouco distúrbios psico-sensoriais no curso da observação a que foi submetido. Associa regularmente as idéias, exprimindo o seu pensamento em linguagem simples e de modo coerente. Está ao par de sua situação legal, referindo com simplicidade os fatos que determinaram a sua prisão. A êsse respeito, conta que, aproximadamente em outubro de 1938, veio a travar conhecimento, na Saúde, (*bairro*) com alguns indivíduos que faziam ponto nas imediações do Instituto do Café e se entregavam ao uso da maconha. Dêsse convívio resultou o desejo de provar o tóxico, fumando os primeiros cigarros que lhe foram oferecidos por um dos companheiros, experimentando, após, estranha sensação de euforia e acentuada disposição para andar, para movimentar-se. Desde então, passou a procurar um dos referidos indivíduos, que atendia pela alcunha de “Papada” e de quem adquiria cartuchos de maconha, ao preço de 2\$000 cada um, com os quais fabricava cigarros para seu uso. Em 24 de janeiro do corrente ano, quando passava pela Avenida Gomes Freire, trazendo em seu poder certa quantidade de maconha, foi prêso e conseqüentemente processado, dando entrada na Casa de Detenção, em 25 do referido mês. Segundo depoimentos de testemunhas ouvidas no processo, o paciente, ao ser prêso, apresentava sinais de intoxicação, adiantando uma delas que Custódio “encontrava-se completamente embriagado”, outra que “estava caído, parecendo achar-se tonto”, referindo ainda uma terceira que o acusado estava “meio tonto”.

Cumpra assinalar que o paciente, conforme suas próprias declarações aos peritos, *não sentiu*, com o seu encarceramento, os *efeitos da privação brusca da maconha*, mesmo porque dela não se utilizava diariamente, uma vez que nem sempre possuía dinheiro para adquirir o tóxico. No Manicômio Judiciário não revelou êle nenhum sinal de intoxicação ligada ao uso de entorpecentes. Do ponto de vista intelectual, Custódio deixa transparecer, além de precária faculdade de raciocínio, pobreza de imaginação, deficiências essas que melhor se patenteiam frente aos testes adequados. O seu comportamento tem sido bom, mostrando-se obediente às normas disciplinares do estabelecimento e ajudando de bom grado em serviços de limpeza do edifício ou em outros que lhe sejam distribuídos”.

Do Piauí, recebemos alguns informes sobre a extensão do vício nesse Estado bem como fotografias de fumadores de maconha.

Quase que inteiramente desconhecido o vício da maconha nos Estados sulinos, recentemente a imprensa registrou o seu aparecimento na cidade de Santos, conforme se depreende das seguintes notícias aqui transcritas em parte:

“Tendo conhecimento de que marujos estrangeiros vinham procurando a planta nos meios santistas, onde, infelizmente, alguns indivíduos se entregavam ao comércio dêsse entorpecente, sucedâneo, como dissemos da “coca” e do ópio, a Polícia Marítima pôs em campo diversos agentes, os quais conseguiram prender em flagrante João Ramos de Oliveira, morador à Rua São Francisco n.º 371. A sua porta parara um carro. Aproveitando semelhante circunstância os agentes procuraram deter os respectivos ocupantes. Astutos, porém, os passageiros do carro, deram ordens ao motorista para os

pôr a salvo, o que aconteceu. João Ramos de Oliveira foi detido e em seu poder encontrado 10 quilos de "Maconha". Soube-se assim que os passageiros do auto em questão eram velhos viciados. Posteriormente, uma diligência levada a efeito na residência de J. R. Oliveira apresentou resultado animador para a campanha, por isso que a polícia apreendeu mais de 20 quilos da planta. Interrogado, João Ramos disse que recebia a "Maconha" de parente domiciliado em Alagoas, acrescentando que o negócio deixava boa margem de renda, visto como os viciados pagavam os preços exorbitantes exigidos.

A polícia prendeu mais os seguintes indivíduos, vendedores do tóxico: Sílvio Ferreira, Adjaniro Barata Aleixo, vulgo "Pará", Ariovaldo Sant'Ana, Ernesto Cândido e José Luís Carlos de Sousa. As diligências prosseguirão para completo domínio do vício e prisão de fornecedores, que serão processados com aquêles".

"Maconha" a planta nordestina que provoca sonolência e sonhos miríficos, tem dado trabalho à polícia de outros Estados onde o número de viciados aumenta num crescendo espantoso. E ontem, ante a surpresa da reportagem acreditada no Gabinete de Investigações, surgiu na Delegacia de Costumes, o primeiro caso de "maconha" em São Paulo! Em face de incidente à porta de hotel, dêsse famigerados hotéis que a polícia deverá fechar dentro em breve, o subchefe Joaquim Gentil deteve e apresentou ao Dr. Hernani Ferreira Braga dois jovens residentes em Santos, um dêles menor de 18 anos. Seu companheiro — que declarou chamar-se Jorge de Barros Michelini — tipo moreno, envergando elegante costume cinza — tinha nos bolsos estranha carteira de cigarros... entorpecentes! Interrogado pelo titular da Delegacia de Costumes, o moço moreno afirmou haver comprado essas carteiras de cigarro de um estivador, em Santos, e que se dedica a êsse criminoso comércio. Os cigarros, segundo esclareceu, são feitos de "maconha" e tem, na cidade *praiana, grande aceitação...*

No fim do ano passado (1943) dirigi-me aos Interventores do Norte solicitando informações sôbre a situação atual do vício pela maconha em seus respectivos Estados. Atenderam ao meu pedido os Interventores do Espírito Santo, de Sergipe, da Paraíba, do Ceará e do Piauí, não se tendo pronunciado os da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Maranhão. Do inquérito feito constatou-se que o vício não tem sido registrado nos Estados do Espírito Santo, da Paraíba e do Ceará. De Sergipe e do Piauí, todavia, chegaram-me informações pelas quais se constata a existência do vício nesses Estados, sem contudo, a extensão e a gravidade que se supunham.

Deixo aqui consignados os meus agradecimentos aos Excelentíssimos Senhores Interventores que se dignaram responder ao meu pedido.

ESTUDO EXPERIMENTAL

Este capítulo se destina ao registro dos resultados por nós obtidos em algumas séries de experiências levadas a efeito com a maconha e destinadas, principalmente, a demonstrar sua possível *atividade farmacodinâmica*. A maconha por nós utilizada nos foi enviada por amigos que a obtiveram nos Estados do Maranhão e de Pernambuco. A maconha proveniente do Maranhão nos chegou às mãos acondicionada sob a forma de pequenos maços constituídos de sumidades floridas e fôlhas. Embora sêcas e bem conservadas, apresentavam coloração esverdeada. O material pernambucano era de aspecto semelhante ao descrito por Rodrigues Dória, sendo de planta cortida. Esta se apresenta sêca, de côr castanho-escura, empelotada, de aparência muito diversa da primeira.

A do Maranhão, algum tempo depois de recebida, foi posta na estufa a 60° C durante 24 horas, grosseiramente triturada e conservada então em

vidro escuro durante cerca de 2 anos até a época das experiências agora relatadas. A maconha de Pernambuco foi conservada tal qual a recebemos, em latas fechadas, ao abrigo também da luz, portanto.

Dissemos atrás que várias séries de experiências foram por nós realizadas. Na verdade, elas compreendem *provas físicas, químicas e biológicas* e entre estas últimas realizadas com o homem.

Vejamos, então, o que nos foi dado observar com a maconha.

Provas físicas — Conforme foi dito no capítulo anterior, Khouri, falando dos raios ultravioletas, afirma que um fragmento inteiro de haxixe (sumidades floridas dissecadas), de côr *chamois terne*, adquire uma luminescência de um *brun* brilhante passando ao acaju quando se o expõe à ação desses raios. O material por nós utilizado, submetido à ação dos raios ultravioleta fornecidos pela lâmpada Wood não revelou qualquer luminescência em ambas as amostras examinadas. O mesmo não sucedeu, entretanto, com os extratos por nós preparados. Enquanto que a tintura alcoólica a 10% apresentou bela e intensa fluorescência avermelhada, a resina obtida por destilação a seco e dissolvida em acetona ou éter de petróleo, apresentou belíssima fluorescência azul-claro, opalescente. A resina, evaporados os solventes, apresentou fluorescência violácea.

A falta de fluorescência na planta dissecada talvez se explique pela menor porcentagem de resina presente na variedade brasileira.

Exame microscópico — Para a identificação da maconha, o exame microscópico pode ser de grande valia. Na opinião de Papavassiliou e Liberato “êste método de pesquisa seria ideal se as amostras recolhidas pela polícia e levadas ao perito contivesse sempre os restos vegetais do cânhamo”. Para êsses autores “ a presença dos pêlos glandulíferos do cânhamo indiano é inconstestavelmente o elemento mais característico do haxixe em uma substância”.

Bamford registra como aspectos botânicos de importância diagnóstica os seguintes:

- 1) Glândulas secretoras de resina das quais uma são sésseis e outras suportadas por pendúnculos multicelulares;
- 2) Pêlos cistolíticos curtos cuja forma lembra uma retorta;
- 3) Pêlos delgados e longos, vermiformes.

Na figura reproduzida por Peralta de um trabalho de Planchon Collin, aparecem bem esquematizadas as formações descritas por Bamford e na figura por nós obtida de um corte transversal de fôlha de maconha, vêem-se claramente um pêlo cistolítico na face superior e um pêlo longo na face inferior. Segundo Reuter, os pêlos cistolíticos contêm ordinariamente em sua base dilatada uma massa composta de carbonato de cálcio. O pêlo cistolítico é visto com a forma de retorta ainda mais característica.

Quanto às formações glandulares nas quais se encontra a resina, por serem geralmente sésseis, se desprendem da superfície das fôlhas e são, por isso mesmo, de mais difícil observação, principalmente em cortes obtidos com material já dissecado, como foi o nosso.

Provas químicas — Nesta série de experiências fizemos a extração da resina adotando para isso um método que muito se aproxima do que é seguido pelos fumantes de maconha. O material original é colocado em uma retorta de vidro *Pyrex* apoiada sobre uma tripeça e repousando em uma tela de amianto. Por uma abertura superior obliterada por uma rôlha passa um tubo de vidro que mergulha até o fundo do bôjo. O bico da retorta é pôsto em comunicação com uma série de 3 frascos de Wolf, o último dos quais é ligado a uma trompa de vácuo. Os frascos de Wolf continham: o primeiro, uma solução de HCL a 1 e 2%; o segundo, acetona e o terceiro, éter de pe-

tróleo. Em outras experiências essa ordem foi modificada, passando o HCL para o fim e ficando em primeiro lugar, ora acetona ora o éter de petróleo.

Aceso o bico de Busen e feita funcionar a trompa d'água, regulável o vácuo pelo jacto da torneira, os vapores que logo se despreendem do material queimado começam a borbulhar através dos três líquidos, sendo que o primeiro dos solventes orgânicos (acetona ou éter) vai adquirindo uma coloração castanho-avermelhada, ao passo que o segundo fica colorido de amarelo citrino. A solução de HCL torna-se turva com ligeira côr ferruginosa. Pela parede interna da retorta escorre um óleo escuro e grosso e no bico, no ponto de junção com o tubo lateral do frasco de Wolf, se acumula um pouco d'água de mistura com óleo destilado.

Terminada a destilação, retira-se da retorta um resíduo composto de cinzas, pesando cêrca de 40% do material original. Evaporados os solventes orgânicos à temperatura do laboratório, obtêm-se um óleo avermelhado de cheiro forte e desagradável. Êste, levado à estufa a 60° por 24 horas, deixa um resíduo resinoso, escuro, de aspecto semelhante ao do pixe, rendendo cêrca de 7%.

A solução de HCL, filtrada, foi submetida a várias provas com reativos gerais de alcalóides, dando os seguintes resultados:

- a) com solução de cloreto de mercúrio: reação positiva;
- b) com reativo de Wagner: reação fortemente positiva;
- c) com reativo de Mayer: reação positiva.

Da solução ácida (2%), retiramos uma amostra antes da destilação para a verificação do pH a fim de compararmos com a mesma solução após a passagem dos gases obtidos na destilação a sêco. Como a reação era demasiadamente ácida, juntamos a 20 c.c. da solução 1 c.c. de NaOH a 10%, o mesmo fazendo com a amostra da solução após a destilação. Os resultados foram os seguintes:

Antes da destilação: pH igual a 1,4.

Depois da destilação: pH igual a 4,6.

Para a verificação do pH usamos o método colorimétrico e os resultados observados indicam claramente a presença de substâncias alcalinas no produto da destilação a sêco da maconha.

Tais resultados fazem entrever a possível presença de um ou mais alcalóides, voláteis, confirmando assim os achados de outros investigadores sôbre os quais fizemos referência no capítulo anterior. A solução de HCL, exposta também aos raios da lâmpada de Wood, demonstrou fluorescência violácea, opalescente.

Prova de Beam — Vimos anteriormente que, dos meios químicos recomendados para a caracterização da maconha, o de maior reputação é a prova de Beam. Esta prova é oficialmente adotada tanto pelo Bureau Federal de Investigação, como pelo Bureau Federal de Narcóticos, nos Estados Unidos. A prova de Beam, sôbre a qual já tratamos antes, é praticada do seguinte modo: extrair a droga com éter de petróleo; evaporar êste e tratar o resíduo com potassa alcoólica (5%) ou com ácido clorídrico (20%). Segundo os autores, há o aparecimento de uma coloração roxa ou vermelho-arroxeadá.

A prova de Beam foi praticada por nós com resíduo do extrato etéreo obtido da planta, bem como com o resíduo da solução da resina com éter de petróleo. Os resultados foram os seguintes:

Com HCL alcoólico: o resíduo da planta dá uma coloração avermelhada, ao passo que o resíduo da resina dá uma reação negativa.

Com potassa alcoólica: o resíduo da planta dá uma coloração azul-índigo e o resíduo da resina dá reação negativa.

Bouquet propôs uma ligeira modificação à prova de Beam, consistindo ela em juntar à mistura final um pouco de álcool amílico que retém a fração corada característica. Repetimos a prova de Bouquet do seguinte modo:

O resíduo resinoso foi triturado em um grau com Koh, juntando-se depois 5 cc. de álcool etílico; misturado e filtrado; obtido um líquido castanho-avermelhado. A 1 cc. deste líquido juntaram-se 9 cc. de água destilada o que tornou a solução opalescente. Ao todo adicionou-se 1 cc. de álcool amílico e agitou-se. Decantado, separou-se a camada amílica, em cima, corada de castanho-avermelhado.

Outra porção da resina foi dissolvida em 8 cc. de álcool etílico com 2 cc. de HCL concentrado. A mistura deu logo uma coloração verde-azulada, passando ao azul. Filtrada, perdeu a tonalidade azul e passando ao verde-garrafa. Do filtrado tomou-se 1 cc. que se dissolveu em 9 cc. de água destilada (opalescência), juntando-se então 1 cc. de álcool amílico. Agitado e decantado, separou-se a camada amílica corada em verde-garrafa.

Em nossas experiências não constatamos nenhuma vantagem na modificação proposta por Bouquet à prova de Beam. O álcool amílico apenas separa a fração corada sem melhorar ou facilitar a interpretação da reação.

Duquénis e Mustapha descrevem uma outra reação já citada anteriormente e que foi também repetida por nós. O reativo se compõe do seguinte:

Vanilina pura	0,40 grs.
Aldeído acético	0,06 grs. (cêrca de 4 gôtas)
Álcool a 95°	20 cc.

Esgotar a droga, a frio, pelo éter de petróleo. Filtrar, evaporar em banho-maria e sobre o resíduo, ainda morno, juntar 2 cc. do reativo. Agitar e, após dissolução, adicionar 2 cc. de HCL concentrado. Bela coloração verde que passa ao cinzento, depois ao violeta que se intensifica com o tempo (1 hora). Assim descrevem os autores as diversas fases de sua reação. Repetimos a rareação de Duquénis e Mustapha com extratos alcoólicos e acetônico da planta, bem como a resina extraída pelo método já descrito.

Resultados: os extratos da planta demonstraram imediatamente a coloração verde intensa e realmente bela, passando rapidamente ao azul e depois ao roxo. A resina deu uma bela coloração vermelho-cereja que passou ao roxo e finalmente ao cinzento.

Como é fácil de se depreender dos resultados obtidos com as provas químicas realizadas, não parece existir uma reação verdadeiramente característica para a maconha e seus derivados. Khouri refere ainda que a solução acetônica de haxixe "que apresenta uma fluorescência esverdeada aos R. U. V. dá com o Reativo de Beam um resultado negativo". Pode-se concluir então que, muito embora se possam obter reações coradas com as diversas preparações de maconha, as colorações variam em qualidade e intensidade conforme a procedência do material examinado e o seu modo de preparação.

Meios biológicos — Dos meios biológicos capazes de fornecer indicações de valor para a identificação da maconha, o mais simples é o proposto por Gayer. Este autor observou que a maconha (ou seus princípios ativos) quando injetada sob a forma de extrato acetônico na veia marginal da orelha no coelho, provoca anestesia da córnea. A sensibilidade da córnea é experimentada por meio de um pêlo montado em um suporte. O pêlo usado por Gayer é dos conhecidos pelo nome de "pêlos de von Frey". Walton e Keller que usaram com sucesso a prova de Gayer, dizem ter empregado pêlos que se dobravam com uma pressão de 30 a 50 miligramas.

Ordinariamente o coelho responde por piscamento reflexo ao toque da córnea com a ponta livre do pêlo. Em uma série de 20 toques, há geralmente 16 respostas positivas. Doses moderadas da droga fazem diminuir o número de respostas positivas, enquanto que doses mais elevadas são capazes de levar à anestesia mais profunda, culminando mesmo no desaparecimento total da sensibilidade. Provas realizadas exclusivamente com o solvente (acetona) mostraram-se inteiramente negativas.

Repetimos a prova de Gayer com extrato acetônico da maconha, preparado como determina a Farmacopéia Brasileira para a obtenção do extrato fluído, substituindo apenas o álcool pela acetona. Desta forma, 1 cc. do extrato por nós usado correspondia a 1 grama da planta.

Nossa experiência com a prova de Gayer confirmou o que tem sido relatado pelos autores, que da mesma fizeram também uso.

O pêlo por nós usado foi obtido da cauda do cavalo. Experimentada sua resistência com uma balança de torsão, constatamos que o mesmo se dobrava com uma pressão equivalente a 200 miligramas. Um pêlo representado por uma cerda do bigode do próprio coelho, dobrando-se com uma pressão correspondente a 40 miligramas quando experimentado, não provocou a resposta de piscamento reflexo no coelho normal, concluindo-se então que a pressão por êle exercida não era um estímulo suficientemente forte para excitar a córnea. Passamos, por isso, a usar o primeiro com o qual realizamos tôdas as experiências desta série.

Tais resultados indicam que a nossa maconha, embora ativa, tem uma potência inferior à da variedade norte-americana, revelando, como esta, o efeito característico de depressão da sensibilidade da córnea do coelho.

Nenhuma das doses experimentadas no coelho foi capaz de provocar qualquer outro sintoma objetivo apreciável.

*
* *

Outra prova largamente usada e, como dissemos antes, já mesmo utilizada para a padronização da maconha, é a que se baseia na incoordenação motora no cão. É a prova de Dixon.

Em nossas experiências com êste método, administramos aos cães o extrato fluído alcoólico da planta, obtido de acôrdo com as regras da Farmacopéia Brasileira, a 1 centímetro cúbico do qual corresponde 1 grama da planta (sumidades floridas e fôlhas). O extrato fluído era administrado em cápsulas gelatinosas de Parke Davis facilmente deglutidas pelo animal. Êste, deixado em jejum durante 12 horas pelo menos, era especialmente escolhido para a prova, dando-se preferência a animais de pêso médio e de índole dócil, capazes de permitir as manobras necessárias à administração da droga e a observação de suas atitudes.

Ainda aqui, nossas observações revelaram a ação característica da droga, embora esta se tivesse mostrado menos potente do que a usada pelos autores norte-americanos. Doses de 0,4 a 0,6 de centímetro cúbico por quilo do animal não demoraram qualquer atividade. A dose de 1 centímetro cúbico por quilo, entretanto, provocou os efeitos característicos. Sob a ação desta dose, os animais apresentam, de 1½ a 2 horas depois da administração, movimentos laterais da cabeça, bem como do quadril. Com a intensificação dos efeitos, o animal dificilmente se mantém de pé. Cauda caída, olhos brilhantes, responde aos chamados, cessando os movimentos característicos da incoordenação. Alguns animais vomitaram algum tempo depois, voltando todos à normalidade cêrca de 4 horas após a administração da droga.

*
* *

Dentre os fenômenos objetivos observados sob a ação da maconha e referidos por diversos autores, destacam-se os que se passam na esfera de influência do sistema nervoso autônomo. Reações vaso-motoras; modificações da secreção salivar; variações no diâmetro pupilar; modificações na frequência cardíaca e outras mais têm sido destacadas pelos autores.

Stringaris, em seu excelente estudo sobre o vício pelo haxixe, diz que esta droga "age como forte estimulante sobre a atividade glandular. Lacrimejamento, diarréias e também poluções são suas conseqüências imediatas".

Tais reações, todavia, se incluem geralmente, no quadro sintomático da intoxicação humana podendo, assim, traduzir até certo ponto modificações impostas pela psique alterada nos viciados, pela emotividade dos pacientes submetidos às provas farmacológicas e outras condições que podem mascarar ou desvirtuar a verdadeira e direta influência da droga em estudo.

Esta possibilidade nos sugeriu a idéia de pesquisar no animal algumas das reações atribuídas à maconha.

Dentre os efeitos provocados pela maconha e a que mais se têm referido os autores, destacam-se as alterações para o lado do pulso. De um modo geral, são acordes os autores em afirmar que o pulso logo se acelera podendo alcançar cifras bem mais elevadas que a normal. Lucena observou, entretanto, que com a continuação da prova, observa-se em fase mais avançada da intoxicação um retardo nítido da frequência cardíaca. A explicação dada por êsse autor ao seu achado não nos parece convincente. Acredita Lucena que a aceleração do pulso no início da prova seja uma expressão de hipovagotonia, dizendo mesmo que "o bloqueio do vago se obtém com doses mínimas, quando os pacientes estão sob a ação da diamba". O autor se refere a doses de atropina administradas previamente para a exploração do sistema nervoso autônomo. Quanto ao retardamento do pulso, acredita Lucena traduzir uma reação hiposimpaticotônica.

Vejamos nossas observações.

Para as experiências desta série usamos cães anestesiados pela morfina e sonifeno. Registramos as variações da pressão sanguínea, do pulso e da respiração, bem como exploramos a *excitabilidade elétrica do vago*. Do que nos foi dado observar, concluímos o seguinte:

1.º) Doses consecutivas de extrato acetônico de maconha administradas endovenosamente não abolem nem diminuem a excitabilidade do vago. A excitação elétrica da extremidade periférica do vago direito, por meio de corrente induzida, provocou sempre o retardamento característico do pulso, traduzindo uma depressão da frequência cardíaca.

2.º) Tôdas as doses administradas em tôdas as experiências realizadas em cães com os vagos intactos, determinaram um retardamento do pulso com aumento concomitante da amplitude dos batimentos cardíacos. Tais reações são indicativas de uma provável ação vagal sem precisarem todavia o sítio de ação da droga. Investigando a natureza íntima do fenômeno, chegamos à conclusão de que a maconha age centralmente no núcleo do vago, tanto assim que a seção do tronco vagal ao nível do pescoço no momento em que se processam as reações referidas, traz como conseqüência a aceleração rápida do pulso e a elevação imediata da pressão sanguínea.

Parece-nos, assim, que a verdadeira ação da maconha determina um *retardamento do pulso*, não por diminuição da simpaticotonia, como pensa Lucena, mas por uma hiperparasimpaticotonia. A *taquicardia inicial* observada pelos autores deve correr por conta das reações emotivas provocadas pelas experiências, não traduzindo um efeito farmacológico da droga. Aliás, encontramos no trabalho de Walton a asserção de que "na maioria das experiências ordinárias, a frequência do pulso é aumentada como seria de esperar-se devido ao grau de excitação mental".

O registro concomitante da respiração e da pressão sanguínea, pelo método adotado em nossas experiências, revelou um outro fato digno de nota. Conquanto a maconha, nas doses empregadas, não determine variações de monta no ritmo e na frequência respiratória, doses consecutivas do tóxico provocando um certo grau de saturação no sangue, são capazes de provocar a morte do animal, detendo-se primeiramente a respiração e posteriormente a circulação.

*
* *

Experiências no homem — Nossas experiências desta série, duas apenas, vão incluídas com o propósito de completar a primeira parte do estudo condensado no presente trabalho. O ardor dos lábios e da língua, a secura da boca, a sensação de constrição na garganta, a náusea e a tosse experimentados pelos pacientes, impedem a continuação da prova além de um certo limite, impossibilitando atingir-se o grau de intoxicação necessária à provocação de qualquer fenômeno alucinatório. Isto não invalida absolutamente o depoimento de outros observadores e investigadores que registraram alucinações no quadro sintomático da droga em questão.

São as seguintes as nossas observações:

G. G., Médico, 31 anos.

Acendeu o primeiro cigarro às 15 h. e 11 minutos. Queixou-se de salivação às 15 h. e 26 minutos, sendo que 7 minutos depois passou a notar secura na boca, parecendo-lhe, todavia que, embora secas algumas partes da boca, as glândulas sublinguais continuavam a secretar. Dissociação, portanto, na função secretória das glândulas salivares.

As 15 h. e 37 minutos, acende o segundo cigarro, acusando forte secura na boca e na garganta 8 minutos depois nada mais acusando até o final deste segundo cigarro.

J. C. 55 anos. Nenhuma instrução. — Este paciente ignorava totalmente os possíveis efeitos da droga em estudo. Acendeu o primeiro cigarro às 14 h. e 50 minutos e o segundo às 15 h. e 10 minutos. Conversa naturalmente sem demonstrar qualquer efeito apreciável até que ao fumar o terceiro cigarro começa a queixar-se de ligeiro ardor nos lábios e na ponta da língua, bem como secura na boca. A secura aumenta consideravelmente no final do terceiro cigarro. Conversa naturalmente. Ao acender o quarto cigarro às 15 h. e 55 minutos, acha graça, rindo-se um pouco em demasia, pelo fato de descobrir que a fumaça do cigarro deixa um sarro castanho sobre a unha. Continua a conversar sem demonstrar qualquer perturbação mental, terminando o quarto e último cigarro às 16 h. e 20 minutos.

A irritação sentida nos lábios e na ponta da língua se estende à garganta o que provoca acessos de tosse e por vezes ânsia de vômito. Este paciente relatou no dia seguinte que durante à noite "sentiu o estômago muito embrulhado" e que algum tempo depois da experiência começou a sentir uma fome incomum, tendo de comer alguns pastéis antes mesmo do jantar.

Este mesmo paciente, em outra sessão, 3 a 4 dias depois, fumou mais 4 cigarros com a maconha de procedência maranhense, demonstrando idênticos fenômenos. A irritação nos lábios e na garganta, foi, contudo, mais acentuada, informando êle que durante a noite teve vômitos esverdeados, o que concorda com a observação contida no trabalho de Walton.

COMENTÁRIOS

No início de nossa exposição sobre a maconha, tivemos ocasião de citar o conceito emitido por Todd para quem, de tôdas as drogas comumente provocadoras de vício, essa é a menos conhecida do ponto de vista científico. O resultado a que chegaram Spivey e Easterfield quando isolaram da resina da maconha o produto *canabinol* cuja estrutura química foi depois estabelecida por Cahn, parecia ter resolvido o problema do constituinte ativo da planta. Usando, porém, o método de Gayer, constataram Work, Bergel e Todd que o *canabinol* era um produto farmacologicamente inativo, conseguindo, entretanto, obter uma fração livre de *canabinol*, extraordinária-

mente ativa na dose de 0,05 mgm. por quilo de animal. Verificaram ainda êsses autores que a prova de Beam era negativa tanto para o *canabinol*, como para a fração ativa por êles isolada. Ao fracasso do *canabinol*, juntava-se assim o fracasso da prova de Beam.

Outro fato igualmente desconcertante veio aumentar ainda mais a confusão reinante em tôrno ao problema: a substância *canabidiol* isolada contemporaneamente por Adams e seus colaboradores do óleo vermelho obtido da maconha norte-americana e por Todd e seus colaboradores que trabalharam com a droga proveniente da Índia e do Egito, tal substância, apesar de dar uma reação fortemente positiva com a prova de Beam, *mostrou-se farmacologicamente inativa*.

A essas duas substâncias isoladas da maconha — *canabinol* e *canabidiol* — juntou-se posteriormente uma terceira — *canabol* — isolada por Jacob e Todd e que demonstrou não passar de um isômero do *canabidiol*.

Tais progressos no estudo químico, nenhum avanço trouxeram para a solução da questão relacionada com a atividade farmacológica. “Nenhum dos compostos naturais, *canabinol*, *canabidiol* e *canabol*, disse Todd, é responsável pelas propriedades narcóticas das drogas canábicas”.

Pittenger em um interessante estudo comparativo entre o conteúdo resinoso da planta e sua atividade farmacológica nas variedades índica, africana e norte-americana, mostrou que nenhuma relação existe entre os dois fenômenos — o químico e o fisiológico. Assim, amostras com elevado teor em resina demonstraram baixa potência fisiológica, bem como outras com baixa percentagem em resina se mostravam bastante ativas. Tais resultados levaram Pittenger à conclusão de que “há uma notável variação na atividade de diferentes amostras da mesma variedade”. Considerando a grande discrepância entre os resultados químicos e os fisiológicos, diz êle que isto “prova a ilusão da primitiva prática habitual de padronização de preparações de *cannabis* de acôrdo com o seu conteúdo resinoso”.

Sôbre a variabilidade na potência fisiológica constatada em diferentes amostras da mesma variedade botânica, diz Wood que o “extrato de maconha é uma droga muito pouco satisfatória pelo fato de que 1/8 de grão de um extrato produzirá decidida intoxicação e muitos grãos podem ser tomados de um outro extrato que tanto física como quimicamente não se distingue do primeiro”.

Alles e colaboradores, examinaram a atividade fisiológica de várias amostras, usando as provas de Gayer e de Dixon, e concluíram que o princípio ativo responsável pela anestesia da córnea do coelho é provavelmente diverso do responsável pela incoordenação no cão, visto como algumas amostras se revelaram inativas para o coelho e francamente ativas para o cão.

As observações de Pittenger e de Wood mostram a necessidade da avaliação biológica. Se o exame microscópico da droga pode, em certos casos, fornecer dados suficientes para a identificação da maconha, somente os meios biológicos são capazes de revelar a verdadeira potência fisiológica da mesma. E dentre êsses devemos ressaltar a prova de Gayer e a incoordenação motora no cão cujos resultados são ainda mais dignos de confiança do que as experiências realizadas com o homem. Neste, intervêm geralmente fenômenos de natureza subjetiva que, por vêzes, marcaram as verdadeiras reações provocadas pela droga. Basta recordar o fato muito significativo de que as reações psíquicas observadas no homem são muito mais facilmente obtidas quando o fumante de maconha “queima” a planta em sociedade ou em grupo, do que quando a usa sozinho ou isolado. É claro que o ambiente propício, contaminando a todos, prepara a mente do indivíduo para as manifestações expansivas de alegria e loquacidade, estados êstes a que os autores aludem com freqüência, emprestando-lhes um valor farmacológico que na

realidade não merecem. Lucena que, entre nós, apresenta maior número de dados colhidos com experiências no homem, tendo êle mesmo procurado sentir os efeitos da diamba, cita o caso em que os pacientes chegaram a fumar 6 a 8 cigarros de 1 grama cada, sem observar um estado verdadeiramente alucinatório, como aconteceu nas suas observações ns. 6, 7 e 8, contidas em seu primeiro trabalho sôbre o assunto. Abordando mais particularmente o fenômeno alucinatório, Lucena, em artigo posterior admite a possibilidade da maconha provocar alucinações, citando a observação de um paciente que após fazer uso de 3 cigarros de maconha, apresentou fenômenos pseudoperceptivos que o autor enquadra no complexo alucinatório. "Essas pseudopercepções assumiram um caráter alucinatório, embora fugaz", esclarece o autor. Admitindo, embora, a possibilidade do fenômeno, diz êle ainda: "Nunca tivemos ocasião de observar alucinações verdadeiras da vista, do ouvido, do gôsto, do olfato, etc., fatos êsses que foram, contudo, verificados por numerosos e insuspeitos autores". Do que nos foi dado concluir pela leitura dos trabalhos compulsados e por nossa própria experiência com a maconha, somos inclinados a admitir *que esta planta ou seus princípios ativos sejam capazes de provocar verdadeiros estados alucinatórios, porém, sòmente quando o grau de intoxicação é elevado demais, alcançando níveis jamais atingidos na experimentação científica. As histórias fantásticas narradas pelos autores que fizeram uso do haxixe revelam claramente que mais ativa do que a droga era a própria mente dos narradores. E a lenda que há séculos povoa a imaginação doentia dos predestinados fazendo-os acreditar principalmente em sonhos eróticos, em maior potência sexual, em lîbido mais prolongado e outras reações ligadas à esfera sexual, vem mantendo a fama atribuída à maconha como planta capaz de propiciar o prazer. E daí o largo consumo, cada vez maior e mais generalizado, que a maconha vem tendo, particularmente nos meios de cultura mais baixa. A invasão pelo vício dos centros universitários nos Estados Unidos é um sinal alarmante da mentalidade atual de nossa juventude trabalhada malêvolamente pelas forças destruidoras que insidiosamente vão minando as reservas morais das nações. Se foi para a marihuana que se voltaram as preferências dos débeis mentais, acreditamos que o fator principal desta inclinação tenha sido exclusivamente o econômico. Muitas outras drogas existem capazes de induzir euforia e embriaguez mais facilmente do que a maconha. O álcool, sob quaisquer de suas formas, está sempre pronto para levar o indivíduo ao paraíso dos prazeres e dos sonhos. As libações que na antiguidade precediam ou acompanhavam as cerimônias pagãs e religiosas, os banquetes e os festins durante os quais as bebidas e as mulheres tinham sempre papel de destaque, sempre se fizeram à custa do álcool obtido de múltiplas maneiras. *Libamina prima*, era a palavra de ordem dos sacerdotes romanos na hora dos sacrifícios. *A diamba é porém menos dispendiosa do que o álcool*. E, se agora a humanidade doentia ou sofredora se volta, no Oriente, para o haxixe, no Ocidente para a marihuana e no Brasil para a maconha, não é certamente pelas virtudes peculiares ao *cannabis*, mas pelo *delírio das emoções novas* atrás das quais muitas vêzes podemos encontrar, trabalhando soturnamente, o instinto preponderante do sexo.*

Pablo Osvaldo Wolff, da Argentina, que se tem destacado *no estudo dos venenos sociais*, emitiu a seguinte opinião sôbre o assunto de que tratamos: "*A marihuana dá fundamento e alicerce a idéias e ilusões que já estão preformadas no cérebro, porém, não cria outras novas*".

A maconha, em doses tóxicas, abolindo a influência dos mecanismos naturais de contrôle, principalmente o de auto crítica, deixa em liberdade as taras, as paixões e os *instintos, êsses perigosos e importunos demônios* que habitam o nosso subconsciente e que respondem pelas atitudes e pelo comportamento dos intoxicados. A fantasmagoria relatada pelos fumantes da

maconha, tal qual tem sido descrita pelos autores é, pois, o produto *da própria mente* do indivíduo já previamente preparada pela doença ou pelas taras e que no estado carente de inibições, desenfreada e liberta, passa a ver e a sentir êsse mundo maravilhoso de belezas e de paixões, de amor e de ódio, que povoa a imaginação anormal dos alucinados.

Nossos estudos sôbre a maconha prosseguirão.

CONCLUSÕES

Maconha ou diamba, são os nomes pelos quais o cânhamo (*Cannabis sativa* L.) é mais conhecido no Brasil entre os que se entregam ao vício de fumar essa planta.

A maconha cultivada no Brasil, nos Estados setentrionais, possui as mesmas propriedades farmacológicas evidenciadas nas variedades indica e norte-americana, isto do ponto de vista qualitativo, parecendo, porém inferiores quantitativamente.

Os extratos de maconha, acetônico e alcoólico, demonstraram efeitos positivos quando experimentados no coelho (prova de Gayer), produzindo neste animal a característica anestesia da córnea e no cão, no qual provoca ataxia motora quando administrados nas doses adequadas.

Os resultados das provas biológicas são reforçados pelas provas químicas e físicas que evidenciaram no material examinado as características encontradas pelos autores que trabalharam com amostras de maconha e produtos derivados de procedência indiana ou norte-americana.

AS TOXICOMANIAS DE APÓS-GUERRA

DR. R. CORDEIRO DE FARIAS

Rio de Janeiro

É ocorrência banal e já observada desde a segunda metade do século XIX, haver durante as guerras e nos primeiros tempos que a elas se seguem uma grande tendência para o incremento das toxicomanias.

Foi o que se verificou por ocasião da guerra civil americana, em que o uso dos preparados de ópio se disseminou de tal forma entre os soldados e na população dos Estados Unidos, chegando a toxicomania a ser denominada "doença do exército", dada a sua origem.

Fato idêntico se registrou após as guerras da Criméia e franco-prussiana e como consequência da guerra mundial de 1914, quando o uso da morfina, heroína e cocaína se generalizou largamente em diversos países da Europa, nos Estados Unidos e em vários países da América Central e Sul-americana, flagelo este do qual não foi poupado o Brasil, que durante alguns anos teve de enfrentar a toxicomania como um grave problema social, que ameaçava se disseminar entre a nossa gente.

Não admira, portanto, que todos os países, que desde o após-guerra de 1918 vêm combatendo as toxicomanias, estejam alertas e alarmados com a possibilidade do aumento dos viciados pelos entorpecentes, que fatalmente não de surgir nos dias de inquietação social que ora vivemos, perigo este evidente por fatos já do conhecimento das autoridades incumbidas da fiscalização das preparações à base de ópio, cocaína e cannabis, esta vulgarmente conhecida como maconha e diamba entre nós, marihuana na América Central e nos Estados Unidos e *haschich*, no sul da Europa e dos povos orientais.

Os Estados Unidos, pela sua situação econômica, têm sido uma das maiores vítimas dos traficantes de entorpecentes e por isto, desde o início da campanha internacional instituída contra o uso abusivo de tais substâncias, há 40 anos, vêm se batendo pela única medida capaz de chegar a um resultado prático, representada pela limitação da produção dos entorpecentes nas suas fontes de origem.

Para alcançar este elevado objetivo, coerente com o seu ponto de vista, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a 1.º de julho de 1944 a lei Judd (The Judd Resolution — H. J. Res. 241 — Public law 400 — 78th Congress. Chapter 363 2a. Session), segundo a qual o governo norte-americano evitará todos os esforços junto aos países cultivadores da papoula para que entrem êles num acôrdo internacional, a fim de se controlar e limitar o seu plantio e de se restringir a produção do ópio e dos seus derivados às quantidades exclusivamente necessárias para atender as finalidades médicas e científicas do mundo.

Foi dado conhecimento desta resolução aos governos da Inglaterra (por causa da Índia e Burma), Iran, Afghanistan, Rússia, Turquia, Yugoslávia, China e México.

O momento é dos mais propícios para uma campanha desta natureza, em virtude da ameaça do aumento da toxicomania que paira sobre todos os

países do mundo, dada a enorme superprodução do ópio ora existente e que trará como consequência o aumento do número dos viciados.

Trata-se de problema, porém, que não pode ser resolvido isoladamente por nenhum país.

Para limitar e controlar a cultura da papoula, a produção do ópio bruto e fiscalizar outras matérias-primas de manufatura de alcalóides do ópio e outros entorpecentes há necessidade de cooperação internacional entre os países produtores e consumidores, de trocas de pontos de vista e sugestões e de estabelecimento de uma convenção internacional da qual participem todos os países do mundo.

Só assim os objetivos da lei Judd poderão ser alcançados.

Os Estados Unidos, como o país mais visado pelos traficantes, estão vivamente interessados em que se reduza a superprodução das drogas entorpecentes, por ser esta a fonte do suprimento do tráfico ilícito para o mercado americano.

Em junho de 1944, havia nos Estados Unidos um total de 19.750 infratores da lei de entorpecentes, autuados no período do ano anterior, dos quais 1.744 estavam cumprindo sentença imposta pela legislação federal norte-americana que regula a matéria.

Devido à desorganização social decorrente da guerra e conseqüente relaxamento da fiscalização dos entorpecentes nas zonas ocupadas e de beligerância, a toxicomania deve ter aumentado e se generalizado grandemente em vários pontos do mundo.

As autoridades americanas têm conhecimento da existência de importantes estoques de drogas entorpecentes, mantidos em vários países por traficantes e que apenas aguardam oportunidade para encaminhá-los para a América o mais breve possível.

A produção anual de ópio durante a guerra foi estimada em cerca de 2.650 toneladas, ao passo que as necessidades médicas dessa droga, no após guerra, não devem ir além de 440 toneladas por ano.

O excedente, ou sejam 2.200 toneladas, será desviado para os viciados, por meio do tráfico ilícito.

A produção conhecida de ópio é de 660 toneladas no Iran; de 258 na Índia; de 1.100 na China ocupada; de 20 em Burma; de 38 em Chosen; de 18 no Japão e de ½ tonelada em Thailand.

Na Europa Central, houve durante a guerra uma grande fabricação de morfina, manufaturada diretamente da palha de papoula, que atingiu pelo menos a umas 7 toneladas, equivalentes a umas 60 de ópio.

Há promessas da Inglaterra e da Holanda, uma vez reorganizados os seus mandatos nas zonas do extremo Oriente ocupadas pelos japoneses, de proibirem o uso de se fumar ópio e de não se restabelecerem os monopólios de governo desta droga, sendo de esperar que o mesmo critério adotem as autoridades que vierem a ter jurisdição na Indochina, Macau e Kiwang-whow-wan.

Só esta providência importará na supressão anual de cerca de 400 toneladas de ópio.

O México, apesar de suas leis proibindo a produção de ópio, continua sendo uma fonte séria de contrabando desta droga para os Estados Unidos.

Da Índia proveio em 1944 a maior quantidade de ópio contrabandeado para os Estados Unidos à qual se seguiu o Iran, cuja produção isolada dá para abastecer tôdas as necessidades médicas do mundo.

A papoula é ainda cultivada na Alemanha, Argentina, Austrália, Chile, Dinamarca, Hungria, Holanda e Polônia, devendo suas produções ser também limitadas e controladas.

O Japão incrementou largamente a produção e o uso de ópio na Mandchúria, Chosen e em outras zonas ocupadas da China, disso se utilizando como “arma de guerra” para “pacificação” das populações dos territórios conquistados.

A fiscalização das zonas que estiverem sob ocupação japonesa, deverá ser feita com grande severidade para que delas não se estabeleça o tráfico ilícito do ópio, bem como para se extinguir o vício aí reinante.

A luta humanitária que vinha sendo sustentada com tenacidade pela China contra o vício dos entorpecentes, graças à qual grandes massas da população haviam sido reabilitadas, ficou totalmente anulada nas zonas controladas pelos japoneses. Não só os nativos viciados voltaram ao emprêgo das drogas como também novas gerações foram impelidas ao consumo tão prejudicial à saúde e à moral do povo.

A derrota da casta militarista nipônica já trouxe, é certo, muitas vantagens para o mundo. A destruição da indústria de entorpecentes do Japão é obra de histórica significação, que os povos democráticos com natural júbilo irão festejar.

Pela enumeração destes fatos não se pode desprezar a ameaça das atividades dos traficantes de entorpecentes, para a superprodução destas drogas, comprovadamente existentes.

Sem um contrôlê severo sôbre as mesmas, que deverá ser exercido por militares e por autoridades civis, haverá o grave perigo de seu lançamento no tráfico ilícito, estimulado pela aceitação que vai ter por grande número de viciados que se fizeram durante êstes longos anos de guerra.

O Comité Central Permanente do Ópio, nas suas reuniões de abril e maio de 1944, ressaltou a importância do restabelecimento, o mais cedo possível, de uma fiscalização completa e rigorosa sôbre as drogas entorpecentes nos países ocupados pelo inimigo durante a guerra.

Repetem a sua fundamentada advertência, referida em relatório anterior: “Já há indicações de que o traficante ilícito está em grande atividade. O sofredor da guerra não resistirá à tentação da oferta do entorpecente que lhe fôr feita e o traficante não deixará escapar a oportunidade”.

Com o contrôlê hoje existente em quase todos os países do mundo, sôbre o uso de entorpecentes, nos achamos muito mais aparelhados para fazer frente à disseminação das toxicomanias, do que no após-guerra de 1918.

Os países signatários das Convenções Internacionais do Contrôlê de Drogas Entorpecentes de 1912 e 1932 não poderão deixar de aplaudir integralmente a nova tentativa dos Estados Unidos, consubstanciada na lei Judd, para que o contrôlê internacional dos entorpecentes se estenda às fontes de produção, tendo sempre em mente a asserção dos mais entendidos na matéria, de que “ópio produzido, seja onde fôr, alcançará sempre o consumidor”.

Na campanha de restrição do uso dos entorpecentes às necessidades médicas e científicas pouco se alcançará, enquanto dêles houver superprodução e da qual irão se servir os traficantes junto aos toxicômanos, para satisfação e alimentação do seu vício.

As autoridades brasileiras encarregadas de combater a disseminação do uso dos entorpecentes na nossa população não têm descurado das suas atribuições.

Desde 1921 começou a se exercer no nosso país uma campanha sistemática e bem orientada, empenhando-se autoridades sanitárias e policiais em fazer uma repressão em conjunto, e os resultados desta cooperação vêm sendo os melhores possíveis.

O Brasil, signatário das conferências de Haia de 1912 e Genebra de 1922, tem timbrado em cumprir rigorosamente os compromissos assumidos para a repressão do uso do ópio e dos outros tóxicos estupefacientes.

Importamos entorpecentes em quantidades estritamente necessárias para atender às nossas necessidades médicas e científicas, como pode ser verificado nas Avaliações de Drogas Nocivas estabelecidas anualmente pela Comissão Central do Ópio, onde figuramos com quotas muito pequenas em relação às de outros países americanos, de população bem inferior à nossa.

A heroína, o mais traiçoeiro dos entorpecentes, foi cancelada da nossa importação, atendendo à justa solicitação da Sociedade das Nações.

A morfina vem sendo substituída pela codeína e dionina, muito menos nocivas, graças à campanha educativa exercida junto às classes médica e farmacêutica do nosso país.

A cocaína vai sendo também aos poucos retirada do uso clínico, e substituída por outros anestésicos que não estabelecem vício.

Com a criação da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, em 1936, subordinada ao Ministério das Relações Exteriores, as autoridades brasileiras passaram a manter contato mais regular com o Comité Central do Ópio da Liga das Nações.

Desde então começou o Brasil a exercer uma campanha sistemática sobre o uso dos entorpecentes, que hoje se realiza uniformemente em todo o território nacional, não só nas capitais e grandes cidades, como em todo o interior do país.

Da Comissão de Fiscalização de Entorpecentes fazem parte representantes dos Ministérios das Relações Exteriores, da Educação e Saúde, da Justiça, Fazenda, Trabalho, Agricultura, Marinha, Guerra, do Departamento Federal da Segurança Pública e da classe médica.

Com esta organização há na Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes elementos técnicos especializados de todos os setores que têm interferência no controle do uso e comércio destas substâncias.

A Comissão Nacional, como trabalho inicial, organizou uma consolidação das leis então existentes que fez com que o Brasil ficasse provido de uma legislação sobre entorpecentes que pode ser considerada, sem exagêro, como uma das mais completas e eficientes que existem atualmente.

Os pontos básicos da legislação brasileira são os seguintes:

1) Limitação da entrada de entorpecentes no território nacional pela Alfândega do Rio de Janeiro, o que permite um controle rigoroso sobre sua importação e distribuição pelo resto do país.

2) Exigências severas sobre os importadores de entorpecentes, do que decorre a limitação do seu número.

3) Controle sistemático sobre o receituário médico, que é feito em papel oficial, acompanhado de justificação do emprêgo do entorpecente, do que resulta o seu uso em doses reduzidas e só nos casos de formal indicação.

4) Internação obrigatória dos toxicômanos em estabelecimentos hospitalares, onde são tratados como doentes e não como delinquentes, medida esta que determinou rápida diminuição da toxicomania no Brasil, hoje praticamente inexistente no nosso território.

5) Fiscalização rigorosa, uniforme e generalizada, do comércio de entorpecentes em todo o território nacional.

Tôdas as medidas acima referidas, pleiteadas pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, foram integralmente alcançadas, sem maiores delongas, e consubstanciadas no Decreto-lei n.º 891, de 25 de novembro de 1938.

Munida desta legislação pôde a Comissão Nacional organizar as Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes das quais fazem parte representantes das autoridades sanitárias, federal e estadual, policial, da justiça e da classe médica.

Estas Comissões se reúnem mensalmente e são obrigadas a dar conta das suas atividades à Comissão Nacional, devendo fazer cumprir fielmente todos os dispositivos do Decreto n.º 891-38.

Graças a esta organização tem a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes conhecimento, através das Comissões Estaduais, de tôdas as ocorrências que dizem respeito ao uso e comércio de entorpecentes no território brasileiro.

O Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina do Departamento Nacional de Saúde é o órgão que orienta e fiscaliza o uso e comércio de entorpecentes em todo o território nacional.

Obedecendo à avaliação de drogas nocivas organizada anualmente pelo Comité Central do Ópio da Sociedade das Nações, o S.N.F.M. faz a sua distribuição pelos importadores habilitados, concedendo-lhes certificados de importação, que por intermédio da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes vão ter às mãos das autoridades dos países onde vai ser feita a importação e ao Comité Central do Ópio.

A medida das necessidades vai o Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina fornecendo aos importadores autorizações de importação, que lhes foi fornecido no certificado arquivado na Sociedade das Nações.

Do Rio de Janeiro faz-se então a distribuição dos entorpecentes para o resto do país, de acôrdo com as suas necessidades.

Nos Estados, o contrôle é feito por intermédio dos Departamentos Estaduais de Saúde, que possuem um Serviço de Fiscalização da Medicina, onde há um órgão especializado encarregado de fiscalizar o uso e comércio dos entorpecentes e de fazer cumprir rigorosamente os dispositivos do Decreto-lei n.º 891-38.

Este órgão mantém-se em contato direto com a Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes, fornecendo-lhes todos os elementos para o completo desempenho de suas atribuições.

O Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina recebe trimestralmente informações dos Departamentos Estaduais de Saúde sôbre o movimento do uso e comércio de tais substâncias, de sorte a poder remeter ao Comité Central do Ópio o mapa estatístico anual do consumo de entorpecentes havido no território brasileiro, além dos mapas estatísticos trimestrais que lhes são também enviados.

Graças a esta organização, que permite uma entrosagem perfeita do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina do Departamento Nacional de Saúde com os Serviços de Fiscalização da Medicina dos Departamentos Estaduais de Saúde e da Comissão Nacional com as Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes, todos obedecendo às determinações do Decreto-lei n.º 891, de 1938 e respectivos regulamentos, é possível exercer-se em todo o território brasileiro uma fiscalização uniforme sôbre o uso e comércio de entorpecentes.

As próprias fôrças armadas do país, que têm representantes junto à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, controlam o emprêgo dos estupefacientes no exército e na marinha de acôrdo com a legislação federal, seguindo o mesmo sistema de mapas estatísticos organizados pelos estabelecimentos comerciais e hospitais civis.

O problema do uso da maconha ou diamba, como é conhecida no Brasil a *Cannabis indica* — o hashih dos árabes ou marihuana da América Central

e dos Estados Unidos, está perfeitamente localizado e em vias de solução satisfatória.

Isto foi conseguido graças às medidas tomadas pelo Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, em cooperação com os Departamentos de Saúde e com as Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados, onde há cultura e uso mais disseminado da maconha ou diamba.

Os dois focos mais importantes de cultura e uso desta planta inebriante são constituídos pelos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, na região do São Francisco e, mais ao norte, pelos Estados do Piauí, Maranhão e Pará.

Medidas de repressão contra o uso e cultura da maconha foram tomadas oportunamente, conseguindo as autoridades sanitárias e policiais evitar sua disseminação e sobretudo impedir o comércio clandestino desta planta, que os traficantes começavam a intensificar, transportando-a para os centros onde se encontravam viciados e fumadores de maconha ou marihuana.

A cultura de plantas entorpecentes é proibida no Brasil pelo Decreto-lei n.º 891-38.

Tendo em vista, porém, as dificuldades sobrevindas na importação dessas substâncias de que necessitava o nosso país para fins terapêuticos e científicos, a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes estabeleceu uma série de medidas, cercadas de tôdas as garantias, que foram aprovadas pelo Governo e corporificadas no Decreto-lei n.º 4.720, de 21 de setembro de 1942, que permite a cultura de plantas estupefacientes no território nacional.

Com o restabelecimento gradativo, porém, da importação de entorpecentes, que foi ocorrendo nos três últimos anos da guerra, não se chegou a conceder autorização alguma para a cultura de ópio e outras plantas entorpecentes no nosso país.

Este procedimento foi de vantagem para a fiscalização do uso de tais substâncias no Brasil, dado o excesso de produção mundial do ópio existente nos nossos dias.

Não podia entretanto a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes deixar de tomar aquela medida de emergência, para se precaver de ficar privada da medicação entorpecente, no caso de prosseguir a guerra na situação em que se achava em 1941, quando a importação para o Brasil estava quase praticamente extinta.

Com a terminação da guerra mundial, continuaremos a fazer uso de entorpecentes importados, não havendo interesse de que o Brasil venha ser fabricante de tais produtos e muito menos cultivar as plantas donde são êles extraídos.

Dispõe atualmente o Brasil de um aparelhamento perfeito de fiscalização do comércio e uso de entorpecentes e de repressão ao seu uso abusivo.

Com a experiência de mais de dois decênios de aplicação de uma legislação que tem sofrido modificações à medida que se tornam necessárias, podem hoje as autoridades brasileiras exercer um contróle uniforme sôbre o uso dos entorpecentes em todo o território nacional.

Já conseguimos uma grande vitória, erradicando do nosso país as toxicomanias, que praticamente não existem mais no solo brasileiro, tão insignificante o número de toxicômanos que de quando em vez surgem, num ou noutro ponto do país e imediatamente submetidos a vigilância e tratamento obrigatório pelas autoridades sanitárias e policiais.

Preparados como se acham e cientes do incremento da toxicomania que surgirá no após-guerra esperam o Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, em coopera-

ção com os órgãos de que dispõe em todo o território brasileiro, poder enfrentar a avalanche de toxicômanos e os traficantes que tentarão disseminar o vício dos entorpecentes na nossa terra.

Basta que cada um de nós continue a cumprir as suas obrigações, fazendo com que sejam respeitados os dispositivos da nossa lei de entorpecentes.

As autoridades sanitárias, restringindo o uso de tais substâncias às necessidades estritas, reclamadas pela aplicação clínica, evitarão a formação de viciados pelo uso imoderado dos entorpecentes.

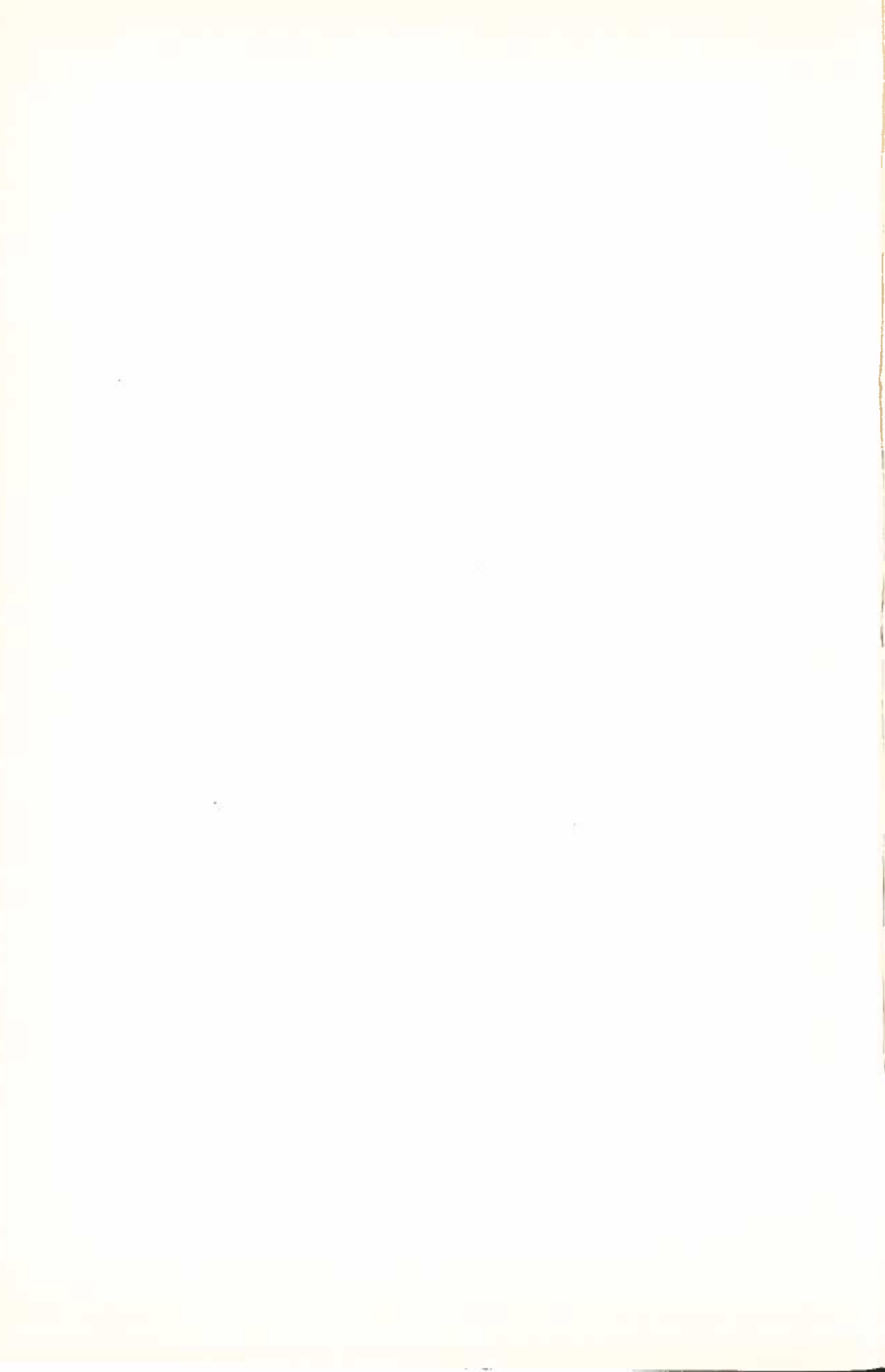
As autoridades policiais e aduaneiras, vigilantes contra os traficantes, evitarão o comércio ilícito destas drogas no nosso território.

As classes médica e farmacêutica, cômicas das suas responsabilidades, continuarão a nos prestar a sua inestimável cooperação, evitando a generalização do uso de entorpecentes, fator que seria acrescido às causas de degeneração de nossa raça.

O Brasil deve prestar apoio irrestrito à campanha reincidentada pelos Estados Unidos, pela qual vêm se batendo desde os primórdios da luta contra o uso ilícito dos entorpecentes.

Se as finalidades da resolução Judd forem alcançadas, será eliminada a superprodução de ópio, que em certos países é o ponto de partida para o tráfico ilícito e para alimentação das toxicomanias.

Só então poderá haver confiança de que finalmente se irá pôr um termo a este flagelo social, que tanto tem cooperado para a degradação da espécie humana.



ASPECTOS DO MACONHISMO EM SERGIPE

DR. GARCIA MORENO
Diretor do Serviço de Assistência a
Psicopatas de Sergipe

Originária da Ásia, onde floresce espontaneamente, nas montanhas além do lago Baikal, a maconha chegou ao Brasil no bôjo dos navios negreiros, como planta mágica, de gôzo e de evasão, em meio à bagagem cultural com que o africano saltou na colônia portuguesa. Quando outras provas não restassem da origem africana do maconhismo brasileiro, a sinonímia da *Cannabis sativa*, no vocabulário popular nordestino, vale como argumento incontestável, como verdadeiro registro civil do vício. Maconha é variante de maconia e makiak, que Bentley encontrou na África ocidental. Rohn aponta pango como voz angolense para traduzir cânhamo. Em quimbundo, segundo Renato Mendonça, riamba e liamba são equivalentes de cânhamo e de diamba. Cangonha é o mesmo que maconha, conforme ouviu Serpa Pinto aos macololos. Pungo, tantas vêzes pronunciado no nordeste em lugar de pango, é o nome de uma das seis províncias do Congo, na informação do velho Barleus.

Tantos nomes, de origem facilmente reconhecível, receberam na expressão "fumo de Angola" tradução e conceito que não nos deixam dúvida sobre a importação e aculturação do diambismo.

Jarbas Pernambucano surpreendeu, nos terreiros do Recife, a repulsa dos babalirixas contra a afirmação de que maconha é vício de negro. A expressão "fumo de caboclo", encontradiça em Pernambuco, registrada por Dória e por mim ainda verificada, entre os maconheiros de Sergipe, sugere a hipótese de que, como acontecia de referência aos aztecas, existisse na população indígena do Brasil, o hábito original da maconha. É possível que sim. Mais provável, porém, é que tenha sucedido com a expressão "fumo de caboclo" um razoável fenômeno psicológico de projeção defensiva.

Não somos nós, os brasileiros, "macaquitos", na gíria pejorativa dos nossos maiores compradores de bananas? Ante o sentido de inferiorização social, que, inegavelmente, o vício traduz, os decendentes do negro encontraram no ameríndio uma boa escapadela e uma excelente defesa para os seus ancestrais.

Acho que Jarbas, apelando para o fato de ser o índio mais imitador do que criador, está no caminho certo. O índio, que substituiu o uso de suas vinte e duas espécies de cauim pelo abuso da aguardente de cana — o cauim-tatá — como chamou, é provável se tenha dado, com exagêro, ao maconhismo freqüente, e batizado, como seu, um vício estranho. Mas, foi o negro africano o plantador da maconha e o implantador do maconhismo no Brasil.

No nordeste, nas terras de massapê, onde a monocultura açucareira lançou suas raízes absorventes e exclusivas, criando entre os homens e as coisas, uma distância de extremos — negros e brancos, senhores e escravos, casas grandes e senzalas — a maconha se opôs, diametralmente, ao fumo. Maconha para o negro escravo, tabaco para o senhor branco.

Gilberto Freire vai ao ponto de afirmar que a diamba assegurava a estabilidade dos senhores, nos períodos de ociosidade, quando na época da pêja, esfriava o fogo dos engenhos. Enquanto o branco enchia os dias vazios com os charutos cheirosos, o negro fumava para os sonhos e o torpor da maconha, que o senhor deixava plantar e crescer, em meio aos canaviais. Parece que os senhores das culturas de café ou da mineração, em São Paulo e Minas, não tinham a mesma tolerância para o hábito eurofísico de seus escravos, sujeitos a um regime de trabalho mais duro e contínuo. “Maconha em pito faz negro sem-vergonha” é um provérbio colhido em Minas Gerais, sem circulação nos engenhos do nordeste.



O vício da maconha em Sergipe, hoje como ontem, anda espalhado pelo Estado, apresentando-se com maior intensidade em zonas determinadas. Rodrigues Dória, sergipano, por sinal de uma cidade celebrada no folclore da planta, escreveu, a partir de observações colhidas em sua terra, uma monografia, que se tornou clássica no assunto, levada ao Congresso Pan-Americano de Medicina, reunido em Washington (1915). Para responder às dúvidas que se levantavam a respeito da classificação botânica da maconha, Dória cultivou a planta com sementes obtidas no baixo São Francisco e conseguiu, com os recursos de sua ciência de professor de História Natural na Faculdade de Medicina da Bahia, reconhecer, na maconha, os caracteres identificadores da *Cannabis sativa*.

Veiamos a descrição de Rodrigues Dória: “a planta, da família das cannabiáceas, é herbácea, anual, atingindo em Sergipe um metro e meio de altura, dióica, com folhas inferiores opostas e alternas, as superiores, estipuladas, de limbo profundamente fendido, com cinco e sete lóbulos, de bordas serrilhadas. A inflorescência feminina é em espigas compostas; as flores são regulares, na axila de uma bráctea persistente, que envolve o fruto, o qual é um aquênio, amarelo escuro, com venulações claras. As inflorescências masculinas são em cachos de cimos”. Dória não deixa dúvidas que a maconha é o mesmo que o cânhamo.

Idêntica é a conclusão de Planchon e Collin, quando afirmam que só existe uma e única espécie de cânhamo: *Cannabis sativa* L., *Cannabis indica*, *Cannabis erratica*, *Cannabis chinensis*. Tudo cânhamo. A variação de porte da planta e de suas propriedades é consequência de clima e do modo de cultura.

De quanto pode o clima, por determinismo ecológico, modificar as propriedades do cânhamo é um exemplo magnífico à observação de Gastinel, citado na monografia de Reiniger: “quando o vice-rei do Egito, Mehomed Ali, necessitou cordas para a sua projetada frota de guerra, mandou plantar cânhamo em seu país, obtendo para isso as sementes de espécies européias, especialmente ricas de fibra; contudo, evidenciou-se que as plantas dos novos cultivos, em pouco tempo, perdiam por completo suas qualidades como matéria-prima para a indústria têxtil e, em compensação, segregavam resina de efeitos fortemente embriagadores”.

Tais modificações ocorrem, lembra Achilles Lisboa, em obediência à lei de fisiologia botânica, segundo a qual o suco das plantas são tanto mais elaborados e mais ativos quanto mais se desenvolvem elas em clima sêco e quente. No caso particular do cânhamo, é o que acontece de par com a linhificação exagerada de suas fibras, incompatível com a utilização têxtil.

As pesquisas de Dória apontaram que a maconha recruta, em Sergipe, os seus afeiçoados entre canoeiros, pescadores, estivadores, vagabundos e desordeiros. Observação igual fez Lucena em Pernambuco, Mendonça na Bahia,

Iglésias e Lisboa no Maranhão. O uso do entorpecente, em Sergipe, como em outras regiões do país, faz-se por inalação. Não tenho notícia, entre nós, de nenhum comedor de maconha. Ao tempo dos estudos de Dória, era mais freqüente, ao observador, a inalação por intermédio da “maricas”, um cachimbo *sui generis*. A maricas, feita com uma cabaça ou com uma garrafa, teria duas vantagens, no depoimento dos viciados: lavaria a fumaça, evitando náuseas e vômitos, e produziria um gorgolejo de grande valor humorístico, por ocasião da embriaguez.

No Maranhão, a “maricas”, também confeccionada com o fruto da *Lageria vulgaris*, recebe o nome de “boi”. Acho que o uso da maricas está, atualmente, em Sergipe, circunscrito aos viciados do baixo São Francisco — pescadores e canoeiros. Em Aracaju, onde o vício apresenta aspecto mais grave, predomina, diria melhor, só é conhecido o uso da maconha, sob a forma de cigarro. Cigarros de maconha pura ou de mistura com fumo.

Na classificação dos fumadores, há três tipos de cigarros, feitos todos com fôlhas e sumidades floridas da maconha fêmea, após ligeira trituração manual, e papel ordinário de embrulho. “Mourrão”, “baseado” e “fininho” são os tipos de cigarro. O “morrão” pesa duas gramas e meia, o “baseado” uma e setenta e o “fininho” um grama.

A maconha que chega a Aracaju, de contrabando, é cultivada nos municípios de Aquidabã e Propriá, em Sergipe, ou em Colégio, Penedo e Igreja Nova, no Estado de Alagoas. É vendida nos arredores do Mercado Municipal, por indivíduos viciados ou não. Presentemente, “em grosso”, um quilo de maconha custa sessenta cruzeiros, rendendo, “no varejo”, perto de duzentos.

*
* * *

Os “maloqueiros” ou “ratos cinzentos” constituem a réplica sergipana dos “capitães de areia”, da Bahia, que Jorge Amado fixou nas páginas de um dos seus melhores livros. São adolescentes abandonados, delinquentes quase todos, que moram debaixo das pontes do cais de Aracaju. Formam um bando, liderado por um malandro experiente na criminalidade, que lhes traça o programa da vida miserável, cheia de aventuras e incidentes policiais. “Rato cinzento” que não fuma maconha, nasceu morto, dizem. É verdade. Fumam a planta e sabem dela mil coisas: os efeitos, os nomes, as superstições, o folclore. Para eles, *Cannabis sativa* é maconha, diamba, liamba, riamba, mariguana, rafi, fininho, basiado, morrão, cheio, entorpecente, erva, fumo brabo, gongo, malva, fêmea, maricas.

O quadro sintomatológico da intoxicação é a “lombra”. “Alombrado” é ficar na “lombra”. E uma vez na “lombra”, só há um jeito para sair; é comer muita “bagana”, isto é, doces, mariolas, caldo de cana, etc... Um sujeito na “lombra” é capaz, de gastar todo o seu dinheiro para matar a fome canina. “A erva” é mais carregada do que peru: “às vêzes faz coceiras terríveis”. Contudo, não há melhor remédio para dor de dentes. É preciso, porém, fumá-la sem a semente, “senão os dentes estouram”. Nada como “queimar um baseado”, antes de qualquer “trabalho”: “o corpo fica leve, a força aumenta, correr é canja. Para os frouxos, porém, atrapalha: dão para rir, chorar, e ficar com medo. Quando se faz qualquer intenção, antes de queimar o cheio, ela se realiza. Boa ou má que seja”. Há os que sabem que a maconha tem pés machos e fêmeas. Que a “erva não vale nada”. Daí, são necessários certos cuidados na colheita da diamba. Colhê-la, assoviando, ou na presença de mulher menstruada, troca o sexo da planta, a planta fêmea “macheia” e perde as virtudes.

A maconha tem os seus trovadores. Nas rodas embriagadas os desafios poéticos são comuns. Nos trabalhos de Iglésias, há versos colhidos no vale

do Mearim. Alberto Deodato usa em um dos contos de Canaviais, material poético colhido em Sergipe. Na Cidade de Menores, de Aracaju, Manoel Ribeiro, a meu pedido, fez colheita entre ex-maloqueiros de trovas da maconha. O importante é que os versos apontam a cidade de Propriá, à margem do São Francisco, como a fonte fornecedora da melhor diamba de Sergipe.

“A Estrela D’Alva é bonita
quando vem rompendo a aurora
passarinho canta e grita
soldado na gurita

Cobre a cabeça com o véu
planêta corre no céu
a Estrela D’Alva é bonita
diz seu colega...

— Eu me chamo Zé Ceguinho
não nego meu naturá
mas a erva só é boa
quando vem de Propriá

— Cacoré, cacoré, coisa e tá
tanto faz dá na cabeça como na cabeça dá,
a erva só é boa
quando vem de Propriá”.

Há, entre viciados, aquêles que celebra em versos suas preferências pela maconha. O ganhador Enoque, segundo José Casans, é um dêles:

“Eu sou Enoque afamado
porque não tem cirimonha
em todo lugar que canto
m’ha cara é sem vergonha
deixei de beber cachaça
agora só tomo maconha

ajuê Marica, Marica diga ajuê
ajuê Marica, gonga”.

Trovas recolhidas em Neópolis, ribeirinha do São Francisco, parecem demonstrar que a poesia da maconha não foge a uma inspiração de base alucinatória:

“Ajuê Marica, ajuê
diz Marica:

— Eu vi uma cobra de corau
e duas salamanta forte
p’ra pegá quatro guará
e vi cinco novia com medo de seis serpente
e vi sete fera valente
e vi oito em uma levada
e vi nove cobra assanhada
com dez carreira de dente”.

Representativos do estro dos trovadores da maconha, no desafio, cheios de associações por consonância e ricos de definições, como se fôssem uma pequena enciclopédia popular, são êstes versos, apanhados em Propriá:

“Ajuê, Maricas! Quem quer bem pinica
Nasci p’ra ser dotô na fôia da tiririca
Caixão, caixão, barrica
Ajuê Marica
Nasci p’ra ser dotô na fôia da tiririca

Ajuê, Maricas! Conga, ponga, sapionga
Quatro côco é um ponche
Treis é um catolé
Quem tem seus óios bem vê
Só s'ingana porquê qué
Maricas, o que tu viste na feira?
— Vi papai capionga vendendo esteira.
— Na feira, Maricas, isto é asneira.

Quem qué bem é maquerença
Quem tem maleita tem frio
Vaca gôrda tem manteiga
Saco de couro é mocó
Abano de môça é leque
Pé de boi é mocotó

Inchaço grande é postema
Pano quadrado é lenço
Miôlo de ôvo é gêma
Moça que dorme só
Vive numa tentação
Moça solteira é um cão
Pé de boi é mocotó

Porco grande é barrão
A banha dêle é toucinho
Fio torcido é cordão
Amarrado é nó
Nó de garganta é gógó
Macasado é rapadura
Cêbo de porco é gordura
Pé de boi é mocotó

Tranca quebrada é casco
Fumo picado é tabaco
Uva esprimida é vinho
Quem risca páu é graminho
Quem desbasta é enxó
O diabo é Caifáz
Homem pequeno é rapaz
Pé de boi é mocotó

Me dero banho n'um taxo
A parteira disse sorrindo:
— Comadre êste bicho é macho.
— Maricas si o fio é macho
Banho sempre num taxo
Maricas o nosso fio é macho
E trouxe o nome de Patacho".
— Cacoré, cacoré, coisa e tá

*
* *

Sem atingir à gravidade do delírio furioso, como o amok dos haschischianos malaios, o maconhismo aparece na criminalidade nordestina como causa de homicídios. João Mendonça, da Bahia, estuda um caso exemplar. Nas investigações que fiz em Sergipe, não conheci caso algum de feitio tão grave. O que é freqüente é a policia surpreender em furtos e roubos a maloqueiros, sob intoxicação aguda pela maconha, "tuados", como dizem na gíria policial. O sentimento de coragem e de exaltação física fornecido pelo tóxico explica que os malandros recorram a dois ou três baseados, antes da aventura. Ouvi a comissários que os chefes dos bandos de "ratos cinzentos" apelam para a diamba, como meio de eliminar o escrúpulo e a indecisão dos novatos, à prática criminal.

*
* *

Os efeitos euforísticos do cânhamo são conhecidos em todo o mundo, desde tempos mui remotos. Parece que a primeira referência à *Cannabis sativa*, como planta de gôzo, está no Avesta, livro persa aparecido no século VI antes de Cristo. Os deuses e as asuras, conta a mitologia indiana, por inspiração de Visnu, dissolveram no Mar de leite a montanha Mandara, para obtenção do Amrita, a bebida da felicidade. Quando Visnu, transfigurado numa tartaruga, conduzia às costas a montanha, perdera, pelas fortes oscilações de Mandara, muitos pêlos, os quais transportados à margem do Mar de leite, se transmutaram em pés de cânhamo, "fonte da felicidade" ou "excitador do riso".

De outro lado, a palavra *qunabu*, genetriz de *cannabis*, é conhecida no vocábulo assírio, há mais de oitocentos anos antes de nossa era. No mundo oriental, principalmente entre os povos islâmicos, "o comedor de erva", o "haschishan", vem de muito longe e até se perpetuou, desde o tempo das Cruzadas, numa história cheia de violências e morticínios, da qual a nossa palavra *assassino* é um resumo semântico.

A difusão dimanadora com que o "haschisch" se estendeu às gentes de fé maometana encontra, no consenso dos investigadores, sua origem, na ausência de condenação expressa do grande profeta que, nos preceitos do Alcorão, esqueceu o "bang" ou não quis juntá-lo, aos rigores proibitivos com que amaldiçoou o álcool e o toucinho. Os exegetas do grande livro, possivelmente bons comedores de erva, viram na omissão um beneplácito... e o "haschich" tornou-se o vício por excelência dos seguidores de Mahomed. No ocidente, o haschisch entrou, pelo menos no que se refere à França, por intermédio de Somerat.

Foram, contudo, os estudos experimentais de Moreau de Tours que, despertando a curiosidade mórbida de Theophile Gauthier e Baudelaire, concorreram para a divulgação do vício canábico, principalmente, depois que se fundou no Hotel Pimodan, o Clube dos Haschichis. No México, a marihuana tornou-se, por excelência, a toxicomania das massas populares. De lá, o vício foi exportado para os Estados Unidos onde, nestes últimos dez anos, se tornou um problema de solução trabalhosa.

*
* * *

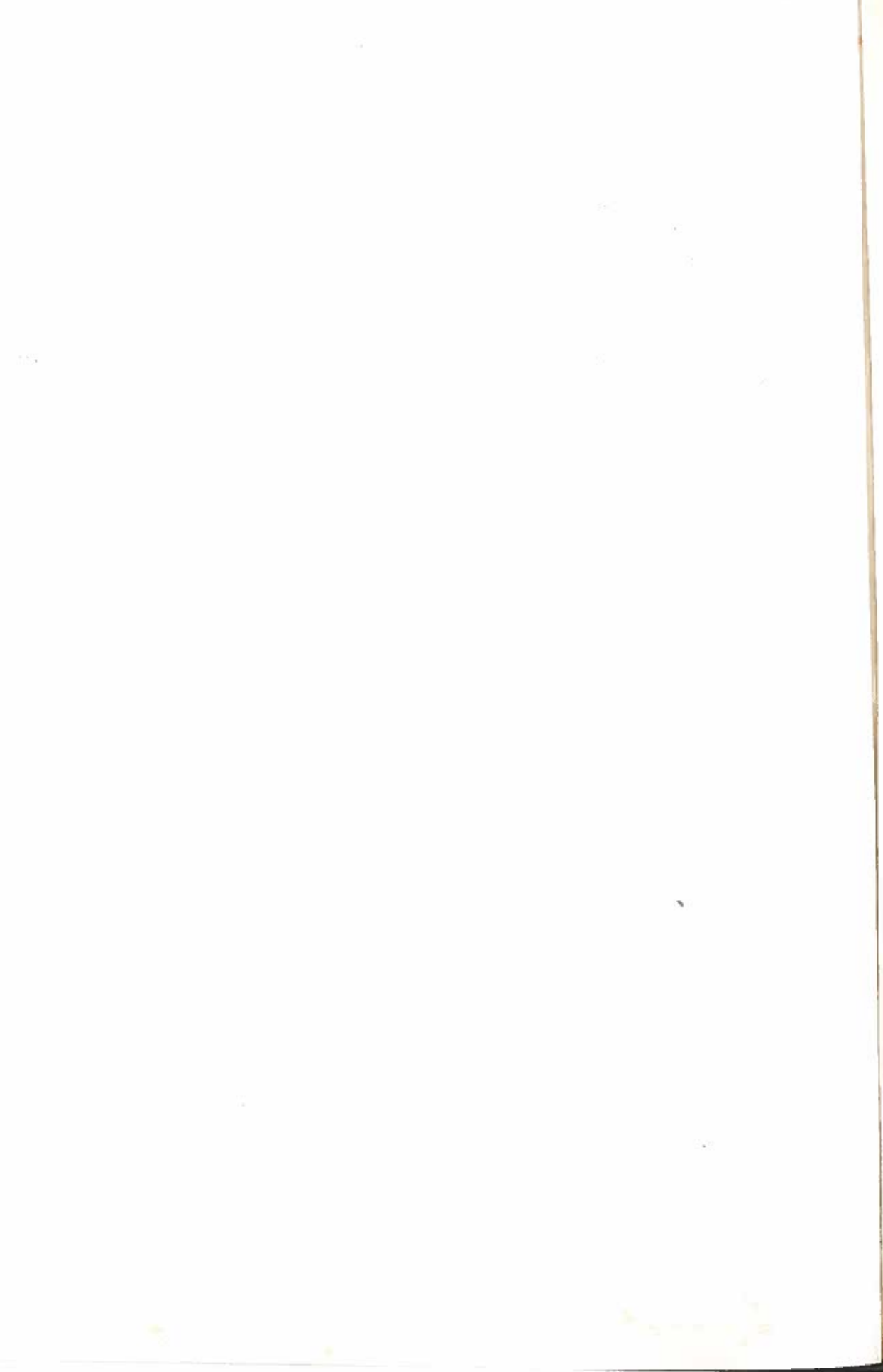
Os efeitos tóxicos da maconha resultam do princípio ativo elaborado pelo sistema glandular, existente nas sumidades floridas da planta. Da secreção origina-se uma resina, cujo ritmo de produção é regulado pelas condições ecológicas e fisiológicas do vegetal. Quanto mais sêca fôr a atmosfera e mais alta a temperatura do ambiente onde vegete a *cannabis*, maior será a elaboração glandular da resina, que, mesmo em condições climáticas invariáveis, cresce em quantidade, nas proximidades da fecundação. A análise química da resina canábica apurou a existência de um aldeído-fenol ($C^{20} H^{28} O^2$), conhecido por *canabinol*. As experiências em animais deram a conhecer que o *canabinol* provoca a mesma sintomatologia tóxica da resina bruta. Recentemente, em 1942, Roger Adams, de Urbana, obteve dois equivalentes sintéticos do *canabinol*: o 1-hidroxi-3-n-amil-1-6,6,9-trimetil-7,8,9,10-tetrahidro-6-dibenzopirana e o 1-hidroxi-3-n-hexil-6,6,9-trimetil-7,8,8,10-tetrahidro-6-dibenzopirana. A ação tóxica de tais equivalentes sintéticos é menos intensa do que a verificada com o emprêgo do *canabinol* natural. O quadro da intoxicação canábica tem sido descrito na lenda, na literatura e na ciência.

Nas páginas das "Mil e Um Noites", a embriaguez canábica está pintada com clareza iniludível. No "Conde de Monte Cristo", Dumas retrata a intoxicação. Foi, porém, dos efeitos do cânhamo confeitado do Hotel Pimodan que resultaram as descrições mais brilhantes do haschischismo agudo:



Cannabis sativa (L.) — macho

Há os que sabem que a maconha tem pés machos e sêneas. Que a erva "macho não vale nada". Dai, são necessários certos cuidados na colheita da maconha. (Dr. Garcia Moreno).



as páginas de Gauthier e Baudelaire. Sob o ângulo científico, foi Moreau, no seu *Du Haschisch et de L'Alienation Mentale* publicado em 1845, o primeiro a registrar, sistematicamente, debaixo de critério experimental, as perturbações psíquicas decorrentes da intoxicação canábica.

O trabalho do grande psiquiatra francês despertou, a seu tempo, tão grande entusiasmo que Lasègue, ao comentá-lo nos *Annales Médico-Psychologiques*, disse que um novo caminho se havia aberto aos passos da psiquiatria: o caminho da experimentação.

No Brasil, a escola psiquiátrica do Recife, com Lucena. Di Lascio e René, levou a cabo uma interessante série de experiências. Lucena compaignou em trabalho esplêndido a descrição de sua auto-observação e a de seus companheiros.

Os casos, que me caíram sob os olhos, debaixo dos efeitos agudos da maconha, recompõem, na sua generalidade, os traços das descrições de autores, donos de abundante casuística, como Dana, Brotteux, Lewin, Bowman, etc. . . .

Os quatro períodos sucessivos em que Dana dividiu a embriaguez canábica são tão comuns e conhecidos que constituem, por dizer-se, o esquema que os "ratos cinzentos" mais inteligentes seguem ao descrever, com o pinturesco de uma linguagem própria, os efeitos da maconha: 1) — excitação neuromuscular; 2) — instabilidade mental e alucinação; 3) — êxtase; 4) — hipnose. Subjetivamente, os intoxicados traduzem o primeiro período com a afirmação de que se sentem de corpo mais leve, mais manejável, capazes de grande esforço, de enormes carreiras sem fadiga, com impulsos a correr léguas e léguas. Ao sentimento de exaltação física corresponde, objetivamente, um quadro hipercinético — saltos, bailados, etc. . . .

Já foi dito linhas atrás, que êsse período inicial da embriaguez é quase sempre aproveitado na prática criminal, porque, dizem os maloqueiros, enquanto êle dura "todo muro é baixo e qualquer porta, fraca". A excitação neuromuscular é acompanhada, freqüentemente, de uma alegria ruidosa que explode em gargalhadas contínuas, sem provocação aparente ou provocada pelos motivos mais insignificantes. Quando a "maricas" é usada, o ruido que resulta do conflito entre a fumaça e a água tem um alto valor hilariante, como informa Dória.

Confirmo a observação de Lucena ao se referir que os malandros usam a maconha para tornarem, sob seus efeitos, mais cheias de interesse cômico as correrias cinematográficas. Quanto não gostariam, se fizéssemos o mesmo, certos contadores de anedotas, insulsos e desajeitados? O quadro alucinatório, sempre presente é, às vêzes, polimorfo. Alucinações cenésticas, como crescimento desmedido de um membro, sentimento de flutuação no espaço. Visões de mulheres nuas, na mais provocante das atitudes eróticas. Sei de um alucinado do ouvido, cujas pseudo percêpções eram verdadeiramente teleológicas. Jamais conseguira êle roubar ou furtar, sob a ação da maconha. Quando tentava fazê-lo, vozes lhe falavam: "não faça isso, roubar é feio". Ao período de excitação, de côres nitidamente maníacas, sucede, na fase mais profunda da impregnação tóxica, a atitude de êxtase e de sonho, povoaos de imagens agradáveis e inesquecíveis.

Brotteux tem inteira razão, quando assinala cinco caracteres principais na embriaguez canábica: 1) — enfraquecimento da vontade; 2) — sentimento de desdobramento psicológico; 3) — liberação das tendências subconscientes; 4) — grande sugestibilidade; 5) — lembrança da embriaguez.

Allentuck e Bowman acham que podemos comparar os efeitos agudos da maconha, sob o ponto de vista meramente fisiológico, aos que se observam em consequência da intoxicação atropínica. Quanto à repercussão psíquica, os efeitos da *cannabis* seriam semelhantes aos do álcool. No estudo que fa-

zem em 77 pacientes, sob os auspícios do *Mayor's Committee on Marihuana*, observaram, como era de esperar, que os efeitos da planta são mais rápidos e precoces, quando usada por inalação, e surgem em tempo equivalente à metade do que necessita a ingestão, para revelar os primeiros sintomas tóxicos.

Objetivamente, os embriagados pela maconha podem apresentar: congestões das conjuntivas oculares, dilatação pupilar e reação preguiçosa à luz, fotofobia, lacrimejamento, tremores do globo ocular; língua trêmula e seca, bôca e garganta ressecadas, salivação diminuída, taquicardia e hipertensão; tremores das extremidades, mioclonias, hiperreflexia, hipersensibilidade ao tacto, à pressão e à dor; fenômenos atáxicos.

Referi, em outro lugar desta palestra, que os "ratos cinzentos" do cais de Aracaju não esquecem de citar, como traço infalível da "lombra", a fome insuportável e quase insaciável. Não constitui raridade, segundo pude colher, ouvirem-se gritos — "tou cum fome!" — vindos de sob as pontes, onde alguns maloqueiros se encontram "alombrados". A fome é realmente, enorme e quase específica. Egixe rica ração hidrocarbonada, de preferência.

Marx foi o primeiro a verificar, no laboratório, aquilo que se supunha causa da fome: a hipoglicemia. No nordeste, o caldo de cana sempre foi usado, pelos viciados, para atenuar ou curar os efeitos da maconha. Um exame das variadas fórmulas que servem aos preparados requintados do "haschisch" mostra a presença do açúcar, que deve ser mais que simples edulcerante, corrigirá, com certeza, a violência tóxica da planta. Ainda segundo Marx, a intoxicação canábica aumenta a concentração sanguínea e a diurese.

Os estudos de Lucena, realizados, é verdade, em pouco casos, não concluíram pela existência da hipoglicemia e da diurese exagerada. A questão, pois, precisa ser retomada.

*
* *
*

Na análise, quase centenária, que Lasègue fêz sobre *Du Haschich et L'Alienation*, há a afirmação de que para Moreau os efeitos do cânhamo fornecem ao observador "a ciência de tôda a loucura". Quem sentiu o efeito do haschisch, está lá escrito, passou pela loucura: salvo a duração, nada há de mais em um do que na outra.

A referência clara à duração dos distúrbios mentais deixa ver que Moreau falava dos efeitos agudos da intoxicação canábica. Psiquiatras, com larga experiência clínica sobre a toxicomania, na Índia, no Egito e na Turquia, atribuem-lhe responsabilidade etiológica, num grande número de quadros psicóticos ou de modificações graves do caráter.

Krainik diz no seu livro que, entre 232 casos de alienação mental, internados em Bengala, 76 eram devidos ao "haschisch" e que de 248 alienados, estudados no Cairo, 64 eram de etiologia canábica.

Fahredin Kerin, professor adjunto de psiquiatria na Faculdade de Medicina de Stambul, estuda as alterações caracterológicas, pelo "haschischismo" crônico e os quadros psicóticos diretamente ligados aos "haschisch". Aquêles que ainda não chegaram à loucura, escreve o psiquiatra turco, apresentam alterações visíveis do caráter e da consciência. A afetividade perturba-se: sobrevém, nos intoxicados, desinteresse por si e pelos seus, ao lado de irritabilidade mórbida e exagêro acentuado dos movimentos impulsivos. Sob pretexto fútil, agridem as pessoas da família. Tornam-se ociosos e incapazes para o trabalho. Sofrem pesadelos e sobressaltos durante o sono. Têm freqüentes crises de choro e andam pelas ruas, como se fôssem bêbrios ou sonhadores fora do mundo. Fisicamente, a decadência é a mesma:

olhar terno e sem brilho, pálida face, anemia grave. Exagero dos reflexos tendíneos, dispnéia, taquicardia. Embora o apetite seja grande, a fraqueza geral é a regra, por incapacidade assimiladora do organismo.

As principais doenças mentais observadas, Kerin classifica da maneira seguinte: a) eretismo cerebral; b) melancolia subaguda; c) esquizoidia; d) demência precoce; e) delírio alucinatório auditivo; f) confusão mental. A demência precoce é a psicose mais observada, acrescenta. Acha, contudo, que na maioria dos casos o "haschisch" tem papel adjuvante. Na causuística citada, predominou a forma catatônica da demência precoce.

Hesnard fala em demência canábica, simples exagêro, explica, da astenia psíquica do intoxicado crônico, acompanhada de decadência física.

Num estudo inteligente sobre a síndrome catatônica das psicoses canábicas agudas, Scouras, psiquiatria grego, chama a atenção para o parentesco próximo de conteúdo e de homogeneidade da estrutura das esquizofrenias canábicas e das esquizofrenias endógenas. Procurando distinguir o que provém do "haschisch", no determinismo dos acidentes psicóticos, do que poderia ser um surto agudo de estado esquizofrênico crônico, de evolução paralela ao uso da planta; separando, com rigor, a possível intervenção de mecanismos esquizofrênicos latentes, mobilizados para uma evolução processual, por influência do "haschisch", Scouras tem como certo que a intoxicação canábica, por sua ação diencefálica, pode determinar quadros esquizocatatônicos. Cita, a propósito, um caso de sua observação.

Trata-se de um paciente em mutismo, na atitude de fumar o "narghilé", dedos polegares na boca, em posição oriental de fumar. Se ao paciente era mostrado um quepe de policial, ou se lhe fazia chegar aos ouvidos as vibrações de um apito de guarda civil, surgiam reações violentas e angustiosas manifestações do medo. Ao contrário, quando lhe davam a ver o desenho esquemático do cachimbo de "haschisch", contemplava-o com prazer indizível. O autor explica as duas reações opostas pelo mesmo mecanismo reflexológico: simples condicionamento advindo de antigas e freqüentes perseguições policiais, de um lado; de outro, os prazeres de intoxicações passadas.

Agora os efeitos transitórios do maconhismo agudo, não vi citados, entre nós, casos de psicoses de longa duração, filiadas à etiologia canábica. Trabalhando em meio, onde a maconha arregimenta número incontável de viciados, apesar de, há mais de dois anos, pensar "maconhamente", quando examino meus pacientes, até agora não pude isolar um caso sequer, em que a "diamba" pudesse ser indigitada como causa dos distúrbios mentais. É verdade que são excepcionais os pacientes do Hospital-Colônia "Eronides de Carvalho" que não sabem alguma coisa sobre a maconha. Mas, isto em Sergipe faz parte do acervo cultural mais rudimentar. É como conhecer o fumo e a cachaça. Também é verdade que, em grande número de casos, as informações anamnésicas pouco dizem da vida pré-psicótica dos doentes.

A impressão que, presentemente, possuo do aspecto psiquiátrico-clínico do maconhismo sergipense e, por analogia, do nordeste, é que êle ainda não pode entrar, facilmente, para a rubrica das psicoses hetero-tóxicas da classificação brasileira. Não sei quantas razões existem para o fato.

Enquanto não se apurar ou dosar a riqueza da canabina brasileira, julgo que é lícito supor apenas que a razão esteja no baixo poder tóxico de nossa *Cannabis sativa*. Vale meditado que, ao lado dos fumadores e comedores de "haschisch" do Cairo ou de Estambul, os nossos maloqueiros são, no vício, de uma sobriedade quase puritana.

Afirme-se, por agora, que se não a maconha, menos tóxica, é o maconhismo, menos grave, que nos está ajudando.

BIBLIOGRAFIA

- ALLENTUCK (K.) e BOWMAN (M.) — *The Psychiatric Aspects of Marihuana Intoxication* — Am. J. Psychiat., 99: 248-251 (Set.) 1942.
- BOTELHO (A.) e FILHO (P.) — *Vícios Sociais Elegantes* — Livraria Alves. Rio 1924.
- CORDEIRO DE FARIA (R.) — *Campanha Contra o Uso da Maconha no Nordeste do Brasil* — Imprensa Nacional. Rio. 1942.
- DÓRIA (R.) — *Os Fumadores de Maconha* — Imprensa Oficial. Bahia. 1936.
- FREYRE (G.) — *Nordeste* — José Olímpio Editôra. Rio. 1937.
- HESNARD (A.) — *Note sur les Fumeurs de Chanvre en Orient* — L'Encephale. 7: 40-46 (Aout) 1912.
- KERIN (F.) — *Les Troubles Psychiques Dus a L'Emploi De Haschisch* — L'Higiene Mentale. 4: 93-106 (Avril) 1930.
- KRAINK (R.) — *Les Toxicomanies* — G. Doin & Cie. Paris. 1939.
- LASÈGUE (Ch.) — *Du Haschisch et de L'Alienation Mentale* — Annales Médico-Psychologiques. 46: 459. 1846.
- LISBOA (A.) — *Combate Contra o Uso de Entorpecentes.* — A Diamba — Ceará Médico. 8-9: 1-24 (Ag. e Set.) 1924.
- LUCENA (J.) — *Os Fumadores de Maconha em Pernambuco* — Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. 1: 53-96. 1934.
- LUCENA (J.) — *Alguns Novos Dados Sôbre os Fumadores de Maconha* — Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco. 1-2: 197-207. 1935.
- MENONÇA (J.) — *Os Perigos Sociais da Maconha* — Separata da Revista de Medicina Militar. 1 (Janeiro a Março) 1944.
- PERES (H.) — *Diambismo* — in Toxicomanias. Cunha Lopes. Rio. 1939.
- PERNAMBUCANO (J.) — *Novos Estudos Afro-Brasileiros* — 185-191. Rio. 1937.
- REINIGER (W.) — *Haschi* — Ciba Zeitschrift. n.º 80. (Mai) 1941.
- SCOURAS (Ph.) — *Le Syndrome Catatonique des Psychoses Cannabiques Aigües* — L'Encephale. 2: 78-85 (Fev.) 1939.
- WALTON (P. R.) — *Marihuana* — J. B. Lippincot Co. New York. 1938.

CONVÊNIO INTERESTADUAL DA MACONHA

DR. ELEYSON CARDOSO

Nestas despreziosas considerações não temos em mira discutir nem comentar os efeitos da maconha sobre os indivíduos que dela fazem uso, de vez que todos os estudos realizados no país e no estrangeiro são acordes em considerá-la como planta alucinatória, exaltadora das paixões e das tendências, particularmente das criminais.

Visamos, tão somente, solicitar a atenção desta assembléia para os seguintes pontos que se nos afiguram de grande importância para a campanha simultânea e coordenada que os Estados aqui representados pretendem iniciar:

- 1.º Centros de produção no nordeste.
- 2.º Colaboração mais estreita entre as C.E.F.E. da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco.
- 3.º Estudo do § 1.º, do art. 2.º, do decreto-lei federal n.º 891, de 25 de novembro de 1938.

Rodrigues Dória na memória que, em 1915, apresentou ao 2.º Congresso Científico Panamericano, em Washington, D.C., com o título de "*Os fumadores de Maconha; efeitos e males do vício*", assim se exprimiu:

"Em 1910, quando estive na presidência do Estado de Sergipe, pude fazer a identificação da maconha com o cânhamo, cultivada ali a planta com sementes, adquiridas nas margens do rio São Francisco.

"É principalmente no norte do Brasil onde sei achar-se o vício de fumar a maconha, mais espalhado, produzindo estragos individuais e dando, por vezes, lugar a graves conseqüências criminosas.

"Vi, algumas vezes, quando criança, nas férias semanais de Propriá, minha terra natal, à noite, ao cessar a vendagem, indivíduos se entregarem à prática de fumar a erva nos dispositivos rústicos já descritos (*MARICAS*), dos quais muitos se servem promiscuamente, sorvendo em austos profundos sob duelo poético; alguma vez a contenda tomava feição diferente e exigia a intervenção da polícia para apaziguar os ânimos exaltados.

"Dr. Aristides Fontes que conversou com pescadores habituados ao uso da maconha ouvia que, quando se encontram no mar, em canoas ou jangadas, fumam em grupos para se sentirem mais alegres, dispostos ao trabalho e, menos penosamente, vencerem o frio e as agruras da vida do mar".

"Em inquérito feito, o Dr. Aristides Fontes ouviu a um sargento da Escola de Aprendizes de Marinheiros, contando 26 anos, e que viu, frequentemente, um prêto velho africano fumar a maconha no *Maricas* e experimentou.

"Referiu-me o farmacêutico militar Cândido Corrêa que, em Óbidos, no Estado do Pará, onde estacionava o 40.º Batalhão de Artilharia, um soldado, aliás, de boa conduta, foi submetido a conselho de guerra e sofreu penas por haver fumado a diamba, pela primeira vez, e entrando em delírio furioso, tentando matar o capitão, em cuja casa entrou, armado de faca, tendo ferido outra pessoa.

“Em Penedo (Alagoas) para evitar perturbações que se davam nas feiras, as autoridades policiais, rigorosamente, proibiam a venda da maconha.

“Todos os soldados do exército que estacionavam no Amazonas, Pará, Maranhão e nos outros Estados do norte até Sergipe, mas principalmente nos primeiros mencionados e com quem conversei sobre o assunto, me declararam ter visto fumar a maconha e seus efeitos deletérios.

“Na Penitenciária de Aracaju, onde, de alguns anos para cá, é proibida a entrada da maconha, por causa dos distúrbios por ela motivadas entre presos, os sentenciados se entregavam ao hábito de fumá-la para aliviarem o espírito acobardado pela prisão, e terem por esse modo momentos de distração e alegria”.

“Em lugares de Sergipe e Alagoas, nas margens do Rio São Francisco, cultivam a planta, que vendem, preparada para ser fumada, sob a denominação de pelotas, pela forma que tomam as inflorescências e à razão de \$3,00 o quilo e \$30,00 e \$40,00 uma arroba.

Garcia Moreno em “*Aspecto do Maconhismo em Sergipe*”, 1946, refere que “a maconha que chega a Aracaju, de contrabando, é cultivada nos municípios de Aquidabam, Propriá, em Sergipe, ou em Colégio, Penedo e Igreja Nova, no Estado de Alagoas. É vendida nos arredores do Mercado Municipal, por indivíduos viciados ou não. Presentemente, “em grosso”, um quilo de maconha custa \$60,00, rendendo “no varejo” perto de \$200,00.

Achiles Lisboa, na monografia intitulada “*A Diamba*”, (Ceará Médico, 1943, vol. 2.^o), reportando-se ao uso da maconha no Maranhão, diz: “entre nós, entregam-se principalmente ao uso da “diamba” os pescadores.

“É no município de Turiassú que se faz a lavoura dêsse tóxico.

Acrescenta ainda que a maior parte, senão a totalidade, da “diamba” que se consome no Pará é cultivada e exportada do Maranhão.

Jayme Regalo Pereira na “*Contribuição para o estudo das plantas alucinatórias particularmente da Maconha (Cannabis sativa, L.)* afirma: “No Brasil é a maconha utilizada como entorpecente ao longo do litoral norte, desde a Bahia até o Maranhão, principalmente, sendo conhecido o seu uso em outros Estados tanto para o norte como o sul”.

Seria longa a enumeração dos pesquisadores que indicam os maiores centros de produção da maconha no nordeste e no norte do país.

A nossa experiência pessoal como membro das C.E.F.E. nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Sul e de Pernambuco, comprovam as afirmações referentes aos principais centros de produção no país.

A zona do baixo São Francisco, de um lado Sergipe e de outro Alagoas, é, conforme verificação pessoal, um dos maiores centros de produção da maconha.

Recentemente, em companhia do Dr. Cláudio Magalhães da Silveira, Diretor do Departamento de Saúde de Alagoas, estive em Palmeira dos Índios, naquele Estado. Nossa investigação em companhia do Chefe do Pôsto de Higiene e de um assistente, naquela Cidade, confirmou não só a existência de inúmeras plantações de maconha no sítio de Antônio Rosa, em Olhos d'Água do Accioly, em Palmeira dos Índios, Alagoas. Entre a casa de Antônio Rosa e o portão de entrada para o sítio havia um jardim no qual se via uma regular plantação de maconha.

No mesmo município destruimos uma grande plantação de maconha na propriedade de Maria Camila de Jesus, ainda, em Olhos d'Água do Accioly.

Desta Comissão, em 1943, partiu a idéia do maior intercâmbio com os dos outros Estados e quando presidíamos a do Rio Grande do Sul pusemos em prática essa excelente recomendação enviando tanto à Comissão Nacio-

nal como a esta a ficha de um viciado por outros entorpecentes, o qual continua a residir na cidade do Salvador.

Agora oferecemos a esta Comissão 46 fichas de viciados e traficantes da maconha em Pernambuco. A tabulação dessas fichas mostra o seguinte resultado, cujos comentários deixo à Comissão para fazer e interpretar:

Naturais de:

Pernambuco	41
Alagoas	1
R. G. do Norte	1
Paraíba	1
Ceará	1
Não especificada	1
	<hr/>
	46

Idade

1 a 9 anos	0
10 " 19 "	9
20 " 29 "	28
30 " 39 "	8
40 " 49 "	1
50 acima	0
	<hr/>
	46

Solteiros, 42. Casados, 4. Masculinos, 45. Feminino, 1.

Instrução

Alfabetizados	10
Semi-analfabetos	4
Analfabetos	32
	<hr/>
	46

Ocupações

Gazeteiros	14
Carregadores	9
Operários	1
Trabalhadores	1
Estivadores	1
Aux. de comércio	3
Marítimos	2
Padeiros	2
Barraqueiros	1
Carpinteiros	1
Ambulantes	1
Gráficos	1
Garçons	1
S/profissão	8
	<hr/>
	46

O Decreto-lei federal n.º 891, de 25-11-38, no § 1.º do artigo 2.º, estabelece que "as plantas dessa natureza, nativas ou cultivadas, sob a direção técnica de representantes do Ministério da Agricultura, serão distribuídas cumprindo a essas autoridades dar conhecimento do fato à C.N.E.F.E."

Quando essa lei foi promulgada estavam longe de se desenvolver as Comissões Estaduais, cuja autoridade em cada unidade federativa é a mais alta no que diz respeito ao uso e comércio de entorpecentes. Nem sempre, há, nos Estados, representantes do Ministério de Agricultura que, de acôrdo com o pensamento do legislador, deveriam ser funcionários especializados em botânica, para que houvesse perfeita identificação das plantações o que ficaria subordinada ao critério das autoridades policiais, quando estas seriam cooperadoras das autoridades sanitárias. Torna-se, assim, necessário que essa assembléia, conforme melhor julgar, promova uma lei supletiva ao Decreto-lei n.º 891 ou o estudo de sua reforma, adaptando-a às condições atuais em face do desenvolvimento da ação das comissões estaduais na campanha contra a maconha.

*
* * *

Ata da 1.ª Sessão do Convênio Interestadual da Maconha (Bahia)

Aos dezesseis dias do mês de dezembro de mil novecentos e quarenta e seis, pelas dezessete horas, no Salão de Conferências da Secretaria de Educação e Saúde, com a presença do Excelentíssimo Sr. Interventor Federal, General Cândido Caldas, Doutor Odilon Machado de Araújo, Secretário de Educação e Saúde, Doutor Eleyson Cardoso, representante do Senhor Presidente da Comissão Nacional e Delegado do Estado de Pernambuco, Doutores João Batista Perez Garcia Moreno, representante do Estado de Alagoas, Doutor Lauro Hora, Diretor do Departamento de Saúde de Sergipe, Doutor Alvaro Rocha, Presidente da Comissão Estadual da Bahia e seus demais membros, Major Wolmar Carneiro da Cunha, Doutores Alvaro Garcia Rosa, João Inácio de Mendonça, Valdemar Januário Chaves e comigo, Antônio Chrisipo representantes de imprensa.

Tomando inicialmente a direção dos trabalhos, o Doutor Odilon Machado, Secretário de Educação e Saúde, convidou para assumir a Presidência da Sessão o Sr. General Interventor Federal, bem como, para compôr a mesa, juntamente comigo, o Major Wolmar Carneiro da Cunha, Secretário da Segurança, o Doutor Alvaro da França Rocha, Presidente da Comissão Estadual, médicos do Departamento de Saúde dêste Estado e ainda, o Doutor Orlando Imbassahy da Silva, Delegado de Jogos da Bahia e o Assistente Militar do Exmo. Sr. Interventor.

Declarando aberta a Sessão, o General Cândido Caldas, após pronunciar algumas frases sôbre a significação do Convênio, concedeu a palavra ao Doutor Chrisipo de Aguar, que saudou os delegados dos Estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco e concluindo por ressaltar o gesto patriótico do Senhor Interventor, não só apoiando e oficialzando o Convênio, como prestigiando-o com sua honrosa presença à Sessão de instalação.

A seguir foi igualmente concedida a palavra ao Doutor Eleyson Cardoso, que no seu e em nome dos delegados de Sergipe e Alagoas, como também na qualidade de representante do Presidente da Comissão Nacional, agradeceu as saudações da Comissão da Bahia, com expressões de muito aprêço, e exaltou o gesto do Exmo. Senhor Interventor, baixando um Decreto para oficializar o Convênio e honrando-o com sua presença.

Por último, o Senhor Interventor, proferindo, ainda, palavras de agradecimento e fazendo votos por que fôsem encontradas soluções para o problema da maconha, nesta reunião conjunta, da Comissão da Bahia e dos representantes das Comissões dos três Estados convocados, encerrando o ato e retirando-se a seguir, sendo acompanhado pelos presentes até a saída do prédio. Voltando a reunir-se, na sala da Diretoria do Departamento de

Saúde, os Delegados dos Estados de Sergipe, Alagoas e Pernambuco e os membros da Comissão da Bahia, acima mencionados, com a presença do Delegado de Costumes, Doutor Orlando Imbassahy da Silva e sob a presidência do Doutor Alvaro da França Rocha, passaram a deliberar em sessão ordinária do Convênio. Abrindo novamente a sessão o Doutor França Rocha pede seja escolhido um Presidente definitivo bem como um Relator geral dos debates, uma vez que o Secretário já estava determinado que seria o mesmo da Comissão Estadual da Bahia. O Doutor Cláudio da Silveira propõe, então, que o Presidente fôsse o Major Wolmar, Secretário da Segurança Pública da Bahia, intervindo, porém, o Doutor Garcia Moreno para esclarecer que, de acôrdo com as "Normas", deveria ser o representante da Comissão Nacional, que no caso era o doutor Eleyson Cardoso e que, para Relator geral, propunha o Doutor João Inácio de Mendonça, o que foi, por iniciativa do Major Wolmar, imediatamente aprovado.

Assumindo, dêste modo, a presidência, que lhe foi transferida pelo Doutor França Rocha, o Doutor Eleyson Cardoso agradece a distinção que lhe era conferida, na qualidade de representante do Doutor Roberval Cordeiro de Farias, Presidente da Comissão Nacional. Esclarece os motivos que não permitiram ao Estado de Pernambuco mandar ao Convênio os demais membros convidados, cabendo-lhe, assim, tôda a incumbência da delegação, e diz ainda, que embora já houvesse sido feita a escolha de um relator geral, lembrava, no sentido de facilitar a tarefa, que se constituísse, ao contrário, uma comissão de redação, indicando, para tal fim, os nomes do Doutor França Rocha, para presidente da mesma, João Mendonça, já escolhido, Magalhães da Silveira e Garcia Moreno.

Com a palavra o Major Wolmar faz algumas objeções à proposta do Doutor Eleyson Cardoso, sobretudo pela exigüidade do tempo, achando que uma comissão de redação muito numerosa redundaria em fazer dois trabalhos, porquanto além da discussão no plenário deveria haver outra dentro da comissão. Manifestando-se de acôrdo com as objeções do Major Wolmar os demais membros do Convênio, foi confirmada a escolha do Doutor Mendonça como relator geral.

Concluídas, assim, as deliberações preparatórias, o Senhor Presidente deu início à ordem do dia, de acôrdo com as "Normas" e estabelecendo que a exposição de problema regionais seria feita sucessivamente pelos representantes de Sergipe, de Alagoas e de Pernambuco, falando por último o Doutor João Mendonça pela Bahia.

Franqueada a palavra ao Doutor Garcia Moreno, êste começou dizendo que o relatório de Sergipe, no Convênio, não seria mais do que uma segunda edição oral e condensada do seu livro "Aspectos do Maconhismo em Sergipe".

Entrando a fazer um resumo do que seja, no momento, o vício e o comércio da maconha em Sergipe, passando rapidamente pelo histórico regional do maconhismo, pelo seu riquíssimo folclore, suas supostas virtudes e sua ação, real, fixou, por fim, a sua exposição nos pontos que mais diziam respeito às finalidades do Convênio, tais como as zonas de produção, a época de plantio e de colheita, os meios de contrabando e os locais de maior comércio.

Terminada a exposição do Dr. Garcia Moreno, que preencheu com a mesma os trinta minutos que lhe eram permitidos, foi dada a palavra ao Doutor Cláudio Magalhães, que procurando suprir a falta de elementos para apresentar um relatório com dados mais precisos, conforme declarou de início e justificando-se principalmente com a demora no recebimento do convite, fêz, no entanto, um relato minucioso sôbre as zonas de plantio da maconha no seu Estado, a época exata em que é feita a sementeira, o trans-

plante para o local de cultivo e a colheita. Referiu-se ainda ao problema regional do uso da maconha, que disse ser diminuto, parecendo-lhe que Alagoas é principalmente um Estado produtor. Por fim pediu que lhe fôsse permitido continuar a sua exposição na sessão seguinte, quando desejava apresentar um mapa das regiões de cultivo a que se referira, que possuía, mas que não trouxera por pensar que a sessão fôsse limitada à instalação do Convênio.

Por último, tomou a palavra o Doutor Eleyson Cardoso, que passou a ler e comentar o seu relatório, no qual procurou encarar o problema sob o aspecto regional e no seu entrosamento com os Estados de Alagoas e Sergipe. Fêz um histórico documentado da campanha de repressão à maconha, de que foi um dos pioneiros na Bahia e em outros Estados, apresentou estatística minuciosa de viciados, tendo em vista idade, sexo, côr, instrução, estado civil, naturalidade e profissões, e mencionou zonas onde já fizera a destruição de plantações de maconha, em companhia do Doutor Cláudio da Silveira, no Estado de Alagoas e outras fontes que eram de seu conhecimento. Finalmente sugeriu que o assunto da destruição das plantações de maconha fôsse estudado sob o ponto de vista legal, uma vez que a legislação federal, transcrita nas próprias "Instruções", só permitia que estas plantas fôssem destruídas pelas autoridades policiais e sob a direção técnica de representante do Ministério da Agricultura. E, pelo adiantado da hora suspendeu a sessão, da qual, eu, Secretário, lavrei esta Ata que depois de lida e aprovada será assinada pelos presentes.

Aprovada, 17 de dezembro de 1946. — *Eleyson Cardoso, Wolmar Carneiro da Cunha, Cláudio Magalhães da Silveira, França Rocha, Valdemar Chaves, João Mendonça, Orlando Imbassahy da Silva, Garcia Moreno, Garcia Rosa, Antônio Chrysippo de Aguiar.*

Ata da 2.^a sessão do Convênio Interestadual da Maconha

Aos dezessete dias do mês de dezembro de mil novecentos e quarenta e seis, pelas nove horas, na sala da Diretoria do Departamento de Saúde, sob a presidência do Doutor Eleyson Cardoso, representante do Presidente da Comissão Nacional e delegado do Estado de Pernambuco e Prigo, Antônio Chrysippo de Aguiar, servindo de Secretário, tiveram início os trabalhos da segunda sessão do Convênio Interestadual da Maconha, com a presença dos Doutores João Batista Perez, Garcia Moreno e Cláudio Magalhães da Silveira, respectivamente delegados dos Estados de Sergipe e Alagoas, Major Wolmar Carneiro da Cunha e Doutores Alvaro da França Rocha, Alvaro Garcia Rosa, João Inácio de Mendonça e Valdemar Januário Chaves, membros da Comissão Estadual da Bahia, e assistindo aos mesmos o Doutor Orlando Imbassahy da Silva, titular da Delegacia de Jogos e Costumes dêste Estado.

Lida a Ata da sessão anterior foi a mesma aprovada sem debates e assinada pelos presentes.

Passando à ordem do dia dos trabalhos, o Senhor Presidente concedeu a palavra ao Doutor Cláudio Magalhães para que êste concluísse a sua exposição do problema regional da maconha no seu Estado, interrompida na sessão passada. Fazendo, então, algumas considerações para completar a sua exposição, diz lhe parecer sobretudo interessante para as conclusões do Convênio a medida de destruição das plantações. Neste particular apresenta um "croquis" da zona do sertão de Alagoas onde foram destruídas várias plantações de maconha. Oferece, para o arquivo da Comissão da Bahia, amostras de sementes, flores, fôlhas, parte têxtil e raízes da planta e também alguns cigarros, embrulhados em papel grosseiro, tal como usam

os viciados de baixa classe, retirados de uma carteira de couro que apreendera cheia e trouxera para mostrar a título de curiosidade. Concluindo, refere-se aos dois grandes focos de produção da maconha em Alagoas, o do sertão e o da margem do São Francisco, bem destacados, por côres diferentes, num mapa do Estado que exhibe.

Referindo-se ao relato que acabara de fazer o Doutor Cláudio Magalhães, o senhor Presidente agradece ao ilustre expositor a interessante colaboração prestada. Após, franqueando, o doutor Eleyson, a palavra ao doutor João Mendonça, relator da Comissão da Bahia, começa êste dizendo que a tarefa já fôra grandemente facilitada pelos representantes de Sergipe, Alagoas e Pernambuco, e que não desejava fazer repetições por desnecessárias, mas apenas expor o trabalho realizado na Bahia, onde não há notícia de plantações. Tudo que se sabe sôbre o assunto é colhido através de declarações feitas por contraventores, malandros e gatunos, detidos aqui, que se referem invariavelmente a pessoas e zonas dos dois estados de Sergipe e Alagoas e que coincidem com as exposições dos seus representantes neste Convênio. Quer, no entanto, abordar ainda, embora de passagem, um aspecto interessante do problema, que é também um meio de estudo, através de dados fornecidos por contraventores fichados na Bahia, fichas estas disse, que lhe permitiram levantar estatísticas semelhantes às referidas pelo Doutor Eleyson, na sua exposição. Nas conclusões a que chegou, sob o ponto de vista de sexo, côr, salários, profissão, etc., a mais chocante é a de que a maior percentagem, por idade, é a de adolescentes, por isso que no adolescente é grande o ângulo de aventuras. Demora-se em comentários sôbre as estatísticas que apresenta, concluindo por dizer que são dados objetivos, claros, que muito concorrem também para o esclarecimento do problema. Discutindo a exposição do Doutor João Mendonça fala em primeiro lugar o Doutor Garcia Moreno, que aborda principalmente a questão de côr, a que se referira o Doutor Mendonça nas suas estatísticas, com predominância de pretos e mulatos, bem como a questão de adolescentes. Acha que a côr, no caso, tem mais um sentido social, sem determinismo de raça, e que o fato da predominância dos adolescentes está também ligado ao grande número de menores abandonados, chamados maloqueiros ou capitães de areia. No mais, as observações do Doutor Mendonça concordam com as suas em Sergipe.

O Doutor Eleyson Cardoso diz que as declarações dos Doutores Garcia Moreno, Cláudio Magalhães e João Mendonça combinam com o que se tem observado em Pernambuco e que, dêste modo, o assunto estava bem esclarecido e bem focalizado.

Usando da palavra o Doutor França Rocha acentuou, que em face das exposições feitas, brilhantemente, por cada um dos representantes dos Estados convocados e que tinham esclarecido o problema em todos os seus aspectos regionais, restava fixar as medidas de repressão a serem recomendadas nas conclusões do Convênio, visando a destruição das plantações, o contrabando e o uso da maconha.

E por nada mais haver a tratar, o Senhor Presidente, após marcar uma sessão para o dia seguinte, à mesma hora e no mesmo local, na qual será apresentado, discutido e aprovado o relatório geral do Convênio, deu por encerrados os trabalhos do dia, lavrando, eu, Secretário, esta ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos presentes.

Aprovada, 18-12-1946. — *Eleyson Cardoso, Wolmar Carneiro da Cunha, Cláudio Magalhães da Silveira, Garcia Rosa, Benício Gomes, Garcia Moreno, Orlando Imbassahy da Silva, Thales de Azevedo, Atila Amaral, Valdemar Chaves, Durval Teixeira da Rocha, Franca Rocha, Antônio Chryssippo de Aguiar.*

Ata da 3.^a sessão do Convênio Interestadual da Maconha

Aos dezoito dias do mês de dezembro de mil novecentos e quarenta e seis, pelas nove horas, na sala da Diretoria do Departamento de Saúde, sob a presidência do Doutor Eleyson Cardoso, representante do Presidente da Comissão Nacional e representando o Estado de Pernambuco, e comigo, Antônio Chryssippo de Aguiar, servindo de Secretário, tiveram início os trabalhos da terceira sessão do Convênio Interestadual da Maconha, com a presença dos Doutores João Batista Perez, Garcia Moreno e Cláudio Magalhães da Silveira, representantes dos Estados de Sergipe e Alagoas, Major Wolmar Carneiro da Cunha, Doutores Benício Gomes, Alvaro Garcia Rosa, João Inácio de Mendonça e Valdemar Januário Chaves, êstes da Comissão da Bahia e assistindo e tomando parte nos mesmos trabalhos os Doutores Durval Teixeira da Rocha, consultor Jurídico do Departamento de Saúde, Orlando Imbassahy da Silva, Delegado de Jogos e Costumes, Átila Amaral e Thales de Azevedo, ambos do Departamento de Saúde da Bahia.

Declarada aberta a sessão pelo Senhor Presidente, procedeu-se à leitura da ata da sessão anterior, que foi aprovada sem debates e assinada pelos presentes.

Concedida a palavra ao Doutor João Mendonça para a leitura do seu relatório com as conclusões finais do Convênio, fêz êste uso da mesma lendo um extenso trabalho de síntese dos assuntos discutidos nas sessões anteriores, encarando o problema da maconha sob os aspectos mais objetivos e concluindo por apresentar as sugestões para a repressão dêsse tóxico.

Pôsto em discussão o relatório do Doutor Mendonça, falou em primeiro lugar o Major Wolmar Carneiro da Cunha que, dizendo-se de perfeito acôrdo com o relatório e as suas conclusões, desejava, no entanto, propor que se discutisse e deixasse esclarecido o modo por que os Governos dos Estados deveriam dar aprovação ou oficializar as conclusões do Convênio. Usam, a seguir, da palavra, os Doutores Eleyson Cardoso, Garcia Rosa, Garcia Moreno, França Rocha e Valdemar Chaves, apreciando o relatório do Doutor Mendonça e as suas conclusões no que são unânimes em louvar e também a proposta do Major Wolmar, que procuram esclarecer em face da lei básica sôbre a matéria, uma vez que as conclusões se referem à destruição de plantações da maconha e o Decreto-lei n.º 891 de 25 de novembro de 1938, exige para isso um representante do Ministério da Agricultura, excluindo ainda a autoridade sanitária e limitando essa medida à competência das autoridades policiais. Falando, então, o doutor Benício Gomes, que após desculpar-se por não ter podido comparecer às sessões anteriores, lamentando não ter tido, assim, oportunidade de travar contato há mais tempo com os ilustres representantes, passa a apreciar o relatório do Doutor Mendonça, achando-o interessante e brilhante, não só no seu texto como nas suas conclusões. Desejava, no entanto, ferir dois pontos das conclusões que lhe pareciam merecer a sua assistência do ponto de vista legal, o que, aliás, já fôra debatido pelos que discutiram a proposta do Major Wolmar. Acha que a questão da destruição das plantas seria bem solucionada pedindo-se uma inclusão nos dispositivos legais de uma autorização às Secretarias de Agricultura, nos Estados, para representarem o Ministério da Agricultura, à maneira do que acontece com a fiscalização das Cooperativas, sugestão esta que poderia ser feita por meio de um officio encaminhando as conclusões do Convênio à Comissão Nacional.

Por outro lado, pensa que o relatório e as conclusões são de tal ordem que estão a indicar um aperfeiçoamento da lei em geral.

O Major Wolmar, com a palavra, propõe que neste caso o officio seja redigido pelo Doutor Benício Gomes.

Falam ainda sobre o assunto da destruição das plantações os doutores Garcia Moreno e Átila do Amaral, aduzindo novos esclarecimentos.

E, por último, o Doutor Cláudio Magalhães, congratulando-se com o Doutor Mendonça pelo modo brilhante por que expôs o problema.

A seguir o Senhor Presidente põe em votação, em primeiro lugar, o relatório do Doutor Mendonça e as conclusões, que foram aprovados por unanimidade, e depois a proposta do Major Wolmar com a orientação dada à mesma pelo Doutor Benício Gomes, também aprovada por unanimidade.

O Doutor Valdemar Chaves pede a palavra para apresentar uma "Moção" que sendo aprovada por aclamação segue transcrita: "Bahia, 18 de dezembro de 1946. Moção. O Convênio Interestadual da Maconha tem a honra de apresentar aos Exmos. Srs. Interventores dos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Bahia um voto de agradecimento por terem possibilitado a realização deste Convênio de tão relevantes finalidades. Assinado. Valdemar Chaves".

O Doutor João Mendonça propõe ainda que fôsem aprovadas duas moções, uma de louvor ao Doutor Eleyson Cardoso, pelo modo por que dirigira os trabalhos na presidência do Convênio e outras às Delegações dos Estados, pela sua brilhante atuação, moções estas também aprovadas por aclamação.

Finalmente, encerrando o Convênio, o Senhor Presidente exalta a colaboração dos companheiros com expressões significativas de muito aprêço e agradece em nome dos Governos de Pernambuco, Sergipe e Alagoas as fidalgas atenções dispensadas aos seus representantes, lembrando que a Comissão da Bahia tem a primazia nos estudos do problema da maconha e nas medidas para sua expressão, determinando, a seguir, que fôsem transcritas em ata as Conclusões aprovadas. "Convênio Interestadual da Maconha — Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia — Sugestões aprovadas — Este Convênio sugere as seguintes medidas aos Governos dos Estados, ora tão bem empenhados nesta campanha higiênica:

1 — Planejamento das medidas, com especial atenção inicial nos Estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia, e posterior nos outros Estados;

2 — Destruição das plantações de maconha, limitada a sua produção para fins médicos ou industriais;

3 — Medidas jurídicas de revisão, ou interpretação, destinadas a consolidar e atualizar legalmente todos os meios de repressão e profilaxia do maconhismo;

4 — Inclusão nos Congressos, Semanas ou Reuniões sobre Psiquiatria, Higiene e Correlatos, do tema "Repressão e profilaxia das toxicomanias", especialmente a produzida pela maconha;

5 — Estudo e vigilância especial dos delinquentes contra propriedade,

6 — Especialíssimo trato e amparo para com os adolescentes;

7 — Ordem do dia para as questões da infância e maternidade, menores abandonados ou desajustados;

8 — Criação, na Delegacia de Jogos e Costumes ou Congêneres, de um Comissariado para repressão das toxicomanias;

9 — Instrução e educação do pessoal, indicado para o trato com esses problemas;

10 — Intercâmbio obrigatório entre as C.E.F.E. (atas, trabalhos, fichas de viciados ou de pesquisas);

11 — Extensão, a todos os Estados, da gratificação aos membros da C.E.F.E.;

12 — Padronização dos estudos.

13 — Multiplicação do dispensários de higiene mental e das medidas para descobrir os psicopatas, prevenindo, assim as toxicomanias;

14 — Divulgação educativa e selecionada, dos perigos das toxicomanias (adolescência, por exemplo);

15 — Internamento e tratamento, pena ou medida de segurança, colônias agrícolas para os viciados e traficantes, conforme os casos;

16 — Biblioteca especializada;

17 — Fiscalização hábil, serena e metódica, do exercício profissional da medicina e correlatas profissões;

18 — Matrícula dos cultos afrobrasileiros e intercâmbio policial-médico de ordem educativa-higiênica;

19 — Plantio pequeno, sob inspiração e fiscalização das C.E.F.E., para fins de estudo da maconha, nos pontos de vista farmacológico, clínico, psicológico e sociológico.

Aprovada, em 18 de dezembro de 1946. — *Eleyson Cardoso, Wolmar Carneiro da Cunha, Alvaro da França Rocha.*

ESTUDO SÔBRE AS CONCLUSÕES APROVADAS PELO "CONVÊNIO DA MACONHA", REALIZADO NA CIDADE DO SALVADOR EM DEZEMBRO DE 1946

Dr. PEDRO PERNAMBUCO FILHO

Senhor Presidente.

Designado por V.S. para apresentar considerações sôbre as conclusões finais do Convênio Interestadual da Maconha, passo a fazê-lo.

Tendo em vista que são, sem dúvida, as segunda e terceira conclusões as mais importantes, as mais eficazes para o fim que se colima, julguei dever começar por êstes dois itens nas minhas esplanações.

As duas conclusões referidas se destinam a estabelecer maneiras mais práticas para a destruição das plantações de maconha e novas determinações para a execução das medidas jurídicas peculiares à repressão e profilaxia do maconhismo.

Em qualquer campanha contra o desenvolvimento da toxicomania, deve-se visar, de um modo decisivo, a atuação legal sôbre a matéria-prima. Já neste particular cumpre assinalar a maneira pela qual atuou a delegação dos Estados Unidos da América do Norte, na 2.^a Conferência do Ópio, realizada em Genebra, no comêço do ano de 1925. Demonstraram os técnicos desta delegação que só 20 a 30% da produção mundial de entorpecentes são consumidos lícitamente, isto é, para fins médicos e científicos. A fim de que fôsse possível exercer medidas coercitivas de valor irretorquível, impunha-se a necessidade de ser controlada e limitada a produção da matéria-prima e, desta sorte, deveriam os governos dos países produtores de papoula e fôlha de coca assumir o compromisso, de modo a que, no período máximo de dez anos, ficasse ela restrita às necessidades médicas e científicas do mundo.

A proposta americana, como era de esperar, revolucionou a conferência e os países produtores, em vista dos grandes interesses econômicos em jôgo, e desprezando todos os benefícios humanitários e sociais, que poderiam advir com aprovação dessa proposta, combateram-na veementemente e com os argumentos mais extravagantes.

O Brasil aceitou as idéias americanas e defendeu-as dentro dos princípios científicos, visando o bem da coletividade.

O mal da não aprovação da proposta de limitação da matéria-prima tornou-se geral, porque a fabricação dos derivados da coca e do ópio é muito superior às necessidades reais, favorecendo o contrabando, que, por tal sorte, não pode ser eficazmente combatido.

Estas considerações servem apenas para reforçar a idéia de se determinar os meios mais drásticos para a destruição das plantações de maconha que, para nós, não têm o menor valor industrial, sendo apenas a sua utilidade restrita a pesquisas científicas.

Assim pois, são dignas da máxima atenção da C.N.F.E. as conclusões 1.^a e 3.^a do relatório do Convênio Interestadual da Maconha.

As apreciações feitas na exposição enviada ao Presidente desta Comissão são incontestavelmente, no particular do assunto em debate, dignas do maior aprêço, não só pelas ponderações feitas, como pelas sugestões apresentadas.

O artigo 2.º do Decreto-lei n.º 891, em seus parágrafos, estabelece os preceitos legais para sua destruição. Entretanto, tais destruições deverão ser feitas sob a direção técnica de “representantes do Ministério da Agricultura”. Como bem frisaram alguns representantes dos Estados ao Convênio de Salvador, torna-se em muitas circunstâncias difícil a presença dessa autoridade e assim, fazem a seguinte exposição, que passo a ler:

“Aos membros do Convênio pareceu que, entre as ponderações feitas, facilitada e sem receios se terá a ação de destruir as plantações de maconha se prescrever que “as plantas dessa natureza, nativas ou cultivadas, existentes no território nacional, serão destruídas pelas autoridades policiais, assistidas pela autoridade sanitária competente e sob a direção técnica de representantes do Ministério da Agricultura ou de órgãos estaduais, delegados do Serviço de Economia Rural, por força de acordos, cumprindo-lhes dar conhecimento imediato do fato à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes”, alterado, assim, o disposto no art. 2.º, § 1.º do Decreto-lei n.º 891.

Idêntico resultado ainda poderá ser conseguido, examinada a possibilidade de, por quem de direito, ser baixado um ato que, regulamentando o vigente art. 2.º § 1.º do Decreto-lei n.º 891, sem alterar-lhe a substância, atenda à realidade e aos objetivos visados”.

Quer me parecer que se poderia encontrar o meio de a C.N.F.E. alterar, para maior eficiência, o art. II e seus parágrafos nas considerações do art. 44 das Disposições Gerais do Decreto-lei n.º 891, que diz o seguinte:

“A Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, criada pelo Decreto n.º 780, de 28 de abril de 1936, que fica mantido com as modificações nêle introduzidas, terá a seu cargo o estudo e a fixação de normas gerais, de ação fiscalizadora sôbre o cultivo, extração, produção, fabricação, posse, oferta, venda, compra, reexportação, bem como repressão do tráfico e uso ilícito de drogas entorpecentes, incumbindo-lhe tôdas as atribuições decorrentes dos objetivos gerais, visados pelo referido decreto, bem como zelar pelo fiel e cabal cumprimento da presente lei”.

Ora por êste artigo, é dado à Comissão o direito de estudar, depois estabelecer e fixar normas gerais de ação fiscalizadora sôbre cultivo, extração, etc.

É certo que o art. II foi estabelecido para evitar excessos policiais, ou digamos políticos, nas destruições de culturas que não a da maconha. Êste inconveniente poderia ser evitado se nas novas determinações da Comissão sôbre o assunto fôsse exigido, que, junto com o relatório concernente à destruição do plantio, viessem amostras, devidamente autenticadas das plantas destruídas.

Mesmo que a Comissão, estabelecendo novas medidas, exorbitasse um pouco de suas atribuições, isto seria de tal utilidade para o combate ao flagelo que tende a disseminar-se e para o bem público, que nenhuma acusação séria poderia ser cabível.

Passando a examinar o conteúdo das outras conclusões, devo declarar que, se estou de acôrdo com a primeira parte da primeira conclusão, discordo da segunda.

Diz esta: — 1) Planejamento das medidas, com especial atenção inicial nos Estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia e posterior nos outros Estados.

Não vejo motivo para que os demais Estados, como o Maranhão, Piauí, Amazonas, etc., onde as plantações e os viciados são por todos conhecidos, fiquem impedidos de estabelecer desde o início as medidas que vão ser propostas no planejamento para evitar disseminação da toxicomania.

O fato da exclusão de tais Estados no início da campanha, para só posteriormente cuidar-se de medidas coercitivas para eles traria, sem dúvida, nesses Estados o aumento da produção da maconha e um desenvolvimento maior do contrabando, ficando eles como verdadeiros focos de disseminação do mal.

Julgo, pois, que a campanha posta em prática com as medidas planejadas, deve ser integral, iterativa, sem nenhuma exclusão, para que possa ser profícua.

Neste particular, sugiro que tais medidas sejam no seu plano geral, estabelecidas pelo digno Presidente desta Comissão, que conhece exaustivamente o problema da maconha, deixando as contingências locais da campanha e a elaboração das medidas de caráter regional às Comissões Estaduais.

O item XII (Padronização dos Estudos) pode ser incluído no planejamento das medidas.

As questões de que tratam os itens VI e VII, isto é, "Amparo à infância e à maternidade, menores abandonados e adolescentes, etc." são incontestavelmente assuntos de alta relevância, moral, social e econômica, porém, apenas correlatos com o problema que nos interessa.

A questão da infância abandonada é matéria de extrema complexidade, em que bem nos pode esclarecer Dr. Meton de Alencar, membro desta Comissão e que se tem devotado, de uma maneira invulgar ao seu estudo e à sua solução.

Quanto à inclusão do tema "Maconha" em congressos, reuniões sobre Psiquiatria ou Higiene não é idéia desaconselhável pelos esclarecimentos que podem trazer os conferencistas sobre o aspecto científico e social, mas terá um resultado relativo na campanha contra o vício.

Longo seria examinar tôdas as conclusões, algumas das quais tem apenas, relativo interesse, como a XIII — Multiplicação dos Dispensários de Higiene Mental", XV — Internamento de Viciados e Traficantes em Colônias Agrícolas", XVI — Biblioteca Especializada", XVIII — "Fiscalização Hábil do Exército Profissional da Medicina", V — "Estudos e Vigilância Social dos Delinquentes".

São sugestões úteis, é verdade, porém, no momento, de difícil execução, devendo, entretanto, serem tomadas em consideração, para aproveitamento em tempo oportuno.

A VIII sugestão, que estabelece a criação na Delegacia de Jogos etc., de um Comissariado para repressão das toxicomanias e, bem assim a IX — "Instrução e Educação do Pessoal para o trato com êsses problemas" são, indubitavelmente, medidas úteis e que devem ser, desde logo, postas em prática, pelo valor e resultado que delas podem advir.

A X e XI, que são o intercâmbio entre as Comissões Estaduais e a extensão a todos os estados da gratificação aos membros das Comissões são sugestões que devemos tomar em consideração e apoiar.

Quanto a XIX — "Plantio pequeno de maconha para estudos, sob a inspiração e a fiscalização das Comissões Estaduais", nada se terá a opôr, pela consideração, que merecem, os membros das Comissões Estaduais.

Uma sugestão digna de muita reflexão pela sua eficaz ou desastrosa atuação é a XIV, que diz — "Divulgação educativa e selecionada dos perigos das toxicomanias (Adolescência por exemplo).

Pessoalmente sou contrário a êsse item.

A adolescência é a idade ingrata da vida, onde os problemas, sobretudo de ordem afetiva e social dominam a esfera psíquica. Daí o estado permanente de inquietação e a tendência não rara nos jovens para fugirem da realidade e se entregarem à fantasia. A curiosidade sentimental e sexual, nesta fase, atinge ao auge e, assim, a sugestão contra as falazes delícias dos entorpecentes pode trazer um resultado oposto ao que se procura obter com a conferência.

Não me atrevera falar sobre o assunto para púberes e adolescentes; entretanto, fica ao critério dos conspícuos membros desta Comissão a aprovação desta conclusão.

A XVIII, que trata da matrícula dos cultos afrobrasileiros, intercâmbio policial médico de ordem educativo-higiênica deve ser apreciada com atenção.

Todos sabem que, nas invocações de Exu, Xangô, Iemanjá e os demais orixás e orixalás, o que se pretende é que as "filhas de santo", nas suas danças rítmicas e cansativas, alcancem o estado de transe, no qual recebem a divindade. Ora, êste ptiatismo coletivo, êste estado subconsciente, ou melhor, estado 2.º que se vem a formar pela sugestibilidade é mais facilmente alcançado se o indivíduo está sob a ação de alguma substância inebriante ou entorpecente.

Daí a presença continuada das várias cachaças compostas e de ervas de cunho estupefaciente nos terreiros das macumbas. Desta sorte, os membros do Comissariado para repressão de toxicomania, devidamente constituídos, poderiam prestar bons serviços, não só sob o aspecto repressivo, como oferecendo dados para estudos médicos e sociológicos. Êstes assuntos já foram cientificamente tratados por Nina Rodrigues, Dória, Artur Ramos e outros, e literariamente, porém, com boa base de realidade, por Jorge Amado, nos seus interessantes livros "Jubiaba" e "Mar Morto".

Ê de inteira justiça salientar a alta compreensão, o espírito humanitário e patriótico dos organizadores do Convênio Interestadual da Maconha.

Guiados pela idéia de trazer uma contribuição eficiente ao combate ao vício da diamba, malefício que de há muito, se faz sentir nos Estados nordestinos e tende a se expandir, por intermédio do tráfico ilícito, êsses organizadores e participantes do Convênio merecem, da nossa parte, palavras de louvor e entusiasmo.

São estas considerações que trago à douda C.N.F.E. a fim de que sofram um acurado trabalho de crítica e sejam, então, propostas as resoluções definitivas.

O Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, de acôrdo com o artigo 44 do Decreto-lei n.º 891, de 25 de novembro de 1938, resolve estabelecer as seguintes normas, aprovadas na reunião de 12 de junho de 1947, que deverão ser observadas pelas Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes, relativas à destruição das plantações de maconha ou diamba encontradas no território brasileiro.

a) As plantações de maconha ou diamba encontradas no território nacional serão destruídas pelas autoridades policiais, sob a direção técnica do Ministério da Agricultura, cumprindo a estas autoridades dar conhecimento imediato do fato à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

b) No caso de não haver representantes do Ministério da Agricultura na localidade onde forem encontradas plantações de maconha, a destruição

poderá ser feita pela autoridade policial em companhia da autoridade sanitária ou de funcionário do serviço de agricultura estadual, com capacidade técnica para proceder a identificação daquela planta entorpecente.

c) Serão retiradas pelas autoridades referidas no item anterior, amostras das plantações destruídas ou a destruir, que serão enviadas para o estabelecimento estadual ou federal mais próximo, onde possa ser feita a sua caracterização botânica.

d) As autoridades que fizerem a destruição da maconha ficam obrigados a remeter imediatamente à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes um relatório minucioso da sua atuação, indicando o local, o laudo de classificação da planta, uma amostra da mesma devidamente autenticada, bem como outros pormenores referentes ao caso.

NORMAS GERAIS RECOMENDADAS PELA COMISSÃO NACIONAL DE FISCALIZAÇÃO DE ENTORPECENTES PARA A CAMPANHA DE REPRESSÃO AO USO E COMÉRCIO DA MACONHA

A Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes estudou cuidadosamente, em várias sessões, os trabalhos realizados e as conclusões estabelecidas pelas Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, que estiveram reunidas em dezembro próximo passado, visando estabelecer um convênio para repressão ao uso da maconha nas regiões de sua jurisdição.

Este interessante trabalho foi grandemente apreciado, tendo tomado parte numa das reuniões da Comissão Nacional ao ser terminado a apreciação do assunto em causa, o Dr. Eleyson Cardoso, que esclareceu vários pontos relativos às conclusões estabelecidas na reunião conjunta das Comissões Estaduais acima referidas.

Pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes foi designado relator dos trabalhos executados e das conclusões estabelecidas pelo Convênio Interestadual da Maconha o Dr. Pedro Pernambuco Filho, que fez ponderado estudo a respeito, no qual foram aprovadas as conclusões que vão enumeradas em anexo, as quais a Comissão Nacional recomenda sejam observadas pelas Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados onde o uso e plantio da maconha possa ser considerado um problema digno de atenção.

Para conhecimento dos interessados resolveu ainda a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes fazer chegar a seu conhecimento o relatório do Dr. Pedro Pernambuco Filho referente ao Convênio Interestadual da Maconha e do Dr. Roberval Cordeiro de Farias, concernente à inspeção realizada em novembro de 1943 nos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, cujas cópias acompanham as conclusões aprovadas e recomendadas pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

1. Planejamento de medidas e padronização de estudos pelas autoridades encarregadas de combater as toxicomanias no nosso país, visando uma campanha educativa intensa contra o uso e plantio da maconha.

Com esta finalidade serão organizados cursos práticos para as autoridades policiais e sanitárias para lhes facilitar o reconhecimento da maconha por meio da indicação dos seus caracteres botânicos, mostrando os malefícios determinados pelo seu uso sob suas várias modalidades e as razões pelas quais é proibida sua cultura no nosso país, com a divulgação das penalidades a que estão sujeitos os infratores da lei que regula o comércio e uso da entorpecentes no Brasil.

2. Incentivar na classe médica o estudo da maconha, sob o ponto de vista social, para que o mesmo se torne perfeitamente conhecido por parte daqueles aos quais cabe fazer a repressão do uso desta planta entorpecente.

3. Sugerir aos organizadores de Congressos, Semanas ou Reuniões sobre psiquiatria e higiene a inclusão de temas dedicados ao problema da maconha.

4. Estimular o trabalho de cooperação entre as Comissões de Fiscalização de Entorpecentes, sobretudo nos Estados onde é mais disseminado o uso e plantio da maconha (região do S. Francisco — Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco e norte do país — Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas).

Deverão ser estabelecidos convênios entre as Comissões de Fiscalização de Entorpecentes destes Estados para repressão ao uso da maconha ou diamba, com intercâmbio obrigatório de atas, fichas de viciados, trabalhos e pesquisas realizadas sobre toxicomanias.

As Comissões de Fiscalização de Entorpecentes destes Estados deverão se articular com os funcionários das Alfândegas e dos Serviços Portuários, dos Ministérios da Viação (Correios e Telégrafos), do Trabalho (Inspetorias Regionais), da Agricultura (Departamento da Produção Vegetal), com os Serviços de Saúde do Exército, Marinha e Aeronáutica e com o Departamento Nacional de Saúde (Serviços Nacionais de Malária, Peste e Febre Amarela), cujos representantes lhes poderão prestar valioso serviço com a indicação das regiões onde se encontram plantações de maconha e com informações sobre os traficantes desta planta.

5. Destruição das plantações da maconha de acôrdo com as normas estabelecidas pela Portaria n.º 147, baixada pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

6. Criação nos Departamentos de Segurança Pública, tanto federal como estadual, de um órgão especializado de repressão às toxicomanias, com pessoal idôneo, estável, instruído e educado para o trato de tais problemas.

7. Registro dos cultos afro-brasileiros, tomando em consideração o interesse de ordem médica e sociológica que possa advir dos relatórios que devem ser apresentados pelas autoridades policiais especializadas, designadas para a competente fiscalização.

8. Trabalho junto aos Governos dos Estados para o estabelecimento de gratificação aos membros das Comissões de Fiscalização de Entorpecentes, tendo em vista os serviços extraordinários por eles prestados à sociedade.

DIAMBISMO OU MACONHISMO, VÍCIO ASSASSINO

DR. ELEYSON CARDOSO

Através de "*O Imparcial*" aqui me encontro para dar informações sobre o diambismo ou o maconhismo, vício assassino, procurando esclarecer o espírito público sobre o que já se tem feito, o que atualmente se executa e o que ainda é preciso realizar no sentido de reprimir o plantio, o uso e o comércio da maconha, ou diamba, um dos flagelos do norte e do nordeste já tão castigados por tantos outros.

O assunto, pelo interesse que desperta e pela variedade de facetas que tem, exigiria várias palestras para ser suficientemente esplanado. Nesta, que é uma rápida síntese da presente situação do problema, passarei em revista os fatos principais relativos à maconha e procurarei acentuar a fase atual da campanha contra esse flagelo social.

QUE É A DIAMBA OU MACONHA

A diamba ou maconha é a "*Cannabis sativa*", L., da família das Moráceas, planta dióica, de flores não vistosas, de colorido amarelo esverdinhado e sem perfume. As flores masculinas são pedunculadas e as femininas são sesséis, protegidas por uma bráctea que envolve quase completamente o ovário e que se prolonga além dos estigmas. O fruto é sêco, indeiscente, com tipo aproximado de noz.

É erva de grande porte, quase arbustivo, atingindo em média dois metros. As flores são simples, partidas, serreadas, pecioladas, com estípulas.

A sinonímia da diamba é vasta e seria, portanto, fastidioso enumerá-la. Dou aqui, apenas, algumas delas: maconha, dirijo, liamba, riamba, marihuana, rafi, fumo d'Angola, entorpecente, erva, fumo brabo, gongo, pango, malva, bang, kif, marihuana, haschich, hemp, Rosa Maria, D. Juanita, havendo muitas outras denominações populares.

PROPRIEDADES SOPORÍFERAS, EUFORÍSTICAS E ALUCINATÓRIAS

As propriedades euforísticas da maconha são conhecidas em todo o mundo desde séculos antes de Cristo e a literatura a elas referente é vasta e copiosa.

Na China o imperador Shennung no século 28, antes de Cristo, já ensinava seu povo a cultivar o "hemp" para o aproveitamento de sua fibra. As propriedades narcóticas da planta foram reveladas através de biografia do médico Hoatho. Ali se encontra a seguinte descrição: "Se a doença reside nas partes em que a agulha, o cauterio e os líquidos são capazes de atuar, por exemplo, nos ossos, no intestino, no estômago, a administração de uma preparação de "hemp". (Ma-yo), em vinho, no decurso de alguns minutos, produzia insensibilidade como se o paciente estivesse caído em profunda embriaguez ou privado da vida. Então, conforme o caso, eram feitas incisões, amputações e removida a cauda da doença, completando-se a união dos tecidos por suturas e aplicações de linimentos. Quando o pa-

ciente se restabelecia não acusava ter sentido a menor dor no decurso da operação”.

Na Índia, Susruta, 1.000 anos antes de Cristo, já mencionava o “bang” como remédio e fazia referência à literatura Hindu que indicava propriedades euforísticas da planta.

A *Indian Hemp Drug Commission* concluiu que não era indígena na Índia mas para lá fôra levada de alguma parte da Ásia Central. A referida Comissão encontrou referências à planta nas canções populares e declarou que ela era a bebida invariável dos heróis antes da execução de um grande feito. Garcia de Orta, grande médico hindu, em 1563, relatou que os homens a usavam quando tinham ansiedade e caíam em riso louco e as mulheres também a usavam quando queriam flertar ou namorar. O grande sultão Bahadue quando, à noite, queria ir a Portugal, ao Brasil, à Turquia, à Arábia ou à Pérsia, tomava um pouco de “bang”. A planta chegou a gozar de certa divindade na mitologia hindu. Na Pérsia se encontram referências nos escritos religiosos antes de Cristo. Na Assíria foi assinalada 650 anos antes de Cristo. Heródoto, (5 séculos antes de Cristo), referiu que os Scitios cultivavam a planta, respiravam e bebiam a decoção dos grãos verdes. Dioscórides no 1.º século da era de Cristo dá uma completa descrição da planta e de suas propriedades. Galeno no 2.º século e Paulo Aeginata no 7.º, faziam também referências à planta e suas propriedades.

Durante mais de dois séculos na Pérsia e na Síria, de 1090 a 1260, havia grandes consumidores de “haschich” entre os Israelitas. Estes espalharam o terror pela ferocidade e violência de seus morticínios. Eram conhecidos por “Haschischins” em virtude de intensidade do vício e, como exaltados por êle, é que praticavam os crimes, deram-lhe o sinônimo de homicida derivando-se “assassin” no francês e “assassino” no português.

Na Grécia, antes de Cristo, Homero nos seus poemas fala no “nepenthes” que, para Helena, veio do Egito.

Marco Polo nas suas narrativas de viagem fala do “*Old man of the Mountain*” que liderava um bando conhecido por “Assassins”. Segundo a expedição napoleônica ao Egito o abuso do “haschich” era tão comum, particularmente entre as classes baixas, que os franceses fizeram uma proclamação severa proibindo a sua venda e o seu uso.

Gauthier em 1843 descreveu o “haschich” no seu “Clube dos Haschischins”, no Hotel Pimodan. Dois anos depois Dumas, descreveu, com grande entusiasmo, os efeitos do “Haschich” no Conde de Monte Cristo”.

Baudelaire, em 1851, publicou um artigo comparando o vinho ao “haschich”. Finalmente, em 1860, êsses artigos foram incluídos no livro “*Le Paradis Artificiel*”. Os Cruzados viram os efeitos da diamba ou maconha nos muçulmanos. No seu livro “Amok”, Stephan Zweig descreve o delírio dos haschischianos malaios. Os soldados de Pancho Vila, no México, eram dados ao uso da planta e alguns soldados americanos tornam-se familiares com o hábito daquela época.

No Brasil, o uso da diamba ou maconha tem sido assinalado principalmente nos Estados do Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, São Paulo e até mesmo, em reduzidíssima escala, no Rio Grande do Sul, começando a incrementar-se no próprio Distrito Federal.

Não se pode, com segurança, afirmar a não existência de plantações de diamba nos Estados onde ela ainda não foi assinalada, nem negar que ela seja usada. Só uma investigação longa e paciente, concluirá pela negativa.

De um modo geral, no Brasil, a diamba é usada pura ou misturada ao fumo, em cigarros cujo envólucro é feito de brácteas de milho ou papel ordinário de embrulho, em cachimbos “Maricas”, de “barro” ou de “pedra”, que é um dispositivo especial feito com uma garrafa ou cabaça à qual se

adapta o cachimbo em que está a diamba. Põe-se uma braza no cachimbo ou na panelinha e chupa-se ou puxa-se a fumaça que atravessa a água antes de ir à bôca do fumante. O “*Maricas*”, que é uma imitação grosseira do cachimbo turco (*narghilé*), não é de uso generalizado, mas preferido por certo grupos de viciados que fumam a diamba em assembléia, passando, como o chimarrão, de bôca em bôca.

No nordeste, particularmente, em algumas regiões do baixo São Francisco, a diamba é usada em cigarros que, conforme a classificação dos viciados, compreende três tipos, segundo o pêso: “morrão”, pesando 2 gramas, “baseado”, 1 grama e 70 e o “fininho”, um grama.

As manifestações alucinatórias provocadas pela maconha variam de acôrdo com a índole e as tendências de cada indivíduo.

Jaime Regalo Pereira diz o seguinte: “Quando tomada ou fumada em conjunto, sujeito cada um às influências dos outros, sob chistes e galhofas dos demais, estimulados e espicaçados, integrados, tornam-se os intoxicados ainda mais loquazes, mais expansivos, por vêzes mais violentos. Há assim, entre os viciados, a convicção de que a maconha precisa ser usada em sociedade como no “Clube dos Haschischins”, entre cujos associados se encontravam os literatos Theophile Gauthier e Baudelaire, o pintor Boisdénier e o médico Moreau de Tours”. No Piauí, conforme fotografias que ali vi em mãos do Dr. Paulino de Barros, então Presidente da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes, grupos de fumadores se reúnem, preferentemente, na casa do mais velho ou do mais influente sôbre êles, para realizar as suas sessões, formando, assim, uma espécie de clube.

Todos os que se dedicam ao estudo da maconha revelam que o diabismo ou maconhismo aparece como causa na criminalidade tanto contra a pessoa como contra a propriedade.

Sob vários prismas a diamba tem sido estudada no Brasil por competentes investigadores.

José Lucena no seu trabalho sôbre “Maconhismo e alucinações” estudou detalhadamente os fenômenos alucinatórios observados no decurso de estudos de maconhismo mostrando, com suas valiosas observações e as de diversos autores, que tais alucinações afetam quase todos os setores sensoriais e assim conclui:

“Não sòmente planta alucinógena, mas principalmente planta capaz de uma perturbação psíquica global muito mais ampla, eis como deve ser considerada a maconha”.

No Rio Grande do Sul, de dezembro de 1940 a fevereiro de 1941, Luiz Ciulla publicou, nos “Arquivos do Departamento Estadual de Saúde” daquele Estado, o relatório de 6 casos de intoxicação pela maconha. Dos pacientes um era natural daquele Estado, um do Distrito Federal, dois de Alagoas e dois do norte sem a especificação da naturalidade. A propósito dessas observações Luiz Ciulla diz o seguinte:

“Foi um sucesso curioso o registro de alguns casos de canabismo, de dezembro de 1940 a fevereiro de 1941, pois, até então entre os toxicômanos que temos tratados no Hospital São Pedro era desconhecido o cânhamo indiano. Dos 6 casos observados um só fêz a intoxicação acidental, pois ignorava a presença do cânhamo no cigarro: os outros eram forasteiros, na maioria marítimos da frota mercante vindos do norte onde a erva é cultivada e consumida viciosamente. Homens de moral degradada, sem afeição familiar, aventuravam de pôrto em pôrto em busca de novos estímulos. Na maconha encontravam uma satisfação a euforia da embriaguez. Refere ainda Luiz Ciulla que o viciado no haschich adquire pouco a pouco hábitos particulares, pois vive melhor no ambiente de compreensão dos outros viciados. O embotamento do senso ético, a irritabilidade e uma ego-

filia, fruto da exigência imperiosa da droga, fazem-no abandonar a família e as ocupações para cair na vagabundagem incidindo nesta condição numa maior criminalidade. Mais adiante acrescenta: — O intoxicado apresenta e sente fenômenos extravagantes, com a perda da avaliação do tempo, parecendo-lhe que os fatos se desenrolaram durante anos; outros têm o perpassar sintético de sua vida do passado ao futuro chegando alguns a terem previsões de fatos que se estão passando à distância, verdadeiras perturbações telepáticas”.

Achilles Lisboa considera a diamba como “Veneno intelectual” tais as desordens que provoca na esfera psíquica e acrescentando que o diambismo começa primeira a “experiência” com os êxtases e sonhos deliciosos, as sensações esquisitas, as alucinações admiráveis ou perigosas e, por fim o “hábito imperioso”, com degradação moral e orgânica, a imbecilidade e o próprio crime.

Heitor Peres diz que os quadros clínicos variam conforme o feitio e a individualidade mental do intoxicado.

Aristides Fontes, segundo Rodrigues Dória, refere que um soldado de boa conduta, sediado em Óbidos, no Pará, foi submetido a conselho de guerra e sofreu pena por ter fumado a diamba pela primeira vez e, entrando em delírio furioso, tentou matar o seu capitão em cuja casa entrou armado de faca chegando a ferir uma terceira pessoa.

Rodrigues Dória relata que, para evitar perturbações que se davam nas feiras de Penedo, Alagoas, as autoridades policiais proibiram rigorosamente a venda da maconha.

Um amigo meu, proprietário de uma empresa de navegação e profundo conhecedor dos costumes das populações ribeirinhas do baixo São Francisco, em 1943, referiu-me que o uso da diamba em Sergipe e Alagoas é muito antigo, acentuando que os entrepostos mais importantes são Penedo (Alagoas) e Propriá (Sergipe).

Contou-nos ainda o seguinte episódio: — Oséas, tripulante de um dos seus barcos, homem pacífico e trabalhador, matara súbitamente na cidade de Prado (Bahia) a um prêto de quem não só ele como todos os embarcações gostavam muito. A tragédia se desenrolou do seguinte modo: Em um dos portos de escala embarcou um passageiro que trazia diamba consigo e costumava fumá-la. Depois de estabelecida a camaradagem a bordo fez Oséas fumar. Êste, sob o efeito das fumaradas de diamba, tornou-se alucinado dando gritos e fazendo ameaças a um prêto hipotético que a sua imaginação, por efeito do tóxico, fazia ver. Quando os companheiros se dirigiam a êle para conversar, a alucinação como que desaparecia para reaparecer depois. Assim foi feita a viagem até Prado (Bahia) onde o barco descarregou e tomou carga de retôrno. Cêrca de 1 hora antes de zarpar, Oséas, com um dos seus companheiros, foi apanhar cana em um canal próximo do pôrto. No canal encontraram o prêto real que era amigo dos embarcações. Oséas ao vê-lo teve novo acesso e sacando de uma faca, sem qualquer discussão prévia nem outro motivo, o matou. Foi condenado a 24 anos de prisão, mas a senhora do Juiz em visita aos presos na cadeia conversou com êle ficando informada de como as coisas se tinham passado. Houve revisão do processo para juri e modificação de pena para 6 anos que cumpriu.

Em agosto de 1947 foi apreendido um contrabando de diamba em Porto Alegre a bordo do “Aratimbó”. Fica assim confirmada a previsão que fiz da entrada da maconha no Rio Grande do Sul, logo que o tráfego marítimo normal fôsse restabelecido.

De Sergipe chegaram também notícias de um sério conflito na Penitenciária de Aracaju, entre presidiários e a guarda, morrendo na luta o

chefe do motim que se estabeleceu, no momento em que a guarda estava apreendendo grande quantidade de maconha ali entrada clandestinamente.

Vale recordar que Rodrigues Dória, em 1915, já fazia referência à proibição da entrada da diamba na antiga Cadeia de Aracajú por causa dos distúrbios que ela provocava entre os presos. Essa proibição já vinha sendo feita desde algum tempo antes dessa informação, portanto há mais de 32 anos.

Simultaneamente, na casa de Correção de Belo Horizonte, houve também grande agitação entre os presidiários que cometeram desatinos agredindo não só outros presos como também os guardas quando êstes procuravam apreender certa quantidade de diamba ali entrada.

Liberalino Moreira, inspetor da Penitenciária Central do Distrito Federal, surpreendeu o soldado de polícia militar José Augusto Siqueira, vendendo diamba aos detentos. Foram apreendidos dois pacotes de diamba e mais Cr\$ 200,00 que êles havia embolsado.

A DIAMBA NO FOLCLORE

A popular e muito conhecida canção mexicana intitulada "La Cucaracha" descreve a situação de uma barata que se tornou incapaz de andar pelo fato de não ter maconha para fumar:

La cucaracha, la cucaracha,
Ya no puede caminar
Porque no tiene, porque no tiene
Marihuana que fumar..."

Garcia Moreno, no seu interessante trabalho sôbre "Aspectos do Maconhismo em Sergipe", transcreve versos populares de viciados que celebram suas preferências pela maconha. Aqui estão alguns exemplos:

La cucaracha la cucaracha
Não négo meu naturá,
Mas a herva só é boa
Quando vem de Propriá".

Eu sou Enok afamado
Porque não tem cirimonha,
em todo lugar que canto
minha cara é sem vergonha;
deixei de beber cachaça
Agora só tomo maconha".

São de um Clube de Maconheiros no Vale do Mearim, perto de Pedreiras, no Maranhão, as seguintes trovas:

"Ó diamba sarabamba
Quando eu fumo a diamba
Fico com a cabeça tonta
E com as minhas pernas zamba

Diamba matou Jacinto
Por ser um bom fumadó;
Sentença de mão cortada
P'ra quem Jacinto matô.

LEGISLAÇÃO E CONTRÔLE — MEDIDAS REPRESSIVAS

Em 4 de outubro de 1830, a Câmara Municipal do Rio de Janeiro expediu na "Secção Saúde Pública" uma postura proibindo a venda e uso do "Pito de Pango" bem como a conservação dêle em casas públicas: os

contraventores eram multados a saber: o vendedor em Cr\$ 20,00 e os escravos e mais pessoas que dêle usavam em 3 dias de cadeia.

Pelo Decreto n.º 780, de 28 de abril de 1936, foi criada a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes subordinada ao Ministério das Relações Exteriores. O Decreto-lei n.º 3.114, de 13 de março de 1941, reorganizou a referida Comissão.

Em 25 de novembro de 1938, o Governo Federal baixou o Decreto-lei n.º 891 aprovando a lei de fiscalização de Entorpecentes no qual no artigo 29 ficou estabelecida a proibição no território nacional do plantio, cultura, colheita e a exploração por particulares de várias plantas entorpecentes inclusive o cânhamo *Cannabis sativa* e a sua variedade indica (*Moracae*) (Cânhamo da Índia, Maconha. Diamba, liamba e outras denominações vulgares).

Estabeleceu o referido Decreto a organização de Comissões nos Territórios e nos Estados, nos moldes da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, com jurisdição nos respectivos territórios, as quais se entenderiam diretamente com a Comissão Nacional a que ficam subordinadas e, excepcionalmente, nos casos de urgência, com as dos Estados vizinhos.

Das Comissões Estaduais farão parte obrigatoriamente o Diretor do Serviço Sanitário Estadual, o Chefe de Segurança Pública, um representante do Departamento Nacional de Saúde, o Procurador Regional da República, um representante da classe médica da capital e o Chefe da Seção de Fiscalização da Medicina.

As Comissões Estaduais vem se reunindo regularmente e, com o auxílio das autoridades policiais, têm adotado providências repressivas que demonstram a compreensão e o esforço conjugado dessas organizações.

As medidas repressivas, porém, constituem apenas uma parte do complexo e difícil problema e exigiram um pessoal numeroso e a inversão de grandes verbas para que os resultados obtidos fôssem mais animadores, de vez que seus efeitos são parciais e contrastam com o aumento da produção livre da diamba e seu comércio ilícito.

Por essas razões é que se realizou em dezembro de 1946, na cidade de Salvador, um Convênio Interestadual de Maconha, do qual participaram representantes credenciados de Alagoas, Sergipe, Bahia e Pernambuco. Esse convênio foi por mim presidido em virtude da delegação especial do Presidente da Comissão Nacional de Entorpecentes.

As conclusões desse Convênio foram homologadas pela Comissão Nacional que baixou a Circular n.º 147 traçando normas para a destruição nas plantações de Maconha.

MACONHISMO CRÔNICO E PSICOSES

JOSÉ LUCENA

Livre docente de Clínica Psiquiátrica da
Faculdade de Medicina do Recife

LUÍS ATAÍDE

Médico do Sanatório Recife

PEDRO COELHO

Interno da Assist. a Psicopatas

O presente trabalho visa apenas passar em revista os distúrbios mentais persistentes, porventura, encontrados entre os fumadores habituais de maconha.

Não nos ocuparemos portanto nesta contribuição, com as alterações psíquicas registradas em seguida à embriaguez aguda pelo cânhamo, fenômenos que um de nós já abordou várias vezes em trabalhos anteriores.

Uma rápida revisão da bibliografia existente mostra quantas incertezas ainda subsistem. Em Garcia de Orta, que nos legou em 1556, uma das primeiras descrições (exata, embora sumária) do canabismo na Índia, não há referência às perturbações mentais consecutivas ao uso crônico do cânhamo, detendo-se o autor principalmente em referir a embriaguez, aguda, provocada pelo bang.

Moreau (de Tours), a quem se deve o início do estudo científico do canabismo, não chegara a uma conclusão definitiva a respeito, como se depreende dos seguintes trechos de uma carta por êle dirigida a Morel sobre o assunto e que o último reproduz em uma nota de seu livro sobre as degenerências, fazendo-lhe algumas restrições, de ordem geral e metodológica. Escreve Moreau: "Além do estado habitual de alucinações que o extrato de cânhamo indiano produz em alguns indivíduos, penso que seu uso prolongado termina por acarretar um estado de demência incurável. É o caso, — tenho alguns motivos de crer, — de certos indivíduos que no meu tempo não era raro encontrar nas cidades do Egito, os quais são venerados pelas populações como santos personagens e que não são senão indivíduos caídos em demência devido ao abuso do haxixe, dizia-me".

"Mas seria mesmo o haxixe somente que os jogava nesse estado de degradação física e moral? O ópio cujo uso é igualmente assaz espalhado no delta do Nilo não entraria de algum modo nisso? Estou inclinado a acreditá-lo".

"O que é certo, por outro lado, é que conheci uma multidão de pessoas que usaram e abusaram da droga oriental sem que sua saúde moral ou física tenha sofrido de modo algum".

Villard, em trabalho de 1872, citado pelo Prof. Rodrigues Dória, afirmava mais firmemente a existência de psicoses crônicas em seguida ao uso continuado de haxixe. Descreve os fumadores inveterados nos cafés do Cairo, acorados, estranhos ao ambiente, embrutecidos, tendo perdido "tôda aptidão profissional e tôda habilidade", apenas se animando a intervalos, para recorrer novamente aos cachimbos quando se vai extinguindo o efeito

ebríatico. Duas observações deste autor, citadas por O. Barenque, permitem julgar da fisionomia clínica das psicoses canábicas crônicas: o primeiro dos observados, contando 45 anos, fumador desde a infância, internado há cerca de dois anos, apresenta-se segundo as palavras do examinador: “deitado, a cabeça apoiada contra a parede, o rosto voltado para o sol, com atitude de desconfiança, sorriso estúpido, por vezes riso impulsivo, calma aparente que não exclui certa alegria. Responde sempre procurando escapar à pergunta. O segundo, que consome o cânhamo há mais de dez anos, reinternado três anos antes da observação, apresenta prostração profunda, imobilidade, mutismo, obediência automática, conservação de atitudes. Não se afasta dos estímulos dolorosos nem se defende contra eles”.

Richet, que estudou detalhadamente os efeitos agudos do haxixe, não se ocupou com a questão da possibilidade de psicoses ligadas ao canabismo crônico. Menciona apenas que em seguida ao uso de doses fortes de haxixe pode o delírio “persistir durante vários dias e tomar proporção inquietante”.

Warnok, citado por Kraepelin, distinguia no que diz respeito às manifestações sintomáticas, consecutivas ao uso continuado do cânhamo, três períodos: primeiro, delírios acuti-fantásticos, depois estados de agitação ansiosa e por fim estados demenciais com aumentada irritabilidade emocional e debilidade volitiva.

Augusto Marie, para quem são frequentes os internamentos por psicoses crônicas canábicas, nos asilos do Egito: Liver segundo o qual o kif pode originar psicoses confuso-oníricas e Porot, que refere matanças coletivas realizadas por haxixinos (cit. Wolff), e a possibilidade do aparecimento de estados demenciais, ampliaram e reforçaram as constatações de Villard.

Brotteaux (citado por Wolff), analisando uma observação de um viciado durante 45 anos, é de opinião que o abuso conduziu à instabilidade mental, sendo patentes nos escritos do referido paciente “incoerência de idéias e sintomas de delírio, de desdobramento da personalidade e demais sintomas de alteração e instabilidade mentais” (Wolff).

Com sua grande autoridade Lewin afirma de modo igualmente categórico a responsabilidade do cânhamo no aparecimento de distúrbios mentais.

Os viciados apresentariam modificações do caráter no sentido socialmente lamentável, declinariam nêles as capacidades intelectuais, aparecendo “más inclinações, um aviltamento das almas”. Populações inteiras poderiam decair sob esta influência. Afora as alterações do caráter, Lewin aponta como devidas ao canabismo continuado psicoses, cujo único caráter distintivo, segundo alguns, seria a possibilidade de cura repentina e rápida. Distingue vários grupos entre os consumidores habituais que apresentam sintomas psicóticos. O primeiro seria constituído de pacientes que apresentam um estado de euforia e excitação com alucinações visuais capazes de se desenvolver em um delírio menos violento que o delírio alcoólico. O referido quadro clínico curaria, às vezes, em um dia. No segundo grupo estariam pacientes nos quais se verificariam estados maníacos, com ilusões sensoriais, delírio persecutório, e algumas vezes também estados de fúria. Tais casos duram alguns meses e nem sempre evoluem para a cura. O terceiro grupo abrange pacientes mentalmente enfraquecidos, loquazes, fáceis de contentar, indiferentes à própria sorte, sem interêsse pelo próximo, preocupados apenas com as necessidades vegetativas, mas que à menor provocação se revelam violentamente excitados. Ao ter alta, muitos recaem “no estado maníaco”, mostrando-se agitados, agressivos, podendo êsse estado maníaco se tornar crônico e terminar pela demência incurável. Os viciados crônicos apresentariam além dos sintomas mentais uma decadência orgânica geral, verificando-se entre eles bronquites e disenteria. Lewin é mesmo de opinião que a descendência do fumador inveterado possa ser de qualidade inferior.

Este quadro carregado sofre porém do defeito de certa imprecisão terminológica que torna mal caracterizadas as síndromes clínicas encontradas.

Fahreldin Kerim (Stambul) descreveu em 1930 alterações pronunciadas do caráter e da consciência dos haxixinos inveterados. Tais alterações são principalmente afetivas. Há diminuição do interesse por si mesmo e pelos outros, irritabilidade mórbida, exagêro pronunciado dos movimentos impulsivos. Mesmo fora das ocasiões em que não estão sob a ação do haxixe, mostram-se os viciados rixosos e agressivos, descuidados de limpeza, abandonam o trabalho, retiram-se a um canto. Sofrem de pesadelos, por vêzes crises de lágrimas. “Além disso, pode-se notar nos paranóicos, delírios, nos ciclotímicos deprimidos, idéias de depressão, nos hipocondríacos, irritabilidade”. Olhar apagado, palidez, anemia pronunciada, exagêro dos reflexos tendinosos, dispnéia, aceleração dos movimentos cardíacos constituem os sintomas físicos mais aparentes.

Além dessas alterações do caráter, enfermidades psíquicas são registradas nos haxixinos habituais. Ainda segundo F. Kerim, poderiam assumir os seguintes aspectos: 1.º Eretismo cerebral: caracterizado por idéias de dominação e orgulho, rapidez de movimentos, taquipsiquia, alegria mórbida. Semelhariam maníacos. O eretismo poderia se desenvolver em psicopatas e esquizóides, os quais apresentariam inicialmente sintomas comparáveis aos dos dementes precoces, mas que regrediriam prontamente. Considera tais casos como pouco numerosos. 2.º Melancolia: isto é, depressão afetiva com lentidão ideativa e motora. 3.º Demência precoce: “a síndrome psíquica mais freqüentemente encontrada entre os haxixinos”. O fato já fôra anteriormente salientado por vários autores, entre os quais Mazhar Osmar e mesmo Kraepelin. Fahreldin Kerim é de opinião que “há uma certa constituição psíquica hereditária. O haxixe... desempenha papel de adjuvante e facilita o desenvolvimento da moléstia”. Tôdas as formas da demência precoce podem ser observadas, mas predominam os catatônicos. Os principais sintomas notados são: perturbações da afetividade, indiferença para com o meio, irritabilidade, abandono de obrigações, atos impulsivos, sem motivação, freqüentemente delituosos, enfraquecimento da memória e da atenção, lentidão e alterações diversas da inteligência, alucinações sensoriais, motoras, cinestésicas, ilusões, estereotípias, distúrbios da mímica, atitudes catatônicas. 4.º Confusão mental: apresentando-se os pacientes desorientados no tempo e no espaço, pantofóbicos, com alucinações visuais. 5.º Delírio alucinatório, de que apresenta duas observações bem caracterizadas. 6.º Delírios desenvolvidos: sôbre um fundo de degenerência. 7.º Por último: sintomas esquizóides, com mímica discordante, por vêzes idéias de perseguição e poussées delirantes.

Em seguida a outras contribuições (que são citadas por F. Kerim), Mazhar Osman apresentou ao 37.º Congresso de Médicos Alienistas e Neurologistas de língua francesa, uma comunicação em que, baseado em numerosa casuística de haxixinos (300 casos dos quais muitos diagnosticados de demência precoce) afirma que o haxixe teria favorecido a evolução do processo esquizofrênico.

Para Stringaris (citado por Peralta) o abuso do haxixe acarreta conseqüências sociais comparáveis às do alcoolismo. Nos viciados se notam alheamento à própria família, ociosidade, vagabundagem, diminuição da capacidade de trabalho, caráter desconfiado, irritadiço e rixoso que os pode conduzir (com freqüência) à criminalidade.

Stringaris distingue expressamente as psicoses produzidas pelo haxixe — que são aquelas imputáveis ao uso crônico da droga — das perturbações mentais aparecidas no decurso da simples embriaguez pelo haxixe. As verdadeiras psicoses canábicas “freqüentemente não diferem em nada das

genuínas esquizofrenias. O abuso do haxixe durante anos inteiros pode acarretar uma demência comparável à demência alcoólica”.

Scouras aprofunda o estudo desses quadros clínicos, afins da demência precoce. É de opinião ser impossível atualmente uma classificação clínica e o estabelecimento da patogenia das perturbações mentais do canabismo. Após descrever dois casos de síndrome catatônica, de decurso agudo, observados durante o canabismo crônico, escreve: “Seria interessante discutir a parte que cabe ao haxixe no determinismo destes acidentes psicóticos agudos. Pois parece-nos que é praticamente muito difícil dissociar os estados crônicos de paroxismos ou fases dos estados agudos endógenos (Schube), evoluindo paralelamente ao uso da droga, sem ser especialmente determinados por ela. Seria evidentemente abordar o vasto problema das esquizofrenias reativas, sintomáticas e endógenas. Contudo, parece-nos que, fora de qualquer predisposição e mecanismos extra-concientes o haxixe, por seu ecletismo diencefálico, seria apto a desencadear acidentes do tipo esquizofrênico catatônico. Mas, até que ponto esses acidentes seriam, em seguida, susceptíveis de evoluir por sua própria conta para a esquizofrenia, é difícil dizer. Nossos casos se inscrevem, é verdade, contra uma tal hipótese, mas não é justo tirar daí conclusões gerais. Para Mayer Gross, citado pelo mesmo Scouras, as psicoses canábicas do tipo esquizofrênico resultariam antes de mecanismos extraconcientes, mobilizados pelo haxixe, evoluindo em seguida por sua própria conta (para a cura ou para a esquizofrenia confirmada), do que da ação imediata da droga sobre um organismo são”.

Revistas desse modo as descrições dos efeitos nocivos do canabismo crônico sobre as funções mentais, apresentadas pelos pesquisadores que observaram casos em áreas diversas do Velho Mundo (Oriente próximo, Índia, África do Norte, Europa) passamos a acompanhar sumariamente os resultados das observações realizadas na América Latina.

Iivet, após descrever a embriaguez pela marihuana, não se ocupa especialmente com a possibilidade do aparecimento de distúrbios psicóticos em seguida ao uso continuado do cânhamo. Alude, porém, à possibilidade do desejo buscado durante a embriaguez de se impor posteriormente à consciência como algo efetivamente realizado, a exemplo do que sucede nas idéias fixas post-oníricas observadas no decurso de estados de confusão mental.

Oneto Barenque, entre os autores mexicanos, se ocupou detidamente das alterações mentais consecutivas ao uso continuado da marihuana. O marihuano crônico se apresentaria debilitado, psíquica e somaticamente. Indiferente, fisionomia estúpida, buscando isolar-se, ensimesmado, mal responde às interrogações e isto de “forma tortuosa e ondulante”. Diminuição da força muscular, perda de apetite, emagrecimento, anemia seriam os sintomas físicos encontrados. Barenque considera freqüente o aparecimento de alienação mental entre os intoxicados crônicos. Assumiria o aspecto de “monomania com alucinações, ou melhor, uma alucinose típica e pura”, que ao contrário da alucinose alcoólica não se acompanharia de tremores. Nos seus pacientes destacou com sintomas mais significativos “alucinações da vista e do ouvido, perda da orientação no tempo e no espaço, sensibilidade geral diminuída, perturbações da motilidade, constantes fenômenos convulsivos precursores da morte”.

Documenta sua descrição com algumas observações, bem como com a transcrição de alguns casos de Villard. Desejariamos, contudo, que na objetiva apresentação que faz de seus casos, o autor incluisse uma discussão mais pormenorizada dos fatores patogênicos e patoplásticos que intervieram no aparecimento dos complexos quadros mórbidos por êle descritos.

Samuel Ramirez Moreno, que apresentou cuidadosa descrição de marihuanismo agudo, não se ocupou com os efeitos crônicos do canabismo.

Uma opinião absolutamente contrária à de Barenque foi exposta nos trabalhos de Jorge Segura Millan e Leopoldo Salazar Viniegra, que contestaram o aparecimento de estados alucinatórios e de reações agressivas, referindo-se o último autor mesmo "ao mito da marihuana". Pablo O. Wolff critica a opinião de Segura Millan, utilizando como argumento alguns dos próprios pacientes desse último, os quais afirmam que "la droga los embrutece, que asociando-la al alcohol se vuelven muy pelioneros irritables y pendencieros y que les excita como locos; uso de ellos dice haber cometido brutalidades, riñas y haber visto las cosas distintas, etc." (Wolff). Critica ainda Wolff o método empregado pelo autor, com a utilização de interrogatórios policiais e clínicos para apurar os traços antisociais.

Estende as restrições ao trabalho de Salazar Viniegra, ao qual dirige a crítica de ter sido influenciado pela idéia preconcebida de inocuidade da marihuana e de outros tóxicos.

A difusão da toxicomania em territórios outros da América forneceu oportunidade a novos estudos, destacando-se as contribuições norte-americanas e da América Central. A Comissão Mista Norte-Americana que estudou o hábito entre as tropas de ocupação do Canal do Panamá (1933) considerou a droga um leve estimulante e intoxicante mas cujo consumo habitual deveria ser considerado nocivo do ponto de vista médico. Entre jovens soldados cujo hábito datava de menos de dois anos, não foi verificada deterioração mental. Dos soldados marihuanistas que foram julgados por tribunais militares, só quatro deles (0,09%) eram acusados de violência e insubordinação. De 94 soldados excluídos das fileiras por seus hábitos, em três foi atribuída a causa ao consumo de marihuana.

O excelente trabalho de Bromberg considera, ao lado dos quadros de intoxicação aguda (já extensamente estudados) e dos estados relativos a determinados aspectos da intoxicação, psicoses tóxicas que aparecem ser usualmente a mistura dos efeitos tóxicos da droga com uma reação básica ciclotímica ou esquizofrênica. Essas psicoses são de maior duração e podem evoluir para uma psicose maniaco-depressiva ou esquizofrênia... Não observamos ainda a demência que se supõe ser aproximada da demência precoce simples".

Drewry publicou a observação de um jovem, emocionalmente instável, com acentuada homossexualidade latente, e que usara marihuana em quantidades crescentes durante dez meses, apresentando ao fim desse período uma psicose cujas características eram sugestivas de demência precoce, com acentuada regressão e em que a natureza orgânica do processo era indicada por desorientação parcial e diminuição de memória de fatos recentes. Alucinações visuais, ilusões de côr e perturbações da percepção do tempo e do espaço evidenciavam que a marihuana era causa da doença. Sua homossexualidade era projetada sob a forma de idéias delirantes paranóides. Ao fim de sete meses de hospitalização, teve alta em remissão completa e um ano após a alta continuava passando sem anormalidade.

Em seu conhecido excelente manual de psiquiatria, Strecker e Ebaugh apresentaram um caso, observado em 1935, de psicose exógena devida à marihuana. O paciente, imaginativo, instável, usara fortemente marihuana e por vêzes álcool, durante um ano. Em seguida a uma briga de família e aumentando o consumo da droga, tornou-se agitado, temeroso, confuso, pensava que pessoas pretendiam penetrar em sua casa, que envenenava seus cigarros, sentia cheiro de gás, via sua namorada ferida, seu pai, etc. A psicose durou alguns dias, desaparecendo tôda a sintomatologia sem deixar vestígios.

Em trabalho, publicado posteriormente, Bromberg, confirmando sua observação anterior, aponta duas categorias de reação mental consecutivas ao uso da marihuana: 1.º) intoxicação aguda, contendo elementos sensoriais,

motores e subjetivos, durante vários dias, muitas vezes com ansiedade e crises histéricas, e depressões ou transitórios estados pânicos; 2.º) psicoses tóxicas, incluindo: a) aquelas em que há muitas mesclas de um sensorio perturbado com reações delirantes e emocionais, atingindo até uma psicose, porém, com os comuns sinais tóxicos característicos; e b) psicoses funcionais, atípicas, que são “iniciadas pela marihuana ou coloridos pela marihuana em seus sintomas, mas continuam na forma da psicose subjacente, representando ao que parece o estado induzido pela marihuana um estágio incipiente da psicose”.

A intoxicação aguda que pode ir de “intoxicação leve a psicoses transitórias que podem exigir auxílio psiquiátrico” não está incluída no tema de que nos ocupamos agora. Quanto às psicoses tóxicas, esclarece Bromberg que podem durar semanas ou meses que muitas vezes podem cristalizar em um quadro maníaco depressivo ou esquizofrênico, que outros fatores (tais como álcool, outras drogas, elementos infectuosos ou endógenos) podem estar presentes, que desordens do sensorio, agitação e excitação, retardamento, bloqueio com rigidez emocional, alucinações, sensações de mudança somática, experiências delirantes, podem aparecer, que os sintomas característicos canábicos podem ser descobertos ao começar da doença mas desaparecem à medida que a psicose funcional subjacente segue seu curso.

Bromberg acentua a importância do fator personalidade no desenvolvimento de tais estados, frisando que “inter-relação entre o cânhamo e o estabelecimento de um estado psicótico não é sempre claro”. Considera da maior significação a reação às sensações somáticas, que suscitam depressivos de pânico, afins à esquizofrenia. Reações de aspecto maníaco depressivo são mais raras. “Mixed reactions marged with toxic psychoses”. Estas reações variam clinicamente, algumas ocorrendo em viciados alcoólicos crônicos, algumas em pacientes esquizofrênicos e algumas em pessoas com personalidades psicopáticas e em todos eles o uso da marihuana era um fator. “Pode ser visto claramente que, ao lado do efeito tóxico direto da droga, a personalidade do paciente desempenha uma parte tremenda nos Estados psicóticos seguindo ao uso da marihuana”. É de opinião que em alguns casos o paciente, no estado incipiente de uma psicose, pode fumar marihuana no intuito de superar suas dificuldades de adaptação. Considera que não basta o uso da marihuana, insistindo sobre a necessidade das disposições pessoais. Mostra-se contrário à opinião de que o tóxico favoreça reações criminais (embora mencionando a opinião de Eugene Stanley, que sustenta aquela influência). Considera a marihuana como susceptível de favorecer tentativas de suicídio, pela angústia que determina em alguns casos, sendo “uma droga perigosa sob este ponto de vista”.

Sob os auspícios da Academia de Medicina de New York e à requisição do Prefeito La Guardia, um grupo de pesquisadores realizou uma investigação dos aspectos sociológicos, psicológicos e médico-psiquiátricos do vício da marihuana. Algumas das conclusões do Comité suscitaram animada controvérsia. No que diz respeito aos efeitos crônicos do marihuanismo Devereux resume do seguinte modo as conclusões daquele estudo: “Deterioração mental não parece resultar do uso habitual da marihuana. Os testes projectivos não revelaram mudança na estrutura básica da personalidade, embora uma diminuição de inibição e aumento em auto-confiança houvesse sido notados. A marihuana liberta tantos sentimentos agradáveis, como ansiedade. Indivíduos com limitada capacidade de experiência afetiva estão mais arriscados a se viciarem. As ideologias da família e da comunidade não revelaram mudança apreciável a qualquer respeito fundamental, exceto uma atitude mais positiva para a droga mesma e uma maior falta de organização da comunidade”.

Uma detalhada crítica às conclusões do Comité La Guardia foi apresentada por J. Bouquet (de Tunis). Ele é de opinião que os sintomas des-

critos por Allentucke e Bowman que se ocuparam, na investigação promovida pelo Comité, com os aspectos psiquiátricos, correspondem antes à intoxicação aguda temporária do que à intoxicação crônica. Salienta que entre os consumidores crônicos do haxixe, alguns se limitam a doses moderadas que nêles não parecem acarretar perigo; outros porém, ultrapassam essas doses e são vítimas da intoxicação crônica que acarreta completa decadência física e moral. Raramente chegariam à demência, sendo porém encontrados entre os ladrões, mendigos profissionais, indivíduos incapazes de trabalhar, "wretched raggamuffins" que são um perigo e uma carga para a sociedade. Bouquet é de parecer que há para o fumador do haxixe distúrbios psicóticos realmente característicos. Chama também a atenção para a extrema variabilidade das manifestações da intoxicação canábica, pois enquanto uns podem se abandonar a irresistíveis impulsos, em outros se encontra instabilidade mental e reações sem perigo, conforme as disposições pessoais, sendo verdadeira a frase de Blondel: "Cada viciado ao haxixe tem o sonho que merece". Contrariando a crença popular, Bouquet frisa que nos intoxicados crônicos pelo haxixe há uma diminuição do instinto sexual, podendo alguns apresentar durante algum tempo perversões sexuais. Quanto à relação com a criminalidade, conclui que os consumidores habituais do haxixe por sua ociosidade, amoralidade, são conduzidos a cometer atos criminosos, a fim de obter dinheiro, etc. Assinaladas algumas das causas de certas diferenças da sintomática clínica, observadas ao se comparar o haxixe Norte Africano ou Asiático à marihuana da América, salienta que o haxixe contém 35 a 47 por cento da resina ativa enquanto que a marihuana fumada contém 5 a 8 por cento da resina. Acentua ainda que nos EE. UU. não existem ainda velhos viciados do cânhamo, graças as enérgicas medidas adotadas pelas autoridades sanitárias. Por último, se opõe enérgicamente, como Klob, ao uso sugerido por Allentuck e Bowman, de cigarros de marihuana durante o período de desintoxicação de certas toxicomanias.

Anslinger acentua que Allentuck e Bowman reconhecem que a marihuana precipita em certas pessoas psicoses, uma personagem instável e desorganizada e relaxando inibições, permite exteriorização de tendências anti-sociais. Ainda a seguir opiniões de Chopra e Chopra, Watt e M. Beriyer — Brandwijk, Dhunjibhoy, Brotteaux, Bouquet, Church e Peterson, L. Kolb, Yawger, Lewin, Shanghnessy e Ch. Richet, os quais opinam que a marihuana pode ocasionar psicoses e deterioração mental.

Marcovitz é de opinião que o parecer do Comité La Guardia contém observações valiosas mas declara-se em desacôrdo com vários pontos de vista do mesmo. Assim, o Comité afirmara que entre fumadores de marihuana, de vários anos, não foi registrada deterioração física ou mental.

Marcovitz objeta que na realidade não foram estudados pelo Comité marihuanistas crônicos confirmados, do tipo e do grau que êle teve ensejo de observar. "O relatório do Comité seria análogo a um estudo do álcool que omitisse qualquer referência ao viciado crônico do álcool". Tendo o Comité concluído que a marihuana não mudaria a estrutura básica da personalidade, mas diminuiria a inibição e traria ao exterior o que existe latente em pensamento e emoções, Marcovitz faz notar muito acertadamente que o Comité, em seu esforço em combater opiniões largamente espalhadas e talvez alarmistas sôbre os extremos perigos da marihuana, caíra exatamente no extremo oposto e "has minimized the long-term noxious effects of a substance which according to the Committees, own observation enhances, fosters and reinforces all the personality traits and tendencies mentioned on pg. 132 of the book". Esses traços de personalidade existentes nos fumadores seriam inibição emocional, tendência à introversão, reação escassa aos estímulos externos, com dificuldade de ajustamento social, mostrando-se os indivíduos mal adaptados, isolados e inseguros, de ajustamento hetero-sexual precário,

sem inclinação a se ocupar criadoramente em algo socialmente útil, deixando-se arrastar passivamente e solicitados por assuntos triviais. Marcovitz deplore ainda que possam ter induzido os fumadores ao hábito.

Herbert S. Gaskill (1945) é de opinião que a marihuana é um intoxicante que temporariamente produz euforia, alteração da percepção do tempo, diminuição do julgamento intelectual e moral, sendo os fumadores indivíduos emocionalmente imaturos, constantemente “frustrados em suas tentativas para encontrar adequada expressão instintiva”.

Em Cuba a toxicomania se encontra também bastante espalhada, tendo dado motivo a vários trabalhos (Guilherme Lage, Castellanos, Luiz Muniz Angulo).

Lage (citado por P. O. Wolff) descreveu em marihuanistas crônicos alucinações sistematizadas, tecendo os pacientes suas narrativas em tórno de alucinações enlaçadas.

Vem a propósito lembrar o trabalho de Luiz Muniz Angulo que, no intuito de eliminar eventuais influências inibidoras do ambiente carcerário ou hospitalar, procurou estudar os marihuaneros em seu habitat natural, surpreendendo-os quando em plena embriaguez canábica e observando suas reações espontâneas, as quais em muito avultadas percentagens tiveram feição claramente agressiva. Chega à conclusão que a marihuana “liberta as tendências perversas do inconsciente, desperta o instinto de agressão e leva à realização de gravíssimos delitos”.

Nos demais países hispano-americanos tem sido menor a difusão do vício. Alguns casos já foram registrados na Argentina.

L. Bard, de Buenos Aires, estudou quatro viciados à marihuana. Além dos efeitos euforísticos agudos observou em dois casos, quando aumentavam a dose habitual, diminuição da memória e da atenção, perturbação no curso do pensamento, surgindo as recordações em tropel, dificultando o funcionamento intelectual. É de opinião que existe nesses pacientes um sentimento de transformações cósmicas mas não menciona nêles distúrbios mentais persistentes.

Na Argentina, deve-se mencionar também a monografia de Pablo O. Wolff, que constitui um estudo extremamente completo da questão. Wolff passa em revista a situação nos vários países americanos, detendo-se mais particularmente no capítulo das reações anti-sociais desencadeadas pela marihuana, referindo várias observações de seu arquivo. Depois de discutir a literatura existente a respeito, encarece a necessidade de medidas preventivas enérgicas que reduzam a crescente extensão da toxicomania em nosso continente.

O Brasil, como o México, constitui um dos mais antigos focos do canabismo na América e o Prof. Rodrigues Dória, em entrevista ao jornal *A Noite* indicou que já há cem anos atrás as autoridades municipais do Rio proibiam o uso do “pito de pango”.

Nos autores nacionais que trataram o problema do maconhismo, encontramos divergências quanto à possibilidade do aparecimento de quadros psicóticos persistentes.

Rodrigues Dória escreve, sem mencionar observações pessoais: “O abuso da substância tem efeito oposto, tôdas as funções nervosas se deprimem. Os inveterados e insacáveis no vício podem entrar no estado de caquexia que não permite viver muito tempo. Emagrecem rápida e consideravelmente, adquirem côr térrea amarelada, dispepsia gastro-intestinal, fisionomia triste e abatida, depressão de tôdas as funções, bronquites. Nesse estado quase sempre a morte sobrevém em pouco tempo e diz o povo haver uma tísica de maconha de forma aguda e rápida, exterminando a vida em dois ou três meses. Nesse estado de maconhismo crônico o vício é imperioso, dominante e tirânico”.

Iglésias, citado por Heitor Peres, referiu a observação de um indivíduo que dirigia uma fazenda no interior de um Estado do Norte, e que tendo se tornado viciado ao uso da liamba apresentou perturbações mentais graves: desordens de caráter, abandono das ocupações, atos extravagantes e imorais, distúrbios da esfera intelectual, desordens delirantes. O quadro clínico permaneceu bastante tempo, desaparecendo quando o indivíduo abandonou o hábito vicioso.

Heitor Peres é de opinião que faltam observações mais numerosas dos especialistas. Frisa que é muito pequeno o número de internados por uso da liamba. Mesmo os estados descritos nada tem de específico. É de parecer que o tóxico (como em outras toxicomanias) seja apenas o revelador da constituição psicopática do viciado. Refere que no interior do Amazonas observou nos fumadores de dirijo estados de enfraquecimento intelectual. Apesar disso encara êsse fato como resultante da ação de fatores vários conjugados: constituição psicopática, estado carencial, más condições higiênicas, endemias locais e adições tóxicas, como o álcool.

Garcia Moreno escreve a propósito: "Afora os efeitos transitórios do maconhismo agudo não vi citadas entre nós psicoses de longa duração filiadas à etiologia canábica. Trabalhando em meio onde a maconha arregimenta número incontável de viciados, apesar de há mais de dois anos pensar "maconhamente" quando examino meus pacientes, até agora não pude isolar um caso sequer em que a liamba pudesse ser indigitada como causa dos distúrbios mentais".

Jarbas Pernambucano é de opinião que a maconha em Pernambuco é pobre de princípios ativos e em pesquisa que realizou na penitenciária de Recife, verificou que a percentagem de criminosos fumantes é pequena, sendo no entanto grande os correccionais malandros e vagabundos.

Jaime R. Pereira escreve após muitas reservas e restrições: "A maconha em doses tóxicas abolindo a influência dos mecanismos naturais de contróle, principalmente o de autocrítica, deixa em liberdade as taras, as paixões e os instintos, êsses perigosos e importunos demônios que habitam nosso sub-consciente e que respondem pelas atitudes e pelo comportamento dos intoxicados. A fantasmagoria relatada pelos fumantes da maconha tal qual tem já previamente preparado pela doença ou pelas taras e que no estado carente da inibição, desenfreada e liberta, passa a ver e sentir êsse mundo maravilhoso de belezas e de paixões, de amor e de ódio, que povoa a imaginação anormal dos alucinados".

A opinião de João Mendonça é diversa, tendo êle apurado nos detentos da penitenciária da Bahia, que grande número de presos era dado ao hábito da maconha. Menciona entre os viciados reações anti-sociais, hiperestesia sexual e refere o caso de um indivíduo que cometeu um homicídio impulsivo, sem provocação, sob a ação da maconha. O ato delituoso acompanhou-se de amnésia.

A possibilidade do aparecimento de quadros psicóticos em seguida ao uso continuado da maconha é aludida de passagem por alguns outros estudiosos do assunto em nosso país (E. Bizarria Mamede, Pernambuco Filho, R. Cordeiro de Farias, P. Rosado, etc.), que não se detiveram, porém, no exame dêsse aspecto particular da intoxicação.

Passamos agora a relatar três observações de maconhistas crônicos, nos quais foram registrados distúrbios mentais persistentes:

Observação I — Tibúrcio C. F., pardo, 26 anos, solteiro, agricultor, de instrução rudimentar, residente em Custódia (Pernambuco), internado de 3-3-49 a 10-6-49.

Segundo informações da família, o paciente há vários meses se mostra isolado, inerte, silencioso, mal respondendo quando interrogado, descuida os hábitos de limpeza, não corta os cabelos. É fumador inveterado de maconha, que consome há vários anos,

tendo feito plantações de cânhamo para se abastecer com regularidade. Passa às vezes até dois dias sem comer, fumando maconha e bebendo garapa. Sobre os antecedentes, foram apurados dados escassos. Os pais são vivos e o observado tem nove irmãos dos quais um é alienado. Sofreu de doenças venéreas que não precisa bem. Pertence a uma família de trabalhadores rurais de pequenas posses. Frequentou escolas quando criança, durante pouco tempo e com pequeno aproveitamento. Nos primeiros dias do internamento permaneceu em constante mutismo. Algumas vezes, excepcionalmente, exprimia-se por sinais ou demonstrava desejo de escrever mas não os punha em prática. Indiferente ao que ocorria em torno, não reagiu ao internamento. Acomodava-se à rotina hospitalar. Ao ser dada uma busca em seus vestimentos foi apreendido um pacote de maconha. Não reagiu à apreensão do mesmo.

Submetido a tratamento cardiazólico (tendo efetuado nove choques), decorridos depois de sua entrada, com detalhes precisos. Informa que não falava com os homens porque isto lhe provocava cafaléia, o mesmo não sucedendo quando falava com mulheres. Interrogado como começara a fumar maconha, responde-nos que naturalmente, como alguém que começasse a fazer uso de cigarros. Contou que a primeira vez que fumou maconha, embriagou-se. Estava em casa de um vizinho. Sentiu então terrível medo de ser assassinado e fugiu para se esconder. Teve nessa ocasião a sensação de uma "enorme roda a lhe moer as costas". Exterioriza numerosas idéias delirantes, de toma ambicioso e de grandeza, com múltiplas alucinações auditivas interpretações ou intuições delirantes, sentimento de transmissão de pensamento, adivinhação de pensamento. A sistematização é frouxa. Frequentemente se interrompe para dizer: "O sr. já sabe de tudo". Refere que seu pai, contrariado porque ele não admitia em sua casa um irmão, com quem rompera relações, juntou-se com duas moças, para perseguir-lo, permitindo que elas preparassem uma peça de caça para ele. Antes de comer sentiu uma febre e ouviu uma voz dizendo: "vamos fazer isso com ele". Outras vezes ouvia "Segura o negro! Lá vai!" Está certo que seu pai e as moças queriam matá-lo para se apossar do "encanto do angico". Afirma que seu pai via tudo que ele fazia, mesmo estando longe, e conversavam os dois perfeitamente como se estivessem lado a lado. Acrescenta ainda que antes de fumar a maconha não falava com o pai à distância e que esta qualidade só lhe apareceu algum tempo depois de viciado ao uso da erva. Conta também que quando ele nasceu, sua avó viu três sementes em sua cabeça, que significavam uma ordem de Deus. Ela deveria plantá-las em lugares diferentes, cada semente representando uma planta (baraúna, angico, maconha). Ao crescer ele deveria fumar apenas maconha. Isto era uma ordem de Deus, para que ele, viesse a se tornar um rei e "espalhasse meninos com as moças da terra". As mulheres deveriam pagá-lo por isso, sendo essa sua única obrigação, ficando ele dispensado de trabalhar. Acrescenta que em Recife descobriu um encanto em casa de um determinado personagem (A.S.), encanto pelo qual deveria vender maconha fiado e ser dono do mundo. Descobriu o referido encanto em ocasião em que conversava com o pai e ouvia vozes conversando "por cima". Declara ainda que tinha uma toada para se proteger e declama-a em seguida, acrescentando que Deus é que lhe ensinou isto, explicando que não via Deus mas ouvia a voz. Esclarece que quando fuma a maconha "é que me chega direito... a maconha é o motorzinho (sic).

Refere ainda que quando seu pai tomou o caixão de maconha, saiu o paciente pelo mato sofrendo e ouviu a voz de Nossa Senhora mandando que fôsse buscar a erva e se o pai recusasse, tomassse-a a pulso, o que de fato realizou. Depois de reconquistado a maconha fumou um cigarro, que quase o embriagava, atribuindo tal fato a castigo do Padrinho Padre Cícero.

Ainda conta que em certa ocasião o pai — (que estava a mais de uma légua de distância) — censurava-o, acusando de falar mal do irmão. Interrogado, esclarece que estava fumando naquela ocasião, como fazia sempre, e que, ao arrebatar-lhe o pai o caixão de maconha, deixou de ouvir as vozes. Mesmo com o pai só conseguia conversar então estando o mesmo presente. Ao readquirir a maconha passou a ouvir vozes femininas, especialmente a da filha de A. F., com a qual desejava casar. Ao exame físico não foram encontradas anormalidades. O paciente evadiu-se em junho de 1949.

Ao psicodiagnóstico de Roschach obteve-se um psicograma pobre, tendo como traços principais: dificuldade pronunciada em estabelecer relação com o examinador, suscita (aumentado tempo de reação), número de respostas escasso. Há indícios de retratação diante dos estímulos afetivos externos (ausência de respostas aos três cartões coloridos — (sinal nitidamente patológico) e choques de côr e claro escuro indicando não só distúrbios afetivos superficiais, como uma esfera afetiva central fácil de se abalar e desorganizar, em relação com complexos subjacentes. O tipo de percepção (tipo II da classificação de Serebrinsky) com predominância do pensamento abstrato foi influenciado por algumas respostas G de má qualidade evasivas e coativos, com indícios de empobrecimento afetivo. Há uma resposta M, que sabemos serem raras na maioria dos esquizofrênicos, mas que se encontram nos esquizofrênicos, paranóides, "well (falhas do contrôlo interior, insuficiências das funções lógicas). O conteúdo mostrou pequeno

número de respostas humanas indicativa de certa incapacidade de se identificar com seres humanos.

Observação II — Clóvis S. L., branco, 22 anos, solteiro, conferente do Pôrto, de instrução primária, internado em 13-8-48.

Refere a família que o paciente nos últimos tempos não conseguia efetuar o trabalho. Passava as noites fora de casa e dormia a maior parte do dia. Vivía a lamentar-se de falta de sorte, dizendo-se doente.

Em outras ocasiões destruiu móveis, louças, etc. Agredia a genitora exigindo-lhe dinheiro, que gastava à toa. Mudava freqüentemente de residência. Fazia ameaças de morte contra os seus, especialmente contra a genitora, a quem responsabilizava por seus fracassos e com quem se abraçava aos gritos exigindo-lhe que ressucitasse o pai. As violências e agressões motivaram por duas vêzes o internamento no Hospital de Alienados.

Nos antecedentes merece registro: é o quarto na série dos irmãos. Foi, quando criança, acometido várias vêzes de acessos febrís, acompanhados de convulsões. Raramente era castigado e devido a seu estado de saúde era atendido em todos os seus caprichos. Freqüentou escolas durante seis anos sem aproveitamento. Não se interessa pelos estudos, era muito emburrado e rebelde de temperamento reservado e irritável. Após a morte do pai assumiu a direção de uma pequena mercearia que aquêle possuía mas dirigindo-a incompetentemente, faliu. Mostrou-se profundamente abatido e os familiares são de opinião que seu humor e caráter se modificaram de maneira considerável depois dêsse fracasso, que coincidiu também com o rompimento de um noivado. Passou então a demonstrar a maior animosidade contra a família especialmente contra a genitora.

Julga a família que o paciente usa a maconha há cêrca de dois anos, mas o observado da a entender que o hábito é mais antigo.

Nos antecedentes familiares há a registrar que o avô paterno morreu louco e um tio é cocainomaniaco.

Aos vários exames compareceu de boa vontade, a aparência correta. Aos primeiros encontros a fisionomia é deprimida, algo ansiosa. Perfeitamente orientado no meio e no tempo, recorda, com exatidão os fatos de sua história pessoal, não se registram clinicamente distúrbios associativos.

Conta a seu modo os fatos que precederam seu internamento, explicando que se tornava descontente e irritado pela situação de dependência econômica em relação à mãe e irmãos e que tal situação tê-lo-ia levado a recorrer à maconha. Mostrava-se acomodado à rotina hospitalar, mas só raramente consentia em realizar trabalhos braçais. Mantinha-se sempre extremamente reservado à conversação, evitando expansões, reclamando sua alta com insistência rígida, acompanhada de protestos convencionais de reforma e melhora da conduta. Desviava a conversação quando esta se encaminhava aos motivos de seu comportamento irregular. Em relação à sua vida sexual ainda se mostrava mais reservado, esclarecendo apenas que tinha relações sexuais normalmente. Quanto a namoros e paixões negava-os com irritação.

Ao exame físico há apenas a registrar moderada hipertensão arterial.

Durante o internamento realizou dois eletro-choques, muito a contra-gôsto.

Estêve internado cêrca de três meses. O psicodiagnóstico de Rorschach forneceu informações de interêsse.

Abaixo transcreveremos o protocolo de seu psicodiagnóstico:

Tempo gasto — 20'

I

7'' A) Está parecendo com uma borboleta (G).

A) Está parecendo com uma radiografia tirada da mesma (G).

II

12'' A) Está parecendo com uma fotografia da cabeça de um rato, tirada por baixo de um animal roedor (G).

Os dentes {3}.

III

50'' A) Está parecendo com uns borrões (G).

IV

20'' V) Está parecendo com uma borboleta, olhando-se assim de trás para frente (G).

As asas (2 e 4).

As pernas (3).

A cabeça (1).

V

- 40" A) É dividido em duas partes iguais a extremidade da fotografia, sendo a parte direita um pouco maior. A parte de frente de um rosto de uma borboleta (G).

VI

- 23" A) Este aqui é justamente uma parte daquele que vem acompanhando o quadro V, este formato de trás para a frente, as partes são iguais. É uma foto tirada de diversas partes de uma borboleta; é uma ampliação da mesma em diversas partes pequenas (G).

VII

- 14" A) Parte da mesma fotografia, tirada em ampliação (G).

VIII

- 28" A) Este também é uma parte da mesma fotografia, tirada dela, da borboleta mas colorido; azul, cinzento, vermelho claro e alaranjado, cor de barro em certas partes. Partes da mesma fotografia da borboleta em partes para compostos (G).

IX

- 15" A) É parte da mesma borboleta em três cores, completamente diferentes: alaranjado escuro, azul acinzentado e vermelho claro (G).

X

- 17" A) Aqui diversos borrões de cores da pintura da borboleta (G).

Número total de respostas — 11. Tempo de reação 1' 49". Tipo de percepção G (G = 11). Tipo de caráter OM 3C.

F+ % = 20,00%. A % = 36,36.

G = 11, F+ = 1; F- = 4; FC = 2; k = 1; Fc Fk = 1; A = 2; Ad = 2.

Radiogr. = 1; Fotogr. = 4; Desc. = Borrão = 1;

a) Alda Campos

Demos a êsse psicograma a seguinte interpretação: Dificuldade em estabelecer rapport (expressa no tempo de reação algo aumentado e no reduzido número de respostas aos três últimos cartões algo reduzido). O tipo de percepção [tipo I da classificação de Serebrinsky] se deve à presença de respostas G, de má qualidade, arbitrárias, indicando pensamento abstrato ou fantástico, deficit do julgamento concreto e prático. O tipo de vivência (extratensivo mostra absoluto domínio da cor sobre o movimento significando habilidade e excitabilidade emocionais sem controle. Além da ausência de respostas M (que exercem função de controle interior e indicam disposições criadoras), assinala-se o F+ % extremamente baixo, significando a ausência de fatores de ordem intelectual de estabilização da afetividade. Foi registrada perseveração extremamente acentuada (encontrando-se a interpretação borboleta em oito cartões), parecendo enquadrada nas seguintes palavras de Klopffer-Kelly "A patient, while perseverating the response, fits in more accurately to the structure of the card and does not seem so completely unable to change his trend of thought", o que êle considera mais próprio da perseveração esquizofrênica que da perseveração dos orgânicos e cuja significação é de rigidez dos processos de pensamento. O índice da estereotipia esteve apenas ligeiramente baixo. Quanto ao conteúdo estiveram presentes interpretações de animais e de objeto, mas não foram registradas respostas humanas, indicando incapacidade de se identificar com seus semelhantes. Foram registradas igualmente respostas, consistindo em simples descrição do cartão "sugerindo escassez de idéias e inflexibilidade de pensamento" (Klopffer e Kelley).

Observação III — José S. N. S., pardo, 17 anos, solteiro, católico, engraxate pernambucano, residente em Recife, internado no Hospital de Alienados de 18-7-47 a 26-10-47 por solicitação de autoridade policial por ser fumador de maconha.

Nascido de parto normal, o observado teve em seus primeiros anos desenvolvimento somato-psíquico sem anormalidades. Freqüentou escola com 9 anos de idade, porém nada aprendeu pois foi sempre vadio, embora tivesse facilidade de apreensão. Fugia de casa e o pai lhe fazia tôdas as vontades; não o castigava nem permitia que alguém

o fizesse. Assim desde criança sempre fêz o que entendia (sic). Irascível, sempre se mostrou alheio à sorte da família. Como diversões preferia o cinema (filmes de gangsters). Tinha alguns companheiros. Nunca trabalhou, jamais mostrou inclinação para isso. Ultimamente dizia desejar tornar-se soldado da Aeronáutica mas nunca realizou tal aspiração. Desde muito jovem se mostrou farrista (sic). Crê a família que o observado já fumava maconha há muito tempo (o que é por êle confirmado). Dois meses antes da hospitalização o paciente, ao chegar em casa à noite, tomou um candieiro acêso e sem dar palavra derramou todo o querosene, ensopando várias peças de roupa, e queimou-se. Em seguida atirou-se à genitora que estava só em casa, e rasgou-lhe tôda a roupa, que também atirou à fogueira, deixando-a completamente despida. Aos gritos de socorro, acudiram os vizinhos e finalmente um policial levou o paciente prêso, tendo êle passado dois dias no comissariado. Ao voltar para casa recomençou a fazer desordens: dizia nomes obscenos, quebrava os objetos de casa, queimava roupas, atirava-se do telhado ao chão, andava por dentro dos matos, cantava alto, falava sozinho, queria esmurrar as pessoas que dêle se aproximavam e passou um dia a gritar muito alto. Uma noite, já muito tarde, ficou na porta da casa, dizendo que mandassem vir a ambulância que conduzia uma moça que desmaiara por sua culpa, pois o amava certamente. Prêso mais duas vêzes, encontraram na última vez, fôlhas de maconha em sua roupa e o transferiram para a Delegacia de Vigilância e Costumes, de onde foi encaminhado ao Hospital de Alienados.

Reside a família em casa de taipa com piso de cimento, com dois quartos, duas saletas, sem quarto sanitário. É infimo seu nível econômico e social.

Já viveu a mesma em condições melhores, mas o pai, que era contador diplomado, tinha vida muito irregular, perdeu no jôgo o que possuía, deixando os seus quase na miséria.

Dos antecedentes interessa ainda registrar que, dos dezoito irmãos que o paciente teve, dez faleceram em tenra idade, um outro foi assassinado (era guarda civil) e outra alienada, internada no Hospital da Tamarineira.

Ao exame — comparece aos vários interrogatórios desinteressado, o vestuário em desordem, os cabelos em desalinho. Sentado, não encara o examinador nem se interessa pelo exame, respondendo de modo sumário às perguntas, sem assumir a iniciativa da conversação. Fica a olhar pela janela afora de maneira vaga, indiferente; levanta-se da cadeira algumas vêzes, dirigindo-se à porta como se fôsse evadir-se, detendo-se porém a uma exortação mais imperiosa. Boa orientação autopsíquica.

Refere algumas alucinações: “via uns vultos” (sic). “Outras vêzes ouvia aquela voz bem distante a lhe dizer besteiras” (sic), não esclarecendo o conteúdo das vozes. Fracassa em algumas questões-padrão que visam explorar o julgamento. Confessa sem relutância ter fumado a maconha muitas vêzes, para ficar alegre e interrogado sobre as sensações que experimentava ao fumar responde que sentia uma besteira na cabeça, com aquela elevação: o camarada pensa que fica gigante, que fica alto. O sujeito fica leve e com o andar macio. Pensa que todo mundo é camarada dêle”. Confirma as informações da família sobre os antecedentes, confessando que nunca dera valor à escola, que ao deixar de estudar, passava a vida na vadiagem, tomando banho na maré (sic), que já fôra prêso duas vêzes, uma por ter sido agredido, outra por briga com uma moça (sic).

Em relação à família declara em certa ocasião: “Até agora estou gostando só de mim mesmo”. Informa que em nada contribuía para o sustento da casa, alegando que ganhava pouco. Em relação ao genitor já falecido, pretende justificá-lo dizendo que era um homem decente, fiscal de jôgo, que levava para casa tudo o que ganhava (sic).

O comportamento do paciente não se modificou sensivelmente nos dias seguintes. Realizou uma tentativa frustrada de suicídio, utilizando uma corda.

O humor era labil, mostrando-se um deprimido, queixando-se de sofrimentos e maus tratos (sic), solicitando alta, pois precisaria trabalhar, ora revelando-se irritadiço e agressivo. Por vêzes no recurso de uma mesma conversação o tom passava da usual monotonia à exaltação.

Repetiu algumas vêzes que ouvia vozes, as quais chamavam-no de “cachorro da moléstia” e declarou certa ocasião que possuía em casa, escondido, um caixão de ouro, que lhe teria sido dado pelas almas de outro mundo.

Ao exame físico — tipo leptosômico, emagrecido. A pesquisa do bacilo de Koch no escarro foi, por duas vêzes, negativa. A reação de Wassermann foi negativa no líquido e positiva no sôro sangüento.

Observação IV — Alcides E. S., pardo, com 19 anos de idade, solteiro, aprendiz de serralheiro, católico, instrução primária, natural de Pernambuco (Recife), residente em Recife.

Não há na família casos de doença mental. Família legítima — O pai nascido no interior da Paraíba, para aqui se transferiu ainda criança; é um homem trabalhador, de bons costumes, extrovertido. Fornece-nos as informações com desembaraço e sinceridade.

A progenitora do observado teve 14 filhos dos quais somente 5 são vivos.

Nascido a término, parto normal, o observado com um ano começou a andar, e a falar aos 2 anos. Os dentes apareceram "em tempo". Era uma criança muito viva, esperta (sic).

Sofreu apenas as infecções comuns da infância: sarampo, papeira.

Aos 17 anos contraiu um cancro venéreo que se complicou de adenite supurada. Tempos depois, segundo informa seu progenitor, sobrevieram-lhe numerosas feridas.

O pai do observado era até bem pouco tempo proprietário de um pequeno negócio no Mercado de São José. Faliu em 1929 e, não tendo conseguido emprêgo, serve de intermediário em negócios avulsos, tendo a família passado algumas dificuldades.

Durante a infância e adolescência do observado, porém, as condições de vida eram relativamente normais. O paciente frequentou escolas durante 3 anos. Era um aluno irregular. Seu pai retirou-o por ver que era muito vadio e pô-lo a aprender um ofício. Nunca revelou amor ao trabalho nem persistência. Contudo, obedecia à vontade paterna. Tinha relativamente poucas amizades, mas não dispensava uns 2 ou 3 amigos inseparáveis. Em casa se acomodava bem com os familiares e parecia estimá-los e respeitá-los. Segundo seu progenitor, era relativamente indiferente a mulheres, não tendo aventuras sentimentais e "só raramente fazendo farras", o que não deixa de surpreender nosso informante. Não se preocupava com questões políticas, mas em 1931, envolvido no levante do 21.º B.C. (ainda era civil nesta época), foi prêso e enviado a Fernando de Noronha. Livre, entrou para o Exército, servindo algum tempo na guarnição de Curitiba. Ao terminar o tempo de engajamento, não tornou a alistar, indo para o Rio de Janeiro, empregou-se na casa de um tio.

Como, porém, o seu comportamento nessa época fôsse péssimo (expressões do seu progenitor), aquêle demitiu-o e expulsou-o, dando ciência disso à família. Alguns meses depois o pai, que sabia estar o paciente sofrendo privações, morando em companhia de malandros e de mulheres de má vida, mandou-o buscar.

Aqui, como as perturbações mentais se agravassem, requereu seu internamento.

Doença atual: — Desde os 13 anos de idade, provavelmente atendendo a convites de seus companheiros, o paciente começou a fumar maconha. Sabedor disso, seu pai usou de todos os meios: ameaças, castigos, etc., para fazê-lo abandonar aquêle hábito, mas não conseguiu. Certa ocasião o rapaz que sempre se mostrava obediente e respeitador, respondeu atrevidamente às reprimidas, chegando a fazer ameaças.

Quando o observado se envolveu no levante do 21.º B.C., a situação melhorou. Enviado para Fernando de Noronha, e, depois, para Curitiba, lugares onde não conseguia liamba, o seu procedimento se modificou sensivelmente. Mas, no Rio, recomeçou a queimar maconha habitualmente. Em Recife, continuou neste hábito. Logo notaram os familiares vários distúrbios. Tornou-se irritável, concentrado. Passava os dias fora de casa, e ao chegar continuava silencioso, sorrindo à toa, se interrogado.

Em ocasiões queixava-se de estarem as ruas desertas, quando em outros momentos dizia não suportar a presença de tanta gente. Seu progenitor matriculou-o no Serviço Aberto da Assistência a Psicopatas, onde compareceu uma ou duas vezes e efetuou a retirada do L. C. R. para exame. Depois ainda experimentou tratá-lo com remédios caseiros e levou-o a sessões espíritas.

Nos últimos tempos o paciente fumava mais e seu pai preferia vê-lo mesmo embriagado e dormindo do que desperto e provocando escândalos, exigindo da família que lhe desse maconha. Como a situação se fôsse tornando insustentável resolveu a família interná-lo, denunciando-o antes à polícia, por segurança.

Ao exame — É um indivíduo de estatura alta, leptossômico, de pânículo adiposo e músculos desenvolvidos, de mucosas visíveis e pele pouco coradas. Acusa dores osteocópicas.

Para o lado dos órgãos e aparelhos da vida vegetativa, nada de anormal se percebe aos meios comuns de semiótica.

Sistema nervoso: — Sem distúrbios que mereçam registro.

Por mais de uma vez interrogamos demoradamente o paciente. Sempre os interrogatórios pouco conseguiam. Não assumia nunca a iniciativa da conversação. Nossas perguntas faziam-no sair da atitude de alheamento e obtinham respostas. Estas, contudo, são sempre sêcas, freqüentemente monossilábicas. Invariavelmente pede que se repita a pergunta, como se estivesse distraído. Na sala em que está, apenas sabe o nome de um companheiro. Não designa corretamente os médicos aos quais no entanto já viu muitas vezes. E na sala costuma permanecer arredio, sem amizades. Durante o primeiro interrogatório freqüentemente ria, sem nenhuma razão aparente e (segundo diz) sem nenhuma intenção de zombaria. A notar que a conversação neste momento era sobre assuntos graves. Obedece, contudo, sem dificuldade. Tem para a família expressões convencionais de afeto.

Repete corretamente séries de cinco números dígitos, em ordem direta.

Conta, a nosso pedido, que ao fumar maconha ficava rindo muito, meio tonto, como se tivesse bebido. Nada via ou ouvia de anormal (sic), mas sentia "certa mediunidade, transmissão de pensamento". Por mais que nos esforcemos em precisar o sentido dessas duas expressões, a pobreza verbal do paciente e sua evidente despreocupação por interrogatório, fazem que nada mais tenhamos podido apurar.

Esclarece ainda que nessas ocasiões "vinham muitos pensamentos". "No pensamento via-se no Paraná" onde sua vida perigou quando soldado.

Quanto examinado anteriormente no Ambulatório da Assistência a Psicopatas o observado a princípio respondeu de modo coerente, referindo "assombrações" (sic), dizendo ter visto uma mulher junto à sua casa", não acrescentando outros detalhes. Queixou-se ainda de uma "grande agonia na cabeça, vontade de morrer e pensamentos maus" (sic) que o perturbavam sobremodo.

De hábito, porém, modifica esta atitude, abre os braços e deixa-se cair no chão, aí permanecendo, sem responder mais uma só das questões que lhe são formuladas.

A determinação da I. . e Q. I. deu os seguintes resultados:

I. M. — 8 anos e 10 meses.

Q. I. — 55.

A fórmula do perfil psicológico de Rossolimo foi a seguinte:

P. 4,3 — (1,5 + 5,9 + 4,9), durante a investigação de duas horas.

O exame do L. C. R. foi efetuado por duas vezes com resultados concordantes. O Wassermann positivo no sangue (—+ + + +), foi negativo no liquor.

Não existe hiperlinfoctose, nem hiperalbuminose; as reações coloidais deram curvas normais.

Das r. de Globulinas apenas a r. de Nonne Apelt (fase I) foi fracamente positiva (+).

O observado permaneceu no Serviço, de 26-2-1935 até 4-8-35, tendo o diagnóstico de Esquizofrenia. Retirado pela família, a sintomatologia continuou sem modificações. Faleceu alguns anos após, em sua residência.

*
* *
*

Encontramos, portanto, nessas observações, uma sintomatologia bastante variada, que poderemos resumir do seguinte modo:

1.º caso, em que se verifica a presença de uma síndrome delirante mais ou menos estruturada de tema ambicioso, de grandeza ou persecutório, com alucinações mais ou menos freqüentes, fenômenos de automatismo mental e consciência clara — (observação Tibúrcio e até certo ponto José S.N.S., vulgo Déga).

2.º caso, em que uma iniludível sintomatologia esquizofrênica, aparecida em seguida ao uso da maconha, mostra tendência a persistir e se agravar (Observação Alcides E.S.).

3.º caso em que existem arrebatos distímicos, coincidindo com sintomas que poderiam ser classificados à primeira vista como pertencentes a estado astênico hiperestésico emocional, mas em que se percebem a uma investigação psicológica mais detida, sintomas subjacentes do grupo das esquizoses e também da série orgânica — (Caso Clóvis S.L.).

Devemos aludir aqui, de passagem, a outros pacientes de nossa observação, cujo estudo pretendemos abordar em futuro trabalho, e nos quais se registravam desordens de conduta, reações anti-sociais, do tipo usualmente encontrado nas chamadas personalidades psicopáticas, merecendo discussão a possível influência da maconha no agravamento de tais traços de caráter.

Para situar corretamente a responsabilidade do canabismo na gênese de estados psicóticos, devemos abordar, embora de modo sumário, o pro-

NOTA:

Esta observação já fôra por nós publicada anteriormente nos Arquivos da Assistência a Psicopatas de Pernambuco (1935).

blema das relações entre os fatores exógenos e as disposições endógenas pré-existentes.

Atualmente, com os progressos da análise da estrutura das psicoses, sabemos que os fatores etiológicos exógenos podem acarretar o aparecimento de quadros mórbidos em que, porém, um importante papel é desempenhado pelas disposições endógenas anteriores, sendo, pois, necessário, em cada caso, ter presente a equação de forças entre tais fatores constitucionais e os adquiridos.

A interpretação dessas duas categorias de fatores é freqüentemente tão íntima que inúmeras vezes resulta impossível separar o que pertence especificamente a cada uma delas. Como escreve Bleuler, a propósito do modo em que se influenciam, em determinados delírios alcoólicos, a disposição esquizóide ou a esquizofrênia e os efeitos do álcool, êsses dois componentes se mostram mais difíceis de separar que “em um líquem as algas e os cogumelos”.

Uma síntese equilibrada dessa questão foi realizada por Kurt Schneider, em seu trabalho sobre “Problemas da Psiquiatria Clínica”. Recorda Schneider que os quadros sintomáticos exógenos seriam na realidade também endógenos, existindo entre ambos uma diferença quantitativa no que se refere ao papel do agente exógeno. Menciona o critério de Bonhoeffer — (autor da conhecida doutrina da reação exógena e das intermediárias) — para o qual, quando aparecem quadros endógenos em seguida a agressões exógenas, haveria preexistência de disposições endógenas para tais enfermidades. Afirma Schneider que, em consequência do firme estabelecimento do conceito dessa interrelação, os quadros sintomáticos surgidos em seguida à atuação de causas exógenas (que sabemos serem infinitamente variadas) são em geral inespecíficas, sem embargo de algumas excessões. Lembra ainda que as formas de reação exógena pertencem essencialmente a duas categorias: 1.º — as que podem aparecer em qualquer indivíduo submetido a causas mórbidas exógenas suficientemente intensas; são as reações fundamentais (Seelert), obrigadas ou obrigatórias (Stertz), representadas pelo estado amnésico, o delirante e a diminuição da consciência; 2.º — as formas de reação exógena, que só tem lugar quando mecanismos individualmente pre-formados são postos em atividade; tais reações (facultativas, de Stertz) são representadas pelos quadros maníacos, depressivos, psicomotores, alucinatórios e amenciais e podem sobrevir também nas psicoses endógenas.

Assinala ainda Schneider que freqüentemente os quadros tóxicos podem apresentar relações com a esquizofrênia e, em seguida a Bunke, sublinha as analogias que muitas vezes as esquizofrênias agudas apresentam com certas psicoses sintomáticas. Lembra também as alucinoses luéticas e principalmente a alucinose alcoólica, a qual, segundo Pohlisch, necessitaria disposições especiais que a diferenciariam do *delirium tremens* e que, para outros autores, seria a reação de um cérebro esquizofrênico a determinada espécie de intoxicação alcoólica.

Em todos êsses casos, diz Schneider, deve-se admitir que as agressões exógenas puseram em movimento disposições pre-formadas. É o que ocorre quando uma agressão exógena desencadeia um complexo sintomático esquizofrênico (ou esquizofrenóide). Mas afora êsse desencadear de complexos sintomáticos do tipo endógeno, o fator exógeno pode ainda pôr em marcha um autêntico processo esquizofrênico. Schneider escreve a propósito:

“É preciso diferenciar os complexos sintomáticos desencadeados dos surtos e fases psicóticas postas em marcha e, ao que parece, os quadros ciclotímicos específicos aparecem somente no segundo caso, nunca no primeiro, enquanto que as manifestações esquizofrênicas se dão em ambos. Uma agressão exógena tanto pode desencadear quadros esquizofrênicos como pôr

em marcha um processo esquizofrênico. Esse pôr em marcha surtos e fases é a última forma de relação entre estados psicóticos e fatores causais conhecidos”.

Revisto, assim, o essencial de nossos conhecimentos sôbre essas interrelações, podemos considerar brevemente a patogenia dos distúrbios mentais entre nossos observados.

No Hospital de Alienados da Tamarineira estiveram até hoje internados 33 fumadores de maconha e, como vimos, em quatro dêles, cujas observações reproduzimos, estiveram presentes distúrbios psicóticos persistentes, bastante diversos em sua exteriorização sintomática, e que, embora atípicos, cabem no amplo círculo das formas esquizofrênicas ou afins da esquizofrenia (entendidas em seu sentido mais geral).

Trata-se de uma freqüência sobremodo elevada, evidentemente mais alta do que a freqüência das formas esquizofrênicas na população geral, sugerindo a possibilidade de existência de um certo nexos entre a toxicomania e o aparecimento do quadro psicótico atípico.

Sendo, como vimos, extremamente variáveis (nos quadros esquizofrênicos ou esquizomorfos surgidos após agressões exógenas persistentes) a parte que pode caber aos mecanismos pre-formados e a parte que cabe à agressão exógena, encontramos em nossos casos, graus diferentes de interrelação dêsses dois fatores. E se, na observação (Alcides E.S.) parece tratar-se de um autêntico processo esquizofrênico, apenas “pôsto em marcha ou desencadeado” pelo canabismo, na observação I (Tibúrcio C. F.) — (em que, pelas referências do paciente, é claro que as ocasiões em que fumava diamba se acompanhavam de rica eflorescência delirante, representavam “momentos fecundos” de enriquecimento do delírio) — e na observação II (Clóvis S. L.) — (em que ao lado das desordens de caráter e da incontinência emocional se encontram ao psicograma alguns sinais orgânicos e também da série esquizofrênica, embora não patognomônicos) — a participação exógena nos parece maior, tendo o canabismo agido no sentido de suscitar o aparecimento de um complexo sintomático esquizomorfo. Quanto à observação III (José N.S., vulgo Déga) está, do ponto de vista da sintomatologia, mais aproximada das observações I e II que da observação IV, notando-se apenas que sua estrutura é predominantemente alucinatória, enquanto que a da observação I é mais parafrênica.

É o momento de lembrar aqui o conceito de Bromberg, segundo o qual seriam elementos necessários para afirmar a existência de uma psicose marihuânica os seguinte sintomas: desordens do sensório, características alucinações visuais coroadas, mudanças do sentimento do tempo, e dos sentimentos do próprio corpo.

Recordemos porém, igualmente, que êste critério, mediante o qual se exigiria que nos casos de psicoses marihuânicas, mesmo crônicas, estivessem presentes sintomas próprios da embriaguez aguda canábica (e não sômente sintomas heterônomos quaisquer) não pode ser aplicado em todos os casos.

Não é êle pôsto em prática exclusivamente — em situação até certo ponto análoga — pela absoluta maioria dos psiquiatras, pois não se recusa ao delirium tremens, por ex., nem à alucinose alcoólica de Wernicke a qualidade de psicoses hetero-tóxicas, reconhecendo embora a importância das disposições endógenas nessa última, e isto apesar de estarem ausentes de seus quadros os sintomas da embriaguez aguda alcoólica, nem a mesma designação às psicoses cocaínicas, por ex., apesar do quadro alucinatório dessas últimas diferir da embriaguez cocaínica, etc.

Quanto à possibilidade de serem os quadros esquizofrenóides atípicos, encontrados entre os maconhistas crônicos mais freqüentes apenas por serem também os indivíduos predipostos à esquizofrenia mais propensos a recor-

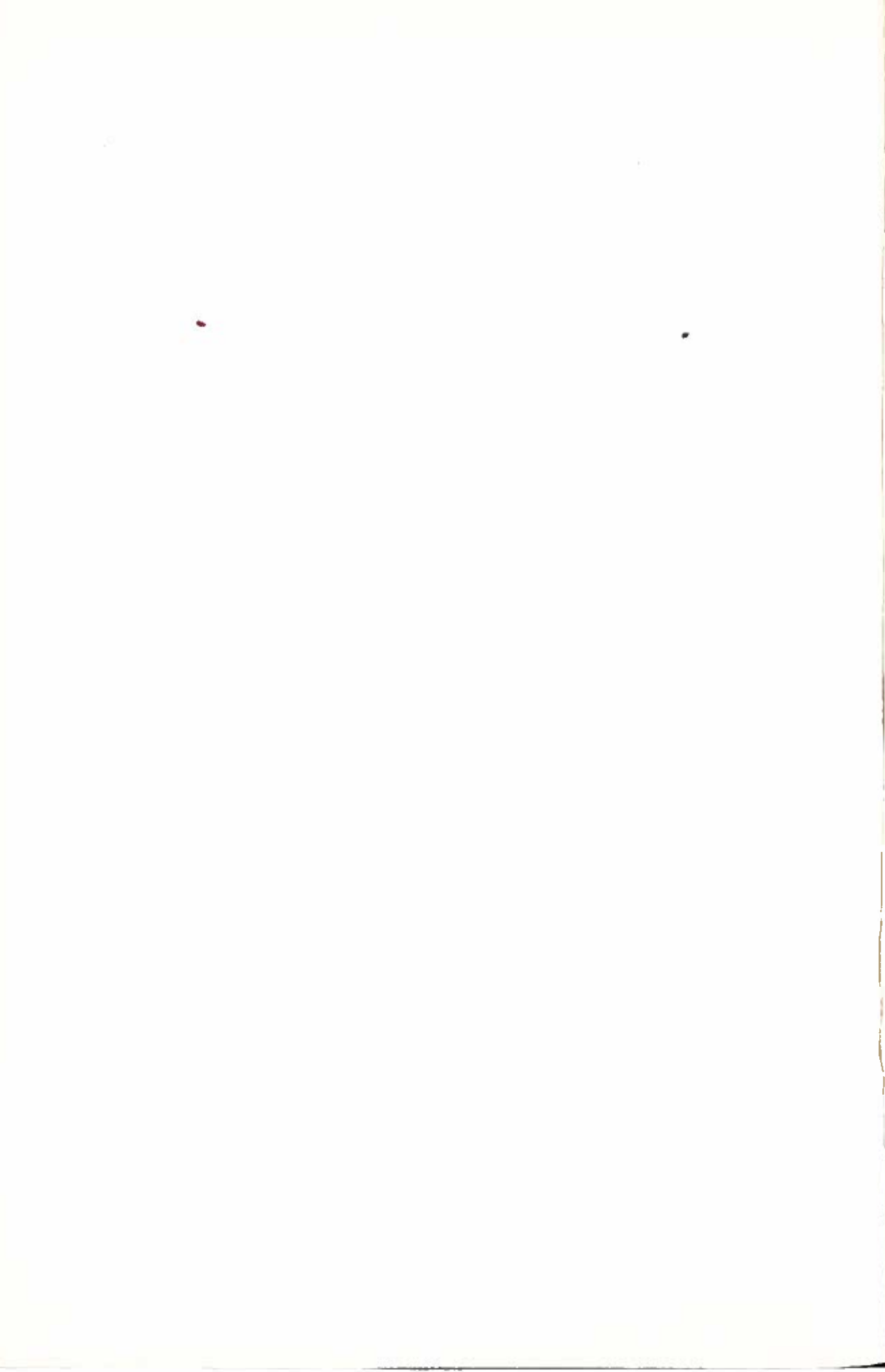
rer a tóxicos eufórigenos, seria preciso demonstrar que em outros “paraísos artificiais” como a opiomania, a morfinomania, etc., fôsem igualmente frequentes tais reações esquizomorfias atípicas. Ao que sabemos, a literatura médica não assinala tal fato, ficando o cânhamo (e até certo ponto o álcool) em posição singular a êste respeito. Fenômeno que atrai mais a atenção, quando se verifica compulsando a literatura especializada a respeito do canabismo uma regular uniformidade nas descrições clínicas, desde as velhas observações de Villard, até os estudos modernos — em que a sintomatologia aparece algo atenuada e que são orientados por um critério de discriminação mais apurada da importância dos vários fatores causais.

Parece-nos, pois, muito mais concordante com uma orientação realmente psicobiológica ou organodinamista não escotomisar os efeitos prováveis de uma droga, capaz de ações enérgicas no sentido da desintegração aguda da estrutura psíquica e susceptível de determinar mesmo formas de reação exógena puras (como as descritas não só por Bromberg como por outros autores). Consideramos que nas reações esquizofrenóides e afins surgidas em *variável frequência nos maconhistas crônicos* (como os que relatamos) há um *entrelaçamento* de fatores causais *exógenos e endógenos*, em que o *papel do canabismo merece ser fortemente salientado*.

BIBLIOGRAFIA

- ÂNGULO (Luís Muniz) — La marihuana y el instinto de agresion — Archivos de Neurologia y Psiquiatria (Cuba) — Vol. 3, n.º 1, jan.-fev., 1948, págs. 15-22.
- ANSLINGER (H. J.) — Letter to the Editor of the J. A. M. A. about “The psychiatric aspects of the Marihuana intoxication” — The Jour. of the Am. Med. Assoc., vol. 121, n.º 3 — Jan. 16 — 1943 — págs. 212-213.
- BARD (Leopoldo) — Algunas observaciones clinicas sobre la intoxication cronica por la Marihuana — Cultura Médica — Ano II — n.º 7 — Fevereiro, 1941 — págs. 635-646.
- BROMBERG (Walter) — Marihuana intoxication — Am. Jour. of Psychiatry — Vol. 91 — n.º 2 — September, 1943 — págs. 303-330.
- BROMBERG (Walter) — Marihuana: a psychiatric study — The Jour. of the Am. Med. Assoc. — Vol. 113 — n.º 1 — Jul. 1 — 1939 — págs. 4-12.
- BOUQUET (J.) — Letter to the Editor of the J. A. M. A. about marihuana intoxication — The Jour. of the Am. Med. Assoc. — Vol. 124 — n.º 14 — Abril 1 — 1944 — págs. 1010-1011.
- COMISSÃO MISTA DA ZONA DO CANAL — Marihuana em Panamá — Mil. Surg. 269 — nov. 1933 — resumido em Boletim da Of. Sanit. Pan-americana — Ano 13 n.º 3 — março 1934 — pág. 236.
- DEVEREAUX (George) — Análise de “The Marihuana problem in the City of New York — pelo Mayor’s Committee on Marihuana — The Jour. of Abnormal and Social Psychology — Vol. 40 — Oct. 1945 — n.º 9 — págs. 417-419.
- DREWRY (P. H.) — Some psychiatric aspects of marihuana intoxication — Psychiatric Quart — 10; 232-242 — Abril 1936, res. em The Journal of Nervous and Mental Dis. Vol. 85 — n.º 2 — Fev. 1937 — pág. 327.
- GASKIL (Herber S.) — Marihuana, an intoxicant — Am. Jou. Psychiatry — Vol. 102 — pags. 202-204 — Sept. 1945 — resumo em Quart. Rev. of Psych. and Neurology — Vol. 1 — n.º 1 — Jan. 1946 — pág. 10.
- GARCIA DE ORTA — Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia e assi de algumas frutas achadas nela. — (2.ª edição) — Lisboa. 1872 — Imprensa Nacional.
- KERIN (Fahreiddin) — Les troubles psychiques dus à l’emploi du haschich — L’Hygiene Mentale — 25 ème Année — n.º 4 — Abril 1930 — págs. 93-106.
- LIVET (Louis) — Les fumeurs de mariguana. — An Med. Psychologiques — Xème. série — Te. XII — Ano 63 — 1920 — qás. 257-269.
- LUCENA (José) — Os fumadores de maconha em Pernambuco — Arq. da Ass. a Psicopatas de Pernambuco — Ano IV — n.º 1 — 1934 — págs. 53-96.
- LUCENA (José) — Alguns novos dados sôbre os fumadores de maconha — Arq. da Ass. a Psicopatas de Pernambuco — Ano V — n.º 1 e 2 — 1935 — págs. 197-207.

- ✓ LUCENA (José) — Maconhismo e alucinações — Neurobiologia — Tomo II — n.º 2 — junho de 1939 — págs. 110-120.
- ✓ LUCENA (José) — Dados psicotécnicos sobre um pequeno grupo de fumadores de maconha. — Neurobiologia — Tomo XI — n.º 2 — junho, 1948 — págs. 81-130.
- X LEWIN (Louis) — Les paradis artificiels — (trad. F. Gidon) — Paris, 1928 — Payot, ed.
- ✓ MARCOVITZ (Eli) — Letter to the Editor of the J. A. M. A. about "Marihuana Problems" — The Jour. of the Am. Med. Assoc. — Vol. 129 — n.º 5 — Sept. 29 — 1945 — pág. 378.
- ✓ MAMEDE (E. Bizarria) — Maconha — Ópio do pobre — Neurobiologia — Tomo VIII — n.º 1 — março, 1945 — págs. 71-93.
- ✓ MORENO (Garcia) — Aspecto do maconhismo em Sergipe — (Coleção Estudos Sanitários) — Aracaju — 1946.
- ✓ MOREL (B. A.) — Traité des degenerescences physiques, intellectuelles et morales de l'espece humaine et des causes que produisent ces variétés maladies — 1857 — Paris — J. B. Bailliere, ed.
- X ONETO BARENQUE (Gregório) — La marihuana ante la Psiquiatria y el Código Penal — México, 1931.
- ✓ PERALTA (F.) — Acêrca da história do consumo do haxixe — Actas Ciba — Ano IX — n.º 5-6 — Maio-Junho, 1942 — págs. 114-120.
- ✓ PERALTA (F.) — Os efeitos do haxixe — Actas Ciba — Ano IX — n.º 5-6 — Maio-Junho, 1942 — págs. 132-135.
- ✓ PEREIRA (Jaime R.) — Contribuição para o estudo das plantas alucinatórias particularmente da maconha (*Cannabis sativa* L.) — Separata da Revista da Flora Medicinal — Ano XII — n.º 3 — 1945.
- X PERNAMBUCANO (Jarbas) — A maconha em Pernambuco — em Novos Estudos Afro-Brasileiros — Rio — 1937 — págs. 180-181 — Civilização Brasileira S. A., ed.
- ✓ PEON DEL VALLE (Juan) — Algunos aspectos de la actual lucha contra la toxicomania en Mexico — Bol. de la Oficina Sanit. Panamericana — Ano 12 — n.º 4 — Abril, 1933 — págs. 347-355.
- X PERES (Heitor) — Diambismo — (em Toxicomanias, pelo Dr. Cunha Lopes) — Rio, 1939 — Tip. América, ed.
- X PERNAMBUCO FILHO (P.) e BOTELHO (Adauto) — Vícios Sociais Elegantes — Rio, 1924 — Liv. Francisco Alves, ed.
- ✓ PERNAMBUCO FILHO (P.) — Venenos Sociais — Rio, 1932 — Flores e Mano, ed.
- ✓ PORAK (R.) — Les stupefiants — Paris, 1927 — G. Doin & Cie., ed.
- X RODRIGUES DÓRIA — Os fumadores de maconha — Efeitos e males do vício (Memória ao 2.º Congresso Pan-Americano), 27-12-1915 — Revista Americana, 1916.
- X RICHET (Charles) — L'homme et l'intelligence — Paris, 1884 — Felix Alcan, ed.
- X SCOURAS (Ph.) — Le syndrome catatonique des psychoses cannabiques aiguës — L'Encephale — XXXIV — Année — 1.º Vol. — Fev., 1939 — págs. 78-85.
- ✓ STRECKER (Edward A.) e EBAUGH (Franklin G.) — Practical Clinical Psychiatry — Philadelphia, 1944 — The Blaskiston Company, ed.
- ✓ WOLFF (Pablo O.) — Las toxicomanias y la guerra. — Rev. de Psiquiatria y Criminologia — Ano VIII — n.º 45 — Nov.Dez., 1943 — págs. 465-480.
- ✓ WOLFF (Pablo O.) — La marihuana en la America Latina — La amenaza que constituye — Buenos Aires, 1948 — El Ateneo, ed.



OS FUMADORES DE MACONHA EM PERNAMBUCO*

JOSÉ LUCENA

Assistente do Serviço de Higiene Mental

O estudo do vício da maconha e seus malefícios, que já inspirou vários trabalhos nacionais como a memória de Rodrigues Dória e a tese de Iglésias deve preocupar a quantos no nordeste brasileiro se interessam por higiene e medicina mental. A dita toxicomania se encontra com efeito relativamente difundida em nosso meio. É corrente deparar entre os fatos diversos dos jornais com notícias acêrca de fumadores ou vendedores da planta. A primeira destas notícias, arquivada no Serviço de Higiene Mental estava redigida nos seguintes têrmos:

“Fumadores de maconha presos quando se entregavam a êsse perigoso vício — Ontem o investigador n.º 28 acompanhado dos de ns. 77 R, 178, 199 224 e 260 capturou em flagrante os individuos J.A. vulgo Pampa, L.F., A.B., J.S., S.F.B., A.P.O., L.C., B.A., L.G.P. vulgo Sirá e J.C.S. quando se entregavam ao perigoso vício da maconha, tóxico que entre nós substitui o ópio. Todos os individuos foram levados para a Secretaria da Segurança Pública em cujo xadrez se encontram recolhidos”. (Diário de Pernambuco, 22-4-33).

Pela mesma época o Prof. Ulisses Pernambucano entrou em entendimento com a Secretaria da Segurança Pública, obtendo que fôsem enviados à Assistência a Psicopatas alguns dos fumadores detidos na ocasião. A partir daquela data foram encaminhados ao Hospital de Alienados oito vi-ciados.

São essas observações que nos serviram de ponto de partida para elaboração dêste artigo, simples nota prévia dos trabalhos que o Serviço de Higiene Mental vem realizando e que dará sucessivamente à publicidade nestes arquivos.

*
* * *

OBSERVAÇÕES N.º 8 J. S.

Os autores que estudaram a maconha do ponto de vista botânico incluíram-na entre as Urticáceas, sub espécie das canabíneas, com a denominação de *Cannabis sativa*, havendo quem a considere igual ao cânhamo indiano atribuindo-lhe a mesma denominação: *Cannabis sativa* var. *indica* — Linneu (Caminhoá).

Registre-se de passagem que o seu estudo sob êste aspecto não interessou muito aos botânicos brasileiros, tanto que nem Melo Moraes e Joaquim de Almeida Pinto, os quais em fins do século passado compendiarão os trabalhos sôbre plantas nacionais (Fitografia Brasileira, Dicionário de botânica brasileira), — nenhum dos dois, apesar de nordestinos, — (especialmente o último que utilizava as notas deixadas por Arruda Câmara), —

* Comunicação à 4.ª Reunião Anual da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

a ela fêz menção e apenas Caminhoá a registra de passagem. Uma cuidadosa descrição lhe é porém dispensada por Rodrigues Dória. A Farmacopéia Brasileira (1933) considera as expressões cânhamo indiano, maconha e diamba como sinônimas.

Em oposição a Rodrigues Dória e a Caminhoá o médico alagoano Alfredo Brandão em sua tese de doutoramento sôbre tabagismo diz ser a maconha o cânhamo comum. Para Pedro Pinto a maconha é a variedade africana, transportada ao Brasil.

Esta incerteza quanto a classificação é apenas reflexo das dúvidas que ainda assaltam os técnicos quando se trata de classificar os cânhamos. A maioria diz existir uma espécie única; as diferenças encontradas, quer no aspecto exterior quer nas propriedades farmacodinâmicas, estariam em função do clima, da natureza do terreno etc. Lembram que o mesmo cânhamo europeu possui as propriedades excitantes, hilariante do haschisch e citam o fato, freqüentemente verificado, de pessoas que atravessando extensas plantações de cânhamo no sul da Europa experimentam cefaléia, sonolência, tornando-se em seguida loquazes, rindo demasiado etc. Essas particularidades do cânhamo comum se atenuam até desaparecer à medida que nos elevamos em latitude.

Por outro lado o estudo farmacognóstico do cânhamo indiano revelou a existência de alguns princípios: hidrocarburetos, (canabeno), glicosides, alcalóides (canabinina, tetanocanabina), resinas (charas), todos aliás de autonomia duvidosa. Algumas dessas substâncias foram igualmente encontradas em fôlhas e inflorescências do cânhamo comum.

Tal é a opinião da maioria dos autores. Há porém quem afirme, apesar das semelhanças encontradas, serem o cânhamo indiano e o comum, espécies diferentes e irreduzíveis e não simples variedades. Pouchet relata que, na ilha da Reunião, foram os dois cultivados lado a lado e resultaram mantidas as diferenças, apesar do clima e do terreno serem os mesmos.

*
* * *

Interessa verificar a distribuição geográfica da planta pois sua presença tem sido indicada em zonas relativamente afastadas do continente. Conhecido no México pelas denominações populares de Marihuana, Marajuana, Grifa, Sonadora, Mota, Oliukqui e Donajuanita, fumado por um largo número de viciados, classificado pelos entendidos como *Cannabis sativa* (J.P. del Valle) *Cannabis sativa* var. *indica* (Livet), existe um vegetal que oferece numerosos pontos de contacto com a maconha ou diamba, tiamba ou riamba ou fumo de caboclo ou fumo d'Angola dos Estados nordestinos. É aliás o México em todo continente o país em que a toxicomania aparece mais profundamente enraizada pois a proliferação espontânea da planta em todos os recantos da república, cria obstáculos quase insuperáveis à repressão policial ou sanitária. Oneto Barenque considera a espécie indígena e refere a sua presença no sul dos Estados Unidos e na América Central. Em 1933, uma comissão médica norte americana teve ocasião de estudar esta narcomania entre os soldados ianques fazendo parte das tropas de ocupação do Panamá.

No caso de vir a se confirmar a asseveração de alguns autores e serem idênticas a maconha e a variedade indica do cânhamo, estaríamos colocados na zona de incidência de uma das mais divulgadas, antigas e temíveis intoxicações euforísticas. De *Cannabis indica* se tem fabricado vários produtos de que se utilizam os viciados e dos quais o principal é o haschisch. Outros recebem as denominações de bang, kiff, chira, majoon, etc. Excepcionalmente alguns têm aplicação terapêutica. O mais comum, porém, é que sejam utilizados por ingestão ou fumados para simples satisfação viciosa. O haschisch

pode ser colocado quanto à extensão de seus malefícios, imediatamente abaixo do álcool e do ópio. Grande parte da África (mormente o Egito), as Índias, a Pérsia, a Turquia, a Arábia, a Indochina se encontram sob o império da droga. Segundo Russel Pacha, no Egito, em 3.187.000 homens, 282.000 consomem cânhamo. Em 1900 Pouchet calculava em 200 milhões o número de viciados em aquêles países.

Provavelmente, deve-se aos negros escravos a penetração da diamba no Brasil; prova-o até certo ponto a sua denominação, fumo d'Angola (R. Dória). O hábito foi, porém, francamente assimilado pelos nossos aborígenes tanto que entre as denominações populares do cânhamo está a de fumo de caboclo. Em outros países americanos (México) parece que a descoberta das propriedades eufóricas, excitantes e hilariantes do cânhamo deve ter cabido ao próprio indígena. Não só a penetração africana naquela região se operou muito superficialmente como também, segundo observa Barenque, a difusão do vegetal em todos os Estados da república e em locais inacessíveis, necessitaria, no caso de uma espécie importada, um esforço sistemático de cultivo por parte dos viciados.

A incidência da narcomania em nosso país se faz quase exclusivamente em alguns Estados do nordeste e do norte. Alagoas e Sergipe são os principais focos. Na vizinhança de Penedo a planta cresce espontaneamente e em Maceió, na Levada, existem verdadeiras plantações regulares. É que a venda da maconha constitui gênero de exploração lucrativa. Dos nossos viciados vários preferiram pagar 500 réis por um único cigarro. Em Pernambuco, se a liamba se mostra facilmente aclimatável, a sua proliferação espontânea no entanto só raramente é registrada. É por essa razão que os nossos fumadores se vão abastecer nos Estados limítrofes. O tráfico se opera, apesar da vigilância policial, graças às comunicações ferroviárias e às barcas que fazem pequena cabotagem entre os portos de Pernambuco e dos Estados vizinhos.

Rodrigues Dória menciona ainda o uso da maconha no Pará e no Amazonas. Nesses Estados ela recebe as denominações de birra e dirijo, desconhecidas no nordeste (Gastão Cruis).

Talvez porque a planta seja dificilmente encontrada em Pernambuco, os seus consumidores são mais numerosos na capital. Pelo menos no Recife é que foram surpreendidos todos os nossos observados. Mas no interior de Alagoas e Sergipe a distribuição geográfica da toxicomania se superpõe exatamente às zonas rurais de Pernambuco. Não está e nem poderia estar indene e já ouvimos referir o seu emprêgo em engenhos vizinhos do Recife.

Nossos observados pertenciam em sua totalidade a classes pobres. Excutuando dois sapateiros e um carregador de fretes, os demais são vendedores de jornais, que dispõe de grande facilidade em se transportar ao Estado vizinho sem despertar suspeitas. A predominância do vício da maconha nas classes pobres e pouco instruídas é sublinhada por vários autores; Alfredo Brandão refere seu uso entre caboclos e gente do campo. Os pacientes observados por Rodrigues Dória e seus colaboradores se recrutavam entre carregadores, pescadores, soldados, cantadores, prostitutas, etc. Explica-se que o estado de excitação agradável acompanhado do sentimento de vigor físico que ela provoca induza a consumi-la a alguns cantadores em busca de inspiração e às vêzes mesmo gatunos ou desordeiros. No México, no Serviço de Toxicômanos da Penitenciária do Distrito Federal aonde são recolhidos os *grifos* e *marihuanos* o maior número é constituído de delinqüentes ou vagabundos e também "chauffeurs", soldados "e outras classes humildes, entre as quais seu uso está difundidíssimo" (Juan Peon del Valle).

São principalmente mestiços e negros os nossos observados. Únicamente dois eram brancos. Para essa distribuição não parece existir nenhuma predisposição racial. Entram em jogo principalmente fatores sociais.

Embora sem pretensões de organizar estatística, o que seria impossível diante do escasso número de observações, deve se registrar contudo o fato de não ter sido até hoje detida, por esse motivo, nenhuma mulher. Rodrigues Dória, porém, baseando-se em uma observação mais numerosa conseguiu observar algumas, embora em menor frequência do que no sexo oposto.

Em sua quase totalidade — (com exceção de um único, com 43 anos) — nossos pacientes eram solteiros e de idade inferior a 25 anos.

*
* *

A maconha é fumada em cachimbos ou cigarros. O hábito de fumar em comum é correntemente observado no Brasil. Rodrigues Dória a êle se refere e os nossos viciados relatam que para queimar maconha se reúnem alguns, fazendo grandes cigarros de palha de milho que servem a tôda roda. O cigarrinho individual é porém igualmente utilizado bem como o cachimbo. Este último que em Alagoas recebe a denominação de *maricas* (R. Dória), é uma tôsca imitação de narguilé: um cachimbo cujo tubo ao invés de formar ângulo reto com o forninho prolonga-o verticalmente, mergulha em uma garrafa ou cabaça cheia de água até a metade. O fumador aspira a fumaça juntando a bôca ao gargalo. As cabaças constituem aliás, segundo Alfredo Brandão e Rodrigues Dória, o material mais correntemente utilizado. A preferência que se verifica no Recife pelo cigarro individual ou fumado em grupo é explicável pelo receio de perseguição policial, por motivos de comodidade, etc. As vêzes os maconhistas usam a “erva”, em ruas mais afastadas do centro da cidade e, a crermos no depoimento de um dêles, são comuns reuniões dessa ordem em cais desertos, como o de Martins de Barros.

Em outros locais, é em obediência a ritos religiosos que o cânhamo se consome em comum. Assim no México o seu uso obedece a um cerimonial minucioso. Os fumadores constituem sociedades secretas. Reunidos em círculos, deitados sôbre esteiras, preparam grossos charutos. Cada fumador aspira sua baforada e passa o charuto adiante ao mesmo tempo que transmite ao vizinho a fumaça narcótica juntando as bôcas. Assim por diante até completar para cada um a décima terceira baforada. No centro do círculo é colocado um iguama e os presentes enquanto fumam entoam uma curiosa melopéia que celebra as propriedades da *marihuana*. Quase ao terminar as últimas baforadas o iguama cai intoxicado; os assistentes sabem que chego o momento de parar de fumar; se prosseguirem podem sobrevir acidentes. A direção para qual se volta a cauda do animal intoxicado é interpretada como indicando os que deverão falecer pròximamente, etc.

Rodrigues Dória refere o uso da maconha nos catimbós de Alagoas. Os pais de terreiro, em Pernambuco, negam o seu uso. O Serviço de Higiene Mental já recebeu denúncia, dada por um dêles, zelosos da ortodoxia, contra um catimbó em que se consumiria liamba. A procedência da denúncia não pôde ser apurada, pois os catimbós de Recife são menos acessíveis à investigação de que os changôs, dos quais o Serviço de Higiene Mental não tem encontrado oposição.

Mas outros móveis, além de receio da pressão policial ou de obediência a algum rito, parecem guiar aos viciados nessa preferência pelo uso em comum. Livet indica um dêles no seu estudo sôbre marihuanismo no México. A intoxicação em comum representa até certo ponto uma média dos graus de intoxicação individual. Ao contrário o consumidor isolado pode ficar aquêm da dose ótima ou excedê-la com graves riscos de ordem pessoal

ou social. Outra razão consiste em que nas reuniões a alegria de um se propaga aos demais, as anedotas ou ditos espirituosos — (ou que o buscam ser) — se sucedem, tudo contribui para criar a euforia buscada pelo narcomaníaco. Livet lembra a êsse propósito “o calor comunicativo dos banquetes”. Nos lugares em que se consome *haschisch*, Hassan Racime refere como os *haschischinos* procuram por todos os meios excitar a hilaridade de seus companheiros, o que reforça e apressa a ação da droga.

*
*
*

Por último julgamos acertado dizer algo sôbre a natureza da predisposição a êste vício.

R. Dupouy, estudando os opiomaníacos, põe em evidência a importância capital de certos fatores ocasionais tais como a imitação, o contágio mental, além das predisposições constitucionais (desequilibrados, amorais, excêntricos), na gênese da toxicomania. A comissão Norte Americana que, em 1933, estudou o marihuanismo nas guarnições dos fortes do Canal de Panamá encontrou que “a maioria dêles era constituída por indivíduos inteligentes, rudes (morons), e psicopatas”. Dos nossos 8 observados, 3 eram débeis mentais (Obs. 6, 7 e 8). Explica-se perfeitamente que indivíduos de inteligência pouco desenvolvida sejam mais acessíveis a certas sugestões externas. Concebe-se além dêsse proselitismo, a capacidade de propaganda da maioria dos toxicomaníacos. Talvez muitos fumadores de maconha — pelo menos nas doses discretas que são usadas em Pernambuco, para obter satisfações moderadas, constituem verdadeiros casos (a exemplo do que acontece no alcoolismo) de maconhismo sem participação mental, isto é, sem a inclinação irresistível, a apetência mórbida que caracteriza o verdadeiro toxicomaníaco. Sentimo-nos inclinados a colocar entre aquêles os 3 débeis, pois o seu comportamento anterior não autoriza supô-los grandes desequilibrados em busca de sensações.

Voltaremos a abordar essa questão quando nos ocuparmos das modificações neurovegetativas determinadas pela intoxicação.

*
*
*

O que chama a atenção, à primeira vista, ao comparar os efeitos do cânhamo indiano, da *marihuana* e da maconha é a ação mais discreta e mitigada desta última.

Desde logo frisemos que os sintomas aparecem de modo muito variável conforme os indivíduos: habitualmente os que fazem uso pela primeira vez, mais facilmente caem sob o império da droga. Contudo aí se notam também suscetibilidade e resistência cuja causa não está bem apurada. Mais quer se trate de consumidores habituais ou ocasionais o quadro clínico aparece bem mais tardiamente do que se tem registrado no caso da *marihuana* e do *haschisch*. Não é nas primeiras baforadas que surgem os sintomas do maconhismo. E nos indivíduos resistentes o comportamento não se modifica senão depois do uso de vários cigarros. É um fato que tem sua importância, pois no México, segundo nos relata Livet, nestas práticas de fumar cânhamo, já a décima terceira baforada — (que, como vimos, possui uma significação ritual) — a maioria dos circunstantes está em plena fase de excitações com alucinações.

Como sóe acontecer com outros venenos cerebrais, a eficácia da maconha, depende muito de certas condições exteriores. Alguns dos observados (obs. 7 e 8), apesar de nosso esforço em pô-los à vontade confessavam que, fora do hospital e na intimidade, ficariam muito mais satisfeitos ou exube-

rantes. Tais condições também foram notadas entre os consumidores da variedade indiana do cânhamo. Assim Hassan Racime aconselha as seguintes precauções (note-se que o *haschisch* é mais freqüentemente ingerido de que fumado): usá-lo em jejum a fim de que os resultados venham mais prontamente e sem fenômenos digestivos desagradáveis, náuseas, vômitos, etc. Evitar o seu consumo quando atormentado por alguma preocupação imediata, pelo temor da morte ou da alienação ou por último em presença de pessoas que sejam antipáticas ou perante as quais esteja obrigado a medir palavras ou a se coibir de qualquer maneira. Livet também sublinha a importância considerável do estado prévio do fumador: fuma-se para alguma coisa, tendo um fim determinado em vista e “esta vontade primordial coordena em seguida, numa certa medida, todos os mecanismos psíquicos da intoxicação”.

Pelo que observamos, os sintomas físicos, especialmente aquêles que se referem ao sistema neurovegetativo, precedem o aparecimento do quadro mental da intoxicação. Três dos nossos observados (obs. 6, 7 e 8) foram submetidos a certas provas psicotécnicas antes e depois de usar maconha. A investigação foi realizada com um dia de intervalo e compreendia a exploração da atenção (Teste de Toulouse e Peron), retentividade (prova de figuras lineares, palavras, algarismos, do perfil psicológico de Rossolimo), apreensividade (identificação de uma figura, reprodução, ambas do perfil de Rossolimo), imaginação e vontade (esta última no seu duplo aspecto de resistência ao automatismo e resistência à sugestão e ambas retiradas da técnica daquele professor), de Walther e de recorte de Claparède e Wolther. Abaixo transcrevemos os resultados dessa investigação realizada em o nosso Instituto de Psicologia, pela auxiliar Alda Campos.

VONTADE		
	Antes de fumar	Depois de fumar
Resistência ao automatismo e à sugestão	3,6	2,4
<i>Retentividade</i>		
Figuras lineares	9	9
Palavras	4,5	3,4
Algarismos (aud.)	9,6	9,6
<i>Apreensividade</i>		
Identificação de uma figura	5,4	6,5
Reprodução	4,3	4,3
<i>Julgamento</i>		
Imagens isoladas e seriadas	2	2
IMAGINAÇÃO		
<i>Teste da atenção de Toulouse e Pieron</i>		
Trabalho feito em 10". Sinais cancelados	120	108
Erro	1	0
Omissões	42	22
<i>Discos (Teste de Walther)</i>		
Mão esquerda	59"	1',2"
Mão direita	1',1"	1',4"
Duas mãos	44"	1',4"
Recorte (Teste de Claparède e Walther)	4,3	5,3

OBSERVAÇÕES 7 A. F. L.

VONTADE

Resistência ao automatismo e à sugestão	3,6	6
<i>Retentividade</i>		
Figuras lineares	6,7	7,9
Palavras	7,9	3,4
Algarismos (aud.)	10	7,5
<i>Apreensividade</i>		
Identificação de uma figura	5,4	9,8
Reprodução	8,6	7,1
<i>Julgamento</i>		
Imagens isoladas e seriadas	6,1	8,2
<i>Teste da atenção de Toulouse e Pieron</i>		
Trabalho feito em 10". Sinais cancelados	10	108
Erro	1	2
Omissões	22	3
<i>Discos (Teste de Walther)</i>		
Mão direita	59"	58"
Mão esquerda	1',4"	1',5"
Duas mãos	44"	43"
Recorte (Teste de Claparède e Walther)	5,3	5,6

OBSERVAÇÕES N.º 6 N. S.

VONTADE

Resistência ao automatismo e à sugestão	3,6	1,2
<i>Retentividade</i>		
Figuras lineares	4,5	3,4
Palavras	5,6	0
Números-algarismos (aud.)	5,4	6,5
<i>Apreensividade</i>		
Identificação de uma figura	0	0
Reprodução	6,5	5,4
<i>Julgamento</i>		
Imagens isoladas e seriadas	1	2
<i>IMAGINAÇÃO</i>		
<i>Teste de atenção de Toulouse e Pieron</i>		
Trabalho feito em 10". Sinais cancelados	214	142
Erros	148	80
Omissões	70	103
<i>Discos (Teste de Walther)</i>		
<i>TESTE DE HABILIDADE PSICOMOTORA</i>		
Mão direita	58"	1',6"
Mão esquerda	1'	1'
Duas mãos	40"	40"
Recorte (Teste de Claparede e Walther)	40	15

As escassas modificações notadas não permitem afirmar um desvio para mais ou para menos das faculdades exploradas. Tais provas aplicadas na vigência da intoxicação, quando estivessem presentes outros sintomas, dariam resultados bem diversos.

Como já vimos a intensidade ou eventuais. O quadro registrado nesta última alternativa bem pode servir de modelo para descrição da intoxicação aguda; há nêle uma maior intensidade de fenômenos.

Algumas parestesias indicam às vêzes a fase de invasão: sensação de ar frio penetrando pelas narinas ou de cabeça quente ou leve, secura da bôca, cuja razão veremos dentro em pouco. Os viciados costumam designar êste período de invasão declarando que estão "ficando em ordem".

É comum que se tornem mais loquazes com certa inclinação a revelação ou confidências. Declaram sentir-se alegres, mostram a fisionomia animada, alguns riem. Sentem-se dispostos a acometer qualquer empreza, experimentam um imperioso desejo de esbanjar movimentos, de caminhar, de correr. "Sinto vontade de bater bôca" declara um. "Seria capaz de atravessar o Recife a pé", (obs. n.º 7). Êste estado de excitação agradável, acompanhado do sentimento de aumento do vigor físico, — (que aliás não corresponde à realidade), — explica que recorram à maconha, como já vimos, cantadores, desordeiros, etc. Dois de nossos observados (obs. n.º 7 e 8) declararam que faziam uso do tóxico em pequena quantidade quando iam ao cinema assistir um filme cômico. A alegria que êste lhes proporcionava, era então incomparavelmente maior e mais ruidosa.

Em outros observados porém predomina o aspecto de obnubilação intelectual mas são escassas as modificações do humor e da atividade. Quando se empregam maiores doses em pacientes resistentes é comum que a intoxicação revista êste aspecto. Foi o que tivemos ocasião de observar em 2 dos nossos viciados (obst. 7 e 8).

Em um dos nossos pacientes, (obs. n.º 6) era freqüente o aparecimento dum estado depressivo, principalmente se excedia, um pouco a dose habitual. Antes de considerarmos com mais vagar o quadro clínico julgamos de interêsse apresentar o resumo de nossas observações:

OBS. N.º 1 — J. P. C. — prêto, 43 anos, casado, sapateiro, pernambucano, de instrução rudimentar, residente à rua Conselheiro Portela. Sua progenitora teve 10 filhos dos quais, apenas dois são vivos, tendo os restantes falecidos em tenra idade. O paciente sofreu de variola, blenorragia e cancros venéreos, cuja natureza não pôde ser apurada. Nascido em Recife, órfão muito cedo, trabalha desde 10 anos no seu atual ofício. As escassas noções escolares que possui deve-as a cursos noturnos para adultos. Casado aos 28 anos, em época de relativa prosperidade, sente-se bem em seu atual estado. Suas condições econômicas tem piorado muito nos últimos quatro anos morando atualmente num barracão, onde não paga aluguel.

Há 5 anos atrás, um seu companheiro induziu-o a fumar liamba. Desde então vem fazendo uso em pequenas quantuades (dois a tres cigarros por mês). Já por duas vêzes foi detido por êsse motivo por investigadores, sendo porém relaxada a prisão depois.

Ao exame: individuo do tipo mesostênico, fisionomia de cansaço. Leve assimetria facial. Escleróticas amareladas. Língua ligeiramente desviada para a direita. Volumosos gânglios de Ricord. Hiperfonese do tom aórtico. Há dois anos tosse com expectoração branco amarelada. A escuta revela estertores subcrepitanes médios disseminados em ambos os hemitoraces. Relações sexuais espaçadas: às vêzes é incapaz de consumir o coito. Marcha normal. Tremor dos dedos de pequenas oscilações, em repouso. Normais os reflexos tendinosos dos membros superiores e inferiores. Reflexo cutâneo-plantar ausente. Diâmetros pupilares normais. Reação pupilar à luz morosa.

Atencioso, solícito, de humor igual, apenas se nota no interrogatório certas hesitações, desde que se exija uma maior precisão sôbre qualquer fato de sua vida passada. Em tais condições é necessário que sua espôsa, que o acompanha lhe forneça a informação pedida. Não foram notadas alucinações nem idéias delirantes. Uma exploração mais detida das funções intelectuais não foi possível por não ter o paciente voltado ao serviço, apesar de procurado por várias vêzes pela Diretoria de Higiene Mental.

O exame de liquor revelou: Punção sub-occipital, posição deitada. Pressão no manômetro de Claude: Mx. 10 Mn. O. Liquor: Incolor, límpido, sangue ausente, coagulo fibrinoso ausente. Nonne-Apelt (fase 1) positivo (+). Pandy francamente positiva (+). Weichbrodt, francamente positiva (+). Reações de floculação no soro — Muller e Kahn ++++. Cloretos 7,20% Wasserman no sangue . Wassermann no liquor: 0,1 ; 0,5 ; 1cc. ; Linfocitose: 8,8; albumina 0,18; Benjoim 0000012100000000, Lange 13443110000, (a) Dr. Alcides Benício.

Este paciente não fez uso de maconha em nossa presença.

OBS. N.º 2 — A. B. S., pardo, 24 anos, solteiro, sapateiro, católico, instrução rudimentar, pernambucano, residente no Pátio do Têrço. Nenhum informe sobre a família. Sofreu de cancro venéreos (de natureza não apurada). Foi operado de fimose. Gripe espanhola. Etilista moderado.

Relata que até 10 anos de idade vivia em casa com seu pai em perfeita harmonia. Nesta idade foi para o Asilo de Mendicidade, enviado por sua mãe "porque era muito vadio". Aos 18 anos saiu do Asilo e foi para o Colégio São Joaquim. Af cursou a 1.ª e 2.ª divisão na qual freqüentou oficinas, aprendeu a lêr, escrever e trabalhar de sapateiro. Depois veio para o Recife, onde, abandonando a profissão foi ser empregado de casa de família.

Diz que não conhecia nem nunca tinha ouvido falar em maconha, quando aos 24 anos de idade (há poucos meses), tendo ida com alguns companheiros ao Pátio do Têrço, um deles apareceu com a maconha, assegurando ser esta a 1.ª vez que dela ouviu falar. Teve vontade de experimentar e pediu um cigarro. Quando o fumou sentiu "subir uma frieza para a cabeça", grande secura na bôca e vontade de comer. Achou bom e continuou a usá-la, nos meses seguintes. Depois foi aborrecendo e já decidira abandonar o vício. Passado algum tempo porém, encontrando-se com seus companheiros, estes o induziram a fumar novamente, sendo nessa ocasião surpreendido pelos investigadores.

Ao exame: Indivíduo de estatura mediana, compleição robusta, pele um tanto decorada, gânglios epitrocleanos palpáveis. Nenhum distúrbio da motilidade, da retletividade e da sensibilidade. Não foram notados distúrbios mentais de qualquer natureza.

Tivemos ocasião de assistir este paciente fumar um cigarro (1 grama) de maconha.

	Antes		Depois	
	(5')	(15')	(30')	(30')
Temperatura	36,9	36,8	36,8	36,7
Pulso	100	122	122	122
Excursões respiratórias	22	27	20	20

Logo depois que o observado começou a fumar o cigarro de maconha (5 minutos) disse "sentir uma frieza subindo para a cabeça" e que esta se tornava leve, moleza no corpo, vontade de dormir e a bôca extremamente sêca, vontade de comer e de "beber bastante água". Conjuntivas se apresentam ligeiramente congestas. Quinze minutos depois de fumar, diz estar "mais disposto", sente vontade de "ir para sua casa e a de seus companheiros, de trabalhar e de bater bola".

Não parece mais loquaz, ao contrário, torna-se menos comunicativo respondendo com certa dificuldade às perguntas que lhe são feitas.

Foi-lhe concedida alta poucos dias depois.

OBS. N.º 3 — I. G. F. (Siri), prêto, 19 anos, solteiro, católico, pernambucano, residente à Rua Principal — Sítio Longo — Campo Grande. Pai vivo, com saúde. Assevera o observado que o pai nunca fez uso de bebidas alcoólicas. Mãe morta em consequência de "uma constipação que apanhou na cabeça". O observado tem três irmãos sadios. Sofreu de blenorragia e cancro venéreos. Assegura que há mais de um ano deixou de beber. E quando o fazia era somente às refeições, sem se embriagar.

Até aos 8 anos de idade viveu com os pais ajudando em serviços de pedreiro. Estêve algum tempo na escola, onde afirma ter tido bom comportamento. Quando a mãe faleceu a casa ficou desarranjada. Depois veio uma madrasta, que maltratava o observado. Este abandonou a casa para vender jornais, profissão de que tem vivido até agora. Só raramente ia a festas. "Tinha algumas pessoas que gostavam dêle". Em Santo Antônio é muito conhecido.

Há cêrca de mêz é que o paciente conheceu a maconha. Encontrou no Pátio do Carmo um grupo de conhecidos que lhe forneceram cigarros.

Logo depois de usá-los sentiu "a cabeça leve", vontade de comer, de andar, de trabalhar. Saía disposto pela rua. Parecia que todo o mundo, mesmo gente que desconhecia estava a sorrir para êle. Quando dormia, à noite, era um sono sôlto, sem

sonhos. Depois de fumar a maconha sentia a bôca sêca, "sendo capaz até de tomar dez refrescos um atrás do outro". Fumava um, dois cigarros por dia. Quando não conseguia maconha, "não tinha nada, não sentia muita falta".

Ao exame: Indivíduo de estatura mediana, compleição robusta, mucosas visíveis e pele um tanto descoradas. Cicatrizes de úlceras nos membros inferiores. Gânglios epitrocleares e occipitais palpáveis. Pingueculas na esclerótica. Nada de anormal para o lado do aparelho digestivo e genito-urinário. 24 excursões respiratórias por minuto. Respiração áspera, na 1/ sup. dos dois hemitoraces. Pulso cheio, rítmico, batendo sessenta e duas vêzes por minuto. Bulhas cardíacas claras. Temperatura axilar — 37,2. Tôdas as posições possíveis. Marcha sem alteração. Não tem Romberg. Tremores das extremidades digitais, pouco acentuados. Pupilas ligeiramente deformadas, reagindo à luz e acomodando prontamente. Vivos os reflexos rotulianos e aquileos. O cutâneo plantar só é obtido pelas variantes da manobra clássica. Não distúrbios de sensibilidade.

Não foram notados distúrbios mentais de qualquer natureza.

Assistimos o paciente fumar dois cigarros, contendo cada um, uma grama de maconha.

	Antes		Depois	
	(5')	(15')	(15')	(23')
Excursões respiratórias	24	32	26	22
Pulso	62	112	134	120
Temperatura	37,2	37	37,2	37,2

Quatro minutos depois de iniciada a prova o paciente disse estar "em ordem". "Sentia os olhos apertados e a cabeça leve". Fisionomia alegre. Mostrou-se mais loquaz e comunicativo. "Saindo naquele instante trabalharia com gosto o resto do dia". Aos poucos os olhos ficaram úmidos e as conjuntivas congestas. Sentia o estômago vazio, a bôca e os lábios sêcos.

Nenhum outro sintoma foi registrado. O paciente obteve alta na mesma data que o da observação anterior.

OBS. N.º 4 — E. F., pardo, 18 anos, solteiro, empregado em um café, católico, instrução rudimentar, residente à rua da Beleza 61, Recife.

Ignora de que faleceram seus progenitores. Desconhece casos de enfermidade mental em sua família. Sofreu de sarna e blenorragia. Etilista moderado. Tabagista.

Estêve numa escola pública durante dois anos com regular proveito. Dela saiu para começar o aprendizado de merceneria, de que logo desistiu para seguir a profissão que ainda hoje exerce. Protesta ser pouco amigo de farras ou diversões.

Diz conhecer a maconha há cêrca de dois meses, dela feito uso poucas ocasiões. Dá primeira vez fumara por curiosidade. Em outra ocasião perdera dinheiro, estava aborrecido e fumou para distrair, sentindo-se bem depois que o fêz. Atribui sua prisão a intrigas de companheiros.

Ao exame: de estatura mediana, pele e mucosas visíveis coradas. Um pouco emagrecido. Pulso rítmico, batendo 84 vêzes por minutos. Temperatura axilar 36,6. Excursões respiratórias 15. Não foram notados distúrbios dos vários órgãos da vida vegetativa. Marcha normal. Não há perturbações do equilíbrio, motilidade ou da sensibilidade. Normais os reflexos tendinosos e cutâneos explorados. Pupilas reagem bem à luz e acomodam prontamente.

Apresenta-se calmo e confiante. Ao interrogatório nenhuma perturbação mental foi verificada. Fuma em nossa presença um cigarro de maconha (1 gr.). Gasta cinco minutos para queimá-lo e antes de terminado êste prazo já declara sentir-se "em ordem": "a cabeça leve e um frio na ponta do nariz". Mostra-se sorridente, bem disposto e confessa-nos — (sem que o tivéssemos inquerido) — que havia mais de um ano fôra ameaçado de uma surra por seu progenitor, porque manifestara desejo de queimar maconha.

O olhar do paciente é mais vivo, as conjuntivas se apresentam congestionadas, o rosto mais intensamente corado. Imediatamente depois de terminar o cigarro a temperatura axilar era de 36,6, pulso 108, excursões respiratórias 22.

Quinze minutos após: temperatura 36,7. Pulso 100; movimentos respiratórios 25. Diz sentir que se dissipam tôdas as perturbações. Queixa-se de "secura na bôca".

Vinte e cinco minutos depois de fumar já nada mais acusa. Repetindo a nosso pedido o que dissera durante a fase de intoxicação, omite completamente a ameaça de seu pai, narrada linhas acima.

OBS. N.º 5 — J. A., pardo, 21 anos, solteiro, católico, pernambucano, marítimo, residente à rua Estreita do Rosário.

Pai vivo, sadio. Mãe morta de causa que desconhece. Quatro irmãos sadios. Tabagista moderado. Alcoolista moderado. Sofreu de cancrios venéreos (de natureza não apurada).

Criado na casa paterna, freqüentou escola durante cêrca de 3 anos, aprendendo a lêr e escrever. Com 8 anos de idade perdeu a genitora. Não gostou da madrasta e logo saiu de casa.

Fuma os cigarros de maconha há cêrca de mês (sic).

Ao exame: Indivíduo de estatura mediana, pele e mucosa visíveis pouco coradas. Regular estado de nutrição. Não acusa esternalgia nem tibalgia; Não encontramos anormalidade nos vários aparelhos da economia.

Marcha normal. Tôdas as posições são possíveis. Tremores fibrilares da língua. Reflexos tendinosos normais. R. patelar exaltado. As pupilas reagem e acomodam normalmente à luz.

O paciente apresenta-se calmo, solícito, orientado no tempo e no espaço. Falha em algumas provas que põem em jôgo o julgamento.

Em nossa presença preparou um cigarro, contendo uma grama de maconha e queimou-o em 10 minutos.

	Antes	Depois	
		(1')	(5')
Pulso	64	123	106
Excursões respiratórias	30	46	48
Temperatura	37	37,2	

Após fumar o 1.º cigarro o paciente pediu-nos para queimar outro. Por enquanto sentia apenas um "ar saudavel e frio entrar pelas narinas". Achava-se mais disposto para qualquer trabalho e com grande apetite".

Enquanto fumava o 2.º cigarro as conjuntivas ficaram congestas. Diz que sente "a guela sêca". Acha-se mais inteligente e com vontade de escrever. Fisionomia alegre e viva.

OBS. N.º 6 — N. S., prêto, 15 anos, solteiro, carregador de fretes, analfabeto, natural de Aracaju, sem residência.

Pais vivos, gozam boa saúde. Em criança o observado sofreu de sarampo. Tabagista moderado. Até os 14 anos morou em companhia de sua progenitora e de duas irmãs no interior de Sergipe, ajudando os seus trabalhos da lavoura. Seu pai abandonou a família, sem razão alguma, já fazem 10 anos. Durante o ano passado resolvendo tentar a vida em meio maior o paciente veio para a capital do Estado, daí passando para Maceió e afinal para o Recife. Aqui não conseguiu emprêgo. Fazia pequenos fretes e por necessidade dormia mesmo no depósito da Estação de Cinco Pontas. Usa maconha já fazem 2 anos. Contraiu o hábito em Penedo, trabalhando em fretes. Uns rapazes, em pagamento dum carroto, lhe ofereceram um cigarro. Depois ficou habituado, tendo a ajudá-lo neste costume o baixo preço da planta (em Alagoas). Fuma diariamente três ou quatro cigarros. As vêzes passa uma semana sem fumar, não experimentando então nenhum sintoma desagradável.

Pais vivos, gozam boa saúde. Em criança o observado sofreu de olhar. Manchas amareladas da conjuntiva. A vascularização do globo ocular aparece bastante visível. Sinal dos incisivos de Gaucher. Temperatura 36,5. Pulso 80. Excursões respiratórias 20. Bulhas cardíacas claras. Sôpro diastólico no foco aórtico com propagação para o apêndice xifóide. Não há anormalidade dos demais aparelhos da vida vegetativa.

Marcha normal. Romberg ausente. Não há distúrbios motores, sensitivos ou tróficos. O reflexo cutâneo plantar (pela manobra clássica e variantes) ausente. Pupilas de diâmetro normal reagem bem à luz e acomodam prontamente.

Durante os primeiros dias permanece visivelmente intimidado, e contando dum modo fantasista a história de sua prisão — (teria sido obrigado a fumar sob ameaças de um grupo de viciados). Mas suas palavras deixam facilmente transparecer uma longa intimidade com traficantes e consumidores da planta.

Realmente alguns dias depois, tranquilizado, refere o que de fato se passou, embora procurando disfarçar as suas narrativas tudo que possa comprometê-lo.

Durante as primeiras semanas, e certamente pelos mesmos motivos sua atitude é excessivamente respeitosa.

Acomoda-se facilmente às exigências regulamentares, ajuda em pequenos serviços.

Apesar de sua reserva, que só lentamente se vai desvanecendo fornece indicações sôbre o uso da maconha nos estados por onde passou.

A determinação da I. M. e Q. I. deu os seguintes resultados: I. M. 7 anos e 8 meses; Q. I., 51.

Conta-nos que a primeira vez que fez uso da planta sentiu tonturas, dor de cabeça. Depois foi habituando e agora apenas sente depois de cada cigarro grande apetite, ficando "disposto, animado". Nunca em tais ocasiões viu ou ouviu nada de anormal. Assistimos o paciente fazer uso da maconha: (2 cachimbos e um cigarro pequeno).

	Antes		Depois			
			12'	20'	35'	
Pulso 66				104		
R. Oc. Card.: antes 66; depois 60				antes: 100	depois: 96	
Dinamometria M.D. 20 M.E. 18			M.D. 22	M.E. 20	M.D. 30	M.E. 22
			40'			
Pulso			90			82
R. Oc. cord.						
Dinamometria					M.D. 24	M.E. 22

Logo às primeiras baforadas as conjuntivas se mostram congestas. Assim persistem durante todo o tempo em que o observamos.

A princípio queixa-se de fome. Depois declara estar disposto, sentir-se bem. Não fica mais loquaz. No fim da prova entristece, e começa a chorar demoradamente, reclamando sua alta, e receiando que sua estada no Hospital seja duradoura. Antes de fumar não demonstrava absolutamente preocupações dessa natureza. Alguns dias depois tivemos nova oportunidade de assistir o paciente fazer uso da planta.

Os fenômenos observados se aproximam dos que foram notados durante a 1.^a vez. Fêz uso de 3 cigarros, contendo cada um 1 gramh de maconha.

	Antes		Depois					
			27'	29'	46'	56'	69'	
Pulso	90		124		116			
Dinamometria	M.D. 25	M.E. 25	M.D. 26	M.E. 24	M.D. 26	M.E. 25	M.D. 24	M.E. 25

Nesta mesma ocasião acompanhamos as variações da pressão arterial. Elas vão expostas algumas páginas mais adiante, juntamente com outros sinais físico. (Anotação: depois, onde vem discriminados a contagem do pulso e outras medidas, significa o número de minutos depois do paciente ter começado a fumar. Essa notação vale não só para esta observação como as duas seguintes).

Logo oito minutos depois de ter começado a fumar êle se apresenta animado, deixa a atitude acanhada em que permanecera, levanta-se a cada momento, passeia pela sala. Mas êstes fenômenos são fugazes: decorridos alguns minutos responde com dificuldade e de súbito começa a chorar. Exprime seus receios de permanecer sempre no Hospital, etc. Deixa escoar uns quarenta minutos, raramente quebrando o silêncio com novas crises de lágrimas. Durante êsse tempo é capaz de executar ordens simples. Experimentando porém enrolar um cigarro fá-lo com dificuldade, desajeitadamente, perdendo fumo, etc. Só uma hora depois de ter começado a fumar, é que os sintomas mentais vão desaparecendo.

Em outro dia indo o paciente submeter-se a certos testes psicológicos, depois de queimar maconha, apresentou-se deprimido do mesmo modo. Nesta ocasião, ao contrár das anteriores, fez uso da planta em jejum e em dose mais elevada do que a habitual (6 cigarros de 1 gr.).

Os fenômenos observados foram do mesmo tipo. Apresenta-se, durante alguns minutos, eufórico, loquaz. Contra seus hábitos de reserva conversa espontâneamente contando detalhes sobre as vidas dos pensionistas com os quais convive. Mas aos poucos cessa a loquacidade e êle começa a responder — (embora com exatidão) — difficilmente e por monossilabos.

Depois começa a chorar. Logo que termina de fumar deita-se num corredor diante de uma porta por onde transitam numerosas pessoas e aí dorme profundamente durante horas.

A êste paciente foi concedida alta dois meses depois.

OBS. N.º 7 — A. de L. ou A. F. L., católico, instrução rudimentar, residente à rua São Francisco. Internado no Manicônio Judiciário.

Antecedentes hereditários sem importância. Sofreu de variola e sarna, impaludismo e reumatismo poliarticular agudo. Nunca contraiu doenças venéreas. Freqüentou escolas durante um ano e meses, tendo aprendido a ler e escrever mal. Desde que deixou a casa de seus pais tem sido gazeteiro, estando satisfeito com a profissão. Quando pode manda dinheiro aos pais, mas nem sempre consegue fazê-lo pois ganha somente quatro a cinco mil réis por dia.

Detido em companhia de J. da S., que regressava de Alagoas transportando 1 quilo de maconha para vender.

Conta-nos que fez uso da maconha pela primeira vez há uns nove meses. Estava com um grupo de colegas e estes convidaram-no a queimar um cigarro.

Não fuma diariamente mas sempre que tem oportunidade, consumindo de 1 a 3 cigarros por dia. Diz já ter consumido em seguida 3 cigarros: "o efeito que fez um é o mesmo que fazem três" (sic). Depois que fuma sente-se alegre, disposto "dá risadas", sente o corpo ligeiro, fome e, no fim, sono. Sente igualmente "vontade de andar e começando a andar não cansa, e aquêle andar leve" (sic).

Ao exame: De estatura mediana, pícnico. Cicatriz na face esquerda (golpe de canivete inorna-nos). G. de Ricord palpáveis. Não há anormalidade apreciáveis dos aparelhos circulatório, respiratório, digestivo e gênito-urinário. Sistema nervoso: Tôdas as posições são possíveis. Romberg ausente. Não apresenta tremores dos dedos, nem da língua. Os reflexos tendinosos e cutâneos explorados estão normais. Pupilas de diâmetro igual e normal. Reflexos pupilares à luz e da acomodação conservados. Ref. oc. cardíaco: antes 92, depois 86.

Comparece de boa vontade ao exame. Encara sua situação com calma, não pretendendo apresentar-se como inocente. O humor é habitualmente elevado, o paciente suportando seu internamento alegremente e confiando-nos sem reservas seus projetos para depois da alta. O vocabulário é reduzido, a linguagem simples e chã. Lê e resume com exatidão um trecho qualquer, efetua as quatro operações, mostra-se capaz de escrever uma carta à família, etc. Repete quatro números dígitos em ordem direta e inversa; critica acertadamente frases absurdas, etc.

A determinação da I. M. e Q. I. deu os seguintes resultados: I. M. 12 anos e 9 meses. Q. I. 79. Assistimos o paciente fumar 2 cigarros, contendo cada um 1 grama de maconha.

		Antes			Depois			
		13'	20'	30'	46'	55'	60'	70'
Pulso	92	130	126	120	110	104	92	92

Três minutos depois do início da prova declara estar com vontade de andar e um pouco tonto. Adianta que quando fuma, estando em liberdade, sente vontade de rir.

Esclarece que a fome só aparece tardiamente. Algum tempo depois diz que a maconha é agradável, que se sente bem disposto, com vontade de rir e de caminhar, mas se contém por estar "em presença de muita gente". Acha que já decorreu mais de uma hora desde que começou a fumar (na realidade apenas passaram 30 minutos).

Nessa ocasião acompanhamos também as variações da pressão arterial (v. adiante).

Alguns dias depois novamente assistimos o observado fazer uso da maconha (3 cigarros de 1 gr.).

		Antes			Depois				
		10'	20'	30'	40'	50'	57'	60'	70'
Temp.	367		363	36,1	36,7	36,6		36,4	36,4
Pulso	102	127	126	126	127	107		99	95
Exc. resp.	23	23	24	25		23	24	23	24

Em vinte minutos acaba de fumar. Mas um pouco antes já se apresenta mais expansivo e com a tendência à ambulação, anteriormente referida. Confessa sentir-se alegre. Fumando, distrai e "esquece que está no asilo". Ri com frequência a propósito de palavras de seu companheiro ou mesmo sem nenhum propósito. Numa dessas ocasiões indagando-se d'êle o motivo dessa alegria, responde que não era nada. "rí do tempo". (sic). Ao terminar a prova torna-se silencioso. Mas responde com exatidão — (embora lacônicamente) — quando interrogado. Durante todo o tempo da prova as conjuntivas oculares estão fortemente congestas. Queixa-se de sentir a bôca sêca. Foi notada midriase, que persiste mesmo depois da normalização do pulso.

Afirma-nos que o sono depois do uso da maconha nos três sonhos.

Novamente observamos o paciente fazer uso da maconha em maior dose, (5 cigarros de 1 gr.) alguns dias depois. Concedemos atenção maior, às modificações da fôrça muscular ao dinamômetro e da pressão arterial — (sendo que as variações desta última para maior comodidade, vão descritas algumas páginas adiante).

		Antes		Depois					
		M.D. 33	M.E. 30	M.D. 27	M.E. 26	M.D. 31	M.E. 28	M.D. 30	M.E. 29
Pulso		89	122						
Dinamometria				25'	32'		60'		70'

Alguns dias depois o paciente fêz uso em nossa presença, e estando em jejum, de dose mais elevada (6 cigarros de 1 grama).

	Antes		Depois				
		23'	40'	47'	05'	70'	80'
Pulso	94	144	128	124		118	116
Dinamometria	M.D. 30				M.D. 80	M.D. 30	M.D. 30

Informa-nos que em jejum a maconha “pega mais depressa”. Queixa-se de tonturas. Responde acertadamente embora com certa demora. Apesar de fumar durante todo o tempo da prova, o pulso baixa progressivamente a partir dos quarentas minutos.

Está menos loquaz do que em provas anteriores.

Em outras ocasiões, tivemos oportunidade de observar novamente o paciente quando queimava maconha. Essas experiências vão relatadas na última parte deste trabalho.

Ao paciente foi concedida alta depois de 4 meses de internamento.

OBS. N.º 8 — J. da S., vulgo Crista, pardo 19 anos, solteiro, vendedor de jornais, católico, analfabeto, natural de Gameleira (Pernambuco, residente à rua São Francisco).

Pai falecido de causa ignorada, mãe viva, sadia. Dos seus dois irmãos, um vive na malandragem. Do outro não sabe notícias. Já sofreu de sarampo, sarna, blenorragia e cancro venéreo (cuja à natureza não pôde ser apurada).

Nunca freqüentou escolas. Com doze anos começou a vender jornais; neste ofício ganha apenas de 4 a 6 mil réis por dia. Embora viva sozinho, ajuda à sua mãe, enviando-lhe dinheiro de vez em quando. Dá-se bem com seus companheiros, mas às vezes tem rixas com êles por questões de pouca monta. Procura mulheres quando o julga preciso mas não gosta de farras. Declara preferir viver relativamente isolado.

Refere que já foi prêso por duas vezes: uma por ferimento leve, ficando detido durante 5 meses e outra por vagabundagem, durando a prisão somente 4 dias.

Em sua última viagem a Maceió comprara à princípio meio quilo de maconha pela quantia de 12 mil réis. Declara-nos à princípio que o fêz para satisfazer a dois colegas seus. Posteriormente confessa-nos que também decidira fazer negócio pois verificara como rendoso revendê-la em Pernambuco. De volta a Recife foi prêso em companhia de A. de L. na Estação de Cinco Pontas.

Ao exame: De estatura mediana, pele e mucosas visíveis pouco coradas. Numero sas tatuagens nos membros superiores e no peito, representando escudos, bandeiras, uma cruz, suas iniciais e as de uma mulher, etc.

Gânglios de Ricord palpáveis. Ausência dos incisivos superiores. Outros dentes em mau estado de conservação.

Cancro mole da glând. Fimose.

Não foram notadas anormalidades dos vários aparelhos da vida vegetativa. Ao exame neurológico há apenas a notar a vivacidade dos reflexos tendinosos. Reflexos Oc. cardíaco: antes da compressão 76, depois 72.

Ouve-nos atencioso. Boa orientação meso e cronológica. Memória íntegra para fatos antigos e recentes. Falha em algumas provas que põem em jôgo o julgamento. A determinação da I. M. e Q. I., deu os seguintes resultados: I. M. 9 anos e 7 meses. Q. I. 59.

Refere ter feito uso da maconha poucas vezes. “Não era um viciado”. Apenas sentia depois de fumar “muita fome e sono”. Protesta que não reincidirá. Quer se ver livre “mas não cai noutra”.

Fumou 3 cigarros de maconha (1 grama cada um), em nossa presença.

	Antes		Depois						
		10'	23'	37'	48'	63'	67'	77'	87'
Temperatura	36,2	36,6		36,4	36,5		36,4	36,2	36,2
Pulso	86	97	127	106	107	97	100	98	86
Exc. respir.	19	17	20	19	19		19	19	17

Acaba de fumar aos 22 minutos ou 23 minutos depois do início da prova.

As conjuntivas se mostram congestionadas desde o primeiro cigarro. Apresenta regular midríase, estando os reflexos pupilares um pouco lentos.

Cêrca de 15 minutos de ter começado a fumar, declara estar em ordem. “Lá fora, estaria vendendo jornais, andando disposto”. Não se mostra loquaz, guardando o habitual ar discreto, parecendo esforçar-se para isso. Depois a fisionomia tem uma certa aparência sonolenta, mas interpellando-o obtêm-se respostas acertadas. Em seguida começa a rir com freqüência. Indagando-se de que ri, responde: “de nada”. Ao fim da prova, conserva-se silencioso, mas revelando-se capaz de atender a qualquer solicitação.

Alguns dias depois fuma 4 gramas e meio de maconha em nossa presença. O quadro mental é sensivelmente idêntico ao da primeira vez.

	Antes		Depois					
		24'	35'	39'	60'	70'		
Dinamometria	M.D. 32	M.E. 30	M.D. 35	M.E. 29	M.D. 32	M.E. 27	M.D. 30	M.E. 32
Pulso	80	129						
Exc. resp.....	18		20					

Acompanhamos também nesta ocasião as variações da pressão arterial [v. mais adiante). Alguns dias depois fez uso em nossa presença, estando em jejum, de maior dose de maconha (6 cigarros de 1 grama).

	Antes		Depois				
			15'	40'	70'	906'	115'
Pulso	86	140	146	120	118	104	

Acaba de fumar aos 115 minutos depois do início da prova. Contudo o pulso baixa a partir dos 40 minutos do início da mesma.

Fica rapidamente “em ordem” (como na 1.^a verificação). Nota-se nitidamente o estreitamento das fendas palpebrais (como seu companheiro).

Torna-se a princípio um pouco mais loquaz e risonho. Depois, à medida que consome maiores doses vai ficando silencioso, respondendo por monossílabos e com certa demora as nossas interrogações, que freqüentemente necessitam ser repetidas.

Esse observado tornou por várias vezes a consumir doses fortes (8 cigarros de 1 grama). O resultado destas verificações vai descrito na última parte deste trabalho.

Foi-lhe concedida alta, em companhia do paciente da observação anterior, quatro meses depois de internado.

*
* * *

No intuito de verificarmos com maior segurança as modificações mentais freqüentemente referidas com grande imprecisão por nossos observados, entre os quais, como já frisamos, era comum defrontar-nos casos de rudeza intelectual ou mesmo debilidade mental franca, decidimos, juntamente com os nossos companheiros de serviço, acadêmicos Arnaldo Di Lascio, René Ribeiro, João Vieira de Menezes, realizar a experiência de fumar a planta com as devidas precauções. Cada um de nós teve ocasião de o fazer em dia diferente, deixando-se então observar pelos outros. Em um dos casos — (obs. Di Lascio) — as manifestações clínicas foram muito pouco acusadas, isto apesar de ter o mesmo, feito uso sucessivamente de 4 cigarros de maconha, no total de 4 gramas, aproximadamente.

Ao 3.^o cigarro acusou sentir uma verdadeira “descarga de palpitações”, o que determinava um estado psíquico desagradável. Simultaneamente percebeu-lhe que os objetos, pessoas da sala de observações se tornavam súbitamente longínquas havendo uma certa redução das proporções corporais. As vozes eram ouvidas como de longe, demorando a ser percebidas. Não experimentou no momento, apesar do ambiente alegre em que se encontrava, nenhuma elevação do humor que pudesse ser considerada como devida ao tóxico. Não sentia nenhuma necessidade de se comunicar com os presentes, apesar dos mesmos crivarem-no de perguntas.

Parecia-lhe sempre que todo movimento, que qualquer esforço para manter a conversação seria difícil ou irrealizável. Para dar respostas pertinentes demorava consideravelmente na evocação das palavras, tendo nítida consciência dêsse retardamento.

Ao mesmo tempo, acontecimentos que os circunstantes diziam ter ocorrido poucos momentos antes, comunicavam-lhe o sentimento de se terem passado na realidade em um tempo infinitamente afastado. Fazendo um cigarro, o que efetuava aliás muito desajeitadamente, confessava: “devo ter gasto nisso poucos minutos, mas parece-me que ocupei mais de meia hora”.

Este estado mental persistiu durante aproximadamente 40 minutos, mas uma vez desaparecido não o foi de uma vez, pois durante a hora seguinte frequentemente acusou perturbações da mesma ordem, — (com caráter paroxístico, o paciente usando a propósito a expressão descarga para designá-lo) — mas sendo muito mais fugazes do que o primeiro. As modificações somáticas foram igualmente pouco marcadas: palidez inicial, leve tremor dos dedos, sensação de boca seca, palpitações, midríase.

Em outros membros do nosso grupo a intoxicação, embora fôsem utilizadas doses menores, se revelou com muito maior intensidade. Merece ser destacado o que observamos e o que observou em si o interno João Vieira de Menezes, o qual fez durante cêrca de 2 horas uma verdadeira crise hipomaníaca, com leve obnulação intelectual concomitante.

Ao iniciar a prova o observado — (que é tido entre os seus companheiros como emotivo) — apresentava taquicardia. A experiência se realizou cêrca de 4 horas depois da refeição do meio dia. Fêz uso de 2 cigarros (2 gramas). Modificações somáticas e psíquicas sobrevieram muito prontamente: já 8 minutos depois do início procurava nos comunicar o sentimento “de que experimentava um grau maior de afastamento do ambiente”. Logo depois começa a rir frequentemente sem motivo algum.

Levanta-se a cada instante sem nenhum objetivo, percorre a sala, extremamente loquaz. Os trechos seguintes colhidos nessa ocasião mostram uma verdadeira fuga de idéias ordenada:

(Nada faltava para completar a semelhança com o aspecto hipomaníaco: a loquacidade, as associações por assonância, os trocadilhos, a mordacidade, que temperava o humor do nosso observado, que julgou acerbamente certo número de figuras nossas conhecidas).

.....

“Segundo disse aquêlê escritor integralista Plínio Salgado, eu até li as críticas daqueles escritores do Rio Grande do Sul. Como é o nome daquele camarada?”

“Vocês são danados para se esquecer... sim! Agripino Griêco! Isso aqui são bulhas cardíacas. Grande secura na garganta. Apesar de que não peço água, porque não tenho sede. Estou com vontade mas é de fumar maconha”.

“Ulisses não veio hoje aqui, Lucena? Vaso — dilatação dana. Bulhas cardíacas não se ouvem no pulso, isto é, na artéria radial. Mas eu não sei, Dr. Lucena, se se deve fazer uma sangria num cidadão, mas sendo na artéria radial: êle abrindo só se fôr num cadáver. Vocês falam muito baixo. Estão aproximados de mim”.

.....

“Olhem! são mais de 6 horas, ou não são mais de 4 horas! vejam lá! para eu não perder o jantar. Vou fazer lá umas equações do 3.º grau. É como se fôsse um sistema de equações: não sabem que temos de começar de um lado para o outro? Vou começar de novo; eu estou que só X. Eu agora dei mais de 50 erros, só aquêlê menino, quero dizer aquêlê outro...”.

.....

“Aqui eu recomencei, isto é, continuei. Apesar, Dr. Lucena, o Sr. estar fazendo a psicanálise, em mim. Pelo que está escrito, aqui, a grafia. Aliás a agrafia já não existe hoje. Pierre Marie, quando dividiu as afasias lá nas circunvoluções... Aliás o centro de Trousseau, quero dizer, não é Trousseau êste era um sábio que dizia: tremei quando tiverdes de dar medicamentos às crianças; isto é, medicamentos tóxicos, opiáceos. Aquêlê pessoal todo foi

embora e eu fiquei aqui fumando maconha. Amanhã todos dizem que eu sou maconheiro. Isto é danado.

Você riu-se, não? Dr. Lucena? Você é um sujeito forte apesar de seu humor triste. O senhor é eufórico”.

.....

“Como escreve Souto Maior, aquêlê grande urologista francês, sabe, Di Lascio? Oh homem! Aquêlê que escreveu tudo sôbre próstata. Estou com a memória ruim, seu Lucena. A propósito, na França, no rio Sena, o Dr. Samuel está em dias de chegar. Falei em Sena e me lembrei logo do Rio. Voltarei na França, êle dizia: inimigo do Papa. Êste autor, quando morreu, se confessou, sabe disso? Eu fui a Gurjaú com o Doutor Costa, sabe disso? Uma aula de higiene. Fui ver como a água passa sem levar o bacilo de Koch, isto é, colitífico, sabe como é? com cal que botam”.

“Mas, com dois cigarros só, eu fiquei de mim. Isso é uma despersonalização. Quer dizer o indivíduo fica sem individualidade. Loucura, quer dizer o indivíduo perdeu a personalidade”.

.....

Juntamente com essa loquacidade espontânea e exuberante podia-se registrar uma acentuada dificuldade em perceber o que se lhe dizia, e em pensar ordenadamente de modo a acompanhar o decurso ordinário de uma conversação.

Pedindo-lhe que relatasse por escrito o que sentia, cobre a fôlha de papel de palavras escritas em tôdas as direções, de notas à margem, de borrões, de modo a resultar algo quase completamente ilegível.

Provas psicométricas não foram realizadas para medida da atenção, mas lhe sendo dito que riscasse todos os A duma página omitiu a maioria das letras a riscar. Qualquer trabalho intelectual seguido era irrealizável no momento, devido aparentemente à dispersão, à mobilidade de atenção do paciente.

Deve-se registrar ainda a mesma dificuldade de evocação, a mesma impossibilidade de mobilizar lembranças no momento oportuno, que já veio referida na experiência anterior, e também certa perseveração, uma persistência demorada em tôrno ao mesmo assunto (certa ocasião permanece dêste modo durante mais de 3 minutos). A avaliação do tempo se revela grandemente perturbada.

Ainda não tendo decorrido hora e meia de experiência dizíamos que a mesma já durava seguramente umas 8 horas e reclamava freqüentemente julgando chegada a hora do jantar. O humor permanece elevado durante a primeira parte da prova: ri, passeia, conversa, incansavelmente.

O aspecto de euforia, de agitação motora e loquacidade cede lugar com uma subtaneidade inesperada a um comportamento inteiramente diverso.

Escoada hora e meia de experiência, fica de súbito sorumbático; apoia a cabeça sôbre a mesa, deixa de falar. Interrogado repetidas vêzes responde por monossílabos, só raramente referindo estar sentindo amolecimento, quebrantamento, sono. Diz sentir-se deprimido, boceja.

Aos poucos, porém, e num lapso de tempo bem menor do que seu estado de prostração fazia supor, reanima-se o suficiente para completar com a introspecção as informações de que necessitávamos. Declara-nos ter realmente consciência de que perdera o contrôle (sic), pois a loquacidade inoportuna, os risos sem propósito se produziam, automaticamente, mau grado sua vontade, apesar de seus esforços de crítica. Verifica-se, fazendo o confronto, que a desatenção do paciente impediu a fixação de vários dos acontecimentos

durante a prova. Alucinações não foram notadas. O experimentador referiu porém, por mais de um vez, que sentia como se os dedos das mãos estivessem mexendo involuntariamente, mas ao olhar para êles verificava que isto não acontecia.

As modificações físicas foram igualmente acusadas e aparecem cedo: sensação de calor no rosto, vaso dilatação nas orelhas, leve tontura, oscilações na posição de Romberg, patelares vivos, leve midríase, taquicardia que chegou a 144 pulsações, declinando depois até ao algarismo inicial, enquanto decorria a intoxicação. Deve-se frisar a subtaneidade com que apareceram os fenômenos e o modo igualmente brusco porque desapareceram. A rapidez da fase de invasão é para os espectadores alguma coisa de surpreendente.

Na auto observação realizada alguns dias depois foram igualmente acentuados e precoces os fenômenos mentais da intoxicação.

Fiz uso de cêrca de 4 cigarros (equivalendo seguramente a duas e meia gramas de maconha). À princípio senti apenas um ligeiríssimo mal-estar, notando que não percebia assás rapidamente o que se passava sob minhas vistas. Experimentava até certo ponto a sensação de que o contôrno dos objetos era esfumado ou difuso.

Este sintoma persistiu agravando-se posteriormente. Experimentei, logo de início, referir aos circunstantes o que sentia. Fazia-o no início da intoxicação de propósito deliberado e não me apresentava loquaz nem experimentava dificuldade em realizar aquêle propósito.

Aos poucos, porém, as palavras necessárias não me ocorriam. Ao invés disso, eram outras idéias que tinham com o assunto em foco um nexu muito longíquo, que me vinham à consciência automaticamente.

Os esforços para discorrer segundo uma ordem lógica, para esplanar um assunto (fazer uma narração por ex.) tornavam-se infrutuosos.

Meus companheiros tiveram ensejo de me ver demorar mais de um minuto em busca de uma palavra necessária sem a conseguir, mesmo quando se tratava de alguma coisa tão simples como o dia e o mês da experiência.

As idéias que me ocorriam de modo automático expressavam-se imediatamente, embora fôsem em certas ocasiões impertinências e houvesse de minha parte, naquele momento, um verdadeiro terror de cometer inconveniências. Notava ao mesmo tempo que o campo da atenção se estreitava.

Tornava-me incapaz de acompanhar a conversação quando esta se generalizava. Por mais de uma vez pedi aos presentes que não falassem todos ao mesmo tempo. Mas apesar de atendido era necessário freqüentemente que uma determinada pergunta fôsse repetida várias vêzes para que eu a pudesse perceber.

Cometi mesmo, nessa ocasião, alguns erros sôbre a identidade de pessoas que vinham chegando à sala quando as mesmas estavam um pouco afastadas, sendo porém, capaz de retificar expontâneamente o êrro. Notava também a impossibilidade de reter lembranças dos fatos ocorridos naquela ocasião: meus companheiros me deram a memorizar um trecho de jornal. Fui incapaz de realizá-lo interrompendo freqüentes vêzes a leitura "para me lembrar do comêço". Na mesma ocasião me convidaram a realizar alguns cálculos simples. Apesar de proceder com extrema lentidão repetindo em voz alta os resultados parciais, escrevia inadvertidamente no total algarismos errados. O sentimento de dificuldade de evocação, de demora das operações mentais superiores, já referido por todos os meus companheiros, experimentei-o também em tôda intensidade. Durante tôdas as provas permanecia falando incansavelmente. Convidado a permanecer um minuto em silêncio, não o consegui, apesar de me esforçar para isso. O tema dessa logorréa incessante era o mais variado possível. Era comum que no início referisse trechos de leitura, ou pretendesse exhibir conhecimentos, embora sentisse —

(e declarasse) — como considerava ridículo o ar doutoral que adotava nessas ocasiões. Aos poucos, porém — (tanto quanto posso restabelecer minhas lembranças dessa ocasião) — a loquacidade tomou uma fisionomia mais íntima e pessoal: opiniões particulares, preferências, recordações, etc. Sentia-me disposto a confidências, embora procurasse censurá-las o mais possível. E durante todo o decurso da prova fui capaz de criticar o que fazia ou dizia. Crítica até certo ponto inútil, pois minhas palavras ou impulsos me vinham com um caráter automático impossível de reprimir.

Isto se verificou principalmente quanto ao estado de humor, talvez mais do que em relação às funções intelectuais. Embora não experimentasse o sentimento de estar alegre no início da prova, embora o negasse — (quando interrogado) — meu comportamento comunicava aos presentes uma impressão oposta. Ria freqüentemente, com exagêro, escandalosamente, a propósito de incidentes ou mais fúteis, de jogos de palavras, etc. Mas, à medida que decorria o tempo, esta euforia foi diversas vêzes substituída por um estado de humor inteiramente diverso: depressão, abatimento, crises de lágrimas. Tanto quanto posso julgar, tais momentos de depressão apareciam em seguida a uma sugestão exterior qualquer, por exemplo a evocação de certos fatos tristes, (mas que nenhuma relação tinham com o experimentador) ou mesmo à simples pronúncia de palavras possuidoras de qualquer colorido afetivo. Foi por ter consciência disso que na mesma ocasião declarei estar num estado de receptividade, isto é, acessível às mais descontraídas influências emotivas externas. Para mostrar o caráter fugaz desse estado de depressão basta referir que, ao declarar que apresentava um estado de receptividade, estava em lágrimas. Mas a palavra me pareceu enormemente divertida e desatei, sem transição, a rir às gargalhadas. Fatos da mesma ordem se repetiram por mais de uma vez. Contudo durante os últimos minutos da prova, o meu estado psíquico predominante era de desalento e tristeza. Ao julgar depois o tempo decorrido pensei erroneamente que tais crises tinham sido muito mais demoradas que o foram na realidade.

No início (a exemplo do que tinha sido notado na observação de Di Lascio), verifiquei que a intoxicação não prosseguia tôda de uma vez. Por mais de uma ocasião senti-me (como declarava no momento) relativamente desanuviado. Depois, bruscamente, voltavam a obnubilação intelectual, a loquacidade, as outras manifestações concomitantes. Êsses intervalos de menor intensidade da embriaguez eram sempre de pequena duração e não chegavam durante êles (apesar de experimentar até certo ponto êsse sentimento) a me tornar completamente lúcido. A intoxicação durou em média 2 horas. As manifestações físicas também estiveram presentes embora não muito acentuadas. O pulso (uma hora depois do início da experiência) estava a 160. Houve concomitantemente vaso-dilatação pronunciada do rosto, secura da bôca e ligeiro aumento de temperatura (o termômetro acusava nessa ocasião 37,4 de temperatura axilar). Foi só ao fim de mais de 2 horas que tais sintomas desapareceram, deixando intensa cefaléa, profunda lassitude, incapacidade para o trabalho intelectual por mais leve que fôsse. Dormi cedo, um sono pesado, sem sonhos. No intervalo entre a experiência e a hora de deitar, comi com excessivo apetite. Num espaço de tempo de pouco mais de 3 horas jantei por duas vêzes e ceieie. No dia seguinte, a lassitude, a incapacidade para o trabalho intelectual persistiam durante tôda a manhã.

Êstes fenômenos desagradáveis foram aliás experimentados por todos os meus companheiros que também tiveram oportunidade de fazer uso da droga.

*

* * *

É oportuno comparar os sintomas encontrados em nossas observações com aquêles que tem sido registrados em seguida ao uso da maconha em outros locais e por outros observadores e igualmente com aquêles produzidos pela intoxicação devida ao *haschisch* e à *marihuana*.

Rodrigues Dória, ao relatar suas observações, efetua a comparação dos fenômenos que observou ou ouviu relatar com aquêles que têm sido descritos como constituindo o quadro mental do haxiscismo. Procederemos do mesmo modo, indicando os sintomas comuns a essas várias formas de intoxicação.

Warnock, citado por Kraepelin, divide-o em duas categorias, conforme a sua maior ou menor intensidade: 1.º embriaguez pelo *haschisch*, obtida com pequenas doses e se traduzindo por fenômenos que lembram a embriaguez alcoólica, isto é, loquacidade, humor alegre, tendência à deambulação, leve sobrecarga confusional; 2.º delírio do *haschisch*, acarretando alucinações numerosas, visuais, auditivas, e cenestésicas, habitualmente de conteúdo agradável, mas podendo, quando a intoxicação é intensa ou quando existe alguma predisposição natural, determinar estados alucinatórios terríficos, conduzindo o paciente a reações anti-sociais violentas, (o amok, forma de loucura homicida registrada entre os malaios, é atribuída ao consumo de *haschisch*).

Já em autores que primeiro se ocuparam com o estudo do *haschisch* notamos sintomas comuns aos observados: Viola acentua a obtusidade intelectual, o caráter automático e impulsivo das idéias que ocorrem ao indivíduo sob a ação do cânhamo. Frisa que os objetos "assumiam uma existência duvidosa; estava mergulhado num vácuo indefinível. As idéias como que se tinham materializado; tinham uma forma que não posso determinar; eu as via passar, repassar... sem que tivesse nenhum império sobre elas... a língua era pesada e arrastada como nos indivíduos embriagados ou atingidos de paralisia geral". Deve-se notar contudo que este autor, como numerosos outros, teve ocasião de constatar sobre si mesmo, fenômenos alucinatórios.

Voltaremos posteriormente a nos ocupar do aparente desacôrdo entre as suas e as nossas observações.

Na descrição clássica de Gautier já são registrados com grande agudeza vários desses sintomas, em seguida ao uso do cânhamo. Assim o caráter cíclico dos primórdios da embriaguez: "O que há de particular na embriaguez do *haschisch* é que ela não é contínua; ela nos toma e nos deixa... como na loucura o indivíduo tem momentos lúcidos". Idêntico fenômeno é indicado por Clerambault: "Esta, ao em vez de ser contínua procede por surtos sucessivos, separados por intervalos calmos. Os árabes dizem: a primeira embriaguez subiu, a segunda embriaguez subiu, etc. Cada retôrno da embriaguez é marcado por sensações cefálicas bruscas e violentas, como explosivas". Única particularidade que a distingue da maconha, tais intervalos lúcidos parecem, segundo a descrição de Gautier, muito mais demorados ao se consumir *haschisch*.

A conservação relativa da auto crítica é outro detalhe digno de nota. "Durante este período a inteligência fica senhora de si", escreve um pouco exageradamente Richet. Do mesmo modo Gautier se encontra em tal situação, quando realizou sua experiência, de observar com relativa nitidez todas as numerosas alucinações que se produziram. Ambos sublinham, em seguida a Viola, o caráter automático e impulsivo das idéias que ocorrem. Ainda na descrição de Richet pode-se notar o tom freqüentemente enfático ou teatral que assumem os pacientes. "As coisas mais simples se transformam em efeitos de cena e é com acentos trágicos que o indivíduo pronuncia que é tarde e está ventando" (Richet).

A acessibilidade às impressões exteriores de ordem afetiva também é indicada pelo mesmo autor: "De repente, a propósito de palavras sem im-

portância, começa um riso convulsivo, prolongado e que parece interminável... As emoções são exatamente exageradas e paradoxais”.

Quanto ao aspecto maniatiforme do primeiro grau da intoxicação pelo *haschisch*, já Moreau o indicara em seu trabalho fundamental. Porak relatando o que observou sobre si mesmo, compara os acidentes experimentados com os produzidos pela embriaguez do champagne.

Numerosas pessoas interrogadas por Rodrigues Dória e seus colaboradores foram unânimes em referir que em seguida ao uso da maconha, ficavam excessivamente alegres, risonhas e loquazes, como embriagadas.

Quanto à *marihuana*, Livet considera seus sintomas como uma “paráfrase daqueles determinados pelo *haschisch*”. As curiosas perturbações que fazem cometer, o que fumou maconha, erros quanto ao tempo decorrido, merecem ser comparados com o que ocorre aos haxixinos: Gautier escreve a respeito: “Pelo que eu podia avaliar este estado durava cerca de 300 anos. Quando este episódio passava, eu via que durava apenas um quarto de hora”.

Um outro trecho de Viola (citado por Mougue) convida à reflexão: “o mecanismo segundo o qual se faziam minhas respostas é bastante curioso para merecer citação: minhas idéias se tinham materializado, eu as via passar, repassar, dividir-se e depois reaparecer sem que eu tivesse nenhum império sobre elas: tinham sacudido o jugo de minha vontade. Quando eu queria escolher aquela que me era necessária para resposta, as que eu não procurava e que não podiam me servir acorriam a mim; mas, ligeiras como sombras, fugiam com rapidez para dar lugar a uma multidão de outras tão fugitivas quanto elas. Se entre o número eu via aquela que procurava, ela se escapava no momento em que ia prendê-la e desaparecia ao longe. De repente voltava não sei como: eu a percebia deslizar para o exterior sob forma de som e estava dada a resposta com grande surpresa minha, pois não me sentia falar”.

Comparem-se estes fenômenos com os verificados na auto observação relatada neste trabalho. Excetuando esta “materialização das idéias” tão impressionantemente descrita, há flagrantes semelhanças no que notam os dois observadores. Mas, se no primeiro período do canabismo, o indivíduo apenas fica no limiar da alucinação, com maiores doses ou com amostras mais ativas o cânhamo se mostra alucinógeno. É mesmo esta propriedade que contribui para sua difusão e o fez mais buscado. Rodrigues Dória relata alguns casos. Escreve “Uns contam histórias, tais fazem versos, outros tem alucinações agradáveis, ouvem sons melodiosos como o canto dos pássaros, etc. Em uma entrevista do Sr. Assis Iglésias é referida uma observação do Dr. Oscar Barbosa: “L.A.B., fumador de tabaco em cachimbo, consente em fazer uso da maconha, em presença daquele médico. Tirou as primeiras baforadas da fumaça de liamba e logo disse: Para melhor apreciar o efeito vou deitar-me um pouco”.

“E continuou a aspirar a fumaça. Quando da quarta baforada caiu em sono profundo, com respiração estertorosa e pulso célere. Afastado o cachimbo, procuraram despertar o paciente. Mas eis que o homem, num acesso de fúria, protesta contra a covardia de um dos presentes, o qual é acusado de querer estrangulá-lo dormindo, justamente no momento em que sonhava com a argentina Marita. Esforça-se então por levantar-se para perseguir o suposto homem, que imaginava em fuga, pedindo aos presentes que o agarrassem. De repente vê o tal homem de volta e rápido dá-lhe um sóco violento que alcança a parede. Ergue-se da cama e vendo a um canto o cordão de um roupão de banho diz que é a corda com que o indivíduo covarde tentara estrangulá-lo. Dobra o cordão em quatro partes e em atitude hostil procura agredir a figura imaginária ou qualquer pessoas que entre no quarto. Cessado o efeito da liamba, L.A.B. comunica que não se lembra de nada que ocorreu. Queixava-se apenas de lassidão, dores nos músculos e principalmente na mão que agredira o estrangulador...”

Livet descreve entre seus fumadores de *marihuana* curiosas alucinações cenestésicas: os dedos parecem se afinar, a mão ora parece enorme, monstruosa, ora “ridiculamente pequena”. Alguns chegam a amarrar a cabeça, porque esta se lhe afigura muito aumentada, a ponto de receiarem a disjunção dos ossos do crânio. Por outro lado são comuns alucinações visuais e auditivas, relacionadas com as preocupações do momento. Mas é na descrição de comedores de *haschisch* ou fumadores de outras preparações do cânhamo indiano que tais fenômenos são verificados com maior nitidez.

É de R. Dupouy a seguinte observação: Um de nossos doentes, grande apreciador de ópio, quis um dia provar *haschisch*. Julgando-se já liberto da sua influência, vai ao Café Poussset, onde deixa boquiaberto, por sua linguagem e sua atitude um amigo com quem marcara encontro e que não estava ao par da experiência. Em seguida quer voltar à sua residência em Montmartre. Gasta três horas para efetuar êste curto trajeto, pois a cada passo uma alucinação visual se produz obrigando-o a se desviar do caminho que deve seguir”.

“Ele julga ver a Rue de la Paix, a Praça da Ópera e reconhece tôdas as lojas que está acostumado a ver com suas vitrines, seus letreiros, etc.: não falta nenhum detalhe; e êle entra numa pequena rua do Faubourg Montmartre, crendo ir para a Ópera, cuja fachada lhe parece ao longe, escrupulosamente reproduzida pela alucinação. Alguns segundos depois o cenário muda; é a rua de Rennes, que se mostra a êle, com suas lojas de antiquários e a gare Montparnasse, numa extremidade. A alucinação é tão viva, tão impressionante em sua imitação da realidade que o doente se engana e volta sôbre seus passos: deixa-se assim dirigir por suas alucinações, identificadas completamente com o mundo exterior”.

A variedade, a multiplicidade dessas alucinações de *haschisch* podem ser acompanhadas na descrição de Gautier — (descontados o luxo verbal e a especial constituição do narrador) — “... Uma palavra cochichada, o estalar de uma cadeira vibravam e retumbavam como o estampido do trovão... Sons, perfumes e luz tudo se chegava através de numerosos tubos finos como cabelos nos quais podia ouvir correntes magnéticas assobiando”.

Os circunstantes lhe parecem vestidos de trajes, estranhamente, em poses e atitudes inverossímeis, apoiados em uma só perna, “com ar pensativo de ibis”. Experimenta desenhar (locomotivas que voam e cuja chaminé é substituída por um pescoço recurvo e uma cabeça, etc.). “Graças ao *haschisch* pôde desenhar duendes *d’après nature*”.

Por vêzes o intoxicado pelo *haschisch* apresenta estados alucinatórios com agressividade. É o amok dos malaios, de que já falamos e que foi atribuído ao isolamento, ao clima — (era inevitável!) — ao ópio, até ser provada a responsabilidade do cânhamo.

Tôdas as descrições insistem sôbre a brutalidade, a cega violência dêsse raptus alucinatório. “Quando estão sob a influência da droga êles (os javaneses) se precipitam nas ruas e matam todos os que encontram até que a segurança pública obrigue a autoridade a destrui-los. Gritam ao correr: Amok! amok! (mata! mata!). Se interrogais um dêstes doentes ao sair de sua crise de amok, êle vos responderá que via tigres, javalis, cães, veados ou diabos e que queria matá-los”. (Citações de R. Dupouy).

Os autores nacionais também observaram impulsões agressivas no decurso do estado de maconhismo.

Em R. Dória vêm citados casos dessa ordem, alguns dêles observados entre militares, nenhum porém chegando a se consumir, ficando em simples tentativas de assassinato. Do mesmo modo, a comissão Norte Americana que estuda o marihuanismo nas guarnições do Paraná registrou entre os viciados uma percentagem de 0,09 de casos sôbre os quais pesavam acusações de “violência e insubordinação”. No entanto, Livet aludia a reações anti-sociais de muito maior gravidade.

Uma outra explicação da sintomatologia discreta que observamos reside em que a maconha em Pernambuco é consumida por dia e fumam a sua dose diária fracionadamente. Tal atitude nos parece ditada em parte pelo preço relativamente elevado do produto que os obriga a economizá-lo e também pelo receio à vigilância policial e à vida relativamente ativa das profissões mais atingidas.

A contar ainda que o uso da maconha importada não garante os consumidores contra a remessa de amostras “de inferior qualidade”. Cremos, porém, que observações posteriores nos colocarão diante de verdadeiros quadros alucinatórios, pois de nossos observados apenas três consumiram grandes doses. A supressão brusca da maconha foi tolerada sem nenhum sintoma desagradável por todos os observados. Também as conclusões da comissão Norte Americana, a que já aludimos são de que a *marihuana* “não é habituógena”.

Em nossos observados não foram registrados sinais de enfraquecimento intelectual. Em nossa obs. n.º 1 a probatividade do paciente sugeria, ao primeiro encontro, a impressão de deficit intelectual adquirido. Mas os achados do exame de liquor esclareceu a verdadeira etiologia daquelas perturbações. Recorde-se a este propósito a observação de Pernambuco Filho sobre os morfomaníacos nos quais muitas vezes o uso do tóxico mascara sintomas de outras afecções mentais orgânicas (sífilis cerebral v.g.).

Para aquêles resultados devem-se invocar as mesmas razões que explicam a ausência de quadros alucinatórios. Estudando o marihuanismo, a Comissão Norte Americana também não verificou sinais de “deterioramento físico ou psíquico”. Aí se tratava de jovens “que haviam fumado a *marihuana* por menos de dois anos”. Mas entre 94 soldados, obrigados a deixar a farda por seus hábitos (seria modificação do caráter) em três, isso se devia ao consumo da planta.

Novamente à propósito da maconha: “Quando o indivíduo está inveterado no hábito tem sempre, diz Iglésias, aspecto e modo de idiota, é um homem à margem” (Pernambuco Filho). Iglésias refere ainda “um indivíduo, R., viciado crônico, desmemoriado a ponto de se esquecer de um recado”.

“O interessante é que tinha uma nítida lembrança de fatos remotos anteriores ao vício”.

R. Dória também aborda este aspecto. Parece dispor de uma escassa casuística pessoal pois se apoia principalmente na descrição de Villard sobre os efeitos do haxixismo crônico. O grande canabismo crônico e intenso acarreta rapidamente um estado de embrutecimento, acompanhado de depercimento físico, ao qual não faltam mesmo perturbações tróficas (G. de Clerambault atribui ao *haschisch* certas formas de mal perforante plantar), e que favorece a eclosão de infecções terminais.

Os asilos do Cairo recebem uma alta percentagem desses viciados. Villard descreve-os como incapazes de qualquer atividade útil, passando os dias acorados, diante de seus cachimbos e recorrendo novamente ao tóxico, logo que se extingue seu efeito ebríatico.

*
* *

Julgamos acertado reunir à parte modificações somáticas que se verificam no decurso da intoxicação pela maconha. Assim podemos considerar sucessivamente:

Modificações da fisionomia.

Palidez, ou, mais freqüentemente, vasodilatação ao nível da face e das orelhas.

Secura da bôca.

Estreitamento pouco acentuado das fendas palpebrais.

Modificações do pulso e da pressão arterial.

Modificações do ritmo respiratório.

Modificações da temperatura.

Influências sobre a diurese.

Sintomas neurológicos (para o lado do sistema nervoso cérebro-espinhal).

Modificações do tônus e da excitabilidade dos dois grandes departamentos do sistema neuro-vegetativo.

Modificações do sono e do apetite.

Modificações da glicemia.

As modificações da fisionomia constituíram de um modo geral em simples hiperímia. A maioria dos nossos observados entrando em estado de leve excitação, apresentavam uma mímica facial correspondente.

Iglésias, citado por Pernambuco Filho, refere a “expressão estranha do rosto” de seus observados. É possível que modificações desse último tipo somente venham a surgir com o espaço de quantidades maiores da droga.

A vasodilatação ao nível da face é particularmente acusada nos indivíduos de pele clara. Nós o atribuímos a fenômenos de hiposimpaticotonia.

A esta mesma causa se deve atribuir a acentuada congestão das conjuntivas que aparece logo às primeiras baforadas, persistindo durante todo o período de intoxicação e cedendo à instilação sobre o globo ocular de um colírio de adrenalina. Este fenômeno é muito mais facilmente verificado do que o anterior, qualquer que seja o grau de pigmentação da pele do observado.

Todos os nossos pacientes referiram sentir a bôca sêca. A explicação desse fato, veremos mais adiante. A xerostomia determinada é intensa e se instala mesmo em pacientes aos quais tínhamos feito previamente a injeção de uma substância sialagoga.

Nos pacientes das observações 7 e 8, depois duma injeção subcutânea de 1 cgr. de pilocarpina que determinou (20 e 10' depois) sialorréia acentuada, leve retardamento do pulso e em um deles leve miose, três (obs. 7) e quatro (obs. 8) cigarros de maconha determinaram a cessação gradual da sialorréia, passando os observados a se queixarem de secura da bôca.

O estreitamento da fenda palpebral é muito pouco acusado. Foram os nossos próprios observados que primeiro nos chamaram a atenção quando referiam que ao “ficar em ordem” também sentiam os “olhos pequenos” (sic).

O estreitamento da fenda palpebral parece dever ser explicado por um fenômeno da hiposimpaticotonia.

As modificações do pulso constituem o sintoma somático mais frequentemente referido pelos autores que observaram a intoxicação pelo cânhamo. Porak refere-o em seguida ao uso do *haschisch* e a Comissão Médica Norte Americana do Canal do Panamá declara que os sintomas mais pronunciados são marcados pelo aumento do pulso e do apetite e sonolência. Tivemos ocasião de observar que esse aumento rápido e progressivo do pulso, (facilmente verificável na curva abaixo) não persiste se proseguirmos na intoxicação, isto é, se o paciente consome novos cigarros. Tivemos a surpresa de verificar que, neste último caso, a curva do pulso ao invés de continuar a subir como tudo fazia crer, ao contrário, baixa progressivamente à medida que aumentam as doses. Nossas obs. 6, 7 e 8 são provas disso. A explicação deste comportamento do ritmo circulatório nós a veremos quando tivermos ocasião de estudar as modificações do sistema neuro-vegetativo.

O ritmo respiratório sofreu modificações que não podem ser reunidas em um tipo único. Em alguns de nossos observados essas consistiram em leve aumento do número de excursões respiratórias na unidade de tempo. Em ou-

tros, porém, (e a êstes, não tivemos ocasião de examinar pessoalmente sob êste aspecto), a aceleração do ritmo respiratório se apresentou em muito maiores proporções.

As modificações da pressão arterial não foram observadas em todos os casos. Não puderam ser agrupadas em um tipo único, mas o que registramos, utilizando o simples aparelho de Vaquez Laubry, consistiu em variável aumento de pressão mínima com leve diminuição da máxima mas às vêzes com persistência da máxima sem alteração. Em um paciente porém verificamos o aumento simultâneo das pressões máxima e mínima.

No intuito de pesquisar em que residia a causa do aumento de apetite, uniformemente referido por nossos observados, fomos conduzido a examinar as variações da glicemia. Dois dos internados (obs. 7 e 8) foram submetidos a esta prova, sendo a mesma repetida em um dêles. O método utilizado foi o de Thivolle Fontes. A taxa de açúcar era pesquisada em jejum e a seguir os pacientes fumavam cinco cigarros, deixando extrair sangue para nova dosagem cada 15 minutos. As curvas (apesar de se notar uma queda em uma delas) são relativamente claras e evidenciam um leve aumento de glicemia na primeira hora, em seguida ao uso da maconha:

Obs. A. de L. Antes: 0,550 por mil.

Depois 15': 0,550 por mil.

Depois 30': 0,550 por mil.

Depois 45': 0,600 por mil.

Depois 60': 0,800 por mil.

O estudo das variações da diurése apresenta para nós um grande interesse depois que Porak instituiu seu emprêgo como um dos recursos mais eficazes em farmacodinâmica humana para acompanhar a influência de certas substâncias sobre os ritmos vitais. Nós sabemos, (é ainda o mesmo autor que o afirma) que estas modificações se podem processar no sentido de excitação ou de depressão. Foi-nos impossível obter o primeiro dos trabalhos de Porak (La diurese). Guiamo-nos pelo segundo dêles, o livro sobre estupefacientes, através do qual procuramos reconstituir a técnica do professor de Changai.

Êsse último utilizava para a avaliação da velocidade do trânsito de líquidos no organismo o rendimento urinário, isto é, o quociente dado pela divisão da quantidade de urina emitida pelo tempo decorrido entre uma e outra micção.

Várias influências fisiológicas são susceptíveis de modificar o rendimento urinário aumentando-o ou diminuindo-o. No primeiro sentido agem a marcha, o banho morno, a ingestão de líquidos. Em sentido oposto agem à posição deitada, o sono, as refeições.

Submetemos dois dos nossos observados a um regime misto, recomendando-lhes contudo não absorvessem água por ocasião das refeições. O horário da ingestão de cada porção de água e de cada micção foi cuidadosamente anotado, o que tornou possível estabelecer depois de alguns dias de observação curvas de rendimento urinário. Em um dos paciente, porém, se interrompeu a observação.

Uma diferença se pode logo constatar entre a ação da maconha e a do cânhamo indiano. Porak experimentando com êste último verificou, no dia em que fôra consumido haschisch e quase imediatamente depois do consumo, um aumento considerável do rendimento urinário, o que corresponderia a uma ativação dos ritmos vitais. A esta fase de excitação, porém, seguiu-se outra que durava dias (3 a 4 nas obs. de Porak) e que se caracterizava por marcado retardamento do trânsito de líquidos e conseqüente diminuição do rendimento urinário. Depois dêsses dias de depressão, uma nova

fase de aumento do rendimento urinário indicava a libertação do organismo dos últimos efeitos consecutivos do tóxico.

As curvas obtidas com o nosso fumador de maconha são, porém, muito menos nítidas a êste respeito. É verdade que se observa consecutivamente a seu uso um leve aumento da diurese. Pelo menos é possível interpretar neste sentido o fato de se manter relativamente elevado o rendimento urinário em seguida à ingestão de uma carga de água (400 cc.). Também é pouco acusada a depressão consecutiva, a qual se traduz em nossas curvas por uma simples diminuição do rendimento urinário durante algumas horas, apesar da ingestão de líquidos.

Mas estão apenas esboçados, e dão margem a outras interpretações. O mais claro e possivelmente o único dos efeitos consecutivos da maconha é o brusco aumento da diurese no dia imediato ao seu uso.

A nossa curva mostra-o claramente. É como se os fenômenos consecutivos do cânhamo indiano se apresentassem com uma duração muito menor pelo uso da liamba, de modo a se encontrar o organismo liberto do tóxico, logo às primeiras 24 horas seguintes.

No grupo examinado foram notados vários sintomas nervosos: tonturas, modificações dos reflexos tendinosos, que se mostram um pouco vivos. Outro sintoma freqüente é a midríase. Trata-se habitualmente de midríase de moderada intensidade, mas facilmente verificável mesmo por observador não bem treinado.

Experimentamos igualmente determinar as modificações da força muscular ao dinamômetro, utilizando o modelo usual de Collin. Os resultados das observações bem mostram que, apesar de muitos pacientes se julgarem mais fortes nessa ocasião, na realidade as modificações da força física são extremamente inconstantes e variáveis. (v. obs. 6, 7 e 8).

Outro fenômeno curioso consiste em que, apesar de vários observadores experimentarem uma impressão de aumento de suas habilidades, tornam-se durante a intoxicação incapazes de executar movimentos coordenados um pouco mais complexos, dificilmente levando a terno atos tão simples como o enrolar um cigarro.

As modificações nervosas são muito mais acusadas quando sucede de frontarmos casos de individuos apresentando intolerância à droga. Em um dos nossos companheiros (René Ribeiro) tais acidentes aparecem em seguida ao uso de pequena dose (2 grs. e meia) e, embora fugazes, revestiram um aspecto bastante desagradável. Nêle as modificações psíquicas foram pouco acentuadas e não assumiram o tipo habitual. Depois de alguns minutos de euforia com loquacidade, riso, etc., ficou súbitamente calado, imóvel, respondendo dificilmente às interrogações, olhando fixamente para diante e sorrindo, as vèzes, cerrando as pálpebras, como em sonolência. Depois, à medida que se ia apresentando muito pálido, com grande taquicardia, pulso pequeno e hipotenso, cianose das extremidades, queixava-se freqüentemente de opressão à altura do precórdio, de uma sensação de frio por todo o corpo, dizendo por várias vèzes com voz fraca: "estou bem intoxicado". Mas, apesar do abatimento em que encontrava, surpreendia-nos convidando-nos "vamos andar". E realmente por mais de uma vez levantou-se com movimentos lentos, o torso rígido.

Não foi verificada flexibilidade séria, conservações de atitude impostas, etc.

Os impulsos à deambulação eram sucedidos por outros momentos de abolição da iniciativa motora. Nessas últimas ocasiões, se o convidávamos a caminhar, permanecia imóvel só se mexendo quando ajudado. Depois de ter dado alguns passos detendo-se junto a uma cadeira, aí permanece imóvel, de pé, somente vindo a sentar-se depois de convidado por mais de uma vez.

Ainda foram notados abalos musculares dos membros inferiores, podendo ser aproximados a convulsões clônicas e repetindo-se a pequenos intervalos irregulares. Não foi verificado Babinski. Os reflexos patelares se apresentavam exaltados, havendo sinreflexia. Foi registrada midríase. Levado ao leito, socorrido com tonicardiacos, os sintomas assustadores desapareceram em uma prazo rápido: decorridos 30 minutos já não apresentavam nenhum sinal de intoxicação.

O estado mental apresentava algumas particularidades interessantes. Referiu-nos depois o observado que experimentava um sentimento de estranheza como se as pessoas e coisas da sala em nada o afetassem. Pareciam distantes e “ao mesmo tempo emoldurados”. Julgava ter percebido tudo que ocorrera sob suas vistas, mas, ao realizar o confronto com o que registramos, verificava-se que a percepção exterior se encontrava bastante diminuída, uma vez que cometia erros sobre a identidade de duas pessoas que o tinham conduzido até seu aposento. Experimentara igualmente com muita intensidade a dificuldade de evocar as palavras necessárias, cuja articulação era igualmente difícil e penosa, de modo a impossibilitar a conversação.

Os acidentes de intolerância tem sido registrados não somente a propósito dos consumidores de *haschisch*, *marihuana* e maconha, como também com preparações medicamentosas à base de cânhamo. Pouchete relata um desses casos, consecutivos à ingestão, de um grama de extrato. Dita preparação determinou estado vertiginoso com angústia, sudorese profusa, taquicardia. Em outro caso, em seguida ao uso de 20 gotas de tintura, estado sincopal com hipotermia, pulso mole e depressivo.

Um terceiro paciente apresenta principalmente acidentes nervosos: lipotimia, movimentos convulsivos dos membros inferiores, astenia considerável, hipotermia, sensações de frialdade e dormência nos membros atingidos, acompanhadas de diminuição da sensibilidade e de perturbações psíquicas particulares; depressão, receio da morte e de paralisias definitivas. Os fenômenos se dissiparam com bastante rapidez. Sintomas de natureza aproximada foram igualmente verificados em outros casos em que se fez uso de algumas velhas preparações do cânhamo, como os denominados bálsamo de *haschisch*, bálsamo de cânhamo indiano de Denzel. Sachs, referindo os sintomas determinados pelo consumo de *haschisch*, adverte sobre possíveis perigos, mencionando entre os acidentes nervosos perturbações convulsivas e atáxicas.

Entre os viciados de *marihuana* e de *haschisch*, os acidentes podem assumir uma feição ainda mais séria e mesmo acarretar o êxito letal, que é precedido de fase de coma. E Pernambuco Filho, baseado em notícias do jornal “A Província do Pará” responsabiliza a maconha por acidentes mortais. Apareciam canoas abandonadas e homens mortos nas matas atribuindo-se tudo isso à intoxicação produzida pelo fumo da erva africana.

As amostras de maconha utilizadas em Pernambuco, parecem ser contudo muito mais facilmente toleradas.

Vários recursos empíricos são utilizados pelos toxicomaníacos para prevenir, tais surpresas. Hassan Racime aconselha ter à mão “uma bebida ácida”. No México, quando uma reunião de marihuanos é perturbada por acidentes dessa natureza, recorrem à ingestão de bebidas alcoólicas.

Em Alagoas, segundo um de nossos informantes, em alguns lugares, dão ao intoxicado água açucarada, simplesmente.

Contudo, de todos os fenômenos determinados pelo uso da maconha, os mais curiosos se relacionam com modificações do sistema neuro-vegetativo.

Veremos depois que vários dos sintomas já referidos resultam facilmente explicáveis pelas modificações do tônus e da excitabilidade dos dois grandes departamentos desse sistema.

Sòmente em 3 pacientes tivemos ocasião de praticar um contròle detido dessas alterações (obs. 6, 7 e 8).

Utilizamos de comêço as técnicas clássicas de exploração, isto é, o reflexo oculocardiaco, as provas farmacodinâmicas da atropina e pilocarpina. Como porém tal proceder não nos pudesse informar com segurança se a ação da maconha se exercia com predominância sôbre o vago ou sôbre o ortosimpático, decidimos empregar a técnica de Danielopolu única, que permite a exploração em separado de cada um dos componentes do sistema.

Como sabemos, o sistema nervoso da vida vegetativa se encontra num "estado de excitação permanente que constitui o tônus vegetativo". Pode ainda ser influenciado por um fator de excitabilidade vegetativa, geral e local. O tônus vegetativo geral resulta da ação isolada de cada um dos grupos antagonistas. Temos portanto o tônus isolado do simpático e o tônus isolado do parasimpático. O tônus local é mantido pelas propriedades fundamentais do órgão. Excitabilidade vegetativa geral é aquela que diz respeito a todo o sistema nervoso da vida vegetativa. Excitabilidade vegetativa local é a que diz respeito a todo o sistema nervoso da vida vegetativa. Excitabilidade vegetativa local é que diz respeito a um único órgão. (Danielopolu).

Para explorar êstes diferentes aspectos da atividade do sistema autônomo, Danielopolu não só utiliza os recursos propedêuticos habituais, como também os processos mais delicados de inscrição gráfica: tensiometria, pletismografia, eletropoliografia, etc. Na prática porém o método gráfico pode ser dispensado.

Uma investigação completa do sistema nervoso vegetativo compreenderia o estudo do tônus geral anfótropo (mediante registro do funcionamento de um ou vários órgãos normais), do tônus geral isolado da atropina e do ortostatismo), do tônus vegetativo local (registrando o órgão que interessa) e da excitabilidade vegetativa geral (utilizando as provas sinocardiacas e as provas farmacodinâmicas da adrenalina, da eserina e da pilocarpina).

Danielopolu insiste em que as provas do tônus anfótropo, do tônus local, da excitabilidade geral, e da excitabilidade local são tôdas anfótropas. Sòmente a prova da atropina e ortostatismo permite explorar em separado o tônus do simpático e do parasimpático.

Para os fins que nos propúnhamos não apresentava interêsse explorar o tônus parcial de qualquer órgão. Tão pouco interessava o estado da excitabilidade vegetativa local, uma vez que defrontávamos modificações de todo o sistema vegetativo. Importava, sim, determinar durante o período de maconhismo o estado do tônus ou "estado de excitação permanente" de cada um dos departamentos do sistema autônomo.

Esta verificação permitiria explicar vários dos sintomas observados.

Em dois dos nossos pacientes praticamos a prova da atropina e do ortostatismo, antes de fumar e logo depois de queimar maconha. A técnica posta em prática foi a recomendada por Danielopolu e, contagem do pulso, estando o paciente deitado, depois injeções endovenosas de sulfato de atropina, a princípio de um quarto de mgr e depois de meio mgr. Em seguida a cada injeção verificava-se a reação ortostática ou elevação do pulso quando o indivíduo fica de pé e a reação clinostática isto é, o retardamento do pulso quando o indivíduo que estava de pé reassumia o decúbito dorsal.

A aceleração no ortostatismo depende do ortosimpático, enquanto que a resposta clinostática está sob a dependência vagal. O desaparecimento desta última reação significa a secção fisiológica do vago. O número de pulsações então verificado indica o tônus isolado do ortosimpático.

Para se obter o tônus vagal subtrai-se dêsse último algarismo o número de pulsações que o indivíduo tinha antes de lhe ser injetada a atropina.

O tônus simpático normal está colocado a altura de 120 pulsações, enquanto o tônus vagal normal está na vizinhança de 50. Durante o ortosta-

tismo, não só a frequência do pulso aumenta como êle também se torna pequeno. O clinostatismo provoca modificações contrárias. Foram obtidos (sem os pacientes fazer uso da liamba) os seguintes resultados:

Obs. n.º 6 — A. de L. — Pulso: antes 62 (deitado).

As 9 e 27 inj. 1/4 mgr. de sulfato de atropina.

As 9 e 35 — Pulso: deitado, 62; de pé, 101, deitado, 56.

As 9 e 44 inj. 1/2 mgr. de atropina.

As 9 e 51 — Pulso: deitado, 88; de pé, 112; deitado, 61.

As 9 e 58 inj. 1/4 mgr. de atropina.

As 10 e 7 — Pulso: deitado, 86; de pé, 118; deitado, 86.

Obs. n.º 8 — J. da S. — Pulso: antes 72 (deitado).

As 9 e 35 inj. 1/5 mgr. de atropina.

As 9 e 42 — Pulso: deitado, 68; de pé, 86; deitado, 61.

As 9 e 54 inj. 1/2 mgr. de atropina.

As 9 e 58 — Pulso: deitado 84; de pé, 104; deitado, 68.

As 10 e 5 inj. 1/4 mgr. de atropina.

As 10 e 13 — Pulso: deitado, 88; de pé, 124; deitado, 76.

As 10 e 24 — Pulso: deitado, 96; de pé, 124; deitado, 96.

Ambos os pacientes se submeteram à prova da atropina e do ortostatismo, depois de ter consumido maconha. Eis os resultados obtidos:

Obs. n.º 7 — A. de L.

As 8 e 27 — Pulso: deitado, 68; de pé, 92; deitado, 64.

As 8 e 36 — Reflexo Óculo Cariaco: Antes 66, depois da compressão, 63.

Começou a fumar às 8h. e 44m. Acaba 2 grs. às 9h. — Pulso: deitado, 96; de pé, 128; deitado, 84.

As 9h. 7m. — Reflexo óculo cardíaco: antes: 94, depois: 88.

Recomeça a fumar às 9h. e 10m. Acaba às 9h. e 25m. mais 2 grs. — Pulso: deitado, 28; de pé, 128; deitado, 82.

As 10h. — Reflexo óculo cardíaco: antes 80, depois 72.

Recomeça a fumar às 9h. 40m. Acaba 2 grs. às 9h. 52m. — Pulso: deitado, 90; de pé, 116; deitado, 86.

As 10h. — Reflexo óculo cardíaco: antes 80, depois 72.

Recomeça a fumar às 10h. Acaba às 10h. e 16m. mais 2 grs. — Pulso: deitado, 80; de pé, 112; deitado, 76.

As 10h. e 25m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 80; depois, 74.

Inj. endovenosa de 1/4; mgr. de sulfato de atropina.

As 10h. e 34m. — Pulso: deitado, 74; de pé, 107; deitado, 71.

As 11h. — Pulso: deitado, 66, de pé, 104; deitado, 66.

As 11h. e 8m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 61; depois, 59.

Obs. n.º 8 — J. da S.

As 8h. e 28m. — Pulso: deitado, 70; de pé, 82; deitado, 66.

As 8h. e 39m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 68; depois, 61.

Começa a fumar às 8 e 44. Acaba às 9h. (2 grs.) — Às 9h. e 2m. — Pulso: deitado, 94; de pé, 124; deitado, 88.

As 9h. e 10m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 98; depois, 89.

Recomeça a fumar às 9h. e 14m. Acaba às 9h. e 29m. (mais 2 grs.) — Pulso: deitado, 94; de pé, 124; deitado, 86.

As 9h. e 40m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 92; depois, 86.

As 9h. e 56m. — Acaba de fumar mais 2 grs. — Pulso: deitado, 90; de pé, 124; deitado, 80.

As 10h. e 4m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 84; depois, 81.

Recomeça a fumar mais interrompe-se às 10h. e 21m. não tem doconsumido nem meio cigarro. As 10h. e 21m. — Pulso: deitado, 80; de pé, 104; deitado, 74.

As 10h. e 30m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 80; depois, 78.

Inj. 1/4 mgr. atropina — Às 10h. e 39m. — Pulso: deitado, 86; de pé, 100; deitado, 68.

Reflexo óculo cardíaco: antes, 70; depois, 62. — Às 10h. e 56m. — Pulso: deitado, 68; de pé, 92; deitado, 66.

As 11h. e 7m. — inj. 1/8 mgr. de atropina.

As 11h. e 15m. — Pulso: deitado, 63; de pé, 90; deitado, 63.

As 11h. e 20m. — Reflexo óculo cardíaco: antes, 64; depois, 64.

Em ambos os pacientes, alguns dias depois, foram pesquisadas isoladamente as modificações da excitabilidade geral (prova anfótropa do reflexo óculo cardíaco).

Fizeram uso de 8 gr. de maconha, divididas em quatro porções. Os resultados foram os seguintes:

Obs. n.º 7 — Antes de fumar: R. O. C.: antes, 74; depois, 66; depois de fumar: R. O. C.: antes, 74; depois, 68.

Obs. n.º 8 — Antes de fumar: D. O. C.: antes, 72; depois, 69; depois de fumar: R. O. C.: antes, 84; depois, 80.

Êstes resultados são os obtidos após uma compressão de 30".

*

* *

Nós temos portanto, em seguida ao uso da liamba, o aparecimento de modificações muito características do tônus do sistema neuro-vegetativo. Nesses dois pacientes verifica-se notável acentuação do lado do estado de hipofonia. O bloqueio do vago se obtém com doses mínimas, quando os pacientes estão sob a ação da liamba; vimos que doses inferiores a meio miligrama de atropina bastavam para a secção fisiológica e desaparecimento da reação clinostática, mas por outro lado o tônus ortosimpático também se mantinha bastante inferior à normal indicada por Danielopolu isto é, 120 pulsações. O maconhismo nesses dois pacientes correspondia portanto a marcada hipofonia. Esta verificação nos permite explicar a maioria dos sintomas somáticos observados; por conta da hiposimpaticotonia correm a vasodilatação do rosto (paralisia dos vasos-constritores da cabeça), a congestão acentuada das conjuntivas, o estreitamento da fenda palpebral (que, como sabemos, corresponde a fenômenos de paralisia do orosimpático) e o retardamento do pulso nas fases mais avançadas da intoxicação. Por conta da hipovagotonia devem correr a midríase (que vimos não reagir à instilação de adrenalina), a secura da bôca, a taquicardia inicial.

A nosso ver, êste método de exploração do tônus pode prestar reais serviços no decurso dos estados de maconhismo. Decerto que a expressão numérica dos resultados fica um pouco dificultada pela diminuição da frequência do pulso ao fim da experiência. Isto se deve evidentemente à queda do tônus simpático, pois o vago se encontra em hipotonia ainda maior e o desaparecimento da reação clinostática é obtida com doses de atropina inferiores a meio miligrama.

Com doses fracas de maconha é muitíssimo provável que a hipotonia, tenha lugar especialmente ou unicamente para o parasimpático. Prova-o até certo ponto a taquicardia inicial. Êstes mesmos pacientes submetem-se à prova de Danielopolu, depois de fumar 2 grs. de maconha. Infelizmente, esta última experiência ficou incompleta. As modificações de excitabilidade geral apresentam um interesse relativamente secundário. Danielopolu registrara que elas podem acompanhar ou não as modificações do tônus. Apenas realizamos o R. O. C. É nosso projeto praticar esta investigação em futuros casos.

*

* *

Mourgue atribui, na gênese das alucinações, uma grande importância às modificações neuro-vegetativas. Recorda a êsse respeito que a maioria das drogas alucinógenas determinam estados de hiposimpaticotonia com hipervagotonia. Cita os exemplos do *haschisch* e do *peytl* e seu alcalóide, a maconha.

Não é de estranhar, portanto, que apresentando nossos observados uma fórmula neuro-vegetativa bem diversa não tenham sido registradas entre êles alucinações verdadeiras. Nem mesmo algum dos fenômenos verificados em mim e meus companheiros (caráter impulsivo e automático da loquacidade, sensação de que os dedos se mexiam involuntariamente), pode ser aproximado sem exagêro de fenômenos alucinatórios e pseudo alucinatórios, embora constituam possivelmente um estado preparatório daque-

les. Aguardaremos fumadores de amostras mais ativas; dada a difusão da liamba no nordeste contamos ter muito em breve sob observação, quadros alucinatórios como os observados por Dória. A maconha acarreta sonolência em alguns casos e o sono pode sobrevir logo após se ter queimado a liamba (obs. n.º 6). Nossos observadores declararam não sonhar em tais ocasiões. Mas Pernambuco Filho e Alfredo Brandão indicam a freqüente possibilidade de sonhos, cujo conteúdo (erótico, religioso) seria determinado do apetite que é uniformemente referido (Pouchet, Rodrigues Dória).

Este último lembra a "fome canina" dos hasciscinos. Entre nossos observados, muitas vezes reticentes e imprecisos, era tal sintoma o que referiam com mais expontaneidade.

As modificações somáticas atraíram pouco o interêsse dos observadores. Em todo caso nos autores citados encontramos referências a taquicardia, (Comissão Norte Americana, Pouchet), à midríase em casos de acidentes (Pouchet), à hiperímia, e à vasodilatação cutânea (Livet, Rodrigues Dória, Pernambuco Filho), à congestão das conjuntivas (Pernambuco Filho), às perturbações atáxicas (Sachs).

Há um fenômeno que Livet é único a registrar seguida ao uso da *marihuana*.

Trata-se da horripilação, que motivaria, segundo aquêl autor, a denominação regional de grifa, aplicada indiferentemente à planta e ao viciado.

*
* *
*

A propósito da profilaxia de intoxicações euforísticas, Bermann lembra que se deve ter em vista não só criar obstáculos ao tráfico dos entorpecentes e estupefacientes como assistir aos toxicômanos e predispostos. Este último aspecto compreende medidas (investigação de fatores econômico sociais que criaram o "ambiente tóxico", expressão do mesmo, campanhas educacionais, assistência em ambulatórios a neuropatas, etc.) cujo desenvolvimento mesmo sumário daria motivo a outro trabalho. Aqui apenas encaramos o que é de mais fácil realização imediata, isto é, a repressão ao tráfico. Aquelas outras medidas gerais já vem sendo postas em prática.

A vigilância das autoridades policiais em íntima colaboração com as organizações sanitárias pode prestar serviços.

Convém a êsse respeito lembrar que já dispomos de legislação penal referente aos contraventores, consumidores ou contrabandistas de tóxicos. Aludimos à Lei n.º 4.294, de 6 de julho de 1921, que menciona o *haschisch*.

No congresso do ópio, da Liga das Nações, Pernambuco Filho e Goltz conseguiram a proibição da venda de maconha.

Partindo daí deve-se começar por dar cumprimento aos dispositivos do referido decreto nos casos especiais dos fumadores e contrabandistas de maconha cuja semelhança de ação com a variedade indiana do cânhamo aparece tão íntima.

O Decreto n.º 4.294 dispõe em seu artigo 1.º:

Vender, expor a venda ou ministrar substâncias venenosas sem legítima autorização e sem as formalidades prescritas nos regulamentos sanitários: Pena — multa de 500 mil réis a um conto de réis.

Parágrafo único — Se a substância venenosa tiver qualidades entorpecentes, como ópio e seus derivados e a cocaína e seus derivados. Pena — Prisão celular por um a quatro anos. Constituiria o primeiro passo para a profilaxia do vício o acatar aquêl dispositivo e pô-lo sistematicamente em prática.

Atualmente aos contraventores a polícia se contenta em privar da liberdade por alguns dias, detendo-os no xadrez da Segurança Pública. Os fumadores são encaminhados à Assistência à Psicopatas.

Contudo a simples repressão alcançará pouco resultado, pois dos Estados vizinhos continuará a penetração em nosso território. Em tais condições uma ação conjunta das autoridades sanitárias e policiais dos Estados em que tenha feito incidência o maconhismo, se impõe. É projeto da Diretoria de Higiene Mental, promover tal acôrdo, intensificando assim a luta pela erradicação da toxicomania.

BIBLIOGRAFIA

- RODRIGUES DÓRIA — Os fumadores de maconha. Efeitos e males do vício — Bahia, 1916.
- L. LIVET-LES fumeurs de mariguana — (Soc. Med. Psych.) 20-2-920. Anales Médico Psychologues — Vol. XIII — Série 10, pág. 257.
- ALFREDO BRANDÃO — Viçosa de Alagoas — O município e a cidade — Recife, 1914.
- RAUL MOUQUE — Neurobiologie de la hallucination — Bruxelas, 1932.
- JUAN PEON DEL VALLE — Algunos aspectos de la actual lucha contra la toxicomania en Mexico — Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana — Ano 12 n.º 14 — Abril de 1933.
- P. PERNAMBUCO FO. — Entrevista concedida ao Jornal do Comércio — Rio 10 St. 1930.
- F. DE ASSIS IGLÉSIAS — Entrevista do Jornal do Comércio — Rio 10. Set. de 1930.
- ONETO BARENQUE — *Mariguana* — (memória apresentada ao III Congresso Assoc. Med. Panam. — 1933 (resumo en Boletín de la oficina sanitaria panamericana — ano 18 — n.º 3 — Março 1934).
- P. PERNAMBUCO FO. — Venenos sociais — Rio, 1932 — Comissão mista Norte-Americana. Marihuana em Panamá — (Mil. Surg. Novembro 1933, resumo en Boletín de la oficina sanitária panamericana — ano 13 — n.º 3 — Março de 1934).
- R. PORAK — Les stupefiants. Paris 1927.
- CAMINHOÁ — Botânica geral médica.
- MELO MORAIS — Fitografia brasileira — Rio.
- JOAQUIM DE ALMEIDA PINTO — Dicionário de Botânica brasileira — Rio.
- GASTÃO CRULS — A Amazônia que eu vi — Rio.
- O QUE É A LIAMBA — Chácaras e quintais — Dezembro 1919. Nota da redação.
- DANIELOPOLU — Le systeme nerveux de la vie vegetative — I e II — Paris, 1933.
- R. DUPOUY — Les opiomanes — Paris, 1912.
- G. BERMANN — Toxicomanias — Buenos Aires — 1926.
- R. A. DIAS DA SILVA — Farmacopéia brasileira — Rio, 1933.
- POUCHET — Traité de Pharmacodynamie — I e II — Paris, 1903.

A AÇÃO TÓXICA DA MACONHA CULTIVADA NO BRASIL *

JOSÉ HASSELMANN e OSCAR RIBEIRO

Data de época anterior à era Cristã o uso do *Cannabis sativa* como planta de utilidade para produção de fibras

O cultivo, porém, deste vegetal foi sempre combatido pelos governos de alguns países por se conhecer também de datas pré-históricas o uso que se fazia de suas folhas dotadas de substâncias entorpecentes.

Por desconhecermos o efeito tóxico da maconha cultivada no Brasil é que iniciamos o presente trabalho.

O objetivo principal seria a comparação dos efeitos produzidos pela maconha aqui cultivada com os efeitos produzidos por suas congêneres dos Estados Unidos. Paralelamente observaríamos a variação entre plantas e entre folhas colhidas da mesma planta, porém, em alturas diferentes.

Como se sabe a substância tóxica do *Cannabis sativa* está contida na fração solúvel em solventes orgânicos a qual se apresenta como uma resina.

O método químico colorimétrico, adotado por muito tempo para identificar o tóxico, baseado na reação da potassa alcoólica sobre a resina (reação de Beam) foi também utilizado para a avaliação da potência da droga.

Verificou-se mais tarde que os resultados obtidos com a reação de Beam não correspondiam aos ensaios fisiológicos, chegando-se à conclusão que esta reação de cor era produzida por um dos componentes da resina, o canabidiol, que é inativo como tetrahydro-canabiol (Adams).

Até pouco tempo os ensaios fisiológicos para a maconha eram pouco práticos porque consistiam na observação dos movimentos oscilatórios e da atitude dos cães aos quais se administrasse a droga (ataxia).

Coelhos também foram utilizados, observando-se neste caso a anestesia da córnea.

Sobre cobaias a droga não apresenta efeitos apreciáveis.

Há pouco tempo porém, Robinson sugeriu o emprêgo do peixe dourado, considerando o período de sobrevivência dos mesmos em água contendo a droga em dissolução. Posteriormente Warmke empregou a espécie *Fundulus heteroclitus* para o mesmo fim com bons resultados.

Como não pudéssemos obter estas duas espécies de peixe lançamos mão do *Lebistes reticulatus* e, para tanto, algumas modificações foram introduzidas no método original.

O método original consiste em preparar-se um extrato cetônico das folhas por digestão, durante 24 horas, tendo as mesmas sido previamente secadas a 38° e pulverizadas. O extrato é preparado pesando-se 1 grama de folhas e adicionando-se 5 cm³ de acetona. A seguir, em frasco de boca larga

* Apresentado à Divisão de Química Orgânica e Biológica no 4.º Congresso da Associação Química do Brasil, realizado em São Paulo, em julho de 1945, — Separata dos Anais.

com 100 cm³ de água, adiciona-se 0,4-0,2-0,1-0,05 cm³ do extrato cetônico mantendo-se os frascos a 15° C. Em cada frasco colocam-se 2 peixes e, após 24 horas, contam-se os peixes que resistiram à ação do tóxico.

Inicialmente substituímos o tempo de extração de 24 horas em repouso, por 1 hora com agitação mecânica.

Nossos ensaios preliminares mostraram que, na concentração de 1 grama para 5 cm³ de acetona, não poderíamos operar por ser excessivamente concentrada a solução, morrendo todos os peixes até na solução de 0,05%. Procuramos então aumentar a relação fôlha-solvente e depois de algumas tentativas chegamos à conclusão de que 0,5 gramas para 20 cm³ de acetona daria um extrato em condições de realizar a experiência.

Por não dispormos de câmara refrigerada, tivemos que realizar o ensaio à temperatura ambiente. Como os peixes obtidos provinham de um poço distante deste Instituto, os mesmos eram mantidos em aquário e a água utilizada para a experiência provinha da torneira de abastecimento normal.

Nossos ensaios foram conduzidos em plantas cultivadas neste Instituto quando em floração e a coleta das fôlhas consistiu em tirar a folhinha central de cada fôlha composta e a fôlha anexa no caso de duplicação.

Nas primeiras experiências, utilizamo-nos de três testemunhas: uma com água pura, outra com 0,4 cm³ de acetona e outra com extrato de couve obtido nas mesmas condições da maconha. Em todos os casos os peixes sobreviveram ao período experimental com algumas exceções, raras, porém.

Inicialmente, o primeiro objetivo desse trabalho foi prejudicado em virtude de não podermos operar em igualdade de condições do método proposto por Warmke; referimo-nos principalmente ao não têmos podido empregar o *Fundulus heteroclitus*. Apesar deste último ser um peixe do tamanho e peso do *Lebistes reticulatus*, é possível que não seja tão resistente, não obstante terem em 100 cm³ de água sobrevivido a períodos superiores a 72 horas. Se considerássemos ambas as espécies igualmente resistentes ao tóxico, chegaríamos à conclusão de que as plantas ensaiadas por nós seriam aproximadamente oito vezes mais potentes do que as citadas no trabalho a que nos referimos.

Observou-se que, realmente, o poder tóxico da planta varia entre os indivíduos cultivados no mesmo local como se poderá ver pelo quadro seguinte:

N.º de plantas	N.º de peixes mortos nas concentrações		
	0,4%	0,2%	0,1%
1	0	—	—
4	1	—	—
35	2	—	—
16	—	3	—
5	—	4	—
5	—	—	5

Pelo mesmo se verifica que a amostra é tanto mais potente quando maior número de peixes mata, na menor concentração. Assim oito seria o maior número de peixes mortos, isto é, aquela amostra que na concentração de 0,05% matasse os dois peixes, pois assim acontecendo teria igualmente morto os peixes nos frascos de maior concentração (0,4-0,2 e 0,1%).

Algumas vezes sucedeu morrerem peixes nos frascos de menor concentração enquanto permaneciam vivos nos de maior concentração. Quando isto acontecia o ensaio era duplicado, para afastar a causa do erro alheia à ação tóxica da planta.

Entretanto na concentração que julgamos melhor para o ensaio (0,0 g fôlha para 20 cm³ acetona) não tivemos uma planta suficientemente forte para sacrificar os peixes na concentração de 0,05%.

Nossas observações em relação às folhas colhidas em diferentes níveis da planta não nos autorizam a confirmar as observações de Warmke pelas quais se afirma que as folhas abaixo do 5.º nóculo são desprovidas de toxidez.

Seguindo esta observação, sempre colhemos as folhas a partir do 5.º nóculo, em nossas experiências com a planta tôda. Porém, temos resultados positivos com plantas cujas folhas foram colhidas na altura do 2.º nóculo apenas.

Fomos prejudicados no plantio em viveiro fechado, pois o ápice da maioria das plantas atritava na parte superior do viveiro o que impediu seu desenvolvimento normal. Desta maneira não pudemos constatar o fato observado de que o ápice das plantas é mais rico em substância tóxica.

Como muitos ensaios fisiológicos, o presente também apresenta causas de erro, parecendo-nos, porém, o que melhor se adapta às medidas de toxidez relativa ao *hashish*.

O emprêgo do *Lebistes reticulatus* parece-nos viável principalmente se se puder utilizá-lo ao retirar do seu habitat e usar a água onde estiver vivendo.

RESUMO

Foi utilizado o *Lebistes reticulatus* como animal, para ensaio fisiológico da toxidez do *Cannabis sativa*.

Não foi possível provar que a toxidez das folhas seja diretamente proporcional à sua localização na planta a partir da base.

Há probabilidade que a maconha cultivada por nós seja mais potente que a cultivada nos Estados Unidos.

Apresentam ainda toxidez elevada as folhas colhidas abaixo do 5.º nóculo das plantas.

Há realmente uma variação na toxidez entre os diferentes indivíduos cultivados num mesmo local.

Somos gratos ao Dr. Ascânio de Faria, Diretor da Divisão de Caça e Pesca pela colaboração prestada, pondo à nossa disposição os peixes necessários às nossas experiências e por nos ter cedido um dos seus auxiliares para o preparo dos aquários. Ao Agrônomo José Haddad dêste Instituto nossos encômios pelo zêlo com que conduziu o cultivo das plantas.

Referências:

Adams, R. Pease, Caine Clark, *J. Am. Chem. Soc.*, 62, 2403 (1940).

Robinson, B. B., *J. Am. Pharm. Ass.*, 30, 616 (1941).

Warmke, H. E., *J. Am. Pharm. Ass.*, 33, 122 (1944).



CANABISMO OU MACONHISMO *

(Estudos Brasileiros)

DÉCIO PARREIRAS
Da Academia Nacional de Medicina

CAPÍTULO I

Canabismo ou *maconhismo* deve ser entendido como o conjunto de fenômenos patológicos conseqüentes ou resultantes do uso e do abuso da maconha.

A meu ver, é melhor empregar-se canabismo em lugar de maconhismo, e só o uso inveterado do vocábulo no Brasil, fêz com que eu o apusesse como título do presente estudo.

De fato, maconha é expressão popular com que se distingue a resina tóxica do cânhamo. Maconhismo é plebeísmo, e, como todo vício de linguagem, deve ser corrigido pelo emprêgo de palavra de etimologia menos remota — no caso canabismo — provinda diretamente de *Cannabis sativa* (L) — com que é, na Botânica, classificado o vegetal.

Por outro lado, é muito mais fácil e de pronúncia muito mais agradável o dizer-se embriaguez canábica, intoxicação canábica, síndrome canábica, vício canábico, ao em vez de vício macônico e etc. . . .

O canabismo pode ser dividido em agudo e crônico, êste último contestado por alguns autores, que acham que os efeitos patógenos da resina duram apenas o tempo em que ela se encontra no organismo humano.

Negar porém a caquexia e o canabismo crônico é como que negar a cronicidade do alcoolismo, e para quem viu, como eu vi, indivíduos caquéticos, sob a ação permanente do tóxico, mesmo quando desde muito não usado, não pode haver dúvida sôbre o arraigado do vício.

CONCEITUAÇÃO DO VÍCIO

Há autores que não admitem que o uso da fumaça do cânhamo possa trazer o hábito inveterado, isto é, a viciação ao mesmo. Lèxicamente encarado, vício é tôda a ação indecorosa que se pratica por hábito (Aulette) e perante o Código Civil é tôda a disposição e tendência para o mal, em opposição à virtude. Mesmo entre autores brasileiros há os que indagam se o uso da maconha traz “aquela necessidade imperiosa de nova ingestão, mal terminados os efeitos da anterior (H. Péres)”, o que vale indagar se está entre as chamadas drogas habitogênicas de que são exemplo a morfina, a cocaína, a heroína, o álcool. . .

* Trabalho mandado executar pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, de que fazem parte os Drs. Roberval Cordeiro de Farias (Presidente); Pedro Pernambuco Filho; Otávio Nascimento Brito; Carlos L'beralli; Cel. Luiz Paulino de Mello; Amarílio Noronha; Eduardo Pereira da Costa; Raul Pinto de Miranda; Cônsul Paulus da Silva Castro e o Autor.

O uso permanente das fumaças do cânhamo constituirá uma canabimania como a morfomania, ou representará apenas canabismo? No ponto de vista médico, mania presuppõe necessidade orgânica de novo suprimento do tóxico, quando este começa a diminuir no organismo humano.

Pelo que se vê, nas observações que se seguem, há indivíduos de tal maneira habituados ao tóxico, que chegam a furtar para conseguir o número indispensável à aquisição do mesmo.

No edifício da Saúde Pública em Aracaju, num dia de experiências com a maconha, houve fumadores que, de longa distância, sentiram o cheiro da erva em combustão e chegaram a invadir a sede dos Serviços Sanitários de Sergipe, para aspirá-la de qualquer forma.

Este fato e outros muitos levam-me a concluir que o fumar cigarros de diamba traz o hábito e gera o vício.

Isto não impede porém que eu me coloque entre os que acham que há canabismo e não canabimania, como há tabagismo, como há alcoolismo.

De fato nunca observei as chamadas *crises de abstinência* nos indivíduos sob a ação da retirada do cânhamo, quando elas são clássicas e tremendamente graves nos viciados do ópio e da morfina.

Pedro Pernambuco Filho descreve fortemente os perigos das chamadas perturbações de "falta" que nunca ocorrem no canabismo. O morfomano, segundo Marmé, cria uma estabilidade humoral artificial que, na desintoxicação hospitalar, não pode ser quebrada, senão muito lentamente, e tecnicamente feita, sob pena de a toxi-privação trazer grave crise de equilíbrio simpático, de prognóstico infausto. Ora isto não ocorre com o cânhamo. O delito de contágio tóxico, o proselitismo entre fumadores de maconha, é admitido por Dória e a alucinação canábica passa a ser considerada, como a morfomania, uma doença contagiosa.

O fumar a maconha em conjunto, em assembléia, é fato verificado no Brasil e o Dr. Góis Ribeiro, Procurador da República em Alagoas, refere o hábito de maconheiros, à noite, no Lixo, imersos na areia até a cabeça (para se ocultar da polícia), pitarem o pango, em conjunto, num hábito altamente contagiante para os que os descobrem, na fase eufórica da embriaguês canábica.

HISTÓRICO

O canabismo foi, seguramente, introduzido no Brasil pelo negro escravo, com a escravatura, e disso não têm a menor dúvida Eleyson Cardoso, João Mendonça, Rodrigues Dória, José Lucena, Garcia Moreno, Cordeiro de Farias, bons conhecedores do assunto.

O dizer-se que o ameríndio já fumava a planta perigosa e que a erva é originária do Brasil, é não atentar para a evolução dos acontecimentos, desde vários séculos.

Na Pérsia, seiscentos anos antes da era cristã, já se conheciam os efeitos ilariantes do cânhamo, transcritos no Zend-Avesta, como acentua Garcia Moreno.

O emprêgo inicial do cânhamo, pelas suas qualidades eufóricas, se fez na China no século 28 (A.C.) — e Shenvung, imperador naquela época, dizia ao povo que o cultivasse, tais as magníficas características de suas fibras.

Hoá-tho, médico chinês, falava das propriedades narcotizantes da cannabis e aconselhava, aos que tivessem de atuar em partes profundas do corpo humano, onde não penetrasse nem a agulha, nem o cautério, o uso da droga (Ma-Yo) — que ia mergulhar o doente em sono profundo, como se tivesse perdido a vida.

A “bangha”, que também é cânhamo, é conhecida na Índia desde muitos séculos.

Da mesma sorte, entre os Assírios, que designavam a erva por “Kunubu”, posteriormente, por “Kunnapu”, donde provém cannabis.

Na Grécia, nos poemas de Homero, há referência a uma droga, que juntada ao vinho, fazia esquecer as tristezas, aliviando dores e angústias.

Galeno já dizia que as sementes de cânhamo podiam ser usadas como sobremesa, cozidas, e com finalidades excitantes.

Ná Arábia e no Egito, o largo emprêgo do haxixe data de 950 anos depois do início da era cristã.

O uso da erva ganhou aos poucos o continente negro, tão cheio de adversidades e tão necessitado de situações ilusórias e irreais, que abrandassem os rigores da vida e do ambiente em que se moviam.

De fato, ninguém melhor que o negro, na sua natural indolência, para se habituar ao fumo de uma droga nativa, de fácil plantio e que lhe dava aspectos enganadores de coragem e de uma vida melhor.

O nome de “fumo de Angola”, com que é conhecida a maconha, está mostrando a sua origem africana e não há por que duvidar que, no bojo dos navios negreiros, vieram o homem e a planta, cujo florescimento se fêz magnífico nas terras quentes e pouco úmidas das planícies alagoanas e sergipenses.

Ao imperativo social da importação negreira, juntou-se a facilidade ecológica inevitável.

E daí, dessas margens intermináveis do rio São Francisco, através de Pernambuco e da Bahia, o pito de pango ganhou terreno nas lavouras de cana de açúcar do nordeste brasileiro e, diz Gilberto Freire, enquanto o branco se servia do tabaco nas suas horas de lazer, o preto pitava o cânhamo, que êle mesmo plantava, em pequenas socas, ocultas no mar verde dos canaviais.

O Pito de Pango, é expressão africana que lembra algo que provém de Pungo, um dos distritos do Congo.

A nova prática viciosa se propagou aos Estados brasileiros do sul e o fato é que a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na sua sessão de 4 de outubro de 1830, proibia, pelo seu Código de Posturas, a importação e o uso do Pito de Pango, tais os perigos trazidos aos trabalhadores daquela época.

O nosso indígena teria apenas se adaptado ao novo costume, como lembra Jarbas Pernambucano.

E não só êle mas também os nobres da Côrte. Sabe-se que a princesa Carlota Joaquina de Bourbon fazia uso da maconha, que lhe era apropriada por Filisbino (1817) — escravo negro — que a acompanhou até a morte. Ao morrer, intoxicada pelo arsênico, disse-lhe: “traga-me um chá com as fibras de diamba do Amazonas, com que despedimos para o inferno tantos inimigos”. O criado Filisbino morreu também bebendo o chá de diamba e arsênico.

Os senhores das fazendas de café nas províncias de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro eram menos tolerantes que os seus companheiros nordestinos e o que é certo é que o canabismo é menos conhecido das populações rurais no sul do País, onde fuma cânhamo apenas um ou outro colono emigrado daquelas regiões.

O vício aí está, porém, na faixa litorânea do Brasil, pelo menos até Santos, e isto devido ao intercâmbio permanente de marítimos e embarcações, homens de estiva e mulheres freqüentadores dos clássicos “bars” de cais e adjacências.

Por isto, a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes incluiu, entre as suas atividades precípuas, o combate ao canabismo nos seus principais focos e redutos.

Nos relatórios de Cordeiro de Farias e nas atas das comissões nacional e estaduais de Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas, Maranhão, Amazonas e do Território do Acre, vê-se o assunto tratado com especial atenção e a ação profícua das polícias locais na repressão ao plantio, colheita, preparo e transporte clandestinos da droga incriminada.

As viagens do próprio Presidente da Comissão Nacional; a ida de um observador aos Estados nordestinos e, mais que isto, o Convênio Interestadual da Maconha (em dezembro de 1946) na cidade do Salvador, atestam claramente o interêsse do governo brasileiro na erradicação da somato-psico-sociedade deselegante, que é o canabismo.

O problema nos Estados Unidos da América do Norte — O diambismo não é apenas um problema nacional brasileiro. Na grande democracia americana os fatos são mais gravemente expostos por Frank R. Gomila, Comissário de Segurança Pública em Nova Orleans, quando, em seu relatório, se refere ao crescente desenvolvimento do comércio e do tráfico da marihuana em 1936 e que, dez anos antes, nada representava.

Para Mrs. Bass, outra autoridade no assunto, a marihuana, nos Estados Unidos, constitui agora “o maior problema para as autoridades encarregadas na luta aos narcóticos”. Província de Havana, Tampico e Vera Cruz (no México) e um pouco do Texas, a marihuana adquirida em Nova Orleans a 12 dólares o quilo (Cr\$ 240,00) é vendida por Cr\$ 600,00 o quilo, e chega às escolas primárias americanas, onde crianças, com menos de 15 anos, conhecem a droga perigosa.

Afirma W. B. Graham, do Serviço Oficial de Narcóticos, que em 1936, sessenta por cento dos crimes cometidos, o foram, em Nova Orleans, por fumadores de marihuana (60 per cent of the crimes committed in New Orleans were by marihuana users).

No magnífico trabalho de Robert P. Walton, há ainda citações não menos graves quanto ao que diz respeito à Califórnia, Colorado, Illinois, Indiana e Maryland, onde, só em um ano, foram apreendidas e destruídas cinco e meia toneladas de semente de cânhamo.

Em Nova York, como no Brasil, embora já atingindo escolares, o vício é ainda uma sociedade deselegante, conhecida nos bairros pobres e menos limpos de Manhattan, no Harlem, nos quarteirões espanhol e mexicano, em torno da Rua 110, onde a maconha é vendida em casas de balas e doces, restaurantes e armazéns.

No Harlem, que é o bairro dos pretos, a marihuana está tomando o lugar do “whiskey” (In Harlem marijuana is taking the place of whiskey. F. Gomila), bastando lembrar que, só nos meses de junho e julho de 1935, foram apreendidas e destruídas 170 toneladas do cânhamo índico.

No México — A situação não é merecedora de menor atenção e Pablo Osvaldo Wolff, em 1948, traz em relêvo a onda de crimes praticados por pessoas que faziam uso do fumo das inflorescências do cânhamo. O professor argentino refere-se ao vício não só na classe baixa, mas também de uma larga clientela na gente de melhor sociedade (gente acaudalada) a se reunir em “la Conchita”, centro de alta traficância da erva. Cuida da sua aceitação nos cárceres e no próprio exército, apesar da enérgica atuação da polícia federal que, só de uma feita, inutilizou seis toneladas de marijuana, clandestinamente plantada.

Para F. Gomila, o início do canabismo nos Estados Unidos se fez com o plantio da planta no Texas, estado vizinho do México, e o tráfico da mer-

cadoria se faz pelo Rio Grande, limite natural dos dois grandes países americanos.

Os mexicanos plantam o vegetal, escondidamente, no meio dos campos de trigo, para fugir à ação policial repressora, como nós o fazemos dentro dos canaviais.

Desde 1898, êles comem, bebem e fumam a erva, às vêzes, de mistura com o tabaco comum. De outra feita juntam-na ao leite, prèviamente açucarado.

Nesse país, conhece-se também o seu emprêgo para “dopar” os cavalos de corrida e os galos de briga e a ação estimuladora da resina canábica é aí tida em tão alta conta que se a exalta em canções populares — qual a Cucaracha — em que “a baratinha já não pode mais andar, porque não tem marijuana para fumar...”

Na América Central — A situação é mais ou menos idêntica. O canabismo predomina no Panamá, onde os indígenas bebem um chá de sementes.

Em 1933, cêrca de 4% dos soldados panamenhos fumavam a diamba.

Em Costa Rica, há vinte anos, ela vem sendo usada entre marítimos, que a trazem da Índia.

Nas Antilhas — Há pouco tempo, o Sr. Ministro Otávio Nascimento Brito fazia chegar à Comissão Nacional um recorte do “El Mundo”, da Cidade de Trujillo, em que se aponta o desenvolvimento do tráfico clandestino da resina canábica, oriunda do México, em larga escala e introduzida nas ilhas Caribe, principalmente em Pôrto Rico.

No Canadá — O canabismo “become a real menace in Canadá” diz um jornal médico canadense, que descobriu a venda de cigarros de diamba, em Walkerville, pela quantia apreciável de um dólar cada um, e êsses cigarros provinham de Detroit, nos Estados Unidos.

Mais tarde, o mesmo periódico registra o fato em Ottawa e em Montreal e a erva tinha sido adquirida nos “night-clubs” de New York e outras vêzes provinha de Kingston (Jamaica) e da África Ocidental.

No Chile — O pito de pango é aí conhecido desde 1545, levado pelos espanhóis, segundo afirma Dervey (Hemp. Yearbook, 1913).

Na Colômbia e no Equador — Desde 1946 é tido como contravenção o cultivo e a venda da maconha nesse país e, em Quito e em Quayaquil, na zona portuária, a toxicomania canábica vai, lenta e seguramente, implantando suas raízes.

Na Argentina — Como acentua Wolff, apenas quatro observações tinham sido registradas por Bard, até poucos anos atrás.

• Eram psicóticos vindos dos Estados Unidos, do México e de Cuba.

No pôrto de Buenos Aires haviam sido apreendidos 24 quilos de diamba e 1.200 cigarros da planta até pouco tempo.

No gênero, não há pois ainda grande problema a resolver pelos nossos vizinhos do Prata. Últimamente há uma série de entrevistas de Hélio Ameno que afirma serem os cigarros de cannabis vendidos nos dancings “El Cucuy” e “Palácio Güemes”, tão conhecidos da marinhagem internacional que, nas recovas da Avenida Leandro Alem e nos teatrinhos de 25 de Maio, aguardam os dias de volta, no grande pôrto argentino.

No Continente Africano — O maior número de fumadores de cânhamo está, provávelmente, na Possessão Equatorial Francesa, que é “totalmente devastada pelo abuso do cânhamo” (Dardanne).

Em Madagascar conhece-se o diambismo, certo pela sua maior proximidade da Índia, donde vem o “Bang”.

Na África do Sul a diambomania é registrada desde 1742, com a “dakha”, que outra coisa não é senão o haxixe, e, em 1934, foram aí anotadas cêrca

de 6.000 contravenções pelo uso da “droga”, ao passo que sete apenas pelos derivados do ópio.

No Norte da África há também o haxixismo, principalmente no Egito, na Tunísia, na Algéria e mesmo em Marrocos, recebendo o produto, cultivado e preparado, da Grécia e da Índia, aí tomando, às vezes, o preço fenomenal de 16.000 “pounds sterlings” a tonelada.

No norte africano todo o tráfico da diamba é controlado pelos mais importantes banqueiros do Cairo, que têm o monopólio do “Drug Syndicate”, para plena garantia do êxito financeiro.

Na Europa e na Ásia — Fuma-se o haxixe em Paris, desde longos anos; na Grécia; nas ilhas do Mediterrâneo; na parte sul da Rússia; na Turquia; na Arábia; na Palestina; no Irak, apenas para citar alguns pontos de maior destaque, e todos de menor interesse para as indagações que ora realizamos. Só na Europa, calcula Liberato que quatro milhões de quilos de haxixe são absorvidos anualmente.

A extensão do problema no Brasil — Mesmo após o presente inquérito e aos anteriormente realizados pelos membros das comissões nacional e estaduais de fiscalização de entorpecentes, não é possível dizer-se, embora aproximadamente, quantos são os fumadores de maconha no Brasil. Se o problema é dificultoso e complexo, não é porém impossível de solução. *Urge, a meu ver, que se realize com urgência, o censo em cada Estado, para as conseqüentes medidas profiláticas, antes que o mal seja maior.*

Um ponto parece porém já pacífico entre os que estudam a extensão do canabismo no território nacional: — é que os Estados mais atingidos são os de Alagoas, Piauí e Sergipe, seguindo-se-lhes a Bahia. Num outro plano, menos saliente, estão Pernambuco, Maranhão, Piauí, Amazonas e Território do Acre.

Do que não há dúvida também é que o plantio e a cultura da erva têm o seu principal desenvolvimento no Estado de Alagoas, nas zonas marginais do Baixo São Francisco, apesar, convém dizer, da atuação severa, enérgica e ininterrupta do atual Diretor da Saúde Pública e da Polícia Estadual.

Em Alagoas — Pelos dados fornecidos pelo Dr. Cláudio Magalhães da Silveira e as notas do atual observador, pode-se dizer que há ou que houve, recentemente, plantio e venda de maconha nas seguintes cidades, vilas e localidades alagoanas: Garcia — povoado do município de Sant’Ana do Ipanema, onde Antônio Ferreira, Manuel Simão, Nézinho Cordeiro, Manuel Neco, José Beba, Sebastião Madalena, João Prêto, Licinho e João Ferreira, faziam o comércio clandestino da erva, consumindo-a localmente ou exportando-a para Maceió, e Bom Conselho e Correntes, em Pernambuco; Vila de Trincheira, onde são conhecidos Maria Rosa, Pedro Cego e Horácio Barros, exportadores da droga para Maceió; Vila Maravilha, onde Maria Francisca, Pedro Guilhermina, João Roberto e Antonio Anísio mandavam o produto para Maceió e Águas Belas, em Pernambuco; Vila do Chicão, em que Alfredo Bento exportava maconha para Pão de Açúcar, na região sanfranciscana; cidade de Palmeiras dos Índios, onde Batatinha e Carroceiro plantavam para consumo local; e João Oleiro, astuto e perigoso, exportava a liamba para o Recife e localidades sergipanas, das margens do São Francisco; os sítios de Cafurna, Coité e Buenos Aires, em que Maria Seren e Antonio Aureliano tinham as suas plantações; o sítio Mandacaru, de Apolinário, o Feitor; o sítio Canafístula, de Cassiano dos Santos, Eunídio dos Santos e Erminio Calu; o sítio Olhos d’água do Acioly, conhecido largamente dos diambistas; Tacaratu, Capivara, Girau, Lagoa da Canoa, Barra do Ipanema, Traipu, S. Brás, Salomé, Taboleiro, Cururipe, Lagoinha, Piassabuçu; sítio da Lagoa do Boi, onde Chico Prêto planta para consumo próprio; povoado do Iagací, que exporta para Maceió e Bom Conselho, em Pernambuco; Fazenda da Pa-



Cannabis sativa (L.)

*O cânhamo é um vegetal que se coloca entre as plantas me-
briantes, alucinantes, euforizantes, afrodisíacas (talvez), excitantes,
onirizantes, mas nunca entorpecente. E isto sabe muito bem o nosso
homem nundestino. (prof. Décio Parveiras).*



rangaba; Rio Largo; municípios de Arapiraca, São Miguel dos Campos, Sant'Ana de Ipanema e Anádia; cidades de Penedo, Pão de Açúcar e Colégio e povoados de Igreja Nova e Taboleiro dos Negros.

Na capital alagoana, em companhia dos Drs. Cláudio Magalhães da Silveira; Góis Ribeiro e Domingos Lima, visitamos à noite os pontos clássicos de concentração de viciados que são o Largo da Matriz; o Pátio Central da Great Western; o cais de Jaraguá; o Lixo; o Alto do Urubu; o Ori-curi, onde se encontram os chamados Ratos Cinzentos que correspondem aos Maloqueiros em Pernambuco e aos Capitães de Areia, em Sergipe e na Bahia.

Em Sergipe — Com igual procedimento, e sempre acompanhado pelos Drs. Lauro Hora e Garcia Moreno, não foi difícil concluir que as plantações em Sergipe são mais dificilmente encontradas.

Há muita maconha, mas importada.

São pontos preferenciais de uso e venda da diamba, na capital — os pontos de desembarque da E. F. Leste Brasileiro; sob as pontes do Cais de Aracaju e no Mercado. No interior do Estado citam-se como principais centros de comércio e uso da droga — Neópolis, vila à margem do rio São Francisco, fronteira a Penedo; Japoatã; Pindoba; Ilha das Flores; Pirapitinga; Pôrto da Fólha; Brejo Grande; Maruim; Laranjeiras; Aquidabã e Propriá, com a fama de possuir a melhor planta de Sergipe, melhor que a do Amazonas, e já celebrizada pela senhora princesa D. Carlota Joaquina de Bourbon, rainha de Portugal e Brasil, e real espôsa de sua Alteza D. João VI.

Na Bahia — Após viajar pela E. F. Leste Brasileiro, e inquerir em Esplanada, Entre Rios e Alagoinhas, chegamos a Salvador, onde, em companhia dos Drs. Antônio Simões, João Mendonça, Crisippo de Aguiar e Garcia Rosa, chegamos à conclusão que a Bahia importa, fuma e exporta o cânhamo, mas não o planta, ou, se o faz, é em pequena quantidade.

Na capital baiana, são pontos de assembléia dos "capitães de areia", quase todos delinquentes — o Mercado das Sete Portas; Água dos Meninos; Cais do Pôrto, principalmente junto ao Armazém 4; Praça Cayru; Cais da Alfândega e Rotunda; isto é, nas zonas freqüentadas por marítimos, embarcações e decaídas. Nos arredores da cidade e no interior do Estado, há referências a Itapagipe e Ribeira, também na orla marítima. No norte há fumadores conhecidos em Itabaiana e Esplanada e no sul, em Ilhéus.

Em Pernambuco — Começa a se desenvolver aí o plantio da diamba, importada quase diretamente de Santana de Ipanema e Palmeira dos Índios, que lhe são limítrofes.

Há referências, relativamente freqüentes, a plantação em Garanhuns e adjacências. No velho e tradicional bairro de Santo Antônio, em Recife, conversando com maloqueiros e malandros da pior espécie, chega-se à conclusão que a liamba aí fumada é trazida principalmente de Alagoas, pelos guarda-freios e maquinistas da Great Western e por embarcações que descem o Capibaribe, bem como por marinheiros do Lloyd e da Cia. Costeira de Navegação, no trajeto Maceió ao Recife.

Na capital pernambucana, os viciados são encontrados, principalmente, no Mercado; no Pátio da Great Western; no Caminho de Olinda; junto ao Forte do Buraco hoje em ruínas. Cumpre aí assinalar o chamado Bar de Cancão (*antro perigosíssimo*), freqüentado por marinheiros americanos pretos e por filipinos e marafonas da mais baixa espécie.

Graças ao Dr. João Roma, atual chefe de Polícia e ao Professor Nelson Chaves e Dr. Armando Silveira ouvimos, entre outras, Teresinha, grande fumadora de maconha, e que nos disse que, ao atracar navios da MacComarck, são enviados menores que atraem os marinheiros ao Bar de Can-

cão. Af o fumo cheiroso da Geórgia é substituído pela maconha, colocada no forninho do próprio cachimbo. Após algumas aspirações e goladas de vermuth, o marinheiro volta para bordo amarrado, tais as alucinações e delírios provocados pela mistura, tendo sido antes aliviado da carteira e outros objetos de uso pessoal.

No interior do Estado, fuma-se diamba em Brejão, Moxotó, Petrolina, Serra de Aroroba, Pesqueira, Tacaratu, Bom Conselho, Floresta, Buíque e Águas Belas.

Santos — Começa a ser um centro da toxicomania em estudo, pelo grande pôrto que é, e devido a permanência de navios de cabotagem, que fazem a linha Belém a Santos e Cabedelo a Santos.

Nas nossas indagações na Bahia e, principalmente, em Pernambuco, há referências ao movimentado pôrto sulino, onde é perfeita a traficância da droga.

Entre muitas outras citações há que destacar a existência de várias demi-mondaines que fazem o trajeto Recife-Rio com o contrabando precioso e que, na cidade paulista, entram em entendimentos com uma "Creusa Gordá", de alto prestígio entre as suas companheiras.

A se dar crédito a informações de Dolores, uma das freqüentadoras do Bar de Cancão, Santo Antônio, em Recife, tôdas as decaídas de Santos fumam a maconha.

No Distrito Federal — A capital da República é, sem dúvida, o grande centro de importação do cânhamo nordestino. Aqui não se planta, mas se adquire e já se fuma muito, apesar da tremenda campanha orientada pela Delegacia de Costumes, Tóxicos e Mistificações.

Dizia-me, recentemente, em Maceió, o conhecido fumador "Caboclo do Prado" que se fumava a diamba no Rio, nos bairros da Saúde; Cais do Pôrto; Santo Cristo; Cajú; Praça Mauá; Praça 15 de Novembro; Morro da Favela; Barreira do Vasco; Morro do Valongo; onde dominavam o Gaúcho de Bigode, o Cícero Galego, grandes contrabandistas, entre outros.

De fato, segundo apreensões da polícia civil, vende-se a diamba, na Praça Mauá, ao redor do edificio de "A Noite"; no Largo da Carioca, no ponto de partida dos bondes de Santa Teresa, onde um aleijadinho guardava o contrabando sob as nádegas, no carro que o transportava; no cais do Mercado Municipal; à Rua Comte. Mauriti 21; na Avenida Rodrigues Alves, esquina de Barão de Tefé; no Café Três Unidos, à Rua Sacadura Cabral, 46; à Rua Carmo Neto, 204 (zona do meretrício); no cais do Arsenal da Alfândega; na Praça Mauá; em uma hospedaria da Rua Senador Pompeu, 170; no Café Marinha, à Rua 1.º de Março, 153; no Café Amarelinho, à Praça Floriano; na Ladeira do Valongo; na Favela do Jacarèzinho (subúrbio); à Rua Camerino, 67; à Rua Antônio Badajós, 1; na estação de Osvaldo Cruz (subúrbio); na Estrada Nazareth e na ponte da Estação de Ricardo de Albuquerque (subúrbio); no Cine Popular, à Rua da Assembléia (onde foi prêso um menor dormindo com alguns cigarros da erva); junto à estátua do Barão de Tefé; na Rua Equador (em terreno baldio); na cidade de Lima (zona carvoeira do Cais do Pôrto, Caju); na Praça da Harmonia; no Bêco da Música (terreno baldio); na Travessa da Felicidade (por trás do edificio da E. de Ferro Central do Brasil); em tôrno do Wonderbar e do Bolero, na mais elegante avenida sul-americana, que é a Avenida Atlântica.

GRANDES TRAFICANTES E GRANDES FUMADORES

Nas centenas de fumadores e vendedores do cânhamo indiano no Brasil, já se pode destacar o nome de alguns dos principais ratos cinzentos da atualidade, o que faço por local de residência ou de atuação clandestina.

Em Pernambuco — Camões; Ferreirinha; Milton; Teresinha; Almira; Dolores Primeira; Dolores Segunda; Chorão; Tarzan; Carmelita; Pampa; Siri; Crista; Gorduchinha; Zé da Corneta; Caboclo, o Calça Larga.

Em Alagoas — Cabeleira; Luís Firmino; Pilôto; Tide; Índio; Bico Roxo; Baseado; Urubu; Caboclo do Prado; José Amaro; Antônio Oliveira; Defunto; Lerão; José do Gêlo; Batatinha; João Oleiro; Maria Severo; Antônio Quiliano; Apolinário; Cassiano dos Santos; Firmínio Calu; Antônio Carreiro; Chico Prêto; João Rosa; Camila Belo; Antônio Ferreira; Manuel Simão; Nêzinho Cordeiro; Manuel Neco; José Beba; Sebastião Madalena; Lincinho; João Ferreira; Maria Rosa; Pedro Cego; Horácio Barros; Maria Francisca; Pedro Guilherme; João Roberto; Antônio Anízio; Alfredo Bento.

Em Sergipe — Paulo de Arruda, o Pau de Arruda; Caruru; João Miringot; João Camarão; o "45"; Dr. Gogó; Nilo Santos; João Lourenço dos Santos; Sete Couros; Xeré; Políbio dos Santos; Marina Costa; Manuel Cabaré; João de Gêlo; Neginho Tabaco; Camisa Azul; José de Ana Rosa, o grande traficante da droga entre Propriá e Salvador; José Altino dos Santos; Zé da Emília; João Luciano; José Messias Neto; Arlindo Lima, o Moio de Ferro; Bispo; Poti; Zé Miquila e Bola de Neve, há tempos assassinado.

Na Bahia — Carioca; Peixe; Tabaréu; Paulo Carão; Cearense; Catia; Miguel Alexandre; Neginho; Alagoano; Aranha Preta; Pernambuco; Baiano; Manuel Andrade; Bigode de Catumba; Urucubaca; José Louza; João Viera Caro; Gaudêncio Santos; José Silva; Luís Silva; Edízio Versoza; Ermano Santos; Camelinho; Consuelo Silva; Luzinete Lopes; Biá Bolinha; Paraíba; Moaci Paulo; Dionísio Andrade; Luís Lima; Medrado; Antônio Nascimento; Miguel Carvalho; Caboclo Isidoro; Gualter Silva; Severino Santos; Manuel de Souza; Ararão; Guarda Noturno; Negro Alfredo; Alemão; Manuel Santana; Demarré, o grande vendedor e fumador da Bahia; Baixote; Buck Jones; Barrigão; Pixe; Bordão; Chiquinho; Mão de Sêda; Maromba; Bigodinho; Grande; Boy Inglês; João Tauá; Cilu; Prêto de Mola; China; Seu Dez, outro grande transportador de diamba, empregado nos carros restaurantes da E. F. Leste Brasileiro e que a traz de Sergipe à Bahia; a "Shore", que age junto ao Armazém 4 do Cais do Pôrto, e que controla tôda a erva destinada aos marinheiros americanos dos navios da Mac Comarck, (note-se o apelido inglês, em que Shore é praia).

Em pontos diversos — Conhecem-se o Coletinho; Leite; André Vitorino; Arara; Espiridião Alves; Cabelão; José Acioly; Turundundun; Piano; Bacalhau; José Correio "Índio domesticado dos Simbres, operando em Pesqueira, no Estado de Pernambuco;" Sete Couros e Amarelinho.

Em Santos — Segundo Dr. Jaime Regalo Pereira, um erúdito no assunto, são aí fumadores ou traficantes do tóxico: João Ramos de Oliveira; Sílvio Ferreira; Adjamiro Barata Aleixo, o Pará; Ariovaldo Santana; Ernesto Cândido; José Luís Carlos de Sousa. Recebendo e vendendo a diamba, estão ainda a Creusa Gorda, em contrato direto com marítimos e embarcações chegados do Norte; o conhecido Gaúcho de Bigode comerciante da erva, ora em Santos, ora no Rio; J. Micheli e Emílio Pinto.

Em Pôrto Alegre — Também fim de linha de navegação marítima costeira, com intenso movimento de elementos nodestinos, marítimos e embarcações, igualmente apresenta seus maloqueiros e capitães de areia, cujos nomes a destacar são: Severino Vicente da Silva, do vapor Tambaú, da Cia. Carbonífera Brasileira; Aloísio de Andrade; Mafael Martins dos Santos; José Paulino da Silva.

No Distrito Federal — São contraventores: Renato Rafael Duarte; Eto-dea Fonseca; Eloiso Manaia; Aldemiro A. Fonseca; Renato Duarte; Nelson A. Gondini; José Carlos Sobrinho; Francisco Alexandre de Lima; Ario C. Ferreira; Enéas da Costa, o índio; José Varela Coutinho; Emídio Mamede dos Santos; José Pereira da Silva; Generoso B. Gusmão.

Em Navios — Há citações freqüentes a contrabandos feitos por carvoeiros e marinheiros dos navios Norte Lóide; Pedro I; Pará; Apodi; Tambaú; Rodrigues Alves; Rio Branco e Cantuária, de que um dos tripulantes estaria prêso em Nova York, por comércio clandestino de maconha; bem como a navios cargueiros da Mac Comarck, cujos marinheiros, negros e filipinos, são conhecedores e apreciadores da erva.

CAPÍTULO II

A SOMATO-PSICO — SOCIOSE HETERO-TÓXICA. FREQUÊNCIA E SINTOMATOLOGIA. OBSERVAÇÕES BRASILEIRAS

O canabismo deve ser encarado sob o ponto de vista médico-social, nos seus aspectos de distúrbios, psíquicos e sociais.

Como disse, anteriormente, o uso da droga traz o hábito inveterado à mesma. Quem o afirma são os seus aficcionados, cujos depoimentos são rigorosamente transcritos adiante. Há o diambista que rouba para adquirir o tóxico. Pouco mais adiante vai-se conhecer a atitude de Miquila e Poti que querem invadir o edifício da Saúde Pública em Aracaju, porque sentiram à distância o cheiro da maconha, que estávamos queimando no segundo andar do mesmo edifício.

As observações que se seguem são altamente ilustrativas e foram realizadas pelos melhores técnicos brasileiros.

O cortejo de sintomas, objetivos e subjetivos, se reproduz com tal regularidade, que se pode estabelecer, sem dificuldade, o quadro clássico do síndrome canábico.

O canabismo é uma toxicose que se poderia dizer deselegante, em contraposição aos males sociais elegantes de que falam Pedro Pernambuco Filho e Aduauto Botelho, quando cuidam da morfomania, da heroínomania, da cocaínomania. De fato, essa heterotoxicose é preferencialmente encontrada nas classes menos favorecidas da fortuna.

O hábito pelo cânhamo é visto entre os pobres; entre indivíduos de pequena ou nenhuma instrução; — carregadores, marinheiros, decaídas e alguns soldados. A diamba é ainda o ópio dos pobres, o qual talvez não seja, dentro em breve, tal sua crescente valorização.

EXPERIÊNCIA. IN ANIMA NOBILE

Em fevereiro do corrente ano, os Drs. Roberval Cordeiro de Farias, Pedro Pernambuco Filho e o autor dêste trabalho, por orientação da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, iniciaram pesquisas clínicas, em determinado serviço médico do Rio de Janeiro, com a finalidade de precisar a sintomatologia do canabismo brasileiro.

Servindo-se de diamba nova enviada de Alagoas e graças aos Drs. Cláudio Magalhães da Silveira e Cincinato F. Freitas, os experimentadores observaram os seguintes sintomas que passam a transcrever do depoimento escrito de cada um dos presentes. Cumpre ponderar que, para evitar a possibilidade de fenômenos sugestivos nas informações prestadas, foram, além dos cigarros de maconha, fornecidos cigarros de palha de milho, com características externas absolutamente idênticas.

Os que fumaram maconha:

Dr. A... ao fim do primeiro cigarro (1g56), acusou sensação de ardor na garganta, sede e vontade de beber gelados. Pulso a 90 por minuto.

Dr. I... nada acusou de anormal. Pulso a 85 por minuto.

Dr. C... queixou-se de dor na garganta. Sede e pulso a 98 por minuto.

Dr. A. N. R... achou agradável a fumaça do cigarro; acusou saliva *espessa* e dificuldade de *salivação*.

Dr. M. F. R... apresentava lacrimejamento, maior irritação *das conjuntivas* e pulso a 80.

Dr. M. F... disse sentir um sabor amargo, resinoso, na garganta; ardor nas narinas e sensação de *espessamento na ponta da língua*.

F. A. C. — farmacêutico, logo após as primeiras tragadas, sentiu gosto de resina queimada, dificuldade em deglutir e engulir a saliva e *anestesia* na ponta da língua. Ligeira excitação. Pulso 95 por minuto.

Após 3 minutos de descanso, a comissão forneceu a cada um dos presentes o segundo cigarro de maconha ou de barba de milho.

Não houve sintomas maiores a registrar em 9 dos observados. Acontece porém que F. A. C., ao começo do segundo cigarro, acusou — tonteiras, zumbidos, pulso a 122 por minuto, reação pupilar demorada e consta do seu depoimento escrito que “depois que o cigarro terminou, fechei os olhos e, ao abri-los, tive a sensação de que as imagens de meus colegas eram projetadas como duma câmara fotográfica, ou melhor, como figuras de cinema sincronizado que riam e falavam para mim. Ao sair da sala onde se fizera a experiência, tive a nítida impressão de que era madrugada, com clareza apenas esboçada, mal definida.

À instância de meus companheiros deitei-me numa cama, pois me sentia vertiginoso, aliás parecia-me estar num estado sonambólico. Fechei os olhos e cochilei. Ao despertar disseram-me que eu tinha tomado um eletro-choque. Fiquei em dúvida de ter isso acontecido, devido a me sentir como que embriagado.

Depois pareceu-me que a circulação se processava de maneira diferente, isto é, deficiente, semelhando-se-me que o sangue voltava para o coração, como que o abafando.

Disto insinou-se a idéia de que ia morrer. Então, a essa angústia, pedi para ver meus dois filhos, numa insistência torturante que me deixava numa mágua agônica.

Forçadamente levaram-me para almoçar. Comi muito pouco e após esse almoço comecei a transpirar, voltando à normalidade no espaço de duas horas. À tarde fui acometido de violenta cefaléia.

A subcomissão observou ainda que F. A. C. apresentou ora torpor e abatimento, ora inquietude; risos; parestesias; preocupação de andar; confusão mental; delírio; irritadiço, porém, não agressivo; alternativa de caráter; apreensão, sensação de ridículo; hipermotilidade; hipersensibilidade; sede e sonolência.

I. C. I. — médica, logo às primeiras fumaças do primeiro cigarro (10 minutos) acusou: “sabor amargo, não é dos mais agradáveis; o odor é suave. Após mais alguns minutos sentimos uma sensação esquisita de ardor nos lábios, língua e garganta. Era como se estivéssemos irritadas; a seguir as gengivas e a língua, principalmente na extremidade distal, estavam dormentes como anestesiadas.

Ao mesmo tempo tínhamos a impressão que a nossa cabeça aumentava de volume, estava pesada e se fizéssemos movimentos laterais, as oscilações teriam maior amplitude que em estado normal.

Fomos então presa de taquicardia. Veio-nos a idéia de que não poderíamos andar, pois as pernas estavam pesadas e as sentíamos volumosas. Após, dor na região epigástrica, que se prolongou durante 24 horas.

Tínhamos fumado apenas um terço do cigarro e resolvemos abandonar a sala com a impressão de que não nos poderíamos locomover.

Começamos então a experimentar uma das mais curiosas sensações; sentíamos o corpo inteiramente envolvido por uma camada de algodão quente, que exercia uma suave pressão de fora para dentro.

Ao lado do langor físico, sentíamos o aumento da atividade perceptória. As idéias fluíam com uma rapidez impressionante e nós, ao escutarmos comentários de um de nossos colegas, sentimos-nos capazes de interpretar como um jôgo de forças entre “ego” e “super-ego”.

Tentamos então escrever o que estávamos sentindo, mas... impossível!...

Os pensamentos ocorriam velozes e a escrita vagarosa, não os acompanhava. Tínhamos verdadeiras fugas de idéia e cremos não ter conseguido constituir uma só frase inteligível. Tivemos então uma vontade enorme de rir, rir muito e por qualquer coisa, talvez mesmo sem um motivo aparente.

Neste momento, outra estranha e curiosíssima sensação apareceu: — o algodão tépido que nos comprimia, transformou-se em uma espécie de brisa vibrante, tremulante e fria, que emanava do nosso corpo para fora.

Depois que chegamos à nossa casa e nos alimentamos, aquelas sensações foram substituídas por um grande desejo de dormir. Dormimos pesadamente durante 4 a 5 horas, após o que, acordamos aborrecida, irritada, talvez um tanto agressiva”.

A doutora I., após minutos de fumar a maconha, tinha 125 pulsações por minuto.

C. R. S. — estudante de odontologia, na metade do primeiro cigarro (10 minutos), começou a notar que: — “o coração súbitamente disparou, a vista se tornando turva e a cabeça. Ao mesmo tempo que estes fenômenos se acentuavam sentia forte reação em todo o corpo, deixando-me com a impressão que não era possível locomover-me.

Nessa ocasião retirei-me da sala com certa dificuldade para andar. Fora do recinto, entretanto, continuei com os sintomas acima descritos, com a diferença apenas que passei a achar agradável a sensação que experimentava, cabeça leve, bem-estar geral, vontade de rir e falar.

Embora racionando perfeitamente. sentia falta de confiança em mim e uma espécie de ardência e compressão se acentuava pouco abaixo do esterno.

Após o almoço, observei os mesmos sintomas. Dormi então cêrca de meia hora e ao acordar tive a impressão de estar sentindo aquilo que vulgarmente chamamos de “ressaca”.

Os sintomas que antes eram agradáveis, passaram a ser desagradáveis e durante o resto do dia permaneci neste estado, só desaparecendo totalmente à noite”. O paciente acusou — vaso dilatação periférica; congestão das conjuntivas oculares. Pulso 138, por minuto.

J. N. J. — médico, após 3 minutos de fumo, tinha 88 pulsações por minuto que chegaram a 100. Acusava sensação de calor nas pernas; distúrbios vaso-motores, como se tivesse tomado cálcio nas veias. Anestesia da bôca e da língua. Estado vertiginoso. Retirou-se meia hora após o início das experiências.

Dr. A — após ter fumado um quarto do “baseado”, apresentou tonteiras, caimbras generalizadas, vertigem, dormência gostosa (sic). Ora triste, ora alegre. Vaso dilatação periférica. Estado de embriaguez, mais agradável que a do álcool (sic). Isto vicia (sic).

J. V. T. — operário, acusou sensação de ardor na língua; tonteiras, estado vertiginoso; sensação de que a cabeça ia cair; vontade de rir. Não aceitou o segundo “baseado”.

M. de F. — declara: “Nas primeiras tragadas, senti ardor nas vias respiratórias, dado o acre da fumaça aspirada; chegando à terça parte do cigarro, comecei a sentir leve oscilações no corpo como se fôsem ondas sonoras propagando-se da cabeça aos pés. Raciocínio normal. Aos poucos senti-me completamente embriagado, embora estivesse pensando claramente, duvidava poder coordenar meus movimentos. Apesar de ingerir bastante alimento continuei na mesma sensação, durante 3 horas, achando-nos sonolento”. Pulso freqüente e depressível (152 por minuto).

C. R. M. — sentiu impressão de mentol na língua; vertigem e tonteira acentuadas, principalmente se fechasse os olhos. Nenhuma perturbação psíquica.

M. N. — fumou dois “baseados”. Nenhuma alteração psíquica. Pulso freqüente, 100 por minuto.

M. F. — fumou dois “baseados”. Pulso a 88 por minuto. Nenhuma alteração física ou psíquica.

A. N. R. — dentista, acusou sensação de bôca fresca como se fumasse um cigarro mentolado; bôca seca; diminuição de salivação; ardência na ponta da língua; saliva espessa; ardência nas mucosas nasal e laríngea; nenhuma perturbação psíquica; vômito após tomar um copo d’água.

Conclui-se:

a) Das 7 pessoas que durante a primeira experiência fumaram o cigarro de maconha (com 1,56 gramas do produto), apenas uma apresentou desordens psíquicas (14,2%). A maconha usada, tinha sido colhida desde longa data, estando guardada no S.N.F.M. há mais de um ano.

b) Das 9 pessoas, que durante a segunda experiência fumaram o “baseado” de maconha (com 2,82 gramas do produto), 6 apresentaram desordens psíquicas (66,6%). A maconha usada tinha sido colhida recentemente e chegara do nordeste do Brasil, por avião.

c) Dos sintomas objetivos apresentaram-se em ordem de freqüência: *taquicardia e taquiesfigmia* em 8 pessoas observadas; *raciocínio anormal* em 4; *maior irrigação conjuntival* em 4; *excitação* em 4; *desordens pupi-*

lares em 3; inquietude em 3; lacrimejamento em 2; transpiração em 1; delírio ambulatório em 1; confusão mental, 1; irritabilidade, 1.

d) Dos sintomas subjetivos, apresentaram-se em ordem de frequência: sensação de ardor na garganta, 11; sabor amargo, 8; vertigem e tonteira, 7; desestésias, 5; mutação de caráter, 5; desordens circulatórias, 5; sonolência, 4; bem-estar e euforia, 3; sede, 3; anestesia da ponta da língua, 3; angústia, 3; desequilíbrio, 2; peso nas pernas, 2; gastralgia, 2; sensação de embriaguez, 2; vontade de rir, 2; fumaça agradável, 2; sabor resinoso, 2; língua espessa, 2; zumbidos, 2; sensação de ridículo, de sonambulismo, de morte próxima, cefaléia, delírio ambulatório, 1.

e) Os sintomas se prolongaram entre 3 e 23 horas.

f) Os primeiros sintomas se manifestaram logo nos primeiros dez minutos de uso da droga.

Dentre as observações clínicas de José Lucena, em Pernambuco, convém ressaltar:

J. P. C. — prêto, 43 anos, casado, sapateiro, fumando 2 a 3 cigarros de maconha por dia; não acusou nem alucinações, nem idéias delirantes.

A. B. S. — pardo, 23 anos, solteiro, sapateiro, sentiu frieza para a cabeça, grande secura na boca e fome. Pulso a 122; vontade de beber muita água; leveza no corpo; sono. Nenhuma alteração mental.

I. G. F. — prêto, 19 anos, solteiro, ajudante de pedreiro, sentiu cabeça leve; fome; vontade de andar; nenhuma alteração psíquica.

E. F. — pardo, 18 anos, solteiro, garçon, sentiu a cabeça leve, frio na ponta do nariz, secura da boca.

J. A. — pardo, 21 anos, solteiro, queima metade de um cigarro ao deitar-se. Pulso a 123; congestão ocular, alegria, vontade de escrever.

N. S. — prêto, 15 anos, solteiro, carregador, sentiu cefaléia, vertigens, fome e grande animação.

A. L. F. — fuma 1 a 3 cigarros por dia e sente alegria riso, disposição, loquacidade, congestão ocular e fome.

J. S. — pardo, 19 anos solteiro, apresentou congestão da conjuntiva ocular; midriase e reflexos pupilares lentos, loquacidade, ânimo e disposição.

A. L. — acadêmico de medicina; após 4 cigarros de 1.0 (fininho ou finote) acusou palpitação; raciocínio retardado; palidez; midriase e ausência de noção de tempo.

J. V. M. — acadêmico de medicina; fumou 2 cigarros de 2.0 de diamba (baseado), e sentiu-se alheiado ao meio ambiente; e ria-se desarrazoadamente; loquacidade; idéias desconexas; taquicárdia; incapacidade de escrever; euforia; agitação; vaso-dilatação periférica; sonolência e 144 pulsações por minuto.

J. L. — médico. Após 4 cigarros de meia grama, apresentava mal-estar; dificuldade de expressão; contôrno pouco nítido dos objetos; idéias sem nexo; horror ao ridículo; loquacidade; incapacidade evocativa; disposições a confidências; riso freqüente e escandaloso; depressão; abatimento; pulso a 160; secura da boca e congestão da face; sono pesado, sem sonhos. Após jantar duas vezes, ainda ceiou.

Nas indagações e pesquisas feitas por Jaime Regalo Pereira, convém salientar:

C. G. — 31 anos, médico. Acusou secura na boca e nada mais de anormal.

J. C. — 55 anos, após 3 cigarros, apresentou ardor nos lábios e na ponta da língua; riso incoíntido; fome exagerada e nenhuma alteração psíquica.

Ainda em Pernambuco, com os Drs. J. Santa Cruz e Armando Silveira, conseguimos as seguintes anotações:

T. — parda, 24 anos, apresentava dormência na língua e, às vezes, delírio.

D. — parda, 40 anos, decaída, nada de anormal.

D. P. — branca, 23 anos, decaída, acusava delírio, sonolência e agressividade.

C. — sente garganta sêca, fome, sono e, se mistura a erva a qualquer bebida, quase enlouquece.

C. H. — sente frescura na garganta; cuspo espesso; fome; loquacidade; agressividade; priapismo e alucinações.

J.R. S. — Gorduchinha, diz nada sentir de anormal.

J. D. S. — idem.

R. P. — idem.

M. A. S. — idem.

S. G. F. — idem.

No Estado de Alagoas, em companhia dos Drs. Cláudio Magalhães da Silveira, Góis Ribeiro e Domingos Lima, conseguimos as seguintes observações:

C. — branco, 18 anos, solteiro, carregador. não acusa nada de anormal ao fumar diamba.

L. F. — pardo, solteiro, malandro, sente ardor na garganta, cuspo grosso, fome e sonolência.

B. R. — nada de anormal.

B. — nada de anormal.

U. — nada de anormal.

C. P. — pardo, 29 anos, solteiro, maloqueiro, sente coragem; desorientação: perda de memória; agressividade.

J. A. — pardo, 24 anos, solteiro, engraxate, acusa alegria; apetite voraz; vontade de provocar desordem; corpo ligeiro e esperto e depois sonolência; tem o corpo lombrado (sic).

A. O. — pardo, 41 anos, solteiro, carregador, mostra fome intensa e chega a roubar para comer; delírio e nenhuma agressividade.

A. — prêto, 29 anos, solteiro, sente fome, agitação; dá para andar e correr; não quer parar. Se não encontra o cigarro, fica em grande excitação.

No Estado de Sergipe, em companhia dos Drs. Lauro Hora e Garcia Moreno e do Sr. Joaquim Batista de Góis, obtivemos os seguintes dados:

B. de N. — sob a ação da resina canábica, matou o companheiro, comparecendo depois ao entêrro do mesmo, como se nada tivesse acontecido. Recolhido à Detenção, provocou revolta aí entre presos e guardas e foi morto. Era um tipo grandemente conhecido dos médicos locais.

J. C. — branco, 32 anos, solteiro, carregador, nada sente de anormal quando queima o pango.

I. — pardo, 35 anos, solteiro, sente-se alegre e muita fome.

P. V. — pardo, 26 anos, malandro, nada sente de anormal.

P. A. — pardo, 22 anos, solteiro, barqueiro, sente grande vontade de rir; furta coisas sem valor; não agressivo; fome e diz que, de uma feita, comeu duas pencas de banana e, para cessar a lombra, bebeu dezoito copos de caldo de cana (fome específica para açúcares e hidrocarbonados).

C. — pardo, 50 anos, solteiro, carregador, epilético; velho fumador de maconha; pita o pango para curar dor de dente; sente delírio e alucinações.

C. A. — maloqueiro, declara que quando queima o cheiro, no ato de furtar, sente-se apossado de medo, acovardado e no momento de segurar o objeto e de ocultá-lo, tem a impressão de que alguém o está vendo.

J. A. R. — maloqueiro, nada sente de anormal quando queima o cheiro.

L. — maloqueiro, sente fome intensa; mais energia; cuspo grosso e sonolência.

J. L. prêto, solteiro, carregador, nada sente de anormal.

J. M. N. — prêto, solteiro, pedreiro, chegou a fumar quinze cigarros num dia; quando lombrado, sente corpo leve, dá para andar e viajar a pé. Tem ilusões e, certa vez, caiu n'água, acreditando que era areia; viajando à noite, sozinho, no meio da mata, fica assombrado, ouvindo vozes que o chamam e o acusam.

B. — marítimo, nada sente de anormal.

P. — pardo, 12 anos, solteiro, grande excitação ao simples cheiro da fumaça.

J. M. — pardo, 16 anos, solteiro, rato cinzento, idem, idem, sem distúrbios psíquicos.

J. F. L. — pardo, 35 anos, vendedor de refrescos, nada de anormal.

E. J. S. — prêto, 45 anos, malandro, idem.

J. C. — pardo, 21 anos, ladrão, idem.

N. S. — prêto, 22 anos, malandro, idem.

J. L. S. — pardo, 38 anos, malandro, idem.

J. G. S. — parda, 32 anos, homicida, idem.

M. A. S. — pardo, 20 anos, carregador, idem.

P. S. — pardo, 23 anos, sapateiro e ladrão, sob a ação da maconha, nada de anormal.

M. C. — parda, 28 anos, meretriz, idem.

M. C. — pardo, 30 anos, varredor, desordeiro, idem.

A. B. — pardo, 58 anos, proprietário, idem.

J. G. — pardo, 40 anos, bombeiro, idem.

A. S. — prêto, 15 anos, maloqueiro, idem.

No Estado da Bahia, em companhia dos Drs. Antônio Simões, João Inácio de Mendonça e Antônio Crisippo de Aguiar, conseguimos os seguintes dados:

- Ca... — branco, 18 anos, solteiro, malandro e que, ao queimar maconha, sente fome, cuspo grosso, delírio, alucinação, priapismo e perversidade no ato sexual.
- P. — preto, solteiro, capitão de areia, sente-se leve, como que voando; delírio visual com formas que se eternizam (eidetismo); fome intensa; priapismo, com dificuldade de ejacular.
- T. — preto, capitão de areia, não sente nada de anormal quando usa a diamba.
- P. C. — pardo, 31 anos, solteiro, colchoeiro, sente coragem, vontade de rir e fome.
- C — branco, 26 anos, solteiro, colchoeiro, sente alegria, alucinações psíquicas, eidetismo, mais potência; apetite para coisas doces e açucaradas. Mesmo na lombra, teme o crime.
- Ca. — pardo, 18 anos, solteiro, sapateiro; fica meio tonto, dá para rir; tem fome intensa e sono.
- M. A. — preto, 18 anos, solteiro, capitão de areia, sente alegria, fome e torna-se agressivo.
- A. S. — preto, 18 anos, solteiro, malandro, nada sente de anormal quando queima o cheiro.
- B. S. — pardo, 26 anos, solteiro, idem.
- J. C. B. — pardo, 17 anos, solteiro, tecelão, acusa delírio e alucinações.
- S. O. — pardo, 38 anos, solteiro, sapateiro. Nada de anormal.
- M. M. M. — pardo, 18 anos, solteiro, sapateiro, apresenta o estado de embriaguez canábica.
- R. S. C. — pardo, 33 anos, casado, jornalista, sente alegria e coragem.
- G. L. — pardo, 33 anos, solteiro, taifeiro, acusa delírio.
- J. P. S. — branca, 27 anos, solteira, diz nada sentir de anormal.
- J. V. C. — branco, 31 anos, solteiro, nada de anormal.
- G. C. — preto, 46 anos, solteiro, carregador, acusa delírio.
- J. F. S. — pardo, 27 anos, solteiro, barbeiro. Consta da ficha, delírio e alucinações.
- L. V. S. — branco, 28 anos, casado, açogueiro, embriaguez canábica.
- E. V. — branco, 18 anos, solteiro, embriaguez canábica.
- E. S. — preto, 19 anos, solteiro, alfaiate, nada de anormal quando fuma o cheiro.
- M. C. — preto, 34 anos, solteiro, engraxate, diz nada sentir de anormal.
- C. S. — branca, 24 anos, decaída, acusa alucinações.
- L. L. — parda, 18 anos, decaída, acusa alucinações e loucura.
- G. S. — preto, 22 anos, solteiro, jornalista, nada de anormal.
- J. C. N. — pardo, 27 anos, solteiro, vendedor ambulante, acusa sintomas de embriaguez canábica.
- M. P. — preto, 18 anos, solteiro, aguadeiro, acusa alegria e embriaguez.
- D. A. — preto, 30 anos, casado, trabalhador, nada de anormal.
- L. A. S. — branco, 38 anos, casado, isoterista, agressividade e excesso sexual.
- M. V. — preto, 47 anos, casado, carpinteiro, valentia e agressividade.
- A. N. — pardo, 39 anos, casado, auxiliar de escrita, depressão e sonolência.
- M. C. — preto, 48 anos, casado, funcionário público, apresenta delírio, após fumar o baseado.
- I. S. — pardo, 78 anos, casado, coveiro, valentia e excesso sexual.
- G. S. — pardo, 32 anos, casado, motorista, nada diz de anormal.
- S. T. S. — preto casado, carregador, apresenta o quadro da embriaguez canábica.
- D. L. — preto, 22 anos, solteiro, pedreiro, apresenta-se mais disposto e alegria.
- M. F. S. — branco, 40 anos, solteiro, funileiro, diz sentir alegria e exaltação.
- D. S. — branco, 32 anos, solteiro, carregador, embriaguez canábica.
- J. M. S. — branco, 17 anos, solteiro, vendedor ambulante, acusa tendência a agredir e fazer desordem e excessos sexuais.
- J. A. S. — pardo, 30 anos, solteiro, alfaiate, nada de anormal.
- V. A. F. — branco, 19 anos, solteiro, carpinteiro, nada de anormal.
- A. L. L. — preto, 21 anos, solteiro, carregador, apresenta-se alegre.
- A. A. S. — branco, 35 anos, solteiro, carregador, embriaguez canábica.
- M. S. A. — pardo, 20 anos, solteiro, grande fome e alegria.
- E. T. — pardo, 29 anos, soldado da Fôrça Pública, ora alegria e ora depressão.
- A. P. S. — pardo, 19 anos, solteiro, engraxate, muita fome.
- M. J. S. — preto, 25 anos, solteiro, carregador, nada de anormal.
- J. B. S. — preto, 16 anos, solteiro, vendedor ambulante, fome e vertigens.
- G. B. S. — preto, 21 anos, solteiro, paqueteiro, embriaguez canábica.
- J. M. S. — preto, 37 anos, solteiro, sapateiro, alegria, bem-estar, euforia canábica.
- D. S. L. — preto, 20 anos, solteiro, peixeiro, estado de embriaguez.
- F. S. L. — preto, 17 anos, solteiro, engraxate, animação e alegria.

- L. G. S. — prêto, 20 anos, solteiro, mecânico, alegria.
 A. L. S. — pardo, 17 anos, solteiro, comerciário, alegria e sonolência.
 J. P. S. — prêto, 33 anos, solteiro, vendedor ambulante, nada de anormal.
 P. S. — pardo, 18 anos, solteiro, sapateiro, alegria e sonolência.
 E. A. — pardo, 20 anos, casado, marítimo, alegria e tonteira.
 J. B. S. — prêto, 20 anos, solteiro, carregador. Nada sente de anormal ao fumar o cheiro.
 C. C. R. — prêto, 22 anos, solteiro, padreiro, sonolência.
 L. S. S. — pardo, 19 anos, carpinteiro, psiquismo e alegria.
 R. V. — prêto, 21 anos, solteiro, alfaiate, apresentava idéias delirantes.

RESUMO E INTERPRETAÇÃO ESTATÍSTICA

Com as notas na mão, de livro aberto, sem idéia preconcebida (a não ser a de chegar a conclusões reais), vejamos o que dizem os números e os depoimentos, que manuseamos, comparando os atuais resultados com os que foram obtidos, há 3 anos, pelo Doutor Eleyson Cardoso.

Convém ponderar que, raramente, os dados estatísticos são tão aproximados e concordantes, o que leva a pensar que as observações foram bem conduzidas e levadas a têrmo. Os dados do presente inquérito e as de Eleyson Cardoso diferem porém dos de João Mendonça, quanto à maior incidência de viciados por grupos de idade.

Para João Mendonça, a alucinóse canábica é maior entre os adolescentes e para nós ela é mais freqüente entre jovens adultos de 20 a 29 anos de idade, também dentro do grande ângulo de aventuras a que se refere o notável professor baiano.

<i>Pessoas e fichas observadas</i>	<i>Dados atuais</i>		<i>Dados E. C.</i>	
	<i>N.º</i>	<i>%</i>	<i>N.º</i>	<i>%</i>
Do sexo masculino	120	—	46	—
Do sexo feminino	115	95,7	45	97,8
Leucodermos	5	4,3	1	2,2
Faiodermos	27	22,5	—	2,2
Melanodermos	41	34,1	—	—
Côr ignorada	30	25,0	—	—
De 10 a 19 anos de idade	22	—	—	—
De 20 a 29 anos de idade	24	20,0	9	19,5
De 30 a 39 anos de idade	31	28,0	28	60,00
De 40 a 49 anos de idade	18	15,0	8	17,3
Casados	7	5,8	1	2,1
Solteiros	14	11,6	4	8,6
Situação ignorada	75	62,5	42	91,4
Brasileiros	31	—	—	—
Estrangeiros	120	100,0	46	100,0
Nortistas	0	0,0	0	0,0
Sulistas	107	87,5	—	100,0
Situação ignorada	1	0,8	0	0,0
Sem anormalidades, após o fumo	12	—	—	—
Com psiquismo	27	22,5	—	—
Com somatismo puro	79	65,8	—	—
	14	11,6	—	—

Por outro lado, se compararmos os dados estatísticos referentes a alterações e distúrbios do psiquismo nos fumadores de maconha, tomados aqui no Rio em 1949, com os dados nordestinos, nos últimos anos, veremos que os percentuais de freqüência muito se aproximam, sendo êstes de 66,6% e 65,8%, respectivamente.

Penso assim que, à vista das observações brasileiras, já se pode concluir que a resina da cannabis sativa, plantada e cultivada no território nacional, pode determinar, quando aspirada, distúrbios psíquicos em 65 por cento dos casos, distúrbios que vão desde o riso abundante e inconseqüente, até à alucinação, à loucura, à agressão e ao homicídio.

SINDROMO CANÁBICO (somatose)

O indivíduo que ouviu algumas dezenas de fumadores de maconha, não tem dúvida em afirmar que a intoxicação canábica é hoje perfeitamente reconhecível pela sua sintomatologia, altamente clássica, não só quanto à manifestações somáticas, mas também, e principalmente, pelos seus distúrbios psíquicos.

De fato, existe um síndrome canábico com *perturbações somáticas*, que consistem na sensação de ardor na mucosa nasal, na garganta; sensação de espessamento da língua, de sabor amargo da fumaça; de dormência na língua e nas bochechas; de saliva espessa; de boca seca; de lacrimejamento; de sede; de fome; de gastralgia; e o exame médico vai verificar, com facilidade, frequência de pulso (taquiesfigmia); taquicardia, vaso dilatação periférica; fenômenos congestivos oculares; midriase; reação pupilar demorada; sono, cefaléia e, raramente, vômitos e palidez.

Para alguns autores brasileiros, este é o período prodromico às desordens psíquicas e o fumador habituado à erva sabe que a lombra vai começar. Cumpre ponderar porém que há indivíduos que não chegam ao psiquismo, como vimos nas experiências feitas no Rio de Janeiro, e os distúrbios canábicos aí param e tendem a retroceder.

As alterações cardio-vasculares, a taquicardia, a taquiesfigmia; a vasodilatação periférica; a maior irrigação da conjuntiva ocular são fenômenos frequentes após as primeiras tragadas de um baseado. Como vimos em observações anteriores, que mereceu estudos especiais de Dantas e Zás, apresenta ligeira hipertensão e, nas observações pernambucanas de J. Lucena, os resultados se confirmam.

As reações da pupila são também muito claras e muito frequentes. Há midriase e resposta demorada da mesma às excitações externas.

A *fôrça muscular* do indivíduo lombrado tem merecido a atenção de vários observadores, que procuram explicar a sensação de leveza e de energia que os intoxicados dizem ficar possuídos, capazes de galgar muros e janelas, como no caso que narramos de um menor arrombador, que só o conseguia após fumaradas de diamba.

Os estudos de J. Lucena porém contestam pelo dinamômetro essa maior energia muscular, que decresce após a inalação do tóxico.

No paciente A.L.L. a fôrça de contração da mão esquerda veio de 44 a 30, cêrca de hora e meia depois da queima do baseado.

Quanto à *diurese*, referida por autores estrangeiros, devo declarar que não a registramos nas observações atuais.

O sintoma *sêde*, embora muito acentuado em alguns de nossos observados, chegaram a reclamar água gelada, não é dos mais frequentes.

A estimulação *afrodisíaca* da diamba está na concepção dos seus fumadores e mesmo na de alguns técnicos no assunto. Rodrigues Dória admite que o uso da planta pode levar o indivíduo à grande lubricidade e A. Fontes conta a narração de fumadores que tinham sonhos eróticos e poluções noturnas. Este conceito é pelo menos subscrito pela maioria das mulheres, que ouvimos no presente inquérito. Na excitação, há uma tendência à brutalidade e à maldade durante o ato sexual, segundo nos referiram alguns carcerários na Bahia.

Apesar dessas observações e do conhecimento da existência dos electuários de haxixe usados no oriente, nas noites de casamento, e nas casas de tolerância, a minha observação é que a excitação sexual pela maconha decorre mais de uma ação sugestiva, já difundida na massa de fumantes, que propriamente de sua atuação afrodisíaca. Não é pelo menos fenômeno corrente, como o são o riso, a taquicardia, a secura da boca e a fome.

E nas experiências realizadas, recentemente, no Rio de Janeiro, nada foi referido de anormal para a esfera sexual.

A *fome*, inegavelmente, é o grande sintoma do síndrome canábico. O apetite é voraz; a fome é canina e ouve-se dos toxicômanos o dizer que, após a fumaça de maconha, é capaz de roubar para comer... e de matar também.

No indivíduo lombrado o que há é a perda da sensação de saciedade, isto é, acoria. A fome é ansiosa e não dolorosa; não há a "hunger pain" dos ulcerados.

A bulimia do canabismo é fobia, pela ideação mórbida do padecente.

Esse tremendo apetite é específico e o intoxicado só pede substâncias açucaradas, líquidos edulcorados, tal como a rapadura e o caldo de cana, que lhe são terapêutica à crise, quando desencadeada.

Vimos, em observações anteriores, o maloqueiro que diz ter comido duas pencas de banana e ter ingerido dezoito copos de caldo de cana, para matar a fome, após a lombrada.

Estamos em face, inegavelmente, da *hipoglicemia canábica*, em que pesem em contrário as observações de J. Lucena e R. Walton. É preciso repeti-las; fazê-las melhor, porque a verificação clínica aí está, clara e indiscutível.

E que magníficas aplicações terapêuticas talvez não possamos conseguir da ação hipoglicêmica do cânhamo?

Urge pesquisar a pontualidade funcional do pâncreas. Aí está a prova de Max Rosenberg, com que se determina a capacidade secretória da víscera, a da tolerância aos hidrocarbonados, as suas possibilidades na produção da insulina (V. Romeiro).

Completando a crise canábica segue-se o sono, a hipnose, e o indivíduo dorme pesadamente durante três ou quatro horas, ou mais. A mim me parece também a consequência de um esgotamento profundo, após a ação excitante e estimuladora da droga, que, por isso, não pode ser tratada como entorpecente ou narcótica.

É o momento de protestarmos contra o erro nacional e estrangeiro de considerar a maconha como planta entorpecente. Ela nunca o foi.

Ela pode ter características sedativas e antiespasmódicas, e o tem de fato; e nenhum médico desconhece a ação eficaz da tinctura e do extrato de cannabis indica nos pruridos cutâneos; nas dores gástricas da hipercloridria; nas dismenorréias; nas "dores de mulher", como diz o caboclo nordestino.

A resina canábica é capaz de provocar o sono, a hipnose, por sua ação sobre os centros diencefálicos, sobre a substância cinzenta pericavitária do aqueduto de Sílvia e do terceiro ventrículo, e sobre a corteza cerebral.

O que eu nunca vi é a diamba provocar narcose, isto é, a abolição das funções psíquicas e das que presidem à coordenação de movimentos.

No diambismo o que há é o contrário de entorpecimento e narcose. O que há é movimento, é agitação motora; é energia; é euforia; é loquacidade.

O cânhamo é um vegetal que se coloca entre as plantas inebriantes, alucinantes, euforizantes, afrodisíacas (talvez), euforísticas, excitantes, talvez onirizantes, mas nunca entorpecentes.

E isso sabe muito bem o nosso homem nordestino. Vi na região sanfranciscana, creio que em Neópolis, o cidadão que dizia "o meu galo não briga com o seu, porque o seu come maconha". Vale dizer que o nordestino *dopa* o galo de briga com maconha.

No Rio de Janeiro, dopam-se canários de briga. Os periquitos da Austrália, que constituem ornamento de casas elegantes da capital brasileira,

comem sementes de cânhamo, adquiridas em altos preços nos ervanários e casas de flor da Rua Carioca e adjacências.

Quão interessante seria talvez a pesquisa da maconha, na saliva de animais indóceis do nosso Turf?

SÍNDROMO CANÁBICO (PSICOSE)

É a grande razão de ser deste trabalho, mandado executar pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

Para se avaliar da sua extensão, na própria capital brasileira, basta dizer-se que a Divisão de Costumes, Tóxicos e Mistificações, lavrou para cada auto de apreensão de entorpecentes (morfina, heroína, cocaína, etc) 12 de apreensão de maconha. Esta a proporção.

Os vícios elegantes (a morfínomania; a heroinomania; a cocainomania) são hoje vícios em decadência no Brasil, graças à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes. Praza que a sociedade deselegante, que hoje estudamos, siga-lhes o mesmo caminho.

A psicose hetero-tóxica, que ora encaramos, se apresenta com um luxo extraordinário de sintomas, que urge sistematizar.

Eles vão desde a excitação neuro muscular até a instabilidade mental e alucinação e ao êxtase e à hipnose, que são os quatro períodos da *embriaguez* canábica, no esquema de Dana.

Na esfera de excitação *neuro muscular*, quem ler as observações anteriores, vê que o indivíduo lombrado, após o seu pito de dois cheios, se sente mais esperto, mais leve, mais animado. É o início da embriaguez.

Com o tempo e com a tragada de mais algumas fumaças, vem uma sensação de exaltação física, de bem-estar. É a *euforia canábica*. É um motivo de felicidade, de alegria ruidosa, nessas almas torturadas que procuram fugir da vida real e quotidiana, num sonho de maconha.

Num de nossos observados, dentro de grande satisfação e com grande mímica, era patente a hipertinia e a hiperfória, e, às vezes, a mória, que é a alegria pueril e estúpida.

As vezes tornam-se amáveis.

E, subrepticamente, vai se instalando o período delirante, de *instabilidade mental*, que precede a alucinação e a loucura, e vê-se então: o *delírio ambulatório*, por exemplo, naquele sergipano que diz que viaja léguas e léguas, à pé, à noite, através das matas, sozinho, procurando alguma coisa, que ele mesmo não sabe o que é; são as formas hipercinéticas e hebefrênicas; a *inquiétude* em indivíduos que saltam, pulam, cantam, com movimentos esquisitos e grotescos; a *loquacidade*, a *logorréia*, clássica nesses tipos de agitação psicomotora. A *ambivalência* na *elaboração das idéias*, ora claras ora confusas; estas surgem aos borbotões, como acentua uma das pessoas observadas na experiência do Rio de Janeiro; os pensamentos correm velozes e a escrita vagarosa, não os acompanha pelo chamado fenômeno da interceptação entre a ideação e a realização do ato determinado; a *crise hilariante*, com o riso imoderado, com o riso inconseqüente, sem motivo e sem razão de ser. É a gargalhada estridente, é a rinchavelhada; os *clarões de inteligência* — comuns nessa psicose tóxica, — buscando a idéia, a consonância, a rima, nos diálogos cantados, que nos refere o temperamento poético da Garcia Moreno, nas regiões sanfranciscanas; a *periferização* de idéias e de sentimentos, como acentua o Prof. João Mendonça, e o indivíduo diz o que sente, sem contróle dos centros superiores. Mostra o instinto — *in cannabis veritas* — revela o segrêdo, como vimos no Rio de Janeiro, relativamente ao afeto de determinada pessoa por outra; e que magnífico elemento será a maconha na técnica psicanalítica e

na narcognose, se se a empregar com cuidado, para relaxamento da auto-censura individual; as *fugas da idéia*, a *desagregação de pensamento*, uma frase após outra, incoerentes, como num dos fumadores observados por J. Lucena: — “são mais de 6 horas, vejiam lá para eu não perder o jantar; vou fazer umas equações de 3.^o grau e Trousseau dizia tremei quando tiverdes de dar medicamentos opiáceos à criança” — os *distúrbios da memória* — em exageros de recordação, lacunas, amnésias e hipermesias. Entram depois em foco, as *ilusões* de caráter vário; vimos, em páginas anteriores, o maloqueiro que ao roubar, *ouvia ruído* de passos de pessoas que se aproximavam, são as *ilusões auditivas*, coasmas ou fonemas; há as *ilusões visuais* naquele outro nosso observado que se projeta nágua, acreditando que era um campo de areia.

Com a seqüência dos tempos e o uso prolongado do pito de pango, entram em cena as *alucinações*; que podem ser de *cenestesia cerebral*, em que o padecente, na sua tormentosa vivência, tem a sensação de aumento de pressão craniana; de cochichos; de canhoneio intenso; de desconforto; de *cinestesia* —; de *eidetismo* com a permanência da forma do objeto já retirado do seu âmbito visual; de *alucinações extracampinas*, — que são as que ocorrem do seu correspondente campo sensorial (A. Garcia), em que temos exemplo naquela sensação de “algodão tépido que comprímia” um dos nossos fumadores nas experiências do Rio de Janeiro, bem como “na brisa tremulante e fria” que dêle se emanava; as *idéias delirantes absurdas*: — de que vimos no depoimento escrito de Baudelaire, numa embriaguez haxixiana:

“os sentidos tornam-se extraordinariamente agudos e delicados. Os olhos atingem no infinito. O ouvido percebe o mais imperceptível no meio de ruídos agudos. Começam as alucinações. Os objetos tomam aparências monstruosas, etc. etc. ...”

No mesmo gênero de impressões, diz T. Gautier:

“Depois de alguns minutos, experimentei a sensação confusional. Parecia que o meu corpo se dissolvera e tornava-se transparente. Eu vi, claramente, dentro de mim, o haxixe que havia engulido, na forma de uma esmeralda, com milhares de irradiações de pequenas fagulhas...”

No Conde de Monte Cristo, conhece-se a narrativa de Alexandre Dumas Filho, sob a influência da erva: — “então as três estátuas avançaram em direção a êle, com olhares amorosos, e aproximaram-se do leito em que êle estava repousando, etc., etc. ...”; o *delírio persecutório*, de que damos exemplo naquele indivíduo por nós observado em Alagoas e que, ao cometer o delito, o faz sob a impressão de estar perseguido pela polícia; o *delírio erótico*, a *lascívia*, a *incontinência*, a *luxúria*, que acusado por alguns desordeiros no Recife e em Aracaju, com a tendência à maldade; a *dupla orientação*, clássica no indivíduo embriagado pela maconha, em que há duas percepções distintas, uma delirante e outra normal; as *alternativas* de caráter, ora fraternal, ora agressivo e rixento; a *agressividade*, que é fenômeno comum entre os que usam a diamba. Nas observações que juntamos ao presente trabalho, ela é freqüente, trazendo o dissabor e a desarmonia no meio social em que vivem; as *impulsividades criminosas* — com a ação impulsiva, em que o maconheiro se precipita e mata, automaticamente, antes que se possa inibir.

Chega-se depois à fase de *êxtase canábico*, do que apresentamos instantâneo magnífico, que surpreendeu um dos grandes fumadores de cânhamo, privado do mesmo, e que no momento aguardava a erva disposta em grande quantidade sôbre a mesa de experiências, em Aracaju. É interessante ressaltar-lhe a *expressão*, a *facies canábica*, de que nos falam Garcia Moreno e João Mendonça, como que fumando os dedos, em atitude clássica, cínico, teatral, com ansiedade. Na figura 6, pode-se apre-

ciar a facies do fumante em pleno gôzo da droga e essas expressões variam: são ora indiferentes, desdenhosas, ora tristes e românticas; ora irritadiças; ora resignadas, nem sempre eufóricas. Há nelas um traço clínico de alta valia, que é a vermelhidão, a congestão, a vasodilatação periférica e que as distingue da facies pálida do intoxicado pela morfina.

CONCEITUAÇÃO DA LOUCURA CANÁBICA

É de alto interêsse o saber se a responsabilidade etiológica do cânhamo vai até a produção de *alucinose transitória* ou se lhe cabe imputação na instalação de *insanidade mental definitiva*, em os que dêle fazem uso.

As opiniões são divergentes: — assim é que Charles Eloy pensa que a alienação mental é um dos fenômenos terminais do vício canábico. Rodrigues Dória declara que a loucura pode ser a consequência do uso da erva, embora não especifique se consequência direta ou imediata do tóxico, como nas demais psicoses hetero-tóxicas.

Já Scouras vai adiante e afirma que a diamba, pela ação diencefálica, seria causadora de insanidades mentais definitivas.

Kerin, com larga observação, admite que a demência precoce, na sua forma catatônica, é o fim natural dos intoxicados pela maconha, embora reconheça que o cânhamo, nas suas crises transitórias, é apenas um *fator adjuvante* na instalação da insanidade mental definitiva.

O depoimento brasileiro de Garcia Moreno é também nesse sentido. Diz êle que não pôde ainda isolar um só caso de loucura, em que a diamba pudesse ser indigitada como fator único do distúrbio mental.

Heitor Péres acha que a diamba é apenas reveladora da constituição psicopática do viciado e ressalta o fato de ser quase nulo o número de internados em nossos manicômios, devido à maconha.

O laudo pericial de Aloísio Câmara, no Manicômio Judiciário, em maconheiro, não encontrou sinais de intoxicação, ligados ao uso, embora prolongado, do tóxico hipnotizante.

No velho mundo, segundo o depoimento de R. Walton, a maioria admite que a insanidade pelo cânhamo constitui porém uma entidade clínica, embora outros neguem qualquer relação causal entre o vício canábico e a insanidade mental permanente.

Nos Estados Unidos, o conceito sobre "Hemp drug insanity is generally lacking", e, nas necropsias realizadas, em velhos fumadores da erva, não foram encontrados sinais de lesões orgânicas, específicas e fundamentais. "Has yet to be demonstrated" concluiu Walton.

A RESPONSABILIDADE DO TERRENO

Como acentuou a Comissão, nas recentes esperiências do Rio de Janeiro, e como acentuam todos os técnicos, é decisiva a constituição individual, no desenvolvimento do canabismo.

Nos esplêndidos estudos de João Mendonça, na Bahia, dos seus observados, eram esquizotímicos — 90%; ciclotímicos — 8%, e picnóides — 2%. Quanto aos tipos morfológicos — foram mais freqüentes os longelíneos astênicos; depois os displásicos; os longelíneos estênicos; os atletoides e, por último, os picnóides.

A embriagues canábica atinge pois preferencialmente os indivíduos introvertidos, os que tem pouca relação com o meio ambiente. Os ciclotímicos ou sintonos, os que vivem a vida exterior, são menos aficcionados ao vício químico.

Na observação baiana, as muleres são menos apreciadoras da diamba, e, em 100 padecentes, havia 1 mulher, e esta, era meretriz. As mulheres são mais pacíficas que o homem; de maior domesticidade; com menores conflitos sociais; maior religiosidade e ciclotimia maior.

Em cada 100 maconheiros havia 10 de côr branca; 44 de côr prêta e 46 de côr parda. Para João Mendonça, a preferência dos indivíduos de côr, tem "mais um sentido social, sem determinismo de raça".

Os indivíduos solteiros representam 90% da massa observada e os deficitários de caráter chegaram a 95%; os deficitários de inteligência a 5%.

Urge assim o estudo da vida pré-psicótica do fumador de maconha, quando se pretende medir e estabelecer a taxa de responsabilidade do derivado canábico, no desencadeamento do caso clínico.

Heitor Péres julga fatores coadjuvantes à alucinose em estudo, além da constituição psicopática, um estado carencial; as condições de higiene a adições de outros tóxicos, o álcool, por exemplo. A adversidade, a angústia, o desemprego, máxime nos desequilibrados, anormais, excêntricos e débeis mentais, são fatores que J. Lucena julga necessários ao desenvolvimento do vício canábico. Outrossim a imitação, o contágio e a predisposição.

Assim, pode-se concluir, com Wolff entre outros, *que se o uso da maconha não conduz à alienação pura e definida, cria e gera a instabilidade mental, o que é enormemente grave.*

Caquexia Canábica — No "Defunto", no "Moio de Ferro" em Isidoro Santos, surpreendi os sinais clínicos da caquexia canábica, tão claramente expostos e descritos por Dória, há quase um quarto de século. Velhos fumadores de diamba, mesmo privados delas nos últimos tempos, êles emagreceram rapidamente. Tristes e abatidos, tiveram a sensação de coragem e bem-estar, substituída pela prostração e abatimento das grandes enfermidades.

No canabismo crônico há episódios de confusão mental, obnubilação, delírio, estado demencial, dispepsia gastro-intestinal; crises diarréicas frequentes; inapetência; sinais de bronquite, mostrando a ruína humana de um viciado, pronto a morrer.

Atirado à cama, quando esta existe, o olhar morto e indiferente, o caquético canábico vive completamente alheio ao meio exterior e, às vêzes, à fumaça do tóxico, sorri desalentado e vencido sem esperança da vida melhor que ela imaginara, nas espirais pardacentas e irritantes do cigarro perigoso. Após o uso prolongado e contínuo da erva, o maconheiro tem à sua espera o cárcere, o manicômio ou o hospital, quando a bala ou o punhal não lhe interrompem a trajetória infeliz nessa vida que êle mesmo tornou intolerável.

Êste é o meu prognóstico...

LESÕES ANÁTOMO-PATOLÓGICAS

Como se viu anteriormente, na alucinose canábica não há lesões clássicas e fundamentais orgânicas que a caracterizem.

Walton refere que poucas necropsias têm sido realizadas em casos crônicos de canabismo e, na opinião de Walsh, nenhuma alteração estrutural foi observada no cérebro ou em outro órgão.

Dhcnjibhoy autopsiando dois indivíduos, grandes fumadores de maconha e insanos mentais, também não viu alterações viscerais macroscópicas.

Owens é que cita congestão de tôdas as vísceras do organismo e Dickens constatou fenômenos congestivos na dura-mater e hipoestase em ambos os pulmões.

Experimentando em macacos, Conningham verificou freqüência anormal de gordura no pericárdio e em diversas vísceras abdominais.

A demonstração de lesões específicas ainda está para ser feita, como diz Walton.

SOCIOSE CANÁBICA

A felicidade esquisita, de que nos falam alguns diambistas, é enganosa e dura pouco.

O conceito da erva nos meios populares é que ela alivia os tormentos do corpo humano; cria paraísos artificiais; excita a sexualidade; dá coragem; trás o apetite e a alegria de viver. Sob a ação da fumaça, o futuro se desenha promissor e ao que pude observar, êles dizem que ela atenua a saudade, nos que andam fora de casa, nas longas viagens, em alto mar, e daí a predominância do vício, entre marítimos e embarcações. Doloroso engano. A esta embriaguez canábica, passageira e fugaz, o que se segue é o *comportamento anti-social* da vítima, cujas reações da personalidade se transformam, no pensar, no sentir e no reagir aos estímulos do meio em que vivem, fazendo a sua esquizofrenia.

Como diz A. Garcia, lá vêm a incoerência de atitudes; a nebulosidade de idéias; as perturbações da afetividade; os distúrbios da susceptibilidade afetiva, ora românticos e melancólicos, ora agressivos, com dolorosa repercussão na vida do indivíduo e da sociedade. É a esquizofrenia canábica, exógena, de origem química, com todos os seus perigos e desastres.

Nessa sociose deselegante é freqüente o *desemprêgo*, e quem ler as observações anteriores verá que os indivíduos sem profissão são em grande número, campeando a malandragem entre êles, vivendo de expedientes e iniciativas mais ou menos indecorosas. A *desagregação familiar* é a consequência da vida nômade dessa gente; não constituem lar; não possuem casa; vivem ao relento, em baixo das pontes e nas beiras do cais. Raramente são casados. Raramente têm prole. A inatividade e o *desemprêgo* geram, nesses deslocados sociais, o concubinato, as ligações passageiras e a inadaptabilidade ao casamento. A sua capacidade produtiva é pequena; vivem em geral de *salário baixo*, apelando para o crédito, cada vez menor, mesmo na aquisição de gêneros de primeira necessidade. É acentuado o seu *atraso pedagógico*; quase todos são analfabetos; os que escapam à essa rubrica são indivíduos de baixo nível de instrução (77,0% — segundo dados de Eleyson Cardoso). Êles são *desajustados profissionais*; as suas atividades raramente provêm de um prévio ensinamento e regime de seleção e educação ocupacionais. Não têm *religião, nem fé*; são-lhe indiferentes.

Está aí o *pária, o ilota*, o homem desprezado pelos seus semelhantes e excluído da vida em sociedade, caminhando fatalmente para o último degrau dessa sociose, que é a *delinqüência*.

PROBLEMA PENAL DO CANABISMO

O delinquir, no conceito do direito atual, não é mais a consequência de uma diátese criminal, que nunca existiu.

A escola penal positiva, com Lombroso, Ferri e Garofalo, criando o criminoso nato, cheio de anomalias morfopsicológicas, sofreu os ataques seguros que o direito moderno lhe contrapõe.

O conceito atual de crime é que êle é um fenômeno socialmente normal e que está ligado às condições da vida coletiva (J. Garcia). A herança criminal, a diátese criminal, os chamados fatores endógenos da delinqüência, cedem terreno à influência decisiva dos elementos exógenos, dos fatô-

res sociais, que deformam, modificam e transmudam as características individuais, à sua maneira e à sua imagem.

Não conheço nenubar e flores nascendo e vicejando no lôdo; e quando existem é exceção para confirmar a regra. De fato, o crime do diambista é a conseqüência natural do seu desregramento social, do seu nomadismo, do seu desemprego e da fatalidade que o levou a procurar na fumaça do tóxico um ângulo melhor da vida, que êle imaginou e que êle não conheceu.

A *delinqüência canábica* tem características muito próprias e muito especiais. Saibam disso os senhores membros do conselho de jurados e os metetíssimos juizes criminais quando tiverem de julgar, trazendo a circunstância em foco, como derimente ou como agravante. Após conhecer mais de uma centena de depoimentos, quase todos no meio carcerário, estou convicto que o pito do pango é um fator freqüente na gênese e no desenvolvimento do crime no Brasil, máxime nas regiões nordestinas. A maconha é, de fato, um fator criminogeno.

E o é porque ela retira, ela destrói, ela inutiliza a capacidade de censura, de contrôle, que é exercida pela camada cortical sôbre o indivíduo.

O homem, no seu natural, é agressivo. A relativa tolerância do indivíduo moderno é conseqüência da imposição de penalidades, da polícia; dos códigos e dos regimentos. A sua tendência é a de viver, primitivamente, depredando, reclamando, agredindo, e só não o faz porque a vida em comum o impede e tem meios para punir. Veja-se o indígena. E a maconha tem a capacidade de retirar, transitôriamente embora, esta censura das camadas superiores do cérebro, mostrando o homem tal qual é.

No estudo de Luís Argulo, os crimes no intoxicado pela diamba se dividem em: agressões à sociedade, 56% dos casos; agressões à integridade sexual, 18%; agressões à propriedade, 14%, e agressões ao indivíduo, 8%.

No Brasil, êsses delinqüentes, são *ladrões* em alta percentagem; as observações anteriores assim o mostram.

Seguem-se os *provocadores de desordem*, os rixentos, por verdadeiras descargas motoras, provocadas pelo tóxico. São casos de furor súbito. Atiram objetos e empregam palavras obscenas; agridem os com que habitam. É a ira, é o berro, é a imprecação, a calúnia. Na observação brasileira não são freqüentes os *suicídios*, constando apenas uma tentativa verificada em maconheiro do Sergipe, que se atirou de uma ponte ao rio, durante a lombrada. Na auto observação de Ludlow, êle tentara secionar o pescoço durante a embriaguez canábica.

O que é de acentuar nessa agressividade diâmbica, é a extrema irritabilidade do padecente, que é despertada à menor contrariedade; quase sem motivo, sem nenhuma relação entre causa e efeito.

Os *atentados ao pudor* e a violência carnal, são registrados na casuística brasileira e, no dizer de Hector France, o haxixe é positivamente um afrodisíaco; reforçando e repetindo o ato sexual, chegando a priapismo.

CARACTERÍSTICA DO HOMICÍDIO CANÁBICO

A grande periculosidade no *assassinato*, pelo indivíduo lombrado, está na sua instantaneidade; na sua sem nenhuma razão de ser; na ausência absoluta de motivo.

Pode dizer-se que o diambista reage esquizofrênicamente e mata esquizofrênicamente. É a imprevisibilidade dos delitos, sem a menor discussão anterior, como vimos, recentemente, à noite, num crime cometido em plena Avenida Rio Branco, por indivíduo, possivelmente, lombrado. É um lampejo epilético.

O ato é cometido de uma maneira rápida, inesperada, *desconcertante*; às vêzes, o assassino não conhece a vítima e não tira vantagem do crime.

É o caso de matança coletiva naquele jovem de Flórida e que, lombrado, trucidou o pai, a mãe, dois irmãos e irmã, sem nenhuma razão.

Na alucinação canábica, o homicídio é praticado com os maiores requintes de maldade; com absoluto sangue frio; é o gôzo lúdico; matam por prazer. O criminoso, freqüentemente, não foge; não reage; deixa-se prender e, às vêzes, comparece ao enterro da própria vítima, como no caso do "Bola de Neve", relatado em observação anterior, na capital sergipense.

Sou de parecer que a justiça brasileira muito lucraria, em tais casos de homicídio sem motivo aparente, estendendo o inquérito social até êsses hábitos individuais e mandando proceder a pesquisa do tóxico na saliva e determinando a realização da cuti-reação específica, já em voga em outras nações americanas.

Corrigibilidade — A maioria dos autores nacionais e estrangeiros opina no sentido de que é fácil corrigir a situação viciosa do diambista, pela ação relativamente transitória do tóxico.

Na opinião de Pernambuco Filho urge tentar a desintoxicação, inter-nando em casas especializadas, sem temer as crises de abstinência da toxi-privação.

No adolescente, como vi em Sergipe, exerce um papel maravilhoso o re-formatório, de que é exemplo a cidade de Menores Getúlio Vargas, onde o maloqueiro é recolhido e afastado, totalmente, de seus hábitos anteriores, e volta curado à vida social.

Nas observações anteriores, muitos foram os que declararam que, em virtude dos desastres sofridos na vida doméstica, desempregos, etc... tinham abandonado o vício da maconha, alguns há mais de dois anos, e no momento, louvavam a iniciativa tomada, pela saúde e energia que gozavam e pela volta ao trabalho honesto e compensador de seus esforços.

Imputabilidade — A responsabilidade do ato cometido durante a embriaguez canábica, terá as suas derimentes se se tratar de um fenômeno ocasional, e se o delinqüente não se empregar na prática permanente do vício.

Se é porém um diambista habitual, êle não pode figurar e exercer funções de que dependam o interesse, a sorte e os direitos de outrem; tais como a de médico, juiz, examinador, etc...

O parágrafo 5.º do art. 3.º, da Lei n.º 891, de 25 de novembro de 1938, equipara o interdito por toxicomanias aos *relativamente incapazes*, na maneira prevista pelo art. 5.º do Código Civil.

Enquanto perdurar a fome tóxica e os sintomas de decadência mental e moral, o maconheiro tem a sua incapacidade para *contrair ou contratar; doar e testar; segurar-se e servir de testemunha* no fôro civil e manter-se na posse do *pátrio-poder*.

No julgamento da ação criminosa, o diambista, qual o alcoolista, terá a sua penalidade agravada se a maconha foi usada "como incentivo ou modo de facilitação do crime" e só, como acentua J. Garcia, terá isenção de pena se "no momento do crime estava privado da capacidade de discernir". Nesse último caso, o delinqüente não foge à internação compulsória, prevista no artigo 30 da Lei n.º 891, acima citada, e da qual só se livrará por laudo pericial devidamente determinado pelo Juiz competente, se a êle favorável.

Tarefa pericial — Assunto novo, nunca é demais repetirem-se as linhas gerais da técnica pericial para a confirmação da alucinação canábica, quer na sua sintomatologia clínica, atrás descrita; quer no inquérito social da vida pregressa do delinqüente; e quer nos meios laboratoriais, ainda não muito em voga.

A tarefa pericial, bem conduzida, deve verificar: — a transitoriedade ou o caráter definitivo dos distúrbios psíquicos; a extensão, a frequência e a reação anti-sociais; a possível reversibilidade das crises e paroxismos; a objetividade do fato incriminado; as características de que se revestiu; as características individuais do doente, o terreno, o seu biotipo; as suas determinantes endócrinosimpáticas, o seu sistema neuro vegetativo. Se agiu só ou acompanhado.

Só então o perito, ou melhor, os peritos poderão concluir e decidir sobre a sorte do interdicionado, no benefício do mesmo e da sociedade em que vive e que precisa se acautelar dêle nesses distúrbios episódicos e fortuitos.

Narco-análise — Entre os conhecedores da maconha, há o conceito de que ela periferiza os segredos e revela ao mundo exterior os sentimentos íntimos do embriagado canábico (João Mendonça).

Seria assim um meio magnífico nas mãos de uma polícia organizada para a revelação de crimes e criminosos, enriquecendo a prática forense de diagnoses. Von Schrench, que tem estudos sobre o assunto, refere algumas informações, não conclusivas.

LEGISLAÇÃO VIGENTE E MEDIDAS DE SEGURANÇA

Felizmente a legislação brasileira é farta e sábia no assunto, trazendo segurança e punição adequada aos toxicômanos que perturbam a evolução natural da vida em comum.

Egressos da sociedade, agressivos à mesma, os fumadores de maconha, se chegados ao período delirante e perigoso, são regidos pelos dispositivos legais que se seguem, e que nunca é demasiado reproduzir.

DECRETO-LEI N.º 891, DE 25 DE NOVEMBRO DE 1938

Aprova a lei de fiscalização de entorpecentes

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 180 da Constituição de 10 de novembro de 1937;

Considerando que se torna necessário dotar o país de uma legislação capaz de regular eficientemente a fiscalização de entorpecentes;

Considerando que é igualmente necessário que a legislação brasileira esteja de acôrdo com as mais recentes convenções sobre a matéria:

Resolve decretar a seguinte Lei de Fiscalização de Entorpecentes, que vai assinada por todos os Ministros de Estado:

CAPÍTULO I

DAS SUBSTÂNCIAS ENTORPECENTES EM GERAL

Art. 1.º São consideradas entorpecentes, para os fins desta lei e outras aplicáveis, as seguintes substâncias:

Primeiro grupo:

I — O ópio bruto, o ópio medicinal e suas preparações, exceto o elixir paregórico e o pó de Dover.

II — A morfina, seus sais e preparações.

III — A diacetilmorfina, diamorfina (Heroína), seus sais e preparações.

IV — A dihidromorfinona, seus sais (Dilaudide) e preparações.

V — A dihidrocodeinona, seus sais (Dicodide) e preparações.

VI — A dihidro-oxicodeinona, seus sais (Eucodal) e preparações.

VII — A tebaína, seus sais e preparações.

VIII — A acetilodimetil-dihidrotebaína, seus sais (Acedicon) e preparações.

IX — A benzilmorfina, seus sais (Peronina) e preparações.

X — A dihidromorfina, seus sais (Paramorfan) e preparações.

XI — R N-oximorfina (Genomorfina) e preparações.

XII — Os compostos N-oximorfinicos, assim como outros compostos morfínicos de azoto pentavalente e preparações.

XIII — As folhas de coca e preparações.

XIV — A cocaína, seus sais e preparações.

XV — A ecgonina, seus sais e preparações.

XVI — O cânhamo — *Cannabis sativa* — e variedade *indica* (Maconha, meconha, diamba, liamba e outras denominações vulgares).

XVII — As preparações com um equivalente em morfina superior a 0g,20 por cento, ou em cocaína superior a 0g,10 por cento.

Segundo grupo:

I — A etilmorfina e seus sais (Dionina).

II — A metilmorfina (Codeína) e seus sais.

§ 1.º As substâncias a que se refere o 2.º grupo dêste artigo serão sujeitas às exigências estabelecidas para as do 1.º grupo, no que diz respeito previstos nesta lei e à aquisição pelos estabelecimentos farmacêuticos e hospitalares de qualquer categoria.

§ 2.º Ao Diretor do Departamento Nacional de Saúde, de acôrdo com a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, a que se refere o art. 44 desta lei, compete baixar instruções especiais, de caráter geral ou regional, sôbre o uso e comércio de entorpecentes, as quais serão elaboradas pela Seção de Fiscalização do Exercício Profissional.

§ 3.º Essas instruções serão suscetíveis de posteriores revisões, quando fôr considerado oportuno, podendo, em qualquer tempo, ser introduzidas na relação das substâncias discriminadas neste artigo, as modificações que se tornarem necessárias ou de especialidades farmacêuticas que se prestarem à toxicomania.

CAPÍTULO II

DA PRODUÇÃO, DO TRÁFICO E DO CONSUMO

Art. 2.º São proibidos no território nacional o plantio, a cultura, a colheita e a exploração, por particulares, da Dormideira *Papaver somniferum* e a sua variedade *Album* (Papaveraceae), da coca *Erythroxylum coca* e suas variedades (Erythroxilaceae), a do cânhamo *Cannabis sativa* e sua variedade "indica" (Moraceae) (Cânhamo da Índia, maconha, meconha, diamba, liamba e outras denominações vulgares) e demais plantas de que se possam extrair as substâncias entorpecentes mencionadas no art. 1.º desta lei e seus parágrafos.

§ 1.º As plantas dessa natureza, nativas ou cultivadas, existentes no território nacional, serão destruídas pelas autoridades policiais, sob a direção técnica de representantes do Ministério da Agricultura, cumprindo a essas autoridades dar conhecimento imediato do fato à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

§ 2.º Em se tornando necessário, para fins terapêuticos, fará a União a cultura das plantas dessa natureza, explorando-as e extraindo-lhes os princípios ativos, desde que haja parecer favorável da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

DA INTERNAÇÃO E DA INTERDIÇÃO CIVIL

Art. 27. A toxicomania ou a intoxicação habitual, por substâncias entorpecentes, é considerada doença de notificação compulsória, em caráter reservado, à autoridade sanitária local.

Art. 28. Não é permitido o tratamento de toxicômanos em domicílio.

Art. 29. Os toxicômanos ou os intoxicados habituais, por entorpecentes, por inebriantes em geral ou bebidas alcoólicas, são passíveis de internação obrigatória ou facultativa por tempo determinado ou não.

§ 1.º A internação obrigatória se dará, nos casos de toxicomania por entorpecentes ou nos outros casos, quando provada a necessidade de tratamento adequado ao enfermo, ou fôr conveniente à ordem pública. Essa internação se verificará mediante representação da autoridade policial ou a requerimento do Ministério Público, só se tornando efetiva após decisão judicial.

§ 2.º A internação obrigatória por determinação do Juiz se dará ainda nos seguintes casos:

a) condenação por embriaguez habitual;

b) impronúncia ou absolvição, em virtude de dirimente do art. 27.º, § 4.º da Consolidação das Leis Penais, fundada em doenças ou estado mental resultante do abuso de qualquer das substâncias enumeradas nos artigos 1.º e 29.º desta lei.

§ 3.º A internação facultativa se dará quando provada a conveniência de tratamento hospitalar e requerimento do interessado, de seus representantes legais, cônjuge ou parente até o 4.º grau colateral inclusive.

§ 4.º Nos casos urgentes poderá ser feita pela polícia, a prévia e imediata internação fundada no laudo do exame, embora sumário, efetuado por dois médicos idôneos, instaurando-se a seguir o processo judicial, na forma do parágrafo 1.º d'êste artigo, dentro do prazo máximo de 5 dias, contados a partir da internação.

§ 5.º A internação prévia poderá também ser ordenada pelo juiz competente, quando os peritos, por êle nomeados, a considerarem necessária à observação médico legal.

§ 6.º A internação se fará em hospital oficial para psicopátas ou estabelecimento hospitalar particular submetido à fiscalização oficial.

§ 7.º O diretor de estabelecimento, que receba toxicômanos para tratamento, é obrigado a comunicar às autoridades sanitárias competentes, no prazo máximo de cinco dias, a internação do doente e a quantidade de droga inicialmente ministrada, informando inicialmente qual a diminuição feita na toxi-privação progressiva, bem como qualquer outra ocorrência que julgar conveniente participar.

§ 8.º Em qualquer caso de internação de toxicômanos em estabelecimento público ou particular, a autoridade sanitária comunicará o fato à autoridade policial competente e bem assim ao representante do Ministério Público.

§ 9.º O toxicômano ficará submetido ao regulamento do estabelecimento em que fôr internado, e do qual não poderá sair sem que o médico encarregado do tratamento ateste a sua cura. Caso o toxicômano ou pessoa interessada reclame a sua retirada antes de completada a toxi-privação o diretor do estabelecimento particular comunicará essa ocorrência às autoridades sanitárias competentes, que imediatamente providenciarão para a transferência do doente para outro estabelecimento.

Essa transferência se fará mediante gu'a, em que serão consignadas tôdas as informações relativas ao tratamento e à permanência do enfêrmo no estabelecimento de onde se retirou.

§ 10. A autoridade sanitária competente deverá ser sempre cientificada da concessão de alta ao toxicômano, e, por sua vez comunicará o fato, reservadamente, à autoridade policial competente, para efeito de vigilância.

§ 11. A autoridade sanitária competente poderá, a qualquer momento, solicitar do diretor do estabelecimento público ou particular as informações que julgar necessárias e tomar medidas que considerar úteis à fiscalização e tratamento do internado.

§ 12. Todo o estabelecimento público ou particular terá um livro de registro especial para toxicômanos, em que serão consignados os informes relativos à história clínica e ao tratamento.

§ 13. O toxicômano, que se julgar curado e não houver obtido alta, poderá, por si ou por intermédio de terceira pessoa, reclamar da autoridade judiciária competente a realização de exame médico, por profissionais especializados.

§ 14. O estabelecimento particular que não cumprir as determinações estatuídas nesta lei para internação e tratamento dos toxicômanos será passível de multa de um conto de réis a cinco contos.

§ 15. Serão passíveis das penalidades previstas no artigo 3.º desta lei os estabelecimentos sujeitos à fiscalização oficial, que receberem toxicômanos para tratamento.

Art. 30. A simples internação para tratamento, bem como interdição plena ou limitada, serão decretadas por decisão judicial, pelo tempo que os peritos julgarem conveniente, segundo o estado mental do internado.

§ 1.º Será decretada em procedimento judicial e secreto a simples internação para tratamento, se o exame pericial não demonstrar necessidade de limitação de capacidade civil do internado.

§ 2.º Em casos de internação prévia, a autoridade que a houver ordenado promoverá, pelos meios convenientes, a custódia imediata e provisória dos bens do internado.

§ 3.º Decretada a simples internação para tratamento, o juiz nomeará pessoa idônea para acautelar os interesses do internado. A essa pessoa, cuja indicação é facultada ao internado, ficam apenas conferidos os poderes de administração, salvo a outorga de poderes expressos nos casos e na forma do artigo 1.295 do Código Civil, quando o juiz a autorize, de acôrdo com o laudo médico.

§ 4.º A alta do internado só poderá ser autorizada pelo juiz que houver decretado a internação e mediante novo exame pericial que a justifique.

§ 5.º A interdição limitada importa na equiparação do interdito aos relativamente incapazes, assim como a interdição plena o equipara aos absolutamente incapazes, respectivamente na forma dos artigos 5.º e 6.º do Código Civil.

Art. 31. A interdição limitada não acarretará a perda de cargo público, mas, obrigatoriamente, o licenciamento temporário, para tratamento de saúde, de acordo com as leis em vigor.

Art. 32. O processo de internação é sumário e da competência do Juízo de Órfãos, que nomeará, para esse fim, um perito de preferência especializado em psiquiatria, cabendo a nomeação de outro perito ao representante do Ministério Público.

§ 1.º No processo funcionará um curador à lide, sempre que o internado ou interdito, seus representantes legais, cônjuge ou parente até o quarto grau, inclusive, não hajam constituído advogado para defendê-lo.

§ 2.º No caso de divergência de laudo, será permitido ao advogado do internado ou ao curador à lide indicar terceiro perito, também especializado, que falará nos autos, no prazo de cinco dias, a contar da data de sua citação.

§ 3.º Em todos os termos do processo será ouvido o representante do Ministério Público, sob pena de nulidade.

CAPÍTULO III

A PLANTA E SEUS PRINCÍPIOS ATIVOS

A planta ora em estudo é o cânhamo. Nada mais é que isso. Ela é idêntica na Índia, na China, na África Equatorial, nos Estados Unidos da América do Norte, no México e no Brasil.

Pertence à família das *moráceas*; subfamília *canaboidea*; do gênero *cannabis* e espécie *Cannabis sativa* (L.). Tem sua variedade índica, que nos países quentes seria mais intoxicante e mais enérgica.

É claro que pode haver planta mais ou menos crescida, florida, resinosa, de teor tóxico mais ou menos acentuado, mas no fundo é a *Cannabis sativa* (L.).

As plantas usadas no Departamento de Agricultura de Washington, provêm de sementes ou grãos crescidos no Jardim Botânico de Calcutá e, segundo Walton, talvez mais se aproximem da *Cannabis indica* de Lamarck. O cânhamo americano de Kentucky é mais densamente folheado; de folhas mais alternadas e é imperfeitamente dióico.

São plantas anuais; uni-sexuais; dióicas; herbáceas, de metro e meio mais ou menos de altura (Sergipe-Dória), de *caule* erecto, fistuloso, com anéis circulares, distanciados de quatro, a vinte polegadas, pouco ramificado, dando fibras ora grandes, ora pequenas, e tanto mais comercialmente úteis, quanto menos resinosas. Tanto maior é o número de gerações sucessivas, tanto mais a planta é resinífera (mais tóxica) e menos útil ao comércio legal.

As *folhas* são opostas na parte inferior do caule; são alternas na parte superior; estipuladas, da limbo profundamente fendido, de 5 a 7 lóbulos; margens serrilhadas (Aristides Fontes); longos pecíolos (Iglésias); pseudo-foliolos de pêlos curtos e bordos fendidos, resistentes, perceptíveis ao tato (Vasconcelos Sobrinho); lanceoladas, verde escuro, de 2 a 6 polegadas de comprimento.

As *flores* são amarelo-esverdiadas; sem cheiro; numerosas na parte superior da planta; na axila da folha; as flores femininas sésseis e as masculinas pedunculadas (Vasconcelos Sobrinho): a inflorescência masculina é em cacho de cima, no vértice da haste; a inflorescência feminina é em espiga composta (R. Dória); cada flor tem o seu pedículo; se desenvolve de uma bráctea longa e esta é apenas uma folha atrofiada com estípulas abortadas. Cada flor feminina tem um cálice, o perianto, com pequenas glândulas e o ovário bilocular e depois unilocular é coberto por dois pistilos, de pêlos glandulíferos (Iglésias). Em recentes estudos, Garcia Moreno admite a diamba inter-sexuada, com dupla floração e Schäfner conseguiu a inversão sexual pela luz, pela foto-sensibilização.

Prain e Schäfner acham que o cânhamo só é dióico quando plantado no campo, e na primavera. Na estufa, e durante o inverno, sem idêntica influência da luz solar e da riqueza do solo, há grande percentagem de formas sexuais intermediárias.

Os frutos são arredondados, sem albumina, com embrião oleaginoso, grandemente característico; de 4,5 mm, de casca dura; castanho-escuros. É um aquenio envolto na bráctea.

A resina tóxica e embriagadora está nas sumidades floridas da maconha fêmea. Quem conversa com os grandes fumadores do nordeste, ouve dizer que há a maconha que presta e a maconha que não presta. A maconha para fumar é a da fibra e quebradiça; e de flor amarelinha e pegajosa; estas é que segregam a resina abundante. A capacidade resinífera da planta depende, em razão direta, da maior temperatura ambiente, segura do solo e exposição ao sol (Bouquet).

PLANTIO E COLHEITA

No Brasil, no nordeste, a melhor época de plantio é o mês de agosto. Faz-se uma cova, junta-se estrume, rega-se pouco, e trinta dias depois lançam-se as sementes e, já em dezembro, há o que ver.

Depois da sementeira, segue-se o transplante para os locais de cultivo e posterior colheita. Há os que admitem que a colheita deve ser feita antes da frutificação, que lhe diminui a capacidade resinífera. Hamilton pensa porém que a flor pode ser colhida antes ou depois da aparição do fruto. Chegando a certo desenvolvimento é de hábito fazer-se a *capação* da mesma, cortando-se o ôlho ou rebento terminal e trazendo maior galhada, como se usa aliás com o fumo. Esse trabalho é realizado após quarenta dias de crescimento da planta. Não devem ser colhidas as inflorescências masculinas, que não atingem a finalidade estimulante e hipnótica do vegetal.

A CORTIMENTA

Chegada a idade adulta e à maturidade, devem ser colhidas as inflorescências femininas e as brácteas, que vão sofrer agora a fermentação, isto é, que vão ser cortidas.

Para isso tomam-se caixões onde a erva é colocada e dessecada, fora do sol. Deve ser exposta ao ar; às vêzes, ao orvalho que lhe tira o cheiro desagradável. Nas regiões sanfranciscanas, a cortimenta se faz de várias formas, ora pisando a planta, ora molhando, ora colocando-a sob o calor de galinha, no período do chôco, como ouvi dizer em Alagoas.

As inflorescências femininas, quando cortidas, acham-se prontas a ser usadas e, reunidas, em pequenos molhos, constituem as chamadas *pelotas* ou *belotas*, que é corruptela do primeiro vocábulo. Bouquet acha que a planta feminina é mais ativa que a masculina e esta é a impressão de todos os fumadores de maconha no Brasil. Há, porém, os que, como Dewey, Hamilton e Munch que não lhe encontram diferença.

MANEIRAS DE FUMAR

No Brasil, a maconha é quase sempre usada como fumo. Raramente é empregada sob a forma de chá ou infuso, de beberagens, de balas, sementes ou confeitos, e então tem finalidades curativas, nas chamadas “dores de mulher”, que são as que se registram no período menstrual; e nas dores de dente. Como fumo, o seu emprêgo mais comum no Brasil é sob a forma de cigarros.

Fininho, Baseado, Morrão — O cigarro se apresenta ora como o *fininho* (com um grama da planta); ora como *baseado*, com um grama e setenta,

e ora como *morrão*, com dois gramos e meia. O *cartucho* é um pequeno rôlo da erva, de centímetro e meio de largura, para dois centímetros de comprimento, e daí é que se confeccionam os cigarros. Vi na Bahia o *paiol* que é usado nas reuniões e *assembléias* de viciados.

O cigarro é confeccionado na plama da mão esquerda por uma série de movimentos semelhantes aos dos que fazem o cigarro de palha e fumo de rôlo, misturando fôlha e inflorescência. O papel que serve para o cigarro da maconha e que, na gíria, é chamado *sêda*, tem que ser grosso, em geral de embrulho e que não tenha rápida combustão, havendo os que fumam a diamba envolta em brácteas de milho.

Pode haver adulterações dos cigarros e juntam-se à maconha pedaços de outras plantas, fôlhas de louro picado por exemplo, só havendo o tóxico nas pontas do cigarro.

TÉCNICA DE ASPIRAÇÃO

As fotografias dêste trabalho, que surpreenderam grandes fumadores, no momento da inalação da fumaça, mostram certa atitude de gôzo e de êxtase, bem como a maneira de segurar o cheio, com a cabeça ligeiramente inclinada.

É preciso se aspirar a fumaça de uma maneira prolongada e profunda. Outros preferem fazer três ou quatro tragadas consecutivas o que nos novatos é suficiente para o início da embriaguez canábica. Assisti dois casos em que os fenômenos da alucinose se manifestaram ao fim da terceira aspiração.

No México, cada comparsa dá duas ou três baforadas e cede o cigarro ao companheiro, aproveitando a fumaça exalada das narinas vizinhas. É uma técnica de embriaguez coletiva, e as chupadas não excedem de treze, no que há algo de mito e hábito religioso.

No Brasil, e de acôrdo com as declarações contidas no presente trabalho, o número de cigarros e quantidade de erva usada por dia, varia muito com o fumador, as suas posses, e a abundância do tóxico à venda.

Há os que dizem se contentar com um *fininho* ao dia, dando três tragadas ao levantar e três antes de dormir. Outros fumam, em média, dois *ba-seados* em 24 horas. Creio ser essa uma boa dose para os velhos viciados.

O *preço da droga* — O preço do grama e do cigarro da maconha obedece a lei da oferta e da procura. O inquérito que levamos a efeito mostra que o quilo vai de Cr\$ 60,00 a Cr\$ 400,00 em grosso, máxime se existem nos locais de desembarque vários estrangeiros, aficionados ao vício.

O preço é mais elevado no Rio de Janeiro e, nos meses de entre safra, (março a setembro) quando o baseado, nas proximidades do "Bolero" e do Wonder Bar", chega a elevada quantia de dezoito cruzeiros, ou seja um dólar, de acôrdo com as declarações do saudoso companheiro Dr. Dulcídio Gonçalves. Nessa base o quilo da maconha em grosso, adquirido nas regiões do São Francisco por Cr\$ 100,00, em média, será vendido no Rio de Janeiro e no varejo por Cr\$ 9.000,00, o que representa um lucro fabuloso e alto incentivo ao comércio clandestino da droga.

FUMO COLETIVO

Os conhecedores do vício canábico bem sabem que entre os viciados, há praxe do fumo em conjunto, ou em *assembléia* como se chama no norte da Bahia, na região do Vasa-Barris e adjacências.

Em Cuba, quatro ou seis fumadores constituem uma confradia ou *bonche* e o cigarro de uso coletivo é a *chicharra*.

Êsses locais de fumo coletivo constituem os chamados clubes de *diambistas* onde não falta o desafio rimado, com um folk-lore próprio e vasta-

mente difundido no nordeste brasileiro, com alusões à maconha e a suas conseqüências.

No local chamado “Lixo”, nos arredores de Maceió, em noites escuras, e fugidos da polícia, os “ratos cinzentos” alagoanos se reúnem; cobrem-se até o pescoço com a areia e, no escuro da noite, vêem-se os pirilampos do vício, que são os cigarros da maconha a queimar continuamente, no entre-choques de ditos e desafios, já denunciadores da excitação e alegria canábicas.

É comum dizer-se que fuma-se maconha nas coletividades de ritos religiosos africanos, nos catimbós, nas cerimônias de magia, de misticismo, nos sambas e batuques, nas danças selvagens, para chegar ao estado de Santo.

Isto não é verdade e podemos até afirmar que os conhecidos fumadores de erva são sistematicamente afastados desses ambientes, pela sua turbulência e agressividade, comuns nos intoxicados pelo cânhamo.

O USO DO MARICAS

O perigo do contágio do vício é maior nos que, em vez de cigarro, usam o cachimbo, conhecido entre eles, por maricas, que é, felizmente, pouco usado no Brasil.

Há o delicto de contágio das toxicomanias; os viciados gremiais; os viciados conjugais e o proselitismo é real principalmente, entre menores e adolescentes. Fazem escola.

O *maricas* é um cachimbo, com o tubo de aspiração; o forninho onde se coloca a diamba e, entre os dois extremos, um depósito em que se põe água, cujas vantagens estão no lavar a fumaça, tornando-a mais fresca e agradável. Seriam assim evitadas a náusea, os vômitos e a sensação de ardor experimentada nas primeiras inalações.

Está-se, desde logo, a ver que o *maricas* não é mais que uma variedade dos cachimbos turcos, nos fumadores de ópio, do “narghilé”, e, na técnica de sua confecção, entra muito do gosto artístico de seus donos, desde a simples garrafa comum, ao chifre de boi e aos frutos de cucurbitáceas — a *Lagenaria vulgaris* — com ou sem figuras e desenhos.

Vimos um desses *maricas*, cujo forninho representa a cabeça de um homem, sem a calote craniana e sem cérebro, e que pertenceu a um fumador de maconha de 82 anos de idade, morador em Sant’Ana do Ipanema, e que é presente do Dr. Cláudio Magalhães da Silveira ao Dr. Roberval Carneiro de Farias.

O ruído da fumaça inalada através da água é um motivo muito apreciado em alto mar, nas noites escuras, pelos embarcações semi-embriagados, e Rodrigues Dória cita o fato de a garrafa ou a cabaça apresentarem um pequeno orifício, donde sai fumo, que vai irritar diretamente a pituitária, provocando espirros, o que seria um epifenômeno poético (?) do vício.

TÉCNICA DE IDENTIFICAÇÃO

No Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro, para fins periciais, são usadas as reações de Beam, e de Mustapha-Duquenois. A técnica de Beam consiste num método químico colorimétrico, identificador do tóxico, baseado na reação da potassa alcoólica sobre a resina da planta, dando com a maconha uma coloração roxa ou vermelho arroxedo.

No processo de Mustapha, trata-se o vegetal pelo éter de petróleo; filtra-se; leva-se a banho-maria e juntam-se 2 c.c. do reativo. Agita-se e pelo

adicionamento do ácido clorídrico concentrado, tem-se uma coloração verde, que passa ao cinzento, e à violeta. O reativo de Mustapha compõe-se de:

Vanilina pura — 0,40.

Aldeído acético — 4 gotas.

Álcool a 9° — 20 c.c.

OS PRINCÍPIOS ATIVOS

Muito há ainda que dizer e estudar acêrca das substâncias que no cânhamo dão-lhe propriedades tóxicas e terapêuticas.

Parece passado em julgado que essa substância ou essas substâncias se encontram preferencialmente na *inflorescência pegajosa*, que os autores nacionais chamam, gâlicamente, de sumidades floridas da planta.

No entanto, Peralta e outros acham que, para a preparação do haxixe, deve-se preferir as fôlhas de implantação alta e os talos além da inflorescência, que reconhecem ser o local de eliminação do *óleo ativo volátil*, que é a resina canábica.

Há estudos exaustivos de Bouquet, de anatomia e histologia, mostrando, desde 1904, a localização de tecidos, em que se segrega a *resina perigosa e mortífera*.

Segundo P. Collin, na face superior da fôlha da diamba há pêlos em retorta com carbonato de cálcio e na face inferior pêlos e glândulas, que segregam o óleo volátil e pegajoso. Essas glândulas secretivas são ora sésseis, ora pedunculadas (Banford).

As condições de maior elaboração da resina fazem-se na época de fecundação e sabe-se que quanto mais alta é a temperatura ambiente e mais sêca a atmosfera, tanto maior é a quantidade do produto glandular.

A RESINA CANÁBICA

A extração de princípios ativos da resina, na técnica empregada por Jaime Pereira, é feita pela destilação a sêco da maconha em 3 frascos contendo, respectivamente, uma solução de ácido clorídrico a 2%, acetona e éter de petróleo. Finda a destilação e evaporação dos solvente, consegue-se *um produto oleaginoso, de cheiro intenso e não agradável, de resíduo semelhantes ao pixe, com reações positivas para os reagentes de Wagner e Meyer, e de PH revelador da presença de substâncias alcalinas*.

Jaime Pereira e R. Walton e a maioria de autores estrangeiros de igual responsabilidade, foram levados a crer na presença de "um ou mais alcalóides voláteis", o que até hoje não foi verificado.

Os estudos modernos, exaustivamente conduzidos por Rogers Adams e outros, mostram que, no óleo vermelho purificado da *Cannabis sativa*, estão, entre outros, o Canabinol, o Canabidiol e o Quebrachitol.

CANABINOL

O canabinol, cuja fórmula química é $C_{21} H_{26} O_2$ é conhecido desde 1899, quando foi isolado por Wood, Spirey e Easterfield.

É um produto altamente tóxico, mas as suas atividades não se assemelham às da maconha.

CANABIDIOL

O canabidiol, segundo Adams, é um novo composto existente no óleo vermelho purificado da *Cannabis sativa*, cristalino, facilmente purificável, com a fórmula igual a: $C_{21} H_{30} O_2$ ou $C_{21} H_{32} O_2$.

Metade da molécula é provavelmente um dihidróxido n — amilfenil e a outra parte provavelmente um núcleo alicíclico não saturado (Adams). O *quebrachitol* é também conseguido por destilação do óleo vermelho.

Grande é o número de substâncias de atividade idêntica e grande é a série de homólogos e análogos do canabinol e as várias técnicas de síntese dêesses produtos e derivados.

Subscreevo o ponto de vista de Todd para quem a diamba, ainda hoje, é de tôdas as drogas, capazes de gerar o vício, a *menos conhecida* no ponto de vista científico.

O canabinol fracassou. O canabidiol é farmacologicamente inativo (R. Pereira).

O canabinol é apenas um isômero do canabidiol.

Do que não há dúvida, como ressalta Adams e seus colaboradores, é que "o óleo vermelho de cânhamo deve conter *outros* produtos inteiramente relacionados ao canabinol e ao canabidiol. Os princípios ativos da maconha devem estar entre os produtos dêesse grupo de substâncias. Por outro lado, não é afastada a hipótese da presença de uma substância ativa muito potente no óleo vermelho e sem nenhuma relação estrutural com o canabinol e cannabidiol".

O que há de mais seguro, até há pouco, é que a atividade da droga *está na fração identificada como tetahidro-canabinol* (Adams, Pease, Cain and Clark) — J. Am. Chem. Soci.

AÇÃO FISIOLÓGICA

O cânhamo, em experiências de Regalo Pereira, feitas em cães, quanto à excitabilidade elétrica do simpático, produz um retardamento do *pulso*, ao contrário de tudo quanto se verifica nas observações clínicas e nos depoimentos aqui transcritos.

Já Lucena observara que a maior freqüência do pulso era apenas notada no início da embriaguez canábica e que isto só se devia ao bloqueio do vago pela maconha, mesmo em doses mínimas, e a bradiesfigmia das últimas fases da embriaguez traduzia uma reação de hipo-simpaticotonia.

As reações de Regalo Pereira chegaram justamente a conclusões diversas. O professor paulista concorda em que haja de fato, no início, pulso freqüente e no fim batimentos retardados. Vale dizer taquiesfigmia e bradiesfigmia.

Injetando doses de extrato de maconha na veia de cães, nunca conseguiu, pela excitação do vago direito, nem abolição, nem diminuição de sua excitabilidade, e conclui que, para êle, a taquicardia inicial não corre por conta da atividade da planta e sim por emotividade, e acha que o retardamento do pulso é conseqüente a uma hiperparasimpaticotonia, numa ação direta do tóxico sôbre o núcleo do vago.

O cânhamo tem ainda influência decisiva sôbre o vago no que diz respeito a reações *vaso motoras*, presentes em quase tôdas as observações brasileiras; sôbre o *diâmetro pupilar* e sôbre a *secreção salivar*, cujas alterações são apontadas desde as primeiras fumaças tragadas.

Um centímetro cúbico do extrato fluído alcoólico da planta, por quilo de animal, em cápsula gelatinosa, provoca a *clássica incoordenação motora no cão*, com movimentos laterais da cabeça e do quadril, irritação da conjuntiva ocular, vômitos (Regalo Pereira) e esta é uma prova segura para identificação da planta e da sua capacidade de atuação.

Pela reação de Gayer, que consiste em injetar o extrato acetônico da maconha na veia marginal da orelha do coelho, *vê-se a anestesia da córnea*, outra prova para identificação da diamba, confirmada também nos estudos de Regalo Pereira, que substituiu porém a acetona pelo álcool.

Dose Letal — Segundo as observações de Walton, Martin e Keller a dose letal mínima é de cem miligramas por quilo de animal, em injeções intravenosas de solução da maconha em acetona. É esta uma dose relativamente elevada, e as experiências de Wiechivsky em peritônio de camundongo (1.257 gm. kg); as de Balozet, com a resina crua, (0,5 gm. kg) em camundongo, confirmam esse ponto de vista.

POTENCIALIDADE DA MACONHA BRASILEIRA

Muito se tem discutido sobre a potencialidade da maconha na gênese da alucinação.

Maconha macho não presta; maconha fêmea, amarelinha e pegajenta é boa, diz o habitante das regiões sanfranciscanas.

No entanto o problema não parece estar assim tão elucidado. Há autores nacionais e estrangeiros que assim não pensam e admitem igual atividade para os dois sexos.

José Lucena acha que a ação da maconha é mais discreta e mitigada que a do cânhamo indiano e da marihuana. O mesmo diz Regalo Pereira.

Garcia Moreno declara que enquanto não se apurar e dosar a riqueza da canabina brasileira é lícito supor *baixo* o poder *tóxico* da nossa *Cannabis sativa*.

Opõem-se a essas, as conclusões de Cordeiro de Farias, Pedro Pernambuco Filho e Décio Parreiras que, nas experiências do Rio de Janeiro, afirmam: — “a maconha cultivada e em uso no Brasil apresenta os mesmos perigos e efeitos tóxicos das suas congêneres em outros países, dependentes de sua dosagem, do seu maior ou menor teor de resina, da sua melhor ou pior conservação”. Em abono dêsse ponto de vista estão as concludentes experiências feitas em 1945, no Instituto de Química do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, por José Hasselmann e Oscar Ribeiro, atuando com *Lebistes reticulátus*, como animal, e que dizem: “há probabilidade que a maconha cultivada por nós seja mais potente que a cultivada nos Estados Unidos”.

Ação Terapêutica — Desde muitos anos, o cânhamo indiano é conhecido pelas suas indicações terapêuticas, ora como sedativo local, contra as dores de estômago, as gastralgias, sob a forma de tintura alcoólica de *Cannabis índica*; ora como hipnagogo e sedativo geral, na insônia, na dor de cabeça, nas nevralgias, psicoses e na desmorfinação. O prurido e as coceiras tinham a sua indicação nos velhos formulários; ora em poção, sob forma de extrato fluído, como anti-espasmódico e sedativo.

Sob a forma de decocto, de chá, de infuso, o cânhamo, ainda hoje, é usado nas regiões nordestinas, nas dores de dente e nas “dores de mulher”, isto é, durante a menarca, atenuando as dores. Nos Estados Unidos, Chrstison também a emprega no ato da parturição como ocitocico, e o cânhamo, melhor que a ergotina, estimularia os movimentos uterinos.

É claro que, sob essas formas de produtos medicamentosos e terapêuticos, o uso da *Cannabis sativa* não gera o hábito, nem traz a embriaguez e a alucinação canábicas.

CAPÍTULO IV

MEIOS GERAIS DE PROFILAXIA DA SOCIOSE NO BRASIL

Os meios gerais de combate à sociose canábica estão reunidos e concretizados nas sugestões do Convênio Interestadual da Maconha, reunido na Bahia em 1946, ao qual compareceram os melhores sabedores do assunto.

Apenas lembro à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes a necessidade do *Recenseamento* prévio dos maconheiros no Brasil, *sob sua direta e imediata orientação*.

É preciso sabermos, de vez, a extensão do vício no território nacional, para o combate decisivo ao mesmo.

Foram aprovadas as seguintes sugestões aos governos dos Estados ora empenhados nesta cruzada benemérita:

1. Planejamento das medidas com especial atenção dos Estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia, posteriormente nos outros Estados;
2. Destruição das plantações de Maconha, limitada a sua produção para fins médicos ou industriais;
3. Medidas jurídicas de revisão ou interpretação, destinadas a consolidar legalmente todos os meios de repressão e profilaxia do maconhismo;
4. Inclusão nos congressos, semanas ou reuniões sôbre Psiquiatria, Higiene e correlatos, do tema "Repressão e profilaxia das toxicomanias", especialmente a produzida pela maconha;
5. Estudo e vigilância especial dos delinquentes contra a propriedade, marítimos, prostitutas e presidiários;
6. Especialíssimo trato e amparo para com os adolescentes;
7. Ordem do dia para as questões da infância e maternidade, menores abandonados e desajustados;
8. Criação, na Delegacia de Jogos e Costumes ou congêneres, de um Comissário para repressão das toxicomanias;
9. Instrução e educação do pessoal, indicado para o trato com êsses problemas;
10. Intercâmbio obrigatório entre as C.E.F.E. (trabalhos, fichas de viciados ou de pesquisas);
11. Extensão a todos os Estados da gratificação aos membros da C.E.F.E.;
12. Padronização dos Estados;
13. Multiplicação dos Dispensários de Higiene Mental e das medidas para descobrir os psicopatas, prevenindo, assim, as toxicomanias;
14. Divulgação educativa e selecionada dos perigos das toxicomanias (adolescência, por exemplo);
15. Internamento e tratamento, pena ou medida de segurança, colônias agrícolas para os viciados e traficantes, conforme os casos;
16. Bibliotecas especializadas;
17. Fiscalização hábil, serena e metódica do exercício profissional da medicina e correlatas profissões;
18. Matrícula dos cultos afro-brasileiros e intercâmbio policial-médico de ordem educativa-higiênica.

GLOSSÁRIO

Assembléia — grupo de fumadores de maconha.

Amok — estado delirante, assim chamado pelos malaio e javanezes, devido ao haxixe.

Americana — mesmo que maconha.

Anascha — equivalente à maconha, na Rússia.

Aliamba — mesmo que maconha.

Bang — mistura de folhas de ópio a folhas e frutos de cânhamo, provocadora de grande agitação.

Bazeado — cigarro de maconha, com 1.70 do produto. Tipo médio de cigarro.

Boi — cachimbo para fumar maconha, em uso no Maranhão. Mesmo que maricas.

Birra — mesmo que maconha, no Amazonas (G. Cruls).

Cânhamo — planta textil da família das moraceas; subfamília cannoboidae; gênero *cannabis*; espécie *Cannabis sativa*.

Canábico — o que deriva ou provém do cânhamo.

Capação — técnica que consiste em cortar o ôlho ou o rebento terminal da planta, com a finalidade de aumentar a sua ramagem.

Cortir — mesmo que fermentar.

Canudeiro — pau de cachimbo, de caule fistuloso, por onde é aspirada a fumaça.

Canabismo — prática e uso vicioso do cânhamo.

Chira — mesmo que haxixe, na Tunísia.

Cangonha — mesmo que maconha.

Cartucho — embrulho pequeno de maconha com a dose necessária a três baseados.

Capitães de areia — maneira de chamar os menores delinquentes, na Bahia, que vivem no cais e debaixo das pontes (Jorge Amado).

Cheio — mesmo que cigarro de maconha.

Chicharra — cigarro de maconha, para uso coletivo, em Cuba.

Caroçuda — mesmo que maconha.

Confradia — quatro a seis fumadores de diamba.

Dagga — mesmo que maconha, na África do Sul.

Diamba — mesmo que maconha, vocábulo também muito usado no Brasil.

Diambista — fumador ou vendedor de diamba.

Dirijo — mesmo que diamba.

Diambismo — prática e uso vicioso da diamba.

Da-boa — mesmo que maconha.

Dizô, Dizô — sim, sim, (na África do Sul).

Essrar — preparado secreto, de base de cânhamo, na Turquia e Pérsia.

Erva maligna — maconha.

Erva do norte — maconha.

Escunxista — arrombador.

Fumo d'Angola — maconha proveniente dessa região da África Ocidental.

Fumo de caboclo — maconha.

Fininho — cigarro pequeno de maconha, com um grama do produto (Moreno).

Finote — mesmo que fininho.

Fumo brabo — maconha.

Grogoió — vaso cheio d'água para resfriar o fumo (Silva Bastos).

Ganja — maconha.

Gongo — maconha.

Haxixe — Poção narcótica formada da ganja fervida com manteiga e temperada com açúcar, que produz uma espécie de embriaguez acompanhada de alucinações e visões fantásticas, (Aulete), proveniente da Arábia.

Haxixómano — viciado do haxixe.

Haxixomania — vício do haxixe.

Haxixs — bebedores e fumadores do haxixe.

Haxixismo — prática viciosa do haxixe.

Haxixado — embriagado pelo haxixe.

Haxixin — assassino.

Juanita (dona) — mesmo que maconha.

Liamba — maconha.

Kif — tranquilidade, paz, (de origem árabe).

Lombra — estado de intoxicação pela maconha.

Lombrado — estar na lombra.

Maconha — nome popular dado ao cânhamo no Brasil, quando usado com finalidades inebriantes. Maconha que presta é f mea, cachiada, amarelinha e pegajosa. Maconha que não presta é a macho, sem tratamento. Maconha que embebeda é a que foi cortida.

Maconia — mesmo que maconha.

Marihuana — resina de *Cannabis sativa* (L) — nome conhecido nos Estados Unidos e nas Nações Hispano-americanas. Vem da malihua, em que malin é prisioneiro e hua é propriedade.

Mexicana — maconha do México.

Maraguango — arrombador e teria dado marihuana.

Maconheiro — fumadores de maconha.

Maloqueiro — nome dado aos menores que não têm casa e vivem ao relento, embaixo de ponte, como se fôssem índios em malocas. (Vocábulo empregado em Pernambuco e Alagoas).

- Morrão* — cigarro grande de maconha, com dois gramos e cinqüenta do produto.
Mariguana — mesmo que maconha.
Maruamba — maconha.
Mulatinha — maconha.
Marigonga — maconha.
Macasado — rapadura.
Machear — a planta, significa produzir inflorescências masculinas, que são as menos apreciadas. (Dória).
Machecheis — casas especiais de venda do haxixe.
Maricas — cachimbo que funciona com uma cabaça ou garrafa com água; para atenuar a ação irritante da fumaça do cânhamo.
Malva — maconha.
Narghlé — cachimbo turco para fumar ópio ou haxixe.
Nepenthes — coisa que acaba com a dor (Homero).
Namba — maconha.
Ópio do pobre — maconha.
Pelota — ou belota, é a inflorescência da planta feminina, já cortida para fumar (Dória).
Pango — erva do Brasil, da família das mirtáceas, chamada também liamba (Aulette).
Pito de pango — fumar pango, linguagem de Angola (Morais).
Planta da felicidade — maconha, pelo êxtase produzido (Dória).
Punço — em lugar de Pango, é uma das seis províncias do Congo (Barleus).
Paiól — grande quantidade de maconha (cem a duzentos gramas) para fazer cigarros em fumaças coletivas. Uso na Bahia.
Pretinha — maconha.
Planta do diabo — maconha.
Queimar — mesmo que fumar.
Queimar o cheio — fumar cigarro de maconha.
Qunabu — que deu origem a cannabis.
Rosa Maria — maconha.
Riamba — maconha.
Rato cinzento — mesmo que maloqueiro e capitão de areia (expressão sergipense).
Rafi — maconha.
Rajo — maconha.
Rafe — maconha.
Sêda — papel grosso usado nos cigarros de maconha.

BIBLIOGRAFIA

- RODRIGUES DÓRIA — *Os fumadores de maconha: efeitos e males do vício* — 1916.
P. PERNAMBUCO FILHO — *Vícios Sociais Elegantes*.
JOSÉ LUCENA — *Os Fumadores de Maconha em Pernambuco* — Revista Médica de Pernambuco — Set. Out. e Novembro de 1935.
HEITOR PÉRES — *Diambismo* — 1939.
ROBERT P. WALTON — *Marihuana. Americas New Drug Problem* — 1938.
R. CORDEIRO FARIAS — *Campanha contra o uso da Maconha no Norte do Brasil* — 1943.
JAYME REGALLO PEREIRA — *Contribuição para o Estudo das Plantas Alucinatórias, particularmente da Maconha* — 1945.
STEFAN ZWEIG — *Amok* — 1945.
JOSÉ HASSELMANN E OSCAR RIBEIRO — *A ação tóxica da Maconha cultivada no Brasil* — 1945.
GARCIA MORENO — *Aspectos do Maconhismo em Sergipe* — 1946.
ELELSON CARDOSO — *Convênio Interestadual da Maconha* — 1946.
JOÃO MENDONÇA — *Os Médicos e as Toxicomanias* — 1947.
PABLO O. WOLFF — *La Marihuana en la America Latina. La Amenaza que constituye* — 1948.
ROGER ADAMS e outros — *Structure of Cannabidiol, a product isolated from Marihuana Extract of Minnesota Wild Hemp* — 1940.
ROGER, CAIN AND WOLFF — *Structure of Cannabidiol, Asorption Spectra Compared with those various Dihydric Phenols* — 1940.
ROGER, HUNT AND CLARK — *Structure of Cannabidiol. Reduction and Clearance* — 1940.

- ✓ ADAMS, WOLFF, CAIN AND CLARK — Structure of Cannabidiol. The position of the Linkage between the Two Rings — 1940.
- ✓ ADAMS, PEISE AND CLARK — Isolation of Cannabinol, Cannabidiol, and Quebrachitol from Red Oil of Minnesota Wild Hemp — 1940.
- ✓ ADAMS AND BAKER — Structure of Cannabinol. Preparation of an Isomer, 3 — Hydroxy — 1 — n — amyl — 6,6,9 — trimetenyl — 6 — dibenzopyran.
- ✓ ADAMS AND BAËR — Structure of Cannabinol. A Second Method of Synthesis of Cannabinol — 1940.
- ✓ ADAMS AND BAKER — Structure of Cannabinol. Synthesis of two new Isomers — 1940.
- ADAMS AND WEARN — Synthesis of Cannabinol — 1940.
- ADAMS AND BAKER — Structure of Cannabinol. Synthesis of two additional Isomers containing a Resorcinol Residue — 1940.
- ADAMS AND CLARK — Structure of Cannabidiol. Position of the Alicyclic Double Bonds — 1940.
- ADAMS, CAIN AND CLARÓ — Structure of Cannabidiol. Isomerization of Tetrahydrocannabinol, a Physiologically Active Product. Conversion of Cannabidiol to Cannabinol — 1940.
- ADAMS AND BAKER — Structure of Cannabidiol. A method of Synthesis of a Tetrahydrocannabinol which possesses Marihuana activity — 1940.
- ADAMS, LOEWE AND JELIENK — Tetrahydrocannabinol. Homologs with Marihuana Activities — 1940.
- ADAMS AND PHEE — Structure of Cannabidiol. Isomerization to Tetrahydrocannabinol — 1941.
- ADAMS AND SMITH — Tetrahydrocannabinol, Homologs and Analogs with Marihuana Activity — 1942.
- ADAMS AND LOEWE — Optically Active Synthetic Tetrahydrocannabinols — 1942.
- ADAM AND THEOBALD — Tetrahydrocannabinol Analogs with Marihuana Activity — 1943.
- A. CAMARGO — O Direito Penal e a Obra da Civilização — 1949.
- P. DIAS CORRÊA — O. Id, o Ego e o Superego, ou a estrutura da personalidade psíquica.
- W. KEMPER — Psiquiatria, psicoterapia, psicanálise — 1949.
- J. A. GARCIA — A Psicanálise, transunto do ponto de vista crítico — 1949.

MACONHA (CANNABIS SATIVA) — ESTUDO QUÍMICO E FARMACODINÂMICO

MARIA MARGARIDA TOBIAS E SILVA
Farmacêutica

PROF. DR. EDGARD PIRES DA VEIGA

Em nossas experiências empregamos amostras de maconha obtidas de três diferentes apreensões feitas pela polícia dêste Estado e que nos foram fornecidas com a devida autorização do Presidente da Comissão Estadual de Fiscalização de Entorpecentes. Fomos informados de que se tratava de planta relativamente nova (com menos de 2 anos de colhida), o que tem considerável influência na atividade do produto.

Exame microscópico

Utilizando a técnica referida em Kohn-Abrest (Bibliografia n.º 98) conseguimos observar os principais aspectos botânicos de importância diagnóstica para a maconha:

- a) Pêlos longos, vermiformes;
- b) Pêlos curtos, cistolíticos, com a característica forma de retorta;
- c) Glândulas secretoras de resina; destas só conseguimos assinalar a forma séssil.

Extração dos princípios ativos

Levando em conta que a maioria dos autores especializados opina que os princípios ativos se encontram principalmente na resina, tentamos a extração utilizando os seguintes solventes:

- 1) Álcool — a) a frio (depois de prévia maceração); b) a quente (extração durante 20 horas em aparelho de Soxhlet).
- 2) Éter — a) a frio (depois de prévia maceração); b) a quente (Soxhlet).
- 3) Mistura éter-álcool — (partes iguais) — a frio.
- 4) Éter de petróleo — a) a frio (sem prévia maceração); b) a frio (depois de prévia maceração durante 12 dias, em vaso fechado ao abrigo da luz).

Purificação dos extratos:

- a) Peio carvão animal, a frio; b) pelo carvão animal, a quente.

Eliminação dos solventes:

- a) expontâneamente; b) a B. M. em vaso descoberto; c) a B. M. sob pressão reduzida.

Observação — Ressentiram-se as nossas pesquisas da falta de aparelhagem própria para destilação fracionada sob determinada pressão, indispensável à separação dos princípios ativos da maconha contidos nos vários re-

síduos de evaporação dos solventes já referidos. A improvisação por nós tentada não deu resultados satisfatórios. Em vista do exposto e tendo em conta que os viciados utilizam os produtos da combustão da maconha, resolvemos queimar a planta sob a campânula, fazendo, por meio de máquina de vácuo, a aspiração dos produtos da combustão e recolhendo-os nágua destilada.

Prosseguindo obtivemos: a) água contendo produtos da combustão que puderam ser aspirados; b) o resíduo de evaporação desta água (expontâneamente ou a B. M.).

Dosagem da resina — Empregamos a técnica referida por Kohn-Abrest (Bibliografia n.º 98).

Reações de identificação empregadas — Realizamos as de Beam (alcalina e ácida), a modificação de Bouquet para as citadas reações, a reação da amônia referida por Bouquet e a reação de P. Duquenois e Hassan Neijni Moustapha. A falta de reagentes apropriados não nos permitiu tentar reações importantes como a de Chamwray e as referidas por Wm. J. Blackie (Bibliografia ns. 7 e 39). A técnica das reações que efetuamos e a confirmação dos resultados obtidos nas mesmas foram observados de acôrdo com a descrição feita pelos autores referidos na Bibliografia sob ns. 6, 70, 73, 75, 78, 92 e 98.

RESULTADOS OBTIDOS

1) Na extração — A) *Relativos aos solventes:*

a) *Álcool* — No resíduo de evaporação do extrato alcoólico podemos obter positivas algumas das reações propostas para a maconha (Beam alcalina em a amostra n.º 3, Beam ácida nas ns. 2 e 3 e a reação de Duquenois e Moustapha nas 3 amostras). Foi, porém, necessário proceder previamente a demorado processo de eliminação da clorofila, que o álcool reteve principalmente e que perturbou as primeiras tentativas de verificação das reações.

O resíduo de extração pelo álcool revelou ainda ser o referido líquido insuficiente para uma extração completa, porquanto, o éter de petróleo adicionado à planta aparentemente esgotada, conseguiu extrair ainda pequena quantidade de resina.

b) *Éter* — Reteve menor porção de clorofila que o álcool mas a extração da resina é, também, incompleta.

c) *Mistura éter-álcool* — Deu bons resultados quanto à verificação no resíduo da evaporação do solvente; a extração da resina revelou-se incompleta.

d) *Éter de petróleo* — Revelou-se o melhor dos solventes empregados em relação à extração completa da resina, exigindo ainda menor quantidade de líquido extrator que os demais citados e, retendo melhor porção de clorofila, permitiu mais rápida e melhor verificação das reações, obtidas com êxito até na tentativa feita sem prévia purificação pelo C. animal.

B) *Relativos à purificação pelo carvão animal:*

A purificação pelo carvão animal em extratos obtidos deu bons resultados quando feita a frio e o tempo de contacto não excedeu de 12 horas (vaso fechado ao abrigo da luz).

Quando feita a frio, em tempo mais prolongado, ou quando tentada a quente (B.M.), revelou perda ou alteração (adsorção ou oxidação?) de

princípios ativos demonstrada por falhas de reações, obtidas depois com êxito, em produtos não purificados ou submetidos à purificação em prazo mais curto e a frio.

C) *Relativos à eliminação dos líquidos extratores (obtenção dos resíduos):*

A evaporação espontânea tentada em pequenas porções de líquido em superfície extensa e a vaporização a B. M. sob pressão reduzida deram bons resultados. A evaporação a B. M. em vaso descoberto (sob pressão ambiente) implicou em perda ou alteração de princípios ativos (falhas de reações e do ensaio fisiológico feito em peixes, tendo-se obtido êxito nos resíduos de evaporação espontânea ou sob pressão reduzida).

2) *Na dosagem da resina* — Obtivemos os seguintes dados:

Amostra n.º 1 — 4,7%

Amostra n.º 2 — 5,1%

Amostra n.º 3 — 7,6%

3) *Na combustão da maconha* — A combustão da maconha sob campânula (técnica descrita no estudo farmacodinâmico), aspirando por meio da bomba de vácuo os produtos da combustão e recolhendo-os nágua destilada, deu os seguintes resultados:

A água que reteve os produtos de combustão da amostra n.º 1 apresentou-se como um líquido perfeitamente límpido, de odor ativo, desagradável, *sui generis*.

Os produtos de combustão da amostra n.º 2, recolhidos nágua, tornaram-na turva, ligeiramente amarelada, com odor ainda mais forte que o obtido com a 1.ª amostra e lembrando o da resina da maconha.

Os produtos da combustão da amostra n.º 3 deram com a água uma camada gordurosa sobrenadante e odor forte como o da resina da planta.

Os resíduos obtidos por evaporação da água apresentaram-se: o da amostra n.º 1, incolor, quase imperceptível; o da amostra n.º 2, levemente amarelado; o da amostra n.º 3, amarelo avermelhado.

4) *Na identificação química* — As reações foram tentadas nos resíduos de evaporação dos vários solventes na água, que reteve os produtos da combustão e no resíduo de evaporação desta água.

a) *Reação de Beam (alcalina)*

Amostra n.º 1

No resíduo de evaporação do álcool — *Negativa* (col. amarela).

No resíduo de evaporação do éter — *Negativa* (col. alaranjada).

No resíduo de evaporação da mistura éter-álcool — *Positiva*.

No resíduo de evaporação do éter de petróleo — *Positiva*.

Na água que reteve os produtos da combustão — *Negativa* (incolor).

No resíduo de evaporação desta água — *Negativa* (incolor).

Amostra n.º 2

No resíduo de evaporação do álcool — *Negativa* (col. amarela).

No resíduo de evaporação do éter — *Duvidosa* (col. vermelha alaranjada).

Os resultados outros foram idênticos aos obtidos com a amostra n.º 1.

Amostra n.º 3

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes — *Positiva*.

Na água que reteve os produtos da combustão — *Negativa* (incolor).

No resíduo de evaporação desta água — *Negativa* (incolor).

b) *Reação de Beam* (ácida).

Amostra n.º 1

No resíduo de evaporação do álcool — *Negativa* (col. alaranjada).
Nos resíduos de evaporação dos outros solventes — *Positiva*.
Na água que reteve os produtos da combustão — *Negativa*.

Amostra n.º 2

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes — *Positiva*.
Na água que reteve os produtos da combustão — *Duvidosa* (col. rósea amarelada).
No resíduo de evaporação desta água — *Duvidosa* (col. rósea amarelada).

Amostra n.º 3

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes — *Positiva*.
Na água que reteve os produtos da combustão — *Positiva*.
No resíduo de evaporação desta água — *Positiva*.

c) *Modificação de Bouquet às reações alcalina e ácida de Beam*.

Amostras ns. 1, 2 e 3

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes, na água que reteve os produtos da combustão e no resíduo de evaporação desta água, a modificação de Bouquet não determinou alteração sensível nas reacções já observadas anteriormente. Nos casos em que foram obtidas as já citadas colorações, o álcool amílico reteve apenas a fração corada.

d) *Reação da amônia referida por Bouquet*.

Amostra n.º 1

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes — *Negativa*.
Na água que reteve os produtos da combustão — *Negativa*.
No resíduo de evaporação desta água — *Negativa*.

Amostras ns. 2 e 3

Resultados idênticos aos obtidos com a amostra n.º 1.

e) *Reação de P. Duquenois e Hassan Nejni Moustapha*

Amostra n.º 1

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes — *Positiva e com passagem bem nítida às várias fases da reação. O termo final foi obtido após 8 horas.*
Na água que reteve os produtos da combustão — *Negativa*.
No resíduo de eliminação desta água — *Negativa*.

Amostra n.º 2

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes — *Positiva e com passagem bem nítida às várias fases da reação. O termo final foi conseguido após 6 horas.*
Na água que reteve os produtos da combustão — *Negativa*.
No resíduo de evaporação desta água — *Negativa*.

Amostra n.º 3

Nos resíduos de evaporação dos vários solventes — *Positivo e com passagem bem nítida às várias fases da reação. O termo final foi obtido após 3 horas.*
Na água que reteve os produtos da combustão — *Negativa*.
No resíduo de evaporação desta água — *Negativa*.

Nota especial — Deixamos aqui consignado nosso agradecimento às Farmacêuticas Antonília Pinto Cardoso e Dirce Araújo que nos prestaram sua valiosa colaboração nos exaustivos processos de extração da resina e na parte botânica respectivamente.

ESTUDO FARMACODINÂMICO REALIZADO PELO PROF. DR. EDGAR PIRES DA VEIGA

Experiência sobre os movimentos protoplasmáticos — Em tôdas as experiências feitas, servimo-nos de “pelotas” da maconha, diamba, liamba ou erva santa, como a designam os viciados nesse entorpecente, fornecidas pela Diretoria da Fiscalização do Exercício Profissional, que nos informou serem as mesmas de menos de 2 anos.

Inicialmente, as nossas experiências visaram verificar a atividade de extratos de maconha, obtidos com éter de petróleo e álcool, nos movimentos dos paramécios e nos cílios vibráteis do rinofaringe do *Leptodactylus pentadactylus*.

Paramécios — A observação dos movimentos em células menos diferenciais evidencia-se nos seres mono-celulares providos de cílios vibráteis. Como é sabido, tais movimentos dependem exclusivamente do protoplasma celular e se prestam bem à verificação de substâncias que os aceleram ou inibam. Obtivemos os protozoários por meio da maceração de plantas aquáticas oriundas do dique.

Colocados os paramécios em lâmina, observamos seus movimentos com microscópios de pequeno aumento e, em seguida, adicionamos duas gotas do extrato. Durante quinze minutos, não percebemos alteração nos movimentos dos protozoários. Decorrido aquêlo tempo o movimento dos paramécios testemunhas se foi retardando. Repetimos, por três vêzes, a experiência com cada amostra de maconha, e o resultado foi sempre o mesmo.

Experiências com Leptadactylus pentadactylus — Ainda para verificar o movimento de células isoladas, independentes do sistema nervoso, utilizamo-nos dos cílios vibráteis do rinofaringe da gia.

Aplicamos a seguinte técnica: destruimos o eixo cérebro-espinal da gia, abrimos-lhe a bôca, onde colocamos pequeno fragmento de carvão. Anotamos o tempo gasto pelo carvão para transpor espaço prèviamente delimitado. A seguir, aplicamos o extrato de maconha no rinofaringe e repetimos a observação. Renovamos as experiências três vêzes e tivemos sempre o mesmo resultado: aumento de cinqüenta por cento no tempo gasto, para o mesmo fragmento de carvão percorrer o mesmo espaço.

Como prova, repetimos a experiência, agora, porém, excluindo a maconha e usando, apenas, o éter de petróleo e álcool. Não verificamos quaisquer modificações, donde se conclui que a diminuição de movimento dos cílios vibráteis do rinofaringe da gia foi provocada, exclusivamente, pela maconha.

Experiências em pequenos peixes (Hyphessonbrycon flammeu — Para estas experiências, utilizamo-nos:

a) dos resíduos de evaporação do extrato obtido com o éter de petróleo e com o álcool aos quais juntamos água. Se bem que a resina (resíduos) aparentemente se apresentasse insolúvel, a água ficou impregnada do odor da maconha;

b) da água contendo os produtos de combustão da maconha, obtidos nas condições descritas na parte relativa às experiências realizadas, por via respiratória, em cães.

Tomamos de alguns aquários pequenos, de 50 centímetros cúbicos de água e, em cada um deles, colocamos dez peixes pequenos. Depois, acrescentamos, em alguns deles, os resíduos dos extratos de várias amostras de diamba. Os peixes dos aquários que continham água pura conservavam-se tranquilos. Os que tiveram aquários com água e extrato de liamba mostraram-se, a princípio, agitadíssimos, — chegando alguns deles a saltar do aquário, para, depois, seguir-se diminuição de movimentos. Os peixes que foram postos nágua onde borbulhamos fumaça de maconha apresentaram, de logo, modificação dos cromatóforos (escurecimento do dorso), além da hiperexcitabilidade, manifestando ainda curioso desequilíbrio, nadando com o dorso para baixo e mantendo a nadadeira caudal para a esquerda e outros para a direita. Depois de algumas horas morreram todos.

Nossas experiências, assim, confirmam as feitas por P. Duquenois, descritas em Bul. Sci. Pharmacol, que citamos na bibliografia n.º 72.

Experiências em camundongos brancos — Colocamos camundongos brancos sob campânula a que fizemos chegar fumaça proveniente da queima de maconha. Dois minutos depois, os animaizinhos começavam a apresentar modificações do equilíbrio, paraplegia, taquipnéia. Devolvidos ao ar livre, recuperaram a situação primitiva, depois de 30 a 45 minutos.

Como contraprova, procuramos excluir a interferência dos óxidos de carbono, queimando drogas outras, como raízes de polígala, sumidades floridas de sabugueiro. Embora prolongássemos, por 5 minutos, a experiência, não houve alteração no procedimento dos roedores.

Experiências em cães — Procuramos documentar a ação da maconha sobre os cães, aplicando-a por via intramuscular, endovenosa e respiratória. *Por via intramuscular* — Injetamos em cão de 10 quilos, o resíduo do extrato etéreo a 10 gr. de erva santa dissolvido em 15 cm³ de solvente oleoso. Conservamos o animal sob nossa observação direta, durante 8 horas, sem verificar qualquer alteração em sua conduta. Voltamos, no dia seguinte, depois de transcorridas 20 horas, e ainda encontramos o animal sem alteração digna de nota.

Repetimos a experiência em outro cão, êste agora de 8 quilos, sob as mesmas condições, e os resultados foram idênticos.

Por via endovenosa — Usamos a técnica comum de tensiometria direta da carótida, isto é, anestesiámos um cão de 6 quilos, por meio do "Sonifeno" e tomamos a sua tensão. Injetamos-lhe, depois, na safena, 10 cm³ de extrato aquoso correspondente a 2 gramas de maconha. Não houve qualquer modificação tensiométrica, como se poderá verificar no traçado que se encontra no Arquivo do Laboratório de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, onde realizamos quase tôdas as experiências aqui relatadas.

Por via respiratória — Procuramos fazer um cão inalar fumaça de maconha, queimando para isto, diretamente, a planta. Servimo-nos, infrutiferamente, de vários processos. Chegamos, finalmente, à conclusão de que não obtínhamos resultados satisfatórios por ficarem os princípios ativos condensados na câmara coletora da fumaça. Depois de dez tentativas infrutíferas, mudamos de técnica: colocamos dentro de campânula hermêticamente fechada na parte inferior, cápsula metálica com brasas e maconha. Na parte superior da campânula, fechamos com tampão munido de dois tubos, o orifício existente. A um dos tubos foi ligado à máscara adaptada ao focinho do animal. Assim, queimando maconha, na proporção de 1 grama da planta para cada 5 quilos de cão, obtivemos resultados que passamos a descrever:

Fizemos doze experiências, algumas na presença de membros da Comissão Estadual de Entorpecentes e uma na presença e sob a orientação do Prof. Alex Monnier, catedrático de Fisiologia, da Sorbone.

Observou-se sempre que, após dois minutos de estar sob a ação da fumaça de liamba, o animal apresentava taquicardia, taquipnea, diminuição e, depois, abolição do reflexo do orbicular, emissão de urina e de fezes. Entre o segundo e o terceiro minuto, o animal adormecia. Retirado da goteira, depois de ter passado 4 minutos nela, continuava adormecido por mais uns dez minutos. Depois deste tempo, despertava, apresentando náuseas, vômitos, falta de coordenação, paraplegia.

Numa das experiências, apressamos a recuperação, usando o Cardiazol endovenoso, notando-se, de logo, considerável diminuição na intensidade do choque. Após o animal estar inteiramente desperto, o que se deu depois de 30 minutos de experiência, ainda se evidenciava ligeira falta de coordenação dos movimentos, perturbação da marcha, quedas freqüentes, ao procurar alimento e água.

Todos os animais submetidos às experiências que fizemos manifestaram tal fome que chegavam a comer o próprio vômito, se não encontrassem alimento. Quanto se lhes apresentava alimento, devoravam-no com avidez. A par da fome, observamos que os animais bebiam pequena quantidade de água.

Em três animais dentre os observados, notamos prurido generalizado, que os leva a se coçarem com as patas e com os dentes.

A recuperação total só se obtinha no fim de uma hora.

Em traços gerais, foram êsses os resultados obtidos em 12 experiências.

Quem quiser conhecer minuciosamente as pequenas variantes observadas, consulte os Anais da Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, para os quais faremos trabalho mais completo.

A fim de eliminarmos a possibilidade da interferência dos óxidos de carbono, fizemos experiências, em idênticas condições, com raízes de polígala e com sumidades floridas e sêcas de sabugueiro. Os animais foram retirados da goteira, após minutos de inalação, em perfeitas condições, sem apresentarem quaisquer sintomas de intoxicação.

Por sugestão do Prof. Alex Monnier fizemos um cão inalar a fumaça de um charuto com 2,5 g. de tabaco e, contrariando experiências feitas na França e a nós referidas pelo ilustre Professor da Sorbonne, o nosso animal nada apresentou durante e após a experiência. Não se infira daí a inocuidade do fumo do tabaco (experiência una, experiência nula).

Experiência sobre a vasomotricidade — Usamos a técnica Tredenlembourg-Loewen para perfusão do trem posterior da rã. Com os extratos, os resultados não foram satisfatórios, em virtude da precipitação dos princípios resinosos no líquido perfusor.

Preferimos, então, fazer a perfusão com o líquido de Ringer, onde fizemos borbulhar fumaça de maconha, obtida com a técnica acima descrita, e observamos vasoconstricção, pois o débito das gotas diminuiu de 50%.

Os traçados respectivos estão no Gabinete de Farmacologia e serão publicados nos Anais da Faculdade, no trabalho que já anunciamos.

CONCLUSÕES

Do estudo que fizemos pode-se concluir

a) *no que tange à parte química:*

1) O éter de petróleo revelou-se o melhor dos solventes empregados na extração completa da resina.

2) A purificação, pelo carvão animal, dos extratos obtidos dá bons resultados quando conduzida sob certas precauções (a frio, em vaso fechado,

ao abrigo da luz, 12 horas de contacto no máximo). Quando realizada a quente (B. M.), em vaso descoberto ou a frio em contato demasiado prolongado, importa em perda ou alteração de princípios ativos, dificultando posterior identificação química.

3) Na eliminação dos líquidos extratores, a evaporação espontânea e a vaporização a B. M., sob pressão *reduzida*, podem ser empregadas sem inconvenientes; quando feita a B. M., em vaso descoberto (sob pressão ambiente), incorre nas mesmas falhas que as já observadas a respeito da purificação dos extratos.

4) A tentativa da identificação realizada nos produtos de combustão da maconha recolhidos nágua deu resultados negativos quanto às reações que empregamos (exceto quanto a de Beam ácida). Fazemos a ressalva de que parte da resina ficou retida por condensação na campânula em técnica que improvisamos, o que pode ter sido a causa do insucesso verificado.

5) Nas experiências que realizamos, a reação de P. Duquenois e Hassen Neiji Moustapha revelou-se excelente meio de identificação química quando praticada nos resíduos de evaporação dos vários extratos. Observamos que o tempo para obtenção do termo final característico foi variável nas três amostras, *parecendo estar em relação direta com a proporção de resina*. A reação de Beam ácida apresentou sensibilidade apreciável dando resultados positivos em quase tôdas as tentativas; a reação de Beam alcalina falhou nos casos em que a extração da resina foi incompleta e quando a purificação do extrato e eliminação dos solventes foram conduzidas sem as devidas precauções. A modificação proposta por Bouquet para as reações alcalina e ácida de Beam não trouxe vantagem na identificação química por nós tentada, bem como a reação da amônia referida pelo mesmo Bouquet, a qual deu resultados negativos em tôdas as nossas experiências.

b) *no que tange à parte farmacodinâmica:*

1) É a maconha vaso constrictora periférica.

2) Não tem ação sobre os movimentos dos Paramécios; no entanto, diminui o movimento dos cílios vibráteis do rinofaringe do *Leptodactylus pentadactylus*.

3) Apresentou ação depressiva sobre o sistema nervoso central do cão e do camundongo branco quando inalados os produtos de combustão da planta.

4) Por via intramuscular os extratos de liamba, nas doses por nós tentadas, foram inativos para o cão.

5) Pequenos peixes (*Hiphessonbry* con *Flameus*) mostraram-se extremamente sensíveis à ação da maconha confirmando a observação de outros pesquisadores.

6) As presentes conclusões não são definitivas e vão à guisa de nota prévia.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Cultivation of Cannabis indica in Italy. II. Biological deterioration by aging and chromatographic separation of the active fractions in alcoholic and ethereal extracts.* M. Covello (Univ. Naples). *Farm. sci e tec.* (Pavia) 3, 7-12 (1948); cf. C.A. 42, 3139 C.A. 42, 4308.
- Hashinh. W.Llorens. *Mon. Farm. y terap.* (Madrid) 52, 338-45 (1947); C.A. 42, *Chimie & industrie* 58, 375 (1947).
- Cultivation of Cannabis indica in Italy. I. Chemical characteristics and pharmacological activity.* M. Covello (Univ. Naples), *Farm. sci e tec.* (Pavia) 2, 503-17 (1947); C.A. 42 3139.

- Present-day illegal traffic (in France) in hemp, Cannabis sativa. Identification and physiological activity.* H. Griffon, R. Paris, Le Breton, and M. Janvier (Faculté pharm., Paris). Ann. pharm. franç. 5, 605-17 (1947); C.A. 42, 6988-9.
- Identification and assay of Cannabis indica.* P. Duquénois and Hassan Negm Moustapha, J. Egypt. Med. Assoc. 21224 (1938); C.A. 32, 5993.
- The detection of Cannabis indica. A new test.* M.A. Chamrawy. J. Egypt. Med. Assoc. 20, 193-308 (1937); C.A. 32, 4734.
- Marihuana.* Washington Loréns. Revcol. Farmnacl (Rosario, Arg.) 14, 18-20, 51-60 (1947); cf. C.A. 40, 1632; C.A. 24, 1388.
- Marihuana.* Washington Lloréns. (Lab. quim. Federal, Dept. Bebidas Narcorticas, San Juan. Puerto Rico). Bol. colegio quim. Puerto Rico 2, 3-10 (1945); C.A. 40, 1632.
- Pharmacology and acute toxicity of compounds with marihuana activity.* S; Loewe (Cornell Univ. Med. Col., New Yirk N. Y. J. Pharmacol. 88, 154-61 (1946); C.A. 41, 210.
- Marihuana activity of cannabiniol.* S. Loewe (Cornell Univ. Med. School, Ithaca, N. Y.). Science 102, 615-16 (1945); C.A. 40, 1943.
- Hashish.* A. R. Todd. Experientia 2, 55-60 (1946); C.A. 40, 1933.
- Pharmacological investigations on Cannabis. I. Experiments on the Effect of Cannabis extracts on the central nervous system of the mouse Paul Pulewka and Aziz Tefvik Yeginsov (Hygiene Ins. Ankara). Turk. Z. Hyg. u. exptl. Biol. 2. N.º 1, 117-31 (1940); C.A. 40, 6665.*
- Clinical study of marihuana intoxication.* Guillermo Lage (Inst. Finlay, Habana, Cuba). Rev. me. y cirurg., Habana 48, 441-69 (1943); C.A. 40, 2530.
- The physiologically active fraction of Indian hemp, Cannabis sativa Lin.* B.C. Bose and B. Mukerji (Biochem. Standardization Lab., Govt. of Indio. Calcutta). Indian J. Med. Research 33, 265-70 (1945); cf. C.A. 37, (1945).
- The toxic action of maconha (Cannabis sativa) cultivated in Brazil.* José Hasselmann and Oscar Ribeiro. Anais assoc. quim. Brasil 4, 177-80 (1945); C.A. 40, 7395.
- Pharmacologically useful products from cannabidiol.* Roger Adams. Brit. 558, 418, Jan. 5, 1944; Chem Abst. 39, 4194.
- Active principles of cannabis.* Armando Novelli. Rev. centro estud farm. bioquim. 33, 281-5 (1944); C.A. 39, 2177.
- Origin of Cannabiniol.* Joseph Levine J. Am. Chem. Soc. 66, 1867-70 (1944); C.A. 39, 158.
- The Marihuana problem in the City of New York.* (Book) Sociological, Medical, and Pharmacological Studies. By the Mayor's Committee on Marihuana. Lancaster, Pa. Jaques Cattell Press. 1944. 220 pp. \$2.50 Reviewed in Science 101, 538 (1945); C.S. 39, 3363.
- Use of the killfish, Fundulus Heteroclitus, in the assay of marihuana* H.E. Warmke. J. Am. Pharm. Assoc. 33, 122-5 (1944); C.S. 38, 2791.
- Analytical classes of cannabiniol compounds in marihuana resin.* Charles C. Fulton. Ind Eng Chem., Anal. Ed. 14, 407-12 (1942); C.A. 36, 4285.
- Isolation of a physiologically active tetrahydrocannabinol from Cannabis sativa resin.* H. J. Wolner, John R. Matchett, Joseph Levine and S. UoUewe. J. Am. Chem. Soc. 64, 26-9 (1942); C.A. 36, 1323.
- Action of Cannabis sativa (indica) on respiration.* P. Mascherpa and M. Bazzi. (Arch. Path. Pharmacol. 197, 306-12; C.A. 36, 5897.
- Evidence of another physiologically active principle in Cannabis sativa (marihuana).* Gordon A. Alles, A. J. Haagen. Smit, George A. Feign and Walter B. Dandliker. J. Pharmacol. 76, 21-6 (1942); C.A. 36, 7232.
- Drugs of addiction. Micromethods for their identification.* Arne Han-Svensk. Kem Tid. 58, 10-23 (1946); C.A. 40, 3565.
- Indian and Mexican hashish.* Leonardo Gutierrez-Colomar. Mon. farm. 5249-59 (1946); C.A. 40, 4175 — A general discussion.
- Physical and chemical similarities of oils isolated from components of the etanolic extrat of Cannabis sativa.* Edmundo R. Sermak, Jerome A. Miller and Harold Torney Science Studies, St. Bonaventure College 9, 3-5 (1940); C.A. 35, 1929.
- Struture of Cannabidiol. VIII. Position of the double bonds in cannabidiol. Marihuana activity of tetrahydrocannabinols.* Roger Adams, S. Loewe, Soc. 62, 2566-7 (1940); C.A. 35, 1403.
- Struture of cannabidiol. XII. Isomerization to tetrahydrocannabinols.* Roger Adams, C. K. Cain, W. D. Mc. Phee and R. B. Wearn, J. Am. Soc. 63, 2209-13 (1941); cf. C.A. 35, 5893; C.A. 35, 6590.

- Cannabis indica*. V. *Synthesis of cannabinal*. R. Ghosh, A. R. Todd and S. Wilkinson. J. Chem. Soc. 1940. 1939-6 cf. C.A. 34, 7907; C.A. 35, 742.
- Cannabis indica*. A. *The condensation of pulegone with alkyl resorcinols. A new synthesis of cannabinal and of a product with hashish activity*. R. Ghosh, A. R. Todd and D. C. Wright. J. Chem. Soc. 1941, of. C.A. 35, 742.
- Cannabis indica*. VII. *The relation between chemical constitution and G* Wolfe. J. Chem. Soc. 1941, 169-72; C.A. 35, 4378; C.A. 35, 4754.
- Tetrahydrocannabinol homologs with marihuana activity*. IX. Roger Adams, S. Loewe, Charles Jelinek and Hans Wolff. J. A. Chem. Soc.. 63, 1917-3 (1941); cf. C.A. 34, 7908; C.A. 35, 5892.
- Tetrahydrocannabinol homologs and analogs with marihuana activity*. X; Rogeh Adams, C. M. Smith and S. Loewe. Ibid. 1973-6.
- Tetrahydrocannabinol analogs with marihuana activity*. XI. Roger Adams, C.A. 35, 5893.
- Chemistry of the hemp drugs*. A R Todd. Nature 146, 829-30 (1940); C.A. 35, 1580-A review.
- Marihuana investigations*. III. *The effec of region of growth of hemp on response to the acid and alkaline*. Beam test B. B. Robinson and J. R. Matchett. J. Am. Pharm. Assoc. 29, 448-53 (1940); C.A. 34, 7504; C.A. 35, 278.
- Color reactions for Cannabis sativa resin*. Wm J. Blackie. Ind. Eng. Chem., Anal. Ed. 13, 96-7 (1941); cf. Charmrawy, C.A. 32, 4724; Duquenois and Moustapha, C.A. 32, 5993; C.A. 32, 2277.
- Preparation of an extract having "marihuana-like" activity from the fruit of Cannabis sativa*. John R. Matchett and S. Loewe. J. Am. Pharm. Assoc. 30, 130-2 (1941); C.A. 35, 6062.
- Cannabis indica* III. *The synthesis of dibenzopyran derivatives, including an isomer of cannabinal*. R. Ghosh, D. C. S. Pascall and A. R. Todd J. Chem. Cos. 1940, 1118-21; cf. C.A. 34, 5452; 34, 7907.
- IV. *the synthesis of some tetrahydrodibenzopirran derivatives*. R. Ghosh, A. R. Todd and S. Wilkinson. Ibid. 1121-5; C.A. 34, 797.
- Struture of cannabinal*. V. *A. second method of synthesis of cannabinal*. Roger Adams and B. R. Baker. J. Am. Chem. Soc. 62, 2401 (1940); cf. C.A. 34, 6622.
- VI. *Isomerization of cannabidiol to tetrahydrocannabinol, a physiologically active product. Conversion of cannabinal*. Rogers Adams, D. C. Pease, C. K Cain and J. H. Clark. Ibid. 2202-5; cf. C.A. 34, 6624.
- VII. *A method of synthesis of a tetrahydrocannabinol which possesses Marihuana activity*. Roger Adams, and B. R. Baker. Ibid. 2405-8; C.A. 34, 7908.
- XIII. *Position of the double bonds in cannabinal. Marihuana activity of tetrahydrocannabinols*. Roger Adams. S. Loewe, D. C. Pease. C. K. Cain, R. B. Waern, R. B. Baker and Hans Wolff. J. Am. Chem. Soc. 62, 2566-7 (1940); C.A. 34, 7908.
- Synthesis of cannabinal*. Garfield Powell and Thomas H. Berbry, J. Am. Chem. Soc. 62, 2568-9; C.A. 34, 7908.
- Cannabis indica*. II. *Isolation of cannabidiol from Egyptian hashish. Observations on the structure of cannabinal*. A. Jacob and A. R. Todd. J. Chem. Soc. 1940, 649-53; cf. C.A. 33, 5073; cf. C.A. 34, 3441; C.A. 34, 5452.
- The active principles of Cannabis indica resin*. I. Thomas S. Work, Franz Bergel and Alexandre R. Todd. Biochem. J. 33, 123-7 (1939); C.A. 33, 5073.
- Struture of cannabidiol, a product isolated from the marihuana extract of Minnesota wild hemp*. I. Roger Adams, Madison Hunt and J. H. Clark. J. Am. Chem. Soc. 62, 196-200 (1940); C.A. 34, 635.
- Struture of cannabinal*. I. *Preparation of an isomer, 3-Hydroxy-1-amyl-6, 6, 9-trymethyl-6-dibenzopyran*. Roger Adams, D. C. Pease, J. H. Clark and B. R. Baker. J. Am. Chem. Soc. 62, 2197-200 (1940); C.A. 34, 6621.
- II. *Synthesis of two new isomers, 3-hydroxy-4-amyl-and 3 hydroxy-2-amyl-6, 6, 9-trimethyl-dibenzopyran*. Baker. Ibid. 2201-4; C.A. 34, 6622.
- III. *Synthesis of cannabinal, 1-hydroxy-3-amyl-6, 6, 9-trimethyl-6-denzopyran*. Roger Adams, B. R. Baker and Wearn. Ibid. 22047; C.A. 34, 6622.
- IV. *Synthesis of two additional isomers containing a resorcinol residue*. Roger Adams and B. R. Baker. Ibid. 2208-15; C.A. 34, 6622.
- V. *Position of the alicyclic double bonds*. Roger Adams, Hans Wilff, C. K Cain and J. H. Clark. Ibid. 22-15-19; C.A. 34, 6623.

- X *Isolation of cannabinol, cannabidiol and quebrachitol from red oil Minnesota wild hemp.* Roger Adams, D. C. Pease and J. H. Clark. *J. Am. Chem. Soc.* 62, 2194-6 (1940); C.A. 6624.
- Conversion of cannabidiol to a product with marihuana activit. A type reaction for the synthesis of analogous substances. Conversion of cannabinol.* Roger Adams, D. C. Pease, C. K Cain, B. R. Baker, J. H. Clark, Hans Wolff and R. B. Wearn. *J. Am. Chem. Soc.* 62, 2245-6 (1940); C.A. 34, 6623.
- Physiologically a active principle from Cannabis sativa (marihuana).* A. J. Haafen-Smit, C. Z. Wawra, J. B. Koepli, G. A. Alles, G. A. Feign and A. N. Prater. *Science* 91, 602-3 (1940); C.A. 34, 6018.
- X *Marihuana.* Roger Adams. *Science* 92, 115-19 (1940); C.A. 34, 7066.
- Marihuana investigations. II The effect of variety, maturity, fertilizer treatment and sex on the intensity of response to the Beam test.* John R. Matchett, Jos. Levine Louis Benjamin, B. B. Robison and O. A. Pope. *J. Am. Pharm.-Assoc.* 29, 399-494 (1940); cf. C.A. 32, 3091; C.A. 34, 7540.
- Report of the marihuana investigation (summer of 1937).* H. J. Wollner, John R. Matchett, Joseph Levine and Peter Valaer. *J. Am. Pharm. Assoc.* 27., 29-36 (1938); C.A. 32, 3091.
- League of Nations Consultative Commission on the traffic in opium and other dangerous drugs. Subcommittee on cannabis.* V. F. de Myttenaere. *J. Pharm. Belg.* 22, 163-8 (1940); cf. C.A. 33, 8913; C.A. 34, 6763.
- League of nations Commission on opium and other dangerous drugs. Cannabis.* V. F. de Myttebaere. *J. Pharm. Belg.* 21, 571-4, 597-9615 17 (1939); cf. C.A. 33, 2283; C.A. 33, 8913.
- League of nations subcommittee on cannabis. Suplement to the fourth report.* F. de Myttenaere. *J. Pharm. Belg.* 20, 683-6, 702-7, 723-8 (1938); cf. C.A. 32, 8073; C.A. 33, 2283.
- Hashish.* Remziye and Sezile Edesen. *Kimay Annali* 3, 167-83 (in Turkish) (in French, 183-93) (1938); *Chimie & industrie* 42, 561; C.A. 34, 3021.
- Detection and determination of hashish in sensorial drugs and in viscera.* Pierre Duquenois and Hassan N. Moustapha. *Ann. Med. Legale criminol. police sci.* 18, 485-506 (1938); C.A. 33, 8525.
- Marihuana — preliminary note on investigations.* Herbert J. Wollner. *Ind. Eng. Chem, News Ed.* 17, 117 (1939); cf. C.A. 32, 3091; C.A. 33, 3523.
- Walton, Robert P.; *Marihuana, America's News Drug Problem*, Philadelphia; J. B. Lippincott Co. 223 pp. \$3.00.
- Cannabis X.* J Bouquet *Arch. inst. Pausteur Tunis* 27, 368-443 (1938) cf. C.A. 31, 6411; C.A. 33, 3527.
- Cannabis.* J. Bouquet. *Arch. Insti. Pausteur Tunis* 26, 288-317 (1937); C.A. 31, 6411.
- Marihuana.* Paul Esquivel Medina and Miguel E. Gonzalez G. *Rev. Sanidad militar* 3, 23-31 (1939); C.A. 33, 8360.
- The physiological action of the resin of Indian hemp on small fishes.* P. Duquenois. *Bull. sci. pharmacol.* 46, 222-31 (1939); C.A. 33, 7393.
- A. characteristic color reaction of hashish.* Pierre Duquenois and Hassan N. Moustapha. *Bull. sci. pharmacol.* 45, 203-5 (1938); cf. C.A. 32, 5993.
- The Beam reaction (for hashish) in expert testimony.* Marie J. Papavessiliou and S. N. Liberato. *J. pharm. chim.* 27, 19-32 (1938); cf. C.A. 31, 1730; C.A. 32, 6402.
- Beam's reaction.* Mme. M. J. Papavessiliou and S. N. Liberato. *Ann. Méd. légale. criminol. police aci.* 16, 455-65 (1936); cf. Rende C.A. 26, 3327, 4912; Khouri, C.A. 30, 1180; C.A. 31, 1730.
- Indian hashish* J. Bouquet. *Bull sci. pharmacol.* 45, 107-22, 161-73 (1938); C.A. 32, 5157.
- Chemistry and pharmacology of Cannabis sativa Panama.* Lawrence S. Malowan. *Arc. Pharm.* 276, 150-4 (1938); C.A. 32, 5996.
- Report of League of Nations subcommittee on cannabis.* F. de Myttenaere. *J. Pharm. Belg.* 19, 803-3 (1937); C.A. 32, 1402.
- Fiel test for marihuana (Cannabis).* Arno Viehoever. *Am. J. Pharm.* 109, 159-91 (1937); C.A. 32, 2288.
- The relative activity of various purified products obtained from American grow hashish.* R. P. Walton L. F. Martin and J. H. Keller. *J. Pharmacol.* 62, 239-51 (1938); C.A. 32, 3819.
- Toxicologie — Nicolas Trivisonno.*
- Toxicologie — A. Chapuis.*

Toxicologie Chimique — L. Barthe.

Toxicologie Moderne — Roger Douris.

Chimie Toxicologique — Ogier-Kohn Abrest.

Precis de Chimie Analytique — D. Deniges — L. Chelle — A. Labat.

Enciclopedia Medico Chirurgicale — Directeur general A. Laffont.

Pharmacopeia of United States of America.

Farmacopeia Portuguêsa.

The British pharmacopeia.

The extra Pharmacopeia — Martindale and Wescott.

Revista da Flora Medicinal — Março 1945 — n.º 3 — Contribuição para o estudo das plantas alucinatórias particularmente da Maconha (*Cannabis sativa*) — Prof. Jayme Regallo Pereira.

Manual of Materia Médica — Thornton.

Encyclopedia of chemistry — Booth.

Principles of Pharmacy — Army.

Pharmacology and Therapeutics of the action of drugs — Cushby.

Materia medica and Pharmacology — Gulbreth.

Precis de Toxicologie — Kohn-Abrest — 2e. edition.

Warmke. J. Am. Chem. Soc. 64, 26-9 (1949); C.A. 36, 1323.

USO DA MACONHA (CANNABIS SATIVA L) NO BRASIL

Medidas de repressão sanitária e policial *

DR. R. CORDEIRO DE FARIAS
Presidente da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes
Membro do Conselho Nacional de Saúde
Ex-Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina

I

Na viagem de inspeção feita ao norte do Brasil, em 1941, o Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina incluiu no seu programa a instauração de um inquérito sêbre o uso da maconha no norte e nordeste brasileiros, afim de averiguar seu grau de disseminação na população daquelas regiões.

Do que lhe foi possível colhêr sôbre esta modalidade de toxicomania no nosso país apresentou um relatório à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, pois considerou um problema merecedor de estudo, mesmo nas regiões onde a maconha grassa em estado nativo e é cultivada clandestinamente para uso da população local e como objeto de comércio ilícito.

A *maconha* é o próprio cânhamo verdadeiro — a “*Cannabis sativa*” aclimatada no Brasil, com rica sinonímia popular, sendo conhecida, também, conforme a região onde se desenvolve, sob os nomes de *diamba*, *pango*, *liamba*, *dirijo*, *birra*, *erva*, *fininha*, *fumo de Angola*, etc.

Esta planta dióica, sob forma de arbusto, é a mesma, também nativa na América Central e no México, conhecida pelo nome de “*Marihuana*”, “*Rosa Maria*”, “*D. Juanita*” e outras denominações populares, onde é largamente usada, daí se propagando o vício, em grande escala, para os Estados Unidos.

No Brasil o cânhamo é usado de preferência em inalações, principalmente sob a forma de cigarros e outrora em cachimbos especiais, conhecidos no norte do Brasil sob o nome de “*maricas*”, que são uma adaptação do cachimbo d’água persa “*nargileh*”.

Em todo território brasileiro é desconhecido o uso da maconha sob a forma de bebidas licorosas e electuários de “*hashish*”, como o “*Bueng*”, o “*Lutki*” e o “*Dawamesk*” largamente usados no antigo continente, muito embora aí também predomine o seu uso em cigarros e cachimbos d’água. Entre nós, os cigarros de maconha são feitos com folhas, pecíolos, ramos floríferos e frutos da planta sêca e resinosa, recebendo, conforme o pêso, as denominações de “*morrão*” (de 2,50 g.), “*baseado*” (de 1,70 g.) e “*fininho*” (de 1,0 g.).

* Trabalho publicado no “BULLETIN DES STUPEFIANTS” Vol. VII, N.º 2. Mai-Aout 1955 Nations Unies.

Chegamos à conclusão, na nossa primeira inspeção, em 1941, de se achar muito descurado, por parte das autoridades sanitárias e policiais, o serviço de fiscalização do uso da maconha nos Estados do norte, onde esta planta é nativa e largamente usada pela classe baixa de sua população.

Só verificamos, naquela época, um serviço de repressão policial bem orientado em Pernambuco, onde a Delegacia de Vigilância e Costumes havia fichado os fumadores inveterados e vendedores de maconha.

Em Recife, calculava então o delegado de Vigilância e Costumes, em mais de duzentos o número de fumadores de maconha, observando já haver por parte dos traficantes um certo trabalho em difundir o vício entre os escolares.

Pelas impressões colhidas naquela inspeção achamos constituírem os Estados do Maranhão e Piauí, ao norte e Alagoas e Sergipe no vale do São Francisco, os principais focos de onde se irradiavam para as regiões circunvizinhas o vício da maconha e o contrabando desta planta para o sul do país.

Na Bahia e em Pernambuco observamos um certo número de fumadores, parecendo provir a diamba dos Estados vizinhos, pois nêles não se encontram quase cultura desta planta.

Como não viesse se reunindo com regularidade a maioria das Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes, por falta de orientação de trabalho, em virtude de ser deficiente o Serviço de Fiscalização de Medicina em grande número dos Departamentos de Saúde dos Estados do norte, o Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização de Medicina sugeriu ao Diretor do Departamento Nacional de Saúde, incentivar nos Estados aquêle serviço de fiscalização, ao qual está afeto o contrôlo de entorpecentes e ao mesmo tempo organizar, por intermédio da Comissão Nacional, o regulamento das Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes.

Por meio das Delegacias Federais de Saúde foi se despertando o trabalho de fiscalização de medicina e farmácia e das profissões que lhes são afins nos Departamentos Estaduais de Saúde, onde era deficiente esta organização e as Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes começaram a se reunir regularmente e a realizar um trabalho interessante, graças ao regulamento organizado pela Comissão de Fiscalização de Entorpecentes, que lhes traçou as normas para suas atividades.

O problema da maconha, até então completamente descurado em muitos dêles, começou a ser tratado com particular interesse, tornando-se bem orientado em alguns Estados e em vias de realização em outros, obtendo-se assim a uniformidade da fiscalização da maconha em tôda zona onde houvesse o seu uso por parte dos viciados.

Acentuamos naquela época a necessidade de ser intensificada em todo o norte e nordeste do nosso país a campanha contra o uso desta planta em virtude do acúmulo de tropas nacionais e estrangeiras em operações de guerra, sediadas então naquelas regiões, que podiam se tornar prêsas fáceis do vício à maconha, com os malefícios daí decorrentes.

O Dr. Paul Wolff, no seu trabalho "Narcomanias e criminalidade", apresentado à Sociedade Argentina de Criminologia, em outubro de 1941, ventila as relações entre a criminalidade e o efeito da resina do cânhamo indiano (*Cannabis sativa*) conhecido pelo nome de "hashish" no velho continente e designado sob as denominações de "marihuana nos Estados Unidos e México e de maconha ou diamba no Brasil.

A extensão do uso da "marihuana" nos Estados Unidos é um exemplo significativo da disseminação de uma toxicomania até então quase inexistente.

Este abuso se desenvolveu particularmente nos anos de 1935 e 1936, sendo até dez anos antes, relativamente insignificante, exceção feita em algumas regiões do sudoeste do país.

Reko, em 1936, publicou uma minuciosa informação sôbre o uso da "marihuana" no México, citando que o contrabando desta droga nos Estados Unidos ascendia nesta época a várias toneladas.

Agora, infelizmente, diz o Dr. Wolff, esta droga representa nos Estados Unidos um papel mais importante do que se podia imaginar há pouco tempo.

Em 1938 e 1939, durante um período de 15 meses, foram registrados 1.500 violações da lei devido ao uso da "marihuana", tornando-se a situação criada especialmente perigosa, porque no vício já se encontram pessoas que anteriormente não estavam contaminadas por um hábito desta natureza.

O que facilita no Brasil o desenvolvimento do vício da maconha é o fato da Cannabis sativa ser uma planta de crescimento silvestre e de cultura clandestina relativamente disseminada em certas regiões do nordeste e norte do país, tornando-se seu uso de fácil propagação, pois basta fumar os cigarros feitos com sua florescência, de preço barato e, portanto, de fácil aquisição, até pelos colegiais, aos quais os traficantes presenteiam à princípio, para acostumá-los ao seu uso.

Não está esclarecido perfeitamente se a maconha ou "marihuana" determina uma narcomania completa.

Segundo os conhecimentos atuais, diz o Dr. P. Wolff, só se pode comprovar que é desastroso o efeito exercido sôbre inúmeras pessoas e que se desenvolve sob um certo grau uma toxicomania, quando se faz uso da "marihuana" por um largo espaço de tempo.

Grande número de fumadores desta droga, embora nem todos, sente a necessidade de aumentar a dose, se bem que não produza a mesma escravidão que os opiáceos.

Fato importante averiguado por Walton é que os fumadores de "marihuana" são induzidos por esta droga a tomar heroína.

Segundo estudo de Wolff, os efeitos físicos e mentais da "marihuana" conduzem sem dúvida a uma degeneração mental e moral.

Mesmo não produzindo, como parece, uma dependência física, esta droga é certamente muito nociva, pelos malefícios que determina aos que se entregam ao seu uso.

Sabido que o maconhista pode converter-se num indivíduo perigoso, não se deve concluir que todo aquele que fume e se intoxique com cigarros de cânhamo fique com ímpetos criminosos, embora seja inegável que o uso excessivo desta droga leve certos indivíduos a cometer crimes.

Muitas vêzes não se trata de delitos internacionais, mas sim de crimes originados pela situação, em parte por uma reação patológica, em parte por um impulso especial determinado pela intoxicação.

A "marihuana" ou maconha, é parecida, a êste respeito, com o álcool, sendo provavelmente mais perigosa, devido às sensações e alucinações particulares que determina.

Com o seu uso geram-se inibições e deforma-se a razão. Para a reação individual é de máxima importância o caráter da pessoa e isto de um modo particular quando se encontra sob o efeito da intoxicação. Produz-se, a miúdo, uma sensibilidade extraordinária, uma excessiva irritabilidade, como consequência de idéias paranóicas, que se desenvolvem rapidamente sob a influência da maconha. O estado de pavor, de delírio, de excitação extrema recrudescer a tal ponto que conduz o indivíduo ao suicídio e ao homicídio.

Muitas vêzes os fumadores de maconha se sentem perseguidos e terminam por converter-se em perseguidores, atacando na sua carreira desenfreada, a todos que encontram no seu caminho.

O intoxicado tem ímpetos de se livrar de um perigo imaginário e então ataca e se torna perigoso, por aumentar a maconha notavelmente as inclinações individuais.

Assim se explicam muitos fatos criminosos, cuja origem se deve procurar no efeito característico desta droga.

Os fumadores de maconha têm sensações eufóricas, alucinações visuais e auditivas e de acôrdo com o seu temperamento e constituição psíquica são levados a práticas de agressões e crimes, caindo por fim num estado de decadência física e moral, como conseqüência do uso prolongado desta droga inebriante e entorpecente.

Muitas tragédias ocorridas entre os nossos bravos jangadeiros e sertanejos talvez encontrem a sua causa na embriaguez determinada pela diamba ou maconha.

Conseqüentemente, para cometer graves crimes, até contra a vida de terceiros, sob a ação desta planta, bastam motivos fúteis e até sem pretexto algum. Daí se origina o nome "hashishim", que significa "assassino", o homem que sob a influência da resina do "hashish" é capaz de matar, de acôrdo com as ordens recebidas.

Alguns destes viciados gozam de reputação de ter coragem, intrepidez e impetuosidade. São homens que, de qualquer maneira, querem provar sua força. Entre seus companheiros, menos animosos, desempenham o papel de heróis e estão em primeira linha quando há disputas com terceiros, quando não as provocam diretamente.

Esta tendência se manifesta com tanto vigor, que se cuida muito deles, evitando-se ofendê-los ou excitá-los.

Na realidade, porém, não se trata de heróis autênticos.

Durante o estado de embriaguez êles próprios são vítimas de sustos e alucinações, iguais aos demais, fugindo quando a situação se torna perigosa.

Os indivíduos com fantasia animada sentem um efeito muito mais intenso do que aquêles cuja vida anterior é desapaixonada e normal. A maconha cria e fomenta idéias e ilusões que já estão preformadas no cérebro, mas não cria outras novas. Assim é possível que um indivíduo já propenso ao crime, pelo efeito exercido pela droga, privado de inibições e do contrôle normal, com o juízo deformado, leve à prática seus projetos criminosos.

É diferente o efeito num indivíduo são: quando se intoxica com maconha comporta-se como a pessoa alcoolizada, torna-se incômodo para si mesmo e para os outros, sem constituir um perigo.

P. Wolff chama a atenção para esta diferença de atitudes, que reputa muito importante.

Mesmo inalada em quantidades moderadas a maconha não carece de perigo. Sua ação, sôbre a percepção e o sentido de correlação de tempo e espaço, pode ser causa de acidentes quando, por exemplo, o fumador desta droga dirige um veículo.

Encontram-se muitíssimos criminosos entre os viciados pela Cannabis indica (marihuana, maconha, hashish) como o provam, além das estatísticas norte-americanas, as da polícias de muitos países do Oriente Próximo, do norte da África, da Índia Britânica e do Brasil.

É fato conhecido de criminosos se intoxicarem propositalmente com a maconha a fim de cometer com mais audácia o delito que tencionam.

A periculosidade da maconha se revela ainda pela tendência de sua propagação a outros indivíduos, fato aliás observado nas demais toxicomanias.

Isto se verifica nas prisões dos países onde o abuso desta planta é muito generalizado. Os presos conseguem novos afeiçoados nos próprios cárceres.

Não são raras então lutas sangrentas entre grupos de prisioneiros fumadores de maconha, como consequência da recíproca inimizade e desconfiança criadas por efeito da droga.

Ao concluir suas interessantes considerações sobre as relações entre a criminalidade e o efeito da resina de cannabis, Paul Wolff assim termina, muito judiciosamente este seu trabalho, de onde fizemos este excerto:

“Esta breve análise da “marihuana” comprova cabalmente, assim penso, a ameaça que representa para a saúde pública e por isto quis insistir no assunto, tanto mais que de nenhum modo está excluída a possibilidade de sua futura extensão mais para o sul do nosso continente”.

E sua profécia e o seu receio infelizmente se concretizaram no Brasil, onde o uso da maconha, nos Estados nordestinos passou a constituir um certo problema social, que precisa ser atacado enquanto é tempo, para que não se generalise, com todos os malefícios que lhe são peculiares.

De restrito, que era, começou a se difundir por vários pontos do território nacional, fato este observado à medida que se investiga a extensão do uso da maconha.

E é preciso não se perder de vista a tendência que têm os fumadores de maconha a fazerem prosélitos, com o uso da droga, explicado talvez pelo estado de euforia facilmente contagiante do fumador ou para não fugir à tendência conglomerativa que têm todos os toxicômanos.

E se maior não é o número da reunião de viciados pela diamba deve correr isto por conta das medidas repressivas tomadas em virtude da nossa legislação.

Em alguns Estados nordestinos já chegou a haver outrora os clubes de diambistas, que bem retratavam o ambiente do vício.

Heitor Peres, conceituado psiquiatra e grande conhecedor da matéria, estudando a diamba assim se refere à sua ação sobre o organismo:

“Conhecem-se os efeitos da diamba por observações dos intoxicados habituais e pelas experimentações realizadas em animais e “in anima nobile”. Como tôda intoxicação, o seu cortejo é composto de sinais somáticos e psíquicos. Diga-se de passagem que nas regiões em que a diamba tem o seu “habitat” natural, os indivíduos muito cedo começam o seu uso, sendo mais freqüente entre os homens que entre as mulheres.

Para o lado da esfera psíquica, são interessantes os fenômenos produzidos pela maconha. Predomina a excitação, trazendo euforia, hiperestesia cinestésica e sensorial, surgindo estados alucinatórios curiosos acompanhados de exaltação imaginativa. Com o avançar da intoxicação sobrevém o entorpecimento gradativo, seguido de sono mais ou menos profundo. Evidentemente que os quadros clínicos hão de variar conforme o feitio e a individualidade mental do intoxicado. A diamba produz com muita freqüência distúrbios cenestopáticos e perturbações psicossensoriais, esquisitos, variegados, atingindo sobretudo as esferas auditiva e visual. O diambista vê o seu sono povoado de visões maravilhosas que, de regra, realizam os seus desejos do estado de vigília. É transportado a sensações agradáveis, não de raro com tonalidade erótica. Apresenta e sente fenômenos extravagantes, como a perda da avaliação temporal, parece-lhe que os fatos se desenrolam durante anos; alguns têm o perpassar sintético de sua vida, do passado ao futuro, chegando outros a terem previsões de fatos que se estão passando a distância, verdadeiras perturbações telepáticas. Durante a fase tóxica podem surgir diferentes reações psico-motoras, de caráter impulsivo.

Uns intoxicados rapidamente se refazem do seu sono vicioso; outros caem em verdadeiro estado depressivo. Habitualmente esta depressão aparece nos recém-viciados. De maneira geral, para o lado psíquico são êsses os aspectos mais conhecidos da crise tóxica da maconha. Os fumadores não usam a

droga continuamente. Quase sempre, e sobretudo nas cidades, há os momentos dedicados ao seu consumo. No interior, o cigarro é fumado várias vezes por dia, sem levar o indivíduo ao grau mais completo de intoxicação. O uso do “maricas” é feito nos momentos de folga, especialmente à noite, quando a família está reunida, ou nas sessões de catimbó ou de baixo-espiritismo”.

Sobre os perigos sociais da maconha se encontra na literatura brasileira regular contribuição, podendo ser citados, então, outros trabalhos dos Drs. João Mendonça (Bahia), Garcia Moreno (Sergipe), José Lucena (Pernambuco) e Pedro Rosado (Pará).

São imensas as reações anti-sociais a que são levados os fumadores de maconha e de grande relevância os problemas médico-legais daí decorrentes, como imputabilidade, responsabilidade, perigosidade, capacidade civil e outros.

Na opinião do Dr. João Mendonça, ao dar idéia dos perigos sociais da maconha, a cannabis constitui, ao lado do álcool, o enlevo das populações nortistas pobres que, no tóxico, tantas vezes encontram a fórmula doce do sonho para as arestas contudentes da vida.

No povo brasileiro nordestino, de caracteres étnicos que facilitam a absorção fácil de ideologias incongruentes, assoberbado pelos flagelos da seca, pela tortura das endemias e da ignorância, é de apavorar o quadro dantesco que nesse terreno os tóxicos podem desenhar através o indivíduo e a espécie.

Não podemos assim subestimar a influência do uso da maconha sobre a criminalidade, fortemente comprovada pela atuação policial em vários pontos do território brasileiro.

A partir de 1941 começaram a ser instaurados inquéritos e intensificadas as pesquisas sobre a extensão de uso da maconha nas regiões onde tem ela seu “habitat” natural, visando evitar seu comércio clandestino e a disseminação entre os viciados.

Reputamos, desde aquela época, de especial interêsse e mesmo indispensável, o trabalho conjunto das autoridades policiais e sanitárias componentes das Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados que constituem os dois grandes focos de disseminação do uso da maconha por serem o “habitat” natural e os principais centros de cultura e comércio clandestino desta planta, representados no extremo norte pelo Maranhão, Piauí e Pará e na região do vale do São Francisco por Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia.

No Brasil é proibido o plantio da maconha ou diamba (*Cannabis sativa* L), de acôrdo com os dispositivos da legislação vigente que rege o comércio e uso de substâncias entorpecentes.

Tôdas as plantações desta natureza devem ser destruídas pelas autoridades sanitárias e policiais, sendo os responsáveis pelas mesmas sujeitos a sanções penais (Decreto-lei n.º 891, de 25 de novembro de 1938).

Aliás, a proibição de uso da maconha no nosso país data de 1830, conforme se verifica nas posturas da Câmara Municipal do Rio de Janeiro: Sobre venda de gêneros e remédios e sobre boticários.

“É prohibida a venda e o uso do Pito do Pango, bem como a conservação d'elle em casas públicas: os contraventores serão multados, a saber, o vendedor em 20\$000, e os escravos e mais pessoas que à elle usarem, em 3 dias de Cadeia.

Paço da Camara Municipal do Rio de Janeiro, em sessão de 4 de Outubro de 1830.

O Presidente Bento de Oliveira Braga, Joaquim José Silva, Antonio José Ribeiro da Cunha, João José da Cunha, Henrique José de Araujo”.

II

Em 1943, o Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina teve ocasião de realizar nova viagem de inspeção ao vale do São Francisco, a fim de estabelecer, junto às Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, uma série de medidas visando a repressão do uso e comércio da maconha naquelas regiões.

Do resultado alcançado deu ciência, em relatório, à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, chegando às seguintes conclusões:

“Pelo que nos foi dado observar na viagem que realizamos e pelos dados colhidos através dos trabalhos realizados pelas Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes da Bahia, Sergipe e Alagoas, não resta dúvida que nestas regiões se faz largamente o uso da maconha, onde a planta é nativa e era cultivada, até pouco tempo, sem a menor repressão.

Entre o nosso povo só fazem uso da maconha indivíduos da classe baixa, os desamparados de assistência social e menores abandonados, os chamados “maloqueiros”, sendo muito difundido o seu uso nos criminosos e reclusos nas penitenciárias.

Na Bahia o seu uso entre os estrangeiros já é feito por indivíduos de categoria social mais elevada, momentaneamente no nosso país, em virtude da situação de guerra, que pagam muito bem aos vendedores de maconha.

No interior, a grande maioria dos plantadores não tem noção de infração que praticam, pois ignoram ser proibida por lei a plantação de maconha, cultivada para uso pessoal ou para o comércio, que até pouco tempo era feito livremente nas feiras, pelos raizeiros, que a vendiam sob o nome de “fumo bravo”.

Há, porém, os intermediários, que sabem o valor da planta pelo lucro que proporciona e que incentivam a sua cultura junto aos nossos ingênuos sertanejos, aos quais pagam uma ninharia para revendê-la aos viciados, por bom preço e exportá-la, em contrabando, para outros pontos do país e talvez mesmo para o estrangeiro.

Mesmo na classe culta observa-se, em geral, desconhecimento dos graves malefícios que a maconha pode produzir, e de ser o seu uso combatido mundialmente, por constituir um problema social sério em vários países da Europa, Ásia e África e mesmo do continente americano.

Não constitui, felizmente, por enquanto, problema social grave o uso da maconha em nosso país, que só ultimamente se vem incrementando, devido às condições anormais de guerra em que nos encontramos.

Focalizado, porém, como se acha o problema e com a orientação que vem sendo dada à campanha contra o uso e comércio da maconha pelas Comissões Nacional e Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes, fácil se nos afigura evitar sua disseminação e extinguir o uso que dela se fazia até agora, devido à liberdade com que se cultivava e usava aquela planta, cujos malefícios eram ignorados pela nossa gente, mesmo por parte das autoridades às quais cabia sua fiscalização.

Alertados agora todos — cultivadores, consumidores, traficantes e fiscalizadores — não será difícil em curto prazo extinguir ou pelo menos reduzir a uma parcela insignificante o uso e comércio clandestino da maconha em nosso país, desde que não haja solução de continuidade nas medidas preventivas e repressivas que devem ser tomadas pelos encarregados da sua fiscalização. E isto se conseguirá se continuar sem esmorecimento a prática das seguintes medidas:

1) Campanha educativa intensa contra o uso e plantio da maconha, mostrando os malefícios que ela determina e as razões pelas quais é proibido a sua cultura no nosso país, indicando as penalidades às quais estão

sujeitos os infratores da lei que regula o comércio e uso de entorpecentes no Brasil.

2) Adoção, de um modo geral, das normas preventivas e repressivas sugeridas e postas em prática pela Secretaria de Segurança do Estado da Bahia em todos os Estados nos quais se faz uso e plantio da maconha — Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia — regiões estas onde deve ser considerado como um problema social o uso da maconha ou diamba.

São as seguintes as normas referidas neste item:

a) Fichamento dos viciados e vendedores, em trânsito e residentes na Capital, no interior, em outros Estados e no estrangeiro.

b) Localização das zonas de plantação na região do S. Francisco e nos Estados vizinhos, mediante um trabalho de cooperação das autoridades dos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas.

c) Entendimento sôbre o assunto com as Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes, com as chefaturas das polícias estaduais e com as autoridades estrangeiras.

d) Visitas periódicas de fiscalização à Penitenciária, Casa de Detenção, Presídios do interior, navios mercantes, nacionais e estrangeiros, e no interior do Estado, em entendimento com as respectivas autoridades responsáveis.

e) Palestras e conferências educativas sôbre o problema.

f) Como medidas repressivas propõe o Sr. Secretário da Segurança do Estado da Bahia a internação dos viciados, a detenção e prisão dos vendedores por atacado e ambulantes, a apreensão da droga nos depósitos, a destruição das plantações de maconha e a instauração de processos contra os infratores da lei.

3) Incentivar na classe médica o estudo da maconha sob o ponto de vista social, para que o mesmo se torne perfeitamente conhecido por parte daqueles aos quais cabe fazer a repressão do uso desta planta entorpecente.

4) Estimular o trabalho de cooperação entre as Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados onde há uso e plantio de maconha, que deverão se articular também com os funcionários dos Ministérios da Viação (Correios e Telégrafos), do Trabalho (Inspetorias Regionais), Agricultura (Fomento Agrícola), com os Serviços de Saúde do Exército e da Marinha e com o Departamento Nacional de Saúde (Serviços Nacionais de Peste, Febre Amarela e Malária) pelo serviço valioso que poderão prestar com a indicação das regiões onde se encontram plantações da maconha.

5) Recomendar às Comissões de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia para não esmorecerem na campanha brilhantemente encetada contra o uso e comércio da maconha, ficando obrigados os seus respectivos Presidentes a enviar mensalmente, à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, um relatório minucioso sôbre tudo que diga respeito ao combate dessa planta.

São estas as principais medidas que me parecem devem ser tomadas no momento, submetendo-as à apreciação dos ilustrados companheiros da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, para que sejam levadas, com as sugestões que forem apresentadas, ao conhecimento das Comissões dos Estados em que mais necessário se torna uma campanha intensiva e continuada contra o uso da maconha.

III

Prosseguindo nas medidas de repressão ao uso e comércio clandestino da maconha, realizou-se em dezembro de 1946, na cidade de Salvador, o Convênio Interestadual da Maconha, no qual se fizeram representar autoridades sanitárias e policiais dos Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Muito interessantes foram os problemas discutidos nas sessões realizadas durante o Convênio, tendo sido estabelecidas as conclusões, que vimos em trabalhos anteriores.

IV

Em 1949, o Prof. Décio Parreiras, por incumbência da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, realizou um inquérito na região do São Francisco, tendo visitado os Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, estudando o problema da maconha.

Como fruto das interessantes observações que colheu apresentou excelente relatório, que constitui hoje o consagrado trabalho "CANABISMO ou MACONHISMO" — Estudos Brasileiros — excelente repositório sobre a questão da diamba entre nós, onde os estudiosos podem encontrar instrutivas informações sobre tão palpitante assunto.

Verificou também, nesta sua viagem, quão difícil era encontrar exemplares dos excelentes trabalhos brasileiros publicados sobre a maconha, não podendo por isto serem os mesmos compulsados por aqueles que desejavam tomar conhecimento dos ensinamentos que encerravam, sugerindo então que a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes se encarregasse de reeditá-los em conjunto.

Aceita a idéia, a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes conseguiu enfeixar em 1951, num volume, alguns daqueles trabalhos sob o título: *Maconha — Coletânea de trabalhos brasileiros*, com a finalidade de divulgar, de maneira ampla, os efeitos nocivos determinados pelo uso dessa planta inebriante.

Infelizmente, não foi possível incluir nesta publicação o magnífico trabalho "*Os fumadores de maconha: efeitos e males do vício*", de autoria do Dr. Rodrigues Dória, um dos pioneiros e maiores conhecedores do problema da maconha entre nós.

Este seu trabalho se acha esgotado e só mais tarde conseguimos, por empréstimo, um exemplar do qual mandamos tirar cópia para figurar no arquivo da Comissão Nacional de Entorpecentes e cuja reedição pretendemos mandar fazer oportunamente.

Este trabalho do Prof. Rodrigues Dória constitui uma memória por ele apresentada ao Segundo Congresso Científico Panamericano, reunido a 27 de dezembro de 1915, em Washington.

Em "*A Maconha — Coletânea de trabalhos brasileiros*" figuram as seguintes colaborações: *Sobre o Vício da Diamba* — F. de Assis Iglésias; *Vício da Diamba* — Adauto Botelho e Pedro Pernambuco Filho; *Vício da Diamba* — Dr. Oscar Barbosa; *O Cânhamo ou Diamba e seu Poder Intoxicante* — A. de Leonardo Pereira; *Diambismo* — Heitor Peres; *Algumas notas sobre a Maconha* — Vasconcelos Sobrinho; *Alguns novos dados sobre Fumadores de Maconha* — José Lucena; *O Vício da Diamba no Estado do Pará. Uma Toxicose que resurge entre nós* — Pedro Rosado; *Maconhismo e Alucinações* — José Lucena; *Os Perigos Sociais da Maconha* — João Mendonça; *Relatório apresentado aos Srs. Membros da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes* — Roberval Cordeiro de Farias; *Contribuição para o estudo das Plantas Alucinatórias, particularmente da Maco-*

nha — Jayme Regallo Pereira; *As Toxicomanias de Após Guerra* — Roberval Cordeiro de Farias; *Aspectos do Maconhismo em Sergipe* — Garcia Moreno; *Convênio Interestadual da Maconha* — Eleyson Cardoso; *Estudo sobre conclusões aprovadas pelo Convênio Interestadual da Maconha* — Pedro Pernambuco Filho; *Normas Gerais Recomendadas pela Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes; Diambismo ou Maconhismo. Vício assassino* — Eleyson Cardoso; *Maconhismo crônico e Psicose* — José Lucena; *A ação Tóxica da Maconha cultivada no Brasil* — José Hasselmann e Oscar Ribeiro; *Canabismo ou Maconhismo. Estudos Brasileiros* — Décio Parreiras; *Maconha. Estudo Químico e Farmacodinâmico* — Maria Margarida Tobias e Silva e Edgard Pires da Veiga; *Maconha. Estudo Farmacodinâmico* — Edgard Pires da Veiga.

V

Julgamos de interêsse ,como contribuição brasileira ao estudo da maconha, transcrever os seguintes trechos e conclusões de trabalho realizado entre nós, que se nos afigura de valor pela sua originalidade.

A — ALGUMAS NOTAS SOBRE A MACONHA — Pelo Agrônomo Vasconcelos Sobrinho — Seção de Botânica — Instituto de Pesquisas Agronômicas.

“Vez por outra chegam às nossas mãos, na Seção de Botânica do Instituto de Pesquisas Agronômicas, amostras enviadas pela Secretaria da Segurança, de uma erva sêca, para identificarmos se é a denominada “maconha”.

As polícias de todos os países andam em luta contínua com os vendedores de entorpecentes. Aqui em Pernambuco é a *maconha* que faz as vêzes de ópio, vendida por negociadores ambulantes às camadas mais humildes da população.

Procuramos com o presente trabalho fornecer dados para um reconhecimento rápido de modo que os agentes encarregados de repressão aos entorpecentes, possam facilmente identificar a *maconha* em mão dos vendedores.

Também não desprezamos a parte puramente científica. Certo é que a sistemática da *maconha* não é ponto definitivamente elucidado; se bem que alguns autores a considerassem como sendo o verdadeiro cânhamo, sobravam dúvidas pela ausência de uma determinação científica exata e suficientemente divulgada.

Cultivando no Parque do Instituto de Pesquisas Agronômicas, algumas sementes, obtivemos plantas suficientes para um estudo sistemático seguro. Dêste modo, ao lado de dados que podem ser utilizados facilmente por qualquer interessado em seu reconhecimento, podemos oferecer a certeza que a planta denominada *maconha* em Pernambuco e Alagoas, é a conhecida cientificamente por *Cannabis sativa* L., e pelo nome de Cânhamo em grande número de países.

Caracteres-plantas unisexuais dióicas, flores não vistosas, de colorido amarelo-esverdeado, sem perfume; numerosas, situadas em tôda a metade superior da planta, em grupos, nas axilas das fôlhas. Flores masculinas pedunculadas, femininas sésseis.

Flores masculinas haploclâmideas, 5-meras; estames com filetes curtos, menos que a metade do tamanho da antera. Anteras introrsas, basifixas, 2-tecas, de deiscência longitudinal. Pólen amarelo, pulverulento, abundante, com 3 poros salientes, equidistantes.

Flores femininas aclâmideas, protegidas por 1 bráctea que envolve quase completamente o ovário e que se prolonga além dos estigmas. Estigma séssil, duplo, plumoso; ovário supero, unilocular. Fruto sêco, indeiscente, com tipo aproximado de nóz.

Órgão vegetativo — Erva de grande porte, quase arbustivo, atingindo em média 2 metros. Fôlhas simples, partidas, pecioladas, com estípulas. As inferiores com 7 pseudo folíolos e as superiores com 5, até 3 ou reduzidas a lâmina delgada. Pseudo folíolos com bordo grosso-serreados com pêlos curtos, resistentes, apenas perceptíveis ao tato, por todo o limbo.

Meritalos longos; nós com tendência à produção de raízes adventícias.

Pelos caracteres acima mencionados, chegamos com relativa facilidade a subfamília *Canaboideae*, gênero *Cannabis*, espécie sativa, planta conhecida mundialmente pelo nome de *Cânhamo*.

O cânhamo é muito cultivado na Europa (Itália, França, Espanha) com o fim exclusivo de produção de fibra, a qual é de primeira qualidade, sendo utilizada não só para cordoaria, como é crença geral entre nós, mas principalmente para, em combinação com as fibras do linho, entrar na confecção dos tecidos finos.

Obtivemos pelo processo comum de maceração durante 8 dias, fibras de ótima qualidade e de bellissimo aspecto. A maconha é de origem asiática donde foi introduzida na Europa e na África; daí passou para a América provàvelmente por mãos dos escravos. Seu princípio tóxico é uma resina que não se encontra nas plantas européas, sendo portanto característica da variedade americana, ou produzida sob os efeitos do clima tropical.

A possibilidade de seu cultivo entre nós, com o fim da produção de fibras, é fato por demais esclarecido, visto a existência da planta em estado subespontâneo. Não se deve contudo desprezar as variedades européas já altamente selecionadas, e ainda com a vantagem provável da não produção do tóxico.

A Secretaria de Segurança, em sua ação repressora aos viciados da maconha, encontrará dêste modo maior facilidade em reconhecer o material apreendido no comércio clandestino...

O material usado no comércio é constituído por fôlhas, pecíolos, ramos floríferos e grande quantidade de frutos, tudo muito bem sêco e às vêzes em mistura com terra por falta de cuidado no trato pelos vendedores.

Êste material pode ser identificado fàcilmente pelos frutos os quais são muito característicos e sempre se encontram inteiros. Seu tamanho é de 4,5 mm. no maior comprimento e de forma um pouco piramidal, com casca dura, luzidia e caracteristicamente malhada de prêto (melanística), com duas arestas bem pronunciadas. Os frutos maduros são escuros e os verdes castanho-claros, daí a disparidade de côr que se nota à primeira vista.

Na falta de frutos, sòmente no laboratório pode o material ser identificado. Com êste fim devem ser utilizados os seguintes recursos, fàcilmente obtidos do material sêco:

a) *Cutícula* — destaca-se com relativa facilidade e colocada ao microscópio apresenta estomas muito característicos, entre numerosos pêlos unicelulares. Ostíolos alongados, de fenda muito visível. Pêlos unicelulares, ponteados, com base arredondada.

b) *Vasos lenhosos* — regulares, de diâmetro muito uniforme, em sua maioria espiralados, não oferecendo, portanto, grande interêsse, a não ser os vasos fechados (traquéas) os quais são de diâmetro relativamente grande, com septos transversais muito oblíquos, às vêzes mal justapostos, paredes longitudinais, com belas e numerosas pontuações alongadas.

c) *Vasos crivados* — excessivamente estreitos.

d) *Grãos de pólen* — arredondados com 3 saliências equidistantes, muito características.

e) *Fibras* — também as fibras podem servir para auxiliar a identificação. Serão utilizados os fragmentos de haste e de ramos que por ventura forem encontrados no material, obtendo-se por maceração uma fibra clara, brilhante.

Ao microscópio, em vista longitudinal, se apresentam com lumen espaçoso, em visão transversal são quase circulares. Têm mais aproximação com as fibras do linho que com qualquer outra planta das quais se distinguem principalmente pela seção transversal a qual nas fibras do linho é poligonal e nas do cânhamo, como ficou dito, é circular.

Estudos sôbre a natureza do princípio ativo da maconha não fizemos, pois foi nosso objetivo esclarecer apenas sua identidade. Uma vez cientes que se trata do cânhamo, deve cessar tôda curiosidade pois, sôbre tal planta, muito se há escrito desde antes de Martius”.

ESTUDO DOS DISTÚRBIOS NERVOSOS PRODUZIDOS PELO USO DA MACONHA

por PEDRO NICOLAU G. SANTOS ROSADO

CAPÍTULO I

SINONÍMIA (89)

Em virtude de sua vasta distribuição geográfica, tem o cânhamo uma nomenclatura bastante completa e singular:

ARGÉLIA	— Kif.
ALBÂNIA	— Kenep, Canep, Kerp.
ALEMANHA	— Hanf.
ARÁBIA	— Konnab, Kinab, Kon-nab, Kannab, Kanub, Kinnab, Quinnab, Konneb, Quonnab, Quinnaq, Haschischa, Hashish, Takrousi, Hasheesh, Cherneb (72).
ARMÊNIA	— Kanop, Kanaq, Ranob.
ASSÍRIA	— Kanubu, Kunnapu, Qunnub (66), Qunabu (66).
ÁFRICA (Norte da)	— Kenneb.
ÁFRICA (Sul da)	— Dagga, Dakkan.
ÁFRICA (Oeste da)	— Jamba, Riamba, Diamba.
BÉLGICA	— Kemp.
BULGÁRIA	— Kenevir.
BURMA	— Sejav.
CEILÃO	— Kinnub, Matkansas (72).
CHECOSLOVÁQUIA	— Penek.
CHINA	— Chutsao, Chu-Tsao, Ma, Ma-yo, Tama, Si-ma, Tsema, Tsing-Ma (72).
DINAMARCA	— Hampa, Hamp, Kamp.
EGITO	— Haschache, Sharâneq, Sjarank, El Mogen, Bkst, Sheera.
ESPAÑHA	— Canappa, Cañamo.
ETIÓPIA	— Opishnu.
FRANÇA	— Chanvre, Chênevis.
HOLANDA	— Hennip, Hennup.
ÍNDIA	— Kas, Bhanga, Ganja, Bhang, Banguê, Jia.
INGLATERRA	— Indian Hemp (72).
ITÁLIA	— Canapa, Canape (72).
JAPÃO	— Asa.
LÍBIA	— Hascicia (72).
MADAGASCAR	— Ahets-mangha.
MALAIA	— Kinnabis.
MARROCOS	— Kief, Kif, Fasukh.
MÉXICO	— Grifa (48), Soñadora (48), Cañamo, Marihuana, Mariguana, Donajuanita (48), Marajuana, Mota (48).

PÉRSIA (IRÃ)	— Kannab, Bang, Beng.
POLÓNIA	— Konopj, Penek, Pienka, Penka.
PORTUGAL	— Cânhamo, Alcanque e Alcanave (72) dos antigos portugueses.
RUMÂNIA	— Canapa.
RÚSSIA	— Konople, Konopli, Konoplia, Penka, Anaschá.
SÍRIA	— Kanabira.
SUÉCIA	— Hemp, Hampa.
TURQUIA	— Asarath, Nasha, Kendir, Kennevir (45).
BRASIL	— Diamba (28), Liamba (28), Maconha (28), Chico (79), Chá (45), Birra (43), Erva (13) e, mais raramente, Atchi (72), Pango (72), Diriço (72), Riamba, Fumo d'Angola (28), Fumo de caboclo (32), Umbaru (72), Fumo brabo (13).

Esta sinonímia não inclui as diferentes denominações das numerosas preparações de cânhamo, utilizadas no continente africano e entre os povos orientais.

CAPÍTULO II

HISTÓRICO — O VÍCIO E SUA DISTRIBUIÇÃO

O cânhamo é conhecido desde a mais remota antiguidade. Os assírios, desde o século VIII antes de J.C., já faziam referência a um incenso, ao qual davam os nomes de "Qunubu" e "Qunabu", denominações idênticas às usadas para a designação científica da "Cannabis". O livro "Avestas", aparecido na Pérsia (Irã), no século VI (A.C.), faz menção aos efeitos decorrentes do uso das folhas, sementes e resina do cânhamo (66). São, provavelmente, as primeiras referências a respeito da planta e dos seus efeitos.

Plínio, o Antigo (23-79 A.C.), mencionou o cânhamo em seu compêndio de História Natural, sem fazer referência ao seu efeito euforístico (cit. 89).

Na China, o imperador Shen Nung, no século XXVIII (A.C.), aconselhava o seu cultivo para fins industriais. Informa De Candolle (25) que obras chinesas, como *Shu King*, escrito 500 anos antes de Cristo, já faziam referência ao cânhamo.

Na Índia, as qualidades terapêuticas do cânhamo, eram mencionadas por Susruta mil anos antes de Cristo (cit. 89).

Paulo Aeginata (cit. 13) mencionou o cânhamo no século VII da era cristã. Dioscorides (ano 80 depois de J. C.) e Galeno (129-201 depois de J.C.), além de mencionarem a planta, descreveram as suas propriedades (cit.66).

Heródoto (484-425 A. C.) fazia referência aos banhos de vapor usados pelos citas, que encerravam-se em suas tendas e lançavam sementes de cânhamo sobre pedras aquecidas. Ao queimarem-se, os grãos de cânhamo espalhavam vapores que faziam chorar de alegria (cit. 66 e 89).

Ponponius Mela (século I depois de J.C.) refere que os citas queimavam sementes de cânhamo que esparziam vapores, produzindo embriaguez e euforia (cit. 66).

O médico chinês, Hoa-Tho, utilizava uma preparação de cânhamo (ano 220 depois de J.C.) para produzir insensibilidade durante a realização de suas intervenções cirúrgicas (cit. 66).

Homero (35), em seus poemas, fala do "nepenthes" que Helena recebera de Polidama e que se supõe ser a *Cannabis sativa*.

O remédio que as mulheres de Dióspolis utilizavam, cuja preparação era conservada debaixo do mais absoluto segredo, assim como a bebida usada por Helena em casa de Menelau, para afogar suas tristezas, era provavelmente o haxixe.

Segundo Lane (cit. 89), "*Bendj* the plural of which in Coptic is *nibendj*, is without doubt the same plant as the "nepenthe".

"Segundo a mitologia hindú, os Devas (deuses) e os Asuras (demônios), seguindo o conselho de Visnú, revolveram o Mar de leite com a montanha Mandara para obter assim a bebida da imortalidade, ou seja o Amrita. Visnú, sob a figura duma tartaruga, transportou a montanha às costas; com a violenta oscilação da montanha, a tartaruga perdeu muitos pêlos que foram arrastados para a margem pela corrente. Dêstes pêlos nasceram plantas, entre elas o cânhamo, que chamado "fonte da felicidade" ou também "excitador do riso" (66).

Não menos interessante é uma outra lenda divulgada por X, através da "Fólha da Manhã" (de São Paulo), do dia 21 de novembro de 1943, citada por Jayme R. Pereira (77):

"Religiosamente, os drusos são obrigados a falar sempre a verdade, mas apenas entre drusos, não importando que mintam, e sendo até seu dever, por vêzes, mentir, a sectários de outros credos. Os drusos são contrários à prece porque acham que a prece é uma forma impertinente de a vontade humana interferir na vontade de Deus — e isto, para êles, constitui sacrilégio irreparável. É rigorosamente proibido o uso do tabaco e do vinho. E a disciplina ascética, embora não exigida de ninguém, nem dos sacerdotes, é contemplada com profundo respeito.

Os sacerdotes da seita, que se formou de uma ocasional mistura de credos sunitas com credos ismaelitas, são todos homens de imperturbável serenidade e de incrível capacidade na conservação de segredos.

Dentro desta estranha religião, abriu-se um dia, um conflito. Em consequência, no ano de 1190 da era cristã, Hassan-ibn-Sabá fundou uma associação secreta, que, embora observando os ditames religiosos e rituais da seita, resolvia seus assuntos externos por meio do assassinio. Ao que se sabe, a referida associação secreta de delinqüência política e religiosa tinha, entre outras, esta peculiaridade: exigia o máximo de obediência e de renúncia aos interesses terrenos, dos seus adeptos.

Antes da prática da eliminação da vida de quem quer que fôsse, os adeptos eram intoxicados com "hachich", substância entorpecente do tipo dos opiados, extraída da fólha de cânhamo (*Cannabis indica*). No período da intoxicação, os adeptos eram levados a jardins suntuosos, povoados de mulheres magníficas, onde se lhes ofereciam todos os prazeres, como prelibação do paraíso que os esperaria, se êles fôsem sempre obedientes. Depois disto, realizavam-se crimes políticos ou religiosos, determinados pelos superiores. Devido ao "hachich", os membros da seita eram denominados "hachichins", de onde, através dos anos, por fenômenos que a semântica explica, resultou a palavra "assassino". A "ordem dos hachichins", com efeito, figura, em qualquer livro erudito, com nome de "ordem dos assassinos". O chefe da seita era tão rigoroso, que, pouco antes de morrer, já em idade muito avançada, mandou matar seus dois filhos, um por ser suspeito de cumplicidade no assassinio de um elemento que não deveria ser eliminado, e outro por haver colhido em ato flagrante de beber vinho".

Várias sociedades secretas que juravam auxílio mútuo por qualquer meio possível, e entre estas a de Hassan, surgiram da seita dos ismaelitas no século VIII, que chegou a dominar a parte ocidental do Norte da África, em 909, e, também, o Egito 60 anos depois. Os membros da seita de Hassan receberam no início o nome de "Fidâwi" (o abnegado), porém, mais tarde foram denominados "Haschischin", devido à bebida que utilizavam.

Na época das Cruzadas, os adeptos de Hassan causavam enormes baixas entre os “cruzados”, que lhes davam o nome de “Assassines”, de onde derivou a palavra francesa “assassin” e a portuguesa “assassino”.

Marco Polo (1254-1325) descrevendo suas viagens, narra as façanhas de Hassan, a quem denominou de “Velho da Montanha”, e mostra quão difundido está o uso do cânhamo entre as gentes orientais, mesmo nas côrtes entre os sultões (cit. 66).

O poderoso sultão Bahadue, quando desejava viajar, usava o “bang” à noite e, dêsse modo, percorria a Pérsia, a Arábia, o Brasil e outros países, embalado nas fantasias proporcionadas pelo tóxico.

Em 1563, Garcia de Orta (cit. 66) referiu o uso do cânhamo inalado sob a forma de cigarros, nas Índias Orientais.

Henricus van Rheed (1678-1703) informou que os indígenas da Costa de Malabar fumavam fôlhas de cânhamo, fato também observado por G. Rumphius (1627-1702) nas Índias holandêsas (cit. 66).

O xeque árabe Schedad-ben-Ad, no século XVII, imitou o “Velho da Montanha”, utilizando os mesmos processos, informa Peralta (66).

No século XVIII, segundo Peralta (66), o médico e professor italiano Bernardino Ramazzini (1633-1714), Karl von Linneu (1707-1778) e outros, descreveram os efeitos produzidos pelo uso do cânhamo.

Nos desenhos feitos por Dioscorides (cit. 89) no século I, o cânhamo é facilmente reconhecido.

Menciona Garcia Moreno (32) que: “A difusão dimanadora com que o “haschisch” se estendeu às gentes de fé maometana encontra, no consenso dos investigadores, sua origem, na ausência de condenação expressa do grande profeta que, nos preceitos do Alcorão, esqueceu o “Bang” ou não quis juntá-lo, aos rigores proibitivos com que amaldiçoou o álcool e o toucinho. Os exegetas do grande livro, possivelmente bons comedores de erva, viram na omissão um beneplácito... e o “haschisch” tornou-se o vício por excelência dos seguidores de Mahomed. No ocidente entrou, pelo menos no que se refere à França, por intermédio de Somerat”.

Na Idade Média, os médicos árabes prescreviam com muita freqüência o cânhamo contra a diarréia, a gonorréia e as hemorróides. A palavra “haschisch” significa “erva” em árabe. A planta era conhecida entre os faquires da Índia, tendo por isso, durante alguns tempo, recebido a denominação de “Haschisch el Fokkara”, que significa “erva dos faquires”.

Nas páginas de “Mil e Uma Noites” (2), o delírio canábico está perfeitamente retratado e a narração da 143.^a noite descreve uma embriaguez pelo haxixe, reproduzindo, com muita clareza, uma série de elementos essenciais da intoxicação. Dumas (30), no “Conde de Monte Cristo”, descreve o delírio erótico de Franz, sob a ação do tóxico.

As narrações de Gautier (cit. 55, 65, 74 e 89), Baudelaire (cit. 77 e 89), Taylor (cit 89), Ludlow (51, 52, cit. 89 e 77), baseadas em auto-experiências tornaram-se clássicas.

Foi, porém, Moreau de Tours (56), que também freqüentou o Hotel Pimodan, onde Gautier, Baudelaire e outros se reuniam para fumar o haxixe, o primeiro a dar um cunho científico às suas observações, publicando em 1845 o livro intitulado “Du Haschisch et de L'Aliénation Mentale”.

A planta é, provavelmente, originária da Ásia. Foi encontrada florescendo espontaneamente, em estado selvagem, na Sibéria, no Mar Cáspio, e no sopé das montanhas que ficam além do lago Baikal. Foi também constatada a sua existência em tôda a Rússia Meridional e no Sul do Cáucaso.

Boissier (cit. 4) opina” que a *Cannabis sativa* é quase espontânea na Pérsia”.

Alguns autores acreditam que o *habitat* da planta vai além, mais para leste, em virtude das culturas de cânhamo feitas na China, em tempos remotos.

Acredita-se que os citas, em seus movimentos migratórios anteriores à guerra de Troia, tenham conduzido a planta da Ásia Central para o Oeste.

No continente africano, a planta aclimatou-se admiravelmente.

A planta que, sem dúvida, parece originária da Ásia, devido às relações entre a África Oriental e a Índia, feita por intermédio dos Mouros, foi introduzida no continente negro e com ela o pernicioso uso.

Da África foi introduzida em nosso país, a partir de 1549, pelos escravos, que, segundo Pio Corrêa (72), traziam as sementes do cânhamo em bonecas de pano amarradas na ponta das tangas. O cânhamo aclimatou-se perfeitamente em nosso país, do Amazonas à Bahia, e talvez mais para o sul.

Conforme Renato Mendonça (cit. 32), os termos *riamba* e *liamba*, em quimbundo, significam cânhamo e diamba. Pungo é o nome de uma província do Congo, que talvez tenha dado motivo à denominação de Pango, usado muitas vezes no nordeste brasileiro. O nome de “fumo de Angola”, não deixa dúvida quanto à origem africana.

Para Caminhoá (11), maconha é variação de *maconie* ou *makiak*, nomes citados por Hooker, como pertencendo a plantas encontradas na África Ocidental.

Não resta a menor dúvida de que a maconha foi trazida para o Brasil no bojo dos navios negreiros.

Jarbas Pernambucano (cit. 32) sugere a existência do hábito de maconha entre os índios brasileiros, como acontecia entre os astecas. A expressão “fumo de caboclo”, encontrada por Dória (28) em Pernambuco e por Garcia Moreno (32) em Sergipe, e a negativa e repulsa, nos terreiros do Recife, de que a maconha é vício de negro sugeriram essa hipótese.

Garcia Moreno (32) acha, porém, que a expressão “fumo de caboclo” constitui “um razoável fenômeno de projeção defensiva”.

Hoje, o vício é mundialmente conhecido, porque a cultura do cânhamo, embora muitas vezes clandestina, se alastrou quase por todo o universo.

ÁSIA — Na Ásia, de onde parece ser originário, o seu uso está bastante difundido. É na Ásia Central e na Índia que estão localizados os centros de maior produção de haxixe.

Na Índia, os produtos de cânhamo são apresentados à venda com três nomes diferentes: Bangh, Ganja e Charas. O Bangh ou Bhang, é obtido das folhas e inflorescências das plantas femininas colhidas verdes. É u'a massa verde, achatada, oblonga ou ovoide, de 6 a 7 cm. de comprimento por 3 de largura, de odor pouco pronunciado e contendo pouca resina. Raramente é fumado. Entra na composição de eletuários, de mistura com açúcar e aromáticos. O Ganja, Gunjha ou Gangika, é formado de hastes de 1 m. de comprimento dispostas em feixe de 24. São provenientes de Bengala, da Costa de Malabar e de certas regiões de Bombaim e contêm as sumidades floridas da planta. Há três qualidades de Ganja: o *flat ganja*, em que as hastes estão envolvidas em resina abundante; dissecado ao abrigo do sol é conhecido sob as denominações de *large flat* ou *ewing flat*, de acôrdo com a sua largura ou comprimento. Charas ou Churus, é a resina da planta de mistura com residuos, incluídos no momento da colheita (18 e 39).

O Charas provém, segundo Peralta (67), das regiões do Himalaia e da Ásia Central (sobretudo do Turquestão chinês) e entra na Índia sob a vigilância e contróle das autoridades britânicas. “O Ganja” é obtido das

inflorescências femininas e circula no comércio, na Índia, sob os nomes de "Large-flat twig" e "Smalt-flat twig". É fumado só, ou de mistura com o tabaco.

O Charas, também é fumado, porém, em proporção menor por ter ação mais forte. O Bangh é usado de mistura com água ou leite, formando uma substância pastosa à qual são adicionados açúcar, especiarias e substâncias aromáticas.

Estas são as informações fornecidas por Eug. Collin (18), Kohn Abrest (39) e Peralta (67).

Bouquet (cit. 89) informa que, durante séculos, na Índia, os criminosos, os herdeiros de coroas, etc., eram afastados e completamente anulados, pelo uso continuado do Bangh, sem que fôsse necessário matá-los.

É, igualmente, usado no Turquestão e na Indochina. Na Turquia, as melhores qualidades de haxixe são o Hafju e o Esrar. O Hafju é o extrato aquoso de flores de cânhamo e, o Esrar, é o Charas sob a forma de pastilhas (67).

Na Pérsia, o suco das fôlhas é utilizado para diferentes usos, sob o nome de Ganja ou Ganzar, e o haxixe é consumido sob a denominação de Tschars.

Uma receita de eletuário de haxixe, muito usado na Pérsia, segundo Bouquet (cit. 67), é a seguinte: mistura-se uma parte de pó de haxixe com duas partes de manteiga e essa pasta é depois tostada no fogo até ficar com uma coloração pardacenta. Alguns adicionavam ainda aromáticos, pistaches, etc. ou gôtas de essência de rosas.

Em Java, a erva é fumada de mistura ou não com o tabaco.

Na China não conseguiu vencer o hábito do ópio, cujos efeitos melhor se coadunam com a psicologia do chinês.

Os turcos usam o haxixe queimado, levemente, misturado com mel. Esta preparação é denominada Dawamesk e leva na sua composição certa porção de pistache, moscada, açúcar, etc.

Charles Eloy (cit. 4) calcula que duzentos milhões de pessoas se entregam ao vício, no continente asiático.

EUROPA — É bastante usado na Itália, na Espanha, na Bélgica, na Polónia, na Iugoslávia, na Rumânia, na Hungria, na França, na Rússia e na Austria. Na Grécia é fumado de mistura com o fumo.

Informa Peralta (67) que o cânhamo foi cultivado no século XIX, na Grécia, principalmente nas proximidades de Trípoli e que a produção de fôlhas chegou a alcançar, em 1915, a cifra aproximada de cinco milhões de quilos. Quando alguns anos depois o Governo grego decretou a proibição, as plantações foram transferidas para a Iugoslávia e o tóxico passou a entrar pelo pôrto livre de Salônica.

Em 1932, Skliar e Iwanow (cit. 89) fizeram menção ao vício entre os jovens e meninos da Rússia.

Papavassilliou e Liberato (cit. 77) fornecem uma informação realmente alarmante sôbre a difusão do vício na Europa: "se o uso do haxixe é notadamente espalhado no Oriente, a Europa não lhe cede o passo neste particular. Três ou quatro milhões de quilos dêste produto são absorvidos anualmente em nosso continente, em diversas preparações de haxixe".

ÁFRICA — Charles Eloy (cit. 4) diz "que das margens do Mediterrâneo ao Cabo da Boa Esperança o cânhamo é usado".

No norte da África é comum o seu uso no Egito, Palestina, Argélia, Tunísia e Marrocos.

No fim do século XVII, era cultivado clandestinamente, no Egito, para a obtenção do haxixe. Neste país, denomina-se "assis" o bôlo confeccionado pela moagem e trituração das fôlhas, muito usado para mascar.

O Chazraki ou Chastri é uma espécie de licor em que entram o álcool, o haxixe, o açúcar e aromátios; o Hasuhisch-Kafur é a mistura de haxixe e ópio, que é exposta à venda sob a forma de barras diminutas como fôforos; Bers é uma bebida muito apreciada pelos egípcios, que produz euforia e loquacidade.

O Takturri ou Kif, muito usado no norte da África, é uma mistura de cânhamo e tabaco.

Russel Pacha (cit. 48) calcula que 282.000 pessoas consomem o cânhamo no Egito, percentagem elevadíssima, se considerarmos a população do país.

O vício está também muito difundido, tanto no sul da África, como na África Central, principalmente nas Possessões Equatoriais Francesas (23).

CONTINENTE AMERICANO — O uso está generalizado e quase todos os países pagam alto tributo ao vício.

Nos Estados Unidos, o problema está preocupando as autoridades apesar das medidas supressivas eficientes, postas em prática.

No seu relatório referente ao ano de 1936, Anslinger (cit. 77 e 89), comissário de Narcóticos do governo americano, informa o seguinte: "O rápido desenvolvimento, diz êle, particularmente durante 1935 e 1936, de um tráfico generalizado de *cannabis* ou *marihuana*, como é mais geralmente conhecido nos Estados Unidos, é considerado com mais cuidado pelo Bureau de Narcóticos. Dez anos antes havia um pequeno tráfico desta droga, exceto em algumas partes do Sudoeste. A situação é especialmente alarmante e perigosa devido ao abuso desta droga, que está sendo levada como um novo vício a grupos que até agora não estavam contaminados pelo vício. Um total de 31 Estados relatou a apreensão de quantidades variáveis da droga e a destruição de áreas consideráveis de cultura da planta".

Walton (89), referindo-se ao relatório da Senhora Elizabeth Bass, diz: "A Senhora Elizabeth Bass, supervisora do Bureau Federal de Narcóticos para o distrito que compreende Indiana, Illinois e Wisconsin, relatou que a ameaça do vício de fumar marihuana em sua área, que era extensa quando ela assumiu seu cargo quatro anos antes, tem crescido rapidamente. Em seu relatório oficial para 1937 diz ela que as multas nesse ano atingiram quatro vezes o total de 1936. A Senhora Bass considera a marihuana como o maior problema agora enfrentado pelas autoridades de narcóticos".

Os estudantes dos grandes centros, como Nova York, tem sido muito visados pelos traficantes da droga, que apresentam um preço mais acessível que os outros tóxicos, sem o perigo de acostumância.

Um inquérito realizado em Nova Orleans (Luisiana), demonstrou que estudantes de 44 escolas (poucas secundárias) fumavam marihuana. Foi cultivada em Nova Orleans, depois de 1926. Antes, vinha de Havana, Tampico, Vera Cruz e, em pequena quantidade, do Texas. No bairro negro do Harlem, em Nova York, somente em junho e julho de 1953, foram apreendidas e destruídas 170 toneladas de marihuana (89).

Alguns artistas têm usado a marihuana para tornarem-se mais fotogênicos, e há não muito tempo um conhecido astro do cinema norte-americano foi punido com reclusão, por fazer uso do tóxico.

Diz Leonardo Pereira (43) que somente o Estado de Kentucky produziu 40.000 toneladas de fibras de cânhamo em uma colheita. Hoje outras fibras, como a juta, substituíram as fibras do cânhamo. O Estado do

Texas, na fronteira do México, recebe, dêste país, grande quantidade de marihuana.

Foi plantada, clandestinamente, no pátio do presídio de S. Quentin e em outras penitenciárias norte-americanas.

Segundo Walton (89), a toxicose já atingiu o Distrito de Columbia e os Estados de New York, New Jersey, Pennsylvania, California, Colorado, Illinois, Indiana, Kentucky, Maryland, Massachusetts, Michigan, Mississippi, Missouri, New Hampshire, Ohio, Oklahoma, Texas, Tennessee e Wisconsin, constituindo um sério problema social.

No Canadá começam também a aparecer os primeiros achados alarmantes sobre a rápida difusão do vício.

No México, parece que foi o indígena quem primeiro fez uso da planta. Diz Barenque (cit. 48) que a marihuana está de tal modo distribuída por todos os Estados e às vêzes em lugares de tão difícil acesso, que afasta a possibilidade de cultivo por parte dos viciados. É plantada nos milharais, onde fica fora das vistas dos fiscais. O México é o grande exportador do tóxico para os Estados Unidos, através do Texas.

Costa Rica, Cuba, Panamá e outras repúblicas da centro América, pagam alto tributo ao vício. No Panamá, 4% dos soldados panamenhos entregavam-se ao uso do tóxico (89).

Nas Antilhas, a planta e o vício são bem conhecidos; vindos do México, o vício foi difundido nas ilhas Caribes, especialmente, em Pôrto Rico.

Na América do Sul, quase todos os países, embora uns em maior escala, conhecem os malefícios do vício.

Na Argentina o problema está em vias de ser resolvido, com as medidas adotadas.

No Chile, segundo Dewey (26), o vício veio com os espanhóis e é conhecido desde 1545.

Na Colômbia e no Equador a planta é cultivada em Quito e Guayaquil e vai se alastrando pelo resto do país.

Acreditamos que nos países onde a coca é usada habitualmente, a maconha não chegue a constituir problema.

No Brasil, o cânhamo aclimatou-se muito bem e é encontrado no Norte e Nordeste, até a Bahia e, possivelmente, mais para o sul.

O alvará de D. João III, de 29 de março de 1549, autorizando cada engenho de açúcar a adquirir 1.200 escravos na África, veio incrementar a entrada do cânhamo no país, o que já vinha sendo feito, provavelmente, desde os primórdios do século (72).

Pio Corrêa (72) refere ensaios de cultura bem sucedidos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Foi cultivada em Minas Gerais (Araxá), no comêço do século XIX. Tudo indica que essas culturas fracassaram.

A maconha chegou a entrar na côrte.

Segundo narra Assis Cintra (17), D. Carlota Joaquina de Bourbon, rainha de Portugal e do Brasil, ao sentir a aproximação da morte, disse ao seu criado Felisbino:

“Traga-me aquêles pacotinho de diamba do Amazonas, com que despedimos para o Inferno tantos inimigos”.

Depois de ingerir o chá, feito pelo seu fiel criado, ao qual foi adicionado arsênico, Carlota Joaquina morreu, calmamente sem dores “porque a diamba anesthesiava o organismo”.

O criado Felisbino suicidou-se, também, tomando um chá de maconha com arsênico.

A maconha tem sido assinalada nos Estados do Amazonas e do Pará.

No Amazonas é conhecido sob o nome de *birra* e *dirijo* e seu principal foco é o baixo Amazonas, onde foi nula a influência da escravatura.

No Pará, as zonas do Salgado e da Estrada de Ferro de Bragança são as mais atingidas, em virtude da facilidade de comércio com o vizinho Estado do Maranhão. É dessas zonas que provém a quase totalidade dos viciados que conhecemos.

No Maranhão, a erva é largamente cultivada e exportada para os Estados vizinhos. A maconha vendida em Belém, no Ver-o-Pêso, é quase tôda ela de proveniência maranhense.

Em Pernambuco, a liamba importada de Santana do Ipanema e Palmeira dos Índios começou a ser cultivada nos municípios limítrofes, alastrando-se depois.

Ainda assim, Décio Parreiras (62) acredita que a liamba fumada em Recife, vem de Alagoas, trazida pelos guarda-freios, maquinistas da Great-Western e por embarcações que descem o Capibaribe ou pelos tripulantes dos navios do Lóide e da Costeira, que escalam em Maceió.

Alagoas e Sergipe são dois grandes focos. Aí, tanto o cultivo como o vício, atingiram uma intensidade alarmante.

No interior dos Estados de Alagoas e Sergipe, a distribuição do vício coincide com as zonas de cultura da planta.

Nas proximidades da cidade de Penedo e em Maceió, a maconha é cultivada regularmente.

A Bahia também apresenta uma grande proporção de viciados.

O Dr. Parreiras Horta (cit. 4), Diretor da Inspeção Geral do Serviço de Indústria Pastoral, diz que a diamba era vendida tão livremente quanto a cachaça.

Segundo Décio Parreiras (62), "a Capital da República é, sem dúvida, o grande centro da importação do cânhamo nordestino. Aqui não se planta, mas se adquire e se fuma muito, apesar da tremenda campanha orientada pela Delegacia de Costumes, Tóxicos e Mistificações".

Em dezembro de 1940 e fevereiro de 1941, Luiz Ciulla (cit. 13) relatou 6 casos de intoxicação pela maconha no Rio Grande do Sul, que foram publicados nos "Arquivos do Departamento Estadual de Saúde".

Contrabandos de maconha já têm sido apreendidos no pôrto da capital riograndense do sul.

As Revistas Ilustradas da Capitão Federal fazem freqüentemente menção da descoberta de vendedores da erva, até mesmo em Copacabana.

Décio Parreiras (62) procurou relacionar as cidades, vilas e povoados de alguns Estados, onde a maconha é cultivada e vendida, acompanhada dos nomes dos vendedores mais conhecidos. Cita, ainda, o nome dos fumadores habituais, que pôde conseguir em Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

No Estado do Pará, é de Quatipuru, Maracanã, Marapanim, Salinas, Curuçá, São Caetano de Adivelas, Vigia, Bragança e Vizeu, que provém o maior número de viciados.

Em Belém, a planta é vendida com os nomes de chico, chá, birra ou bilra, diamba ou liamba e, mais raramente, fumo de Angola, dirijo, riamba, maconha, atchi e erva, desde os lugares de grande movimento, como o Ver-o-Pêso, Doca Souza Franco e Mercado de Ferro, até nos bairros afastados da Pedreira, Marco e Cremação, em pontos bem conhecidos dos viciados, chegando cada cigarro alcançar o preço de dois cruzeiros e às vêzes mais.

Os jornais da capital paraense muito freqüentemente noticiam prisões de vendedores e fumadores de liamba. E o vício que já se instalou nos su-

búrbios desta cidade, segundo o depoimento insuspeito dos nossos observados, principia a invadir os quartéis, as fábricas, a cadeia e até mesmo entre os infelizes leprosos, no Prata, os desumanos fraudadores da lei pretendem propagar a referida toxicose. É bom frisar que a liamba consumida em Belém é, na sua maior parte, importada do vizinho Estado do Maranhão, de onde chega em barcos, sendo vendida aos quilos por alto preço.

A exportação para o estrangeiro já foi iniciada pelos contrabandistas, constituindo um comércio rendoso. A Polícia Marítima em uma busca realizada a bordo do navio inglês "Balfe", da Lamport, que estava de saída para Nova York, encontrou três sacas, contendo aproximadamente 50 quilos de liamba. Saliento estes fatos para demonstrar quão difundido está entre nós o uso da liamba.

Há mais de um decênio que a toxicose vem constituindo um problema sério na capital paraense, conforme notícias publicadas nos jornais da época, que reproduzimos em Apêndice, no fim deste trabalho.

Os nossos observados pertenciam em sua totalidade às classes pobres. Os pescadores do Salgado são os que pagam maior tributo ao vício. Chegam mesmo a trocar o produto de algumas horas de trabalho por um simples cigarro de liamba. Vêm, em seguida, os lavradores dessas zonas e dos municípios que marginam a metade terminal da Estrada de Ferro de Bragança.

Quase todos os delinquentes transferidos da Cadeia de São José para o Hospital "Juliano Moreira", mencionam o uso de liamba naquele presídio.

Figuram também, entre os nossos observados, estivadores, canoieiros, operários e um ex-praça do 26.º B.C.

Diz Garcia Moreno (32) que "no nordeste, nas terras de massapê, onde a monocultura açucareira lançou suas raízes absorventes e exclusivistas, criando entre os homens e as coisas, uma distância de extremos — negros e brancos, senhores e escravos, casas grandes e senzalas — a maconha se opôs, diametralmente, ao fumo. Maconha, para negro escravo; tabaco, para o senhor branco".

"Gilberto Freyre (31) vai ao ponto de afirmar que a diamba assegurava a estabilidade dos senhores, nos períodos de ociosidade, quando na época da pêja, esfriava o fogo dos engenhos. Enquanto o branco enchia os dias vazios com os charutos cheirosos, o negro fumava para os sonhos e o torpor da maconha, que o senhor deixava plantar e crescer, em meio aos canaviais. Parece que os senhores das culturas de café ou da mineração, em São Paulo e Minas, não tinham a mesma tolerância para o hábito eufórico de seus escravos, sujeitos a um regime de trabalho mais duro e contínuo. "Maconha em pito faz negro sem-vergonha" é um provérbio colhido em Minas Gerais, sem circulação nos engenhos do Nordeste (32).

Os observados de Lucena (48) pertenciam em totalidade às classes pobres. No Maranhão, segundo Achilles Lisboa (45), são os pescadores que pagam maior tributo ao vício.

Alfredo Brandão (cit. 48) refere o uso entre caboclos e gente do campo.

Os pacientes de Rodrigues Dória (28), eram canoieiros, pescadores, soldados, cantadores, prostitutas, etc.

Peon del Valle (63), no México, menciona o vício nas classes pobres, entre vagabundos e delinquentes, soldados e motoristas.

Na Penitenciária de Aracaju, houve um conflito muito sério entre os presidiários, provocado pela apreensão de uma grande quantidade de maconha. Morreram nessa luta um guarda e o chefe do motim. A proibição da entrada da maconha na Penitenciária de Aracaju, data de muito tempo, e Dória (28), em 1916, já fazia referência a essa medida.

Em Belo Horizonte, houve conflito idêntico, pelo mesmo motivo.

Na Penitenciária do Distrito Federal, foi surpreendido um soldado vendendo liamba aos detentos.

No presídio de São José, em Belém, freqüentemente são apreendidas grandes quantidades de maconha.

A maioria dos observados é constituída de mestiços e negros. A influência de fatores sociais é evidente neste particular.

Os viciados pertencem em quase sua totalidade ao sexo masculino. Dória (28) e Décio Parreiras (62), entretanto, encontraram algumas mulheres que se entregavam ao vício.

Os observados de João Mendonça (cit. 62), na Bahia, eram esquizotímicos — 90%; ciclotímicos — 8%, e picnóides — 2%. Os introvertidos são mais atraídos pelo vício do que os ciclotímicos, que vivem a vida exterior. Em 100 viciados, 10 eram de côr branca, 44 de côr preta e 46 de côr parda. Mendonça é de opinião que a côr representa “mais um sentido social, sem determinismo de raça”. Dos 100 observados, 90% eram solteiros; 95% deficitários de caráter e 5% deficitários de inteligência.

A toxicose canábica, mundialmente conhecida, constitui um perigo crescente, principalmente, para os países cujo clima favorece o cultivo da planta.

Para Queko (cit. 77), “nenhum narcótico do mundo é mais acessível ao homem dos trópicos do que este”.

Para Lewin (44), “a paixão por esta substância desafia todos os obstáculos e se estende através dos imensos territórios da Ásia Menor, da Ásia e da África, onde é ela usada por várias centenas de milhões de povos”.

Eloy (cit. 77) adianta que “na África, das margens do Mediterrâneo até o Cabo de Boa Esperança; é vulgar o emprêgo da *Cannabis indica* e nas diversas partes da Ásia mais de duzentos milhões de homens são escravos dêste hábito”.

São de Chopra (15) as seguintes palavras: “Preparações de *Cannabis indica* têm sido usadas como intoxicantes nos países da Ásia e da África desde tempos imemoriais. Bang, ganja, charas, etc., são habitualmente usados por muitos milhões de pessoas”.

Papavassiliou e Liberato (cit. 77) informam que “três ou quatro milhões de quilos dêste produto são absorvidos anualmente, no continente europeu, em diversas preparações de haxixe”.

CAPÍTULO III

A PLANTA

Para alguns botânicos, a liamba é o cânhamo comum ou europeu (*Cannabis sativa*), outros, porém, a consideram como o cânhamo indiano (*Cannabis sativa* var. *Indica*, Linneu).

Paul le Cointe (42), ex-Diretor do Museu Comercial do Pará e nome bastante conceituado na Amazônia, refere-se à liamba e à birra, identificando-a com a *Cannabis sativa* var. *Indica*.

Na Farmacopéia Brasileira, são encontradas, como sinônimas, as expressões: cânhamo da Índia, maconha, diamba, liamba (27).

Segundo Bouquet (cit. 77), existe um grande número de plantas, sem qualquer relação com a *Cannabis sativa* e, apesar disso, recebem a denominação popular de cânhamo. Caminhoá (11) cita, entre outras, o cânhamo dágua (*Lycopus aquaticus*, Moench), o cânhamo da China (*Boehmeria nivea*, Hock), o cânhamo de Creta (*Datisca cannabina*, L.), o cânhamo vivaz (*Laportea canadensis*, Gand), apesar de pertencerem a família, gêneros e espécies diferentes.

Leonardo Pereira (43) salienta o fato de alguns botânicos pretendem estabelecer diferença entre a *Cannabis sativa* (flores masculinas) e a *Cannabis indica* (flores femininas), como duas plantas distintas.

Vasconcelos Sobrinho (87), que realizou minucioso e interessante estudo sobre a planta, chegando mesmo a cultivá-la, diz “oferecer a certeza de que a planta denominada maconha em Pernambuco e Alagoas é a conhecida cientificamente por *Cannabis sativa* L). e pelo nome vulgar de cânhamo em grande número de países”.

A classificação dos cânhamos sempre deu margem a discussões. Porém, a maioria dos autores é de opinião que existe uma espécie única.

Convém assinalar o fato, freqüentemente observado, de indivíduos que, atravessando as grandes plantações de cânhamo existentes no sul da Europa, queixarem-se de sonolência, cefaléia, e tornarem-se loquazes, de riso fácil, o que vem demonstrar que a *Cannabis sativa* nessas regiões menos frias da Europa já apresenta, embora em menor escala, as propriedades hilariantes e euforísticas do haxixe.

Esta é a opinião de Kohn Abrest (39), que atribui êstes efeitos à volatilização, sob a ação do sol, do óleo essencial que a planta contém.

Leonardo Pereira (43) observou, no Estado do Pará, que os trabalhadores encarregados da limpa e da colheita da maconha apresentavam ligeiros sintomas de intoxicação, devido ao cheiro forte que se desprendia da planta.

Afirma Peralta (67) que “a matéria-prima empregada em tôdas as preparações de haxixe é a *Cannabis sativa*”.

Eug. Collin (18), fazendo referência ao cânhamo, diz: “Sous le nom de Chanvre Indien on designe une variété du *Cannabis sativa*, L. qui présente avec celui-ci les plus grandes ressemblances aux points de vue morphologique et anatomique et que s'en distingue par sa richesse en resine”. Assim sendo, a resina que não se encontra nas plantas européias é a característica das variedades produzidas sob o clima tropical e as suas propriedades farmacodinâmicas dependeriam apenas do clima.

Dória (28), professor de História Natural na Faculdade de Medicina da Bahia, cultivou a maconha com sementes obtidas no baixo São Francisco e identificou a planta como a *Cannabis sativa*.

J. G. Gastinel (cit. 67), em 1849, mencionou o seguinte: “Quando o vice-rei do Egito, Mahemed Ali, necessitou cordas para sua projetada frota de guerra, mandou plantar cânhamo no Egito, obtendo para isso as sementes européias, especialmente ricas em fibra; contudo, evidenciou-se que as plantas dos novos cultivos em pouco tempo perdiam por completo suas qualidades como matéria-prima para a indústria têxtil e, em compensação, segregavam resina de efeitos fortemente embriagadores”.

Kohn Abrest (39) afirma que a *Cannabis sativa* contém, também, embora em menor quantidade, os princípios ativos, aos quais o haxixe deve suas propriedades.

Existe mesmo uma lei de fisiologia botânica, segundo a qual as plantas que se desenvolvem em clima quente e sêco, elaboram sucos mais ativos e em maior quantidade.

Bouquet (cit. 89) acredita que a resina é, principalmente, uma reação protetora da planta contra os climas secos e temperaturas elevadas. Quando as flores desabrocham e quando as sementes estão em formação, torna-se vital para a perpetuação da espécie que a parte da planta, onde êstes fenômenos estão se processando, seja protegida contra o perigo da dessecação. Neste momento, as glândulas desenvolvem intensa atividade e há exsudação da resina protetora.

Atualmente, os botânicos não admitem senão uma espécie de cânhamo — a *Cannabis sativa* — abandonando, portanto, a denominação de *Cannabis indica*, que serviu durante longos anos para designar o cânhamo muito rico em resinas e altamente tóxico, produzido sob o clima dos trópicos.

Este fato não é para admirar, atendendo que certas plantas da flora amazônica apresentam esta particularidade, e mais interessante ainda, é que isto sucede na mesma região somente em determinada época do ano. Talvez baseados neste conhecimento, os nossos caboclos não retiram durante certos meses a seiva das árvores lactíferas, usadas no interior, para fins terapêuticos.

Está hoje sobejamente demonstrado que o cânhamo das zonas tropicais segrega, seja pela ação do sol, seja como meio de defesa contra a temperatura sempre elevada dessas regiões, um princípio tóxico que é a resina, princípio este que a planta não elabora nos climas frios, e dêsse modo, fica também explicado o motivo por que o cânhamo europeu é desprovido de resina, que só começa a ser elaborada em pequena escala, nas plantações do sul da Europa, onde a ação do clima já se faz sentir. Apenas sob este aspecto, poder-se-ia admitir a distinção, porque sob o ponto de vista botânico essa distinção (que geralmente é baseada no aspecto macro e microscópio da planta e, principalmente, dos seus órgãos de reprodução) é impossível de fazer. Não existe, portanto, a variedade *indica* da espécie *sativa*. A Enciclopédia Britânica diz a respeito: "Although different forms have been described under different botanical names there are no essential difference in any of the specific characters and all cultivated and wild hemp is now recognized as belonging to one species, *Cannabis sativa*, L." (83).

Vasconcelos Sobrinho (87) realizou um estudo sistemático preciso, em plantas especialmente cultivadas para esse fim no Parque de Pesquisas Agronômicas de Pernambuco e concluiu que a maconha de Pernambuco e Alagoas, que é idêntica à que cresce em todo o norte do país, é a mesma *Cannabis sativa*, L.

Aponta os seguintes dados para o seu reconhecimento:

"Caracteres: Plantas unisexuais, dióicas, flores não vistosas, de colorido amarelo-esverdeado, sem perfume; numerosas, situadas em toda a metade superior da planta, em grupos, nas axilas das folhas. Flores masculinas pedunculadas, femininas sésseis.

Flores masculinas haploclamídeas, 5-méras; estames com filêtes curtos, menos que a metade do tamanho da antera. Anteras introrsas, basifixas, -2tecas, de deiscência longitudinal. Pólen amarelo, pulverulento, abundante, com 3 poros salientes, equidistantes.

Flores femininas aclâmídeas, protegidas por 1 bráctea que envolve quase completamente o ovário e que se prolonga além dos estigmas. Estigma sésil, cuplo, plumoso; ovário supero, unilocular. Fruto sêco, indeiscentes, com tipo aproximado de noz.

Órgãos vegetativos — Erva de grande porte, quase arbustivo, atingindo em média 2 metros. Folhas simples, partidas, pecioladas, com estípulas. As inferiores com 7 pseudo-folíolos e as superiores com 5, até 3 ou reduzidas a lâmina delgada. Pseudo-folíolos com bordos grosso-serreados e com pêlos curtos, resistentes, apenas perceptíveis ao tato, por todo o limbo.

Meritalos longos: nós com tendência à produção de raízes adventícias.

Pelos caracteres acima mencionados, chegamos com relativa facilidade à subfamília *Cannaboideæ*, gênero *Cannabis*, espécie *sativa*, planta conhecida mundialmente pelo nome vulgar de cânhamo".

Na Capital da República, o Instituto Médico Legal, utiliza as reações de Beam e de Mustapha-Duquenois, em perícias, para a identificação da maconha.

No Nordeste brasileiro, a melhor época para o plantio, segundo Décio Parreiras (62), é o mês de agosto.

As sementes devem ser lançadas em uma sementeira, trinta dias depois de devidamente estrumada, de onde as mudas são transplantadas para o local definitivo.

“Em Bengala e junto à Costa de Malabar, o cânhamo é semeado entre maio e agosto, num terreno cuidadosamente preparado para o plantio; um funcionário inglês do Governo, denominado “Poddar” ou “Ganja-Doctor”, depois de inspecionar as plantações masculinas e sacudi-las sobre as femininas para que tenha lugar a fecundação” (67).

Como no cultivo do fumo, a “capação” torna-se aconselhável quando a planta atinge um certo desenvolvimento, com o objetivo de aumentar a produção pelo maior desenvolvimento dos ramos e das folhas. Consiste em quebrar o olho ou rebento terminal e, em geral, é feita no segundo mês.

Segundo Rodrigues Dória (28): — “Durante a operação feita sobre o fumo d’Angola, o operador deve ter o cuidado de não dizer obscenidades, nem assoviar, o que comumente fazem os lavradores durante o trabalho do campo, porque dar-se-iam os mesmos resultados que a aproximação ou o contato de uma mulher durante o catamênio”.

É ainda Dória (28) quem diz que, segundo a crendice dos lavradores, a planta pode “machear” se a capação fôr efetuada em presença de mulheres, que não podem tocar o vegetal, principalmente em ocasião das regas.

Divergem as opiniões quanto à época da colheita; se antes ou depois da frutificação, que segundo alguns diminui a capacidade resinífera da planta. A colheita deveria incluir apenas as inflorescências femininas e as brácteas, porém, isto raramente acontece. Temos encontrado folhas, frutos e pecíolos, às vezes de mistura com terra.

Na Ásia, segundo Peralta (67), a resina é obtida da planta intacta ou já cortada. Nos países do Himalaia, os trabalhadores vestidos com roupas de couro passeiam entre as plantas maduras. Raspam, em seguida, a resina que vai aderindo ao couro, com uma faca rombuda e a colocam em um recipiente que trazem prêso à cintura.

As plantas cortadas quando utilizadas são colocadas ao sol, sobre panos ou esteiras, ou secas à sombra. Os talos, as flores e as folhas são amassadas entre as mãos até que tenham desprendido toda a resina.

Entre os viciados, é muito comum ouvir dizer que a erva é boa ou não presta por ser fraca.

Na preparação das diferentes variedades de haxixe, entram, segundo Peralta (67), as folhas de implantação mais elevadas, os talos e a resina que é eliminada por algumas partes da inflorescência.

Estas sumidades floridas têm, segundo Walton (89), Kohn Abrest (39) e outros, óleo ativo, volátil, em maior proporção.

Para alguns, a planta feminina seria mais ativa pelo seu maior teor de resina. Bouquet (cit. 77), que estudou com carinho o assunto, apoia esta opinião. Hamilton, Cushman e Dewey (cit. 77 e 89) observaram as mesmas atividades nos dois sexos.

Segundo Prain e Schaffner (cit. 89), apenas o cânhamo plantado na estação da primavera e no campo é dióico. A percentagem de formas sexuais intermediárias é grande, na estufa, durante a estação invernososa, sem influência dos raios solares e a fertilidade do solo.

No norte do país, depois da colheita é submetida a fermentação, isto é, a planta depois de colocada em caixões fica resguardada do sol, porém,

constantemente arejada. É posta ao relento durante algumas noites e em seguida pisada. Décio Parreiras (62) ouviu dizer em Alagoas que é costume colocar a planta sob o calor de galinha, durante o período do chôco.

Segundo Prain (cit. 89), o ganja (hastes de 1 m. de comprimento, dispostas em feixe de 24), por exemplo, perde 3/4 de sua atividade após um ano e 100% depois de dois anos. Dixon (cit. 89) afirma, entretanto, que amostras de cânhamo indiano guardadas ao abrigo da luz e do ar mostraram-se igualmente ativas durante 20 anos.

Hamilton (cit. 89), do Parke Davis, concluiu, depois de vários ensaios, que a perda de propriedade não é tão rápida e, por esse motivo, deve ser desprezada na prática.

A falsificação do material usado no comércio clandestino é muito comum. Os contraventores vendem a maconha de mistura com a planta conhecida pelo nome vulgar de “vassourinha” (*Scoparia Dulcis*, L.), o que diminui consideravelmente o seu efeito tóxico. Muitas experiências têm fracassado por este motivo.

No México, a marihuana é plantada no meio dos campos de milho, onde fica bem oculta; entre nós, os canaviais e roçados são utilizados com o mesmo objetivo.

CAPÍTULO IV

MODOS DE UTILIZAÇÃO

A maconha pode ser fumada, bebida, comida, mascada ou aspirada sob a forma de pó ou rapé.

No Brasil é, geralmente, inalada em cigarros ou cachimbos e, mais raramente, bebida sob a forma de infusão ou chá. São estes meios de utilização em uso em nosso país, que merecem ser destacados.

O CIGARRO — É em tudo parecido com o cigarro de fumo, feito a mão. No Pará, é a forma usual de utilização; o cigarro é mais fácil de ser escondido e seu uso não chama atenção.

O papel usado para a confecção é o papel comum de embrulho ou a palha de milho, fina e menos rugosa, a fim de que a combustão se faça lentamente e os efeitos sejam mais apreciáveis.

Na ânsia de maiores lucros, os vendedores do tóxico adulteram os cigarros, adicionando-lhes outras plantas (fólias de louro picadas, vassourinha, etc), deixando a maconha apenas nas extremidades.

Os cigarros são preparados com as fólias e inflorescências, porque as sementes, segundo a crença dos fumadores, faz estalar os dentes.

Os fumadores de maconha de Aracaju, conforme Garcia Moreno (32), classificam os cigarros em três tipos: morrão, baseado e fininho. O primeiro pesa duas gramas e meia, o segundo uma grama e setenta e o último, apenas uma grama.

Em todos os Estados, onde a toxicose é conhecida, o cigarro vai ganhando terreno em detrimento do cachimbo. Lucena (48) é de opinião que, em Recife, o uso do cigarro é mais contraditório, em virtude da repressão policial.

O CACHIMBO — Constitui o método clássico de fumar a maconha e nos foi trazido da África pelos escravos.

Peralta (67), estudando o haxixe, informa que “o Ganja e o Charas, este último muito mais caro, fumam-se na Índia em cachimbos de água, geralmente misturados com tabaco. Estes cachimbos, que muitas vezes

ostentam as formas mais curiosas são de latão, porcelana, marfim, bambu e outras substâncias, devendo-se notar que, na realidade, não existem cachimbos especiais para haxixe, pois êste pode ser fumado em qualquer cachimbo comum". "Nos mercados, existem estabelecimentos que têm prontos para o uso imediato os cachimbos de haxixe (os chamados "Hukas"), dos quais o viciado, mediante pagamento, pode tirar algumas cachimbadas".

Iglésias (36) dá uma descrição precisa do cachimbo usado no Nordeste:

"Há uma cabaceira que produz uma pequena cabaça, da capacidade mais ou menos de um litro, cuja forma se presta muito para transformá-la num cachimbo. Eis um dos cachimbos usados: tem um corpo quase esférico, havendo um estrangulamento para o lado em que se fixa o pedúnculo que corresponde ao canudo do cachimbo.

No polo da parte esférica, abre-se um buraco do diâmetro de alguns centímetros, onde se adapta uma panelinha de barro em forma de cone truncado com a base para cima, por onde se introduz a diamba; no fundo há um buraco. Na extremidade, onde há o sinal do pedúnculo, abre-se um pequeno orifício. A cabaça é cheia de água até encontrar o cano e chupa-se pelo orifício. A fumaça atravessa a água e vai à bôca do fumante".

Rodrigues Dória (28) descreve, entre outros, um cachimbo confeccionado com garrafas:

"Ao cachimbo com o dispositivo da garrafa, diz êsse autor, dão, na gíria dos fumantes, o nome de Maricas. Os mais refinados no vício fazem no tubo do cachimbo, na parte que fica fora da garrafa ou da cabaça, um pequeno furo para se desprender um pouco de fumaça, que não foi lavada, e provocar espirros, irritando a pituitária e constituindo isto um epifenômeno poético do vício. O Maricas é companheiro inseparável dos canoeiros e barceiros. É também apreciado entre êles o borborinho que ao atravessar a água produz a fumaça sorvida em profundos e esforçados tragos".

Garcia Moreno (32) informa que o uso do "maricas" está, presentemente, limitado aos pescadores e canoeiros do baixo São Francisco. No Maranhão, é preparado com o fruto da *Lagenaria vulgaris*. Segundo Décio Parreiras (62), existem também cachimbos confeccionados com chifre de boi.

Não resta a menor dúvida de que o "maricas" é, simplesmente, uma variedade "narghilé" do cachimbo turco, usado pelos fumadores de ópio.

Décio Parreiras (62) chega a descrever uma técnica especial de aspiração preferida pelos fumadores, que "no momento da inalação da fumaça, mostram certa atitude de gôzo e de êxtase, bem como a maneira de segurar o "cheio", com a cabeça ligeiramente inclinada.

É preciso se aspirar a fumaça de uma maneira prolongada e profunda. Outros preferem fazer três ou quatro tragadas consecutivas, o que, nos novatos, é suficiente para o início da embriaguez canábica. Assisti a dois casos em que os fenômenos da alucinação se manifestaram ao fim da terceira aspiração".

No Brasil, a quantidade de cigarros fumados durante o dia varia muito, como é fácil de verificar pelas observações apresentadas.

O CHÁ — O uso do chá é menos difundido e tem outro objetivo. Dois dos nossos observados faziam uso do chá de maconha, um para acalmar a dor de estômago e o outro para abrir o apetite. Os mexicanos comem e bebem a maconha, às vezes adicionada ao leite, previamente açucarado.

Os indígenas do Panamá utilizam a maconha sob a forma de chá de sementes.

É usado no Nordeste sob a forma de chá ou infuso nas dores menstruais e nas dores de dentes.

O RAPÉ — Este modo de utilização é desconhecido entre nós. Na União Soviética, proveniente da Ásia Central, é vendido em forma de pó sob os nomes de “Naschá” e “Anaschá”.

Há menção do uso do haxixe sob a forma de rapé, nas “Mil e Uma Noites” (cit. 76): “Índo pelo Gharib acima, êle introduziu o bhang pulverizado pelas narinas, até perder os sentidos, etc.”.

USO COLETIVO — Todos os autores que estudaram a toxicose são unânimes em assinalar a tendência que têm os fumadores para fazerem uso coletivo da maconha. Heitor Peres (68) acredita que, no caso particular da maconha, os toxicomaníacos não fogem da tendência à conglomeração. O estado eufórico facilmente contagiante do fumador e o fato de a intoxicação coletiva ser, em média, menor do que a individual, foram apontados como fatores determinantes dessa modalidade particular de utilização em sociedade.

No Hotel Pimodan, em plena Paris, dentro do célebre Quartier Latin, funcionava “Le Club des Hachichins”, onde os seus associados, para fugir do “ambiente burguês”, conforme a declaração de Gautier, entregavam-se ao uso imoderado do haxixe. Entre médicos, literatos, pintores e outros que freqüentavam êsse clube, estavam Baudelaire e Gautier, cujas descrições da intoxicação são hoje clássicas.

Lucena (48), referindo-se ao hábito de fumar em sociedade, cita o seguinte exemplo:

“Em outros locais, é em obediência a ritos religiosos que o cânhamo se consome em comum. Assim, no México, o seu uso obedece a um cerimonial minucioso. Os fumadores constituem sociedades secretas. Reunidos em círculo, deitados sôbre esteiras, preparam grossos charutos. Cada fumador aspira sua baforada e passa o charuto adiante, ao mesmo tempo que transmite ao vizinho a fumaça narcótica, juntando as bêcas. Assim por diante até completar para cada um a décima terceira baforada. No centro do círculo, é colocado um iguana e os presentes, enquanto fumam, entoam uma curiosa melopéia que celebra as propriedades da marihuana. Quase ao terminar as últimas baforadas, o iguana cai intoxicado; os assistentes sabem que chegou o momento de parar de fumar; se prosseguirem, podem sobrevir acidentes. A direção para a qual se volta a cauda do animal intoxicado é interpretada como indicando os que deverão falecer próximamente, etc.”.

O Clube dos Diambistas do vale do Mearim, no Maranhão, que Iglésias (36) descreve no seu trabalho sôbre o vício da diamba, tem sido observado em outros Estados. Vejamos o que diz Iglésias (36):

“Os fumadores reúnem-se, de preferência, na casa do mais velho, ou do que, por qualquer circunstância, exerce influência sôbre êles, formando uma espécie de clube, onde, geralmente, aos sábados, celebram as suas sessões.

Colocam-se em tórno de uma mesa e começam a sugar as primeiras baforadas de fumaça da *Cannabis sativa*.

Depois de alguns minutos, os efeitos começam a fazer-se sentir.

O individuo apresenta os olhos vermelhos. Os músculos da face se contraem, dando ao rosto expressão de alegria ou dor; a embriaguez não tarda e com ela o cortejo dos seus vassallos; o delírio aparece agradável, dando bem-estar, trazendo à mente coisas agradáveis, vai aumentando, até à loucura furiosa, que toma diversas modalidades, segundo o temperamento de cada individuo.

Uns ficam em estado de coma, em completa prostração; os outros dão para cantar, correr, gritar; outros ficam furiosos, querem agredir, tornam-se perigosos.

Os fumadores, depois de curtirem a embriaguez, voltam ao estado normal. Isto no comêço do vício. Quando o individuo é um diambista habitual,

mesmo depois da embriaguez, tem aspecto e modos de idiota; é um homem à margem.

O alcoolista, geralmente, não quer ser tido como tal; mas não faz muita questão de beber álcool em plena sociedade; mas o diambista, não; esconde o seu vício, vai fumar às escondidas, não quer que se saiba, nega-o sempre que é interpelado, a não ser que seja um diambista inveterado, que o idiotismo esteja apontando, implacavelmente para o seu miserável vulto: êste é o fumador de diamba.

Vamos assistir a uma sessão num clube de diambista, no vale do Mearim, próximo a Pedreiras, no Estado do Maranhão; os fumadores estão, uns em volta de uma mesa, outros deitados em suas rêdes.

As primeiras fumaçadas, os olhos se injetam de sangue: os primeiros sintomas de perturbação mental se manifestam. Alguns ditos chistosos, uma gargalhada, indicam que o pessoal começa a embriagar-se, e versos toscos, em termos africanos, saem por entre baforadas de diamba.

Nos Estados do nordeste, em que foi maior a influência do africano, a tendência de fumar em sociedade é mais notada. Na Bahia, é fumada em conjunto ou em "assembléias". Não temos notícia de nenhum clube de diambistas no Pará ou no Amazonas, onde aquela influência foi diminuta.

Rodrigues Dória (28) observou o uso da maconha, nos catimbós, em Alagoas.

Décio Parreiras (62) discorda dos que julgam que fuma-se maconha, nos catimbós, nas cerimônias de magia e de ritos religiosos africanos, nas danças e batuques, de onde os intoxicados, pela sua agressividade, seriam prontamente afastados. Os pais de terreiro, em Pernambuco, negam terminantemente o uso da maconha e o Serviço de Higiene, nas suas investigações rotineiras, nada de concreto encontrou contra êles, neste sentido.

Para o fumo coletivo, em noso país é o cachimbo o meio utilizado. Em Cuba, a "confradia ou bonche" é formada de meia dúzia de viciados que usam o cigarro, ao qual denominam de "chicharra". No México, os fumadores preparam grossos charutos para uso coletivo.

Os fumadores têm a sua musa própria e seus trovadores e os versos fazem alusão a maconha, cujos "benefícios" exaltam.

Na Cidade de Menores, em Aracaju, Manoel Ribeiro conseguiu, entre ex-maloqueiros, várias trovas da maconha, que Garcia Moreno (32) cita em seu trabalho

— Eu me chamo Zé Ceguinho
não nego meu naturá,
mas a erva só é bôa
quando vem de Propriá.

— Cacoré, cacoré, coisa e tá
tanto faz dá na cabeça como na cabeça dá,
a erva só é bôa
quando vem de Propriá".

Esta aponta a fonte de proveniência da melhor maconha de Sergipe.

"Eu sou Enoque afamado
porquê não tem cirimonha
em todo lugar que canto
minha cara é sem vergonha
deixei de beber cachaça
agora só tomo maconha.

ajué, Marica, Marica diga ajué
ajué Marica, gonga".

Aqui, o ganhador Enoque confessa a sua preferência pela maconha, segundo José Calazans (cit. 32):

“Ajuê, Marica, ajuê
diz Marica:
— Eu vi uma cobra de corau
e duas salamanta forte
e treis giboia armando um bote
p'ra pegá quatro guará
e vi cinco novia com medo de seis serpente
e vi sete fera valente
e vi oito em uma levada
e vi nove cobra assanhada
com dez carreira de dente”.

É evidente que a alucinação visual do poeta serviu de base à sua inspiração.

A ação estimuladora tão exaltada nesta canção popular levou os mexicanos a utilizarem a marihuana na “dopagem” de touros e de galos de briga.

Quando os animais, apesar de excitados, não desejam lutar é muito comum receberem uma dose de marihuana. Nas brigas de galos as aves são examinadas e rejeitadas se o odor de marihuana indica o “doping”.

Décio Parreiras (62) chega a sugerir a “pesquisa de maconha na saliva dos animais indóceis do Turf brasileiro”.

No Rio de Janeiro, a “dopagem” de canários de briga é muito comum. Décio Parreiras (62) ouviu em Neópolis, no vale do São Francisco, um aficionado de rinhas de galo dizer ao outro: “o meu galo não briga com o seu, porque o seu come maconha”.

Convém salientar que, segundo Bouquet (cit. 50), o haxixe encerra 35 a 47% de resina ativa, ao passo que a marihuana contém 5 ou 8%, apenas. É de esperar, portanto, que o haxixe (uma preparação do cânhamo muito rica em princípios ativos), produza efeitos muito mais acentuados do que a planta, em seu estado natural, quando inalados.

Décio Parreiras (62), comparando os dados estatísticos referentes a alterações e distúrbios do psiquismo nos fumadores de maconha, é de opinião que “a resina da *Cannabis sativa* plantada e cultivada no território nacional, pode determinar, quando aspirada, distúrbios psíquicos em 65% dos casos, distúrbios que vão desde o riso abundante e inconseqüente, até à alucinação, à loucura, à agressão e ao homicídio”. Décio Parreiras (62), entretanto, não faz menção à dose, nem à qualidade do material usado

CAPÍTULO V

PRINCÍPIOS ATIVOS. MEIOS DE IDENTIFICAÇÃO. POTENCIALIDADE DA MACONHA BRASILEIRA

PRINCÍPIOS ATIVOS — Muito há que estudar ainda sôbre as substâncias que dão ao cânhamo as propriedades tóxicas e terapêuticas que possui.

Personne (cit. 39) cita dois hidrocarburetos: o canabeno (C¹⁸ H²⁰), o hidro-canabeno e uma substância resinosa de côr verde, solúvel no álcool e no éter, a canabina. A haschischina de Gastinel (cit. 39), é também um extrato resinoso.

Richter (cit. 39) obteve pelo tratamento do tanato de canabina pelo hidrato de zinco, em meio alcoólico, a canabinona. Jahns (cit. 39) acredita que o único alcalóide contido no cânhamo é a colina.

Hay (cit. 39) isolou a tétano-canabinina, que injetada na rã, por via sub-cutânea, provoca contrações musculares. É solúvel na água, no álcool, no éter e no clorofórmio. Produz uma coloração violácea com o bicromato e com o ácido sulfúrico (diferença com a estriquinina).

Wood, Spivey e Easterfield (cit. 39) extraíram do charas um terpeno; um sesqui-terpeno; um carbureto e um óleo vermelho, o canabinol. Este seria o princípio ativo da resina purificada.

O canabinol foi isolado por G. Pauchet e depois por Fraenkel (cit. 39). As soluções de canabinol alteram-se rapidamente ao contacto com o ar e com a luz.

Adams (cit. 62) extraiu o canabidiol, um novo composto ($C^{21} H^{30} O^2$ ou $C^{21} H^{32} O^2$) existente no óleo vermelho purificado da *Cannabis sativa*.

Segundo Jayme Pereira (77), o canabidiol é farmacologicamente inativo.

Adams e seus colaboradores (cit. 62) são de opinião de que “o óleo vermelho do cânhamo deve conter outros produtos inteiramente relacionados ao canabinol e ao canabidiol”.

Transcrevemos, a seguir, a opinião autorizada de Jayme Pereira (77) sobre o assunto:

“Todd, que se tem dedicado ao estudo químico da maconha, é um dos autores de maior autoridade no assunto. Diz êle que “de tôdas as drogas que comumente provocam vício, o *cannabis* é a menos conhecida do ponto de vista científico, a despeito de apresentar propriedades farmacológicas notáveis”. Tal situação decorre do fato de que o princípio ativo ou os princípios ativos da maconha são contidos na secreção resinosa da planta, material êste de difícil manipulação e de cuja natureza pouco se conhece ainda hoje. São acordes os autores quando precisam que o constituinte ativo se acha na fração de elevado ponto de ebulição da resina, não contendo nitrogênio em sua molécula e podendo ser distilado em alto vácuo sem decompor-se.

Até o aparecimento do trabalho de Wodd, Spivey e Easterfield, que marcou o início de uma fase verdadeiramente científica no estudo químico da maconha, pouco se conhecia sobre a natureza e a composição química dos constituintes dessa planta. Collin afirmava a existência no cânhamo indiano de uma resina conhecida pelo nome de *canabina*, um óleo essencial e muitos alcalóides, entre os quais a colina, a trigoielina e a muscarina. A existência ou não de alcalóides entre os constituintes ativos da maconha é um ponto dos mais interessantes no estudo químico da planta. Walon, referindo-se ao princípio ativo do haxixe, diz que “não é surpreendente que se tenha imaginado que esta potente substância seja um alcalóide”.

De fato, a possível existência de alcalóides na maconha tem sido referida por vários autores. Em 1876, Preobrazshenski pretendia ter isolado um alcalóide volátil, aparentemente idêntico à nicotina. Constatou-se, posteriormente, conforme relataram Dragendorf e Marquiss, Aruinyantz, Siebold e Bradburg e Kennedy, que o material manipulado por aquêlê pesquisador continha tabaco, pois que, como veremos mais adiante, é comum entre os fumadores de maconha, misturar esta ao tabaco. Gastinel, em 1848, afirmava igualmente, a existência de um alcalóide. Siebold e Bradburi isolaram um outro, ao qual deram o nome de *canabinina*. Hay conseguiu também separar um princípio de natureza alcaloidal, que, por provocar tétano na rã, recebeu o nome de *tétano-canabinina*. Outros autores ainda pretendem ter demonstrado a existência de alcalóides na planta em questão. Pelas observações que adiante serão relatadas, acreditamos igualmente na presença de alcalóides na maconha, sem todavia podermos atribuir aos mesmos as atividades alucinatórias e narcóticas da planta. Dissemos há pouco que a Wood, Spivey e Easterfield devia-se o início rigorosamente científico do

estudo químico da maconha. Estes autores, que trabalharam com o charas (resina extraída da planta) proveniente da planta indiana, isolaram os seguintes constituintes: 1) um terpeno de fórmula $S^{10} H^{16}$ com ponto de ebulição entre 165 a 175° (1,5%); 2) um sesqui-terpeno de fórmula $C^{15} R^{24}$ com ponto de ebulição entre 258 a 259° (1,75%); 3) pequena quantidade de uma parafina hidrocarbonada, $C^{29} H^{60}$, com ponto de fusão a 64°, e 4) um óleo tóxico vermelho ou resina de fórmula $C^{18} H^{24} O^2$, ao qual denominaram *canabinol*, com ponto de ebulição a 265°/m.m. e que rendeu 33%. Dêste óleo conseguiram os autores dois derivados, um monoacetilado e outro monobenzoilado, demonstrando assim a presença de um grupo hidroxílico, o que justificou o termo de *canabinol*. Alguns anos mais tarde, Wood, Spivey e Easterfield constataram que o *canabinol* por eles isolado constituía uma mistura de, pelo menos, dois componentes, conseguindo, então separar uma substância em estado de pureza de fórmula $C^{21} H^{26} O^2$, para a qual reservaram a denominação primitiva de *canabinol*.

O *canabinol* foi então tomado como objeto de indagações químicas por vários autores.

Posteriormente, vários anos mais tarde, Work, Bergel e Todd isolaram o *canabinol* sob a forma cristalina de p-nitrobenzoato e revelaram o importante fato de que o *canabinol* não era o princípio farmacologicamente ativo da resina, conseguindo, por outro lado, preparar uma fração bastante concentrada e ativa livre de *canabinol*. Mostraram ainda, êsses autores, que a prova de Beam, comumente usada para identificação dos extratos de *cannabis*, não é positiva nem com o *canabinol*, nem com os constituintes ativos da planta.

Adams e colaboradores isolaram um outro constituinte para o qual propuzeram o nome de *canabidiol* e que, apesar de dar uma reação fortemente positiva com a prova de Beam, é farmacologicamente inerte. Um isômero desta substância foi também isolado por Jacob e Todd e recebeu a denominação de *canabol*. Esta é negativa frente à prova de Beam e apresenta reduzida ação farmacológica.

Adams, Baker e Wearn de um lado, Ghosh, Todd e Wilkinson de outro, realizaram a síntese do *canabinol*, demonstrando que a fórmula estrutural proposta por Jacob e Aodd é a verdadeira:

Segundo Todd, "nenhum dos compostos naturais, *canabinol*, *canabidiol* e *canabol*, é responsável pelas propriedades narcóticas da planta".

Mais recentemente, Haagen-Smith e colaboradores, comunicaram o isolamento de uma substância cristalina, demonstrando a atividade característica da droga e à qual denominaram *canina*.

São estas as contribuições que julgamos de maior interesse no tocante ao estudo químico da maconha. Muitos outros trabalhos enriquecem a literatura neste particular, sem que contribuam, todavia, para um maior esclarecimento do problema que, como vimos, ainda se acha em fase plenamente nebulosa".

Walton (89), relata que Wood, Spivey e Easterfield, químicos em Cambridge, tiveram que interromper seus programas de pesquisas, em virtude de acidentes que sofreram relacionados com as experiências que realizavam. Wood ingeriu uma certa quantidade de *canabinol*, no momento em que preparava o zinco eílico. Êste, inflamou-se justamente no momento em que êle estava inconsciente. Foi salvo, milagrosamente, com muita dificuldade. Easterfield foi morto em consequência de uma explosão quando pretendia hidrogenizar o *canabinol*. Spivey faleceu quando se empenhava no estudo de síntese da *nitrocanabinolactona*.

MEIOS DE IDENTIFICAÇÃO — Existem vários métodos — físicos, químicos e biológicos — usados para identificar a planta, porém, os mais utilizados são o exame microscópico, a reação de Beam e a prova de Duquenois e Mustapha.

EXAME MICROSCÓPICO — O método de identificação do material usado no comércio, proposto por Vasconcelos Sobrinho (87) e transcrito por nós, quando tratamos da planta, inclui o exame microscópico.

Schneider, Youngken, Gathercoal (cit. 89) e outros deram detalhes da identificação microscópica.

Kohn Abrest (39) e Bamford (cit. 77) salientam como de muita importância para o diagnóstico os seguintes aspectos botânicos: 1) pêlos longos e vermiformes; 2) pêlos curtos, cistolíticos, cuja forma muito se assemelha a uma retorta; 3) glândulas secretoras de resina, das quais umas são sésseis e outras suportadas por pedúnculos multicelulares.

Papavassiliou e Liberato (cit. 77) afirmam que a presença do haxixe, em qualquer substância, pode ser revelada por pêlos glandulíferos, que são incontestavelmente os elementos mais característicos do cânhamo indiano.

RAIOS ULTRAVIOLENTA — Segundo Khouri (cit. 89), as sumidades floridas, à luz da lâmpada de Wood, apresentam uma luminescência ou cor castanha brilhante que pode passar ao acaju; o extrato dá uma fluorescência verde; o pó não apresenta nenhuma particularidade.

REAÇÃO DE BEAM — Consiste em extrair a droga com éter de petróleo, depois remover e evaporar este e tratar os resíduos com potassa alcoólica a 5% ou com ácido clorídrico a 20%.

Conforme a descrição de Beam (cit. 77), “a substância a examinar é tratada pelo éter de petróleo; filtrada, é o éter evaporado em uma cápsula de vidro ou porcelana em banho-maria. Ao resíduo se ajuntam, enquanto ainda quente, uma ou duas gotas de uma solução alcoólica da potassa cáustica a 5%. Em caso de presença de haxixe produz-se uma reação violeta”.

Posteriormente, Beam (cit. 77) modificou a sua técnica, passando a usar o álcool saturado por uma corrente de vapor de ácido clorídrico. O ácido clorídrico, ao entrar em contacto com o resíduo resultante da evaporação do extrato de maconha, produz uma coloração vermelho cereja. Esta coloração desaparece completamente adicionando-se água.

Azadian, Bouquet (cit. 89) e muitos outros acham que a prova de Beam tem valor qualitativo, permite dizer se a amostra de cânhamo contém resina, porém, não dá qualquer indicação sobre a quantidade de tóxico existente, isto é, sobre o valor estupefaciente da droga.

Papavassiliou e Liberato (cit. 77), depois de um demorado e cuidadoso estudo experimental, verificaram que, “das 24 amostras de substâncias aromáticas que poderiam estar contidas nas preparações de confeitaria contendo haxixe, nenhuma deu reação de Beam, absolutamente semelhante à dada pelo haxixe”.

Segundo Walton (89), a reação de Beam é a prova mais satisfatória de que nós dispomos presentemente. É a ela que o perito tem que recorrer, enquanto não for encontrada outra mais precisa.

É usada no Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro para fins periciais. É adotada nos Estados Unidos pelo Bureau Federal de Investigação e pelo Bureau Federal de Narcóticos.

Bouquet (cit. 89) considera o teste alcalino mais sensível. Partindo do princípio de que a clorofila é que mais interfere com a reação de Beam, observando ou afetando a coloração, propôs uma ligeira modificação no método, que denomina de “teste de álcool amílico”.

O material, cuja quantidade varia de acôrdo com o seu conteúdo em resina, deve ser triturado em um grau, com um ou dois tabletes de KOH ou NaOH, e reduzido a pó. Junta-se e mistura-se bem 5 a 10 cc. de álcool etílico a 95%. Filtra-se, e o filtrato é colocado em um provete arrolhado e graduado.

Na maioria dos casos, uma coloração violácea (igual à produzida pela reação alcalina de Beam) é encontrada nas margens do filtro. O filtrado toma uma côr violeta-avermelhada mais ou menos intensa.

Toma-se 1 cc. do filtrado e dissolve-se em 5 ou 10 vêzes o seu volume de água destilada (ou mais, de acôrdo com a intensidade da côr). Isto dará uma solução opalescente de côr violácea escura mais ou menos intensa (que a adição de umas poucas gôtas de ácido, mesmo ácido orgânico, removerá),

Adiciona-se álcool amílico (1 cc. para 10 cc. de fluido), sacode-se com força e a matéria corante violácea será removida da solução aquosa.

Deixa-se repousar e a camada de álcool amílico que sobrenada tem uma côr violácea mais ou menos intensa (conforme o caso, a coloração pode variar do róseo violáceo pálido ao violáceo opaco escuro), que persistirá por muitos dias.

REAÇÃO DE DUQUENOIS E MUSTAPHA (cit. 62 e 77) — Estes autores utilizam um reativo em cuja composição entram a vanilina, o aldeído acético e o álcool, cuja fórmula é a seguinte:

Vanilina pura	0.40 g.
Oldeído acético	0.06 g. (cêrca de 4 gôtas)
Álcool a 95°	20 cc.

O material é esgotado a frio, pelo éter de petróleo. Depois de filtrado e evaporado em banho-maria, colocam-se 2 cc. do reativo sôbre o resíduo ainda mórno e agita-se até ficar completamente dissolvido. Adicionam-se, então, 2 cc. de HCL concentrado e o resultado é o aparecimento de uma coloração verde que passa ao cinzento e depois ao azul índigo, isto em 10 minutos; passando depois de meia hora ao violeta, que adquire maior intensidade com o correr do tempo (até 1 hora).

O Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro também utiliza a prova de Duquenois-Mustapha, ao lado da reação de Beam.

OUTRAS REAÇÕES — Outras reações têm sido propostas sem, entretanto, apresentarem qualquer vantagem sôbre as precedentes.

Ghamrawy (cit. 77), por exemplo, utilizou o perdimetil-amino-benzoldeído, que, em meio sulfúrico, produz com a resina do cânhamo uma reação que se manifesta por uma coloração purpúrea, que se transforma em azul juntando-se água distilada fria.

Esta reação perde o seu valor, porque produz colorações muito parecidas com outras resinas (mirra, assafétida, etc.) e algumas essências (anis, timol, rosmaninho, gerânio, etc.).

Henstok, Viehover, Ghose e Bhattachargee (cit. 77) sugeriram outros métodos, cujo resultados práticos foram pouco satisfatórios.

Jayme Pereira (77) utilizou, nas suas experiências, maconha proveniente dos Estados do Maranhão e Pernambuco. A do Maranhão foi guardada em estufa a 60° C. durante 24 horas, sendo triturada em seguida e guardada em vidro escuro cêrca de 2 anos, até a época das experiências. A de Pernambuco foi conservada em latas fechadas, ao abrigo da luz.

Além das provas e reações que acabamos de referir foram utilizados vários meios biológicos com o objetivo de demonstrar a atividade farmacodinâmica da maconha.

Assis Iglésias (36) e Oscar Barbosa (4) realizaram experiências em pombos, cobaias, coelhos e cães.

Jayme Pereira (77) efetuou a prova de Gayer, em coelhos e a de Dixon, em cães.

José Hasselmann e Oscar Ribeiro (33) usaram peixes (*Lebistes reticulatus*) para suas experiências, e Edgard Pires da Veiga (73), Paramécios, gias (*Leptodactylus Pentadactylus*), camundongos brancos, cães e peixes (*Hyphessonbrycon Flammeus*).

Walton, Martin e Keller, White e Cianciarulo, Pittenger, Evans, Marshall e Joel, Kruver (cit. 89) e outros efetuaram provas biológicas com o mesmo fim.

Tôdas estas experiências vão descritas no capítulo referente à Parte Experimental.

Conclusões de Jayme Pereira (77):

“Maconha ou diamba são os nomes pelos quais o cânhamo (*Cannabis sativa* L.) é mais conhecido no Brasil entre os que se entregam ao vício de fumar essa planta.

A maconha cultivada no Brasil, nos Estados setentrionais, possui as mesmas propriedades farmacológicas evidenciadas nas variedades índica e norte-americana, isto do ponto de vista qualitativo, parecendo, porém, inferiores, quantitativamente.

Os extratos de maconha, acetônico e alcoólico, demonstraram efeitos positivos quando experimentados no coelho (prova de Gayer), produzindo neste animal a característica anestesia da córnea, e no cão, no qual provoca ataxia motora, quando administrados nas doses adequadas.

Os resultados das provas biológicas são reforçados pelas provas químicas e físicas que evidenciaram, no material examinado, as características encontradas pelos autores que trabalharam com amostras de maconha e produtos derivados de procedência indiana ou norte-americana”.

Conclusões de José Hasselmann e Oscar Ribeiro (33):

“Foi utilizado o *Lebistes reticulatus* como animal, para ensaio fisiológico da toxidez do *Cannabis sativa*.

Não foi possível provar que a toxidez das fôlhas seja diretamente proporcional à sua localização na planta, a partir da base.

Há probabilidade de que a maconha cultivada por nós seja mais potente que a cultivada nos Estados Unidos.

Apresentam ainda toxidez elevada as fôlhas colhidas abaixo do 5.º nódulo das plantas.

Há realmente uma variação na toxidez entre os diferentes indivíduos cultivados num mesmo local”.

Conclusões de Pires da Veiga (73):

“É a maconha vasoconstritora periférica.

Não tem ação sôbre os movimentos dos Paramécios, no entanto, diminui o movimento dos cílios vibráteis do rinofaringe do *Leptodactylus pentadactylus*.

Apresentou ação depressiva sôbre o sistema nervoso central do cão e do camundongo branco quando inalados os produtos de combustão da planta.

Por via intramuscular, os extratos de liamba, nas doses por nós tentadas, foram inativos para o cão.

Pequenos peixes (*Hyphessonbrycon Flammeus*), mostraram-se extremamente sensíveis à ação da maconha, confirmando a observação de outros pesquisadores.

As presentes conclusões não são definitivas e vão à guisa de nota prévia”.

POTENCIALIDADE DA MACONHA BRASILEIRA

A opinião geral é que o cânhamo da Europa e da Índia é mais ativo do que o cultivado no continente americano. Eckler e Miller (cit. 89) realizaram numerosas experiências e chegaram à mesma conclusão.

True e Klugh (cit. 89) concluíram, ao contrário, que o cânhamo que cresce em Washington e no Texas é tão ativo quanto o importado.

Houghton e Hamilton (cit. 89) afirmam que a *Cannabis sativa* de Kentucky, Michigan, Minnesota e a do México são tão potentes quanto a melhor importada da Índia. O cânhamo cultivado em Nova Orleans é considerado de atividade igual ao importado do México.

Hamilton, Lescohier e Perkins (cit. 89) utilizando, alternativamente, o cânhamo cultivado na Índia e nos Estados Unidos, levaram a efeito sete auto-experiências e afirmaram, fora de qualquer dúvida, que as plantas de ambas as procedências continham os mesmos princípios ativos. Eram, portanto, qualitativamente semelhantes.

A mesma dúvida persiste quando os autores nacionais comparam a maconha brasileira com a marihuana mexicana e norte-americana.

Lucena (48) é de opinião de que a maconha brasileira não chega a ter a mesma potencialidade do cânhamo indiano e da marihuana. Diz Garcia Moreno (32) que “é lícito supor o baixo poder tóxico da *Cannabis sativa* que cresce no Brasil”.

Jayme Pereira (77), em suas experiências, chegou à conclusão de que a nossa maconha é qualitativamente igual à índica ou norte-americana, porém, quantitativamente, inferior.

Jarbas Pernambucano (cit. 50) acredita na pobreza, em princípios ativos, da maconha cultivada em Pernambuco.

José Hasselmann e Oscar Ribeiro (33), nas provas que realizaram em peixes, observaram que “há probabilidades de que a maconha cultivada por nós seja mais potente que a cultivada nos Estados Unidos”.

Cordeiro de Farias, Pernambuco Filho e Décio Parreiras (cit. 62), nas experiências realizadas no Rio de Janeiro, concluíram: “a maconha cultivada e em uso no Brasil apresenta os mesmos perigos e efeitos tóxicos das suas congêneres em outros países, dependentes de sua dosagem, de seu maior ou menor teor de resina, da sua melhor ou pior conservação”.

Hasselmann e Ribeiro (33) observaram uma variação de toxidez entre plantas cultivadas num mesmo local.

CAPÍTULO VI

SINTOMATOLOGIA

CONSIDERAÇÕES GERAIS — A intoxicação aguda produzida pelo cânhamo ou maconha não é fácil de descrever, em virtude do polimorfismo de sua sintomatologia.

Os sintomas variam em intensidade e qualidade, de acordo com a dose empregada, com a resistência orgânica do indivíduo ou, talvez, devido a uma miopragia nervosa e ainda com a qualidade da droga utilizada.

É fato de observação corrente que, de vários pacientes submetidos à mesma dose de uma determinada amostra de maconha, utilizando-se a mesma via (inalação, etc.), uns reagem mais intensamente que outros.

Um dos nossos observados utilizou apenas 2 gramas e, durante 2 horas, apresentou 12 crises ricas em sintomas nervosos e mentais. Outro, com 4 gramas teve apenas ligeiras manifestações. Repetida a experiência um mês

depois, portou-se de igual maneira. Isto prova, de certo modo, a influência da resistência orgânica.

É perfeitamente compreensível a importância da dose empregada sobre a intensidade e qualidade dos sintomas. As doses altas acentuam certos sintomas ou determinam o aparecimento de outros.

A via utilizada deverá ser também considerada, como demonstram as experiências em animais.

A qualidade da maconha depende do maior ou menor teor de resina ou princípios ativos, da colheita, do preparo do material, da maior ou menor proporção de inflorescências femininas, da mistura com outras plantas inócuas, etc., e tem considerável influência sobre as manifestações sintomáticas.

A falta de menção da dose, na maioria das observações apresentadas e, até mesmo em algumas experiências, dificulta, até certo ponto, a análise dos sintomas.

Procuramos analisar, separadamente, todos os sintomas observados, embora alguns estejam relacionados entre si pela semelhança de seus mecanismos.

Além disso, existem sintomas que, até a presente data, não foram classificados, nem explicados convenientemente.

Entre êstes, merece especial atenção aquela aparência de geléia transparente, que, segundo Taylor (6 e cit. 89), tomou seu corpo durante a intoxicação. Este fenômeno muito se assemelha ao descrito por Gautier (cit. 55, 65, 74 e 89), que teve a impressão de que seu corpo se tinha dissolvido e se tornara transparente. Tanto assim que via nitidamente o haxixe sob a forma de uma esmeralda irradiando milhões de centelhas.

Em relação a outros sintomas de indiscutível importância, pela sua constância, como a fome, por exemplo, discute-se ainda se decorre ou não de uma hipoglicemia.

As manifestações alucinatórias dão margem à interpretações diversas e, conseqüentemente, a discussões.

Estudaremos as manifestações agudas e, em seguida, as encontradas nos estados crônicos, que, por menos ruidosas, são, por isso mesmo, lançadas a um plano secundário.

INTOXICAÇÃO AGUDA

MODIFICAÇÃO DA FISIONOMIA — Iglésias (36) salienta as modificações da expressão fisionômica dos intoxicados. Os nossos observados procuravam, freqüentemente, o espelho para mirar-se, fazendo alusão ao tamanho do rosto.

Para Lucena (48), estas modificações consistem, geralmente, em simples hiperímia. Walton (89) responsabiliza a hiperímia cerebral pela sensação de aumento do tamanho do rosto.

Às vêzes, o próprio paciente observa mudanças inexistentes. O paciente A. D. C., observado por Lucena (47), olhou-se a um espelho e se achava diferente, parecido com caveira.

PALIDEZ E RUBOR DA FACE — A palidez inicial é freqüente nas pessoas que utilizam a maconha pela primeira vez. Vem, em seguida, a vaso dilatação na face e nas orelhas, muito visível nos indivíduos claros, que alguns acreditam ser um fenômeno decorrente da hipossimpaticotonia.

CONGESTÃO DAS CONJUNTIVAS — Por mais leve que a intoxicação se apresente, observa-se a congestão das conjuntivas, que é causada pela hiperímia resultante da hipossimpaticotonia. A instilação de algumas gotas de um colírio de adrenalina faz desaparecer a congestão.

SECURA DA BÓCA E ARDOR NA GARGANTA — Quase todos os fumadores fazem menção destes sintomas. O ardor da bôca e da garganta parece depender de um estado de irritação causado pelo tóxico e o uso do “maricas”, de cachimbo d’água, constitui um artifício para minorar estas sensações desagradáveis.

A ausência quase completa da salivação determina secura da bôca, tanto assim que a sialorréia provocada por uma injeção de 1 cg. de pilocarpina cede sob os efeitos da maconha.

ESTREITAMENTO PALPEBRAL — Lucena (48) dá grande importância a este sinal pela constância com que se apresenta. São os próprios fumadores que chamam a atenção para o estreitamento das pálpebras, que parece depender da hipossimpaticotonia.

ALTERAÇÃO DA PUPILA — A midríase é observada comumente. Não é muito acentuada, mas pode ser verificada facilmente. Dixon (cit. 89) observou que, nos cães submetidos à experiência, a pupila sempre se dilata e, durante a narcose, quase não reage à luz. Balozet (cit. 89) acredita que a midríase poderia ser utilizada como um teste biológico, tal a sua constância. A midríase, que possivelmente corre por conta da vagotonia, não reage à instilação de adrenalina.

HORRIPILAÇÃO — Livet (46) foi o único a citar o fenômeno da horripilação, que acredita ter inspirado o nome de “grifa”, usado no México não só para denominar a planta e indicar o vício, como também para denominar o viciado. Esse exagêro do reflexo pilomotor é quase sempre generalizado.

VERTIGEM E TONTEIRA — Um estado vertiginoso e, às vêzes, tontei- ras, são comuns no começo da intoxicação, principalmente, naqueles que estão sendo iniciados no vício. Nas experiências em peixes e camundongos, levadas a efeito por Pires da Veiga (73), foram constadas perturbações incontestáveis do equilíbrio.

NAUSEA E VÔMITO — Hassan Racime (cit. 48) aconselha a ingestão do haxixe em jejum, para evitar o aparecimento de náuseas e vômitos. Os fumadores de maconha acusam náuseas, com muita freqüência, no início da intoxicação, porém muito raramente são observados vômitos. Doses elevadas provocam náuseas e vômitos.

Pires da Veiga (73), em suas experiências, estudou a ação da maconha por via intramuscular, endovenosa e respiratória em cães e, somente, a droga inalada produziu vômitos e náuseas.

ALTERAÇÕES DO RITMO DOS MOVIMENTOS RESPIRATÓRIOS — Estas alterações não podem ser reunidas de modo a formar um único tipo de movimento. Dos observados de Lucena, uns apresentaram um ligeiro aumento na freqüência dos movimentos, e outros, aceleração do ritmo. Em um dos nossos observados, os movimentos tornaram-se arritmicos e baixaram de 23 para 18.

PRESSÃO ARTERIAL — Lucena (48) é de opinião que a pressão mínima aumenta de modo variável, ao passo que a máxima permanece sem alteração ou diminui ligeiramente.

Dontas e Zis (cit. 89) observaram uma leve diminuição da pressão sanguínea em estudantes de medicina, que fumaram haxixe com objetivo experimental.

MODIFICAÇÕES DO PULSO — Alterações da freqüência do pulso têm sido observadas. De início, o pulso aumenta rápida e progressivamente, porém, à medida que a intoxicação vai crescendo de intensidade, as pulsações vão caindo ao normal. A maioria dos fumadores acusa forte taquicardia e, é comum ouvir-se dizer: “meu coração disparou”, “senti uma descarga de palpitações”, etc.

Em um dos nossos observados, tôdas as crises foram anunciadas por surtos de taquicardia. Em outro, o pulso tornou-se incontável durante êsses surtos.

As modificações do sistema neurovegetativo causadas pela intoxicação mais intensa determinam a diminuição da freqüência do pulso. Para Jayme Pereira (77), o retardamento do pulso seria devido a hiperparassimpaticotonia, e não a uma diminuição da simpaticotonia, como pensa Lucena (48).

Um observado de Lucena (48), que apresentou intolerância à droga e sintomas graves de intoxicação, teve, desde o início, o pulso pequeno e hipotenso.

Walton (89) é de opinião que o aumento inicial da freqüência do pulso é, antes, um resultado do grau de excitação mental.

ELEVAÇÃO DE TEMPERATURA — A elevação da temperatura verificada em alguns casos não é constante e não ultrapassa, em geral, a 37,5.

FÔRÇA MUSCULAR — Os fumadores, em geral, durante a intoxicação, julgam-se muito fortes e apregoam a sua enorme capacidade física. Alguns larápios e arrombadores confessaram que, muitas vêzes, para galgar um muro ou alcançar uma janela, tiveram necessidade de algumas baforadas de maconha.

Um dos nossos observados sentiu um tal aumento da fôrça física que tinha a impressão de que os objetos não possuíam pêso algum; outro revelou um aumento real, porém, transitório, durante os primeiros 15 minutos.

Lucena (48) verificou, pelo dinamômetro, um ligeiro aumento da fôrça muscular, durante os primeiros minutos da intoxicação.

A fôrça física, entretanto, é inconstante e extremamente variável.

SENSAÇÃO DE IRREALIDADE — Uma das primeiras manifestações observadas é uma sensação de irrealidade, de diferença do meio ambiente. As pessoas e os objetos ao redor aparecem diferentes e distantes. As vozes são ouvidas como se viessem de muito longe.

Leopoldo Bard (5) observou também êste fenômeno: “Podríamos decír que se produce en el marihuano delirio de transformación cósmica — el enfermo tiene la sensación de un cambio total y la intuición del mundo y sus vivencias existenciales, que se impone a ellos, con una fuerza insustible de convicción, es una idea de transformación fundamental de todos los planos de la realidad”.

Lucena (48) registra casos de sensação de redução das proporções corporais das pessoas presentes.

Ludlow (cit. 89), no início de sua intoxicação, tinha sensações desagradáveis “não que sentisse alguma dor, mas em virtude do terrível mistério ao meu redor e dentro de mim”, dizia êle.

A sensação de flutuação, de passear no ar, de leveza do corpo, de estar suspenso do chão, fazem parte dessa irrealidade. A narcose do mecanismo central receptor para os estímulos aferentes talvez seja responsável, segundo Walton (89), por estas manifestações. Deve predominar um tipo de anestesia que contribui para essa sensação de irrealidade.

Com doses elevadas, a narcose é bastante acentuada e produz ataxia locomotora, como foi observado nas experiências feitas em animais.

EUFORIA E SENSAÇÃO DE ANGÚSTIA — Ninguém desconhece os efeitos eufóricos do cânhamo. A euforia canábica é conhecida desde os tempos mais remotos. Varia da sensação de bem-estar e de alegria, à ectasia. As narrações de Gautier (cit. 55, 65 e 74) e Baudelaire (cit. 77 e 89), por exemplo, demonstram até que ponto pode chegar a euforia referida. Gautier (cit. 55), assim descreve essa sensação: “Jamais beatitude igual senti; eu era tão fundido no vago, tão ausente de mim, tão desembaraçado do Eu, esta odiosa testemunha que sempre me acompanha, que eu entendi, pela primeira vez, qual podia ser a existência dos espíritos elementares, dos anjos e das almas separadas do corpo”. Dois dos observados de Lucena (48) faziam uso do tóxico, em pequenas quantidades, quando tinham que assistir a algum filme cómico, porque a alegria que sentiam era mais ruidosa e estranhamente aumentada.

Walton (89) acredita que a euforia é, provavelmente, o resultado de um efeito complexo na cortiça cerebral, com instabilidade emocional adicional relacionada a uma libertação do contróle do tálamo. Lembra ainda que o “riso do haxixe” é bastante sugestivo da síndrome talâmica.

Décio Parreiras (62) observou um caso em que a alegria era estúpida e pueril.

A Dra. I.C.I., médica, narrando a sua intoxicação, informa: “Tivemos então uma vontade enorme de rir, rir muito, e por qualquer coisa, talvez sem motivo aparente”. Lucena (48) nos diz “que ria freqüentemente, com exagêro, escandalosamente, a propósito de incidentes, os mais fúteis, jogos de palavras, etc.”.

Os efeitos opostos, angústia, terror e apreensão, podem ter a mesma causa agindo sôbre o mesmo local. A euforia de um lado e o terror ou angústia do outro parecem depender inteiramente do estado de espírito do fumador. Êste, quando teme uma reação desagradável e angustiosa, prefere, não utilizar o tóxico.

Ludlow (cit. 89), entretanto, contrariando a opinião geralmente aceita, afirma que, exatamente com o mesmo estado de espírito comprovou sensações diferentes: euforia e angústia ou terror.

CARÁTER SUCESSIVO DAS CRISES — As descrições consideradas clássicas salientam essa particularidade da intoxicação canábica.

Tanto os fumadores de haxixe como os fumadores de nossa maconha, apresentam crises separadas por intervalos de acalmia.

Os árabes costumavam dizer: subiu a primeira embriaguez; a segunda embriaguez subiu, etc.

Num dos nossos observados, as crises se sucederam em número de 12, por espaço de duas horas. Observamos que as mesmas tiveram reduzido progressivamente o tempo de duração, mas apresentavam tôdas o mesmo grau de intensidade. Geralmente, o paciente abandona o cigarro, quando se manifesta a primeira crise, o que não evita que outras sucedam à primeira.

DESORIENTAÇÃO NO TEMPO E NO ESPAÇO — Um dos efeitos mais interessantes da intoxicação canábica é o exagêro da sensação do tempo.

A rapidez com que as impressões atravessam a consciência e a velocidade com que as idéias se sucedem têm, certamente, uma grande influência nesta desorientação autopsíquica.

O sentido de continuidade relacionado com a sensação do tempo seria destruído ou sofreria uma interrupção devido a uma parada transitória da função da memória.

A desorientação no espaço, quando existe, decorre da narcose cortical, segundo Walton (98), que acredita que também as ilusões experimentadas pelo fumador são, possivelmente, manifestações mais intensas dessa mesma narcose.

Como Lucena (48), observamos nitidamente este fenômeno de desorientação no tempo. Minutos ou segundos eram tidos em conta de várias horas.

Gautier (cit. 65 e 74) calculava em 300 anos a apreciação do tempo de uma crise que durara, apenas, 15 minutos.

Schneider (cit. 89), que ingeriu 3 cc. de extrato fluído de *Cann. indica*, informa que a noção de tempo, local e espaço desaparece.

SUGESTIBILIDADE — Os fumadores de maconha, quando sob a ação do tóxico, geralmente apresentam um estado de sugestibilidade extrema. Podem executar as idéias que tenham em mente antes de fumar ou as ordens recebidas quando intoxicados.

Um dos nossos observados durante a proeminência dos fenômenos tóxicos, apresentava um franco estado de sugestibilidade, bastando uma frase ou mesmo uma alusão breve a tal ou qual assunto para que logo êle se decidisse a agir e pensar de acôrdo com o que havia ouvido. Qualquer frase lhe servia de estímulo, quase que impulsivo, para agir decididamente nesse sentido. O próprio paciente, reconhecendo o grau de extrema sugestibilidade em que se encontrava, pedia aos presentes que não sugerissem certos atos, como agressões, por exemplo, porque seria muito capaz de, naquele momento, cometê-los.

Hassan Racime (cit. 48), desaconselha o seu uso em presença de pessoas que não sejam simpáticas ou quando o fumador seja obrigado a se coibir, de qualquer modo, ou pesar suas palavras.

Um dos nossos observados, logo às primeiras baforadas, agrediu, de surpresa, um médico com quem há muito não simpatizava.

Livet (46) dá muita atenção ao estado de espírito do fumador, que tem sempre em mira algum objetivo quando utiliza o tóxico. Essa vontade inicial parece coordenar, até certo ponto, todos os mecanismos psíquicos da intoxicação.

A lenda de Hassan Ibn Sabah, chefe de uma seita de Ismaelitas, na Pérsia, que usava o haxixe para dotar os seus sectários com a inspiração necessária para executarem as suas emprêsas sanguinárias, espalhando seus dogmas mediante o assassinio de seus contrários, é bem elucidativa desse estado de sugestibilidade.

Leonardo Pereira (43) relata o seguinte fato, ocorrido em Miraselvas (Pará), que bem demonstra o estado de extrema sugestibilidade observada no decorrer das intoxicações agudas:

“Devido a desordens políticas foi destacado comissionado como Sub-prefeito, que corresponde a Subdelegado, entre nós, o tenente do Corpo de Polícia J.D., que restaveleceu a ordem logo à sua chegada, sem ter necessidade de violência e restituindo à população a tranquilidade tão desejada.

S. C., prejudicado nos seus interesses subalternos, na vigança que deseja exercer, pela anormalidade de diambanizado, sem entretanto, procurou um instrumento para sua vigança, e achou.

F. A., rapazola, imberbe, iniciado no vício da diamba, poucos meses antes, foi o escolhido para o sacrifício.

Em dia turvo, devido a estação de chuvas, tendo aparecido F. A. à casa de S. C., este ofereceu a esse rapazola um cigarro de diamba, e assim que principiou a fumar, S. C. mostrou necessidade do assassinio do tenente. O rapazola, respondeu, que isto êle não faria, porque o tenente

era seu amigo, tinha trazido a paz a Miraselvas, todos estavam satisfeitos pela tranquilidade que garantia.

S. C. insistia, na necessidade do assassinio do tenente J. D. De momento veio ao rapazola a tosse, característica da intoxicação, o que chamam de bebedeira. S. C. oferece um cálice de cachaça, que continha a diamba e vendo o tenente atravessar a grande praça de Miraselvas, levanta-se, pega pelo braço F. A. e ordena: vá, mate o tenente.

Terrível destino, o diambanizado, sai e obedece as ordens recebidas.

Caído o tenente, F. A. em gargalhadas, orgulha-se de ter matado o seu amigo.

Prêso, ao amanhecer do dia seguinte, pergunta onde está, e porque lhe puzeram ali. Ouve a história e como assassinou o tenente, o pobre rapazola de olhos esbugalhados, apalermado, de rosto congestionado, mira todos ao redor de si, e depois de longa pausa, aparvalhado, de novo pergunta, porque está ali. Confirmado o motivo, nega.

Nega, sim, em chôro convulsivo, garantindo nada ter feito, garantindo com a convicção de um inocente, como é o viciado da diamba".

É evidente o comprometimento da vontade do intoxicado.

Lucena (48), descrevendo a sua intoxicação, informa: "Foi por ter consciência disso (uma sugestão exterior qualquer) que, na mesma ocasião, declarei estar num estado de receptividade, isto é, acessível às mais desencontradas influências emotivas externas".

João Mendonça (cit. 62) é de opinião que a maconha "periferiza os segredos e revela ao mundo exterior os sentimentos íntimos do embriagado canábico". Observamos também que, durante a fase eufórica da intoxicação aguda, os pacientes respondem a tôdas as perguntas, mesmo aquelas que recusavam abordar em condições normais.

Segundo Dória (28), é dada em beberagens para facilitar a revelação de segredos. Achilles Lisboa (45) diz que "essa intoxicação como que destampa a alma, deixando vir-lhe à tona, exteriorizando-se, o mundo de senumentos recalçados nas profundezas da personalidade".

Décio Parreiras (62) acredita que, em mãos de uma polícia organizada, seria um excelente meio para a descoberta de crimes e criminosos.

PERTURBAÇÕES MOTORAS — Todos os fumadores fazem menção especial à leveza do corpo e informam que ficam mais animados e dispostos, capazes de grandes carreiras sem fadiga, de grandes esforços, devido à excitação neuromuscular.

Durante a intoxicação, é comum observarem-se reações psicomotoras de caráter impulsivo, muito variáveis.

O paciente sente necessidade de movimentar-se constantemente e sem motivo. A deambulação é freqüentemente notada e, um dos nossos observados a definiu exatamente: "eu quero parar, mas as pernas não deixam". Outro, "seria capaz de caminhar até Bragança (cêrca de 200 quilômetros distante) sem parar, sob a ação da maconha".

Uma dos observados de Kant e Krapt (cit. 89), referindo-se à sua atividade motora, dizia: "eu sinto tôdas as juntas do corpo como se tivessem sido lubrificadas recentemente".

Garcia Moreno (32) registrou um quadro hipercinético, com saltos, bailados, etc., em certos casos.

Há, entretanto, momentos de ausência completa da iniciativa motora, que podem se apresentar intercalados com impulsos a deambulação, como verificou Lucena (48) em um de seus observados, que apresentou graves sinais de intolerância pelo tóxico. Notou ainda, nesse mesmo paciente, aba-

los musculares nos membros inferiores que se repetiam com intervalos regulares. A deambulação, entretanto, predomina, pois êsse paciente fortemente intoxicado, apresentando sintomas de certa gravidade, apesar do abatimento em que se encontrava, surpreendia Lucena com o convite, "vamos andar", o que fêz várias vêzes, embora com certa lentidão.

A intoxicação intensa produz ataxia, conforme já referimos anteriormente.

PERTURBAÇÕES SENSITIVAS E SENSORIAIS — Burton (cit. 89) observou foguistas que utilizavam o cânhamo para tornarem-se insensíveis ou menos sensíveis ao calor dos lugares onde trabalhavam. Urquhart (85) usava o tóxico para ficar insensível ao frio e alguns pescadores da zona chamada do Salgado, neste Estado, fumam a maconha com o mesmo objetivo.

Hoa-tho (cit. 13, 66 e 89), médico chinês, cêrca de 220 anos depois de J.C., conseguiu produzir insensibilidade suficiente para realizar intervenções cirúrgicas, utilizando uma preparação de cânhamo com vinho.

No sul da África, as mulheres nativas fumam o cânhamo para aliviar as dores do parto.

Dória (28) ouviu referências entre os viciados de que a maconha faz cessar as câimbras que experimentam ao entrar náguas, à noite.

Rumpt (cit. 89) descreveu um caso em que a sensibilidade cutânea foi consideravelmente diminuída.

As luzes têm um brilho fora do comum, tal a sua intensidade e os sons, os ruidos, apresentam-se enormemente exagerados.

Kant e Krapt (cit. 89), mediram pelos meios objetivos a acuidade auditiva e encontraram-na bastante aumentada.

Os sons e o ritmo são percebidos com maior nitidez, por alguns maestros e regentes de orquestras, quando sob a influência da droga. Diz Walton (89), que êles adquirem uma capacidade especial "para distinguir um instrumento, com a exclusão dos outros".

Ludlow (cit. 89), há um século, descreveu esta condição particular, ocorrida com êle próprio, quando assistia a um concêrto:

"A chorus of wind and stringed instruments pealed on both sides of them, and the symphony was as perfect as possible; yet amid all that harmonious blending, I was able to detect which note came from one violin and which from the other as distinctly as if the violinists had been playing at the distance of a hundred feet apart, and with no other instruments discoursing near them".

Apesar de conhecida pelos componentes das orquestras sinfônicas, é mais usada entre os membros dos conjuntos dançantes, nos Estados Unidos.

Ludlow (cit. 89), vivamente interessado no estudo dessa manifestação particular, ministrou haxixe a um amigo, musicista, e observou suas reações, que assim descreveu:

"He now possessed a power of melodious creation unknow in his highest natural states. Setting his lips so as to send forth sounds in imitation of a bugle, he played in my hearing a strain of his own impromptu composition so beautiful that it would have done credit to any player upon wind instruments that ever obtained celebrity.

For a quarter of mile I enjoyed this unexpected rapture of music, in the utmost astonishment at a phenomenon I had never conceived of before".

Dizia Gautier (cit. 65): "minha própria voz parecia tão forte que não me atrevia a falar com receio de que os muros pudessem desmoronar ou que eu próprio explodisse como uma bomba". "Minha audição estava prodigiosamente apurada..."

AFRODISIA — Os recém-casados, em certos lugares da Arábia, costumam fumar maconha, às vezes de mistura com tabaco, logo após o casamento.

É hábito, no Oriente, pelo menos em certas regiões, se comer haxixe no dia do enlace matrimonial. Eletuários com nomes bem sugestivos, como “Despertador do Sexo”, “Aumentador do Prazer”, etc., são, na Pérsia, oferecidos aos recém-casados (1).

Rodrigues Dória (28) ouviu alguns fumadores referirem que a maconha “corrige os estragos da idade” e, é de opinião, que o tóxico parece exercer uma ação excitadora sexual.

Afirma que o efeito afrodisíaco pode chegar a tal ponto que prostitutas “entregam-se ao deboche com furor e praticam entre elas o tribadismo ou amor lésbico”.

Vários viciados declararam que o tóxico é um estimulante sexual, segundo Stringaris (cit. 89), que verificou um aumento do libido não só durante a ação da droga como também nos intervalos.

Bromberg (7), descrevendo sua auto-experiência, diz que a excitação sexual consiste apenas em desejo muito acentuado.

Nas memórias de sua viagem à Pérsia, publicadas no ano de 1647 (Offt beehrte Beschreibung der Neuen Orientalischen Reise...), Adam Clearius (cit. 66), bibliotecário de Schleswig-Holstein, relata que o embaixador persa na corte de Holstein “costumava comer sementes de cânhamo polvilhadas com sal, para beneficiar-se de suas virtudes afrodisíacas”.

Sachs (cit. 28), descrevendo a sua intoxicação, diz que “algumas vezes desperta desejos sexuais loucos, com requintes impossíveis de sexualidade...”

Burton (cit. 89) informa que, no Oriente, é usada para prolongar o coito e Posey (75) observou o mesmo efeito nos Estados Unidos. Hector France (cit. 89), baseado em experiências própria, afirma: “The length of venereal act being at once reinforced and repeated”.

Entretanto, Bouchil (cit. 89), estudando os efeitos da droga, na África do Sul, chegou à conclusão de que a mesma não estimula a atividade sexual e Burr (cit. 89) não observou idéias sexuais durante o delírio.

Décio Parreiras (62), acredita que a exaltação sexual depende mais de uma ação sugestiva decorrente da crença arraigada entre os viciados, de que propriamente, de uma ação afrodisíaca.

É possível que essa ação afrodisíaca dependa, em grande parte, do estado de espírito do fumador. Em várias das observações apresentadas, fazem parte do quadro sintomático: priapismo com ejaculações.

Poucos desconhecem aquela passagem do “Conde de Monte Cristo”, em que Dumas (30) descreve o delírio erótico de Franz, sob a ação do haxixe.

Estes efeitos, quando existem, são explicados por Walton (89), à base de ação paralisante ou “tóxica” sobre as estruturas mais nobres e elevadas do cérebro. Haveria a liberação das estruturas primitivas, inferiores “tálamo, corpo estriado, etc. que normalmente eram controladas pela atividade habitual da corteza cerebral.

As sementes de cânhamo são utilizadas na alimentação de periquitos australianos, canários e outras aves a fim de ativar a sua função reprodutora.

Dioscórides (80 anos depois de J. C.) e Galeno (129-201 depois de J. C.), citavam a ação afrodisíaca do cânhamo (cit. 66).

APETITE E SÊDE — A exarcebação do apetite, relatada pelos fumadores de maconha e observada pelos experimentadores, constitui um dos efeitos mais contraditórios.

Kaempfen e Sachs (cit. 4), fazem referência à fome canina, decorrente do uso do haxixe.

Achilles Lisboa (45) informa que “o ébrio de liamba come com voracidade puramente animal que se lhe desproporciona à capacidade do estômago! É uma bulimia de certo sintomática do desequilíbrio da inervação gástrica correlativo da embriaguez”.

Relatou-nos um telegrafista, do interior do Estado, que usava o chá de maconha para abrir o apetite e um dos nossos observados, após fumar um cigarro de 1 grama de maconha, almoçou abundantemente, após a última crise.

Lucena (48), entre a experiência a que se submeteu e a hora de deitar, comeu com grande apetite. Em três horas apenas, jantou duas vezes e ceou.

Edgar Veiga (73), referindo-se às suas experiências em cães, informa: “Todos os animais submetidos às experiências que fizemos manifestaram tal fome que chegavam a comer o próprio vômito, se não encontrassem alimento. Quando se lhes apresentava alimento, devoravam-no com avidéz. A par da fome, observamos que os animais bebiam pequena quantidade de água”.

Millan (cit. 77), dosou a glicemia em intoxicados pela marihuana, sem observar hipoglicemia. Em alguns casos, encontrou, ao contrário, hiperglicemia. Lucena (48) pesquisou também as variações da glicemia, para verificar se a fome canina revelada pelos fumadores, era uma consequência da mesma. Utilizou o método de Thivolle Fontes. Pesquisava a taxa de açúcar em jejum, retirando novamente o sangue cada 15 minutos, para dosagem, enquanto o paciente fumava 5 cigarros. Observou um leve aumento de glicemia na primeira hora e apenas uma queda, isto é, hipoglicemia.

Walton (89) é de opinião de que a maioria dos efeitos, como a fome, sêde, náuseas, vômitos, hipoglicemia, diurese, etc., pode ser explicada pelos resultados secundários, que sucedem à narcose cerebral ou, possivelmente, em alguns exemplos, devido a efeitos relacionados ao tálamo ou centros hipotalâmicos.

Marx (cit. 89), entretanto, verificou hipoglicemia, confirmando as observações clínicas. Nós sabemos que os fumadores quando intoxicados fazem uso de refrescos açucarados, rapadura e caldo de cana ou “garapa”, em grande quantidade. Os preparados à base de haxixe, usados no Oriente, são geralmente muito ricos em açúcar.

Décio Parreiras (62) e Garcia Moreno (32) acreditam que a fome é quase específica e que exige alimentação rica em hidrocarbonados. Não é ansiosa nem dolorosa, parece que o paciente perde a sensação de saciedade. Alguns intoxicados chegam a roubar para comer.

DUPLA CONSCIÊNCIA — Em muitos casos, o paciente tem certeza de estar tomando parte ativa nas fantasias de seu delírio e, ao mesmo tempo, permanece consciente de que seu estado decorre da intoxicação que atravessa.

Ludlow (cit. 89), em plena intoxicação, sentiu que uma parte de si acordara enquanto a outra permanecia em completa alucinação.

Taylor (6 e cit. 89), ao mesmo tempo que sentiu impressão de encontrar-se sentado na torre de um hotel em Damasco, sabia que tinha tomado haxixe e que aquela estranha e ridícula fantasia era efeito da intoxicação.

Acreditamos que a sensação de separação da alma do corpo, descrita por Ludlow (cit. 89), que chegou a ver do ar, onde se encontrava suspenso, o seu receptáculo, é um fenômeno idêntico. Gautier (cit. 65 e 74), experimentou sensação análoga.

Vários experimentadores referem êste fenômeno. David Urquhart (85) informa: "The impression was that of wandering ou of myself. I had two beings". Burr (cit. 89) também experimentou o fenômeno da dupla consciência.

Uma jovem, observada de Baker-Bates (cit. 89), acusou a sensação de estar "outside her own body".

ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS — As idéias jorram aos borbotões. Há loquacidade, logorréia típica dos casos de excitação psicomotora, com fuga de idéias. A atenção muito comprometida não se pode manter ou fixar.

Um dos nossos observados demonstrou loquacidade incessante e desordenada. Dirigia-se precipitadamente aos presentes: havia, porém, nos seus dizeres, incoerência, desconexão de idéias; passava sem relação de um assunto a outro, numa verdadeira fuga de palavras. Qualquer frase provocava um surto de palavras e idéias, inicialmente ligadas ao que lhe havia sido dito, mas logo passava a outro e mais outro assunto.

O acadêmico J. V. de Menezes, observado de Lucena (48), fêz durante 2 horas uma verdadeira crise de hipomania, com fuga de idéias e na qual não faltaram os trocadilhos, humor jocoso, mordacidade, etc.

Lucena (48), relatando sua auto observação, informa: "Aos poucos porém, as palavras necessárias não me ocorriam, ao invés disso, eram outras idéias que tinham com o assunto em foco um nexo muito longínquo que me vinham à consciência, automaticamente. Os esforços para discorrer segundo uma ordem lógica, para explanar um assunto, tornavam-se infrutuosos.

Durante tôda a prova, permaneci falando incansavelmente, convidado a permanecer um minuto em silêncio, não consegui, apesar do meu esforço para isso".

É muito interessante a contribuição de Viala (cit. 48) neste setor:

"O mecanismo segundo o qual se faziam minhas respostas é bastante curioso para merecer citação: minhas idéias se tinham materializado, eu as vias passar, repassar, divertir-se e depois reaparecer sem que eu tivesse nenhum império sobre elas: tinham sacudido o jugo de minha vontade. Quando eu queria escolher aquela que me era necessária para resposta, surgiam outras que eu não procurava e que não podiam me servir acorriam a mim; mas, ligeiras como sombras, fugiam com rapidez para dar lugar a uma multidão de outras tão fugitivas quanto elas. Se entre o número eu via aquela que procurava, ela se escapava no momento em que ia prendê-la e desaparecia ao longe. De repente voltava não sei como: eu a percebia deslizar para o exterior sob forma de som e estava dada a resposta com grande surpresa minha, pois não me sentia falar".

Nos casos graves, com intensa intoxicação, há embotamento psíquico e a associação de idéias se processa com muita morosidade. Há bradipsiquia. Êstes casos, porém, não constituem a regra.

DISTÚRBIOS DA ATENÇÃO — É tão rápida e contínua a corrente de idéias que anarquiza o pensamento, tornando a atenção saltuária. Mal o paciente dirige a atenção em um sentido, aparece imediatamente outra sensação que o obriga a convergir a tensão intelectual para outro ponto.

Lucena (48), descrevendo a sua intoxicação, informa que percebia o campo da atenção ir se estreitando e que, para chegar a entender uma pergunta, tornava-se necessário que a mesma fôsse repetida numerosas vêzes.

J. Menezes, acadêmico de medicina, observado de Lucena (48), solicitado para que riscasse todos os A duma página, omitiu a maioria das letras a riscar. Tentando relatar por escrito o que sentia, escreveu em tôdas as direções, encheu a fôlha de borrões quase incompreensíveis. Era incapaz de realizar trabalho intelectual naquele momento.

A hipoprosexia e, às vèzes, aprosexia são muito freqüentes. Maudsley (cit. 61), diz: "Incapaz de atenção será quem não possa governar os seus músculos".

VOLICÃO — As perturbações observadas neste setor são incontestáveis. Nota-se um enfraquecimento bastante acentuado, já demonstrado pelo estado de franca sugestibilidade apresentado durante a intoxicação.

Um dos nossos pacientes passou a revelar íntimos, que há tanto tempo vinha escondendo de seus colegas, muito contra sua vontade.

Lucena (48), nesse particular, informou: "Sentia-me predisposto a confidências, embora procurasse censurá-las o mais possível. E, durante todo o decurso da prova, fui capaz de criticar o que fazia ou dizia. Crítica até certo ponto inútil, pois minhas palavras ou impulsos me vinham em caráter automático impossível de reprimir".

O acadêmico Menezes (cit. 48) declarou "ter consciência de que perdera o contrôle, pois a loquacidade inoportuna, os risos sem propósito, se produziram automaticamente, mau grado a sua vontade, apesar de seus esforços de crítica".

As impulsões, as idéias obsedantes que arrastam o paciente a executar êste ou aquêlê ato independente da sua vontade são muito encontradiças.

MEMÓRIA — A memória de fixação é, em geral, profundamente perturbada devido à diminuição da atenção e a velocidade com que as idéias cruzam e se sucedem no pensamento.

Lucena (48) verificou que o seu observado J. Menezes, em virtude da falta de atenção, deixou de fixar vários acontecimentos durante a prova. E o próprio Lucena (48), informa, referindo-se à sua auto-experiência: "Notava também impossibilidade de reter lembranças dos fatos ocorridos naquela ocasião: meus colegas me deram a memorizar um trecho do jornal. Fui incapaz de realizá-lo, interrompendo freqüentes vèzes a leitura para me lembrar do comêço".

Convidado a realizar alguns cálculos, escrevia os algarismos errados. Acusou ainda o sentimento de dificuldade de evocar, de demora de operações mentais superiores, também demonstrados por outros pacientes.

"Meus companheiros tiveram o ensejo de me ver demorar mais de um minuto em busca de uma palavra necessária, sem a conseguir, mesmo quando se tratava de alguma coisa tão simples como o dia e o mês da experiência", diz J. Lucena (48).

DELÍRIO — O delírio é muito variável. Tem sido observado desde o delírio persecutório, o delírio erótico, o delírio furioso, etc., até o delírio fantástico das narrações de Gautier (cit. 55, 65, 74 e 89), Baudelaire (cit. 77 e 89), Ludlow (51, 52 e cit. 89) e outros. Queremos, entretanto, ressaltar, que o delírio resultante da inalação do cânhamo ou maconha é de intensidade muito menor, muito menos ruidoso e variável do que o apresentado pelos comedores de haxixe.

REAÇÕES ANTI-SOCIAIS — Os viciados, quando intoxicados, apresentam reações psicomotoras, impulsivas muitas vèzes. Informa Leonardo Pereira (43) que: "A polícia indígena da ilha de Java tem como principal missão a captura dos indivíduos atacados pelo "amok", espécie de lou-

cura furiosa que costuma acometer os que fumam o haschisch, ou cânhamo índio, impedindo-os, assim, de matarem a todos os que se colocam à sua frente. Os policiais andam armados de uma espécie de forquilha, com que derrubam e seguram êsses furiosos, que são castigados com a pena de morte, pelas leis holandesas”.

Kraepelin, Vogler, Rasch (cit. 68) e muitos outros, já tinham observado o delírio furioso, o “amok”, referido por célebres romancistas como Loti (cit. 68) e Zweig (92).

Êste estado alucinatório, caracterizado por extrema agressividade e brutalidade, é descrito por Dupoy (cit. 48), dêste modo: “Quando estão sob a influência da droga, êles (os javaneses) se precipitam nas ruas e matam todos os que encontram até que a segurança pública obrigue a autoridade a destruí-los. Gritam a correr: Amok! Amok! (mata! mata!). Se interrogais um dêstes doentes, ao sair de sua crise de “amok”, êle vos responderá que via tigres, javalis, cães, veados ou diabos e que queria matá-los”.

Na criminalidade do norte do país, aparece o maconhismo, não tão acentuadamente como o “amok” do canabismo malaio.

Sem atingir aquêle delírio furioso agressivo e brutal dos javaneses, muitos autores brasileiros têm observado impulsões agressivas entre os maconheiros em pleno período de intoxicação.

O caso narrado por J. Mendonça (55), ocorrido na Bahia, é um exemplo: “Foi o caso que o n.º 392, a fumar um cigarro de maconha, penetrou, com outros marinheiros, numa quitanda, à procura de cana. Um indivíduo, que ali estava, cortêsmente, informa que aquela, entre suas próprias mãos, era muito boa. O 392 saca duma faca e, sem dizer mais nada, vibra um golpe na pessoa que o obsequiara com a informação. O homicida conhecia, apenas de vista, a vítima; com ela nunca tivera o menor atrito. Dêsse modo, o delito realizou-se em condições de instantaneidade, sem luta, sem provocação, sem móvel mediato ou imediato e, circunstância de realce, o 392 nada se recorda do ocorrido no espaço de tempo decorrido entre o delito e o seu acordar na prisão”.

Caso semelhante é o narrado por Eleyson Cardoso (13), passado na cidade de Prado, na Bahia.

Décio Parreiras (62), diz que o diambista “reage esquizofrênicamente e mata esquizofrênicamente” e cita o caso daquele jovem de Flórida que, intoxicado, trucidou o pai, a mãe, dois irmãos e irmã, sem qualquer motivo.

Um dos nossos observados matou o próprio pai, durante a intoxicação, julgando-o “um ser estranho”.

Por ocasião de uma experiência, realizada para atender solicitações de amigos, Ludlow (cit. 89), foi vítima de um impulso durante a intoxicação e tentou degolar sua noiva. Pouco depois, procurou cortar o seu próprio pescoço, no que foi impedido pelos amigos. Tôdas as sensações descritas nessa experiência tinham caráter terrificante.

Frank Gomila (cit. 89) relata uma onda de crimes, em Nova Orleans, agravada pela influência da marihuana. Apesar da vigilância duplicada nos bancos e nas ruas, jovens encorajados pelo uso do tóxico cometiam assaltos e fuzilavam policiais e bancários.

Ê preciso não esquecer, que muitas vêzes, o viciado utiliza o tóxico com a intenção deliberada de cometer o crime, ou qualquer outra violência.

“Bola de Neve”, em Sergipe, matou o companheiro comparecendo ao enterro do mesmo, como se não tivesse culpa por aquela morte. Em geral, o criminoso não reage, deixa-se prender sem fugir. Sempre mata sem qualquer motivo aparente.

Luiz Argulo (cit. 62) dividiu os crimes praticados pelos intoxicados pela diamba, segundo sua observação, da maneira seguinte: agressões à sociedade, 56%; agressões à integridade sexual, 18%; agressões à propriedade, 14%, e agressões ao indivíduo, 8%.

As agressões são, muitas vezes, o resultado de um sentimento de insegurança que se apodera do indivíduo intoxicado, chegando em certos casos a constituir um verdadeiro delírio de perseguição.

Richet (78) relata o seguinte caso, bastante elucidativo: um médico, seu colaborador, quando regressava para casa, à noite, tinha receio de ser assaltado por ladrões, porém, imediatamente afastava essa idéia.

Uma noite, depois de ter consumido haxixe, com objetivo experimental, ao invés de afastar o temor como fazia em condições normais, o médico procurou uma arma para se defender do suposto assalto.

Entre as reações anti-sociais, devem-se incluir os furtos, desordens, violências de natureza sexual, cometidos freqüentemente pelos intoxicados.

Walsh (cit. 89), na Índia, acredita que muitos casos de violência representam ações descontroladas de paixões animais, cometidas por indivíduos intoxicados. O poder controlador dos centros nervosos mais elevados é removido pela maconha, álcool, ou outra droga qualquer.

De Favero (cit. 89), citando algumas histórias sobre homicídios ocorridos na África, entre os nativos, salienta que o haxixe não produz novos fenômenos mentais, porém, "simplesmente amplifica e exalta os aspectos já existentes".

Drewry (29), examinando 361 prisioneiros com diagnóstico de doenças mentais, em uma Penitenciária americana, concluiu quen nenhum deles se encontrava sob a influência da marihuana, ao cometer o delito.

Na Penitenciária da Bahia, João Mendonça (55) verificou ser muito freqüente entre os presos o hábito de fumar maconha.

Jarbas Pernambucano (cit. 50) observou, na Penitenciária de Recife, que é muito pequena a percentagem de criminosos fumantes, porém, muito elevada a de correccionais, malandros e vagabundos.

Carpinteiro Junior (cit. 68), na Penitenciária de Manaus, jamais pôde apurar uma relação direta entre a maconha e o delito, embora os criminosos provenientes do Baixo Amazonas, em geral, acusassem o uso da erva.

ALUCINAÇÕES E ILUSÕES — Cada intoxicado apresenta alucinações especiais, quase sempre de acôrdo com a sua mentalidade.

Segundo Achilles Lisbôa (45), o músico tem a percepção auditiva afinada; o pintor tem imagens visuais que se multiplicam e deformam. É, justamente, na esfera correpondente que se passam as alucinações. Assim, o poeta tem a visão fantástica de tôdas as quimeras que lhe povoam a alma de artista e os tarados, com tendência ao crime, apresentam impulsões homicidas.

Blondel (cit. 50) é de opinião de que "cada viciado tem o sonho que merece".

Heitor Peres (68) também é de opinião de que elas variam de acôrdo com a individualidade mental do intoxicado. Salienta a freqüência dos distúrbios cenestopáticos e das perturbações psicossensoriais, sobretudo na esfera auditiva e visual, e dos estados alucinatórios acompanhados de exaltação imaginativa.

As narrações de Gautier (cit. 55, 65, 74 e 89), Baudelaire (cit. 77 e 89) e Ludlow (51, 52 e cit. 89) são ricas em fenômenos alucinatórios auditivos, visuais e cenestésicos, variados e extravagantes.

Alucinações cenestésicas em que o paciente sente o dedo se afinar ou a mão, ora monstruosa, ora exxtremamente pequena, foram observadas por Livet (46). Há fumadores que sentem a cabeça crescer e chegam ao ponto de amarrá-la para não estourar.

Bromberg (7) depois de utilizar dois cigarros de marihuana acusou “um pronunciado sentimento de alongamento das pernas, sentimento de que os braços se moviam e sensação de leveza da cabeça”.

Além dessas perturbações apresentou distúrbios afetando a sensibilidade visual: “imagens de crâneos e esqueletos, imagens de pernas e braços numa sala de dissecação”.

Aquela curiosa sensação de sentir “o corpo inteiramente envolvido por uma camada de algodão quente que exercia pressão de fora para dentro”, que dentro de pouco tempo transformou-se em uma espécie de brisa vibrante, tremulante e fria, que emanava do corpo para fora”, narrado pela médica I.C.L., é um exemplo indiscutível de alucinação no campo sensorial.

Em certos casos, não há dúvida de que se trata de alucinações verdadeiras. Porém, na maioria das vezes, são na realidade, pseudo-alucinações ou ilusões e, portanto, com ausência de projeção especial. Nem sempre é fácil fazer uma distinção nítida entre alucinação e pseudo-alucinações, principalmente, quando o paciente diz escutar vozes, sons ou ruídos.

São comuns as alucinações visuais e auditivas que se relacionam, principalmente, com os assuntos que, na ocasião, preocupam o paciente (48).

Observamos em um dos nossos pacientes alucinações visuais e cenestésicas. Dória (28) observou quadros alucinatórios.

Oneto Barenque (cit. 47) verificou a presença de alucinações macro e microscópicas e alucinações do ouvido, do gôsto e do olfato.

Binet-Sanglé (cit. 47) e Lewin (44) mencionam erros de caráter ilusional.

Samuel Ramirez (cit. 47) verificou alucinações visuais muito intensas.

Oscar Barbosa (4) observou fenômenos alucinatórios nas experiências que realizou.

Muito curioso é o caso observado por Lucena (49), de um paciente que ao lado dos fenômenos alucinatórios apresentava outros aspectos de automatismo mental: intuição divinatória, clarividência e lucidez excepcional. Referindo-se à maconha dizia êle: “... ela me dá luz; ela me tem salvado muitas vezes... Também me orienta... Tenho me livrado de ir para a cadeia... Maconha quando se fuma se está adivinhando com toda a clareza e o que diz é certo... Quando a gente vai fazer um negócio advinha se vai perder ou ganhar... Ela é uma professora”.

Ludlow (51, 52 e cit. 89) também fazia freqüentes alusões ao elevado estado de compreensão e alto nível mental alcançado sob a ação do haxixe. Descrevia diversos aspectos da filosofia de Pythagoras, que êle julgava haver percebido somente durante êstes períodos de compreensão especial.

No Amok não há que negar o fenômeno alucinatório.

Dupoy (cit. 47) descreve um caso que não oferece dúvidas:

“Êle julga ver a Rue de La Paix, a Praça da Ópera e reconhece tôdas as lojas que está acostumado a ver com suas vitrinas, seus letreiros, etc.; não falta nenhum detalhe e êle entra numa pequena rua de Faubourg-Montmartre, crendo ir para a Ópera, cuja fachada lhe aparece ao longe, escrupulosamente reproduzida pela alucinação. Alguns segundos depois, o cenário muda: é a rua de Rennes que se mostra a êle, com suas lojas de anti-quários e a gare Montparnasse, numa extremidade. A alucinação é tão viva, tão impressionante em sua imitação de realidade, que o doente se

engana e volta sôbre seus passos: deixa-se assim dirigir por suas alucinações, identificadas completamente com o mundo exterior”.

Mourgue (57) opina pela raridade das verdadeiras alucinações e pela freqüência das pseudo-alucinações:

“Parece que o haxixe, droga composta de elementos complexos, de ação principalmente cerebral produz efeitos muitos diversos, segundo o estado anterior do sistema organo-vegetativo no momento de sua ação. O mais das vêzes em doses fracas e médias, êle provoca sômente pseudo-alucinações...”

Rech, Donovan, Ducan, Burr, Prentiss, Windscheid, Minter, Sawtelle, Atlee, Baxter-Tyrie, Fraenkel e Joel, Kant e Krapf, Straub, Kant, Stringaris, Skliar e Ivanow, Dontas e Zis (cit. 47), descreveram quadros alucinatórios típicos.

Segundo Lucena (47), “as alucinações observadas dizem respeito a quase todos os territórios sensoriais: são visuais, auditivas, assumem em alguns casos caráter pseudo-alucinatório e em muitos outros interessam as sensibilidades cutâneas, o sentido muscular e a imagem de si (korper-schema)”.

Na opinião dêste autor, “a planta não sômente é alucinógena, mas principalmente capaz de uma perturbação psíquica global muito mais ampla” (47).

Jayme Pereira (77) diz: “somos inclinados a admitir que esta planta ou seus princípios ativos sejam capazes de provocar verdadeiros estados alucinatórios, porém, sômente quando o grau de intoxicação é elevado demais, alcançando níveis jamais atingidos na experimentação científica”.

Achamos, porém, que o aparecimento das alucinações depende, como já frisamos, da dose utilizada (que varia segundo o produto usado), da via de introdução e do terreno orgânico.

Enfim, o assunto se presta imensamente a discussões, uma vez que o sintoma alucinação pode confundir-se com certos estados vizinhos.

SISTEMA NEUROVEGETATIVO — Lucena (48), de início, utilizou as técnicas clássicas de exploração, isto é, o reflexo oculocardiaco, as provas farmacodinâmicas da atropina e da pilorcapina. Porém, as informações eram imprecisas, para julgar se a maconha exercia a sua predominância sôbre o vago ou sôbre o ortossimpático.

Danielopolu (cit. 48) afirma que as provas de tono anfótropo, do tono local, da excitabilidade vegetativa geral e da excitabilidade local, são tôdas anfótropas e, apenas a prova da atropina e ortostatismo permite explorar, separadamente, o tono do simpático e do parassimpático.

O objetivo de Lucena (48) não era explorar o tono parcial e sim determinar, durante o período de intoxicação pela maconha, o estado do tono de cada um dos departamentos do sistema neurovegetativo.

Antes da prova, um paciente (S.R.S.) apresentou hipersimpaticotonia, com tono vagal normal, e o outro (J.R.B.S.), leve hipovagotonia, com tono normal do ortossimpático.

Depois de fumar maconha, ambos apresentaram nítida vagotonia. (Como ponto de partida, foi considerado o número de pulsações que apresentavam depois de fumar maconha). O tono do ortossimpático não sofreu qualquer alteração (49).

Lucena (48) acredita que o aumento da freqüência do pulso, no comêço da prova, seja o resultado da hipovagotonia, dizendo mesmo que “o bloqueio do vago se obtém com doses mínimas, quando os pacientes estão sob a ação da diamba”. O retardamento do pulso, julga Lucena (48), traduz uma hipossimpaticotonia.

Jayme Pereira (77), efetuando experiências em cães anestesiados pela morfina e sonifeno, verificou que a maconha determina “o retardamento do pulso, não por diminuição da simpaticotonia, como pensa Lucena, mas por hiperparassimpaticotonia”.

Salienta, ainda, Jayme Pereira (77), que, embora a maconha não produza oscilações importantes no ritmo e na frequência respiratória nas doses empregadas, as doses consecutivas, entretanto, determinando um certo grau de saturação no sangue, podem causar a morte do animal, pela parada da respiração e posteriormente da circulação.

SONO — Após o término da última crise, principalmente aqueles que demonstram grande atividade psicomotora dormem pesadamente durante três ou quatro horas.

Taklor (cit. 89) dormiu trinta horas depois de uma intensa intoxicação.

Uns aceitam o sono como uma conseqüência da ação hipnótica da droga, outros, porém, negam a referida ação, julgando que o sono seja o resultado de um esgotamento profundo.

No Oriente, não é raro o uso de uma mistura do café com o haxixe, talvez para evitar a sua ação hipnótica.

DIURESE — Burr, Wood e Schneider (cit. 89), observaram um aumento da atividade renal. Dixon (cit. 89), entretanto, não observou qualquer alteração. Décio Parreiras (62), também, não observou a diurese citada pelos autores estrangeiros. Lucena (48), usando a técnica do Prof. Changhai, citado por Porak (74), que utilizava “para avaliar a velocidade do trânsito de líquidos do organismo, o rendimento urinário, isto é, o quociente dado pela divisão da quantidade de urina emitida pelo tempo decorrido entre uma e outra micção”, observou ligeiro aumento da diurese. Isto depois de equilibrar as várias influências que podem modificar o rendimento urinário.

Concluiu, porém, que o mais evidente e, possivelmente, o único efeito decorrente do uso do tóxico é o súbito aumento da diurese no dia seguinte à sua ingestão.

J. Bouquet (cit. 64) nega a ação diurética do haxixe e acredita que a polaciúria é o resultado da grande quantidade de líquidos ingeridos para mitigar a secura da boca.

TOSSE — Certos fumadores apresentam acessos de tosse devido a ação irritante do tóxico sobre a mucosa do laringe. Achilles Lisboa (45), informa que: “No domínio do aparelho respiratório, o que de mais notável se verifica são os acessos de tosse quintosa violenta, cuja mecanismo reflexo depende da ação direta da fumaça inalada sobre a zona sensível da mucosa do laringe, inervada pelo laringeo superior. O acesso, constituído por longas explosões expiratórias, termina por uma espécie de guincho ou uivo particular, que à semelhança de um verdadeiro contágio mental, provoca como por indução simpática, o mesmo fenômeno gutural nos demais companheiros da roda viciante”.

“These grotesque sounds”, diz o Dr. Masters (cit. 45), “are probably not wholly natural. Even the boys may be heard practising them as an announcement to the public that the fast youths are smoking Bhang”.

CANABISMO — Narra Décio Parreiras (62) que, “no edifício da Saúde Pública, em Aracaju, em um dia de experiência com a maconha, houve fumadores que, de longa distância, sentiram o cheiro da erva em combustão e chegaram a invadir a sede dos Serviços Sanitários de Sergipe, para aspirá-la de qualquer forma”.

Segundo Dória (23), o vício é “imperioso, dominante tirânico nos estados de maconhismo crônico”.

Existem indivíduos de tal maneira habituados ao tóxico, que chegam a furtar para obter o numerário indispensável à aquisição do mesmo.

Ludlow (cit. 89), relata os tormentos por que passou para abandonar o vício, porém, declara que nenhum impulso físico o impelia para o tóxico. Sentia apenas uma fascinação mental em virtude de suas experiências passadas.

O “Dictionary of American Biography” diz: “The rest of his life was an almost struggle against hashish”.

Nunca observamos crises de abstinência nos viciados internados no Hospital “Juliano Moreira”.

A Comissão Estadunidense, que tão bem estudou a marihuana, chegou à conclusão de que a maconha, seja qual fôr o estado mental do fumante, não provoca aquela necessidade imperiosa, aquela falta relatada pelos morfímanos, por exemplo.

Não cria o hábito.

Stringaris (cit. 89) declara que não há necessidade de aumentar a dose para obtenção do mesmo efeito. Bromberg (7) diferencia a intoxicação pela marihuana da produzida pela heroína e morfina, porque nesta o viciado tem necessidade de aumentar a dose para sentir-se bem. Salienta, porém, que o psicopata que começa com a marihuana, dentro de algum tempo, procura drogas mais ativas, como a heroína e a morfina.

Há canabismo, isto é, o desejo do indivíduo usar a maconha, como acontece com o viciado no fumo (tabagismo) e no álcool (alcoolismo). Porém, não há canabimania, a necessidade orgânica irresistível, que independe do indivíduo, como se observa em relação a outros tóxicos, como a morfina.

A retirada brusca do cânhamo ou haxixe não provoca crises de abstinência.

Décio Parreiras (62) chama atenção para a sensação de espessamento, anestesia e ardência da ponta da língua apresentada por alguns dos seus observados.

Um paciente de Lucena (47) queixava-se de não poder estirar a língua, que dizia estar “engelhada”.

Convém ainda salientar a maneira brusca e inesperada do aparecimento dos sintomas.

Lucena (48) procurou reunir as modificações somáticas observadas no decurso da intoxicação pela maconha, do seguinte modo: modificações da fisionomia; palidez, ou mais freqüentemente vasodilatação ao nível da face e das orelhas; secura na bôca; estreitamento pouco acentuado das fendas palpebrais; modificações do pulso e da pressão arterial; modificações do ritmo respiratório; modificações da temperatura; influência sôbre a diurese; sintomas neurológicos (para o lado do sistema nervoso cérebrospectral); modificações do tono e da excitabilidade dos dois grandes departamentos do sistema neurovegetativo; modificações do sono e do apetite e modificações da glicemia.

Dana (cit. 32) dividiu os efeitos da maconha em quatro períodos sucessivos: 1) excitação neuromuscular; 2) instabilidade mental e alucinação; 3) êxtase; 4) hipnose.

Warnock (cit. 48), baseado na intensidade dos fenômenos tóxicos, considera duas fases: 1) a que resulta de pequenas doses, a embriaguez canábica, que faz lembrar a embriaguez alcoólica, com loquacidade, humor alegre, tendência à deambulação e ligeiro estado confusional; 2) o delírio canábico, com estado alucinatório (com alucinações visuais, auditivas e cenestésicas)

em geral, agradável. Quando a intoxicação é intensa ou quando existe alguma predisposição natural, as alucinações podem apresentar um caráter terrificante, dando motivo a violentas reações anti-sociais (como o Amok).

Brotteaux (9) realça na intoxicação pelo haxixe os seguintes caracteres:

- 1) enfraquecimento da vontade;
- 2) sentimentos de desdobraimento psicológico;
- 3) liberação das tendências subconscientes;
- 4) grande sugestibilidade;
- 5) lembrança da embriaguez.

INTOXICAÇÃO CRÔNICA

Alguns autores acreditam que os efeitos da maconha são transitórios e duram apenas o tempo em que o tóxico permanece no organismo, antes de ser completamente eliminado. Contestam, assim, a existência do canabismo crônico.

Estas divergências que são encontradas entre os autores nacionais, também se verificam entre os pesquisadores estrangeiros.

Na Europa, uns negam qualquer relação causal entre o vício e a insanidade mental definitiva, outros, porém, admitem perturbações mentais constituindo uma entidade clínica.

Hassan Racime (cit. 43) afirma que os viciados apresentam enfraquecimento das faculdades intelectuais e têm um aspecto de "pasmados", demonstrando não entender ou compreender o que se lhes pergunta.

Fahreddin Kerim (38), estudando as alterações determinadas pelo haxixismo crônico, diz: "Aquêles que ainda não chegaram à loucura apresentam alterações visíveis do caráter e da consciência. A afetividade perturba-se: sobrevém nos intoxicados, desinterêsse por si e pelos seus, ao lado da irritabilidade mórbida e exagêro acentuado dos movimentos impulsivos. Sob pretexto fútil, agridem as pessoas da família. Tornam-se ociosos e incapazes para o trabalho. Sofrem pesadelos e sobressaltos durante o sono. Têm freqüentes crises de chôro e andam pelas ruas, como se fôssem ébrios ou sonhadores fora do mundo. Fisicamente, a decadência é a mesma: olhar terno e sem brilho, pálida face, anemia grave. Exagêro dos reflexos tendinosos, dispnéia, taquicardia. Embora o apetite seja grande, a fraqueza geral é a regra por incapacidade assimiladora do organismo".

Hesnard (cit. 32) fala de um estado demencial canábico, acompanhado de decadência física, encontrado nos intoxicados crônicos.

Scouras (cit. 50) incrimina o tóxico como causa de distúrbios mentais definitivos, pela ação diencefálica que seria capaz de produzir perturbações mentais do tipo esquizofrênico catatônico.

Moreau de Tours, que realizou os primeiros estudos científicos do canabismo, não chegou a uma conclusão definitiva sôbre o assunto, apesar de haver deparado com estados demenciais incuráveis. Em carta dirigida a Morel (cit. 50), informa Moreau: "Além do estado habitual de alucinações que o extrato de cânhamo indiano produz em alguns indivíduos, penso que seu uso prolongado termina por acarretar um estado de demência incurável. É o caso, — tendo alguns motivos de crer, — de certos indivíduos que, no meu tempo, não era raro encontrar nas cidades do Egito, os quais são venerados pelas populações como santos personagens e que não são senão indivíduos caídos em demência devido ao abuso do haxixe, diziam-me".

"Mas seria mesmo o haxixe sômente que os jogava nesse estado de degradação física e moral? O ópio cujo uso é igualmente assás espalhado no delta do Nilo não entraria de algum modo nisso? Estou inclinado a acreditá-lo".

Segundo Augusto Marie (cit. 50), os internamentos por psicoses crônicas canábicas, no Egito, atingem uma cifra elevada.

Lewin (44), assinala, igualmente, distúrbios mentais produzidos pelo cânhamo.

Warnock (cit. 50), dá como fase final, estados demenciais com marcada irritabilidade emocional e debilidade da vontade.

Charles Eloy (cit. 62) pensa que a alienação mental pode constituir a fase terminal apresentada pelos fumadores de cânhamo.

Villard (cit. 28) assinalou a presença de psicoses crônicas em continuação ao uso demorado e ininterrupto do haxixe. Christian (16) tem a mesma opinião.

Mazhar Osmar (cit. 50), em uma comunicação apresentada ao 37.º Congresso de Médicos Alienistas e Neurologistas da língua francesa, afirma ter o haxixe auxiliado o desenvolvimento do processo esquizofrênico, em 300 casos.

Oneto Barenque (cit. 50) estudou as perturbações mentais do marihuano crônico e afirma que o viciado crônico apresenta um enfraquecimento psíquico e somático. Apático, fisionomia abobalhada e estúpida, procura isolar-se. Os sintomas físicos encontrados são: perda de apetite, emagrecimento, anemia, diminuição da força muscular. O aparecimento de sintomas de alienação mental entre os intoxicados é comum.

Bromberg (7) também admite o aparecimento de perturbações mentais, porém, salienta a importância da personalidade na evolução de tais estados.

Informa que alguns de seus casos eram "psicoses tóxicas que parecem habitualmente serem devidas ao entrelaçamento dos efeitos tóxicos da droga com uma reação básica ciclotímica ou esquizofrênica. Estas psicoses são de longa duração e podem terminar numa psicose atípica maniaco-depressiva ou esquizofrênica".

Segundo Krainink (40), cerca de 31% dos casos de alienação mental internados em Bengala e 38% no Cairo, têm uma etiologia canábica indiscutível.

A Comissão Mista Norte-Americana que estudou o vício entre as tropas americanas sediadas no Canal do Panamá, em 1933, verificou entre os soldados jovens, cujo hábito não ia além de dois anos, que não havia qualquer indício de deterioração mental.

Por solicitação do prefeito Fiorello La Guardia, a Academia de Medicina de Nova York, representada por um grupo de pesquisadores, verificou que "a deterioração mental não parece resultar do uso habitual da marihuana".

Marcovitz (cit. 50) diz que não foram estudados pelo Comité La Guardia, marihuanistas crônicos, "do tipo e do grau que êle teve oportunidade de ver e estudar".

Bouquet (cit. 50) afirma que o fumador de haxixe apresenta distúrbios mentais indiscutivelmente característicos.

Faz confronto entre o haxixe africano ou asiático e a marihuana americana e ressalta que o haxixe contém 35 a 47% de resina ativa, ao passo que a marihuana contém apenas 5 ou 8% de resina. Salienta, ainda, que nos Estados Unidos, não existem velhos viciados devido às medidas de repressão.

Gerty (cit. 77) acredita que a marihuana representa um papel desencadeante em relação a psicoses já existentes em estado latente.

Stringaris (cit. 64) compôs uma "Clínica dos efeitos do haxixe", onde faz distinção entre a intoxicação aguda e a psicose produzida pelo haxixe. Inclui o citado autor entre as psicoses os transtornos mentais cuja causa é devida ao uso prolongado do tóxico e que se manifestam fora do estado de embriaguez. Acredita que o uso prolongado do haxixe conduz a uma demência especial, análoga à demência alcoólica.

Tanzi e Lugaro (82) acreditam que o uso habitual produz “una deprivazione etica, una decadenza del valore sociale, una diminutione progressiva dell’atività professionale pressappoco come l’alcoolismo”.

Ouçamos, agora, as opiniões de autores nacionais, que dedicaram atenção ao assunto.

Achilles Lisboa (45) observou estados de maconhismo crônico: “Entre nós registram-se também casos de folia; mas sobretudo o que se nos revela no diambismo é a imbecilidade dos fumadores, apáticos, desatentos, de fisionomia bestial inexpressiva. É o estado comum dos nossos caboclos do litoral, dominados pelo vício”.

“Animalizam-se”, mas pròpriamente não enlouquecem.

Se a intoxicação aguda não exige intervenção, podendo o “ébrio” de diamba “cozer” por si mesmo a “carraspana”, qual o faz comumente o do álcool, não acontece o mesmo, entretanto, com o intoxicado crônico, que precisa de ser assistido”.

Rodrigues Dória (28), acredita que os viciados antigos e inveterados podem entrar em estado de caquexia, com emagrecimento rápido e apresentam uma cor amarela terrosa, fenômenos dispépticos, bronquites e fisionomia triste e abatida, depressão de tôdas as funções. Dentro de algum tempo sobrevém a morte.

Iglésias (36) diz que “o diambista habitual, mesmo depois da embriaguez, tem aspecto e modos de um idiota; é um homem à margem”.

Décio Parreiras (62) diz: “Negar, porém, a caquexia e o canabismo crônico é como que negar a cronicidade do alcoolismo, e, para quem viu como eu vi, indivíduos caquéticos, sob a ação permanente do tóxico, mesmo quando desde muito não usado, não pode haver dúvida sôbre o arraigado do vício”.

Assim, Décio Parreiras (62) descreve a caquexia canábica:

“No “Defunto”, no “Moio de Ferro”, em Isidoro Santos, surpreendi os sinais clínicos da caquexia canábica, tão claramente expostos e descritos por Dória, há quase um quarto de século. Velhos fumadores de diamba mesmo privados dela nos últimos tempos, êles emagrecem rapidamente. Tristes e abatidos, tiveram a sensação de coragem e de bem-estar, substituída pela prostração e abatimento das grandes enfermidades.

No canabismo crônico, há episódios de confusão mental, obnubilação, delírio, dispepsia gastrointestinal: crises diarréicas freqüentes; inapetência; sinais de bronquite, mostrando a ruína humana de um viciado prestes a morrer.

Atirado à cama, quando esta existe, o olhar mortiço e indiferente, o caquético canábico vive completamente alheio ao meio exterior e, às vêzes, à fumaça do tóxico, sorri desalentado e vencido, sem esperança da vida melhor que êle imaginara, nas espirais pardacentas e irritantes do cigarro perigoso. Após o uso prolongado e contínuo da erva, o maconheiro tem à sua espera o cárcere, o manicômio ou o hospital, quando a bala ou o punhal não lhe interrompem a trajetória infeliz nessa vida que êle mesmo tornou intolerável”.

Lucena e colaboradores (50), dizem apenas que “a possibilidade do aparecimento de quadros psicóticos em seguida ao uso continuado da maconha é aludida de passagem por alguns outros estudiosos do assunto em nosso país (E. Bizarria Mamede, Pernambuco Filho, R. Cordeiro de Farias, P. Rosado, etc.) que não se detiveram, porém, no exame desse aspecto particular da intoxicação”.

Os referidos autores, “consideram que nas reações esquizofrenóides e afins surgidas em variável freqüência nos maconhistas de fatôres causais

exógenos e endógenos, em que o papel do canabismo merece ser fortemente salientado”.

Garcia Moreno (32), informa que, apesar de trabalhar em uma região onde é comum o uso da maconha e grande o número de viciados, não conseguiu isolar o único caso em que a erva pudesse ser apontado como a causadora e responsável pelos distúrbios mentais encontrados.

Em uma dezena de anos que exercemos nossas atividades no Hospital “Juliano Moreira”, o único neste Estado que recebe doentes mentais de todo o interior, jamais tivemos oportunidade de observar qualquer paciente, em que a maconha pudesse ser incriminada como responsável pela sua psicose crônica.

Em nossas constantes viagens à região bragantina, entretanto, tivemos oportunidade de entrar em contato com três pescadores (obs. ns. 88, 89 e 90), fumadores de maconha, antigos e inveterados, cujo estado descrevemos da maneira seguinte em trabalho anterior: “Passemos agora ao estudo do estado mental dos intoxicados crônicos. Estes apresentam um quadro clínico bem diverso do apresentado pelo intoxicado agudo. Tornam-se apáticos, tristonhos, indiferentes ao meio e incapazes de um trabalho ativo e regular. A memória diminui consideravelmente. Há freqüente hipomnésia, por vêzes muito acentuada. Os doentes permanecem horas parados e são morosos no que fazem e no que dizem. Geralmente emagrecem e tomam uma coloração cutânea amarelada”.

Heitor Peres (68) salienta que é insignificante o número de internos pelo uso da maconha e há necessidade de observações mais numerosas para uma conclusão definitiva. Acredita que o tóxico seja “apenas o revelador da constituição psicopática do viciado”.

Acreditamos na possibilidade do aparecimento, embora raro, de um quadro demencial resultante do maconhismo crônico, atingindo apenas os fumadores antigos e inveterados.

Há necessidade, porém, de distinguir-se êste estado crônico do maconhismo, dos casos em que êle age apenas como um fator adjuvante em indivíduos mioprágicos nervosos ou portadores de uma psicose latente.

Seria conveniente saber-se até que ponto a influência do terreno orgânico se faz sentir.

CAPÍTULO VII

PARTE EXPERIMENTAL

A parte experimental não tem sido descurada, embora permaneça muito aquém do que seria de esperar, em virtude do conhecimento mundial da planta, da sua utilização e dos seus efeitos nocivos.

Foram realizadas experiências em animais e no homem.

Iglésias (36) estudou a ação tóxica da maconha em pombos, cães e cobaias. Oscar Barbosa (4) utilizou coelhos e cobaias para o mesmo fim. O Prof. Pires da Veiga (73) além de cães, recorreu a peixes, confirmando as experiências de Duquenois. Em tôdas estas experiências, foi usada maconha plantada no Brasil.

Ratos, camundongos, gatos, cobaias, coelhos, cavalos, macacos e rãs têm sido utilizados para as experiências de pesquisadores estrangeiros, a fim de determinar a atividade farmacodinâmica do cânhamo.

As experiências “*in anima nobili*” tem um valor indiscutível, porque somente o homem pode relatar os distúrbios nervosos e psíquicos resultantes do seu uso.

As descrições literárias da intoxicação feitas por Gautier (cit. 65, 74 e 89) e Baudelaire (cit. 77 e 89), são, atualmente, consideradas como clássicas. As narrações de Mayard Taylor (6 e cit. 89) e de Ludlow (51, 52 e cit. 89), após haverem utilizado o tóxico, apesar de uma acentuada tendência literária, têm grande valor científico. Walton (89) é de opinião que Ludlow “contribuiu com a mais perfeita descrição dos efeitos do haxixe”. Como autobiografia de um viciado é ela, em muitos pontos, superior às “Confissões”, de De Quincey, acrescenta Walton.

As experiências “*in anima nobili*”, levadas a efeito no país por José Lucena (48 e 49), Oscar Barbosa (4), Jayme Pereira (77), Décio Parreiras (62) e pelo autor (79), têm um valor irrefutável, porque foram efetuadas em médicos, acadêmicos, dentistas, etc., pessoas que, pelo seu nível intelectual, poderiam relatar detalhes, talvez despercebidos por outros.

Dividiremos a parte experimental em: 1.º) experiências em animais; 2.º) experiências no homem; 3.º) auto-observações, literárias e científicas.

EXPERIÊNCIAS NO HOMEM

As experiências levadas a efeito “*in anima nobile*”, no país, com maconha brasileira, não são numerosas como está a exigir a gravidade do problema crescente, em virtude da difusão da toxicose. São, entretanto, valiosas pelas informações que nos trazem e pela uniformidade da sintomatologia observada.

Pacientes “recesos de algum acidente”, como, bem salientou Oscar Barbosa (4), interrompem a prova ou se negam a iniciar, acadêmicos, dentistas, se prestaram a quase totalidade das experiências.

EXPERIÊNCIAS EFETUADAS PELO AUTOR (79) — Os pacientes foram dois doutorandos de medicina, que ocupavam o cargo de acadêmico-interno, do Hospital “Juliano Moreira”.

EXPERIÊNCIA N.º 1 — A primeira experiência resumiremos assim:

Doutorando R. . . , brasileiro, solteiro, de 22 anos de idade.

A experiência foi iniciada às 9 horas e 20, com um cigarro de 1 grama de liamba (fragmentos de caule, folhas e inflorescências), feito em um papel amarelo particular, que é usado de preferência pelos fumadores habituais de liamba.

O paciente estava emocionado, com as extremidades frias, mas calmo e calado.

Às 9 horas e 25, queixou-se de ardor na garganta, boca seca, tonteiras, vista turva e palpitações. As escleróticas mostravam-se injetadas. Dez minutos depois, às 9 horas e 35, terminou o 1.º cigarro, iniciando logo a seguir, o 2.º, também de 1 grama. Às 9 horas e 40, o paciente, muito pálido, disse sentir-se “tonto”, embora se apresentasse alegre, expansivo, rindo sem motivo. Súbitamente, ergue-se da cadeira e, jogando o cigarro no cinzeiro disse: “Já chega que estou embriagado”. Começou a falar e andar de um lado para outro em visível excitação psicomotora. Sentiu um grande aumento de força física, acompanhado de uma sensação de “leveza do corpo”, que lhe dava a impressão de que “tudo não tinha peso”. Agitado e loquaz, ergueu uma cadeira no alto facilmente, batendo fortemente com os pés no chão. Às 9 horas e 50, o paciente acalmou-se rapidamente, dando a impressão de que os fenômenos tóxicos haviam cedido. Porém, apesar de não ter fumado mais, o paciente, às 9 horas e 55, entrou numa segunda crise que durou, como a primeira, alguns minutos.

Assim, das 9 horas e 25, quando teve início a primeira crise, até às 11 horas e 25, quando cessou a última, isto é, por um espaço de 2 horas, as crises se sucederam em número de 12, havendo entre elas intervalos de acalmia.

É interessante que estas crises tiveram reduzida, progressivamente, a sua duração, mas apresentavam tôdas o mesmo grau de intensidade.

Este paciente apresentou manifestações tóxicas bem interessantes: face pálida, boca seca, extremidades frias, escleróticas congestas e tonteiras. Houve modificação do pulso, que se elevou de 80 a 130 nos primeiros 30 minutos, para depois baixar, no fim de uma hora, a 78 pulsações. Tôdas as crises foram anunciadas por surtos de taquicardia e, logo a seguir, o paciente passava ao estado de excitação psicomotora, tornando-se alegre, expansivo e de uma loquacidade incessante e desordenada. Dirigia-se precipita-

damente aos presentes: havia, porém, nos seus dizeres, incoerência, desconexão de idéias, passava sem relação de um assunto a outro, numa verdadeira fuga de palavras. Qualquer frase lhe provocava um fluxo de palavras e idéias, inicialmente ligadas ao que havia sido dito, mas logo passava a outro e mais outro assunto. Gesticulava com violência, gritava freqüentemente e tornava-se por vêzes turbulento, pronunciando frases dêste teor: “estou querendo bater em vocês”.

Delirava francamente, demonstrando enorme opinião sôbre a sua capacidade intelectual. Exigia que o examinassem bem porque “tinha a preocupação de bem servir a ciência”, e dizia ao que tomava notas: “não perca nada, escreva tudo, que esta observação vale ouro”. Na impossibilidade de se dominar e calar, aludia freqüentemente a fatos íntimos, embora compreendesse que o não devia fazer, exclamando que “uma das coisas que mais o preocupavam antes da experiência era pensar que podia revelar certos segredos”.

Ria a todo momento e apresentava alucinações visuais e cenestésicas. Disse a um colega “eu te fitando nos olhos estou vendo as vísceras por dentro de ti”. Sentia o corpo leve, ligeiro e aumentando de volume como se estivesse cheio de ar. Havia deambulação. Repetia constantemente “a gente quer parar mas as pernas não deixam”.

Durante a predominância dos fenômenos tóxicos, o paciente apresentava um franco estado de sugestibilidade, bastando uma frase ou mesmo uma alusão breve a tal ou qual assunto, para que logo êle se decidisse a agir e pensar de acôrdo com o que havia ouvido. Qualquer frase lhe servia de estímulo. O próprio paciente, reconhecendo o grau de extrema sugestibilidade em que se encontrava, pedia aos presentes que não lhe sugerissem certos atos, como agressões. por exemplo. porque seria muito capaz. de naquele momento, cometê-los.

Cessada a crise, desaparecia êsse estado anormal de sugestibilidade. Aludia, também, ao aumento de tamanho do rosto, indo mirar-se freqüentes vêzes ao espêlho.

Pedia que não o deixassem entrar em outra crise. O paciente, apesar de bastante excitado, compreendia tudo quanto se fazia e dizia ao seu redor.

Durante as crises, porém, perdia a noção do tempo, calculando em uma hora crises que duravam apenas cinco minutos. Depois da última crise, ficou bastante deprimido. Bebeu um litro d'água gelada de uma vez. Queixou-se de uma sensação de aniquilamento e cansaço, deitando-se em seguida, imóvel, com os olhos fechados, sem dormir, porém.

As 12 horas se levantou, tomou banho e almoçou abundantemente. Nessa ocasião, aludiu com segurança e precisão aos fenômenos que sentia nos períodos das crises. As 4 horas e 30, saiu conosco bem humorado e inteiramente normal, sem nenhuma aparência de cansaço físico e mental.

EXPERIÊNCIA N.º 2 — A segunda experiência decorreu do modo seguinte:

Doutorando O..., brasileiro, solteiro, de 25 anos de idade. Ao iniciar a prova estava levemente emocionado.

Eram 9 horas e 15, quando começou a fumar o primeiro cigarro, contendo uma grama de liamba. As 9 horas e 20, notamos vasodilatação facial. Logo depois o paciente queixou-se de segura da bôca, ardor na garganta e náuseas. As 9 horas e 25, iniciou o segundo cigarro e acusou um surto de taquicardia e tonteiras.

As 9 horas e 35, iniciou o terceiro cigarro. O pulso, antes a 82, elevou-se a 104, tornando-se incontável durante os surtos de taquicardia. Rio por tudo e declarou-nos: “eu bebia um litro de vinho às refeições”.

Iniciou o quarto cigarro às 9 horas e 55. queixando-se em seguida, de embriaguez e acrescentando “eu me sinto ligeiramente alegre como no fim de uma festa, quando a gente bebe alguma coisa. Naturalmente, os senhores todos já passaram por isso”.

Fumou ainda um cigarro feito das pontas dos outros. Aludia à sensação do rosto edemaciado, procurando a todo momento o espêlho para mirar-se. Loquaz e risonho mostrava-se satisfeito por não apresentar perturbações psíquicas, dizendo: “se por aí se pudesse avaliar a tendência do individuo para a loucura eu ficaria satisfeito”. As 10 horas e 15, todos os fenômenos haviam cessado e o paciente, queixando-se apenas de ligeira cefaléia, nos acompanhou na visita hospitalar.

A temperatura elevou-se apenas alguns décimos durante a prova, de 36,6 subiu a 37. Os movimentos respiratórios, que antes eram 23 por minuto, tornaram-se arritmicos e baixaram a 18. As pulsações, de 82 que eram, antes da prova, passaram aos 5' a 94 aos 15' a 116, baixando aos 30' a 108 para voltar a 80 no fim de uma hora. A força muscular revelou um aumento real e transitório, pois antes a M.D. — 125 e M.E. — 80, no fim de 5' M.D. — 160 e M.E. — 120, para cair logo aos 16' a M.D. — 120 e M.E. — 100 e no fim de uma hora a 100 e 99, respectivamente.

Êste paciente, de excepcional resistência física, at.nguiu a dose de 4 gramas nessa ocasião, sem grandes perturbações, voltando pouco depois ao seu estado normal. Repetida a experiência um mês depois, portou-se da mesma forma.

AUTO-OBSERVAÇÕES

Entre as auto-observações incluímos, não só as literárias, como as narrações de Baudelaire e Gautier, hoje consideradas clássicas, como também, as efetuadas com fim científico, pelos estudiosos do assunto.

NARRAÇÃO DE TH. GAUTIER (cit. 55, 65, 74 e 89) — Moreau de Tours, um dos freqüentadores do “Le Club des Hachichins” e Th. Gautier, haviam prometido revelar ao público os efeitos do haxixe. O primeiro, que era médico, publicou o livro intitulado “Du Haschisch et de l’aliénation mentale”, o segundo usou o jornal “La Presse”, para contar os principais episódios de sua intoxicação, que assim descreveu:

Ao cabo de alguns instantes, um entorpecimento me invadiu. Parecia que meu corpo se tinha dissolvido e se tornado transparente. Eu via nítido, dentro de mim, o veneno que eu tinha comido, sob a forma duma esmeralda, donde saíam milhões de pequenas centelhas. As minhas pestanas alongavam-se até o infinito e enrolavam-se como fios de ouro sobre pequenas rodas de marfim, que giravam sobre si próprias com extraordinária rapidez. Em derredor, eram pedrarias e ramagens de tôdas as côres sem cessar renovadas como em caleidoscópio.

Eu via, ainda, meus companheiros, metade homens, metade plantas, com ares pensativos de íbis, batendo as asas, tão estranhamente que eu me torcia de rir e, para associar-me ao jocoso do espetáculo, pus-me a lançar os coxins para cima, com a rapidez dum índio. Um desses senhores me dirigiu um discurso em italiano que o haxixe todo poderoso traduzia para mim em espanhol.

O primeiro acesso chegara ao fim. Após alguns minutos, meu espírito era completamente normal, sem dor de cabeça, e sem nenhum dos sintomas que acompanham a embriaguez do vinho.

Ao cabo duma escassa meia hora, fui novamente prêsa do domínio do haxixe. Desta vez, as visões eram muito mais complicadas e estranhas: Numa luz difusa, perpassavam, em intermináveis rajadas, milhares de mariposas, cujas asas faziam um ruído parecido com o de leques em movimento. Flores gigantescas com cálices de cristal, enormes rosas, lírios de prata e ouro surgiram ante mim e se abriram com um estalo que recordava o de foguetes de lágrimas. Meu ouvido desenvolvera-se maravilhosamente: ouvia o som das côres; os sons verdes, vermelhos, azuis e amarelos eram percebidos por mim em ondas bem definidas. O ruído produzido por um vaso derrubado, o ranger duma poltrona ou uma palavra murmurada em voz baixa, ressoavam em mim com estampidos de trovão; minha própria voz parecia tão forte, que não me atrevia a falar com receio de que os muros pudessem desmoronar ou que eu próprio explodisse como uma bomba. Mais de 500 relógios de pêndulo me cantavam a marcha do tempo com suas vozes argentinas de flautas ou brilhante som das trombetas. Todo objeto que tocava emitia o som dum harmonium de cristal ou duma harpa de Éolo. Nadava num oceano de sons, no qual, como ilhas de luz, surgiam alguns motivos da “Lucia” e do “Barbeiro de Sevilha”, Jamais me havia visto invadido por semelhante sensação de beleza; sentia-me dissolvido no nada e tão abstrato, tão livre de mim mesmo, desse abominável testemunho que acompanha uma pessoa a tôdas as partes, que pela primeira vez pude imaginar a existência dos espíritos elementares dos anjos e das almas separadas dos corpos. Eu era como uma esponja no meio do oceano. A cada momento era embebido pelas ondas da felicidade que entravam e saíam por meus poros, pois era permeável e até o menor vaso capilar todo o meu ser se achava impregnado da côr do fantástico ambiente no qual me encontrava submerso. Os sons, os aromas e a luz penetravam em mim através duma infinidade de tubos finos como cabelos, nos quais ouvia o sussurro das correntes magnéticas. Segundo meus cálculos, êste estado durou aproximadamente 300 anos, mas quando êste “ataque” cedeu, pude verificar que tudo isto havia transcorrido num quarto de hora.

Uma das particularidades da embriaguez produzida pelo haxixe é de não ser contínua, aparecendo e desaparecendo sem trãs'ito, elevando ao céu sua vítima e voltando a trazê-la à terra. Tal como na loucura, nesta embriaguez há momento de lucidez. Um terceiro “ataque”, o último e o mais estranho, deu fim a minha noite oriental: Nêle duplicou meu sentido visual. De cada objeto via duas imagens que se refletiam em minha retina com perfeita simetria, mas logo o eletuário, que já se havia digerido completamente, atuou com tôda força em meu cérebro e durante uma hora estive em completo estado de loucura. Sonhos dignos dum Pantagrúel animavam minha fantasia: grifos, unicórnios e outros animais fabulosos com todo o séquito de sonhos disparatados, trotavam, saltavam, batiam as asas e uivavam por todo o aposento. As visões tornaram-se tão estranhas que me acometeu o desejo de desenhá-las;

em menos de cinco minutos terminei o retrato do Dr. X, tal como se me aparecia sentado ao piano, vestido de turco, com um sol sôbre as costas de sua jaqueta. Os papéis de música estavam representados por espirais e fusos formando extravagantes saca-rô-lhas que surgiam do piano. Outro desenho, que foi intitulado "Um animal do Futuro", representava uma locomotiva vivente com pescoço de cisne, que terminava num focinho de cobra, do qual saíam nuvens de fumaça... Graças ao haxixe, pude inclusive, desenhar do natural o retrato dum gnomo que até então só ouvira coxear e resmungar pela noite em meu antigo armário..."

Depois de chamar atenção para o fato de não ser contínua a embriaguez pelo haxixe — "elle vous prend et vous quitte, vous monte au ciel et vous remet sur terre, sans transition" — descreve o seu terceiro acesso, o mais bizarro, no qual a sua vista se desdobra, vendo duas imagens de cada objeto. Terminou dizendo que "para contar inteiramente as alucinações pelo haxixe seria necessário um grande volume; um simples folheto não seria suficiente para reproduzir o Apocalypse".

DESCRIÇÃO DE BAUDELAIRE (cit. 77 e 89) — A descrição de Baudelaire é tão interessante quanto a de Gautier. Dessa descrição, Walton (89) destaca o seguinte trecho:

"... os sentidos tornaram-se extraordinariamente agudos e finos. Os olhos alcançam o infinito. O ouvido percebe o mais imperceptível no meio dos sons mais agudos. As alucinações começam. Objetos externos assumem aspectos monstruosos e se revelam sob formas e finalmente entram em vossos seres ou vós entráis nêles mesmos. Os equívocos mais singulares e as transposições de idéias mais inexplicáveis têm lugar. Os sons têm cheiro e as côres são musicais... Após uma primeira fase de risadas histéricas e de gritos, uma segunda fase é caracterizada por uma sensação de fraqueza nas extremidades e de pêso na cabeça. As mãos tremem, há uma estupefação geral, os olhos se dilatam, a face empalidece, tornando-se lívida e esverdeada".

DESCRIÇÃO DE BAYARD TAYLOR (6 e cit. 89) — Foi o primeiro americano que descreveu os efeitos de uma auto-intoxicação pelo haxixe, em 1854. Utilizou uma pequena quantidade após o jantar, como fazem os sírios, para obter um efeito gradativo.

Fêz referência a sensações de leveza e flutuação.

"Eu estava mergulhado em um mar de luz, através do qual brincavam as côres puras e harmoniosas que nascem da luz... Inalei os mais deliciosos perfumes e, harmonias como Bethoven pode ter ouvido em sonhos mas nunca escreveu, flutuavam em volta de mim. A atmosfera era feita ela mesma de luz, perfume, música".

"O mais notável aspecto destas ilusões era que ao mesmo tempo que eu estava mais intensamente sob a influência da intoxicação, e pensava estar na torre do hotel de Antônio, em Damasco, eu sabia que tinha tomado haxixe, e que as fantasias estranhas, belas e ridículas que me empolgavam eram decorrentes de seu uso".

"A droga, cujos efeitos estavam tardando por ter sido tomada logo após uma refeição, começou agora a se fazer sentir mais intensamente. As visões eram mais grotescas do que nunca, porém, menos agradáveis e havia uma dolorosa tensão através do meu sistema nervoso, efeito da superexcitação. Eu era uma massa de geléia transparente e um confeitiro incorporou-me a u'a massa retorcida".

Taylor começou a sentir os primeiros efeitos às 22 horas e, às 3 da madrugada, aproximadamente, mergulhou em sono profundo. Despertou na manhã do dia seguinte, depois de um sono de 30 horas. Durante 2 ou 3 dias, continuou a sentir, involuntariamente, momentos de ausência que o tornavam insensível a tudo que se passava ao seu redor. Utilizou uma dose seis vêzes maior que a usual.

DESCRIÇÃO DE FITZ HUG LUDLOW (51, 52 e cit. 89) — Publicou as suas experiências, em 1875, anonimamente, influenciado pelas "Confissões" de De Quincey. Foram escritas no período de seu reajustamento, a conselho de seu médico assistente. Ludlow começou a tomar haxixe aos

16 anos e continuou nessa prática até a época em que, depois de graduado, assumiu o cargo de professor em Waterfront, Nova York.

Nas primeiras experiências, Ludlow fez uso de 10, 15, 20 e 25 grãos * de extrato sólido de *Cannabis indica*. Com cada uma dessas doses não foi obtido nenhum efeito. Todavia, uma dose de 30 grãos começou súbitamente a produzir uma sensação de irrealidade, incoordenação e alucinações. Embora os batimentos cardíacos parecessem exagerados, as pulsações eram 90 por minuto. Os ruídos pareciam tremendamente exagerados.

“Minhas sensações, descreve Ludlow, começaram a ser terríveis, não devido a qualquer dor que sentisse mas ao tremendo mistério em volta dentro de mim. Por uma apavorante introversão, tôdas as manifestações de vitalidade que em nosso estado normal se processam inconscientemente, apareciam vívidas em minha experiência. Através dos mais delgados tecidos corpóreos e minúsculas veias, eu podia acompanhar a circulação do sangue em cada polegada de seu percurso. Eu sabia quando cada válvula se abria ou fechava; todos os sentidos estavam sobrenaturalmente alertados; a sala estava cheia de uma grande glória. O bater de meu coração era tão claramente audível que me admirava não ser notado por aqueles que se sentavam ao meu lado. Agora meu coração transformou-se numa grande fonte, cujo jato jogado para cima com vibrações ruidosas e, batendo no teto do meu crâneo, como em uma abóboda gigantesca, caí, com éco, no seu reservatório”.

“Eu tinha viajado através de tôda aquela incomensurável cadeia de sonhos em 30 segundos. Meu Deus, eu gritei, eu estou na eternidade”.

Quando acordou na manhã seguinte, não acusou qualquer traço de cansaço ou depressão mental.

Ludlow descreve outras intoxicações.

“Iamos em nosso caminho, sossegadamente, até nos sentirmos de novo rodeados pelas casas da cidade. Aí o fenômeno da dupla existência uma vez mais apresentou-se. Uma parte de mim acordou, enquanto a outra continuava em perfeita alucinação”.

“No curso de meu delírio, a alma, eu descobri plenamente, tinha na verdade partido do corpo. Eu era aquela alma divorciada de sua natureza corpórea, delicada, clarificada, purificada. Do ar de onde eu estava suspenso só olhava para o meu antigo receptáculo”.

“Uma voz de comando chamou-me para retornar ao corpo dizendo no meio de minha exaltação sobre o que eu pensei que fôsse o meu afastamento final do corpo: Não é ainda a hora. Eu retornei e senti novamente a natureza animal juntar-se a mim por seus misteriosos meios de condução. Uma vez mais, a alma e o corpo estavam unidos”.

Na manhã seguinte, após essa noite de horrores, Ludlow não apresentava qualquer dor ou lassidão. Ora apresentava efeitos terrificantes ou angustiosos, ora agradáveis e prazerosos, segundo as descrições que fez. Ludlow afirma que o uso de uma segunda dose de haxixe, antes da primeira fazer efeito, conduz a emoções extremamente angustiosas. Declara que os períodos de ectasia são sempre seguidos de dor e sofrimento e afirma que os últimos efeitos são sempre eufóricos.

AUTO-OBSERVAÇÃO DE OSCAR BARBOSA (4) — O citado experimentador, de não fazer referência à dose, abandonou o cachimbo ao sentir os primeiros efeitos da intoxicação.

“Tomamos um cachimbo comum de fumar tabaco, em que, felizmente não somos viciados, e enchemo-lo de fôlhas de diamba. Como não sabemos tragar, aspirávamos a fumaça a torto e a direito, chegando mesmo, por vêzes, a degluti-la involuntariamente...

Tomamos segunda cachimbada, terceira, e só com a quarta é que sentimos algum efeito.

A princípio, sensação de náuseas, um certo ardor nos olhos e, ao espêlho, verificamos que se achavam injetados, assim continuando quase todo o dia seguinte. Depois, uma certa atonia muscular, pêso nos membros e marcha sem firmeza. Os objetos em

* O grão tem 0,0647 g.

tôrno se nos afiguravam com certa obumbração. Não sobreveio o sono, portanto, nem os sonhos... Abandonado o cachimbo, repentinamente se dissiparam êstes fenômenos, restando, afinal, leve cefaléia, alguma sêde e bastante ardor no naso e bucofaringe”.

OUTRAS AUTO-OBSERVAÇÕES — Em 1850, David Urquhart (85), membro do Parlamento inglês e conceituado comentador de assuntos referentes à política internacional, experimentou haxixe e relatou os seus efeitos. Informou o referido autor que não existe sêde e sim uma sensação de secura da bôca. Salientou o caráter sucessivo das crises e, referindo-se à fome, disse: “The food flowed like a river through me”.

Em 1855, o médico alemão Ernest von Bibra (cit. 64), relatou a sua intoxicação pelo haxixe. Informou Ernest que: “Tinha nas mãos um pano branco e, quando fixava nêle o olhar, via através de suas dobras as mais preciosas figuras, bastando uma ligeira mudança de posição para fazer surgir outras novas. Verifiquei logo que podia ver a vontade tudo o que queria, como cabeças de homens barbudos, rostos de mulher, animais de tôdas as espécies, etc., pois bastava mover uma das dobras para que apparecesse ante mim a figura desejada. Dêste modo pude modelar fãcilmente, durante algum tempo, formosíssimos bustos”.

Na auto-experiência de Charles Richet (78), os fenômenos tóxicos tiveram uma duração excepcional. Ingeriu 50 centígramas de extrato alcoólico às 20 horas e a embriaguez canábica teve início às 23 horas, perdurando, em estado agudo, até às 2 horas da madrugada. Pela manhã, os efeitos ainda se faziam sentir. Segundo Richet, “as emoções são extremamente exageradas e paradoxais”.

Hector France (cit), em 1900, relatou as suas observações pessoais com o haxixe na África do Norte.

Em 1930, Varlet (88), tentou repetir as descrições literárias de Gautier e Baudelaire.

Carl Van Vechten (86), demonstra em sua biografia “Peter Whiffle”, que teve oportunidade de usar o haxixe.

Moreau de Tours, Donovan, Clarke, De Luca, H. C. Wood Jr., Kuykendall, Wiltshire, Marshall, Binet-Sanglé, Owen, Cambell, von Schoroff, Polli, Beane, Renz, Williams, Lange (cit. 89) e outros realizaram auto-experiências com a droga.

OBSERVAÇÕES DO AUTOR (RESUMO)

OBSERVAÇÃO N.º 77 — R. V., paraense, branco, solteiro, de 19 anos de idade, sem profissao, residente em Belém, à travessa São Miguel.

Enviado pelo Instituto Médico Legal, em 7-12-35.

O paciente apresentava-se emagrecido e anemiado. Gânglios palpáveis. Alucinações auditivas verbais e alucinações visuais. Delírio com idéias persecutórias. Ambivalência. Incoerência. Indiferentismo. Onanismo. Reação de Wassermann no sangue e no liquor, fortemente positivas.

Fomos informados pelas pessoas da família que o paciente pouco depois de apresentar os primeiros sintomas mentais começou a fumar liamba, piorando consideravelmente.

O paciente recebeu o diagnóstico de Esquizofrenia.

Faleceu poucas semanas após o internamento, de uma intercorrência.

OBSERVAÇÃO N.º 78 — J. T., pareense, pardo, casado, de 36 anos de idade, agricultor, procedente do município de Curuçá.

Enviado pelo Instituto Médico Legal, em 12-1-37, por apresentar sintomas de alienação mental.

Refere que, desde a idade de 16 anos, contraiu o hábito de fumar liamba, usando em média, dois cigarros por dia. Adquiriu êsse vício porque “uma voz” lhe assegurou que seria o único meio de ganhar uma grande fortuna. Diz que o tóxico tem sabor agradável e que sob a ação do mesmo vê mulheres bonitas, princesas, etc.

Veio a Belém a fim de evitar uma invasão estrangeira. Sob a ação da liamba agredia sem motivo tôdas as pessoas que encontrava na rua.

Apresenta-se bem orientado no tempo e no espaço. Tem delírio de perseguição e acusa alucinações auditivas. Excitação psicomotora. Averiguamos que o paciente é sujeito a crises de excitação psicomotora e depressão, desde a juventude.

OBSERVAÇÃO N.º 79 — I.N., pernambucano, prêto, marítimo, de 53 anos de idade, residente em Carutapera, no Maranhão.

Entrega-se ao vício da maconha há vários anos, desde quando trabalhava como estivador em Recife. Foi detido diversas vezes por êsse motivo. Vive atualmente em Carutapera, fazendo viagens constante entre aquela cidade e a de Bragança, no Pará.

Fuma cachimbo, com um dispositivo especial que serve de depósito d'água. Sente o corpo leve e aumentado, bôca sêca, vontade de andar, e "ouve músicas muito bonitas como se estivessem tocando dentro de sua cabeça". Geralmente come muito e bebe grande quantidade de limonada quando fica muito intoxicado. Não usa a droga durante o trabalho. Prefere fumar à noite. Acredita que não poderá "passar sem o uso da erva". (sic).

OBSERVAÇÃO N.º 80 — H.A.M., paraense, pardo, solteiro, idade aproximada de 40 anos, marítimo, residente no Pinheiro (hoje Icoaraci).

Enviado pelo Instituto Hédico Legal, em 26-2-1937.

Entrou no Hospital bastante excitado. Relatou que há cêrca de 3 anos sonhou que via Jesus Cristo que o abençoava. Ao despertar julgou-se um "santo" e via "imagens lúblicas, brinquedos" (sic). Sentia-se leve como se estivesse voando e tinha uma fome intensa. Altas horas da noite, invadiu a casa de uma vizinha, procurando por uma menor, tendo sido detido por êsse motivo.

Depois de um sono profundo, acordou bem, sentindo apenas ligeira cefaléia e fome. Informou que vinha fumando cigarros de maconha desde a véspera, sem precisar o número.

OBSERVAÇÃO N.º 81 — M.N.P., paraense, pardo, solteiro, de 60 anos, lavrador, residente em Belém, à Travessa Barão do Triunfo.

Remetido pelo Instituto Médico Legal, em 7-11-1937.

Dá-se ao vício da liamba, fumando de quando em vez, sentindo-se eufórico, mais disposto para o trabalho e com enorme apetite. Quando intoxicado, discute e briga por qualquer motivo, o que vai obrigá-lo, mais cedo ou mais tarde, a abandonar o vício. Embora ainda s.nta grande satisfação ao usar a droga.

OBSERVAÇÃO N.º 82 — U.G.S., paraense, pardo, solteiro, de 22 anos de idade, ex-praça do 26.º B.C., residente em Belém, à rua dos Caripunas.

Começou a fumar liamba quando estava no Quartel, aconselhado por alguns companheiros, que elogiavam os efeitos do tóxico. No comêço da intoxicação sente uma espécie de angústia e medo, porém, pouco depois fica eufórico, palrador, com vontade de comer e de andar. Ri muito por qualquer motivo, o que lhe tem trazido alguns aborrecimentos, como discussões e brigas. Fuma sempre um ou dois cigarros quando vai a uma festa, porque assim "perde a vergonha" e diverte-se melhor.

OBSERVAÇÃO N.º 83 — J.B., paraense, branco, solteiro, de 25 anos, telegrafista, residente em Belém, à Travessa do Jurunas.

Quando empregava sua atividade em uma estação radiotelegráfica do interior do Estado usou um infuso de liamba para acalmar uma dor de estômago. Teve uma fome tão grande que daí em diante passou a usar o chá da maconha para "despertar o apetite", com resultados satisfatórios. Nunca experimentou fumá-la com receio de enlouquecer.

OBSERVAÇÃO N.º 84 — M.T.C., paraense, pardo, solteiro, de 35 anos de idade, lavrador, residente no bairro do Telégrafo-Sem-Fio.

Enviado pelo Instituto Médico Legal, em 9-1-1938.

Refere o paciente que depois de ter fumado liamba, pela terceira vez, começou a sentir-se alegre e disposto, pondo-se a cantar. Como as pessoas da casa em que morava começassem a rir dêle, ficou irritado, entrando a altercar com um rapaz. Foi detido por êsse motivo.

Fumou dois cigarros de 2 gramas, apresentando a seguinte sintomatologia: bôca sêca, congestão das conjuntivas, euforia, logorréia com fuga de idéias, deambulação, fome e sêde. O paciente olhando para uma parede lisa e branca referia-se frequentemente à fotografia de uma pessoas de sua família. Mirava-se de quando em vez ao es-

pêlho, sem dizer o motivo porque o fazia. Ficou patenteado o caráter sucessivo das crises e o paciente perdeu a noção exata do tempo durante as mesmas. Comeu e dormiu profundamente após a última crise.

OBSERVAÇÃO N.º 85 — M.C., paraense, pardo, solteiro, de 21 anos de idade, lavrador, residente no lugar Santa Isabel (Vigia).

Enviado pelo Instituto Médico Legal, em 17-1-1938.

Há vários anos atrás (1935), fumou um cigarro de diamba, em companhia de um irmão, sentindo a bôca sêca, vista escura, "estalos nos ouvidos" (sic) e vontade de correr.

Depois de uma fase de risos e alegria, altercaram e brigaram sem motivo.

Experimentou, novamente, fumar e passou uma noite vagando na mata, quando recobrou os sentidos, estava amarrado no interior de um caminhão, a caminho para Belém, sem saber o motivo. Lembra-se apenas que se dirigiu, já de madrugada, a casa de um vizinho para alugar um cavalo, a fim de realizar uma viagem. A polícia informa apenas que o paciente foi detido por ter provocado desordens e apresentar sintomas de alienação mental.

No dia seguinte ao do internamento não foram observados sintomas psíquicos.

Fumou 2 cigarros de 2 gramas cada um e apresentou um estado de excitação psicomotora que durou cêrca de 3 horas com intervalos de acalmia e lucidez. Comeu e dormiu profundamente depois da última crise.

OBSERVAÇÃO N.º 86 — F.A.J., paraense, pardo, solteiro, de 35 anos de idade, estivador, residente em Belém, na Pedreira (7.^a Travessa).

Foi enviado pelo Instituto Médico Legal, em 11-2-1938.

Prêso por crime de roubo, agitou-se uma noite, na Central de Polícia, subindo pelas grades da sala em que se encontrava detido e dizendo que queriam matá-lo. Relatou que há mais de 5 anos vem fazendo uso de cigarros de liamba. Quando fuma maconha fica alegre, sente o corpo leve, tem vontade de caminhar sem parar. Sente a bôca e garganta sêcas, e às vêzes vê e conversa com um parente falecido há vários anos.

Fumou um cigarro de 2 gramas de maconha feito em papel de embrulho comum e apresentou a mesma sintomatologia, sem alucinações, entretanto.

OBSERVAÇÃO N.º 87 — E.M., paraense, branco, solteiro, de 23 anos de idade, lavrador, procedente de Maracanã.

Remetido pelo Instituto Médico Legal, em 26 de março de 1938.

Fuma liamba há bastante tempo. No dia 2 de dezembro de 1937, encontrava-se o paciente trabalhando no campo, em lavoura, quando teve necessidade de ir ao lugar Anauerá. Nesse sítio adquiriu uma dose de liamba com a qual preparou vários cigarros. Começou a fumar às 8 horas da manhã e tomou uma pequena dose de caçaça para reforçar o efeito.

As 11 horas teve uma forte altercação com seu genitor por questões de serviço. Seu pai tentou bater-lhe, avançando para êle armado de um pau. O paciente vendo que seu pai havia "se transformado em um ser estranho" (sic) defendeu-se com uma faca que trazia à cintura, golpeando-o por duas vêzes. Chora arrependido, lamentando a morte do pai.

OBSERVAÇÃO N.º 88 — F.V.S., maranhense, pardo, casado, 54 anos de idade, pescador, morador no Rio Quatipurú.

Desde muito jovem começou a fumar a "birra", com outros companheiros, nas noites de pescaria. Passou depois a usar diariamente, 2 ou 3 cigarros de liamba, feitos em palha de milho.

Apresenta-se atualmente, apático, indiferente, em franco estado demencial. Pouco informa sôbre o seu estado. Diz sentir-se bem, porém, não tem disposição para o trabalho nem a menor iniciativa. A memória, a atenção e a vontade estão bastante comprometidas. Chama atenção a côr amarelada da pele e o emagrecimento do paciente.

Segundo a informação da espôsa "não serve nem para dar recados, pois esquece tudo".

Tem dois filhos homens que mantêm a casa.

OBSERVAÇÃO N.º 89 — R.P., paraense, casado, 61 anos de idade, pescador, residente no rio Quatipurú, Bragança.

Fuma liamba desde 20 anos de idade. Começou a utilizar o tóxico, por influência de companheiros, nas constantes viagens que fazia ao "mangal" a fim de "tirar

caranguejo". Posteriormente, na sua profissão de pescador, habituou-se de tal maneira a fumar a birra, o que fez até cerca de dois anos atrás. Fumava 3 ou 4 cigarros, diariamente.

No início, sentia-se eufórico, com o "corpo leve e andar ligeiro" (sic), disposto para o trabalho. Conversava muito e até cantava. Hoje não tem disposição para nada, passa os dias parado "sem pensar em nada" (sic). Está bastante emagrecido, e com uma cor amarela terrosa. Todas as faculdades intelectuais estão bastante enfraquecidas.

Fuma o que lhe dão. Não faz questão de liamba.

Fomos informados de que este paciente faleceu de uma síndrome desinteriforme.

OBSERVAÇÃO N.º 90 — R.S., paraense, pardo, viúvo, de 52 anos de idade, residente em Piabas.

Passou a maior parte de sua vida como pescador, na zona do Salgado. Habituou-se a fumar liamba, desde muito jovem, por insistência dos companheiros de pescaria.

Acha que a liamba "dá coragem e dá sorte e o pescador fica mais maneiro e sente melhor o peixe bater" (sic). Fumava cerca de 5 cigarros, diariamente. Sempre achou quem lhe fornecesse a "birra" a trôco de peixe.

Atualmente "sente um desânimo no corpo e uma confusão na cabeça". Observamos hipomnésia, hipoprosexia e bradipsiquia.

O paciente apresenta-se emagrecido, pele amarela, terrosa e com ligeiros tremores das mãos.

A família informa que há cerca de três anos o paciente "só faz comer e dormir".

OBSERVAÇÃO N.º 91 — I.P.A., brasileiro, branco, solteiro, de 33 anos de idade, internado no Hospital "Juliano Moreira", em janeiro de 1930, como pensionista.

Este paciente recebeu o diagnóstico de Esquizofrenia e apresentava alucinações auditivas e visuais, perda completa da afetividade, incoerência e ligeiro delírio persecutório. Desorientação autopsíquica. Depois de terminar com brilhantismo o curso secundário em um colégio no Pôrto (Portugal), começou a apresentar os primeiros distúrbios mentais.

Estávamos aguardando, nas dependências destinadas aos acadêmicos internos, que alguns colegas terminassem a visita médica para iniciarmos uma experiência, quando ouvimos um grito: "Ai meu pai!" e o paciente I.P.A., dirigindo-se para a porta exclamou: "Dá licença que eu quero sair".

Somente nesse momento percebemos que o referido paciente, que freqüentava diariamente o quarto dos internos em busca de cigarros, tinha feito uso dos cigarros de maconha destinados à experiência. Havia fumado um cigarro (de 1 grama) e estava terminando o segundo.

Eram exatamente 9,30. O paciente tinha as extremidades frias, a fisionomia pálida e ansiosa, e dizia: "Ai meu grande pai! eu morri. Espocou meu crâneo. Minhas mãos estão esfriando. Ai meu querido pai é a morte que estou sentindo". As 6,24 a crise cedeu e desapareceram a ansiedade e terror da morte.

Às 9,37 nova crise. Exclama: "Dá licença que eu quero sair. Ai pai querido! Estou sentindo estilo morte. Morri". Esboçou uma crise de choro. Começou a falar em inglês, dizendo-se recém-chegado da América do Norte. Afirma que há quatro meses está sentado no mesmo lugar. Tomava um dos médicos pelo pai, dizendo: "Eu quero aprender a fazer cálculos matemáticos". Esta crise durou 2 minutos.

Às 9,40 teve início outra crise: "Oh! meu pai me dá vida! Deus morreu por ser anti-Cristo". Passada a crise comeu uma boa porção de pão e tomou um copo de refresco de maracujá.

Às 9,50 sobrevém outra crise, com as mesmas idéias delirantes. Informou que tinha a sensação "de estar esticando como se fosse de borracha". Pedimos-lhe que escrevesse o que fez incontinente:

M., Silva Rosado, my dear father.

Pray by me that I died today.

Continuou seu delírio: "Porque eu estico como borracha? Deus é um ser superior. Como eu vou viver neste outro mundo assim espocado. Ai meu pai! lastimo não ter aprendido matemática". Dirigindo-se a um médico diz: "Ai Coração de Jesus ensina-me matemática".

Crise de choro. Midríase. Frio intenso e tremor. Cedeu a crise às 10 horas.

Às 10,10 tem início uma nova crise: "A cutis do Padre Eterno tem limite? Ele está sempre crescendo como eu? Ai meu querido pai! eu perdi a vida. Eu vou morrer. Eu volto à minha antiga forma. Eu vou sempre subindo".

Interessante é que o paciente durante essa crise de angústia e de terror dançou a pedido de um dos médicos.

Apresentou outras crises (às 10,22; 10,40; 11,00; 11,05; 11,16; 11,30; 11,39 e 11,50). Um total, portanto, de 13 crises em 2 horas e 20 minutos.

Quando sobreveiu a última crise o paciente já estava almoçando. Interrompeu a refeição e saiu da mesa para voltar a comer depois de cessada a crise.

CAPÍTULO IX

COMBATE AO VICIO

A toxicose é antiga e os efeitos maléficos decorrentes do uso do cânhamo são conhecidos desde os tempos remotos.

Em 1378 surgiram medidas de combate ao vício, visando, sobretudo, impedir o cultivo da planta. No Oriente, justamente onde o hábito estava mais difundido, o Emir Soudoun Scheikhouni determinou a destruição de todas as plantações de cânhamo nos territórios sob sua soberania. Além disso, ordenou que todas as pessoas encontradas fazendo uso do cânhamo fôsem encarceradas e tivessem os dentes arrancados (43, 44, 53 e 89). O vício, entretanto, continuou a expandir-se apesar dessas medidas drásticas.

Em princípios do século XIX, quando as tropas de Napoleão se assenhorearam do Egito, o General Menou, Comandante do Exército francês naquele país, proibiu a preparação de bebidas à base de cânhamo e o fumo da planta. Todo o haxixe confiscado era incinerado em praça pública, os contraventores encarcerados e os estabelecimentos que vendessem a droga, fechados.

Em 8 de outubro de 1800, foi baixada a seguinte ordenação (43 e 44):

“Art. 1.º — É proibido em todo o Egito o uso da bebida fabricada pelos Moslen com o cânhamo (haxixe), como também fumar as sementes da mesma planta. Os bebedores e fumadores habituais desta planta perdem a razão vítimas de violentos delírios que os levam à prática de excesso de toda a sorte.

Art. 2.º — A preparação da bebida do haxixe é interdita em todo o Egito. As entradas de todos os cafés ou estalagens em que forem vendidos, serão muradas e seus proprietários presos por três meses.

Art. 3.º — Todos os fardos de haxixe que chegarem à Alfândega, serão confiscados e queimados publicamente”.

No Brasil, no ano de 1830, no Rio de Janeiro, sob pena de multa e prisão, foi proibida a venda de maconha, conforme a seguinte Portaria (28):

POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

SECÇÃO PRIMEIRA

Saúde Pública

Tit. 2.º

SÓBRE VENDA DE GÊNEROS E REMÉDIOS, E SÓBRE BOTICÁRIOS

§ 7.º

É prohibida a venda e o uso do Pito do Pango, bem como a conservação delle em casas publicas: os contraventores serão multados, a saber, o vendedor em 20\$000, e os escravos, e mais pessoas que delle usarem, em 3 dias de Cadeia.

Paço da Camara Municipal do Rio de Janeiro, em sessão de 4 de Outubro de 1830.
O Presidente, Bento de Oliveira Braga, Joaquim José Silva, Antonio José Ribeiro da Cunha, João José da Cunha, Henrique José de Araujo.

Atualmente, quase todos os países dispõem de leis tendentes a evitar a propagação do vício e de medidas coercitivas de supressão. No continente

americano, é nos Estados Unidos que essas medidas, além de eficientes, são executadas criteriosamente. Apesar disso, Mrs. Elizabeth Bass (cit. 77 e 89), Supervisora do Bureau Federal de Narcóticos, para o distrito compreendendo Indiana, Illinois e Wisconsin, em seu relatório de 1937, afirma que o problema é quatro vezes maior que no ano anterior.

Em Louisiana, um dos Estados mais atingidos, dado sua situação e clima, foram condenadas e encarceradas 30 pessoas em 1930, 18 em 1931, 20 em 1932, 13 em 1933, 125 em 1934, 85 em 1935, e cerca de 70 em 1936. A primeira grande plantação clandestina, encontrada em 1930 em Nova Orleans, capital do Estado, foi avaliada em 50 mil dólares, além de outras, descobertas posteriormente. Crianças viciadas enchem a "Warrington House" para meninos (89).

Em 1936, em Chicago, foram encarcerados 197 vendedores da droga e deportadas para o México 50 pessoas por venderem marihuana e transportarem 183.000 cigarros dessa planta. Nas outras cidades o problema é idêntico.

A rápida propagação do vício tem preocupado, consideravelmente, as autoridades norte-americanas que, em conjunto com as medidas repressivas postas em prática pelas autoridades federais, vêm lançando mão de medidas educativas, visando principalmente esclarecer e orientar a juventude universitária, a mais visada pelos propagadores da toxicose.

Há pouco tempo Hollywood lançou um filme cujo enredo era a condenação do vício da marihuana. Jayme Pereira (77), encontrou em uma revista norte-americana minuciosa apreciação sobre esse filme intitulado "Diga a seus filhos", acompanhada de ilustrações interessantes.

No Brasil, o Decreto n.º 780, de 28 de Abril de 1936, criou a Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, que ficou subordinada ao Ministério das Relações Exteriores e foi reorganizada pelo Decreto-lei n.º 3.114, de 13 de março de 1941.

O Governo Federal baixou o Decreto-lei n.º 891, de 25 de novembro de 1938, em que aprovava a lei de fiscalização de Entorpecentes. O artigo 29 do referido decreto estabelece a proibição no território nacional do plantio, cultura e colheita e exploração por particulares de várias plantas entorpecentes, inclusive o cânhamo — *Cannabis sativa* — e sua variedade *indica* (Cânhamo da Índia, Maconha, Diamba, Liamba e outras denominações vulgares).

O citado Decreto estabelece ainda o seguinte:

Art. 15. Nos Estados e no Território do Acre serão organizadas Comissões estaduais nos moldes da Comissão Nacional com jurisdição nos respectivos territórios, as quais se entenderão diretamente com a Comissão Nacional, a que ficam subordinadas e, excepcionalmente, nos casos de urgência, com as dos Estados vizinhos.

Parágrafo único. Das Comissões estaduais farão obrigatoriamente parte o Diretor do Serviço Sanitário Estadual, o Chefe da Segurança Pública, um representante do Departamento Nacional de Saúde, designado pelo respectivo Diretor, o Procurador Seccional da República e um representante da classe médica da Capital do Estado, escolhido em lista triplíce apresentada pelo Serviço Sanitário Estadual, à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes.

Pernambuco Filho e Gotuzzo (cit. 48), no Congresso de Ópio, da Liga das Nações, conseguiram a proibição da venda de maconha.

A Lei n.º 4.294, de 6 de julho de 1921, já estabelecia penalidades para os contraventores, consumidores ou contrabandistas de tóxicos e mencionava o haxixe (48).

Da inspeção realizada, de 7 a 19 de novembro de 1943, nos Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, o Dr. Roberval Cordeiro de Farias (21), Presidente da Comissão Nacional de Entorpecentes, apresentou circunstanciado Relatório.

Esta inspeção visava o problema da maconha na região do São Francisco. Foram realizadas reuniões em Salvador, Aracaju e Maceió e visitas a Propriá, Colégio, Palmeiras dos Índios, onde o problema foi observado localmente.

O consumo sempre crescente e cada vez mais generalizado da maconha, principalmente, nas camadas de nível intelectual mais baixo, seria suficiente para justificar, por si só, medidas mais eficientes e, sobretudo, mais práticas do que as adotadas até o presente momento.

Medidas, cuja urgência ainda mais se faz sentir, se atentarmos para a rapidez com que o vício está invadindo as capitais e principais cidades do nosso país, atingindo classes até então poupadas.

Nos Estados Unidos, os centros universitários foram atingidos e a luta foi mais difícil e árdua. Não será melhor evitar essa invasão, que já se renuncia entre nós?

Uma campanha eficiente exigirá verbas compatíveis com a gravidade e extensão do problema e pessoal especializado ou devidamente treinado. Sem isto, jamais passará da teoria à prática.

As medidas isoladas, postas em prática por autoridades policiais ciosas de seus deveres, pela sua raridade, em nada afetarão a marcha crescente da toxicose. No Pará, por exemplo, temos notícia de uma única destruição de cultura (cêrca de 200 plantas), levada a efeito em 1925, em Tracuatêua, pelo engenheiro agrônomo Leonardo Pereira (43).

A cultura existente é ainda insignificante, sem valor comercial e a maconha é introduzida, do vizinho Estado do Maranhão, pelos portos de Belém e Bragança.

Achilles Lisboa (45), chamando a atenção das autoridades para as manhas dos contrabandistas da maconha, aponta Bragança como pôrto de entrada do tóxico:

“É muitas vêzes simulando cofos de camarão que o produto condenado sob a vistas dos fiscais, que se iludem com o “gingado” do carregador velho, educado na traficância. Ninguém, de fato, pode suspeitar, sem prevenção de espírito, da simulação de esforço que vai naquele andar sob a carga, de um cofo com “diamba”, exatamente o mesmo que se verifica sob a carga, de pêso muito maior, de um cofo com camarão!

De tal modo o farcista coordena a marcha que faz a todos acreditar conduza ali, não uma coisa leve como a venenosa planta, senão pesada como o precioso crustáceo. Se a fiscalização se aperta ou surge o receio da denúncia, sobe de ponto a perícia do dolo: com a “diamba” misturam-se pedras, que deem ao cofo o pêso bastante para o engano!

É essa a forma principal do contrabando na ida do produto ao pôrto de Bragança; dêste para Belém, no transporte pela Estrada de Ferro, são as barricas de uma substância qualquer, os encapados de linha americana, os volumes outros de qualquer espécie, todos cheios com “diamba” e contrapesados com pedras ou outros objetos, que mascarem a densidade da mercadoria condenada. Foi a cautela dos traficantes às vêzes até ao extremo de, nas próprias correspondências, se referirem êles à remessa com um nome trocado! É, de fato, com a linha americana que costumam êles de ordinário “enlear” a vigilância da fiscalização.

Ora, diante de tanta habilidade no enganar, logo se vê que a lei, com dispositivo de simples apreensão do produto e multa ou prisão do transgressor, não poderá ter eficiência completa”.

Urge um esforço conjugado da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes, das Comissões Estaduais e dos Governos dos Estados, especialmente do Norte, para evitar que o diambismo ou maconhismo venha aumentar a lista de nossos males.

Segundo Décio Parreiras (62), “para se avaliar da sua extensão na própria capital brasileira, basta dizer-se que a Divisão de Costumes, Tóxicos e Mistificadores, lavrou para cada auto de apreensão de entorpecentes (morfina, heroína, codeína, etc.), 12 de apreensão de maconha. Esta é a proporção.

Os vícios elegantes (a morfinomania; a heroínomania; a cocainomania) são hoje vícios em decadência no Brasil, graças à Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes. Praza que a sociose deselegante, que hoje estudamos, siga-lhes o mesmo caminho”.

CAPÍTULO X

CONCLUSÕES

- 1 — A maconha, também denominada em nosso país, liamba, diamba, riamba, fumo de Angola, fumo de caboclo, pango, chico, birra, chá, erva, dirijo, fumo brabo, umbaru e atchi, é o cânhamo, cientificamente conhecido pelo nome de *Cannabis sativa* L.
- 2 — O método mais preciso para identificar a droga é o microscópico. As reações de Beam e de Duquenois e Mustapha, pela simplicidade e resultados satisfazem plenamente até que outro método mais eficiente seja pôsto em prática.
- 3 — A potencialidade da maconha brasileira é, ainda hoje, objeto de discussão e há necessidade de estudos mais intensivos para uma conclusão definitiva.
- 4 — O teor da maconha em princípios ativos e, conseqüentemente o seu efeito tóxico, sofre a influência de fatores, os mais diversos, tais como: o clima, o sexo da planta, a época da colheita, a melhor ou pior conservação do material usado, a parte da planta utilizada (inflorescência, fôlhas, etc.).
- 5 — O modo de utilização exerce uma ação acentuada quanto aos sintomas apresentados, seja sob o ponto de vista quantitativo, seja qualitativamente.
- 6 — Observa-se que pacientes em aparente igualdade de condições físicas, quando submetidos à mesma dose de uma única amostra de maconha, utilizada de modo idêntico, apresentam reações diferentes, o que faz pensar numa influência do terreno orgânico, seja devido a um estado nervoso mioprágico ou em virtude de uma resistência orgânica maior à ação do tóxico.
- 7 — Os sintomas produzidos pela intoxicação canábica são em sua quase totalidade de natureza nervosa.
- 8 — Nas intoxicações de grau leve (ou no início da intoxicação), predominam os sintomas de natureza neurovegetativa, ao passo que, nas intoxicações médias e severas, preponderam os sintomas decorrentes do comprometimento do sistema nervoso cerebrospinal.
- 9 — Os sintomas de natureza neurovegetativa observados são: palidez e rubor da face, congestão das conjuntivas, estreitamento da fenda palpebral, midríase, horripilação e alteração da frequência do pulso.

- 10 — Os sintomas de natureza cerebrospecial observados são os seguintes: náuseas e vômitos, alterações do ritmo respiratório, impressão de aumento da força muscular, sensação de leveza do corpo, de flutuação, deambulação, euforia, caráter sucessivo das crises, exagêro da sensação do tempo, perturbações sensitivas e sensoriais (insensibilidade ao frio, aumento da acuidade auditiva, etc.), exacerbação do apetite, logorréia e fuga de idéias, atenção, saltuária e diminuída, enfraquecimento da vontade, sugestibilidade, impulsões que levam a agressões e atos criminosos, hipomnésia de fixação, dupla consciência, delírio, ilusões, alucinações auditivas, visuais e cenestésicas, e sono.
- 11 — Há sintomas que podem ser considerados mais característicos da intoxicação canábica, como o caráter sucessivo das crises, o exagêro da sensação do tempo, a sugestibilidade, a exacerbação do apetite, a sensação de flutuação e de leveza do corpo, a impressão de aumento da força muscular, a deambulação, o exagêro da acuidade auditiva, o estreitamento da fenda palpebral, a sensação de aumento do tamanho do rosto.
- 12 — A freqüência de impulsões em casos de intoxicação severa leva muitas vêzes o paciente a cometer agressões e crimes, que se caracterizam pela frieza esquizofrênica e ausência de motivos.
- 13 — Não há canabinomania e sim canabismo. Não existe uma necessidade orgânica irresistível do viciado pelo tóxico e a supressão brusca não provoca crises de abstinência.
- 14 — O vício é mundialmente conhecido. Todos os continentes pagam alto tributo à toxicose e, nas Américas, onde a droga é utilizada em vários países, entre êles o Brasil, ela se alastra assustadoramente, constituindo um sério problema social.
- 15 — As classes pobres são, geralmente, as mais atingidas, porém, nos grandes centros a toxicose começa a infiltrar-se entre as elites, a exemplo do que se passa nos Estados Unidos.
- 16 — A legislação brasileira é eficiente e criteriosa no assunto, porém, o órgão responsável, no caso o C. N. F. E., carece de maiores recursos e pessoal especializado para melhor execução dessas leis.
- 17 — À vista do perigo que representa para as populações, quer rurais, quer urbanas, o uso da maconha, sugerimos a adoção urgente das seguintes medidas, entre outras já estudadas no "Convênio Interestadual da Maconha": a) a criação de um Comissariado para a repressão das toxicomanias; b) instrução e educação do pessoal indicado para o trato com êsse problema; c) destruição compulsória das plantações de maconha; d) divulgação selecionada e educativa dos perigos do maconhismo.
- 18 — Observa-se entre os viciados antigos o aparecimento de sintomas de alienação mental, nos intervalos da intoxicação aguda, depois da eliminação completa do tóxico.
- 19 — O maconhismo crônico observado depois do uso muito prolongado e contínuo da droga, se traduz por um estado de enfraquecimento psíquico e somático: enfraquecimento das faculdades intelectuais, alterações do caráter, apatia, anorexia, emagrecimento e caquexia.
- 20 — O uso da maconha também é capaz de desencadear psicoses já existentes em estado latente, favorecendo sua evolução.

SUGESTÃO FINAL

O presente estudo é o que se poderá denominar de “trabalho piloto”, destinado a servir de guia a futuras pesquisas. A análise dos sintomas, em sua quase totalidade de natureza nervosa, poderá, de certo modo, facilitar essa tarefa.

A classificação exata da intoxicação, segundo a sua intensidade (em ligeira, média e severa, por exemplo), baseada na sintomatologia apresentada, seria imprecisa e difícil com os nossos conhecimentos atuais sobre o assunto. Quem poderia precisar o momento em que se manifestam certos sintomas constantes, na intoxicação canábica? Quem ousaria indicar a frequência com que se apresenta êste ou aquêlê sintoma, segundo a intensidade da intoxicação ou o modo de utilização da droga?

São muitos os fatores exógenos capazes de influenciar os efeitos da droga. A dosagem do tóxico eliminado ou introduzido no organismo ainda sofreria influência de fatores diversos.

Um método para medir a concentração do tóxico no organismo seria o caminho mais aconselhável. A saliva e o sangue melhor se prestariam às experiências referidas.

Isto feito, somente os fatores endógenos poderiam continuar a influenciar as experiências, como uma possível miopragia nervosa ou, ao contrário, maior resistência orgânica.

Seria possível, então, classificar a intoxicação de acôrdo com a concentração do tóxico no organismo, em vários graus, estudando os sintomas de cada um, a sua intensidade, o seu início e o seu desaparecimento.

Poder-se-ia dizer até quando a frequência do pulso aumenta progressivamente; indicar o momento em que se manifestam certos sintomas e a frequência de outros nos diversos graus de intoxicação.

Poder-se-ia afirmar com precisão qual o modo de utilização que mais rapidamente conduziria a um determinado grau de concentração do tóxico no organismo.

Outras importantes facetas relacionadas com a sintomatologia poderiam ser estudadas com exatidão, dando margem a pesquisas elucidativas e concludentes.

Os estudiosos do assunto, que se está constituindo um sério problema social em nosso país, meditem sobre essa possibilidade e procurem torná-la uma realidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 — ACTAS CIBA, 5-6: 144-147, 1942.
- 2 — AS MIL E UMA NOITES, Livraria Antunes, Rio de Janeiro, 1938.
- 3 — BAILLON, N.: *Adansonie, Recueil d'Observations Botaniques*, Paris, IX: 263, 1868-1870.
- 4 — BARBOSA, Oscar: *O vício da Diamba, A Maconha* (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 27-47, 1951.
- 5 — BARD, Leopoldo: *Algunas observaciones clinicas sobre la intoxication cronica por la "Marihuana"*, Cultura Médica, Rio de Janeiro, 7: 31-44, 1941.
- 6 — BAYARD, Taylor (?): *The Hasheesh eater*, Putnam's Monthly Magazine, 8: 233-239, 1856.
- 7 — BROMBERG, Walter: *Marihuana intoxication*, American Journal of Psychiatry, 2: 303-330, 1943.
- 8 — BROMBERG, Walter: *Marihuana: a psychiatric study*, The Journal of the American Medical Association, 1: 4-12, 1939.
- 9 — BROTTEAUX, Pascal: *Hachich: herbe de folie et de rêve*. Les éditions Véga, Paris, 1934.

- 10 — CAMINHOÁ, Joaquim Monteiro: *Das plantas tóxicas do Brasil*, Tese para concurso da Cadeira de Botânica Médica, Tipografia Perseverança, Rio de Janeiro, 1871.
- 11 — CAMINHOÁ, Joaquim Monteiro: *Elementos de Botânica Geral e Médica*, Tipografia Nacional, Rio de Janeiro: 2252-2255, 1877.
- 12 — CARDOSO, Eleyson: *Convênio Estadual da Maconha*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 217-230, 1951.
- 13 — CARDOSO, Eleyson: *Diambismo ou Maconhismo. Vício Assassino*, (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 240-248, 1951.
- 14 — CARNEIRO, Edison: *Religiões Negras*, Bib. Divulgação científica, Rio, 1936.
- 15 — CHOPRA, R. N. *Indigenous Drugs of India*, Art Press, Calcutta, 1933.
- 16 — CHRISTIAN, Henry A. *The Principles and Practice of Medicine*, Sixteenth Edition, D. Appleton-Century Company, New York: 545 (37)-545 (38), 1947.
- 17 — CINTRA, Assis: *Escândalos de Carlota Joaquina*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1934.
- 18 — COLLIN, M. Eng.: *Traité de Toxicologie Végétale, application du microscope a la recherche des poisons végétaux*, Octave Doin (Editeur), Paris: 144-147, 1907.
- 19 — COMISSÃO MISTA DA ZONA DO CANAL: *Marihuana em Panamá*, Boletim da Oficina Sanitária Panamericana, 5: 236, 1934.
- 20 — CORDEIRO DE FARIAS, Roberval: *As toxicomanias de após-guerra*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 193-202, 1951.
- 21 — CORDEIRO DE FARIAS, Roberval: *Relatório apresentado aos Srs. Membros da Comissão Nacional de Fiscalização de Entorpecentes*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 133-145, 1951.
- 22 — CRULS, Gastão: *A Amazônia que eu vi*, Companhia Editôra Nacional, 2.^a Edição, 1938.
- 23 — DARDANNE, A. *Contribution á l'étude du chanvre indien et en particulier de son emploi comme drogue sensorielle dans l'Afrique du Nord*, Vigot Frères, Paris, 1924.
- 24 — DE CANDOLLE, Alphonso: *Prodromus Systematis Naturalis, Regni Vegetabilis, Pars XVI, Sectio Prior, Parasiis*, Masson et Filii, Oct.: 30-31, MDCCCLXIX (1869).
- 25 — DE CANDOLLE, Alphonso: *Origin of Cultivated Plants*, D. Appleton and Co., New York, 1902.
- 26 — DEWEY, L. H.: *Hemp*, Yearbook U.S. Department of Agriculture: 283-346, 1913.
- 27 — DIAS DA SILVA, Rodolfo A.: *Pharmacopéia dos Estados Unidos do Brasil*, Editôra Nacional, São Paulo: 160-161 (sem data).
- 28 — DÓRIA, R.: *Os fumadores de Maconha: efeitos e males do vício*, A Gráfica, Bahia, 1936.
- 29 — DREWRY, P. H.: *Some psychiatric aspects of marijuana intoxication*, Psychiatric Quarterly, 2: 232-242, 1936.
- 30 — DUMAS, Alexandre: *O Conde de Monte Cristo*, Livraria Lélío & Irmãos (Editôra) Pôrto, I: 396-400 (sem data).
- 31 — FREYRE, Gilberto: *Nordeste*, José Olímpio (Editôra) Rio, 1937.
- 32 — GARCIA MORENO: *Aspectos do maconhismo em Sergipe*, Departamento de Saúde Pública de Sergipe, 1946.
- 33 — HASSELMANN, José e RIBEIRO, Oscar: *A ação tóxica da Maconha cultivada no Brasil*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 328-330, 1951.
- 34 — HENDERSON, D. K. and GILLESPIE, R. D.: *A Test-Book of Psychiatry*, Third Edition, Oxford University Press, 1932.
- 35 — HOMERO: *Odisséa*, Trad. do grego por Carlos Alberto Nunes, Athena Editôra, São Paulo, canto IV: 53, 1941.
- 36 — IGLÉSIAS, F. de Assis: *Sôbre o vício da Diamba*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 7-21, 1951.
- 37 — KARNOSH, Louis e ZUCKER, Edward: *A Handbook of Psychiatry*, The C. V. Mosby Company, St. Louis: 146-147, 1945.

- 38 — KERIM, Fahreddin: *Les troubles psychiques due à l'emploi du haschich*, L'Hygiene Mentale, 4: 93-106, 1930.
- 39 — KOHN ABREST, E.: *Traité de Chimie Toxicologique*. Gaston Doin (Editeur) Paris, II: 361-367, 1924.
- 40 — KRAINIK, R.: *Les toxicomanies*, G. Doin & Cie., Paris, 1939.
- 41 — LANGDON BROWN, W.: *The sympathetic Nervous System in Disease*, Oxford University Press, London, 1920.
- 42 — LE COINTE, Paul: *Amazônia Brasileira, Árvores e plantas úteis*, 2.^a Edição, Editora Nacional, III: 255, 1947.
- 43 — LEONARDO PEREIRA, A. de P.: *Cânhamo ou Diamba e seu poder intoxicante*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 48-78, 1951.
- 44 — LEWIN, Louis: *Les Paradis Artificiels*, Payot (Editeur), Paris, 1928.
- 45 — LISBOA, Achilles: *O Combate contra o uso de entorpecentes — A "diamba"*, Ceará Médico, 8-9: 1-24, 1924.
- 46 — LIVET, Louis: *Les fumeurs de mariguana*, An. Med. Psychologiques, XII: 257-269, 1920.
- 47 — LUCENA, José: *Maconhismo e Alucinações*. *Neurobiologia*, Recife, 2: 110-120, 1939.
- 48 — LUCENA, José: *Os fumadores de maconha em Pernambuco*, Arq. Assist. Psicopat. de Pernambuco, 1: 53-96, 1934.
- 49 — LUCENA, José: *Alguns novos dados sobre os fumadores de maconha*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 98-106, 1951.
- 50 — LUCENA, José, ATAÍDE, Luis, COELHO, Pedro: *Maconhismo crônico e psicoses*, *Neurobiologia*, Recife, 3: 235-258, 1949.
- 51 — LUDLOW, Fitz Hugh: *The apocalypse of hasheesh*, Putnam's Magazine, 8: 625-630, 1857.
- 52 — LUDLOW, Fitz Hugh: *The hasheesh eater: Being passages from the life of a Pythagorean*, Harper and Brothers, New York, 1857. Reimpresso e reeditado por S. G. Raina Co., Nova York, 1903.
- 53 — LOPES, Cunha: *Toxicomanias*, Rio de Janeiro, 1939.
- 54 — MAMEDE, E. Bizarria: *Maconha. Ópio de pobre*, *Neurobiologia*, 1: 71-93, 1945.
- 55 — MENDONÇA, João: *Os perigos sociais da maconha*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 126-132, 1951.
- 56 — MOREAU, J.: *Du hachisch et de l'aliénation mentale*, Masson, Paris, 1845.
- 57 — MOURGUE, Raoul: *Neurobiologie de l'hallucination*, Maurice Lamertin (Editeurs), Bruxelles, 1932.
- 58 — NORMAS GERAIS RECOMENDADAS PELA COMISSÃO NACIONAL DE FISCALIZAÇÃO DE ENTORPECENTES PARA A CAMPANHA DE REPRESSÃO AO USO E COMÉRCIO DA MACONHA, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 237-239, 1957.
- 59 — MODET, C.H.: *Le groupe des Psychoses Hallucinatoires Chroniques*, G. Doin, Paris, 1938.
- 60 — NOYES, Arthur P.: *Modern Clinical Psychiatry*, Third Edition, W. B. Saunders Company, Philadelphia: 201, -949.
- 61 — PACHECO E SILVA, A. C.: *Psiquiatria Clínica Forense*, Editora Nacional, S. Paulo, 1940.
- 62 — PARREIRAS, Décio: *Canabismo ou Maconhismo — Estudos Brasileiros*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 331-386, 1951.
- 63 — PEON DEL VALLE, Juan: *Algunos aspectos de la actual lucha contra la toxicomania en México*. Boletim de la Oficina Sanitária Panamericana, 4: 347-355, 1933.
- 64 — PERALTA, F.: *Os efeitos do haxixe*, Actas Ciba, 5-6: 132-135, 1942.
- 65 — PERALTA, F.: *Dois célebres "comedores de haxixe"*, Actas Ciba, 5-6: 136-138, 1942.
- 66 — PERALTA, F.: *Acêrca da história do consumo de haxixe*, Actas Ciba, 5-6: 114-120, 1942.
- 67 — PERALTA, F.: *Obtenção, preparação e uso do haxixe*, Actas Ciba, 5-6: 123-131, 1942.
- 68 — PERES, Heitor: *O Diambismo*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 79-87, 1951.

- 69 — PERNAMBUCO FILHO, P. e BOTELHO, Adauto: *O vício da Diamba, Vícios Sociais Elegantes*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro: 64-72, 1924.
- 70 — PERNAMBUCO FILHO, P.: *Venenos sociais*, Flores e Mano (Editores), Rio, 1932.
- 71 — PERNAMBUCO FILHO, P. e CORDEIRO DE FARIAS, R.: *Estudos sôbre as conclusões aprovadas pelo "Convênio da Maconha", realizado em Salvador, em Dezembro de 1946*. A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 231-236, 1951.
- 72 — PIO CORRÊA, M.: *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional I: 470-474, 1926.
- 73 — PIRES DA VEIGA, Edgard: *Maconha, Estudo Farmacodinâmico*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 393-403, 1951.
- 74 — PORAK, R.: *Les stupéfiants*. G. Do n & Cie. Paris: 227-256, 1927.
- 75 — POSEY, H. T.: *Marihuana, Thesis*. Tulane University, 1937.
- 76 — PROGRESSO FARMACEUTICO: (Portuguese Edition) *Hashish*, New York, 17: 10-12, 1932.
- 77 — REGALLO PEREIRA, Jayme: *Contribuição para o estudo das plantas alucinatórias, particularmente da Maconha*, A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 146-192, 1951.
- 78 — RICHEL, Charles: *L'Homme et l'intelligence*, L. Feliz Alcan (Editeurs), Paris, 1884.
- 79 — ROSADO, Pedro: *O vício da Liamba no Estado do Pará, Uma toxicose que ressurge entre nós*. Estudo apresentado ao I Congresso Médico Amazônico, Agosto, 1939. Publicado na Revista do Serviço Especial de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2: 649-660, 1951.
- 80 — ROXO, Henrique: *Manual de Psiquiatria*, Livraria Alves, 2.^a Edição, Rio. 1924.
- 81 — ROXO, Henrique: *Modernas noções sôbre doenças mentais*, Biblioteca de Cultura Científica, Rio, 1932.
- 82 — TANZI, Eugenio e LUGARO, Ernesto: *Tratado delle Malattie Mentali*, Societá Editrice Libreria, Milano, II: 50-51, 1916.
- 83 — THE ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA: Fourteenth Edition, Encyclopaedia Britannica, Inc., New York, 1929-1932:
III: 493.
XI: 420-422.
- 84 — TOBIAS E SILVA, Maria Margarida e PIRES DA VEIGA, Edgard: *Maconha (Cannabis sativa) — Estudo Químico e Farmacêutico*. A Maconha (Coletânea de trabalhos brasileiros), Serviço de Divulgação do M.E.S., Imprensa Nacional, Rio de Janeiro: 387-392, 1951.
- 85 — URQHART, David: *The pillars of Hercules, A narrative of travels in Spain and Marocco*, R. Bentley, London, II: 122, 1850.
- 86 — VAN VECHTEN, Carl: *Peter Whiffle: His Life and Works*, A. A. Knopf, New York, 1922.
- 87 — VASCONCELOS SOBRINHO: *Algumas notas sôbre a "Maconha"*, Boletim da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, Pernambuco 4: 390-393, 1936.
- 88 — VARLET, Theo: *Au Paradis du hachich*, Malfère, Paris, 1930.
- 89 — WALTON, Robert P.: *Marihuana, America's New Drug Problem*, J. B. Lippincott Company, New York, 1938.
- 90 — WOLF, Pablo O.: *La marihuana en la America Latina. La amenaza que constituye*, El Ateneo (Editores), Buenos Aires, 1948.
- 91 — WOLF, Pablo O.: *Les toxicomanias y la guerra*. Revista de Psiquiatria y Criminologia, 45: 465-480, 1943.
- 92 — ZWEIG, Stefan: *Amok. A corrente*, Editôra Guanabara, Waissman Koogan Ltda., Rio de Janeiro: 139-195 (sem data).

Alegação de toxicomania (maconha) por indivíduo processado como vendedor dessa substância entorpecente; conclusão negativa da perícia psiquiátrica respectiva. O examinado é, entretanto, oligofrênico do grupo dos débeis mentais.

Relator: DR. ALVÍSIO DA CÂMARA

C. J. é branco, solteiro, de dezenove anos de idade, carregador, brasileiro, natural do Distrito Federal e entrou no Manicômio Judiciário, procedente da Casa de Detenção, no dia 5 de maio do corrente ano. Acha-se processado, conforme consta da denúncia oferecida pelo Ministério Público, "por ter sido prêso em flagrante, cêrca das 11 horas do dia 24 de janeiro, de 1939, na Avenida Gomes Freire, esquina da rua do Rezende, quando transportava, para vender, sem as formalidades prescritas em Lei, 18 pacotinhos de "maconha", que é substância entorpecente, os quais foram apreendidos, estando, assim, incurso nas penas do art. 33 do Decreto-lei n.º 891, de 25 de novembro de 1938".

Inspecção geral — É um indivíduo de boa estatura (1,71 m.) e de corpulência robusta, pesando, ao entrar neste Manicômio Judiciário, 69 quilogramos. Tórax largo, um tanto achatado; espádua esquerda mais baixa do que a direita; clavículas salientes; cintura escapular quase igual à pelviana. Ventre largo e alongado de paredes levemente tensas; distância xifo-umbilical igual a umbilicopubiana. Bacia larga. Panículo adiposo regularmente distribuído. Musculatura em geral flácida, sem relevos apreciáveis. Membros roliços, um tanto grossos. Boa estrutura óssea. Coluna vertebral desviada (ligeira escoliose). Sistema piloso distribuído com regularidade nas diferentes zonas do corpo. Barba escassa. Supercílios unidos na raiz nasal. Cabelos castanhos, não muito abundantes. Face oval, com predominância do andar médio sôbre os demais. Fronte estreita. Naris de dorso largo e levemente sinuoso. Olhos médios, pouco brilhantes e situados profundamente. Bôca pequena, de lábio superior bem desenhado, porém curto e um tanto repuxado. Mento de aparência forte. Leve escavação da abóbada palatina. Pescoço grosso e forte. Ligeira escafocefalia. Postura corporal relaxada. Grande abertura = 1,76 m., portanto maior do que a estatura. Perímetro torácico = 0,88 m. Perímetro abdominal = 0,83 m. Perímetro das ancas = 0,89 m. Craneometria: D.A.P. = 192; D.T.M. = 150. Índice cefálico = 78,1. Tipo craneano; mesaticéfalo. Do ponto de vista estrutural, o paciente, segundo a classificação de Kretschmer, pode ser enquadrado no tipo atlético — displásico.

Antecedentes hereditários — Desconhece o paciente tara neuro-psicopática na família. Informa que o seu pai dá-se ao uso de bebidas alcoólicas e que sua mãe faleceu em consequência de "anemia" (sic), tendo havido do casal seis filhos, todos a têrmo, dos quais três são falecidos.

Antecedentes mórbidos pessoais — Refere não ter gosado boa saúde em sua infância; todavia, não sabe precisar quais as doenças que, então, o

acometeram. Não sofria de enurese, nem apresentou terrores noturnos. Geofagia na segunda infância. Já eliminou vermes intestinais. Nega ataques convulsivos. Aos 11 para 12 anos, esteve em tratamento no Hospital São Francisco de Assis (11.^a Enfermaria). Não conta com internação anterior em estabelecimento para psicopatas, já havendo algumas vezes, “ficado alegre” (sic). Aproximadamente em outubro de 1938, começou a fumar *cigarros de maconha*, no que diz haver se viciado. Vida sexual iniciada aos 15 para 16 anos. Contraiu cancro e gonorréia. Praticou, certa vez, a pederastia ativa. Dá-se, ainda ao onanismo.

Antecedentes sociais — Frequentou escolas públicas, tendo cursado até o segundo ano primário. Aos 13 anos, começou a trabalhar em serviços domésticos (limpeza, enceramento, etc.). Serviu, depois, como lavador de pratos e entregador de marmitas, numa pensão sita à rua da Assembléia. De algum tempo para esta data (cêrca de dois anos), tem vivido, sobretudo, do ofício de carregador (em feiras livres). Nas horas vagas também se ocupa em enceramentos. Refere 3 prisões anteriores, em Distritos Policiais, por brigas. Não fez serviço militar.

Exame somático — Reflexos plantares diminuídos; cremasterinos e abdominais vivos; aquilêos e rotuleanos vivos; tendinosos dos membros superiores normais. Pupilas iguais, circulares, com boa reação foto-motora e à distância. Reflexo óculo-cardíaco abolido, logo reação de tipo simpático-tônico. Aparelho circulatório: ligeira hiperfonese das bulhas na ponta; pulso medianamente cheio e ritmado, com 80 batimentos por minuto. Pressão arterial: máxima 13 e mínima 7 e meio (oscillophon). Demais aparelhos sem distúrbios importantes no momento.

Exames biológicos — *Sangue*: Reação de Wassermann negativa. Dosegem de uréia igual a 0,35%. Líquido céfalo-raquiano: Reação de Wassermann negativa (1 cc.); albumina igual a uma divisão do tubo de Nissl (0,10); exame citológico: linfocitos por mm³. (célula de Nageotte) — = 0,8; reações de Ross-Jones, Nonne (primeira fase), Pandy e Weichbrodt, negativas. Urina: aspecto límpido, reação ácida, densidade 1.017, ausência de elementos anormais.

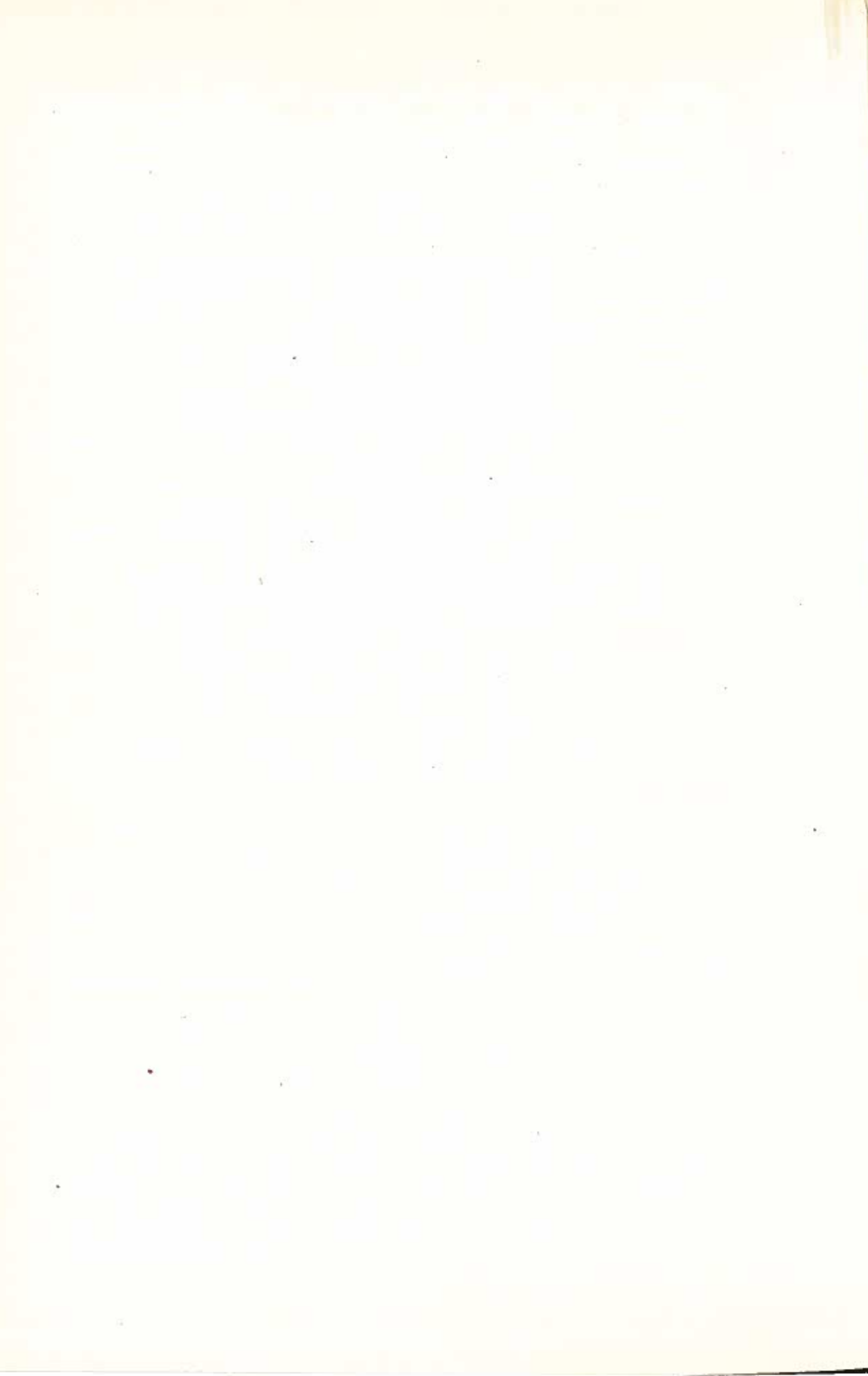
Exame mental — O paciente deu entrada calmo e assim se manteve durante sua permanência no Manicômio Judiciário. Revelou-se bem orientado sob o ponto de vista auto-psíquico e regularmente em relação ao tempo, meio e lugar. Responde sem relutância ao que se lhe pergunta, submetendo-se ao exame com docilidade e boa vontade. Não deixou transparecer idéias delirantes, nem tampouco distúrbios psico-sensoriais no curso da observação a que foi submetido. Associa regularmente as idéias, exprimindo o seu pensamento em linguagem simples e de modo coerente. Está ao par de sua situação legal, referindo com simplicidade os fatos que determinaram a sua prisão. A êsse respeito, conta que, aproximadamente em outubro de 1938, veio a travar conhecimento, na Saúde, com alguns indivíduos que faziam ponto nas imediações do Instituto do Café e se entregavam ao uso da maconha. Dêsse convívio resultou o desejo de provar o tóxico, fumando os primeiros cigarros que lhe foram oferecidos por um dos companheiros, experimentando, após, extranha sensação de euforia e acentuada disposição para andar, para movimentar-se. Desde então, passou a procurar um dos referidos indivíduos, que atendia pela alcunha de “Papa-da” e de quem adquiria cartuchos de maconha, ao preço de 20\$000 cada um, com os quais fabricava cigarros para seu uso. Em 24 de janeiro do corrente ano, quando passava pela Avenida Gomes Freire, trazendo em seu

poder certa quantidade de maconha, foi prêso e conseqüentemente processado, dando entrada na Casa de Detenção em 25 do referido mês. Segundo depoimento de testemunhas ouvidas no processo, o paciente, ao ser prêso, apresentava sinais de intoxicação, adiantando uma delas (fl. 25 v.) que Custódio “encontrava-se completamente embriagado”, outra (fl. 25) que “estava caído, parecendo achar-se tinto”, referindo ainda uma terceira que o acusado estava “meio tonto” (fl. 28).

Cumpre assinalar que o paciente, conforme suas próprias declarações aos peritos, não sentiu, com o seu encarceramento, os efeitos da privação brusca da maconha, mesmo porque dela não se utilizava diariamente, uma vez que nem sempre possuía dinheiro para adquirir o tóxico. No Manicômio Judiciário não revelou êle nenhum sinal de intoxicação ligada ao uso de entorpecentes. Do ponto de vista intelectual, Custódio deixa transparecer, além de precária faculdade de raciocínio, pobreza de imaginação, deficiências essas que melhor se patenteiam frente aos testes adequados. O seu comportamento tem sido bom, mostrando-se obediente às normas disciplinares do estabelecimento e ajudando de bom grado em serviços de limpeza do edifício ou em outros que lhe sejam distribuídos.

Conclusão — C. J. é um oligofrênico do grupo dos débeis mentais e não apresentou, durante sua internação no Manicômio Judiciário, sintomas clínicos de intoxicação ligada ao uso de substâncias entorpecentes.

Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1939. — a) *Drs. Aluisio Leopoldo Pereira da Câmara e Floriano Peixoto de Azevedo.*



REVISÃO CRIMINAL N.º 767

Entorpecente. — A Cannabis indica — A Maconha — Cigarros da erva daninha. Fabricá-los para uso próprio ou de terceiros, é concorrer conscientemente para a disseminação de um dos maiores flagelos da humanidade. O combate à toxicomania. Só podem utilizar os tóxicos as pessoas devidamente autorizadas e na forma em lei estabelecida. O Decreto-lei 891 de 1938. — O art. do nosso diploma penal de 1940.

Relator: DESEMBARGADOR ADELMAR
TAVARES

Vistos, e relatados e discutidos, os presentes autos de revisão n.º 767, — requerente Raimundo Clemente dos Santos, acordam os Juizes das Câmaras Criminaes Reunidas indeferir o pedido uma vez que a sentença do Juiz da Décima Sexta Vara Criminal, Dr. Otávio da Silveira Sales e o acórdão da Segunda Câmara, relatado pelo Desembargador Edgard Costa, estão dentro da lei e da evidência dos autos.

O requerente foi, com Pedro Caetano Gomes, prêso em flagrante, quando em 29 de dezembro de 1941, na plataforma interna do Armazém 12 do Cais do Pôrto, sôbre uma pilha de caixas de cerveja, manipulava cigarros de erva *maconha*. Augusto Barros da Silva e César Augusto, fiscais da Polícia Portuária, realizaram a prisão, sendo arrecadados 25 cigarros já feitos, e um pacote contendo a erva, tendo Raimundo, o requerente, declarado na Polícia tê-la adquirido de um seu conhecido, taifeiro do navio *Confidente*, que lha ofereceu, por sabê-lo gostar da mesma, e quando com Pedro Gomes fazia os cigarros, foi surpreendido pelos fiscais que os prenderam. Pedro Gomes disse que tem estado na Delegacia algumas vêzes, pois sempre que ocorre ser alguém prêso por motivo de *maconha*, acontece que *êle está perto...* E no dia do fato, vendo Raimundo trepado sôbre umas caixas, êste lhe pediu para ajudá-lo a fazer os cigarros de *maconha*, dos quais sabia ser Raimundo fumador, sendo prêso quando assim o fazia. Acrescenta que há muito não fuma *maconha*, nem vende a mesma (fls. 7 e 7 v. dos autos).

Os fiscais narram ter surpreendido os dois fazendo os cigarros e a arrecadação do material que com êles estava, — os cigarros, a erva, o canivete. As fls. 22, está o exame da planta, erva apreendida, concluindo os peritos tratar-se da *maconha* com o nome científico do *Cannabis indica* e no longo relatório feito, frisam a calamidade social que se tem constituído o vício dessa planta, e os maléficis efeitos trazidos pela mesma, e mui justamente nossa legislação incluiu proibitivamente o *cannabis* pelos seus princípios ativos entorpecentes e tóxicos. Decreto-lei 891 de 1938.

Em Juízo o requerente diz que *achou* a *maconha* que foi apreendida em seu poder, e três testemunhas depõem uniformes e harmônicas sôbre sua responsabilidade, e preenchidas as formalidades legais do processo, o juiz sentença de conformidade ao disposto no art. 33 do Decreto 891 de 1938, condenando-os a 1 ano e multa de 1 conto, no grau mínimo, sentença que foi confirmada por apelação de Pedro Gomes.

.Agora, pede o requerente revisão, dizendo que não tendo apelado, o Tribunal não apreciou a sentença em sua parte, e que o fato não se dera como contradição na prova. Refere que *achou* a maconha e se ter a “posse momentânea” fôsse crime, plantadores, e químicos, e farmacêuticos “*que pousam as mãos em maconha*” também seriam criminosos.

Não tem, porém, procedência qualquer das alegações. O pedido vem desinstruído de qualquer elemento de credibilidade ou prova de coação sofrida na Polícia, assinado o seu depoimento perante a autoridade e improcede consta do processo e só assinou o mesmo por violência policial havendo a dedução de plantadores e químicos, e farmacêuticos *pousarem as mãos na maconha*. . . Só a podem utilizar as pessoas devidamente autorizadas, com as formalidades legais, e na forma por Leis estabelecida. Tudo está na lei regulado. Os que podem lidar com entorpecentes só podem fazê-lo na forma pela qual prescreve a lei.

O requerente de profissão “concertador de caixas” foi condenado porque “na posse e utilização de substância que figura expressamente no primeiro grupo das que a lei considera *entorpecente*” tendo sido surpreendido na manipulação de cigarros para viciados de *Cannabis indica* (artigo 1.º n.º XVI do Decreto 891). Fabricando manualmente tais cigarros para seu uso, ou de terceiros, concorria conscientemente, animava, cooperava para a disseminação de um dos países cultos em Congressos reiteradamente realizados.

Entre nós, leis se repetem, visando por tôdas as modalidades a defesa da sociedade, no combate ao vício dos entorpecentes que degradam os homens “e os transformam em coisas inúteis e incômodas, fazendo-se aumentar a clientela dos manicômios e asilos de psicopatas”, na expressão de Nelson Hungria, *Direito Penal*, vol. I.

“A toxicomania embota a inteligência, arruína o cérebro, embrutece a alma, degrada o caráter, reduz as suas prêsas a míseros escombros humanos”. Ops. cit. Eusébio Gomes, no seu *Tratado de Derecho Penal*, comentando as modificações introduzidas pelas leis argentinas, 11.309, e 11.331, diz que o propósito legislativo é combater a toxicomania e de aí, *quien no estando autorizado por la venta, tenga en su poder la droga y no justifique la rason legitima de su enencia* cai em sanção penal. E trazendo os fundamentos do deputado Bard, à lei 11.331, acrescenta: — no puede haber otra tenencia legítima, fuera de la aquellas personas autorisadas para la venta que la que tenga un propósito medicinal devidamente comprovado por la receta médica o alguna aplicación industrial si se presentara el caso. Fuera de esas circunstancias, toda tenencia de alcaloides e narcóticos cae bajo la sanción legal”.

Nosso diploma penal de 1940, no art. 281, diz que o que importa ou exporta, vende ou expõe fornece, ainda que gratuitamente, transporta, *traz consigo*, tem em depósito, guarda, misnistra, ou de *qualquer maneira entrega a consumo substância entorpecente*, sem autorização ou em desacôrdo com determinação legal ou regulamentar: — reclusão de 1 a 5 anos, etc. E na margem do artigo, na edição oficial, lá está, *comércio clandestino ou facilitação de uso de entorpecentes*. Ora o ato praticado pelo requerente infringiu abertamente a lei e a sentença aplicou pena justa, dentro da evidência dos autos. Indeferimos, portanto o pedido. Custas legais.

Rio, 7 de Janeiro de 1943. — José Antônio Nogueira, Presidente com voto. — Ademar Tavares, relator.

INTOXICADOS PELA MACONHA EM PÔRTO ALEGRE *

LUTZ CIULLA

Alienista do Hospital São Pedro
Chefe de Clínica Neurológica da Santa Casa
Rio Grande do Sul

Foi um sucesso curioso o registro de alguns casos de canabismo, de dezembro de 1940 a fevereiro de 1941, pois, até então, entre os toxicômanos que temos tratado no Hospital São Pedro, era desconhecido o cânhamo indiano.

O álcool, em virtude do seu fácil acesso, ocupa um lugar destacado, enquanto a morfina com os seus sucedâneos e a cocaína vêm seu consumo reduzido, conseqüência da repressão rigorosa que hoje se estabelece. Não se depreenda daí que as intoxicações estão canalizadas no sentido do álcool, porque surgem, dia a dia, novos hábitos viciosos com a absorção abusiva de inúmeras variedades de barbitúricos e outros compostos recentes de ação sedativa ou hipnótica, nos quais entram, por vêzes, derivados da morfina. Estupefacientes como o ópio em natureza, a cloretila, o éter e a avertina são de uso raro.

O toxicômano, via de regra, um psicopata perverso instintivo, procura no tóxico a felicidade que não encontra no trabalho regular, conservando uma "tendência mórbida a absorver por ingestão, inalação ou injeção, tóxicos habitualmente medicamentosos que realizam, de início, um efeito passageiro de estimulação, depois um estado de abstinência com necessidade de doses progressivas" (Dide). Procura, assim, fugir da realidade áspera através da excitação intelectual, da vibração sensitiva e do devaneio.

HISTÓRICO

A maconha, designação nacional do cânhamo indiano, *Cannabis indica*, é conhecida desde a mais remota antiguidade, e referências, ora claras, ora imprecisas, são encontradas na História, onde o velho Heródoto fala dos banhos de vapores dos escitas que "choravam de alegria" ao deitar grãos de cânhamo sobre pedras encandescentes. Originária dos países da Ásia Central, propagou-se no Norte da África, mormente entre os islamitas; alcançou o Extremo Oriente e atingiu eletivamente a Europa, sendo ainda absorvida pelos nativos indus, persas, árabes e egípcios. Aportou na América, com aceitação no México, onde é conhecida por "mariahuana" ou "rosamaria", trazendo sérias preocupações para o Govêrno.

Ignorávamos, aqui, o seu uso tóxico, até o aparecimento dos casos que motivaram êste trabalho, e, considerando a procedência da maioria dos nossos pacientes, acreditávamos ser consumida por indivíduos da casta pobre do Norte do País. As autoridades do Amazonas, consoante notícia da imprensa, fizeram destruir plantações de maconha e, colhendo informações, soube-mos que, afora o consumo feito no Norte e Nordeste, o cânhamo indiano é fumado no litoral até o pôrto de Santos.

* Reimpresso dos Arquivos do Departamento de Saúde do Rio Grande do Sul.

Nos países, cujo conhecimento da erva é mais antigo, usam-na sob a forma de haxixe, nome dado aos produtos extraídos da *Cannabis indica*. O haxixe é fumado, bebido ou comido, muitas vezes associado a outras drogas, tais o tabaco, o meimendro, o ópio, o almíscar, a cantárida e mesmo leite, açúcar, farinha de arroz e bebidas alcoólicas.

Nossos viciados fumam o cânhamo em substância, de mistura com tabaco e na forma de cigarros.

DADOS BOTÂNICOS

A *Cannabis indica* é uma planta erbácea (haxixe significa erva), variedade da *Cannabis sativa*, oriunda da Ásia e vingando nas zonas tórridas ou temperadas, onde alcança dois metros ou mais de altura. A planta feminina, de maior porte, tem também maior teor em resina do que a masculina.

Transplantada para outras regiões, sofre, não raro, modificações sensíveis, enfraquecendo as virtudes entorpecentes e enriquecendo em fibras, bastante apreciadas na indústria têxtil. Estas alterações estão ligadas ao terreno e ao clima.

As partes da planta aproveitadas no preparo do tóxico são as sumidades floridas e as fôlhas de mais alta implantação e, em particular, as do cânhamo feminino, cujas brácteas florais trazem pêlos glandulares, segregando a resina ativa, de odor penetrante.

APANHADO FARMACOLÓGICO

Como medicamento, o cânhamo foi outrora empregado pelos chineses e indús nas mais diversas enfermidades, não logrando na Europa, onde o introduziram os árabes, sucesso apreciável. Estes deram-lhe um emprêgo semelhante ao do ópio.

As suas aplicações terapêuticas são atualmente reduzidas, porque sendo fácil a alteração do produto farmacêutico, a ação medicamentosa é inconstante. Tem emprêgo como sedativo e sob a forma de tintura, na dose diária de X à XX gôtas ou como extrato, na razão de 2 a 4 ctg. por dia, nas afecções nervosas com excitação psicomotora e no combate à dor de afecções ginecológicas, urinárias e digestivas, sendo associado a outras drogas. Há, no entanto, manifesta tendência ao seu abandono, pois, vai desaparecendo do receituário médico.

O fator ativo da *Cannabis indica* é representado pela canabina, uma resina sonífera acompanhada de elementos pouco conhecidos, havendo entre êles um de ação tetanizante. A canabina deve suas enérgicas propriedades farmacodinâmicas ao canabinol, massa densa de côr amarelada, escurecendo, por oxidação, ao contacto do ar e tendo as características dos fenolaldeídos. A haxixina, portadora dos princípios ativos do cânhamo, é extraída da planta pela ação do álcool a 90°.

O uso dos preparados farmacêuticos, embora continuado, não acarreta efeitos secundários, desde que não se ultrapasse a dose medicamentosa, pois o excesso poderá condicionar cefaléa e vômitos. O haxixe, todavia, consumido de maneira exagerada, opera, perturbações graves na nutrição e, por excelência, no sistema nervoso.

OBSERVAÇÕES DE SEIS CASOS

1 — R.S., com 20 anos de idade, solteiro, natural do Distrito Federal, tem instrução primária e se diz mineiro. Conduzido ao Hospital São Pedro, pela Assistência Pública, em 11-12-940. Papeleta 11.015.

A intoxicação se dissipara, quando o examinamos; estava apenas intranquilo, irritadiço, de palavra fluente.

Vadiagem confessa desde os oito anos. Há seis meses vem fumando maconha triturada e de mistura com tabaco, utilizando-a de modo irregular, pois nem sempre consegue a erva. Sob a ação do tóxico, excita-se, torna-se empreendedor, eufórico e assim permanece por duas horas, quando tudo se normaliza.

Ingressou no Hospital porque tomou “duas baforadas” de maconha, fazendo uma embriaguez turbulenta.

Estrutura corporal hipoplásica, feminoide. Reação de Wassermann no sangue positiva. Tratamento pelo neosalvarsan.

2 — J.R.S., com 20 anos de idade, operário, solteiro, natural deste Estado e residindo em Pôrto Alegre, ingressou no Hospital em 13-12-1940. Papeleta 11.018.

Intoxicou-se pela maconha no dia precedente à entrada, estando nesta ocasião lúcido, mas fatigado. Refere o episódio da intoxicação: encontrava-se no cais do pôrto, quando, em troca da gentileza de um pau de fósforos, dois marinheiros ofereceram-lhe um cigarro; êste tinha um sabor particular, porém o paciente o fumou acreditando ser de tabaco.

Após três ou quatro “pitadas”, foi assaltado de sensações desagradáveis: calor nos pés, estranheza do mundo exterior e levitação. A consciência tornou-se crepuscular; daí o evocar, vagamente, os acontecimentos intempestivos. Recorda, contudo, que o pensamento era de curso acelerado e tinha ímpetos de executar coisas proibidas pela própria censura. Agrediu, sem motivação justificada, um cidadão, tirando-lhe o casaco à força; um outro, porque pareceu identificar-se com a sua pessoa também foi atacado; e, como final do episódio, desferiu golpes em profusão nos policiais que pretendiam contê-lo.

Tranquilizou-se, horas depois, já detido. Logrou alta do Hospital três dias depois.

3 — R.M.S., com 37 anos, branco, natural de Alagoas, marinheiro, de instrução escolar rudimentar, deu entrada no Hospital, em 15-2-1941 acompanhado dos três outros intoxicados e conduzidos pela Polícia. Papeleta 11.230.

Calmo, lúcido e coerente, responde polidamente ao interrogatório. É acusado de traficar a maconha e tem oculto um volume da erva. Explica conservá-la a pedido de um amigo, pois ignorava o conteúdo do pacote. Confessa encontrar no tóxico um estímulo agradável. Deseja-o como um cigarro comum.

Estado de nutrição satisfatório. Eretismo cardíaco. Astucioso e de palavra fácil. Saiu, à requisição da Polícia, em 13-3-1941, sendo embarcado para o Norte.

4 — S.V.S., com 27 anos, solteiro, marinheiro, analfabeto e natural de Alagoas, um dos companheiros do antecedente. Papeleta 11.231.

Lúcido, mas intranquilo, adianta fumar o cânhamo há alguns anos, não acreditando na inconveniência deste hábito. Tropêço silábico e taquicardia. Enviado para o Norte.

5 — J.P.S., 25 anos, branco, solteiro, marinheiro, analfabeto e natural do Norte. Papeleta 11.232.

Calmo, de consciência clara, denota um nível mental baixo. Consome maconha há anos. Discreta taquicardia. Viajou como os dois anteriores.

6 — A. A., 34 anos, nortista, marinheiro, de instrução primária. Papeleta 11.229.

Irritável, de humor elevado. Pulso normal. Fuma maconha há alguns meses. Teve o destino dos companheiros.

Dos seis casos observados, um só fez a intoxicação acidental, pois ignorava a presença do cânhamo no cigarro; os outros eram forasteiros, na maioria marítimos da frota mercante, vindos do Norte, onde a erva é cultivada e consumida viciosamente. Homens de moral degradada, sem afeição familiar, aventuravam de pôrto em pôrto em busca de novos estímulos. Na maconha encontraram uma satisfação, a euforia da embriaguez.

NOTAS CLÍNICAS

O cânhamo indiano em natureza, ou seu derivado o haxixe, absorvidos em quantidade regular, trazem uma euforia especial, com obnubilação discreta da consciência, representações agradáveis, caleidoscópicas e, de modo freqüente, eretismo sexual. Baudelaire, por snobismo fumador de haxixe, nêle pretendeu encontrar o "paraíso artificial".

Utilizado em dose abusiva produz um estado de embriaguez, com delírio alucinatório auditivo, de tom prazeroso que passa, gradativamente, à sonolência, cortada de quando em vez por surtos delirantes. Há também intercorrência de alucinações visuais. O tempo e o espaço são mal valorizados.

Trata-se, em suma, de um síndrome de confusão mental onírica, da qual se destaca uma atividade motora, não raro, irresistível: a impulsão.

Do ponto de vista somático, a fâcies é pálida, as pupilas são dilatadas, o pulso acelerado, a tensão arterial baixa e a sensibilidade dos membros embotadas. Subjetivamente, nas primeiras embriaguezes, há secura das mucosas, náuseas e vertigens.

Compulsando a literatura clínica do haxixe, encontra-se uma sintomatologia bastante variável. Isto é fácil compreender, porque o haxixe, determinando uma intoxicação cerebral, traduz, como lembramos atrás, por um síndrome de confusão mental onírica.

O que é o onirismo?

Todos nós possuímos além do pensamento vigil, um pensamento menos intelectualizado, atividade psíquica inferior, é o sonho ou onirismo. No sonho não operam conceitos e sim imagens dirigidas por correntes afetivas nascidas na cenestesia, das representações presentes na vigília e das impressões vindas do exterior. Conseqüência do pensamento por imagens e da sua fusão, manifesta-se a incoerência no tempo e no lugar. Daí ilusões, alucinações, representações alteradas e atividade motora adequada ao onirismo. É a explicação da "caleidoscopia" fruída no haxixe.

O uso constante do tóxico traz, no cabo de um tempo desigual para cada indivíduo, distúrbios psicóticos que podem evoluir no sentido do enfraquecimento psíquico, gerando um estado demencial semelhante ao do alcoolismo.

A supressão do cânhamo pode ser feita de modo brusco, porque não há sintomas de abstinência e nisto ainda acompanha o tóxico mais universal, o álcool. Reclusão demorada e possível transladação para regiões onde não existe o cânhamo, constituem as medidas capazes de garantir um êxito seguro na cura.

REPERCUSSÃO SOCIAL

O viciado no haxixe adquire, pouco e pouco, hábitos particulares, pois vive melhor no ambiente de compreensão dos outros viciados. O embotamento do senso ético, a irritabilidade e uma egofilia, fruto da exigência imperiosa da droga, fazem-no abandonar a família e as ocupações para cair na vagabundagem, incidindo, nesta condição, numa maior criminalidade.

Em Pôrto Alegre constituiu um alarme, um acontecimento esporádico, a verificação do canabismo, porque a enérgica repressão da Polícia, fê-los abandonar o Estado sem que houvesse calado na esfera social dos nossos vadios.

RESUMO

O A. apresenta seis casos de intoxicação pela maconha (cânhamo indiano, *Cannabis indica*) surgidos em Pôrto Alegre, de dezembro de 1940 a fevereiro de 1941, internados pela polícia no Hospital São Pedro, estabelecimento para psicopatas.

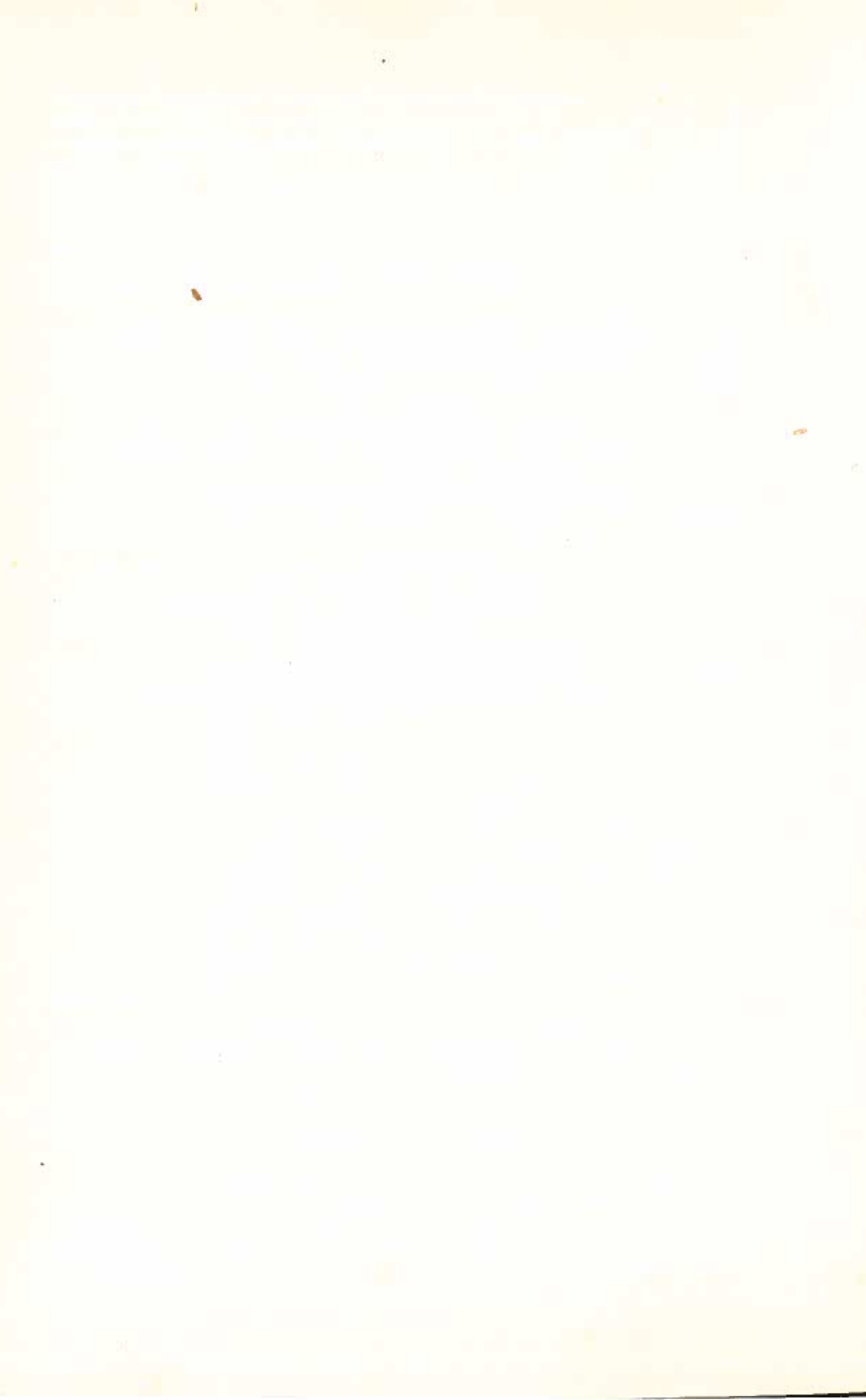
Faz um apanhado histórico, botânico e farmacológico do cânhamo indiano e seu derivado, o haxixe; procura explicar a riqueza da sintomatologia do canabismo agudo pela confusão mental onírica e aponta a repercussão social do tóxico.

Frisa ser a maconha conhecida no Norte do País e parte do litoral, onde é consumida em cigarros, associada ao tabaco, constituindo a verificação do seu uso no extremo Sul, um sucesso esporádico.

Com excepção de um dos pacientes, intoxicação acidental, os demais foram enviados para o Norte, donde procediam, sem haver divulgado o canabismo.

REFERÊNCIAS

- PERALTA, F. — O haxixe — *Actas Ciba* — maio e junho de 1942 — 5/6.
MARFORI, Pio — *Tratado de Farmacologia y Terapeutica* — 1926.
CUMSTON, C. G. — *Histoire de la Médecine* — 1931.
DE BLOCK, L. — *Toxicomanies* — 1927.
FUMROLA, G. e MOGLIE, G. — *La Terapia delle Mallattie Nervosa e Mentali* — 1936.
STODDART, W. H. B. — *Mind and its disorders* — 1919.
LÉVY-VALENSI — *Psychiatrie* — 1926.



MACONHA E SEUS EFEITOS

MAURÍCIO DE MEDEIROS

Extraído do artigo Toxicômanos e Casamento
Arq. M. Judiciário. 1.º em 1954, pág. 63

Originária da Ásia, a maconha parece ter sido transplantada para o Brasil pelos navios negreiros que para aqui traziam os negros para serem vendidos como escravos. Ela é o *haschich* brasileiro, extraído da "Cannabis sativa". Hoje é largamente cultivada no Norte do país.

É usada em inalação, seja em cachimbos, seja em cigarros, ou bebida em infusões.

Como os demais tóxicos, a maconha produz de início efeitos euforísticos. O paciente torna-se loquaz, contente consigo mesmo e até, às vezes, agressivo.

Depois, com mais fortes doses, o intoxicado fica semiconsciente, sua imaginação trabalha ativamente e êle pode ter alucinações geralmente de conteúdo erótico. O intoxicado perde a noção de tempo e de espaço. Se, ao mesmo tempo, o intoxicado bebe uma bebida alcoólica, a sua agressividade toma um caráter de extrema violência.

A continuidade do uso do tóxico pode ser mantida durante muito tempo em pequenas doses com os efeitos acima relatados. Mas com o aumento das doses é freqüente o viciado perder completamente a razão.

Entre nós várias têm sido as pesquisas sôbre os efeitos da maconha.

Merecem citação os trabalhos de J. Lucena (3), de Heitor Peres (4) e mais recentemente o de Garcia Moreno (5).

J. Lucena nas suas pesquisas chegou mesmo a experimentar em si próprio e em um grupo de companheiros os efeitos do tóxico. Eles confirmam o quadro já estabelecido pelos vários autores e que acima descrevi, podendo ser resumidos em quatro períodos:

- 1 — excitação neuromuscular;
- 2 — instabilidade mental e alucinações;
- 3 — êxtase;
- 4 — hipnose.

Assim os resume Garcia Moreno no seu trabalho já citado.

*
* * *

Se no Norte e, principalmente no Nordeste, o uso da maconha faz parte dos hábitos culturais das classes populares, não parece ter assumido ali até agora um aspecto de gravidade. Talvez porque não seja usado com o caráter toxicofílico e ansioso. Garcia Moreno (loc. cit.) atribuiu-lhe, entretanto, a desnutrição de certos aglomerados humanos entregues a êsse

hábito. Trazido o vício para o Sul, nota-se que êle está sendo muito difundido nas classes pobres e últimamente penetrando, por intermédio de uma juventude moralmente desorientada, em classes mais abastadas, principalmente porque, conforme já mencionamos, a maconha fumada por um indivíduo intoxicado pelo álcool leva-o a atos de terrível violência cometidos numa espécie de estado crepuscular da consciência.

O efeito dessa difusão vai sendo sentido no noticiário policial, no qual vão constando com mais freqüência atos anti-sociais praticados sob o efeito da maconha.

Nos Estados Unidos, principalmente nos Estados do Sul, é cada vez maior o uso da maconha que ali é denominada "marijuana". Esse tóxico e a heroína são hoje o pesadêlo das autoridades americanas repressoras dos tóxicos.



Depois, com mais fortes doses, o intoxicado fica semiconsciente, sua imaginação trabalha ativamente e ele pode ter alucinações, geralmente, de conteúdo erótico. O intoxicado perde a noção do tempo e do espaço. (prof. Maurício de Medeiros).

O PROBLEMA INTERNACIONAL DO CANABISMO

Prof. DÉCIO PARREIRAS
Presidente da Comissão Nacional de
Fiscalização de Entorpecentes

O presente volume que se acaba de imprimir, em segunda edição, graças à orientação inteligente e patriótica dos Drs. Luiz Salgado Lima e Irabussú Rocha, ambos do Ministério da Saúde, mostra, à evidência, o grave problema do canabismo entre nós.

Estudado em todos os seus aspectos — médico, social e policial, — os técnicos brasileiros sôbre o assunto são unânimes em concluir que é preciso exterminar a maconha cultivada em certos estados do nordeste e do norte brasileiro e que invade os mercados sulinos do País, podendo criar, em breve, um estado de calamidade pública.

Felizmente êsses técnicos acabam de ser ouvidos e atendidos pelo Sr. Presidente da República — Dr. Juscelino Kubitschek — que também é médico — e que deu ordens imediatas para a *Interceptação do Tráfego* da erva entre os estados de Alagoas, Sergipe e Pernambuco e os estados da Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo.

Já o Sr. General Amaury Krueel, Chefe do Departamento Federal de Segurança, designou o Dr. Péricles Machado de Castro, Delegado de Costumes e Diversões no Distrito Federal, para chefiar a campanha que se estenderá desde Feira de Santana e Governador Valadares até Vigário Geral e postos fazendarios da Rodovia Belo Horizonte a São Paulo.

Poder-se-á alegar que a técnica ideal seria a da destruição da planta nos locais de cultivo, o que, em 10 anos, nunca foi conseguido pelos Governadores e pelas Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

A interessante estatística em anexo, colhida em publicações de caráter internacional, mostra que o problema do canabismo existe pelo menos, em sessenta países ou territórios, dos quais 20 na Ásia, 6 na Europa, 9 nas três Américas e 25 na África. São, pois, 4 continentes em luta contra o mesmo flagelo social, tendo sido só poupada a Oceania.

As estatísticas, ora apresentadas, são ainda incompletas e nela só figuram os viciados que tiveram contato com autoridades policiais ou sanitárias. As nações aí citadas e em que não ha determinação do número de viciados pela maconha, já reconheceram a existência do seu problema e esperam trazer, em breve, os seus números.

VICIADOS DE CANNABIS (MACONHA, HACHICHE, KIF, GANJA, BHANG, ETC.) NA ÁSIA, NA EUROPA, NAS AMÉRICAS E NA ÁFRICA, EM 1956

N.º de ordem	PAISES	Número de viciados	N.º de ordem	PAISES	Número de viciados
1	Afeganistão.....	—	31	Cuba.....	—
2	Rumânia.....	55 649	32	Equador.....	—
3	Cambodia.....	—	33	Jamaica.....	1 046
4	Ceilão.....	189	34	México.....	206
5	China.....	—	35	Estados Unidos da América	—
6	Hong Kong.....	9 122	36	Algéria.....	—
7	Índia.....	—	37	Angola.....	—
8	Indonésia.....	—	38	Basustolândia.....	—
9	Japão.....	331	39	Bechuanalândia.....	—
10	Coréia.....	—	40	Congo Belga.....	4
11	Laos.....	—	41	Camerum.....	58
12	Macao.....	—	42	França Equatorial.....	150
13	Fed. Malain.....	33	43	França Oeste África.....	156
14	Borneo.....	—	44	Ghana.....	45
15	Singapura.....	—	45	Kenya.....	2 193
16	Egito.....	—	46	Madagascar.....	—
17	Iran.....	—	47	Mauricio.....	92
18	Israel.....	—	48	Marrocos.....	—
19	Líbano.....	—	49	Moçambique.....	—
20	Arábia Saudita.....	—	50	Nigéria.....	69
21	Turquia.....	429	51	Rodésia.....	948
22	França.....	26	52	Rusnda.....	35
23	R. Fed. Alemã.....	2	53	Serra Leoa.....	370
24	Grécia.....	—	54	Sudão.....	533
25	Espanha.....	—	55	Swazilândia.....	474
26	Reino Unido.....	—	56	Tanganyika.....	65
27	Brasil.....	—	57	Tunísia.....	78
28	Honduras.....	15	58	Uganda.....	84
29	Canadá.....	—	59	União Sul Africana.....	21 430
30	Costa Rica.....	—	60	Zanzibar.....	50

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS DO SERVIÇO GRÁFICO
DO I. B. G. E., EM LUCAS
RIO DE JANEIRO — BRASIL



O PROBLEMA INTERNACIONAL DO CANABISMO

Prof. DÉCIO PARREIRAS
Presidente da Comissão Nacional de
Fiscalização de Entorpecentes

O presente volume que se acaba de imprimir, em segunda edição, graças à orientação inteligente e patriótica dos Drs. Luiz Salgado Lima e Irabussú Rocha, ambos do Ministério da Saúde, mostra, à evidência, o grave problema do canabismo entre nós.

Estudado em todos os seus aspectos — médico, social e policial, — os técnicos brasileiros sôbre o assunto são unânimes em concluir que é preciso exterminar a maconha cultivada em certos estados do nordeste e do norte brasileiro e que invade os mercados sulinos do País, podendo criar, em breve, um estado de calamidade pública.

Felizmente êsses técnicos acabam de ser ouvidos e atendidos pelo Sr. Presidente da República — Dr. Juscelino Kubitschek — que também é médico — e que deu ordens imediatas para a *Interceptação do Tráfego* da erva entre os estados de Alagoas, Sergipe e Pernambuco e os estados da Bahia, Minas Gerais, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo.

Já o Sr. General Amaury Krueel, Chefe do Departamento Federal de Segurança, designou o Dr. Péricles Machado de Castro, Delegado de Costumes e Diversões no Distrito Federal, para chefiar a campanha que se estenderá desde Feira de Santana e Governador Valadares até Vigário Geral e postos fazendarios da Rodovia Belo Horizonte a São Paulo.

Poder-se-á alegar que a técnica ideal seria a da destruição da planta nos locais de cultivo, o que, em 10 anos, nunca foi conseguido pelos Governadores e pelas Comissões Estaduais de Fiscalização de Entorpecentes dos Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

A interessante estatística em anexo, colhida em publicações de caráter internacional, mostra que o problema do canabismo existe pelo menos, em *sessenta* países ou territórios, dos quais 20 na Asia, 6 na Europa, 9 nas três Américas e 25 na Africa. São, pois, 4 continentes em luta contra o mesmo flagelo social, tendo sido só poupada a Oceania.

As estatísticas, ora apresentadas, são ainda incompletas e nela só figuram os viciados que tiveram contato com autoridades policiais ou sanitárias. As nações aí citadas e em que não ha determinação do número de viciados pela maconha, já reconheceram a existência do seu problema e esperam trazer, em breve, os seus números.

VICIADOS DE CANNABIS (MACONHA, HACHICHE, KIF, GANJA, BHANG, ETC.) NA ÁSIA, NA EUROPA, NAS AMÉRICAS E NA ÁFRICA, EM 1956

N.º de ordem	PAÍSES	Número de viciados	N.º de ordem	PAÍSES	Número de viciados
1	Afganistão.....	—	31	Cuba.....	—
2	Rumânia.....	55 649	32	Equador.....	—
3	Cambodia.....	—	33	Jamaica.....	1 046
4	Ceilão.....	189	34	México.....	206
5	China.....	—	35	Estados Unidos da América	—
6	Hong Kong.....	9 122	36	Argélia.....	—
7	Índia.....	—	37	Angola.....	—
8	Indonésia.....	—	38	Basustolândia.....	—
9	Japão.....	831	39	Bechuanalândia.....	—
10	Coréia.....	—	40	Congo Belga.....	4
11	Laos.....	—	41	Camerun.....	58
12	Macao.....	—	42	França Equatorial.....	150
13	Fed. Malai.....	33	43	França Oeste África.....	156
14	Borneo.....	—	44	Ghana.....	45
15	Singapura.....	—	45	Kenya.....	2 193
16	Egito.....	—	46	Madagascar.....	—
17	Iran.....	—	47	Maurício.....	92
18	Israel.....	—	48	Marrocos.....	—
19	Líbano.....	—	49	Mozambique.....	—
20	Arábia Saudita.....	—	50	Nigéria.....	69
21	Turquia.....	129	51	Rodésia.....	943
22	França.....	26	52	Ruanda.....	35
23	R. Fed. Alemã.....	2	53	Serra Leoa.....	370
24	Grécia.....	—	54	Sudão.....	533
25	Espanha.....	—	55	Swazilândia.....	474
26	Reino Unido.....	—	56	Tanganyika.....	65
27	Brasil.....	—	57	Tunísia.....	78
28	Honduras.....	15	58	Uganda.....	84
29	Canadá.....	—	59	União Sul Africana.....	21 430
30	Costa Rica.....	—	60	Zamzibar.....	50

COMPOSTO E IMPRESSO NAS
OFICINAS DO SERVIÇO GRÁFICO
DO I. B. G. E., EM LUCAS
RIO DE JANEIRO — BRÁSIL

Brasil. Com.Nac.de Fisc.Entorp

AUTOR

A Maconha | 1958 |

TITULO

Devolver em	Nome e n.º de inscrição do leitor
9-10-70	W. L. G. L.
27.4.71	W. L. G. L.
20.3.78	Carlos Gomes
	Admiral R. B. L.
	SDT

de
or
e

Prove que sabe honrar os seus compromissos, devolvendo com pontualidade este livro à Biblioteca do S. N. F. M. F.

O prazo normal do empréstimo é de 2 (duas) semanas.

Esse prazo poderá ser prorrogado, caso a obra não esteja sendo procurada por outro leitor.